UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPEP
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, LETRAS, ARTES E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA -
Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes

Fábia de Castro Lemos

FAVELA DA BARREIRA EM CENA: A ÓPERA DE UMA RESISTÊNCIA TECIDA NA PRODUÇÃO DE SABERES, CONHECIMENTOS E IDENTIDADES.

Duque de Caxias

2019

Fábia de Castro Lemos

Favela da Barreira em Cena: a ópera de uma resistência tecida na produção de saberes, conhecimentos e identidades.

Tese Apresentada ao Programa de Doutorado em Humanidades, Cultura e Artes, da Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy" - Unigranrio, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientadora: Dra. Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima

Duque de Caxias

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO

L557f Lemos, Fábia de Castro.

Favela da Barreira em cena: a ópera de uma resistência tecida na produção de saberes, conhecimentos e identidades / Fábia de Castro Lemos. - Duque de Caxias, 2019.
435 f.: il.; 30 cm.

Tese (Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2019.
"Orientadora: Dra. Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima".
Referências: f. 421.

1. Educação. 2. Barreira (Rio de Janeiro, RJ) - Favelas. 3. História oral. 4. Conhecimento. 5. Identidade. I. Lima, Jacqueline de Cássia Pinheiro. II. Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy". III. Título.

CDD – 370

Fabia de Castro Lemos

A Favela da Barreira em Cena: a ópera de uma resistência tecida na produção de saberes, conhecimentos e identidades.

Exemplar apresentado para avaliação pela banca examinadora em

14/03/2019

Aprovado pela banca examinadora:

Prof. Dr. Renato da Silva
Presidente da Banca
UNIGRANRIO

Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Examinador Interno
UNIGRANRIO

Profª. Drª. Rosane Cristina de Oliveira
Examinador Interno
UNIGRANRIO

Anna Beatriz de Sá Almeida

Profª. Drª. Anna Beatriz de Sá Almeida
Examinador Externo
COC/Fiocruz

Prof. Dr. Jose Carlos Sebe Bom Meihy
Examinador Externo
USP

DEDICATÓRIA

A espiritualidade amiga que sempre nos inspira bons ânimos aos estudos na busca de aperfeiçoamento pela valorização da vida, do entendimento e amor ao próximo;

Para minha mãe Sandra Lemos, por ter me dado o melhor dos presentes que uma pessoa pode receber: o amor e a vida;

Dedico a meu marido Roberto Lessa, pela compreensão e ajuda em todos os momentos da jornada dessa pesquisa científica, nos congressos, nas apresentações, e nas entrevistas, pelo amor e apoio nas horas mais difíceis. Meu amor, te dedico e agradeço ao mesmo tempo: muito obrigada por me acompanhar nessa grande viagem entre histórias e memórias, "deles" e que agora fazem parte da nossa própria história.

A meu pai, Paulo César de Almeida Lemos *(in memorian)*, meu poder, meu prazer, minha dor, eterno amor, grande mestre em minha jornada, que me desperta enormes saudades, motivo de continuidade dos trabalhos com a Favela da Barreira que se tornou seu legado, inspiração e confiança em dias melhores e inclusivos, evidenciando a favela como espaço possível de valorização humana. Pai amado, esse trabalho é seu, secretariado por mim, como nas reuniões coletivas, que eu escrevia as atas e você trabalhava as pautas. Essa é a grande ata da reunião de vidas da Barreira que transcrevo junto de ti, em forma de uma ópera de resistência.

Dedico esse trabalho a família de meu pai, os *Lemos*, para que saibam que essa pesquisa é o resultado da história de vida dele, levando à família muito mais do que o primeiro título de doutorado, mas um pouco da essência do significado que empregou à sua existência, e a pesquisa que se consolida como fruto da continuidade de seus trabalhos realizados no ambiente da favela da Barreira, denotando o êxito de sua vida e do legado deixado: que nunca duvidem disso.

A Dircéia Lessa, a mãezona, que com carinho e paciência sempre se manteve a nosso lado, ajudando-nos em todas as horas, até nos congressos, zelando com amor de avó pelo nosso filho peludo Hórus, que acompanhou dias, noites e madrugadas de escrita, adormecido em meus pés, fiel e amoroso companheiro.

Aos moradores da Favela da Barreira, principalmente aos nossos colaboradores que protagonizaram a produção desse trabalho, a vocês, devolvo a história viva nos traços da escrita, reverberada por suas vozes, inscrevendo conhecimentos e identidades de um lugar chamado Barreira, ou Barreirinha de Rocha Miranda.

AGRADECIMENTOS, PELA JORNADA ACADÊMICA E TRAJETORIA DE VIDA

A trajetória da pesquisa assim como da minha vida, mostra que sou parte de cada um com quem tive oportunidade de conviver os quais deixaram marcas e contribuições profundas. Assim, começo o agradecimento compreendendo que todos fazem parte desse caminho, principalmente os moradores da Favela da Barreira em Rocha Miranda, colaboradores essenciais ao desenvolvimento de nossa pesquisa.

Ao preceptor, orientador e mentor, atuante para além do exercício da academia, professor José Carlos Sebe Bom Meihy, por acreditar na proposta de pesquisa, pelo amor, carinho e dedicação e notadamente pela paciência no meu próprio processo de desconstrução ao longo do curso, dileto progenitor acadêmico, dessa filha em eterna construção, legado de orientação herdado pela professora Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima;

Ao Professor Joaquim Coelho, a primeira referência acadêmica que marcou minha trajetória, me guiando desde os passos da graduação fazendo do cotidiano um convite ao conhecimento constante de encontros únicos com a filosofia, a ele todo meu carinho, admiração e agradecimento.

A professora, à época coordenadora do Programa de Pós Graduação em Humanidades, Cultura e Artes – PPGHCA, e hoje orientadora Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima, que sempre com muito carinho, atenção e pulso forte, demonstrou os sentidos de uma orientação e coordenação humanizada, meu porto seguro;

A professora Rosane Cristina de Oliveira, pelos encontros acadêmicos e inspirações infinitas, permeando até o onírico, trazendo a noção de pertencimento da terra pela batata.

A professora Anna Beatriz de Sá Almeida, pelas contribuições grandiosas na qualificação, compondo agora a banca da defesa, obrigada pelos ensinamentos singulares, sua presença significa a grande casa do conhecimento que habita as produções e parte de minha vida.

Aos amigos e colegas de turma "*os treze primogênitos do* PPGHCA", guerreiros incansáveis na luta da pesquisa, na busca novas formulações científicas, principalmente Cristina Conceição, Patrícia Rangel, Dilermando, Zé, Marquinho, César, Simone companheiros inseparáveis, compartilhando conhecimentos, alegrias, dúvidas e muitas celebrações.

Agradeço em especial ao professor José Carlos Buzanello que acreditou no potencial do meu próprio caminho desde a graduação, sempre presente em minha trajetória, meu guia vindo de Santa Maria.

A amiga de sempre Viviane Mello Spena, dividindo história de vida e de luta um presente que recebi na década de 90, que me trouxe muito aprendizado, principalmente no meu próprio potencial. Obrigada por continuar dividindo a vida, a amizade e a academia, minha grande amiga!

A Valdiléa Gonçalves Veloso dos Santos, pelos grandes ensinamentos, minha eterna gratidão pelo aprendizado da ciência com o olhar do valor humano, nas lições de vida e amor à humanidade, obrigada por manter-se sempre perto, inspirando aprendizados constantes.

Ao amigo Alexandre Silva Vila do Monte, meu presente de vida que o IPEC/Fiocruz me deu há 13 anos, mesmo longe se faz presente com seu amor e carinho, num encontro de almas amigas.

Agradeço ainda a nossa sempre Denise, mais do que secretária, mas provedora das soluções que demandam o corpo discente, por todo o suporte e acolhimento aos alunos e Igor, (ex-secretário) no PPGHCA, por todo trabalho dedicado, e a todo o corpo docente do PPGHCA, pela coragem, competência, dedicação e brilhantismo.

Aos professores do PPGHCA, pela dedicação e integração com o corpo discente, por fazerem do ensino uma prática de acolhimento.

A eterna amiga Sandra Menezes, que mesmo das águas de Vilatur sempre esteve por perto, sustentando-me nas horas em que parecia não haver mais forças.

Agradeço a meu tio Ubirajara Lemos, que nos apresentou a Barreira nas sessões de Dona Lalá, acredito que sem essa aproximação, muitos trabalhos realizados na comunidade não teriam acontecido.

A Unigranrio, eterna morada de construção acadêmica e humana, meu Oásis intelectual, de saberes, aprendizado e dor. Agradeço ainda a todos aqueles que fizeram parte dessa caminhada, mesmo não tendo citado seus nomes aqui.

Agradeço acima de tudo a meu pai, Paulo César de Almeida Lemos, por ter me ensinado lições valiosíssimas de humildade, inspirando a busca pelo bom olhar da vida, deixando-me um legado de trabalho pautado no respeito e valorização de espaços conflagrados e de seus moradores.

O Grande criador do universo Deus, e as forças imateriais amigas, elevo sentimentos de gratidão pela oportunidade de crescimento humano e acadêmico, nos caminhos da dor e das perdas ao longo do curso. Ao eterno mestre da vida, que tive o privilégio de encontrar nessa jornada, professor Doutor José Geraldo da Rocha, meu Oxalá na terra!

Finalmente, deixo registradas homenagens aos professores Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima que assumiu a orientação de nosso trabalho no ano de 2017, por ocasião do desligamento de nosso primeiro orientador José Carlos Sebe Bom Meihy, nos guiando até a conclusão de nossos trabalhos, e José Geraldo da Rocha, pelo desvelo, dedicação e contribuições humanizados na banca de qualificação e na vida cotidiana, ambos desligados institucionalmente prematuramente há quarenta e dois dias que antecederam nossa defesa, perdas profundas e irreparáveis, que ecoam na academia tanto quanto a dor na alma.

"... aqueles que lutam um dia, por isso são bons,
aqueles que lutam muitos dias são muito bons
aqueles que lutam anos por isso são melhores ainda.
Porém, aqueles que lutam uma vida inteira
esses são imprescindíveis"

Bertold Brecht

RESUMO

LEMOS, Fábia de Castro. **Favela da Barreira em cena: a ópera de uma resistência tecida na produção de saberes, conhecimentos e identidades**. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação Humanidades, Cultura e Arte (PPGHCA), Universidade do Grande Rio (Unigranrio), 2019.

A presente pesquisa tratou de compreender a formação da identidade social e cultural do grupo de moradores da Favela da Barreira, utilizando-se da história oral de vida dos colaboradores, que revelaram elementos de entendimento do amálgama entre história de vida e história do espaço, o que possibilitou a compreensão dos arranjos orquestrados os quais emergiram identidade(s) as formulações sociais, locais e coletivas. A partir da observação do *habitus*, alinhavado nos saberes e as práticas locais foi possível identificar o arcabouço constitutivo de um sistema social retributivo produzido pelo grupo, situando o amálgama entre história de vida e história local evidenciado nas narrativas. O cotidiano se mostrou produtor e ao mesmo tempo produto do sistema local engendrado pelos moradores, na medida em que configura o suporte discursivo do grupo, na categorização, compreensão e descrição do espaço pelos moradores, a partir do que sentem da sinergia formulada entre ser e estar na favela, que capitula sentidos de existência na proxemia entre vivencia e espaço. Da análise do tecido narrativo, emergiu-se o conceito cunhado da Biodiscursividade, evidenciando a força do elemento biológico na construção dos discursos locais. A pesquisa ancorou-se na proposta metodológica de uma oralidade que, manteve-se como corpus documental dada envergadura do tecido narrativo, evidenciando capilaridades que alcançaram elementos da trajetória territorial da cidade, do bairro e da favela como arranjo decorrente do núcleo narrativo, situando a favela no espaço e suas narrativas, mantendo a oralidade como metodologia e não técnica complementar da pesquisa, o que nos encaminhou a proposta de uma metodologia de oralidade própria. O trabalho situou-se no objetivo de compreensão da construção de saberes e de conhecimentos delineados nos espaços da favela a partir dos códigos de comunicação estabelecidos, externados pelas apropriações do espaço em si e pela oralidade.

Palavras-chave: Favela da Barreira; História Oral; Conhecimento; Identidade.

ABSTRACT

LEMOS, Fábia de Castro. **Favela of the barrier in scene: the opera of a resistance woven in the production of know, knowledge and identities.** Thesis (doctorate). Postgraduate Program Humanities, Culture and Art (PPGHCA), University of the Grande Rio (Unigranrio), 2019.

The present research aimed at understanding the formation of the cultural identity of the group of residents of and visitors to Favela da Barreira, as well as the space itself. We have observed the local knowledge and practices that consolidate the framework of the social group, circulating in the daily life of a favela, which is located in Rocha Miranda neighborhood, in the northern area of the State of Rio de Janeiro. Thus, we sought to understand how these productions have contributed to the construction of the peripheral culture in the favela. We begin with the oral life histories of the dwellers and the visitors of the space, who maintained in the discourse certain identity position, contrasting with the stereotype constructed by the common sense that the favela is a homogeneous group. This study was oriented by the aim to understand the construction of knowledge outlined in the spaces of the favela from the established communication codes, expressed by the appropriations of the space itself and by the oral communication. Between the discernment of external standards and the reformulations made in the favela, there are the mechanisms that explain the strategies of the residents to demarcate the group's identity construction and the negotiations with the space. Through the interviews with residents of and visitors to the favela, as well as the analysis of the manifestations and the appropriations of the space, the objective was to understand how daily life mobilizes the construction of knowledge and organizes the group. This can be understood as the immersion of multicultural identity(ies), which depicts the favela as a space of struggles, negotiations and alliances, revealing the very ethos that permeates the favela, in the weaving of memory, time and space.

Keywords: Favela da Barreira; Oral History; Knowledge; Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desmembramento Municipal

Figura 2 – Concessão dos Bondes

Figura 3 – Mapa das Estradas de Ferro (1934)

Figura 4 – Linha Subúrbio Cascadura (1916)

Figura 5 – Mapa principais linhas Rio D´ouro (1940)

Figura 6 – Nave do conhecimento (Iraja)

Figura 7 – Ceasa Irajá

Figura 8 – Anúncio venda Sitio Fazenda Boa Esperança (1913)

Figura 9 - Anúncio venda benfeitorias Fazenda Boa Esperança (1914)

Figura 10 – Anúncio aluguel terrenos Fazenda Boa Esperança (1919)

Figura 11 – Termo de Cessão Fazenda Boa Esperança (1921)

Figura 12 – Desmembramento Fazenda Boa Esperança (1925)

Figura 13 – Planta Loteamento Rua Diamantes, Safira e Onix (1937)

Figura 14 – Planta arruamento centro Rocha Miranda (1915)

Figura 15 – Planta loteamento entorno Favela da Barreira (1950)

Figura 16 – Mercadão de Madureira distribuição de alimentos (1918)

Figura 17 – CMS Carmela Dutra

Figura 18 – Unidade de Pronto Atendimento - UPA Rocha Miranda

Figura 19 – Campanha comunitária construção igreja Santa Bárbara

Figura 20 – Igreja de Santa Bárbara (visão externa)

Figura 21 – Igreja de Santa Bárbara (visão interna)

Figura 22 – Cine Guaraci

Figura 23 – Colégio São Sebastião

Figura 24 – Escola Pará (Municipal diuno/ Estadual noturno)

Figura 25 – Construção Viaduto (Madureira – Rocha Miranda) 1990

Figura 26 – Praça Oito de Maio revitalizada

Figura 27 – Passagem de nível linha férrea Rocha Miranda (1975)

Figura 28 – Parque de Madureira (Rocha Miranda)

Figura 29 – Parque de Madureira (Honório Gurgel)

Figura 30 – Mapa bairro Rocha Miranda e Entorno

Figura 31 – Mapeamento Favela da Barreira data rio

Figura 32 – Anúncio imóvel Copacabana

Figura 33 – Anúncio imóvel Pavão/Pavãozinho

Figura 34 – Anúncio imóvel bairro Rocha Miranda

Figura 35 – Anúncio imóvel Favela da Barreira

Figura 36 – Inscrição parede jovens mortos - epigramas

Figura 37 – Entrada Pitbull e moto taxi

Figura 38 – Pau Brasil na entrada da Favela da Barreira

Figura 39 – Bar do Sérgio

Figura 40 – Dia das Crianças - 2016

Figura 41 – Ping pong na rua

Figura 42 – Jogo de carteado na rua

Figura 43 – Loja material construção Chico

Figura 44 – Padaria Pedro

Figura 45 – Contrato Locação e Venda Juca Pyrama

Figura 46 – O beco, corredor de acesso entre o apartamento e a Barreira

Figura 47 – Imagem São Jorge Bar do Sérgio

Figura 48 – Vestuário colaborador Barbosa

Figura 49 – Imagem de São Jorge no quarto colaborador Getúlio

Figura 50 – Imagem de São Jorge estante colaboradora Morena

Figura 51 – Mutirão saneamento

Figura 52 – Horto na sede do NEPP

Figura 53 – Pichação emocional Gugu

Figura 54 – O quintal da resistência, favela da Barreira

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais Valores Sociais: *Entre a Favela e fora dela*

Tabela 2 – Tabela Organograma Rede de Colaboradores

Tabela 3 – Marcos Urbanos Iraja/Rocha Miranda/Madureira (1613-2012)

Tabela 4 – Gráfico Demonstrativo das Escolas Públicas em Rocha Miranda

Tabela 5 – Relação de Plantas Medicinais Horto NEPP

LISTA DE ABREVIAÇÕES

ACS – Agente Comunitário de Saúde

AGU – Advocacia Geral da União

AMARM – Associação de Moradores e Amigos de Rocha Miranda

APPCRM – Associação Proteção ao Patrimônio Cultural de Rocha Miranda

APS – Agencia de Previdência Social

BRM – Barreirinha de Rocha Miranda (a Favela)

CCPL – Cooperativa Central dos Produtores de Leite

CEASA – Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro

CECRIA – Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes

CEFDPII – Companhia Estrada de Ferro Dom Pedro II

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CMS – Centro Municipal de Saúde

CODIN – Companhia de Desenvolvimento Industrial

COPEG – Companhia Progresso Estado da Guanabara

DI´S – Distritos Industriais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

EFCB - Estrada de Ferro Central do Brasil

EFM - Estrada de Ferro Mauá

EFMB - Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil

EPSJV – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

IDS – Índice de Desenvolvimento Social

INI – Instituto Nacional de Infectologia

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IPEC – Instituto de Pesquisa Clinica Evandro Chagas atualmente INI

IPLANRIO – Instituto de Planejamento do Rio de Janeiro

IPP – Instituto Pereira Passos

LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social que concede o beneficio de prestação continuada

NEHO/USP – Núcleo de História Oral USP

NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PESTRAF – Pesquisa sobre Tráfico de Crianças e Adolescentes para fins sexuais

PPGHCA – Programa de Pós Graduação em Humanidades, Cultura e Arte

PROAP – Programa de Urbanização de Assentamentos Populares

REFER – Rede Ferroviária Federal

RM – Rocha Miranda

SABREN – Sistema de Assentamentos de Baixa Renda

SIURB – Sistema de Informação Urbana

SMH – Secretaria Municipal de Habitação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância "United Nations Children´s Fund"

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

XV R.A. – 15ª Região Administrativa (Madureira)

ZEI – Zona Estritamente Industrial

Enfim, visitei pela primeira vez à favela que habita em mim mesma, redescobri-me nos escombros e barracos, na lama e no barro, nos labirintos que formalizam caminhos entre os becos e vielas de minh´alma, para encontrar o que de mais valor existia na terra invisível que me habita e que me produz: as experiências tecidas em vida: memórias marcadas pelo cotidiano ou talvez na oralidade emudecida ecoada no íntimo da alma, reverberada na escuta do silêncio. Assim a (re)descubro Nela e em mim mesma, como produtora e produto, de tudo que Ela é e do que sou, daquilo que ainda podemos ser. Assim entendi a simbiose de vida e lugar, no que a vida se desvela nos caminhos fornecidos pelo lugar chamado Barreira, indicando o que a favela ainda pode ser. Sigo a trilha da vida, da cidadela que é a Barreira, minha "passárgada" íntima, no compasso dos passos do que sou perseguindo as trilhas do que ainda hei de me tornar nessa eterna e terna construção, nas terras onde piso e daquelas que ainda hei de visitar, no chão de minh´alma que pavimenta memórias desse lugar.

Fábia Lemos

SUMÁRIO

PRÓLOGO
FAVELA DA BARREIRA, UMA ÓPERA DE RESITÊNCIA..... 19

1º ATO
A ARENA POLIFÔNICA

CAPITULO 1 - TRILHAS E CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA..... 46
1.1 A temática, um (re)encontro local e pessoal entre o "eu" e o estrangeiro..... 46
1.2 A história da construção do projeto..... 54
1.3. Favela da Barreira, um encontro com os moradores..... 59
1.4. Narrativas e entrevistas: encontros, apontamentos e achados..... 66
1.5. A hibridização da metodologia da oralidade: entre Meihy e Delgado..... 84

CAPÍTULO 2 – HISTORIA ORAL, NAS LINHAS DO TEMPO, DA MEMÓRIA, DA IDENTIDADE E DO CONHECIMENTO DA FAVELA..... 92
2.1. A Memória como suporte da Identidade..... 96
2.2. História local e Histórias de vida, a (re)construção das trajetórias..... 100
2.3. A Favela como objeto de Representação do tempo no espaço..... 105
2.4. Espaço, o lugar e pertencimento: marcadores sociais nas narrativas da Favela. 112
2.5. A construção de micro direitos na Favela e o exercício do Direito à cidade.... 117
2.6. Saberes e Conhecimento em narrativas: legitimidades epistemológicas na produção do conhecimento comum em espaços urbanos..... 126

2º ATO
A ÁRIA DO PERCURSO HISTÓRICO

CAPÍTULO 3 – O MOSAICO URBANO CARIOCA: A CIDADE, O BAIRRO DE ROCHA MIRANDA (RM) E A FAVELA DA BARREIRA (BRM) 137
3.1. MEMÓRIA URBANA: DA CIDADE DA FREGUESIA DE IRAJÁ A RM. 140
3.1.1 Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação (Irajá)..... 152
3.1.2 As Estradas de ferro e a ocupação do entorno de Irajá..... 157
3.1.2.1. Os Bondinhos e a ocupação do subúrbio (1856-1922)..... 161
3.1.2.2. Estrada de Ferro Melhoramentos linha auxiliar..... 164
3.1.2.3. Estrada de Ferro Rio D´Ouro..... 165
3.1.3 Estr. Barro Vermelho e colégio ligando Rocha Miranda a Irajá..... 171
3.2. O BAIRRO: A URBANIZAÇÃO DE ROCHA MIRANDA..... 175
3.2.1 Especulação do solo: Arruamentos, Loteamentos e Habitações 182
3.2.2 A micro-polis: o bairro de Rocha Miranda..... 195
3.2.3 O legado da urbanização de Rocha Miranda: as favelas do bairro..... 213
3.3 A FAVELA DA BARREIRA: DE QUE FAVELA SE FALA?..... 215
3.3.1 A Barreira na visão dos entrevistados..... 216
3.3.2 A Barreira definida nos Registros oficiais..... 220
3.3.3 A Barreira Entre Registros oficiais e a concepção dos entrevistados..... 223
3.3.4 Especulação imobiliária, o recorte hábil a geo-identidade da Barreira.... 230

3º ATO
COREOGRAFIA ESTRUTURAL NA DANÇA DAS NARRATIVAS

CAPÍTULO 4 – A GEOGRAFIA AFETIVA DA FAVELA DA BARREIRA: ETNOGRAFANDO O ESPAÇO NO TECIDO NARRATIVO..... 236

4.1. ESPAÇO E COTIDIANO, EXPERIENCIAS DO MORAR..... 238
4.1.1 Helenice, a Favela da Barreira e o mito de origem..... 245
Juca Pyrama, João Maria e Henrique de Gois
4.1.2. A Barreira, do barro ao lar..... 259
Getulio, o menino-homem que fez do barro seu lar
4.1.3. O Santuário "Barreira"..... 266
***Dona Lalá,* o santuário de uma Barreira fragmentada**
4.1.4. A Barreira e suas narrativas de pertencimento no espaço e cotidiano..... 280
A identidade de pertencimento na simbiose da vida e do espaço

4.2. APROPRIAÇÕES E PRODUÇÕES, PRAXIS LOCAL E A TEORIA DA VIDA..... 283
4.2.1 A favela como Lugar (e não lugar) de apropriação..... 287
Jocelino e o NEPP, rizomas de uma Barreira verde
4.2.2 Barreira como celeiro de todas as coisas 298
Xico, vida e trabalho no ativismo local
4.2.3 Musica e escritos, apropriação e produção da vida no espaço..... 312
J.C., o funk marca a vida enquanto a vida marca os muros
4.2.4 Escola e favela (des)apropriações humanas..... 319
Tia dadá, a contribuição da educadora social
4.2.5 Narrativas de produção do conhecimento comum..... 324
Os orgânicos contemporâneos da Barreira, a cidadela educadora

4.3 ENTRE SER E ESTAR NA FAVELA, MORAR, FAZER E (RE) CONHECER..... 333
4.3.1 A simbiose entre vida, trabalho e lugar 342
Pitbull, comida e festas celebra a cultura de tudo, numa Barreira de todos
4.3.2 A favela como espaço de aprendizado e conhecimento..... 355
Barbosa, a escola não me ensinou a pensar, viver aqui sim
4.3.3 O "Ser Barreira" na produção de afetos e sua rede de cuidados..... 370
Morena, a saúde e a rede de comunicação, a estratégia integrativa
4.3.4 O sonho de (des)morar da favela..... 382
Aparecida e o (des)amor local
4.3.5 As vozes da Favela, o (re)conhecimento do espaço informal de educação... 393
O elemento biodiscursivo na construção de identidades e cultura local

EPÍLOGO
VOZES, MEMÓRIAS E O ENCERRAMENTO DA ESCRITA: TRAJETÓRIAS DA INSCRIÇÃO DE UM LUGAR CHAMADO FAVELA DA BARREIRA..... 413

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 426

Prólogo

Favela da Barreira, uma ópera de resistência

Resistência é a palavra mais acertada para definir a natureza dessa pesquisa e responde a todos os elementos do projeto, tão adequado a ponto de responder a justificativa da pesquisa, a escolha da temática, a problemática e outros tantos elementos que integram um trabalho acadêmico, pensando o ato de resistir como força catalisadora de novos arranjos sociais, para além de mera (re)ação situando a resistência na ação da existência e de sua escrita, demarcando a escolha da favela, como arena e cenário do próprio exercício de resistência, que guarda na existência de seu cotidiano uma identidade própria.

Resistir, por meio da (re) criação, da vida, valorizando espaços então concebidos como subalternos, na tentativa diária de torna-se visível, em meio ao legado da invisibilidade e do silêncio, que produz identidades permeadas em diferenças.

Nesse sentido, afirmar identidades é também valorizar diferenças, o que não pode ser cotejado como conceitos oponíveis, mas confluentes entre si. Aqui facilmente se verifica a problemática da pesquisa: a desvalorização da diversidade, de identidades e de lugares ditos subalternos, como a favela é representada em muitas literaturas, descrita na maior parte das vezes como o mal, lugar duvidoso, no entanto, dotada de identidades silenciadas, contribuindo ao apagamento dos sujeitos e do espaço com certa dose de êxito, o que nos encaminha a compreensão fática de que sua existência consolida por si resistência.

Essa tese é concebida como trabalho e tentativa de rupturas de paradigmas culturais e sociais hegemônicos, o que nos fez perceber o quanto também se voltou ao esforço de romper com alguns paradigmas acadêmicos. O presente estudo ancorou-se em bases de reflexões à descolonização epistemológica etnocêntrica, marcada e tensionada pela construção sistemática eurocêntrica na tendência de compreender o outro, o “diferente”, como sendo marginal.

Estudar a Favela da Barreira, ainda que sob a égide da história oral, não nos afastou da necessidade de perscrutar percursos de consolidação das favelas no Rio de Janeiro, relegada a representação e simbólica do mal, ou na fala de Bauman (2005) *o refugo da construção da ordem*, até porque, pensar a Favela da Barreira, é compreender que ela está inserida dentro de um bairro, que por sua vez se localiza dentro de uma cidade, que, portanto, guarda relações de identidade tanto com a cidade como com o bairro, servindo-nos tal referencial como demarcação territorial de trabalho com a Barreira, correlação apontada pelas narrativas,

emergindo o lugar como elemento necessário de investigação e seu amálgama com as histórias de vida, o que se tornou o *hard core* ou núcleo duro de nossa investigação.

Nesse sentido, o recorte específico de nosso trabalho tem na desconstrução das polaridades Centro/Periferia, Cidade/Favela e na cultura hegemônica/popular, o eixo central de investigação que buscou a partir da observação identificar e compreender as práticas sociais da Favela da Barreira, tecida no interior da construção do *habitus* (Elias, 1994), consolidadores de organicidade locais, os quais demandam certo pacto de legitimação epistemológica organicidade essa gerida pelo *ethos* cultural constelado pelo grupo.

Essa assimetria, que estruturalmente organiza a cidade e a legitima com status de sujeito, efetivamente define a favela como seu objeto, nesse aspecto a urbanização citadina opera legalmente e ideologicamente o interesse da cidade, polarizando-se entre espaços com acesso a serviços e outros relegados a serem despojos, ou na dicção de Bauman (2005) "projeto de refugo da cidade", mantendo a favela como objeto citadino, por integrar a cidade, justificando o estudo apresentado.

A tensão estabelecida entre sujeito e objeto (Cidade/Favela), marca o lugar de desaparecimento, sublimando o silêncio e o apagamento como produto dessas tensões, obliterando os sujeitos anônimos, marcados por grupos e espaços vulneráveis e subalternos.

O trabalho assume, nesse viés, um objeto que se direciona a valorização da vida e cultura da favela por meio do enaltecimento dos obliterados, de suas memórias, de suas narrativas, dos modos de vida, buscando apreender o real espaço cultural da favela, e suas produções cognitivas locais, o que também pode ser compreendido como projeto cultural de perquirição e construção contra hegemônico, de resistência, desvelando o objetivo especifico.

Dessa forma, desenvolver a presente pesquisa significou vários atravessamentos, principalmente a necessidade de situar o recorte da pesquisa, pela força antagônica com as construções já consolidadas que significam a favela como área conflagrada e de marginalidade. Essa operação, nos conduziu em via oposta as abordagens da violência local, o que não significa necessariamente "romantização" do espaço da favela, mas uma negociação para instrumentalizar a presente pesquisa, demandando deslocamentos pragmáticos e mediações entre a pesquisa e a favela (as quais precederam as mediações internas, elaboradas pelos moradores), paradigmáticos e epistemológicos, os quais demonstraram caminhos e rotas que sempre conduziram ao mesmo lugar: a resistência, demonstrada no discurso, na voz, nos afetos e modos de ser e estar na favela, na memória, no silêncio cultivado, e nas formas de apropriação do conhecimento, dispersos nas ruas da própria favela.

A instrumentalização da história oral demonstrou-se meio hábil à valorização de memórias, de tradições e lugares e suas (re) significações, do entendimento do tecido dialético, colimando com o direito à própria história dos sujeitos, revelado nas linhas das narrativas, discursos que evidenciam uma Favela da Barreira que comporta várias Barreiras, o lugar (e o não lugar), em paradoxos e padrões onde a diversidade se insurge como a marca identitária da Favela, situando o sujeito epistêmico, o orgânico da favela, no mesmo tempo que o desconhecido ou sujeito anônimo.

Nesse sentido, a observação da formação do sujeito epistêmico, elaborado por Piaget (2016) conduziu-nos ao ponto de partida para formularmos, no cotejo das narrativas, a análise da construção de saberes e conhecimentos, inevitavelmente nos encaminhando tanto para a dialética estabelecida entre as arenas da educação formal e informal, como ainda pelas inferências do meio como potencial educador que compõe o homem e sua autopoiese, onde situamos o ponto de chegada de nosso estudo.

Assim, perseguindo um dos atravessamentos da pesquisa, quando observamos a questão da construção e apreensão do conhecimento: "como" se produz, e não "o que" necessariamente é produzido na favela. Significa entender como a interação pessoal com o meio (a favela) potencializa as associações cognitivas para atuação no cotidiano e como o cotidiano retroalimenta essas associações. Daí persistirmos na palavra "conhecimento" que elabora e estrutura as formas de integração do sujeito, que formula o conhecimento em si e saberes na favela, uma cruzada de ruptura epistemológica e de paradigmas, outro ponto de resistência aos modelos empregados que categorizam o conhecimento como elemento erudito produzido institucionalmente em ambientes formais de educação.

Essa dinâmica, que revela o cotidiano como ator de suas construções cognitivas, é evidenciada nas memórias e narrativas dos colaboradores, que compreenderam a favela como "uma escola", portanto, por nós entendido como a primeira negociação do espaço que compõe "o ser" na favela. Isso porque, a construção cognitiva, do grupo dependerá dos agenciamentos e processos que elaboram diariamente, não se configurando como elemento estático, que garantem as formas de acesso aos espaços da favela, o que por si geram marcas peculiares à cada favela individualmente falando, definindo, formas diversas de apreensão do conhecimento, e formas como se organiza e produz conhecimento numa simbiose associativa com o espaço da favela individualizando o espaço, delineando assim identidade(s) específicas da(s) favela(s) e dos espaços.

Observar como o espaço da favela da Barreira pode cambiar processos associativos para construção do suporte cognitivo do sujeito (permitindo a leitura de mundo), a partir de saberes comuns não escolarizados, mas proporcionados pelo cotidiano e pelas experiências, situado no *habitus* (Elias, 1994) nos forneceu encaminhamento necessário à identificação do *ethos* próprio que forma discursos, tradições, e a cultura local. Sob esse aspecto, um conhecimento (des) institucionalizado por instituições formais de ensino, mas legitimado pela favela, como espaço educador informal[1] de produção do conhecimento comum (Brandão, 1985).

Uma menção importante: quando abordamos a favela como espaço não institucional, é para situarmos o tratamento que expressiva literatura confere a espaços formais, reconhecidos oficialmente como instituições que produzem educação (portanto conhecimento institucionalmente reconhecido), partindo da consideração de formação hegemônica pedagógica compreendendo o elemento institucional como aquele criado precipuamente para fins pedagógicos.

Em contra partida, advogamos pelo reconhecimento da força institucional das favelas e seu cotidiano para a construção e promoção do saber e conhecimento, sendo exatamente esse um dos contrapontos de nosso estudo: a premissa da favela ser um espaço de construções, educador, uma cidadela educadora.

Não refutamos, por outro lado, a circularidade do conhecimento formal na favela, transmitido ainda que fora dos muros da escola, como por exemplo, em trabalhos de alfabetização, mas ressaltar a existência de relações e aprendizados intuitivos apreendidos na prática do dia a dia fora da lógica de escola.

A culinária realizada de forma intuitiva por analfabetos, na transmissão de ensinamentos voltados à construção de casas, quando falamos, por exemplo, da noção de medidas numa espécie de pragmatismo da etnomatemática[2] na favela, absorvida fora das salas de aula, embora algumas vezes transmitidas por atores que participaram do conhecimento escolarizado.

A utilização da etnometodologia, ancorando o procedimento da história oral erigida pelo NEHO/USP no tratamento das entrevistas (transcrição, textualização e transcriação),

---

1 Cotejado sob o viés da educação informal, apreendido em todos os espaços mesmo fora do espaço escolar, principalmente pelo convívio social, o que permite "misturar a vida todos os dias com a educação"

2 Consiste na prática da matemática aplicada em seus diversos contextos pragmáticos e culturais, denotando as diferentes formas de apreensão do conhecimento com base em lógicas, métodos e saberes que dialogam com diferentes culturas, relacionando a matemática com o ambiente cultural dos sujeitos. **Sebastiani Ferreira**, E. - *"Etnomatemática - Uma proposta metodológica"* Série Reflexões em Educação Matemática, v. 3, USU – 1997.

assumida neste trabalho, não refuta outros modelos existentes, embora, nesse segmento, tenhamos optado pela construção da pesquisa nas bases da história oral híbrida[3] tanto pela utilização de outras fontes de pesquisa como ainda pela necessidade de aplicação conjunta de outra plataforma de história oral, ancorada no modelo proposto por Delgado (2006), voltado para o trabalho de suporte das capilaridades evidenciadas nas narrativas, possibilitando a formulação de uma metodologia de oralidade híbrida, ancorada em ambos os autores, possibilitando a condução dos estudos pelos resultados observados nas entrevistas, obedecendo ao critério de compreensão das narrativas e não de interpretação das mesmas.

O hibridismo da metodologia da oralidade consistiu ainda pela utilização de outros aportes secundários ao tecido narrativo apontados na capilaridade narrativa, embora reafirmamos, que a oralidade desvelou-se como *corpus* principal, mas não único de nosso trabalho, uma vez que foi necessário nos socorrer de memórias materiais que seguiam a memória oral, nos conduzindo ao apanhado de fontes documentais oficiais (e dos narradores como fornecido por Helenice), de fotos (as quais utilizamos como recurso ilustrativo e não interpretativo) e de bibliografias que nos serviram de instrumento hábil à compreensão da história da favela da Barreira e a história de vida de seus moradores colaboradores, arrimados nas fontes documentais, e bibliográficas (secundárias) mantendo na oralidade o *corpus* duro de nossa pesquisa.

Cumpre aqui sinalizar a utilização da primeira pessoa do singular "eu" concomitantemente a primeira pessoa do plural "nós" de forma propositada, isso porque, se de um lado, a construção da pesquisa dependeu da rede de colaboração que ofertou suas narrativas de vida, por outro lado, a abordagem etnográfica, bem como alguns apontamentos pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa ligadas as anotações de caderno de campo, agregando as experiências sentidas e vivenciadas por mim mesma, justificou a utilização do "eu" e "nós" vertidas do conjunto investigativo, o que também é de fácil compreensão.

Indubitavelmente deste estudo emergiram dois núcleos narrativos: dos colaboradores/ moradores da Favela da Barreira, e outro, o qual buscou os sentidos das histórias tecidas na favela, desvelando assim narrativas direta (dos entrevistados) e indireta, na medida em que buscamos replicar o enredo narrativo, situando-os na compreensão que os colaboradores vertiam da favela, de sua organização, estruturas materiais e simbólicas que integram o espaço, refletindo o ciclo das mimeses de Ricoeur (2007), principalmente, quando (eu) vertida

3 O modelo de história oral pura, carreia como corpus documental única e exclusivamente as narrativas. Nosso trabalho se situa na área do hibridismo da oralidade, mantendo nas narrativas o corpus documental de nossa pesquisa, apesar da utilização de fontes documentais oficiais, e registros pessoais dos colaboradores.

a uma tese, as dinâmicas da realidade tecida na Barreira (contada por eles), formalizam uma literatura própria e distinta, baseada na apropriação e entendimento do grupo entrevistado.

Como resultado do translado dos códigos orais ao escrito delineado entre o "eu" e o "nós", estabelecendo nexos muito além do entre tempo e narrativas, mas dos sujeitos integrantes das relações históricas, simbólicas e culturais que revelam a leitura de "mundo", (da e) pela Barreira, conduziu a variação narrativa entre o "eu" e o "nós" no deslinde da tese.

Alguns códigos foram observados e cumpridos no tratamento das entrevistas, assim, por questões de ordem técnica[4], e em respeito à essencialidade da História Oral observada em Meihy (2011; 2014), evitamos a utilização do termo "depoimento, depoente", onde preferimos tratar os entrevistados como colaboradores, e suas entrevistas como narrativas. Por outro lado, conferimos uma abordagem compreensiva das narrativas, a fim de estabelecermos o entendimento do espaço situado pelos próprios colaboradores, buscando respeitar a essência das narrativas.

No exercício da construção do trabalho, adotamos o critério analítico integrativo (e não excludente) no tratamento de toda tese, tanto no tocante a teóricos, mobilizando o trabalho de conciliar e integrar ideias (e não excluindo uma em detrimento a outra), ainda que aparentemente antagônicas, por compreendermos que construções e pensamentos ainda que antagônicos, podem ser complementares e integrativos em certa medida, e não excludentes uns aos outros, o que implicou no exercício de buscar as micro convergência de pensamento de autores situados em áreas comumente compreendidas como discordantes.

Dessa forma, alerto ao leitor que buscamos pequenas áreas de convergência em teóricos que se situam em zonas de divergência, isso porque não se pretendeu manter a conciliação da integralidade dos estudos dos teóricos que trabalhamos, mas o objetivo consistiu no alinhamento de ideias, que *a prima facie* possam se mostrar antagônicas, mas pertencentes entre si. Um exemplo desse exercício emerge no capítulo 2, quando utilizamos Santo Agostinho e Bergson para situar a noção de tempo trabalhado no espaço da favela.

Aparentemente são teóricos que de fato não dialogam necessariamente entre si, mas quando pensamos na noção de tempo linear e eterno de Agostinho, encontramos no estudo da duração e intuição de Bergson a noção do tempo não durável, não seriado. O estudo observou o tempo em ambas às dimensões, sendo complementares umas as outras, para o fim de compreendermos a construção mnemônica local.

---

4 Considerando minha formação na área jurídica, entendi a impropriedade da utilização do termo "depoimento" eis que guarda uma tecnicidade conquanto sua natureza jurídica, razão pela qual optamos pela utilização de termos mais palatáveis tanto ao espaço trabalhado como ao tratamento dos colaboradores.

Nessa vertente, conciliar uma perspectiva de tempo a outra, é compreender que a favela se organiza no tempo e no espaço atuando entre eixos de linearidade (Chronos) e de experimentação do vivido (Kairós) que embora atravesse o critério linear, não necessariamente preceda do mesmo. Portanto, a favela emerge a conciliação de ambas formulações de tempo. Nesse sentido que buscamos conciliar pequenas áreas teóricas, e não a integralidade do pensamento dos teóricos.

Essa tônica consolida mais um viés dos deslocamentos paradigmáticos e epistemológicos que realizamos no deslinde do presente estudo, a partir da perspectiva da compreensão, e não da interpretação, tanto das narrativas como do suporte teórico, aplicável inclusive no pragmatismo do suporte metodológico.

Entender as dinâmicas da favela demanda o exercício de utilização de vários aportes disponíveis: estruturais, fenomenológicas, essenciais, existenciais, interdisciplinares, transdisciplinares, e disciplinares, conduzindo a multiplicidade de elementos que guardam consonância com a mobilidade e diversidade das relações sociais que se colocam, as quais exigem instrumentos que possam ser hábeis e mobilizadas ao entendimento das relações do espaço estudado, possibilitando ao leitor a compreensão dos termos utilizados para além das construções teóricas estáticas disciplinares, mas como elementos circulantes e não estáticos ou herméticos em si, os quais encontram vida vertida pelos signos das narrativas ou pelas demandas que delas emergem.

Mais um dos deslocamentos propostos na construção do presente estudo: (re) significar a favela pelos seus próprios signos e compreensão de mundo, demanda compreendê-la como lugar de (re) criação, que denota a capacidade dos sujeitos em transformar e elaborar estrategicamente o espaço como *locus* de construção e afirmação de identidades organizadas internamente e ao mesmo tempo dialogicamente com a própria favela e com a cidade, o que demanda uma (re) criação teórica, singularizada que possa dialogar e descrever o mais próximo possível a Barreira.

A partir desse entendimento, a favela resiste à categorização do *não lugar* da cidade, buscando a identidade do *lugar* na cidade, o que não ilide as contradições internas reproduzidas, as quais formulam, a partir da existência, "(re)existências" e resistências à invisibilidade, consolidando estratégias, negociações e códigos próprios que carreiam tanto entendimentos distintos, como formas de fazer, morar, de viver e perceber o mundo e o lugar dentro dos conceitos internos formulados.

A dinâmica interna evidencia novas formas de elaboração do que se entende como lugar e não lugar, pertencimento e (des)pertencimento, como elementos integrativos entre si, e não antagonicamente estanques, a favela da Barreira evidencia a coexistência de ambas as concepções.

Nessa perspectiva, seja interacionista das relações sociais que se estabelecem na favela, carregada de simbolismo ou concretudes, na dança das representações de si no cotidiano, ou na performance, onde o corpo social e individual desvela a materialização da realidade vivida, ou ainda conciliando o aparentemente irreconciliável, tal qual Adorno (2018) conjugando o erudito de Beethoven à liberdade da fantasia, ancora-se a construção do presente trabalho: no desafio de conjugar o subjetivo, as intersubjetividades com o objetivo, a tecnicidade acadêmica com a vivacidade popular que emerge do tecido narrativo da favela, o conhecimento erudito com o conhecimento comum na terna dança que envolve colaboradores, que representam o encontro e pragmatismo de elementos que fortalecem a plasticidade e afetividade das relações, na performance constante que elabora e (re) significa o cotidiano e o espaço, preservando elementos fundamentais que estabelecem as relações, vivificando-as.

Perceber a favela como palco, serviu-nos de encaminhamento a observação do aporte etnográfico, fornecendo-nos a compreensão do ponto de vista de leitura de lugar, e papel desempenhado por cada grupo e colaborador, tal qual enunciado por Goffman (2011) formulando o tecido social e físico do espaço, portanto, empregar o formato de ópera em nosso titulo demonstrou-se para além da alegoria.

A favela torna-se o palco da (re) criação estratégica de ações pragmaticamente afirmativas em si tecidas pela trama de vida e resistência, circulantes entre o erudito e o popular, o palco e a rua, onde cada um dos moradores, parafraseando Goffman (2011) na utilização da *metáfora da ação teatral.* Assim, compreender a vida social organizada dentro dos limites físicos da favela da Barreira demanda entender como cada individuo se situa na performance do cotidiano da favela, seja nos bastidores, produzindo o espetáculo ou na plateia, assistindo-o, as condições que os colaboradores integram o espetáculo da vida, nas linhas que compõe a *Favela da Barreira em cena: a ópera de uma resistência tecida na produção de saberes, conhecimentos e identidades*.

1º ATO
A ARENA POLIFÔNICA

Pensando nas narrativas e no resultado da nossa pesquisa, compreendi que o dizer é uma tarefa bastante complexa. Às vezes, dizemos muito utilizando poucas palavras; noutras tantas vezes, não existem palavras capazes de externar o tanto de coisas que carregamos nas nossas muitas bagagens. Já experimentei momentos em que quis dizer coisas indizíveis, e fui vencida pelo silêncio... Este falou mais alto.

Estranho reconhecer que o silêncio também tem tanto a dizer, e que sempre surpreende quando nada verbaliza. Imagino que tão difícil quanto o dizer (se) é o escutar: a si mesmo, ao outro, aquilo que não pode ser dito, mas que vocifera interiormente; aquilo que precisa ser verbalizado, mas não encontra palavras que comuniquem. Este trabalho nasce do mover entre o dizer e o escutar. Na pluralidade dos sons, buscamos além dos ecos: escutamos as vozes.

Apresentar este trabalho é uma forma de dizer-me a mim mesma; tarefa que demanda evidenciar determinada trajetória que propiciou esta pesquisa. Assim, explico a eleição da História Oral para desenvolvimento deste trabalho, cujos primeiros passos externam gratidão a seu precursor em minha vida, José Carlos Sebe Bom Meihy, o que possibilitou, pragmaticamente, descobrir a história da Favela da Barreira, por meio de suas vozes.

A valorização de narrativas, tecidas em histórias orais de vida, forneceu-nos subsídios para considerar o banco de memória viva local, instrumentalizando à identificação das formas de produção de saberes e conhecimentos na favela estudada. Em outras palavras, as narrativas surgiam à medida que as vozes afloravam e nos permitiam escutá-las.

Não nego, e aqui me cumpre registrar, o trabalho que a pesquisa se demonstrou, muito mais por demandar uma reestruturação pessoal, e diria que um convite para (re)aprender a vida fora do olhar teorizado, que ao longo da vida apreciei e que me forjaram como produto estrito da academia. Escutar outras vozes me permitiu aprender a me dizer também como ser humano; entretecendo-me à verdade de outros e àquilo que se faz história.

Se, academicamente falando, perscrutar as linhas de Foucault, Deleuze e outros tantos intelectuais me conduziram à compreensão das construções literárias por outro lado, tais linhas teceram labirintos sutis que me afastaram da compreensão das relações sociais concretas e dinamizadas: do eco de outros, pois os ouvia a distância, num movimento de cima para baixo, o que me impedia de perceber o silêncio de muitos - que têm tanto a compartilhar.

Nesse ponto, vale externar a gratidão pelo preceptor desta vertente da história oral, muito mais do que orientador, que com muita paciência, docilidade e perseverança, sempre me convocava a realidade: “Fábia, pés no chão!”.

Para conseguir escutar com propriedade era preciso dialogar com o vivido, o representado, o sentido, o produzido... e comigo mesma. Era fundamental encontrar outra forma de ‘me dizer’, conciliando os ecos teóricos, mas também me aproximando dos silenciados. Por fim, enxerguei o caminho: não poderia mesmo entrar na favela apenas impregnada apenas pelos dizeres teóricos; e isso convocava outro exercício de pesquisa aqui. Enveredei-me, então, pelos caminhos da História Oral, procurando ir além de cada ruído, sorriso, gemido... Permitir-me perceber o que havia por trás de cada voz.

O trabalho de História Oral partiu do conjunto narrativo ofertado pelo próprio cenário estudado. As histórias dos moradores nos forneceram o caminho, o fio de Ariane que conduziu de um lado a outro ao labirinto das relações estabelecidas na favela, conferindo um tear diferenciado tanto no campo, como para a pesquisa em si. Graças a esse fio, consegui encontrar o caminho de circularidade na favela, o que permitiu orientar-me no campo e espaço de pesquisa. A chegada a esse caminho foi uma experiência intensa que demonstrou “a rota”; e para cada rota, uma voz se fez audível.

No trabalho de campo, a percepção de que os sentidos da experiência poderiam enriquecer a construção de novas reflexões sobrepujaram qualquer outra possibilidade de interesse. O campo estava dado, e o recorte se mostrava para além da confirmação pela transposição de teorias já construídas. O real me convidava a ser e pensar de outras formas, uma vez que a experiência se mostrou como princípio viável, repleto de significados, o que delineou nosso olhar e sentir.

Dessa forma, o encontro inevitável: a premissa da pesquisa se apresentava granjeando todo o trabalho num convite a uma relação mais profunda e a uma reflexão que reverberou a todo o momento na pesquisa: a *existência, conjugada pelo arcabouço de histórias e experiências como princípio educativo produtor de conhecimento,* a vida emergia como principio educativo primário.

Partimos da hipótese de que as experiências cotidianas, vivenciadas em meios segregados e ditos subalternos, geram fórmulas próprias, tecidas na construção e produção de conhecimento nos espaços informais da favela. Emerge, então, a ideia da vida como princípio educativo significativo, consolidando a formação intelectual orgânica da favela, que encontra no cotidiano sua fonte de (sobre)vivência, (in)formação e identidade(s).

Logo, assumir essa premissa exigiu a formulação de uma proposta que pudesse ser concebida a partir das relações alinhavadas, provocando o deslocamento da necessidade imperiosa em "transmutar" o tecido narrativo em conhecimento estritamente científico, respeitando, no entanto, os rigores da academia e as produções orais. Esse foi um grande desafio, e uma relação de troca: encontrar uma forma de 'me dizer' como pesquisadora e 'dizer o outro', movendo-me entre o rigor consagrado e as vozes que buscam escuta atenta e humanizada.

A vida e também a própria existência na favela poderiam se revelar como um princípio educativo imanente ao próprio homem, promovendo uma espécie de conhecimento próprio e circulante revelado pelo local.

As experiências, fruto das relações travadas no cotidiano, consolidaram um suporte cognitivo capaz de definir e determinar formas de integração e compreensão do mundo, comportando dimensionamentos que mobilizadores das produções culturais, ontológicas e de identidade, promovendo a sustentabilidade do espaço e do homem, na emancipação humana[5] como forma de ruptura de concepções dogmáticas, principalmente no que tange à favela. *A história oral oportunizou* escutar os moradores da favela através dos dizeres potencializados pela vivência, emergindo a importância da análise dessas falas e escutas. Nesse ponto, evidenciou-se o conceito central e sua costura com a hipótese principal.

Nesse sentido, posso dizer que um pouco de minha própria experiência conduziu a essa premissa. Sempre morei em regiões fora da favela. Aprendi os códigos urbanos dos lugares a que eu pertencia, o que permitia traçar rotas de vida, dentro da dinâmica local. As experiências dos lugares onde morei não se aplicaram à realidade da favela, nada me preparou para a experiência de ser moradora da favela aonde conduzimos este estudo.

Talvez por essa razão, e por (re)conhecer que cada lugar, assim como a favela, funciona com lógicas distintas, deliberadamente, eu não tenha demonstrado um recorte literário específico para indicar "de que favela se fala" ou por que se fala favela e não comunidade. Optamos em partir dos arranjos orais que descreveram a imagética local, mais especificamente, partimos da revisão do método de convergência, na busca de captura dos sentidos e vivências experimentadas pelos colaboradores, buscando compreender a favela sob o lugar do que é dito, da própria favela, com a concepção dos moradores sobre o espaço,

5 Nos utilizamos do termo emancipação humana porque partimos do entendimento que, nem sempre a existência material estará no âmbito do pertencimento da existência formal, portanto, a valorização da existência humana material e de suas produções correlatas não ensejam necessariamente um encadeamento que eleve a inclusão social, visto que, compreendemos que essa precede a inclusão humana.

afinal, *a história oral é uma grade de procedimentos que privilegia o sujeito, o diálogo, a criação textual desse diálogo* e com isso a história do próprio grupo (Caldas, 1999, p.23).

Quando decidi pelo projeto de pesquisa, percebi que ser moradora da favela estudada se traduzia em uma forma de apropriação, embora reconheço que não tenha sido uma condição *sine qua non* para a realização do estudo, mas entender as formas de viver e a organização do espaço por dentro, revelou-se significativo para compreender os silêncios e vozes.

A questão prática do espaço se impunha, convocando-me ao conhecimento e à descoberta do lugar e dos sentidos de pertencimento local, o que pra mim, demonstravam-se como novos códigos do espaço, outras regras, um novo jogo delineando as formas do viver.

Assim, mudar-me para a Barreira representou muito mais que evitar deslocamentos ou encontrar formas mais cômodas de conduzir a pesquisa, mas a continuidade dos trabalhos que me foram deixados como legado paterno. Afinal regressei ao espaço de trabalho que meu pai tanto havia se dedicado quando em vida.

De fato, tornou-se um desafio, abrir mão da zona de conforto, da "segurança", para fazer parte de um novo seio social que embora a mim não fosse estranho. Seria também a forma de me mover entre a saudade de meu pai e a partida dele, considerando que o NEPP - Núcleo Pedras Preciosas trás em si muito do que o ativo sr. Paulo César imprimiu de si.

Confesso que tive muita ajuda e orientação nesse meu não tão "novo morar", mas o fato é que a existência na favela se mostra um desafio diário entre negociações, pactos e estratégias de (sobre) vivência, sempre em constantes reelaborações circunscrevendo as regras de convivência do tecido social local.

No caso da Barreira, as experiências do cotidiano são sempre mobilizadas, gerando uma produção sociológica que implica na análise aprofundada dos vínculos de solidariedade, o que culmina na produção de conhecimentos baseados na alteridade e empatia, na formação de uma rede afetiva mobilizada pelas relações locais. A aplicação dessa assertiva na favela estudada não foi teoricamente premeditada, emergiu por meio do apanhado das histórias de vida locais e a compreensão dos muitos dizeres, convocando-nos a reconstrução de olhares e vivencias.

Essa dinâmica conduziu-me a algumas reflexões: percebi que a existência física, material na favela, tem sido considerada ou categorizada a partir ou (para) construção da existência formal. Portanto, o indivíduo é observado, e representado, enquanto pertencente institucionalmente a uma classe ou lugar no mundo produtivo, o que garante a inclusão

socioeconômica dos sujeitos no processo de institucionalização do homem e do conhecimento que dele emerge a partir do fazer. Assim, a educação formal, que emerge da escolarização e institucionalização dos sujeitos, a apropriação do espaço, o trabalho ou o ato de "morar" se desvela como fio condutor dessas análises, as quais categorizam historicamente os sujeitos (Sodré, 2015).

Essa percepção nos conduziu à necessidade de outro olhar, do tecido crítico que parte das produções existenciais materiais, sem necessariamente cotejar apenas a existência formal, mas para além dela: o homem que produz saberes e conhecimentos desinstitucionalizados, conhecimentos que emergem do cotidiano humano (MAFFESOLI, 1987).

Aqui nos cabe um a parte: A favela, por nós concebida como organismo fundado institucionalmente em elementos culturais, étnicos, e de tradições locais, não corresponde ao "modelo institucional" legitimado pelos mecanismos hegemônicos de poder, haja vista a própria natureza jurídica do espaço, delineado pela "precariedade do título aquisitivo", definida por ocupações irregulares, consolidando base de construção de micro direito, os quais se baseiam em costumes e hábitos, consolidando-se portanto como cenário de disputas e mediações internas (da favela) e externas (entre a favela e a cidade). Dessas tensões ou cotidianos, emergem formas de organização e estrutura de conhecimento comum voltadas a solução dos impasses e necessidades que se impõe diariamente.

O que é o "homem na favela" sem os títulos que institucionalizam o conhecimento e promovem sua existência formal na sociedade? Essa indagação convergiu, permeando com a hipótese, e nos apontou um horizonte novo de (re)descoberta do sujeito a ser observado e compreendido a partir de sua trajetória de vida, razão pela qual essas trajetórias guiaram toda a estruturação do nosso trabalho, o qual se debruça nas produções humanas do cotidiano no interior da favela, desveladas pelas histórias de vida e memória de seus moradores, a partir da construção do *habitus* situado nas construções de Elias, 1994, Mauss (2003) e Maffesoli (2010) elaborado na favela.

Nessa altura, cabe-nos outro à parte: explicar o tipo de conhecimento analisado. A proposta de estudo, apoiada inicialmente na abordagem concebida em Agier (2015), e na ruptura epistemológica, alinhavou e conjugou o tecido de saberes e práticas sociais como o arcabouço do conhecimento comum que circula e promove a favela estudada como espaço vivo, situado em Maffesoli (2010) e Maturana (1998).

A compreensão da diferenciação das dinâmicas observadas em cada favela, não nos escapa na análise do espaço da Barreira, que merge nessa dinâmica sua própria singularidade,

conferindo um único suporte identitário cognitivo macro à Favela da Barreira situado na sua diversidade seja quando compreendida na sua organização social, espacial ou geográfica, gerando arranjos internos (e externos) que por vezes paradoxalmente se consolidam em micro núcleos de identidades, pactuadas e negociadas nos espaços estruturados, apropriados e significados como "lugares", por diversos grupos de moradores, que formulam arranjos específicos.

Por outro lado, não refuto o fato de que percorri o caminho gerando alguns paradoxos, como da efetiva transformação do conhecimento comum em científico, institucionalizando-o. Contudo, reitero que o dizer é complexo, e não há apenas uma possibilidade de produção de saberes.

Assim, a partir da identificação das dinâmicas locais, por meio do apanhado de história de vida dos moradores, apreendemos as relações do tecido etnológico da Favela, utilizando o conjunto de saberes e práticas locais para concebê-los como redes que consolidam o conhecimento comum do grupo. É nessa seara que o conhecimento observado se desconstituiu de categorização, a partir do *lócus* de sua produção.

Ouso dizer que não esperava o encontro com conhecimento científico na favela; no entanto, a consideração de que o conhecimento comum é tão relevante, e pode transladar-se ou mover-se nas arenas científicas, tornou-se evidenciado no exercício da pesquisa. As entrevistas, formas singulares dos sujeitos se dizerem, revelaram uma simbiose da história de vida dos moradores que se mesclava na história do próprio espaço da favela. Esta se demonstrou a legítima fonte de conhecimento, codificada na oralidade das histórias de seus moradores que se enovelavam na malha de muitos dizeres; inclusive do meu.

É nesse tecido cognitivo que o mosaico do *ethos* local foi delineado, promovendo a (sobre)vivência na favela. Esta trama de vozes plurais pode ser considerada como produto da grande colcha de retalhos muito bem indicada nas entrevistas, revelando os micro núcleos identitários, dinamizados na favela estudada. Destaco a potência nas negociações, pactos e estratégias, nos sentimentos polarizados de (des)pertencimento local que elaboram tecidos da diversidade... dizendo, redizendo, silenciando.

Portanto, não partimos da categorização do conhecimento científico que se distingue do saber, aliás, talvez de forma presunçosa, refutamos essa síntese histórica e clássica da concepção do conhecimento, para propor uma que parta das construções sociais concretas e cotidianas, *o conhecimento comum* propalado por Maffesoli (2010). É este o resultado,

suponho, de uma pesquisa elaborada no campo da favela ou aplicável à questão de pesquisa calcada no empirismo.

O objeto da formulação dos argumentos analíticos se apoiou no conjunto de entrevistas e consistiram em reconhecer os mecanismos que habilitam maneiras de produção de práticas e saberes locais que formulam, estruturam e organizam o conhecimento elaborado na favela, partindo do cotidiano, analisados sob a ótica da história de vida dos moradores da Favela da Barreira, assumindo elementos do *habitus* como pontos de análise do cotidiano, do morar e fazer na favela.

O conhecimento que analisamos repousa nas produções na Favela da Barreira e nos laços afetivos construídos, observados sob o sentido de pertencimento local, construção de redes afetivas e solidárias que fortalecem o lugar. Isso consolida nossa proposta de compreensão do conhecimento produzido na favela[6], construída e balizada na história oral, que parte da valorização humana ao reconhecimento de suas dimensões, ao direito humano à própria história, cunhados simbioticamente com a história do lugar. Essa construção demonstrou-se o *hardcore* ou núcleo duro do presente trabalho.

Ressaltamos mais uma vez, que a presente pesquisa, que guarda ainda alguns aspectos antropológicos, sociais e culturais, buscou na análise etnológica dos dados obtidos por meio de anotações de caderno de campo, e principalmente em entrevistas identificando histórias de vidas dos moradores, baseada no método de história oral empregado pelo NEHO/USP empregada por Meihy & Ribeiro (2011; 2014), aportada ainda na metodologia de História Oral conquanto o trabalho das narrativas consoante o modelo empregado por Delgado (2006), como modalidade compreensiva da memória local. A compreensão da Favela da Barreira que vive, produz cotidiano, cultura e relações sociais, capturadas e cotejadas a partir das fontes orais dos respectivos referenciais teóricos, Meihy & Ribeiro (2011;2014) e Delgado (2006).

As narrativas emergiram como ato de translado, desvelando-se como fonte mediadora nas negociações da memória, revelando gradativamente a(s) dinâmicas e identidade(s) desenhada(s) na favela. Isso nos encaminhou ao tratamento da história oral para busca dessa(s) identidade(s), considerando o espaço como lugar que organicamente vive, com suas veias e artérias que pulsam e fazem pulsar a vida de seus moradores. A favela, compreendida como lugar de memória material e imaterial, de experiências e, portanto inter-relacionada com o tecido narrativo, demonstrou-se indissociável das construções identitárias.

---

6 Trata-se então da proposta de ruptura da concepção clássica que distingue conhecimento de saber, onde para compreendermos o conhecimento empírico ou comum como o conjunto de saberes e práticas locais que conduzem a sustentabilidade material e social da favela.

No entanto, reafirmamos o compromisso de termos produzido um trabalho que não manteve a pretensão de exaurir a temática, mas de contribuir com novas discussões e reflexões acerca do estudo. Salientamos a compreensão da vida na favela, para além dos códigos da marginalidade, historicamente consolidados, formalizando a ruptura de tais paradigmas na reescrita da vida e da história da favela a partir da experiência e relato dos próprios moradores, o que certamente concorrerá na ampliação de novos estudos, e outras formas de se (re) pensar os espaços da favela, além de inscrever a materialmente a história e existência da favela da Barreira, conferindo-lhe visibilidade, devolvendo-lhe sua própria história. Este trabalho, reafirmo, move-se entre o dizer e o escutar: de mim mesma e de outros.

As entrevistas em inteiro teor foram trabalhadas em trechos e analisadas ao longo do Capítulo IV, compreendemos que de certa forma esse exercício favoreceria ao leitor acompanhar as dinâmicas da favela, demonstrando a inserção do contexto das narrativas e a função da própria história oral de vida para os colaboradores, evidenciando a robustez da oralidade assumida como corpus primordial em nosso trabalho.

A preocupação inicial consistiu em compreender como os colaboradores se sentiam morando na Favela da Barreira, e o que o espaço significava para eles; por assim dizer, o pertencimento, objetivando responder à questão nodal, que consiste em entender como se forma o tecido da rede cultural na produção de saberes e conhecimentos da favela, pergunta de semiose simples: “O que é a Barreira pra você?”. Essa é a pergunta geral formulada neste trabalho, que ordenou sua elaboração, mantida como pergunta de corte.

É bem verdade que o onírico também teve uma boa colaboração, definindo o pertencimento como elemento de fundo para estudo da produção do conhecimento da favela estudada. Sonhei que estava em aula com meu preceptor e orientador e outra professora do nosso PPGHCA, Professora Rosane Cristina de Oliveira.

O curioso é que de fato essa parceria aconteceria em uma de nossas disciplinas, e no sonho a professora Rosane me sugeria “Por que você não parte da batata para explicar a favela?”. No mesmo dia, encontrei a professora nos corredores da universidade e, conversando com ela, falei o que havia eu sonhado. Com muita naturalidade, ela compreendeu o sonho como uma metáfora, ou seja, como a imagem de pertencimento a terra.

As raízes de existir, de pertencer, de ser como se é, ainda que inserido na possibilidade de estar. E cá estamos. Eu, “a batata”, a pesquisa e a Barreira.

A pergunta de corte exigiu um percurso no tempo, nas memórias do lugar, muito além da análise propriamente física e geográfica da favela, mas demandou uma busca na construção afetiva mantida entre os moradores e a favela, bem como os caminhos fora da favela que eram percorridos, diariamente, por seus moradores, indicando a base empírica de nosso estudo, e... "a busca pela batata".

Entender a favela demandou trabalho, inicialmente que se situou em dois pontos: externos (físicos) e internos (imateriais), ou seja, analisar o espaço, as pessoas, e as relações entre pessoas e o espaço.

Por essa razão, os bairros de Madureira e Irajá reiteradamente surgiam nas entrevistas como bairros de rota dos moradores, e em pesquisa mais aprofundada foi possível descobrir o estreitamento dessas rotas. O bairro de Madureira, por exemplo, desde a década de 20 distribuía alimentos gratuitamente nas imediações do Mercado de Madureira, como lembrou Dona Lalá em sua entrevista, sendo o bairro de rota de acesso à justiça para os moradores da Barreira, uma vez que a localidade da favela é de competência do Fórum Regional de Madureira, que fisicamente se situa no bairro de Cascadura, na Rua Ernani Cardoso.

O Mercadão de Madureira beira até os dias atuais a linha do trem, desembocando no bairro de Rocha Miranda. Na narrativa de alguns moradores, familiares contavam com a doação de legumes e verduras, razão pela qual optaram por morarem nas proximidades do bairro de Madureira, vindo a ocupar o então bairro de Rocha Miranda; ou seja, eram atraídos pela chance de morar no bairro pela fácil localização e locomoção para os demais cantos da cidade.

O bairro de Irajá se mostrou, ao longo das histórias de vida, o esteio *de vida e morte*, como na narrativa de alguns entrevistados, por ser o bairro contíguo à favela, que recebe e sepulta seus mortos, conta com estruturas que o torna considerado pelos moradores uma espécie de "capital" da favela, alberga um posto de Previdência Social, que fornece os benefícios sociais, auxílios e aposentadorias dos moradores, sendo ainda o bairro mais próximo com hospital mais perto para atendimento de relevante complexidade para os moradores. Além disso, a entrada da Favela, conta com linha de ônibus (685) que leva até o bairro de Irajá (Irajá-Méier).

Assim sendo, respeitando as rotas fornecidas pelas histórias de vida, buscamos nos laços (que uniam e ainda unem) a Favela da Barreira e Irajá, seguindo a rota de alguns dos entrevistados, que migraram para Barreira, mantendo parentes ainda em Irajá, como Dona Lalá, tendo no bairro uma opção externa, ou uma negociação de moradia na favela, uma vez

que as despesas economizadas são destinadas ao supermercado no bairro de Irajá, segundo alguns entrevistados como Pitbull, e Aparecida o mais barato e adequado para as compras mensais.

A entrevista da moradora Tia Dadá, que frequentemente vai à missa da Igreja Nossa Senhora da Apresentação (Irajá), ampliou as descobertas. Em pesquisa de campo, junto a Igreja Nossa Senhora da Apresentação (antiga sede da Freguesia de Irajá), pudemos obter materiais que contribuíram para o entendimento das razões que fazem com que o bairro de Irajá seja uma espécie de Capital para os moradores da Barreira.

A partir da compreensão dos sentidos das histórias de vida que insistiam em mencionar Irajá como uma espécie de extensão da Favela, foi inevitável a ampliação do campo de pesquisa, o que nos levou a situar o bairro de Rocha Miranda e a Favela da Barreira, a partir de suas relações territoriais com o bairro de Irajá. Pudemos perceber que se trata de uma ligação que ultrapassa o tempo e a organização do subúrbio, que consolidou os espaços de Rocha Miranda, ainda nos domínios da então Freguesia de Irajá.

Nesse sentido, buscamos o percurso e conexão entre a Favela da Barreira, o bairro de Rocha Miranda e Irajá, onde pudemos, após visita no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, então, descobrir que o espaço territorial do bairro de Rocha Miranda era fincado nas terras da Freguesia de Irajá, que mantinha como gestor da Freguesia Honório do Amaral Gurgel, nome atualmente do bairro também pertencente à parte da Favela da Barreira, situada entre os limites de Rocha Miranda e Honório Gurgel.

Dessa forma, a pesquisa junto aos moradores nos encaminhou à busca e compreensão de alguns aspectos espaciais e geográficos, que trouxeram sentido e simbologia à fala de nossos entrevistados, demonstrando os atrativos que faziam do bairro de Rocha Miranda uma opção de moradia, como a importância do trem na região, o que determinou a vinda de algumas famílias entrevistadas para o bairro.

Outros fatores foram determinantes como atrativo para a vinda e ocupação do bairro de Rocha Miranda e seu entorno, como a distribuição gratuita de alimentos no Mercado local de Madureira, a abertura de ruas na criação do Bairro de Rocha Miranda (1916), a subdivisão da Freguesia de Irajá na criação de Circunscrição (até hoje vigente), delimitando os espaços em bairros como Rocha Miranda, Honório Gurgel, Coelho Neto, Madureira e Turiaçu.

Nessa dinâmica, a Favela da Barreira mantém o bairro de Irajá como uma espécie de célula *mater*. Esse sentido se manteve, mesmo com a reorganização política e geográfica do espaço. O trajeto apresentado favoreceu a compreensão do processo de urbanização do bairro

de Rocha Miranda e a ocupação de espaços mantidos e categorizados como favela, o que nos conduziu ao entendimento das histórias de vida com mais acurácia. O critério de escolha da oralidade para o desenvolvimento do trabalho aqui revela sua importância, sendo, então, o norte e o ponto chave ao entendimento da rede social do bairro para a favela.

Para promover a urbanização e abertura de ruas no bairro de Rocha Miranda, o aporte de mão de obra necessária vinda de trabalhadores de vários lugares do Estado e de fora, formou o assentamento da Vila Operária Diamantes, atualmente composta pelas favelas Cônego Boucher Pinto, Beco do Juca e Favela da Barreira segundo dados do SABREN[7].

A formação da Vila Operária Diamantes tem relação direta com a formação da favela estudada, que mesmo após a urbanização do bairro, o complexo de favelas[8] situada nas imediações da Rua dos Diamantes vem crescendo exponencialmente, principalmente a Favela da Barreira, que segundo a história de vida narrada por alguns entrevistados, como Senhor Getúlio, cresceu muito desde a década de 50, quando se iniciaram as escavações para a venda de lotes no local. Essa temática é desenvolvida e descrita na segunda parte de nosso estudo.

Alguns pressupostos gerais norteiam a construção do presente trabalho. O primeiro consiste em decodificar a oralidade da história de vida de moradores (a trajetória de uma favela invisível), para o código escrito, o que está para além de transladar vozes, mas também trabalhar em prol da visibilidade das histórias e experiências e seus significados.

O segundo pressuposto norteador é que trabalhar com a memória exige a consideração de diversos embates, entre lembrança e esquecimentos, tempo e memória, de memórias subterrâneas, aterradas, mas não tanto esquecidas, permeada pela construção afetiva, ou ainda o embate silencioso e particular entre os pactos locais e pessoais, do que se pode ou não dizer, consolidando entreditos.

O terceiro pressuposto parte da conjugação dos dois primeiros, que encaminha ao respeito do silêncio dos entrevistados e da resistência em não querer falar sobre certos assuntos, onde os mesmos justificam o “não falar” ou omitir suas falas, seja pela violência local ou por questões pessoais que ainda aflige os entrevistados, que demonstram algum tipo de dor, como separação, perdas, ou ressentimentos emergidos pela lembrança.

Por essa razão, optamos pela adoção de um roteiro de apoio, flexibilizado para a condução das entrevistas, vez que adotamos a prática do narrador pleno, sem perder de vista o

---

7 Sistema de Assentamento de Baixa Renda

8 devidamente cadastrada no SABREN – Sistema de Assentamento de Baixa Renda. Fonte: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html

percurso da história de vida dos colaboradores. Ressalto que os entrevistados foram plenos em suas falas, relatando-nos o que sentiam e queriam revelar.

Por essa razão, algumas entrevistas de história oral, deixaram de mencionar alguns aspectos da trajetória de vida de alguns de nossos entrevistados, mas por escolha deles mesmos, que elegeram o que revelariam, e sobre o que não gostariam de falar nas respectivas fases de suas vidas. Por respeito a nossos colaboradores, não insisti. Isso implicou num resultado de entrevistas não tão estruturadas como se esperava, porém com muita riqueza, contribuindo para o nosso estudo, indicando-nos outros elementos de negociação e embates do próprio espaço, que não esperava descobrir.

Os relatos circularam nas fronteiras da polarização entre lembrança e esquecimento, e nos pactos locais de silêncio, ou desconforto em mencionar alguma fase da vida do entrevistado. Essa análise será objeto do quarto capítulo. Como moradora consegui compreender a real dimensão desses embates, entendendo os signos do que o silêncio vertia, vivendo, tentando escutar o não dito. A violência sempre se colocou como uma problemática tornando o campo volátil, em todos os sentidos, inclusive simbólica.

A função social da pesquisa, que se debruçou na abordagem (e não estudo propriamente dito) etnográfica da Favela da Barreira e na produção do conhecimento local, pretendeu devolver a seus moradores a história do seu lugar, escrita por eles mesmos, possibilitando aos moradores o direito à sua própria história, a partir das experiências apreendidas no cotidiano, e do lugar em que atuam, revelando outra dinâmica de produção social e cognitiva, evidentemente mediado pelo nosso próprio trabalho de compreensão e escrita.

A narrativa demonstrou-se mediadora na decodificação das vivências produzidas no tear da vida na Barreira, contribuindo na compreensão do tecido local, no mapeamento das relações sociais por meio das histórias de vida.

No entanto, para, além disso, a história oral se desvelou como instrumento que transcendeu a metodologia, revelando seu próprio critério ontológico na pesquisa, principalmente quando compreendemos que o encontro do conceito cunhado, de biodiscursividade, emerge das narrativas e do sentido associativo das dinâmicas do espaço para a construção dos sentidos e organização cognitiva dos sujeitos.

O tecido narrativo, cotejado como narrativas que vertem figurativamente imagens que estruturam e significam a favela (de forma individualizada, a partir das relações coletivas), revela uma série de arranjos do sujeito (entrevistado) com o espaço, conferem sentidos entre

tais elementos (que integram o lugar e organizam o espaço em si), consolidando convergências (ou não), que conduzem por sua vez, formas de compreender e ler o mundo. Essa dinâmica conduz (por derivação ou de forma originária, ainda que intuitivamente) o conhecimento que encontra, na associação de fatos que ocorrem na favela, o resultado do processo de interação social que formula a constelação de convergência entre o Ser e o espaço. É nessa relação que o conhecimento se produz.

A busca pelos indícios que pudessem capturar nessa relação, a produção do conhecimento comum (capitaneado na realidade do cotidiano) implicou na decodificação de saberes codificados, em compreender os códigos de vida, linguísticos, e de escritas do grupo, no movimento de desconstruir para, então, (re)construir o objeto observado, gerando assim reflexões e saberes, não só (re)produzindo conhecimento, mas propondo outras reflexões do espaço, a partir dele mesmo.

A concepção ampliada da produção do conhecimento (comum) propugnou a ruptura necessária de formas de conceber o saber científico, elegendo o conhecimento comum como elemento de verificação de papéis individuais na sociedade, cotejado nas histórias dos os moradores da favela, titulares de suas próprias histórias (e por que não dizer, nossos referenciais pragmáticos), que nos conduziu ao caminho para escrita da voz alheia.

Na tentativa de basear nossos estudos ao âmbito das produções do homem na favela e não no estigma[9] "do homem da favela", partimos da compreensão da essência da educação informal (GOHN, 2010), e do conhecimento comum produzido no *quotidiano* (MAFFESOLI, 1987) o que nos conduziu à análise dos sentidos das relações entre o homem, o espaço e o lugar, a partir das histórias de vida. Esses elementos nos remetem à experiência humana como mote de nosso estudo, que nos guiou às formas de produção do conhecimento comum na favela.

Daí o relevo da história oral em nossa pesquisa, arrimada ainda na consideração de estudos recentes, os quais têm motivado aproximações entre a produção de conhecimento gerada por grupos que residem em espaços urbanos "vulneráveis", em relação a outras manifestações urbanas e sociais, externas à Favela da Barreira.

Procedido ao trabalho empírico, o referencial teórico aplicado ao estudo levou em conta a análise dos discursos dos "colaboradores", permitindo perceber os valores fixos e os negociáveis, facilitando assim aproximações e diálogos, levando-se em conta a compreensão

9 O estigma do homem da favela, marcado pela marginalização que afeta o próprio espaço da favela

das formas de tecer o conhecimento local aliado às reflexões de trabalhos sobre o uso e expressão da memória.

Nosso estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Grande Rio – Unigranrio, sem qualquer restrição, apresentado em 09.03.2016, aprovado sob nº. 54545816.2.000.5283 desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Cultura e Arte, com aporte na linha de pesquisa vinculada *"Narrativas, Práticas Sociais e Poder"*, oriundo da área de concentração em Ciências Humanas e Sociais: Corpo Urbano, Legado Histórico, Legitimidades e Direitos, realizado com subsídio de bolsa FAPERJ.

Mesmo compreendendo que a escolha da história oral pareceu-me inicialmente óbvia, com o deslinde do projeto, mostrou-se mais do que adequada, superando as expectativas metodológicas. No entanto, mesmo outros desafios surgiram. Enquanto alguns interpelavam o formato diferenciado da condução da pesquisa, indagando acerca do referencial teórico, busquei no caminho inverso para desenvolvimento do estudo, qual a um namoro com o contra método de Feyerabend (2011).

A partir da oralidade e de sua compreensão foi possível delinear e estabelecer as conexões teóricas reverenciadas pela academia. O objetivo, desde o início, foi partir da história de vida, da oralidade desvelada na contribuição de cada morador que colaborou com nossa pesquisa, afinal, o trabalho é deles também, portanto, não seria estranho afirmar que nosso referencial teórico inicial foi cada um dos ilustres "desconhecidos" que com tanta dedicação compartilharam décadas de vida, de dor, alegrias, anseios e conquistas.

Para muitos acadêmicos, talvez, essa assertiva cause certo incômodo, mas confesso que o caminho percorrido no asfalto da pesquisa me mostrou a presença de certa "intelectualidade orgânica" no cotidiano da favela, o qual emerge de uma forma muito própria, saberes e conhecimentos comuns os quais conferem suporte a vida e ao espaço da favela. Se nossos ilustres "desconhecidos" pela formalidade acadêmica não puderem ser necessariamente reconhecidos como referenciais teóricos iniciais, nesse ponto podemos considerar que foram eles que nos conduziram à percepção da possibilidade da produção intelectual a partir do conhecimento comum na favela.

A ideia da presença de saberes e conhecimentos comuns cambiáveis e não fixos ou únicos, mas multicêntricos, polifônicos e mobilizados, que circulam exclusivamente no espaço da favela emergida a partir das oralidades, nos encaminhou a teóricos conceituais delineando um referencial bibliográfico analítico próprio: Maffesoli (2010), Mauss (2003), Tuan (2012).

No entanto, as narrativas e relações humanas foram cotejadas para além desses referenciais, no exercício compreensivo analítico entre o narrado e o experienciado. Nesse sentido, foi possível acompanhar as estratégias de sobrevivência dos moradores e as negociações com o espaço, problemas e soluções que fazem do cotidiano uma possibilidade de aprendizado e desafio para cada morador.

A inclusão da favela, por exemplo, nas redes sociais em busca da circularidade maior no fluxo de informações da favela e oferta de serviços, eventos, e todos os acontecimentos do lugar, estendeu mais uma vez o campo: Já não observava a Favela adstrita a ela mesma, mas também fora de seu espaço físico, mas na ambiência das construções afetivas que se impunham.

A criação do jornal local comunitário, idealizado por um dos moradores, a prática do café social gratuito, oferecido diariamente pelo Núcleo Ecológico das Pedras Preciosas - NEPP, acolhendo e integrando os moradores com o espaço, o trabalho voluntário de reflorestamento do espaço da favela, com doação de mudas gratuitas, incluindo ervas medicinais configuram algumas das muitas ações sociais promovidas pelos moradores da favela. Existe a busca por ampliar a integração dos moradores com o espaço, estratégia para aproximar os moradores novos e antigos, fortalecendo as relações na favela.

Essas relações foram, durante o período da pesquisa, meu próprio *lócus* de observação, integração e apropriação. A memória expressa pela vivência e afinidades indica o efeito da experiência comunitária, marcando os elementos identitário do grupo (HALBWACHS, 1990).

A metodologia de pesquisa promoveu o acolhimento de trajetória de vida de moradores antigos e dos mais novos, de vários pontos da Barreira (Beco, Encosta e Centro), de frequentadores, possibilitando o percurso de um caminho que mostra a favela (auto) organizada por grupos distintos de moradores, que por vezes não mantêm tanta proximidade uns com os outros.

Essa dinâmica promoveu certa diversidade nos grupos e fora deles, reverberando na organização social e espacial da favela, que revelou inclusive o dissenso na fala dos moradores que, por vezes, não percebem a Favela da Barreira como de fato uma favela. Alguns dos moradores não concebem o espaço como favela. A mesma distorção se dá em decorrência dos limites territoriais: os moradores não encontram parâmetro para afirmar se a Favela da Barreira está nos limites de Rocha Miranda ou de Honório Gurgel, como revelado nas entrevistas de Xico, Morena e outros colaboradores.

Descobrindo os elos entre a Favela da Barreira e o bairro de Rocha Miranda revelado pelas narrativas, cumpre-nos aqui também conferir relevo às fontes coadjuvantes, ou subsidiárias consultadas, como acervo do Arquivo da cidade do Rio de Janeiro, o arquivo da Biblioteca Nacional (Hemeroteca), a Região Administrativa local, a Prefeitura da cidade, Jornais, revistas, as quais nos ofertaram lastro histórico-espacial.

Essas fontes, aliadas ao lastro das entrevistas, forneceu-nos subsídios para o entendimento da formação do bairro de Rocha Miranda, e seu processo de urbanização, o que viabilizou a compreensão das práticas urbanas da Cidade do Rio de Janeiro no século XX para com a formação do bairro (1916) e a ocupação do espaço bairrista que se torna a Favela da Barreira (1959), situando a especulação imobiliária como um caminho ao entendimento da organização local, delineando traços metodológicos da história oral híbrida de nossa pesquisa.

A estrutura de nossa tese, proposta pelo caminho que o conjunto do tecido oral nos forneceu, e a alegoria utilizada para estudar o espaço da favela, nos inspirou a estruturação da tese em 3 Atos, seguindo a programação de uma ópera, iniciando com o Prologo, evidenciando a relevância e natureza da proposta de estudo; o 1º Ato da Arena Polifônica, apresentando elementos que levaram a esquematização e organização da tese, delineada pela história oral como fio condutor da pesquisa, estruturada em quatro capítulos, com Prólogo e Epílogo, visto que a realizar o translado da favela, dos códigos orais para o escrito, demanda antes de mais nada, entender que a favela é um lugar dinâmico, e suas relações dinamizam diariamente reelaborando a vida e as regras de conivência locais, portanto, tal vitalidade não poderia ser resumida ou subsumida numa introdução ou conclusão, por não fazer jus ou espelhar a mobilidade que permeia a favela.

Prólogo: Favela da Barreira uma opera de resistência – Carreia um introito onde indicamos a natureza de nosso trabalho de pesquisa, como sendo um produto de ruptura de paradigmas ancorado na ideia de resistência dos axiomas fixados para o tratamento e abordagem da favela, então compreendida por "espaço precário". Emerge assim a construção da figura do subalterno, e as teias que formam a concepção de resistência como elemento central da pesquisa, em todos os aspectos, dialogando com a vida e suas organizações internas na favela.

1º Ato: A arena Polifônica – Compreende os Capítulos I e II. Nesse espaço discorremos acerca das reminiscências do trabalho de história oral na favela da Barreira, vertida pelas

notas do caderno de campo, fonte das impressões e da abordagem compreensiva da circularidade do tecido oral na favela, revelando a relevância do instrumento metodológico para o entendimento das dinâmicas locais produzidas.

Capítulo I - Trilhos e Caminhos de Construção da Pesquisa: aqui, indicamos a história da construção do projeto, a escolha das redes e estruturação das mesmas, delineando o trabalho da história oral e o encontro com os moradores da favela elencando o percurso metodológico de construção do estudo salientando a utilização do método hibrido de história oral concebido por Meihy (2014) e Delgado (2006);

Capítulo II - A História Oral, nas linhas do Tempo, da Memória, da Identidade e do Conhecimento na Favela da Barreira: onde buscamos definir o recorte teórico conceitual, que norteou o trabalho com memória, identidade, e tempo, espaço, lugar e representação da favela, referenciando a memória como suporte de identidade; a favela como objeto de representação do tempo e do espaço; a história local e histórias de vidas e suas trajetórias, espaço, lugar e pertencimento como marcadores sociais das narrativas; a construção de micro direitos na favela; e finalmente demarcamos, na última seção deste capítulo, as rupturas e legitimidades epistemológicas na produção de saberes e conhecimentos.

2º Ato, A Aria do Percurso Histórico – Compreendeu o arco do percurso histórico que situa a favela da Barreira na cidade do Rio de Janeiro, e como os elos afetivos de alguma forma se perpetuaram no tempo e nas (re) organizações do espaço, o que se justifica na medida em que as narrativas demonstraram uma identidade de moradores tecida junto com o espaço (territorial) da favela, emergindo daí a necessidade de entendermos a "história de vida do lugar mediada pela história do território" e como essas histórias se mesclam com as histórias de vida, evidenciada pelas narrativas, o que nos levou a elaboração do Capítulo III para compreendermos, o mosaico estabelecido entre a Cidade do Rio de Janeiro, o bairro de Rocha Miranda e a Favela da Barreira buscando assim assimilar o conteúdo narrativo que demonstrou ao longo da pesquisa como as identidades pessoais e coletivas caminharam junto do desenvolvimento local.

Assim, no **Capítulo III - O Mosaico Urbano Carioca, a cidade, o bairro de Rocha Miranda e a Favela da Barreira**: partimos da memória urbana da Freguesia de Irajá para situar o território do Bairro de Rocha Miranda e a Favela da Barreira, relembrando a trajetória

urbana e suas transformações, da Freguesia de Irajá, até a urbanização do bairro de Rocha Miranda, passando pelo advento das estradas de ferro, da mobilidade urbana, a abertura das ruas no bairro de Rocha Miranda, as favelas do bairro, até a construção da Favela da Barreira, e suas especificidades decorrentes ainda da especulação do solo urbano na área. O Capítulo volta-se à finalidade de compreendermos a extensão do campo de pesquisa que o tecido oral indicou, estabelecendo territorialidade à favela da Barreira, daí a necessidade de perscrutar conexões territoriais com que a Favela está inserida e de sua circularidade, apontadas nas narrativas.

O 3º Ato, A Coreografia Estrutural na Dança das Narrativas, aporta o **Capítulo IV A Geografia Afetiva Da Favela Da Barreira: Etnografando o Espaço no Tecido Narrativo –** Apresentamos as 12 (doze) entrevistas divididas em três blocos diferentes que reúne no primeiro bloco as experiências do morar em ***Espaço e Cotidiano***, apresentando 4 (quatro) narrativas: Helenice, Getúlio, Dona Lalá e seu filho Nogueira, encerrando a seção analítica com *A identidade de pertencimento na simbiose de vida e espaço.* No segundo bloco, reúne mais 4 (quatro) entrevistas dos colaboradores Jocelino, Xico, J.C. e Tia Dadá, apresentando as experiências de trabalho e contribuições a partir das ***Apropriações e produções*** na Favela, encerrando o bloco com a seção analítica intitulada *Os orgânicos contemporâneos da Barreira, a cidadela educadora.* No terceiro e último bloco, reunimos as experiências de ser e estar na favela, com o mesmo titulo, ***Entre ser e Estar na favela***, onde conjugamos mais 4 (quatro) entrevistas entre elas de Pitbull, Barbosa, Morena e Aparecida, encerrando com a seção analítica com *O elemento biodiscursivo na construção de identidades e cultura local*, todos os blocos consolidando o

Epílogo – carreia notas de conclusão da pesquisa, o encerramento e a inscrição de um lugar chamado Favela da Barreira, revelando a mutabilidade e mobilidade da(s) identidades da Favela da Barreira, mediadas pelo cotidiano, expressadas nas memórias como prática social local, nas narrativas, atreladas a diversos fatores, não sendo, portanto estática, apresenta-se como (re)significada e (re)construída ciclicamente, a cada dia, equações de sociais que saíram da invisibilidade para encontrar um referencial nos registros oficiais e acadêmicos, devolvendo aos moradores suas histórias de um lugar agora conhecido e inscrito na história.

Encaminhar a pesquisa, com esses elementos, configurou a importância da integração pragmática da história oral como instituto matizado de grande relevância na conjugação da pesquisa e de sua função social.

O encontro das narrativas, que não se ateve a mera entrevista, mas encaminhou-nos a compreensão e leitura da realidade, na proposição de reflexões e construções humanística, como sendo a essência da função social da pesquisa desenvolvida, desvelando a favela da Barreira como arena polifônica e o entendimento de sua identidade como produto multifacetado e polissêmico.

CAPITULO 1 - TRILHOS E CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

> *"Na experiência etnográfica, por conseguinte, o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação. Evidentemente, precisa aprender a conhecer-se, a obter de um si-mesmo, que se revela como outro ao seu eu que o utiliza, uma avaliação que se tornará parte integrante da observação de outras individualidades. Cada carreira etnográfica tem seu fundamento nas "confissões", escritas e inconfessadas."* Lévi-Strauss.

1.1 A TEMÁTICA, UM (RE)ENCONTRO LOCAL E PESSOAL ENTRE O "EU" E O ESTRANGEIRO

A proposta da presente pesquisa é resultante de uma série de trabalhos sociais junto a meu pai Paulo César de Almeida Lemos (1950-2007), jornalista por profissão, realizados na Favela da Barreira de Rocha Miranda, ao longo de mais de uma década de dedicação a trabalhos voluntários (1992-2005).

Desta forma que a proposta de estudo se move: antes de qualquer coisa, pela responsabilidade e pela função social, na valorização do espaço da favela, fundada no valor humano e social da comunidade estudada. Parto, assim, da potência do afeto no espaço e das redes internas estabelecidas pelos moradores, e nos sistema organizado que essas redes integram, voltados à proteção, perpetuidade e sobrevivência no espaço.

Além disso, para continuidade de um trabalho que consistia no reconhecimento a partir da compreensão e do acolhimento, talvez o afeto pela favela tenha sido marcado pelas ações de meu pai, e como legado deixado, o compromisso em concluir, de alguma forma, o trabalho iniciado por ele, uma vez que o afeto nos mobiliza e nos permite novas formas de nos dizer para nós e para o outro.

A primeira vez que entrei em uma favela, aconteceu na Barreira. Tinha meus 12 anos de idade, e confesso que nada na vida tinha me preparado para aquele momento. Era, então, meados da década de 1980, vinha com meus pais a uma instituição espírita que fazia caridade, doava alimentos, roupas, enfim... fomos trazidos pelo meu tio Bira, irmão de meu pai, que também ajudava o lugar como podia, o centro espírita de Dona Lalá. Meu tio Ubirajara Lemos, trabalhava na REFER[10] - Rede Ferroviária Federal na época, com o filho da zeladora da instituição, moravam no bairro de Turiaçu e nós, meus pais e eu, em Cavalcante, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Meu pai sempre esteve engajado em causas sociais, tanto que mesmo mantendo condições financeiras para custear meus estudos em escolas particulares, optou por manter-me

10 Atualmente supervia.

sempre na escola[11] pública, e naquela escola aprendi muito, no alto no morro, no número 46 da rua dos Lírios no bairro de Cavalcanti fica ainda hoje a Escola Rosthan Pedro de Farias. Meu pai sempre me dizia: "Filha, é pra você aprender que o mundo não é só aquilo que você tem; é mais o que você não tem." Confesso que na época eu não entendi muito, mas ao longo da vida percebi o que ele falava.

E assim fui aprendendo a me relacionar com colegas de diversas etnias e classes sociais. Até hoje, essa escola é minha referência de vida, sempre a visito em época de eleições política, a mantive para além de um domicilio eleitoral, mas do *lócus* de exercício de aprendizado e cidadania.

Então, quando o acompanhei a mais um dos trabalhos que ele fazia na Favela da Barreira, no meado da década de 1980, lembro perfeitamente do que senti: um medo atroz! Mais ainda pelo aspecto do espaço: um chão de barro vermelho batido, sem asfalto, algumas casas em alvenaria e outras que mantinham telhas de zinco improvisando paredes, crianças jogando o que pareciam ser farrapos em forma oval ou, talvez, uma bola rota, sem chinelos pelas ruas. Outro grupo de crianças brincando de polícia e bandido, brinquedos que simulavam armas, ganhando relevo nos gritos e simulações que os pequenos faziam. A única coisa que esbanjava no lugar era a alegria da molecada correndo pela rua, gritando, gargalhando ou andando com velotrol quebrado.

O que me impressionou na época, além das brincadeiras, eram os pés descalços, russos pela poeira em demasia do barro batido, as barrigas inchadas e desnudas; Dessa forma, iam as crianças e mães em filas intermináveis na porta da Associação dos moradores, à época gerida pelo Sr. Jocelino Cavalcante Porto, na busca de um vale-leite ou de cesta básica. Muitas dessas crianças sucumbiram para a violência e perderam a vida ao longo dos anos. A campanha do leite, voltada para doações de sacos de leites, na época tipo CCPL[12], acondicionado em sacos plásticos, muito diferente das caixas tetra pak de hoje, era por vezes a única oportunidade das crianças terem acesso ao alimento, que precisava ser fervido antes do consumo; mesmo assim, as crianças adoravam, não raro bebiam do próprio saco.

Aquele cenário contraditório, onde emergiam tanto alegria quanto a negligência social, iam de encontro a tudo o que eu estava acostumada, foi o primeiro embate entre o Eu, e o estrangeiro, o outro que ali se apresentava. Ao mesmo tempo, era o processo educativo que meu pai escolhera para mim: era preciso que eu entendesse que o mundo ia além do que meus olhos podiam ver e do que meus pais poderiam me proporcionar. Acredito que tudo o que vi,

11 Escola Municipal Rosthan Pedro de Farias situada no bairro carioca de Cavalcante
12 Cooperativa Central dos Produtores de Leite

vivi e senti me encaminhou ao curso de Direito e à vontade de dar voz a quem é silenciado em diversas esferas. Conviver com a falta me fez grata por "ter", e sensível a quem precisa do pão, do afeto e da visão, me encaminhou ao "ser".

Os anos seguintes foram marcados por ações similares como: campanhas que pudessem arrecadar alimentos para elaboração de cestas básicas e redistribuição para os moradores; além das campanhas de agasalho, doação de brinquedos usados, tudo organizado pelo Jocelino, meu pai e outros moradores que colaboravam com a associação.

O espaço da favela era marcado pelas doações e eventos sociais, isso era uma festa para muitos, tanto para quem doava como para quem recebia principalmente para quem se envolvia nos trabalhos voluntários. Embora houvesse moradores com certo poder econômico, a maioria na época carecia de ações sociais, principalmente quando o objeto destas ações voltava-se a emissão de documentos tais como identidade, CPF, certidão de nascimento, carteira de trabalho, tudo que pudesse dar um tom de cidadania ao lugar. Para ser sincera, nunca vi tanta gente vivendo sem documento como naquela época, o que ainda acontece nos dias de hoje com menor intensidade, pois perdem suas identificações nas chuvas fortes que por vezes arrastam as telhas de amianto, barro ou zinco, infestação de cupins, ou umidades. Essa perda de documentos só corrobora o que, para alguns, sempre fora recorrente: a invisibilidade.

Um de muitos desses momentos consistiu no preenchimento dos cartões de declaração de isento no imposto de renda - DAI[13], demanda obrigatória sempre no início do ano àquela época. A lembrança mais viva que tenho dessas ações está na fila interminável que se formava no portão da casa de número 49A, onde meu pai atendia a quem precisasse de sua ajuda, trabalho dividido com o espaço da sede do NEPP.

A crença de que as pessoas que formam -e transformam- o grande tecido social através de seus atos e costumes se tornaram evidenciadas com as ações realizadas pelo grupo da Associação e por meu pai, junto a seu companheiro de luta Jocelino Cavalcante Porto. Este tendo se tornado, então, líder comunitário da Favela da Barreira em Rocha Miranda (BRM), a dedicação e acolhimento de simples gestos substituíam pouco a pouco algumas carências mais latentes.

Lembro-me de que, muito jovem ainda, secretariava algumas das reuniões da associação, escrevendo o que acontecia ali. Meu pai também escrevia, mas outros não sabiam

13 DAÍ – Declaração Anual de Isento era formalizada com preenchimento em formulário próprio e postada nos correios visando garantir a regularidade do Cadastro de Pessoa Fisica (CPF). Extinta no ano de 2008, pela Instrução Normativa – IN RFB 864/2008 de 25 de julho de 2008.

ou diziam não conseguir a desculpa mais comum era “problema de vista”, o fato é que descobri, recentemente, que pouquíssimos moradores na época sabiam ler ou escrever, ou tinham grandes dificuldades. Minha participação nessas reuniões significava muito para todos os envolvidos, e para mim mesma: meu pai se sentia realizado ao me mostrar que era possível lutar por pessoas que foram silenciadas ou por um espaços relegados a invisibilidade; a favela entendia que todos – jovens, adultos e idosos - poderiam contribuir; e eu me formava e me preparava para uma caminhada cuja escuta atenta é essencial: seria advogada.

Mesmo com o câncer consumindo as últimas forças de sua existência, meu pai se dedicou ao trabalho na Favela da Barreira, sempre acreditando na força de transformação do trabalho, no lugar e nas pessoas. No entanto, na madrugada do dia 10 de abril do ano de 2007, a favela da Barreira silenciou-se ante a partida de meu pai, que se despedia fazendo de sua nova morada, os Campos Elíseos de Hades. A favela perdia uma força de trabalho significativa, mas muito de meu pai ficou em mim e em muitos outros, e na própria favela da Barreira. Me despedi da favela junto dele, a permanência era dolorosa demais. Mas com o tempo, a distancia mostrou que a favela da Barreira ainda representava muito do que as memórias de meu pai, mas tudo o que ele acreditava estava nela.

Durante minha caminhada na vida fora dos limites da favela, a Barreira nunca ficou para trás, se tornou lugar constante, visto que, em virtude do trabalho e da aproximação com a favela, meu próprio pai decidiu se fazer, definitivamente morador no final da década de 90, tendo tecido seu tempo entre o trabalhado e a vida, na casa de número 49A mantendo-se lá até os últimos momentos de sua vida. Essa escolha foi marcada de muitos signos, era certamente a última lição, e mais valiosa que meu pai não queria que eu esquecesse: “do lugar dos esquecidos, a favela”.

Depois do desenlace de meu pai, mantive os compromissos fora do chão da favela, de certa forma, me fiz estrangeira do espaço que eu tanto conhecia, mas sempre tendo na Barreira a marca de minha trajetória. Quando por fim, a dor da despedida se fez mais serena, percebi que precisava retomar a última lição de meu pai e restabelecer os laços com a favela. Mas muitos questionamentos emergiram ao longo de todo esse período, como esta favela vinha se mantendo? O segundo embate se deu: eu agora era a estrangeira, e eles... o que restou de mim e das lembranças de meu pai.

Surpreendentemente, o espaço estava mais organizado, e por mais que a saudade ou o compromisso de aprendizado possam ter me trazido de volta, aliada a um desejo de entregar ao lugar a sua própria história, a necessidade de entender como a vida se mantinha e era tecida

na favela por seus moradores. Se a saudade me trouxe, os questionamentos me fizeram ficar e me mantiveram como pesquisadora: “eu” agora como nativa, e ao mesmo tempo estrangeira pelos anos de distância.

Essa trajetória refletiu e influenciou na escolha de minha formação, o Direito (Unigranrio, 1996-2001) e, certamente, no fascínio pelas relações sociais e pelos direitos humanos. Na participação da pesquisa social que investigou o Tráfico de seres humanos para fins sexuais - PESTRAF (UNIGRANRIO; CECRIA, 2002), tive oportunidade de desvelar um mundo desconhecido, e através de inúmeras entrevistas em campo, pude ouvir várias pessoas, as quais foram aliciadas, vítimas de tráfico internacional para fins sexuais.

Outras, embora demonstrassem consciências de sua opção, não se percebiam como vítimas, o que sinalizava que, além da invisibilidade social e do silenciamento das vozes, algumas pessoas (con) vivem com o esquecimento de si, abrindo mão da oportunidade de sentir até mesmo algumas dores. Esse momento propiciou o encontro com questões da história oral e a construção social dos sujeitos, e a não linearidade das relações sociais, erigida pela diversidade. Percebia, então, que gostaria de escutar pessoas com a sensibilidade humana próxima daquela que meu pai me ensinou. Queria, também, que a academia escutasse essas vozes.

A pesquisa então teve continuidade e se desdobrou em outros projetos, mas o que mais me chamou a atenção nas duas experiências de trabalho, tanto na favela, quanto no campo com a Pestraf (UNIGRANRIO; CECRIA, 2002), foram questões de acolhimento, desveladas por uma presença constante de elementos que se faziam ausentes de forma frequente, fossem pela falta de informação, de acesso a serviços elementares, como no caso da favela Barreira, ou na ausência de serviços que pudessem acolher as egressas vítimas do tráfico sexual, como no caso vivenciado pelas colaboradoras da PESTRAF.

Essa ausência, possivelmente pudesse ser respondida por uma agenda de saúde social que pudesse levar em consideração a realidade orquestrada no cotidiano; isso sem dúvida, inicialmente, instigou nossa investigação. A iniciativa de integrar o projeto Amigos da Escola conduziu-nos à docência na Escola Estadual Pará (ROCHA MIRANDA, 2002-2004) muito próxima da Favela da Barreira, onde o trabalho como professora voluntária em “Cidadania” oportunizou-nos lecionar noções de direito e cidadania a jovens em condição de vulnerabilidade, inclusive muitos jovens e adultos da Favela da Barreira e de outras do entorno.

A experiência significou um aprendizado indizível no acolhimento da então diretora escolar à época Sueli Boamorte Ventura; a escola Pará, que recebia no supletivo jovens e adultos das favelas do entorno do bairro de Rocha Miranda, possibilitou-nos a compreensão de algumas formas de agir do grupo. Essa, sem dúvida, foi-nos uma experiência muito valiosa.

Nesse período, pude perceber o aumento do índice de evasão escolar[14] de jovens e adultos provenientes das favelas. Isso nos despertou o interesse em compreender melhor as formas de produção do conhecimento que se dava fora do ambiente formal da escola, o que, na época, acabou culminando neste projeto, que encontrou nas redes da pesquisa acadêmica de doutorado uma questão genuína de estudo.

Hoje, mais de uma década após desenlace corpóreo de meu pai, tenho o orgulho de reviver novas experiências no espaço da Favela. É como se de alguma forma estivéssemos juntos, trabalhando novamente aqui neste plano, em que posso, mais uma vez, aconchegar-me em seus ensinamentos e perceber que o mundo, já bastante alargado para mim, ainda tem muito a me surpreender. Além disso, posso ser colaboradora na transformação social, quer escutando o outro, lutando por ele ou me permitindo dar voz às pessoas com quem me encontro.

Motivada por essas questões e na busca por melhor entendimento dos problemas que norteavam a vida de pacientes após o diagnóstico e os impactos para a adesão do tratamento ao câncer, após lecionar na área da saúde em curso de atualização, aceitei convite para colaboração junto ao Instituto de Pesquisa Clinica Evandro Chagas (IPEC, 2006-2013) período em que atuei na qualidade de consultora.

No IPEC, atualmente INI – Instituto Nacional de Infectologia trabalhei por sete anos, observando de perto os cuidados com pacientes portadores de doença infectocontagiosa. Essa foi a melhor de todas as escolas, pois conversava todos os dias com pacientes (embora não fosse essa tarefa a mim designada) mas entendia que conhecer os pacientes fazia parte do trabalho que a instituição desenvolve, e nas conversas sempre descobria novas histórias, novas esperanças e insucessos de combatentes que, por um momento, pareciam ter perdido o bom combate, mas ainda assim estavam dispostos a recomeçar. A história oral e as narrativas de vida, outra vez, apresentavam-se a mim e me convidavam à escuta atenta... ao emaranhado de vozes e dizeres.

---

14 com levantamento da Casa Fluminense, publicado no jornal o DIA (18.08.2014) , com base no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2013). A Rocinha, com incríveis 17,1%, lidera a lista, seguida por Jacarezinho, com 14,5% (veja a lista no infográfico). Enquanto a média da cidade é 3%, nas cinco maiores comunidades ela vai a 10,3%. Fonte: http://odia.ig.com.br/noticia/riosemfronteiras/2014-08-18/evasao-escolar-e-maior-nas-favelas-do-rio.html

Percebi que se escolhemos o que fazer por outro lado, perdemos esse governo quando não escolhemos como fazer, uma vez que somos convocados a ações delineadas pelo pragmatismo do cotidiano que por vezes foge as expectativas e planejamentos que delineamos.

Assim, entendi a importância da história oral para compreender as matizes nada lineares do cotidiano, o que mais tarde acabou contribuindo na gestão do serviço de assistência e acolhimento do IPEC[15], na perspectiva da Política Nacional de Humanização da Saúde, onde o relato dos pacientes delineava ações de acolhimento humano dessas relações sócio hospitalares, compreendidas, por mim, como um tecido da saúde social da própria instituição.

A partir das experiências de vida, a saúde se consolidou em nossa própria trajetória de vida, foi assim que iniciamos a especialização em direito sanitário (Fiocruz, 2008-2009), ingressando mais tarde no mestrado em Educação Profissional na Saúde (Fiocruz, 2010-2012). Esses estudos resultaram na dissertação intitulada "Saúde como direito fundamental à vida: uma análise do direito à saúde e sua concepção atual na sociedade brasileira". Nesse trabalho, por fim, foi possível perceber o esgotamento do paradigma biomédico, emergindo o caráter híbrido do direito à saúde, aportado também nas relações sociais, levando-nos a compreender certas questões na área da saúde sob o ponto de vista dos usuários.

A leitura dos dados coletados na dissertação levou à compreensão da saúde não só como direito individual, mas como a realização social e ontológica do sujeito. Muito além da perspectiva de saúde do sujeito está à construção social e individual da saúde, subsidiada pela vida, cuja preservação não pende apenas de assistência e cuidado, mas de acolhimento humano nas relações sociais, o que demandou uma compreensão dos critérios emocionais e afetivos, no reconhecimento do caráter multifacetado da sociedade e da produção humana nela inserida. Essa relação entre produção social e inserção emocional humana possivelmente tenha sido a pedra de toque para nossa pesquisa atual.

A dissertação motivou adesão pragmática voltada ao aperfeiçoamento profissional pela Política Nacional de Humanização da Saúde – Humaniza SUS, onde atuamos como agente multiplicador (Fiocruz, 2006-2013), no acolhimento e atenção às rotinas jurídicas de saúde, gerando como produto a elaboração de um plano estratégico de humanização hospitalar voltado à rotina do Instituto de Pesquisa Clinica Evandro Chagas (EPSJV, 2011),

15 Instituto de Pesquisa Clinica Evandro Chagas, atualmente INI Instituto Nacional de Infectologia – Fiocruz.

desdobrando-se em trabalho de defesa de especialização em advocacia pública (AGU/UERJ, 2012), a partir de estudo de caso realizado à luz do processo de humanização da assistência.

A realização dos trabalhos no âmbito da saúde, considerando que a defesa da dissertação e os demais trabalhos desvelaram algumas questões outras como a saúde social na perspectiva das construções afetivas no lugar onde pessoas têm ou não pertencimento, indagações as quais nos fizeram regressar a Favela da Barreira, comunidade outrora de trabalho, não só como pesquisadora, mas também como moradora.

Nas trilhas deixadas por meu pai, buscamos na possibilidade da vivência a percepção de sentidos das experiências na favela, e, após mais de uma década, restabelecer o trabalho, o contato com o espaço e com os moradores, buscando compreender o processo de construção social e cultural desses espaços. Assim sendo, partimos do entendimento de que a formação e reconhecimento do conhecimento e cultura produzidos no espaço da favela, própria e variados, podem conduzir à (a) identidade(s) que marca(m) não só o conjunto da diversidade comunitária, mas se configuram como elemento axiológico que reverbera na saúde social, intelectual e cultural do grupo.

O trabalho como educadora social voluntária junto ao NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas pareceu necessário e pertinente, uma retomada, fomentando a participação de projetos implementados na Favela da Barreira por diversos atores, inclusive por alguns moradores, pessoas que, por suas expensas, dedicam-se a inúmeros projetos junto ao local, na perspectiva de Educação Solidária e integração local, o que subsidiou lastro para nossa pesquisa.

A atuação no segmento da educação ambiental da Barreira, por exemplo, manteve-se até os dias atuais, um dos moradores e nosso colaborador (Jocelino Cavalcante Porto), que também abandonou os bancos escolares muito cedo e se descreve como "arrimo de favela", após manter por décadas consecutivas inúmeros trabalhos na comunidade, resolveu fundar no ano de 1992, (por ocasião da ECO 92[16]) o Núcleo Ecológico das Pedras Preciosas (NEPP, 1992), sediada na Favela da Barreira, instituição voltada à educação ambiental, e resgate da tradição de manipulação de plantas medicinais e (re)plantio nos espaços das favelas do Rio de Janeiro.

Pelos anos em que acompanhamos a adesão dos moradores e as transformações nos espaços da favela motivaram-nos a propor estudo que pudesse desvelar os processos de construção da identidade cultural da Favela da Barreira, no sentido de propor reflexões as

16 ECO 92, foi a Conferência das Nações Unidas objetivando a discussão sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, sediada no Rio de Janeiro, no mês de Junho do ano de 1992.

quais possam contribuir com elementos da emancipação emocional e/ou social dos colaboradores.

Esse exercício encaminhou o reconhecimento das produções possíveis no espaço da favela, colaborando para (re) construção da percepção do próprio espaço, alcançando concepções outras, rompendo com estigmas e dogmas, marcas historicamente consolidada da favela.

1.2 A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO PROJETO

A proposta de pesquisa com abordagem etnometodológica de uma Favela não é novidade; todavia, se considerarmos a singularidade de cada espaço, compreenderemos que é necessário apreender as histórias que os mobilizam singularmente. É assim, a partir da valorização desse mote histórico e humano e singular, que partimos a desvelar a memória material e imaterial da Barreira de Rocha Miranda – BRM.

O projeto nasceu da observação e convivência no espaço da favela, onde pude perceber a conjugação estreita entre a pobreza extrema de alguns cantos desse espaço, coabitando simultaneamente com a luta incessante pela sobrevivência evidenciada nas elaboradas estratégias e negociações diárias impressas no cotidiano. Isso tudo está delineado por franco sentimento, em geral de amor, colaboração e celebração entre os moradores. É importante observar, então, não apenas a forma como os moradores se percebem como pertencentes (ou não) à favela, mas como se reconhecessem uns aos outros. Essa produção humana, tecida na voz e no olhar do outro, também configuram este processo de pesquisa, uma vez que me coloca como observadora e residente deste fluxo humano dinâmico.

Até pouco tempo, não entendia de onde poderia haver tamanha força e alegria em pessoas inseridas num cenário tão precário: crianças sem chinelos, com abdomens protuberantes, representando o seu próprio elo existencial com a cadeia de verminose, brincando com suas pipas, seus piões, jogando bola ou catando restos de brinquedo junto ao lixo que ornamentava as ruas. Pontuo que algumas pessoas convivem ainda hoje com o esgoto, sem saneamento e sem água com sumidouros que circulam em algumas vielas da região do Beco ou sob algumas das casas construídas nas áreas da Favela da Barreira; ou seja, com a falta de elementos essenciais para a sobrevivência e saúde humana é uma constante.

É importante pontuar que o sorriso e alegria vivenciados no local comunicam que a falta dói, a elaboração do cotidiano e das trocas representa uma organização de prática social voltada estrategicamente para suprir as carências, atenuando a dor, é assim que a Barreira se

articula, formulando inclusive seu sistema social, o qual identificamos e descrevemos como sistema social retributivo, baseado na dádiva de Mauss (2003).

Para muitos moradores do local, essa falta seria um pouco universal, pois o raio da visão limita a compreensão de que a vida poderia ser diferente, ou fornecem a compreensão de que a favela seja a realidade universal. No entanto, o trabalho como pesquisadora, dando prosseguimento ao legado de meu pai, convidou-me à busca por capturar as singularidades humanas desse espaço, sendo necessário um mergulho nas relações identitária e apropriação dos sentidos conferidos as expressões emocionais.

A dureza da realidade social se torna latente ao perceber que homens e mulheres precisam sair de madrugada para garantir a pontualidade em empregos formais ou até mesmo nos chamados 'bicos', sem ter o que comer pela manhã. Por vezes, esses trabalhadores, em geral catadores e moradores das comunidades do entorno, buscam nos restos dos lixos da própria favela algo que possa garantir mais uma refeição, o que significa também a garantia de sobrevivência.

Por outro lado, há aqueles que sofrem a imensa dificuldade de conseguir emprego por ser residente da favela, o jovem, por exemplo, busca no mercado de trabalho a primeira oportunidade de emprego alguns ainda são hostilizados, marcados por serem moradores de favela, mas sempre tecendo soluções voltadas à própria sobrevivência, na articulação de trabalhos informais que tem no próprio espaço da favela, a oportunidade de integração econômica, o que viabiliza o trabalho do moto-táxi, das entregas em domicilio de fast food, entre outras atividades, mantidas na própria favela, demonstrando como a favela tem o condão de suster-se.

Observando as lutas constantes e diárias, sempre na busca pela sobrevivência, não pude deixar de pensar no esvaziamento da essência e vida humanas no endurecimento das pessoas e na perda de sensibilidade, provocadas por um cotidiano cheio de ausências que se reproduzem na rotina: a luta entre a vida e morte, a busca de sentidos da vida na favela, o exílio da Barreira... Possivelmente eu mesma me sentisse esvaziada em alguns momentos, tocada pela finitude da essência espiritual, que poderia se traduzir no cerceamento da chama da vitalidade e esperança, estocadas diárias que se impunham à vida das pessoas. Não pude deixar de perceber, em certos momentos, a favela da Barreira como o Sísifo contemporâneo de Camus (2004)[17]. A favela seria a existência absurda da cidade, ou o rejeito do projeto urbanístico humano propalado por Bauman (2005b), os embates que presenciamos

17 CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Editora Record. 2004

diariamente em prol da sobrevivência nos leva a esse pensar, que transcende a mera indagação.

Mas algo diferente aconteceu, entendi na prática a resiliência como estratégia e resistência: percebi pessoas que lidavam diariamente com as negativas da vida, mas que ainda assim mantinham a força no olhar e energia para se moverem entre os desafios e dores e encontravam motivos para sempre celebrar, pois morar na Favela da Barreira era um verdadeiro exercício de (come) morar, talvez uma estratégia de entorpecimento ou reforço da (sobre) vivência, e isso chamou nossa atenção, percebi as "armas sociais" ou "estratégias de sobrevivência locais".

As comemorações constantes na favela, entre seus moradores, fizeram-me acreditar que mantinham um signo muito além da comida servida, ou da música tocada simples, mas carregada de signos: o "banquete" certamente consistia em algo mais. Com essa motivação, pensei em analisar essas relações, esses afetos que são construídos muito mais pela confraternização do que pela comida, pelo fazer, pelo saber e pelo conhecimento que circulam nesses espaços, por meio dessa rede afetiva. Aqui achei minha primeira "batata", ou seja, a raiz de pertencimento, exatamente, metaforicamente como a professora Rosane mencionara.

Nesse contexto, observando essa dinâmica, tive um breve sentimento e inevitável analogia: a favela se mostra então morada dos nubentes de que Platão[18] propalou no Banquete.

A concretização que o Simpósio havia descrito, na conjunção entre Penia, a personificação da pobreza e Porus, e representação do expediente, da esperteza, concebendo Erus, o amor, o que talvez represente bem os sentidos de viver na favela, desvelando o apetite pela vida e o amor, que se materializa na ambivalência: a ausência material propiciada por Penia - a pobreza que emerge tudo aquilo que não se tem, e na presença do que se tem como legado de Poros - a força e luta da sobrevivência.

A dinâmica de viver na Barreira evidencia que a fraternidade, ou essa rede de construção de afetos ou pertencimento mantida na favela, desvela-se como potente elemento educativo, socializador e (re)criador, a busca por estar junto no cotidiano da Barreira, comer e beber juntos ganham novos signos: viver em paz, situando a favela no "entre extremos", o que nos relembra inevitavelmente algumas linhas do discurso de Diotima, no Banquete:

> [...] não fiques, portanto, forçando o que não é belo a ser feio, nem o que não é bom a ser mau. Assim também o Amor, porque tu mesmo

18 Platão. *O Banquete*. Trad. de Maria Teresa S. de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 2006.

> admites que não é bom nem belo, nem por isso vás imaginar que ele deve ser feio e mau, mas sim algo que está, dizia ela, entre esses dois extremos. (PLATÃO, 2006, p.26).

Poderia haver algum elemento entre os extremos que a favela apresentava; foi assim que as linhas do cotidiano fraterno, potencialmente educador e produtor de conhecimento, despertaram-me algumas indagações: será que a ambiência na favela pode ser significativamente positiva e representar o entremeio dos extremos? Será que esse meio termo contribui para a construção da identidade dos indivíduos? Seria(m) essa(s) identidade(s) única(s), fragmentada(s) ou multifacetada(s)? As estratégias de sobrevivência traçadas podem consolidar a produção de saberes a ponto de formar um arcabouço cultural próprio, que emerge dessa organização de pertencimento na favela? Assim, o tecido afetivo no cotidiano, demonstra relevo significante ao nosso estudo, guiando os passos da pesquisa, demonstrando-se elo nesse "entre extremos" da favela.

Com esses questionamentos o projeto ganhou corpo, partindo do estreitamento das relações com os demais moradores da favela, com vistas a apreender os elementos do cotidiano, eleitos relevantes e/ou negociáveis a partir da construção mnemônica do lugar, por suas histórias de vida. Buscamos encontrar, em suas experiências, indícios que nos levassem a compreender melhor como a favela contribui para a formação da identidade do morador, além de se manter no respeito à diversidade local, o requisito precedente à análise identitária para apreendermos os meios de produção sócio cognitiva locais.

A construção de redes de pertencimento, nas artérias solidárias da favela, na caridade e no amor, demonstrou-se o elemento essencial e inegociável dos entrevistados, que em diversos segmentos da favela, prestam contribuições significativas ao espaço e aos demais moradores que vivem abaixo do nível de miserabilidade.

A busca pela espiritualidade, até mesmo fora de segmentos religiosos, na comunhão com o espaço, com a natureza, por exemplo, emergiu nas narrativas o eixo existencial que sustém a vida na favela e reforça a identidade. A força de Penia, a pobreza, constrói a rede de afetos e pertencimento, uma vez que a necessidade se demonstra o elo hábil dos moradores, revelando a pobreza como condicionante alternativa, muito além da violência já instituída.

Dessa forma é que o estudo se justifica, à medida que manteve, como ponto de partida, a motivação pela compreensão das relações específicas que se impõem nos espaços da Favela da Barreira, na valorização dos construtos culturais que permeiam os espaços da favela.

As relações observadas sob nosso ponto de vista empírico, não seguem uma linearidade, como pretende demonstrar significativa parte das teorias, quando identificam,

definem e qualificam favelas como espaços similares em suas produções existenciais e culturais, fundamentadas na análise polarizadamente reducionista, desvelando o caráter da pobreza como condicionante da violência, determinismo que repercute na categorização do espaço e de seus moradores, repercutindo profundo impacto social.

É claro que não refutamos a questão da violência que norteiam os espaços da favela, mas direcionar nossa busca para elementos além do que a literatura já estabelece como espaço marginal, nos parece mais crível ao entendimento do cotidiano na Barreira, uma vez que a favela não se faz apenas nos cenários de violência, mas esta convive inserida num cenário bem mais amplo, que compreende o próprio território da favela e seus moradores, suas produções, a memória e vida local, as quais carregam marcas outras que buscam se estabelecer para além dos limites da violência.

Nesse aspecto, cumpre-nos ressaltar a mobilização da Barreira, quando busca resistir a seu próprio cenário situando-a à margem, ou quando pensamos nas áreas conflagradas que a Barreira também agrega. O ethos cultural e a biodiscursividade podem ser considerados produtos desse coletivo, da resistência aos signos marginais que maculam a favela circulante nela mesma.

Ao longo de alguns anos, por meio dos trabalhos sociais na Favela da Barreira, pude perceber algumas singularidades no espaço, que podem dialogar ou não com outras favelas. Não temos aqui a pretensão de definir a Barreira como exclusiva, mas garantir a análise sob a sua singularidade, de forma individualizada. Dizer que a favela da Barreira não se parece com as demais, ou que seja única, demandaria profundos estudos nas demais comunidades, precisaríamos então de um estudo comparado, não sendo esse nosso ponto de atenção nesse momento.

Apesar das marcas da violência, a Barreira mantém sempre na vivência de seus moradores e na interação dos mesmos com o espaço um diferencial existencial e pragmático ficando evidenciado na narrativa dos moradores que percebem a Favela da Barreira de forma diferente das outras do entorno, e essa percepção encaminha, inclusive a certa negação por parte dos entrevistados de que a Barreira seja de fato uma favela. Esse arranjo narrativo pode ser considerado por nós, como uma negociação com o espaço ou estratégia de sobrevivência, muito mais do que uma concepção romantizada do espaço, mais uma linha a ser perseguida, às celebrações e seus signos locais.

Dessa forma, não pude deixar de me recordar das questões no tocante à saúde social, que mais uma vez me encontraram na Favela da Barreira, isso porque, a observação da

produção das relações sociais e afetivas, como atributo da formação humana, emergiu inicialmente após a defesa da dissertação no mestrado, confluindo com as pesquisas e investigações de nosso estudo de doutorado.

Essa empreitada vem possibilitando, assim, conhecer e compreender questões que guardam *per si* reflexos sociais relevantes na construção do Ser, o que pode ser desvelado através do entendimento do micro núcleo social da Favela da Barreira, elemento de compreensão do *ethos* que possa consolidar o tecido cultural do espaço e dos reflexos na produção do homem na favela, e não do homem da favela.

Nesse sentido, é que a compreensão entre o ser e o estar na favela avança o critério espacial, encontrando nas redes afetivas e emocionais os parâmetros para entender a dinâmica do pertencimento, do gérmen, estado primitivo e rudimentar da nossa "batata".

O marco inicial de nosso estudo consistiu na compreensão nas histórias dos moradores, da formação do espaço da Favela da Barreira e, como marco final, as memórias dos moradores da favela, narradas por suas experiências e vivências no espaço ao longo da permanência no espaço, que possibilitaram o acesso às questões que acabaram por inferir na identidade pessoal, do grupo e do espaço, bem como o entendimento de como é construído, diariamente, o conhecimento e a(s) identidade(s) dos moradores e frequentadores da favela em si.

Ainda que este estudo pretenda se debruçar exclusivamente nas relações da Barreira, cotejamos ainda nos diálogos estabelecidos nos níveis de organização da vida dos moradores com o bairro, com o trabalho, com o ambiente, elementos evidenciados no curso das entrevistas. A análise dessas inter-relações subjetivas nos conduziu ao nosso objetivo principal, mediado na compreensão da formação de identidade cultural do grupo e do espaço, emergindo conhecimento, saberes e práticas locais.

Nesse mote, concebemos o elemento nuclear que compõe a justificativa, como elemento cultural, delineada nos objetivos específicos colocados pela necessidade de compreender as relações que se estabelecem entre pessoas e espaço da favela. A favela pode contribuir para produção dos sujeitos; a premência de se pensar como o espaço da favela pode contribuir na produção do conhecimento, identificando nessas relações, a mobilização e apreensão das produções (no) e (do) espaço, o que possibilitou emergir sentidos concretos do espaço vivido.

1.3. FAVELA DA BARREIRA: UM ENCONTRO COM OS MORADORES

A pesquisa de campo que fundamenta o presente estudo foi realizada entre 2015 e 2016 (com algumas superveniências de dados novos surgidos no ano de 2017 e 2018). Contudo, uma vez que o trabalho com histórias de vida e com nossa própria formação humana, não podemos deixar de considerar os demais anos de atuação como educadora social voluntária na favela, totalizando assim algumas décadas de integração com o lugar. Em 2015, estreitamos o relacionamento com alguns moradores um pouco mais inacessíveis, tendo em vista a rotina constante muito mais fora da favela do que nela.

Nessa etapa do trabalho de campo, identifiquei moradores que gostariam de colaborar voluntariamente com a pesquisa, obedecendo ao critério de rede (similar a amostragem em bola de neve[19]). Tivemos franca surpresa em saber que muitos não queriam, ou quando queriam, manifestavam o desejo de não serem gravados, por questões que, aparentemente, não ficaram evidenciadas, a não ser pelo silêncio que imprimia o medo do desconhecido, ou do apelo da violência local. Mesmo sabendo que os entrevistados e suas identidades seriam preservados, o receio se impunha.

Percebemos a instabilidade que o campo apresentava. Mesmo sendo "conhecida" pelos trabalhos sociais, percebia que faltava um elemento: a familiaridade com os moradores. Confesso aqui minha própria percepção, de que se eu não estivesse morando na Barreira, esses acessos poderiam ter acontecido, mas não tenho dúvidas dos óbices que enfrentaria, nas dificuldades para minha apropriação do espaço, percebi as peculiaridades que guardam cada pesquisa, os desafios que se impõe estudar um espaço e as negociações que se fazem necessárias mediando o processo.

No mestrado, a pesquisa e o trabalho na saúde, não me conduziram a ser necessariamente um paciente, mas pensando bem, de certa forma meu lugar de fala naquele momento era no interior do próprio Sistema Único de Saúde e da Justiça. Então, se analisar bem, de certa forma a observadora se tornou o objeto de observação, percebi-me integrando parte da pesquisa não só como pesquisadora, mas como trabalhadora na saúde perscrutando os caminhos da advocacia pública.

Mas na Barreira... o trabalho era outro, e se demonstrou assim desde o começo, não poderia reverberar das minhas experiências forenses, ou da saúde. Era imperativo, para mim, pertencer a outro lugar de fala, a favela, possibilitando a (re)construção de minhas percepções

19 Amostra não probabilística, que se utiliza de cadeia de referência na forma de informantes chaves ou denominado sementes, que auxiliam a reconhecer o grupo a ser pesquisado, a partir dos contatos de rede.

e sentidos de vida. Não nego que com essa opção, além de uma busca acadêmica vivenciei muito de um encontro espiritualizado, enfim, regressei a Barreira com uma carga de lembranças e um trabalho a fazer.

Aos poucos, com maior proximidade, conquistamos a confiança, participando do cotidiano em conversas furtivas nos lanches da tarde, no café social do NEPP, ou confraternizações organizadas, como o Bingo do bar do Sérgio.

No entanto, a comida sempre esteve presente em todos os encontros até mesmo nas entrevistas, funcionando como elementos de socialização e divisão da vida. O ritual das entrevistas manteve na recepção a comida, entendemos que o ato de comer não significava mera alimentação, mas um "compartilhar" do que o outro tem a oferecer: uma das vias de pertencimento e acolhimento na Barreira.

Assim, as entrevistas se iniciaram no ano de 2016, após a aprovação do projeto junto ao CEP - Comitê de Ética e Pesquisa (UNIGRANRIO, 2016). A confiança dos moradores precisava se aliar com métodos de preservação dos participantes, considerando o receio de alguns residentes em falar sobre a vida na favela, disponibilizei meios, inclusive eletrônicos para que o colaborador pudesse se sentir mais à vontade em falar. O acervo transcriado encontra-se gravados, armazenados em arquivo físico e eletrônico mantidos em condições adequadas resguardando a identidade dos entrevistados.

A busca por fontes bibliográficas que trouxessem dados sobre a Favela da Barreira revelou a ausência de escritos sobre o local, salvo pela música Rap do Festival[20]:

Funkeiro que eu sei vocês são sangue bom
Vem pro baile sentir disposição.
Use suas forças pra dançar um pancadão
Não pra arrumar tumulto no salão.
Vamos todos fazer do mundo um lugar
Onde a paz e o amor possam reinar.
Brigar pra que, se é sem querer
Quem é que vai nos proteger.
Pare e pense um pouco mais
De violência que nunca mais.

Massa funkeira, não me leve a mal
Vem com paz e amor curtir o festival.
O festival daqui é muito bom
O festival é um jogo de emoção.

Galera do Morrinho, Gogó de São João
Barreira de Rocha Miranda é sangue bom.
Morro do Engenho, Coqueiro e o Estadão
Honório, Guadalupe e a Barão.

20 Cantados por MC Danda e Tafarel; Clássicos do funk, 2007.

Sangue-Areia, Santa Cruz e São João
São Carlos, Santa Marta e Abolição.
Santa Maria, São José e São Mateus
Cidade Alta e Cidade de Deus.
Faça a paz na Terra e pense na união
Seja um funkeiro puro e um ser humano bom.
O mundo precisa de compreensão
Diga sim à paz e à violência não.
Brigar pra que, se é sem querer
Quem é que vai nos proteger.
Pare e pense um pouco mais
De violência que nunca mais.

Massa funkeira, não me leve a mal
Vem com paz e amor curtir o festival.
O festival daqui é muito bom
O festival é um jogo de emoção.

Uma tristeza dominou meu coração
Vendo a massa funkeira numa confusão.
O amor é importante no seu coração
E a alegria dentro e fora do salão.
Seja sincero, honesto e muito fiel
Esse é o recado do Danda e do Taffarel.

A não ser por uma única música de funk (festival, 2007[21]), marca cultural de inscrição existencial da favela, a oralidade dos moradores desvela a invisibilidade dos próprios colaboradores, (que a princípio professaram a falta de valor de suas próprias histórias), revelando-se assim um caminho hábil à decodificação histórica do local e de seus protagonistas. Os fragmentos bibliográficos da Freguesia de Irajá possibilitaram situar territorialmente o bairro de Rocha Miranda e os elementos que mantém o elo de pertencimento entre a Favela e o Bairro de Irajá, fato evidenciado nas entrevistas dos moradores.

Os pressupostos da oralidade inevitavelmente foram assumidos pelos moradores, que escolheram intimamente o que contariam e o que silenciariam, uma vez que as circunstâncias conduziam à formulação dos discursos. As histórias de vida dos colaboradores estiveram muito mais presentes do que trabalhos ou artigos científicos; eis que nada foi escrito sobre a Favela da Barreira de Rocha Miranda, o que só fez reforçar nossa primeira impressão: o sentimento de uma espécie de "apagamento" e invisibilidade local. Aparentemente, a favela não se inscreveu nos signos da bibliografia, o que só fez dimensionar ainda mais a importância da história oral, e a necessidade da transposição do código oral para o escrito.

21 Furacao 2000: Album clássicos do funk vol. 1 (ao vivo) faixa 5. Mc´s Danda e Taffarel – *Rap do festival*, Ano 2007.

Nas entrevistas, foi possível ter acesso a documentos, fotos entre outras fontes dos próprios moradores, principalmente no acervo documental do NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas, o que permitiu entender um pouco mais sobre as dinâmicas político-social da favela da Barreira, na trajetória de vida do colaborador Jocelino. O material fornecido contribuiu para prolongar o campo, compreendendo a Favela da Barreira para além dela mesma as redes estabelecidas com outras favelas.

De fato, considerando o escopo interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação e a linha em que a pesquisa se encontra vinculada *"Narrativas, Práticas Sociais e Poder"*, deixei-me levar ao trabalho para além das fronteiras disciplinares, sem com isso me deter nas questões específicas que demarcam esses espaços, mantendo, na oralidade, um princípio circular e confortável ao desenvolvimento do estudo.

A pergunta de corte: O que a Barreira significa para seus moradores, revelou-se como fio condutor da pesquisa, ordenando o campo e a questão de estudo. Dessa forma, algumas questões adquiriram relevância, principalmente porque, para responder à questão de pesquisa, compreendi que seria necessário situar a trajetória de vida dos moradores e sua inter-relação com o espaço; daí entender, inicialmente, a natureza do espaço, bem como o que seria a favela para os moradores (e o que seriam os moradores para a favela), sendo esta considerada um elemento marcante, desvelando as experiências e fornecendo sentidos às histórias de vida contadas.

Não temos a pretensão de reconstruir os passos oficiais da Favela da Barreira, pois muitos detalhes se esvaíram nas linhas do tempo e do esquecimento; além disso, essa trajetória revela a pluralidade dinâmica da vida e não pode ser reduzido sem que existam recortes. Também não mantivemos a intenção de descrever as minúcias de uma história material da favela; contudo, propomo-nos a compreender o espaço a partir da memória e da visão de seus moradores, nas vozes da favela e nos embates entre esquecimento e lembrança. O mergulhar nessa miríade de vozes me convocou a silenciar minhas concepções teóricas, ainda que temporariamente, para sentir o que seca e alimenta a muitos sentimentos. Os fragmentos da trajetória da memória da favela, após o exercício de escutar atentamente, vieram a reboque das histórias de vida dos participantes.

Assim, as narrativas emergiam o insumo pessoal que reunia, em si, parte do coletivo, fazendo com que o diálogo entre as experiências e o lugar conduzisse ao arcabouço de saberes que formam, reforma e confere formas moventes do que constitui os sujeitos, substratos do barro que dá a vida à Barreira.

A ausência de referências historiográficas sobre nosso espaço de estudo não me fez hermética para outras construções, nem para outras literaturas. Assim sendo, alguns textos me inspiraram no deslinde do trabalho narrativo, como a tese de Jailson de Souza Silva[22]. Foram fulcrais e as narrativas de Rodrigo Torquato da Silva, em sua obra "Favela-Escola Escola-Favela", na trajetória do menino que, a princípio, não tinha mais jeito, mas acabou se tornando acadêmico pesquisador. As inspirações surgiram ainda na ambivalência entre o vivido e o representado, a capacidade da favela *per si,* como espaço de conhecimento e ao mesmo tempo no seu paradoxo de ser, "o quarto de despejo da cidade", parafraseando Carolina Maria de Jesus.

A história oral utilizada na pesquisa conduziu a narrativas que desvelam o nexo entre a trajetória pessoal e as experiências sociais, sinalizando o caminho do particular para entender a organização do coletivo. A própria narração tratou de fornecer os elementos que encetaram a compreensão entre o viver e o encontro do signo existencial na Barreira.

Os relatos se ordenam nas trajetórias, como no tempo presente, na memória e na vivencia atual na favela, o que nos dá suporte para percorrer o caminho inverso, do presente ao passado, considerando o presente a extensão contínua do passado. Mantenho, assim, o tempo de agora como ponto de partida para entendimento dos sentidos e percursos de vida dos colaboradores, o que nos conduziu à apreensão das relações sociais etnográficas mantidas e estabelecidas na favela.

Percorrer os espaços da favela nos fez perceber a Barreira como um grande Jardim vivo. Essa percepção foi adquirida ao longo da pesquisa, à medida que presenciava a partida rumo à eternidade de alguns colaboradores, guardados por Oxalá, Zeus, Jeová ou, mais comumente, Deus - ou deuses. A fé, então, parece ser mais que um elemento que participa da construção identitária das pessoas desse local: ela é algo que sustenta e mobiliza os sujeitos, outra negociação e estratégia com o espaço. O silêncio das agruras, da violência e da própria morte parece ser rompida pelos gritos de glória, pelo soar do atabaque nos terreiros, pelo 'glória a vós, Senhor' nas igrejas, e até mesmo pelo silêncio de uma prece. O importante é que sempre há um Ser disposto a ouvir e compreender o indizível.

A Barreira, cujos jardins são formados de flores de diversos matizes, algumas colhidas outras ceifadas antes do tempo, se revela o jardim germinado na vida do barro, na Barreira, embalando, como na mitologia Yorubá, a vida e morte de seus moradores, forjando suas identidades nos paradoxos diários. A descoberta da austeridade e grandeza da favela nos

22 Por que uns e não outros? Caminhada de estudantes da Maré para a universidade. PUC, 2009

conduziu ao encontro de caminhos da diversidade, como os trilhados por Saint´Hilaire (1779-1883), uma vez que, apesar das dificuldades, vi-me seduzida pela diversidade e riqueza humana que habitam esse espaço e tentava compreender a essência, o rizoma humano que conduzia às redes afetivas germinadas nas intempéries da diversidade espacial. A Barreira se desvelava como um jardim, a ser compreendido e investigado, em suas mais profícuas propriedades.

Na tentativa de compreender as trajetórias dos moradores e ordenar o que seria sua experiência na Barreira, observamos, em particular, questões relativas à ocupação, de onde vieram, por que se mantiveram no movimento de entrada, saída e permanência na favela para, assim, desvelarmos a compreensão dos signos do espaço para seus moradores.

As relações estabelecidas com o local foram cotejadas a partir desse movimento, sem considerar a favela como fonte de identidade fixa, mas na diversidade emergida pelo movimento de entrada/saída e permanência. Mister se fez observar o espaço eleito de moradia e pertencimento, onde situei as experiências e memórias dos colaboradores para depreender a natureza do espaço. Em outras palavras, tão importante quanto conhecer o que levou a pessoas ao espaço da Barreira foi compreender o que as fez (faz) permanecer ali.

A intenção inicial do estudo era bem mais modesta do que o enlevo tomado pelos seus resultados, visto que, primeiramente, tratava-se de uma pesquisa que buscava entender as produções sociais do grupo, das práticas de saberes e conhecimentos angariados fora do espaço formal da escola emergiram novas questões quando nos encontramos com a história dos moradores, a aliança entre história de vida e história local.

O deslinde das entrevistas encaminhou algumas revelações: mesmo já morando na favela, eu não tinha ideia de como algumas pessoas viviam em situação mais do que precária. De fato, eu nada sabia da vida de uma parte da Favela da Barreira e isso não se dava apenas comigo, pois entendi que a favela se desconhecia. Isso favorece alguns contrastes que segregam o espaço de si mesmo. O impacto dessa descoberta nos levou a buscar nas entrevistas, as razões da Barreira ser um espaço que, embora pequeno, esteja segregado em si mesmo.

A (re) produção dos modelos de organização da cidade revelou uma ordem na Favela da Barreira que segmenta o espaço, segregando os menos abastados, demarcando zonas mais favorecidas dentro da própria favela. Destaco, então, que existem favelas dentro da favela, permeadas por inúmeras e distintas redes de pertencimento: artérias, veias e vasos que

compõem um corpo social maior, pulsando sangue, vida, e, ainda assim, mantendo a especificidade orgânica.

As histórias vivas atenderam a alguns pressupostos etnográficos e etnológicos com base na dinâmica do espaço, das narrativas e da análise das conversações, viabilizando o estudo individualizado específico, conduzindo nossa leitura da favela estudada em sua especificidade, eis que *ao analisar um contexto diferenciado, torna-se permissiva a comparação e, portanto, a elaboração de novas reflexões* (DUMONT, 1985).

O estudo partiu da compreensão de que o próprio espaço da favela, através das relações humanas que nele se forjam, conduz a saberes e práticas que, fundadas na diversidade e baseadas na produção do conhecimento comum nesses espaços, é capaz de formar um arcabouço cultural peculiar próprio e circulante na Favela da Barreira. Nesse sentido, compreendemos que o conhecimento comum pode ser fonte de construção do conhecimento científico, e que a história oral se desvela como procedimento e eixo humano que permeiam a hipótese; eis que decodifica as práticas e saberes que são transmitidos pela oralidade.

A compreensão de que as experiências cotidianas são capazes de assumir um papel que possa promover a leitura de mundo com significado para o indivíduo, na perspectiva da compreensão das contribuições da educação informal, motivou à observação da construção dos elementos que compõem o arcabouço cultural na Favela da Barreira, nosso *lócus* de estudo que conduziu nossa empiria social.

1.4. NARRATIVAS E ENTREVISTAS: ENCONTROS, APONTAMENTOS E ACHADOS

A escolha de vivenciar o local de pesquisa conduziu-nos a algumas apreensões acerca dos moradores e suas atuações no espaço, sendo um facilitador na definição das redes. Assim, mesmo tendo cumprido com a agenda da rede[23] em que um colaborador indicava outro, por conhecer alguns dos indicados, percebia como poderiam colaborar. Portanto, não posso dizer que o resultado das redes de colaboração tenha sido completamente inocente, ou despretensiosa, porque conhecia alguns indicados, o que significou um (re)encontro, da menina de 12 anos que entrou a primeira vez, com a mulher pesquisadora e com os colaboradores.

23 Amostragem qualitativa conhecida como “bola de neve”, utilizando cadeias de referências.

A atuação dos colaboradores foi tão vital a nosso trabalho por inúmeros motivos, pudemos usufruir do conhecimento técnico de alguns quando da criação de um sistema que posteriormente se mostrou útil ao armazenamento de dados de nossa pesquisa, permitindo a catalogação, anotações gerais, mantendo-se tal sistema acondicionado em meios eletrônicos, preservando a identidade dos entrevistados que assim optaram pela utilização de codinome.

As entrevistas foram conduzidas, precedendo a explicação da pesquisa, mediante a assinatura de TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e formulários de utilização de gravação e imagem do colaborador especificamente para o desenvolvimento desta pesquisa, garantindo o sigilo das identidades e a legitimação das informações que emergiram do trabalho narrativo.

Assim, a pesquisa assumiu a história oral como aporte teórico-metodológico, com nuances etnográficas (Agier, 2015), com natureza exploratória, aportada no corpus documental constituído principalmente pelas Histórias Orais de Vida de moradores e frequentadores da Favela da Barreira, não refutando fragmentos materiais mantidos pelos colaboradores (fotos, imagens, sons, textos). Os participantes, na qualidade de colaboradores, elencaram as experiências vivenciadas através de suas relações com o espaço da favela de forma fluídica.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos ainda a técnica do caderno de campo, entrevistamos os colaboradores (com gravação de áudio e vídeo), utilizando perguntas abertas, através de acolhimento dos relatos com narrativas livres, porém mediante entrevista focada, encadeada pelas próprias respostas.

Por entender a delicadeza da temática e do campo, optamos pela adoção de codinomes dos entrevistados que assim expressaram o desejo de ter suas identidades preservadas, por questões que o próprio cenário de pesquisa impôs. Isso favoreceu a construção dos relatos na íntegra e o apanhado sintetizado no presente trabalho.

No curso das entrevistas, vi e ouvi sobre diversas coisas. Tratamos assim de delinearmos as linhas desse encontro no exercício da transposição do oral para o escrito, definido entre o caminho da pesquisa e a trajetória dos colaboradores, sob o ponto de vista heurístico, assim compreendido por Kofes (2001, p. 25):

> Vários trabalhos que têm na história de vida um instrumento heurístico não lidam com uma noção de história (direção), embora pressuponham sim as possibilidades interpretativas de suas experiências pelos próprios agentes e não descartam estes sentidos como vias de acesso compreensivo e explicativo. Mesmo porque os

> sujeitos sociais são em si mesmos entrecruzamentos das relações às quais estão ligados, quer pelos significados já dados a estas relações e que constituem os sujeitos enquanto pessoas sociais, quer pelos significados que eles agenciam e narram.

Para determinarmos os elementos[24] do Projeto de História Oral de nossa pesquisa, levamos em consideração: I) colaboradores que apreendem experiências locais, por meio do exercício da ocupação (morar), encadeando concepções pelos moradores do espaço estudado, II) Colaboradores que se apropriam e produzem (trabalham) no espaço da favela; III) colaboradores que se apropriam das experiências na favela como meio de aprendizado e construção do conhecimento, sendo, portanto, a Favela da Barreira nossa Comunidade Destino (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 43), estruturas delineadas ainda pela observação do *habitus* na Barreira. Nesse sentido, a definição dos elementos de história oral "*quando fazer, de quem, como e por quê"*, puderam assim serem definidos:

Considerando a invisibilidade do grupo, e a ausência de escritos que apresentem estudos de identidade, cultura e aprendizado na favela da Barreira, insurge-se a necessariedade do trabalho oral, buscando assim o sentido narrativo do espaço, delineando o *quando fazer*, (re)definindo o legado de apagamento do grupo, conferindo reflexões a novas concepções do espaço, sua valorização e inclusão social, com a contribuição dos colabores como participantes da história local, por meio de visibilidade de suas próprias histórias de vida, definindo os moradores e frequentadores da favela da Barreira como motivadores (*de quem)* detentores e principais agentes do projeto de história oral.

A definição do universo da entrevista, e da condução/abrangência a identificação de grupos da rede e procedimentos adotados, nos encaminharam para definição das entrevistas como eixo central de nossas analises, sendo então concebida como método (sem refutar as fontes documentais), resenhando assim *como* foi definido o trabalho com a história oral. Finalmente, a intenção de contribuição com novas reflexões acerca de espaços compreendidos socialmente vulneráveis e marginais, a partir do cotidiano concreto vivenciado em espaços como a favela, fornece a justificativa para o *por quê* fazer historia oral.

Quanto a elemento de colônia da história oral, definimos grupos específicos, consolidados em três blocos delineados no Capítulo 4:

I) Espaço e Cotidiano (observações do morar);

II) Apropriações e Produções (observações do trabalho);

24 Comunidade Destino, Colônia e Rede são aqui considerados elementos do Projeto de História Oral.

III) Entre o ser e estar na favela (observações de apropriação em aprendizado).

Essa organização apreendida pelo entendimento do *habitus* local, de certa forma, favoreceu o trabalho com as Redes de colaboradores, identificando segmentos específicos, como por exemplo, de somente moradores, de moradores e trabalhadores, e de moradores/frequentadores que acreditam ter apreendido conhecimento no cotidiano da favela, e daqueles que entendem a favela como espaço sem relevância, evidenciando alguns paradoxos e tensões, como pertencimentos e (des)pertencimentos.

Para a realização do corpus narrativo, contamos com a participação de 12 (doze) colaboradores, entre moradores e frequentadores da Favela da Barreira, cada indivíduo, a síntese de sua própria história, de seus próprios encontros de suas múltiplas determinações cotidianas, o que proporcionou nosso encontro com outros encontros, em forma de vida, desvelando signos do outro com um universo infinito daquilo que não somos e ao mesmo tempo, de uma parte do que somos. Um pouco do entrevistado ficou marcado em no meu intimo, e nós acredito, um pouco neles, uma relação de troca e intercâmbio do viver.

Nessa ambivalência, o tecido narrativo emergiu algumas referencias pontuais de vida, e dos encontros, entretecendo identidade(s) e fazeres não tão visibilizados, mas que se produzem e constelam no espaço da favela, conduzindo a geografia física e afetiva do espaço.

GETÚLIO – nosso primeiro entrevistado. Homem inicialmente de pouca fala, com muita receptividade, já com certa idade, gozando de ótima saúde, muito ativo, sente orgulho de sua trajetória. Lembra que dedicou parte de sua infância, ao trabalho de abertura e loteamento local, inclusive da Barreira, atuando no espaço e aprendendo a transformá-lo com seu pai, que exercia o oficio de pedreiro. Demonstrou-se muito saudoso das lembranças de seu pai, de sua vida, revelando como sua trajetória seguiu junto com as modificações da Favela da Barreira. Nossa entrevista demorou algumas horas, tendo transcorrido de forma tranquila, com pontos de grande emoção a nosso entrevistado. Falar do Barro, inicialmente da Barreira em sua própria casa, para ele teve muitos significados, da vitória na trajetória, da transformação de sua vida e do espaço. Não pude deixar de lembrar do mito do barro e da criação. Ele, nosso entrevistado, o criador, que transforma o barro, em lugar repleto de signos e de pertencimento.

Essa entrevista demandou pelo menos oito encontros, entre conversas amistosas no início da manhã na casa do entrevistado e almoços, os quais antecederam a efetiva entrevista.

O participante, depois de sucessivos encontros, mostrou-se mais familiarizado a minha presença e a do gravador. Elegeu a varanda de sua casa como local especial para aquele momento por ser, para ele, um espaço repleto de significados. Não esquece de que sua casa atual foi o espaço que abrigou seus pais. Os olhos úmidos acompanharam boa parte da sua narrativa, que revelou desde a sua trajetória de menino ao homem idoso que é hoje e as lutas enfrentadas. Lembrou-se emocionado do pai, relatando que este viera do Espírito Santo para o bairro de Rocha Miranda em busca de emprego, deixando a mãe com irmãos mais velhos para trás, mas com a esperança de um reencontro. Reviveu em sua fala à vinda da mãe com os irmãos para morar com o pai, que dividia com amigos, à época, um casebre no bairro de Rocha Miranda, e das dificuldades que enfrentaram. Quando perguntei sobre seu nascimento, a lembrança que tinha Sr. Getúlio, o levou a afirmar ter nascido na Barreira, mas disse saber que tinha nascido no antigo casebre onde os pais dividiam o aluguel na Avenida dos Italianos, no bairro de Rocha Miranda. Compreendi que o aparente equívoco se tratava, na verdade, de uma opção, ou seja, de se sentir pertencente à Barreira. A Favela, então, não se apresenta para ele como residência, mas como lar, aconchego, útero de criação e formação humana.

As memórias da infância se limitam aos trabalhos de escavação com seu pai, aos dez anos de idade, no barro da Barreira. Recorda-se de uma infância sofrida, sem brinquedos, abreviada pelas lutas diárias para seguir a trajetória de vida. Observo uma espécie de apagamento, abaixo dos escombros de suas lembranças. Em meio ao embate entre o vivido e o que pode ser compartilhado pelo narrador, percebo que os olhos do sr. Getúlio ainda estão marejados: dores, saudades, sentimentos sufocados começam a dar sinais de pulsação. É possível notar que há o alívio de ter sobrevivido às intempéries da vida e, ao mesmo tempo, a certeza de que ele e sua família não mereciam ter passado por tantas coisas. Ali na Barreira, ele sabe que não é o único que vivenciou muitas coisas...também sabe que há muitos outros ‘Getúlios’ Brasil afora.

Durante toda a entrevista e no tempo com que pude conviver com o entrevistado, percebi a demonstração de certo agradecimento à Barreira pela experiência que lhe deu um ofício, aprendendo as práticas de ajudante de obra com seu pai, enquanto transformava a encosta em esperança de moradia, demonstrando todo o seu pertencimento ao lugar, que, atualmente, já abriga três gerações de sua família.

DONA LALÁ – Mãe ou avó da Barreira, primeira zeladora do único centro espírita da Barreira. Senhora vigorosa, sempre alegre, com seu batom combinando com as unhas e seus

cabelos vermelhos, se mostrou muito à vontade para falar, contagiando com sua alegria, as memórias fluíram de um passado, alternado com o presente, de uma Barreira transformada por ela, e por outros moradores, da ajuda que teve de um amigo e chefe, de patente militar no fim da década de 50 inicio de 60, responsável por trazer asfalto e luz em parte da favela. Revela que dedicou sua vida ao legado de sua mãe, que era também espírita e realizava caridades, acolhendo e cuidando de muitas pessoas, seguindo as trilhas do amparo material e espiritual de sua mãe, trazendo grupos para ocupação do espaço, descrevendo-se como agente catalisador de mudanças, que deram tom de urbanização a favela. A entrevista foi realizada em duas etapas: uma parte na residência do filho da entrevistada, e outra parte o Centro Espírita, lugar que mantém aroma adocicado, que lembrava o gosto de doces e guaraná. Dona Lalá, se mostra dedicada líder espiritual da Barreira, oportunizando-nos a chance de acompanhar o significado da liturgia e da ritualística para ela, seus familiares, inúmeros "filhos" espirituais e, principalmente, o que esse trabalho representava para a Favela.

Acompanhar os ritos e festas em homenagem aos Orixás africanos demandou o entendimento mais acurado do segmento religioso ali observado, oportunidade em que pude aprender sobre as regras doutrinárias, ritualísticas e comportamentais da matriz religiosa do primeiro templo espiritual da Barreira, professando a umbanda como direcionamento ao espiritismo ali praticado.

As celebrações religiosas são sempre acompanhadas de comida, o que me remete à ideia de saber e sabor. O alimento congrega e convida à gratidão pela fartura de hoje que diminui a dor pela privação de outrora. As festas da umbanda conferiam um signo profundo de pertencimento ao lugar e ao segmento religioso, matizando as relações locais. Até mesmo alguns frequentadores de outras denominações religiosas participavam das comemorações do centro espírita, compartilhando do "baquete" da mesa servida: o sabor que retira a dor e diminui o ardor do extremismo religioso de outros contextos. Destaco o que compreendo ser a negociação com o espaço para além do que com a própria religiosidade determinava. O centro parece, então, receber todos os que querem se espiritualizar ou participar das ritualísticas locais como forma de receber uma graça ou socorro em momentos de aflição. O terreiro demonstra ser um espaço respeitado pelos moradores, pelo trabalho realizado, além de conjugar moradores de ambos os extremos da favela (Beco e Encosta). Logo, o centro espírita não é apenas o entremeio entre o mundo dos vivos e dos desencarnados, mas o espaço que congrega segmentos que tendem a se afastarem.

A líder espiritual Lalá, contando 89 anos, menciona que foi a primeira moradora, narrando a sua vinda para a Favela da Barreira e a sua mudança do bairro de Rocha Miranda para a favela, a condução de seus trabalhos por mais de meio século, através das caridades do trabalho espiritual e material, doando alimentos, agasalhos, e brinquedos, mantidas pelo Centro Espírita do qual é zeladora. A presença do centro na Barreira ao longo de algumas décadas comunica a ideia de proteção. O próprio 'zelar' carrega em si a ideia de que há proteção, cuidado e afeto. A mãe zela pelos filhos; sentinela, pela cidade. Seres espirituais, então, são convidados a cuidar da Barreira, aliviar as agruras que os moradores passam e guiar a caminhos onde existam menos dores.

A proposta da pesquisa me permitiu compreensão das inserções e do modo de viver no bairro de Rocha Miranda, em contraponto com o viver na Barreira, além da trajetória de vida da colaboradora na favela durante mais de cinquenta anos. A zeladora espírita chegou ao lugar por ocasião do advento da abertura dos terrenos na Barreira, o que possibilitou muitas informações. O conhecimento da representação do Centro Espírita para o espaço da Barreira, (e da Barreira para o Centro espírita) as ações desbravadas pela mulher, zeladora de terreiro que ajudou a urbanização da Favela, forneceu suporte à compreensão da trajetória do espaço e de suas relações sociais e a contribuição da religião espírita na história de construção do lugar. Nessa entrevista, fui recebida com sucos e biscoitos.

NOGUEIRA – Terceiro entrevistado, com certa idade, ex-morador e frequentador assíduo da Barreira, indica ser a favela o lugar onde há muita gente que precisa de ajuda. Em contrapartida, há muitas outras pessoas dispostas a ajudar. A entrevista foi realizada nas dependências da casa do entrevistado, após alguns encontros. Em sua fala, ressalta a importância do Centro espírita local, e sua participação nos trabalhos tanto espirituais como sociais, tendo ajudado desde a construção do templo/terreiro, há algumas décadas, evidenciando elos materiais e espirituais com a Grande Mãe do centro espírita.

O entrevistado se recorda de como o lugar era mais carente do que hoje, mas acredita que ainda mantém residentes que não conseguiram seguir adiante, melhorar suas vidas, mantendo ainda condições precárias de sobrevivência. Acredita que, ao se dedicar à caridade, pode contribuir de alguma forma para melhorar, ao menos, um minuto a vida do outro. Ele narra, com muita emoção, a sua trajetória, a qual acredita se assemelhar e misturar-se com a própria história da favela. Na entrevista, muita emoção expressa em lágrimas, a lembrar-se da

trajetória de sua vida, sua família, seus pais, e do homem de bem que se tornou, mesmo habitando os espaços e ainda se mantendo como parte da favela.

A entrevista com Nogueira, mais uma vez nos deu mostras do mosaico entre a trajetória das pessoas com o próprio espaço, a Barreira hoje, se demonstra na sua fala, a missão de vida, de caridade através do amor. Fez questão de que sua entrevista fosse transcrita junto à de sua mãe, a quem considera um exemplo de vida e luta. Por essa razão, mesclamos ambas as entrevistas que surge na narrativa de Dona Lalá na sessão 4.1.3 *Dona Lalá e o Santuário de uma Barreira Fragmentada.*

APARECIDA – Mulher muito emotiva, de muita opinião, impetuosa, moradora que reside no local há vinte e cinco anos, e que não esconde o sonho de deslocar-se do espaço em que mora, e conseguir a oportunidade de sair da favela, de *(des) morar da favela*, como ela mesma menciona.

A entrevista ocorreu na casa da própria entrevistada, uma viúva, que vive acompanhada por seus vários cachorros. Os cães pareciam a todo o momento revezava-se em me vigiar, desconfiados de minha presença. Sentia no olhar desses animais que estes sondavam a minha alma, exigindo de mim alguma forma de fidelidade para com sua dona. Entendo que eles exigiram a confiança, como um código permissivo para compartilhar das histórias de sua tutora, o que me rendeu alguns encontros, no total de quatro.

A entrevistada, a princípio desconfiada, aos poucos compreendeu o trabalho e se abriu, contando sua trajetória desde a infância até os dias atuais. O que nos chamou a atenção nessa entrevista é a cisão do espaço promovida pelos próprios moradores, em considerar certas regiões da Barreira como favela e outras não.

A colaboradora não considera a "parte" onde mora como 'favela', embora afirme que já tenha morado na parte que seria a favela [o Beco] e não volta mais pra lá. Mesmo sendo mais caro morar onde está, porque tem despesas que na 'favela' não tinha, prefere o atual espaço, reforçando a separação geográfica e afetiva que existe na Barreira.

Lembrou-se de sua trajetória, de sua infância, nos limites entre os bairros de Cascadura e Engenheiro Leal, no Rio de Janeiro mesmo, sem pai e com a mãe ausente, a falta de roupas, brinquedos, ressaltando que, mesmo com toda dificuldade, não sabia o que era uma favela até seu marido ficar desempregado e ter a necessidade de vir morar na Barreira. A princípio, o sonho da casa própria, d*o morar*, não a fez perceber, como ela mesma narra, o que seria morar na favela. Até hoje, ela menciona que sonha em sair e mudar-se para região

praiana. Percebo que a opção da entrevistada em considerar o local onde está como não sendo ‘favela’ a faz aliviar algumas memórias de privação que ainda traz consigo. A comida, mais uma vez se fez presente, em todos os encontros, fui recebida com empadão de camarão e refrigerante. Nesse ponto, fui levada a investigar, dentro do próprio núcleo narrativo das histórias orais, as questões de (des)apropriação da favela, como os entrevistados compreendiam a integração com a Barreira, e nos pareceu que a empreitada surgiu como elemento mediador de (des)pertencimento.

JOCELINO - Liderança política mais antiga que ainda se mantém no lugar, nos fez compreender o espaço após décadas de ocupação, realizada com liderança ambiental local Jocelino Porto Cavalcante. A entrevista, também carregada de emoção, narra à trajetória de um retirante nordestino, chegando ao Rio de Janeiro para morar no morro da Mangueira.

A mudança para a Barreira, por ocasião de seu casamento para residir na companhia da família de sua esposa, o manteve como ativista do espaço até os dias atuais. A morte de seu sogro, o fez integrar sua família como chefe da mesma, e após o conhecimento e aproximação de políticas sindicais, acabou por se tornar o líder comunitário da favela, no fim da década de oitenta e ativista de movimentos sociais em prol da educação ambiental. Essa entrevista em especial, possibilitou-nos uma visão da trajetória representativa da favela, as lutas sociais e as ações que a favela tem recebido do Estado, fornecendo traços da construção do elemento sociopolítico local, mantendo atividade no espaço da própria Favela da Barreira, na região que pode ser considerada o epicentro do lugar.

Na ocasião da entrevista, realizada na sede do NEPP [Núcleo Ecológico Pedras Preciosas], fundado pelo entrevistado, tive a oportunidade visitar e catalogar o horto comunitário junto de nosso entrevistado, que além de mostrar os novos exemplares de plantas, explicou-nos a finalidade terapêutica de cada uma delas, disponível a todos.

O horto fica a disposição dos moradores, de forma gratuita, na porta do NEPP, reunindo uma variedade de plantas com efeitos terapêuticos, segundo nosso entrevistado Jocelino Porto, diretor da entidade e liderança ambiental local. Ele explicou com orgulho como aprendeu com os anciões a conhecer os efeitos e manipular as plantas, mostrando o cruzamento que fez de uma espécie de comigo-ninguém-pode. As plantas, explicou nosso colaborador, atende à necessidade dos moradores que colhem e tratam com respeito o horto, mostrando uso consciente.

É interessante como a Favela da Barreira consegue ser um lugar dotado de árvores e verde. Os moradores mantêm nos quintais árvores e plantas, assim como nas calçadas em frente de casa, no entorno da Rua Henrique de Gois. Na entrada da Favela, pela Rua dos Diamantes, é possível ver duas árvores, uma em cada lado da calçada, demonstrando uma espécie de pórtico local onde o verde faz as honras de anfitrião.

Nesse sentido, torna-se inevitável pensar na analogia da planta *favela*, que originou o nome dos assentamentos urbanos cariocas: planta espinhosa, própria da caatinga, ainda encontra na aridez do solo urbano, um motivo de (sobre)vivência, embora tenha percebido que na Favela da Barreira, não tem *favela* (a planta).

O horto, enfim, demonstra-se para além da iniciativa que favorece o grupo e comunidades externas, revela-se como alternativa fitoterápica, utilizada ainda na culinária local, em banhos e rituais espiritualistas, atendendo a todos indistintamente, desvela-se ainda como uma das marcas patrimoniais identitária da favela da Barreira, a qual ultrapassa os limites da própria favela da Barreira. Fomos recebidos com água gasosa, e suco, percebi a grande simbologia da água naquele momento, a vida do NEPP e de seu fundador fluindo em cada canto da favela.

Dessa forma, cumprindo o esquema de redes das entrevistas, o colaborador indicou outro morador que acompanhou os trabalhos de urbanização da Barreira, trabalhando até os dias atuais na associação ambiental local, Sr. Xico.

XICO - Morador residente na Barreira desde a década de 70, idoso, de fala fácil, dotado de muito vigor, não aparenta a idade que tem, sempre positivo e com uma palavra amiga. É o companheiro da Barreira, auxilia a todos que demonstram necessitar de seu auxilio. Trabalhador no NEPP, também um agente que zela pela comunidade, Xico foi retirante nordestino, tendo chegado à favela por intermédio de amigos, outros retirantes que chegaram primeiro, conseguiram trabalho e assentamento na favela através da compra de terreno, o que possibilitou a recepção de conterrâneos nordestinos, que migravam para a favela na busca de emprego e de moradia.

Não tardou para que o entrevistado se encantasse com a irmã de seu anfitrião, casando-se com ela e aumentando a família. Esses laços propiciaram que ele se mantivesse no espaço da favela até os dias atuais, cumprindo o trabalho social como uma missão e sonho de melhorar o espaço. Criou todos os seus filhos na Barreira, tendo orgulho de cada um deles, e

da vida reta que seguem, mesmo tendo sido criados num espaço dotado de diversidades como a Barreira.

A entrevista, realizada na residência do colaborador, evidenciou uma espécie de sub demarcação local na Favela da Barreira, indicada pelo lugar mais abastado [a Encosta], ao norte da Rua Henrique de Gois, do aparentemente mais carente [o Beco] ao sul da mesma rua, indicando que, raramente, moradores de um extremo frequentam o outro, sob o argumento do perigo em cada qual dos extremos. O entrevistado conta como a Barreira foi e ainda é significativa em sua vida, nas formas que consegue aprender e trabalhar no lugar, definindo a Barreira como *celeiro de todas as coisas.*

TIA DADÁ - educadora social teve sua infância em Petrópolis, e veio para a companhia de seus familiares que já estavam estabelecidos na Barreira. Alfabetizadora, conta como o entrelaçamento da educação e suas trajetórias de vida na Barreira estão alinhadas, uma vez que enxerga no ensino a jovens e adultos o sacerdócio que professa assim como a fé na igreja católica que congrega, mantendo algumas imagens e orações em um altar em sua sala.

A entrevista, realizada na casa da colaboradora, com uma lasanha como "petisco", forneceu indícios da fé, educação escolar e social e da infância na favela, da falta do lúdico na vida das crianças, na evasão escolar, e do ingresso prematuro na busca pelo trabalho.

A Favela da Barreira foi descrita nas narrativas, reiteradamente, como uma grande família. Talvez por ser, de fato, consolidada na sua maioria por amigos e familiares que se mantêm há gerações no lugar.

Pessoas que chegaram e abrigaram suas famílias, vindas de outros Estados, ou em decorrência do crescimento da própria família, ou que trouxeram para a Barreira amigos e familiares que por sua vez formaram novos núcleos familiares mantendo-se na favela até os dias atuais. Há também os que ampliam os "puxadinhos" ou constroem acima de suas casas, o que parece ser uma estratégia de perpetuação da ocupação do espaço, alinhavada por meio dos vínculos afetivos no espaço e no cotidiano. Compreendi que era esse o sentido da "família" funcional que surgia nas entrevistas, mantida em valores próprios que sempre aproximam os moradores garantindo a permanência e perpetuidade da linhagem no local. Nesse sentido, considerando o encaminhamento das histórias de vida dos colaboradores, e concebendo o indício do "trabalho" como mais um elemento mediador da vivência na favela, tais apreensões nos conduziram a analisar, nas entrevistas, como as redes de saberes e conhecimento se

construíam a partir do cotidiano e dos desdobramentos das atividades que permeiam o espaço da favela.

J.C. - ex-morador, nascido e criado na Barreira, J.C. aprendeu, a partir do funk, um ofício e conseguiu trabalho nos bailes e festas locais para tocar como Disc Jockey. Considerado o primeiro pichador da favela, na década de 80, J.C, nosso colaborador, relata como o ser e estar na favela contribuiu para suas atividades e inspirações. Atualmente, o entrevistado professa a fé no protestantismo, mas reconhece que a paixão pelo funk trouxe-lhe certa medida de conhecimento que o ajudou em alguns trabalhos como DJ, tanto da vida como da cultura musical que tanto apreciava. Nessa perspectiva, buscamos junto ao nosso colaborador, que se identifica como o primeiro pichador da Favela da Barreira, os sentidos e o conhecimento que as práticas locais podem promover para o individuo.

O trabalho empírico no espaço da favela nos leva a observar os códigos imagéticos de alguns grupos, ou como definimos por bem denominar "epigramas da favela". São espécies de pichações emocionais que o entrevistado menciona.

A entrevista nos trouxe certa compreensão da dinâmica e dos signos atuais que marcam as paredes da comunidade, da produção multissemiótica que cerca as paredes da favela, tendo sido notória a transformação das marcas através do tempo. As pichações, no passado, eram marcadas nos muros da favela apenas com símbolos, grifes e marcas, na tentativa de demonstrar o "desafio" em chancelar os muros com suas insígnias pessoais.

Os grifos visualizados nos muros da favela revelam memórias de jovens mortos, com marcas cronológicas das homenagens. Nesse momento, conseguimos compreender que o espaço pode ser educativo à medida que o indivíduo se conecta com a favela, na produção de códigos comunicativos semióticos que reclamam por lugar na produção sociocultural, confluindo com a oralidade do grupo.

BARBOSA - nasceu e foi criado na favela, professor do nível técnico e superior, a princípio pouco falante, mostrando-se gradativamente mais a vontade no curso da entrevista. Muito introspectivo, cuidadoso em suas palavras, sinaliza o paradoxo de valores sociais dentro e fora da favela, revelando como a Barreira pode se demonstrar uma escola. Menciona que no espaço da favela, existe um novo perfil de moradores, pois alguns moradores que mantêm emprego regular, com formação superior, decidem manterem-se no espaço pelos elos de

afinidade que consagram a própria existência, revelando assim o perfil do morador contemporâneo da favela: do acadêmico e professor.

Tabela 1 – Principais Valores Sociais *A Favela e fora dela*

Na Favela	Fora da Favela
Acolhimento/aproximação	Distanciamento
Confiança	Desconfiança
Entrosamento	Afastamento
Colaboração	Indiferença
Avizinhação	Arredamento
Compartilham	Desagregam
Coletivo	Individual
Celebração	Renegação

(apontados na narrativa do colaborador Barbosa)

É possível observar, então, uma trajetória que passa do abstrato dos "doutores em favela", para o concreto, dos "doutores da favela".

Nessa entrevista em especial, nosso colaborador explicitou valores sociais afetivos mantidos na favela análogos àqueles praticados nos espaços externos desta, a rede de proteção e segurança existente na favela, que confere uma percepção da Barreira como uma família, o espaço seguro, se comparado com lugares fora da favela, o que nos mereceu detida atenção, a percepção da construção de uma "rede social interna" ligada pelos vínculos da afetividade e colaboração, que consolida a favela como espaço familiar e seguro.

MORENA – Mulher jovem, muito bonita, oscilando entre alegria e timidez, um pouco envergonhada no começo de nossa entrevista, sentindo-se aos poucos mais a vontade. Profissional da área da saúde mantém a Barreira como lugar de trabalho, e de morada, uma vez que reside a menos de 50 metros da favela. Revela a realidade sanitária local e os impactos delineados pelos contornos da desigualdade dos núcleos da própria favela. A entrevista, realizada em dois encontros na casa da colaboradora, - ambas as ocasiões acompanhadas de um vigoroso lanche servido de bolo, refrigerante, biscoito e suco - externou a certeza de como a favela foi um paradoxo em sua própria vida. Morena narra que veio do subúrbio de Bento Ribeiro morar sozinha na Barreira aos 18 anos, na área mais privilegiada, mas confessa o medo que mantinha do local, em função da estética do espaço.

A oportunidade de ser aprovada em certame público a fez, curiosamente, ser lotada no bairro em que mora, e poder trabalhar exatamente na Barreira, o que lhe fez se encontrar com sua vocação. Descreve a Barreira como uma grande escola, formada por uma rede de

solidariedade, o que faz com que o espaço seja uma grande família. Hoje, após oito anos morando na favela, a entrevistada reconhece que o espaço é acolhedor, e professa o medo que tinha com a relação estética do lugar, indicando que, por ser um lugar feio, imprimia-lhe medo, mas atualmente, tem carinho e respeito pelo lugar e por seus moradores, evidenciando a recíproca com que tem sido tratada no local.

PITBULL – Um homem forte física e espiritualmente, sempre com um sorriso no rosto e uma palavra amiga para quem entra e sai da Barreira. Exerce o ofício de peixeiro há anos, logo na entrada da Barreira (pela rua dos Diamantes), com muita simpatia e esperança no olhar. Nordestino, nascido em Areal, na Paraíba, tendo saído de sua cidade natal para tentar a vida em São Paulo com pouco mais de 20 anos de idade, na companhia do seu irmão na década de 90. Conta que seu irmão tentou a sorte aqui no Rio de Janeiro, mas depois de algumas dificuldades, conseguiu comprar uma casa na Barreira no fim da década de 80, e com isso, trouxe seus demais familiares, que hoje se encontram acomodados e trabalhando no local. Relata o quanto a Barreira significa para sua própria vida, reconhecendo que progrediu em sua vida, no mesmo passo que o lugar, demonstrando mais uma vez o mosaico que se estabelece entre a vida do entrevistado e o espaço da favela.

Pitbull tem muita representatividade para o local, primeiro, por estar na porta de entrada e saída do lugar, recepcionando a cada um que passa com um vigoroso “bom dia”, ou “boa tarde”, o que já nos fornece pistas da simpatia e simplicidade locais.

A entrada da Favela pela Rua dos Diamantes é guarnecida por duas barraquinhas de comida: uma com o melhor peixe do bairro, sempre fresco e bem limpo para o consumo, graças a dedicação dos trabalhos de nosso colaborador Pitbull. A outra barraca fica em frente à de peixe, também na entrada da Favela, ofertando frutas, legumes e verduras, encontrando na força da mulher Drica, a simpatia e receptividades marcas iniciais expressivas no espaço de entrada da favela, marcado no elemento da familiaridade, um indício da representatividade do alimento como elo afetivo para o espaço. A comida estava mesmo sempre presente nas entrevistas e no espaço.

Todos os encontros, sempre promovidos com cuidado carinhoso pelo entrevistado, foram acompanhados de algum alimento, que compreendemos para muito além do ato de alimentar-se, mas carregado de signos do “acolhimento e do compartilhar”. Em algumas entrevistas, pude perceber que servir algo de comer simboliza fartura, mesmo que não exista abundância, pois ter um pedaço de pão para compartilhar ameniza a dor que muitos sentiram

de desejar consumir a migalha de alguém. O ‘graças a Deus’ dado pelo alimento é uma forma de se conectar ao divino e de se sentir lembrado pelas forças superiores. É uma forma de amenizar feridas antigas que mesmo cicatrizadas parecem incomodar.

Não pude deixar de pensar em como o espaço nos fornece muitas pistas, que se coadunam com as experiências que vivenciamos em nossas entrevistas, mas só pude perceber essas nuances ao longo do trabalho.

HELENICE – Essa colaboradora foi nosso “achado” na Barreira, e uma perfeita superveniência de dados surgida ao acaso. Depois de finda a fase das entrevistas, já no momento de escrita da tese, muito por um acaso, numa tarde enquanto esperava na fila da padaria do Pedro, na esquina da Barreira, em uma conversa casual, Helenice se coloca como um acervo vivo da Barreira, nascida e criada no local, uma senhora jovial que embora não tenha revelado a idade aparenta ter seus sessenta e poucos anos, nos trouxe uma contribuição fundamental: a lenda local Juca Pyrama, o que nos permitiu compreender o processo de ocupação da favela e do entorno e os mecanismos de especulação de terras que Juca realizava no local.

A DEFINIÇÃO DA REDE de colaboradores entrevistados dependeu das indicações do nosso “marco zero”, de codinome Getúlio, que trabalhou nas escavações junto de seu pai, presenciando o loteamento dos terrenos da Favela e o surgimento das casas. Este primeiro participante sugeriu a entrevista de JC e Lalá. Dona Lalá, - embora seja a moradora mais antiga, compreendemos que nosso marco zero deveria ser Sr. Getúlio, por conhecer o espaço da favela em sua formação - por sua vez, sugeriu as entrevistas de Nogueira e de Aparecida. O colaborador JC indicou Barbosa e Morena a serem entrevistados. Porém, além deles, também foi muito importante a contribuição de Jocelino, dirigente do NEPP Núcleo Ecológico Pedras Preciosas, e de Xico, também trabalhador comunitário do NEPP, o qual indicou Tia Dadá, que também compartilhou sua história de vida e trabalho na Barreira. Helenice surge como nossa colaboradora voluntária na ocasião findada as entrevistas por saber da pesquisa e sinalizar a vontade de colaborar, nos trazendo a descoberta de documentos que apontavam Juca como loteador das terras da Barreira.

A realização das entrevistas dependeu muito mais da conquista da confiança dos colaboradores (mais do que o comum nos trabalhos de história oral) e inserção no convívio dos colaboradores, por meio da participação em momentos de seu dia a dia. Isso foi

oportunizado, também, pelo fato de eu estar residindo no local e ser vista mais como membro da favela do que "uma entrevistadora que vem de fora só para avaliar o local, colher entrevistas e ir embora". Apreender as histórias de vida significou pertencer ao cotidiano dos colaboradores, em diversos momentos todos recheados de (des)sabores e (des)gostos, entretecendo meu próprio lugar de fala.

O trabalho de entrevistas levou ao entendimento de um universo que eu desconhecia: um universo de sentidos para formação da memória, formado por texturas palatáveis, olfativa, sensoriais que ao mesmo tempo que capturava com habilidade os tons da favela, ao mesmo tempo ressaltava contrastes das desigualdades presentes no próprio espaço. O cheiro das casas visitadas despertava gostos. A falta de alimentos na mesa de outros marcava o desgosto da vida em privação. Entender essa dinâmica, de certa forma, permitiu aos poucos o acesso às histórias de vida e ao cotidiano dos entrevistados, até a chegada do dia da entrevista. No dia da entrevista, conseguia entender o contraste entre o sabor do alimento e o ardor da falta, entre o ter e o desejar; por fim, entre o chegar e permanecer no espaço.

Mesmo nessas contradições, nossos encontros eram sempre pontuados por uma recepção sempre calorosa, na casa dos entrevistados ou em lugares da favela eleito pelos próprios colaboradores, mantendo como ponto comum o acolhimento, e a comida.

Essas vozes, nos conduziram à compreensão das histórias de vida, das experiências e a invenção de um "si" fruto das interações sociais, individuais, do tempo, do espaço e de suas transformações, mobilizando as relações entre as construções pessoais e o espaço, entretecendo uma simbiose entre a história de vida dos colaboradores com a história do próprio espaço da Barreira.

Nesse sentido, as oralidades forneceu-nos encaminhamento à analise das identidade(s) que emergiram da dinâmica da construção das formas cognitivas de produzir conhecimento, produto das experiências de vida apreendidas no cotidiano, permeado de negociações e estratégias de sobrevivência com os espaços da favela.

Como eu não sabia quando o entrevistado estaria disposto a contribuir com a pesquisa, eu sempre fazia as visitas acompanhadas de meu gravador e filmadora portátil, mas só os utilizava quando o entrevistado sinalizava que estava pronto a falar. Parecia que lhes dava uma emoção especial procrastinar a entrevista, era como se minha presença a pertencer o cotidiano dos nossos colaboradores fosse de alguma forma enaltecida. Ser recebida com alegria e alimento era como um ritual que precedia um evento muito importante.

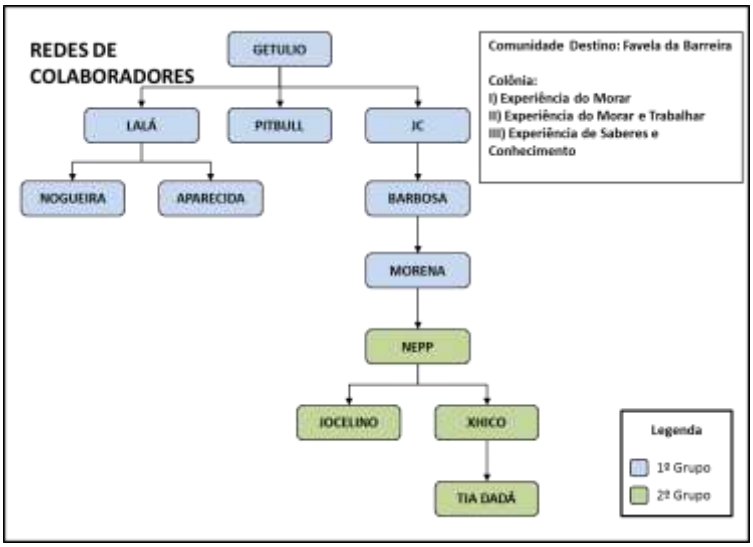
Experimentei uma mistura de sentimentos indizíveis: se por um lado transbordava a frustração pela demora da entrevista, por outro começava de alguma forma a me sentir mais próxima, de compreender os sentidos do cotidiano dos nossos colaboradores, ou seja, do pertencimento. Percebi que, para os colaboradores, contar suas histórias era o evento tão esperado, sublimado pela sucessão de encontros calorosos. Posso dizer que toda a rede assumiu essa ritualística.

Quando finalmente conseguimos nosso arcabouço de entrevistas, percebi que sugeriam questões como a vinda de pessoas de outros Estados para tentar a vida no Rio de Janeiro, ou de outras partes da cidade do Rio de Janeiro, e até mesmo do bairro de Rocha Miranda, buscando na Barreira uma oportunidade de vida. Isso nos conduziu a investigar o movimento de ocupação da favela a partir da trajetória do "morar" na Barreira.

A estruturação das entrevistas encaminhou-nos a identificação de três colônias, configuradas pelos signos que emergiram das redes de entrevistas, considerando os elementos fornecidos pelo próprio tecido narrativo dos entrevistados e seus elementos de pertencimento.

Aqui nos cabe um à parte sobre o trabalho com a história oral e a referência metodológica eleita que se impõe explicitar.

Tabela 2 – Organograma Rede de Colaboradores



A construção do projeto, e a metodologia utilizada cumpriu a agenda de trabalho delineado na história oral propugnada pelo NEHO/USP, muito mais evidenciada na estruturação e execução do trabalho de campo.

No entanto, considerando a extensão do corpus narrativo das doze entrevistas, que embora analisadas individualmente, e ainda, em decorrência da eleição da forma de

desenvolvimento e investigação apreendida pelo presente estudo, o qual cotejou não só memórias, mas elementos outros como espaço, tempo e outras conexões, buscando construções cognitivas e identitária locais, nos encaminhou a arranjos que fornecessem ao mesmo tempo a discussão de elementos centrais numa perspectiva conceitual, que partissem, por outro lado, do arcabouço dos elementos identificados como práticas cotidianas pelo grupo em suas entrevistas, e que pudessem nos guiar ao desenvolvimento da discussão acadêmica.

Nesse sentido, para construção da escrita do tecido narrativo, optamos por organizá-las em colônias o que nos forneceu encaminhamentos elementares, estrutura estabelecidas pela história oral do NEHO/USP, porém, com as entrevistas analisadas e empreendidas no presente trabalho de acordo com parâmetros utilizados por Delgado (2006).

Mantivemos assim, trechos narrativos e o sentido emergido pelas entrevistas, uma alternativa à incorporação das entrevistas na íntegra no bojo da tese, permitindo o desenvolvimento do tecido narrativo no interior do trabalho, ao longo de um capítulo (Capitulo 4), dinamizando as falas com os referenciais conceituais, permitindo uma construção enxuta, que segue, por outro lado, os rigores metodológicos propostos pela historia oral em ambos os modelos eleitos. Por mera formalidade, e não por grau de significação, optamos em trabalhar com os trechos narrativos ao longo do Capitulo 4, dentro de suas respectivas colônias, sempre conferindo o suporte compreensivo e não interpretativo ao tecido oral, o que imprimiu mais significado do lugar na concepção dos moradores, sendo esse o compromisso da metodologia da oralidade eleita.

A primeira colônia, designada **Espaço e cotidiano (**experiências do morar), reúne no Capítulo 4, a análise de quatro entrevistas, realizadas apenas entre moradores, definindo recortes que nos encaminham ao entendimento das questões de significados do espaço para seus moradores, pertencimento e representações da favela.

A segunda colônia, **Apropriações e produções** (o trabalho na Barreira) conjuga a análise de três entrevistas entre moradores e trabalhadores no espaço, que nos encaminha a compreensão de questões: como a favela pode se consolidar como lugar e não lugar ao mesmo tempo, a formação de suas redes de afetos, de suas identidades, a construção do suporte de memória de vida e sua relação com o espaço, desvelando a diversidade na dinâmica de trabalho, que se entrelaça ao mesmo tempo na apropriação do espaço e como o “ser” se produz em diferentes níveis de apropriação desse espaço, revelando ainda aproximações e distanciamentos mobilizados na favela;

A terceira colônia, **Entre o ser e o estar na favela** (aprendizagem), contempla quatro entrevistas de moradores e de um ex-morador da favela, evidenciando em suas histórias de vida a forma como as experiências do morar na favela contribuíram para apreensões acerca do que ali é dinamizado, o agir no espaço, conduziu-os a uma rede de aprendizagem e formação de conhecimentos emergindo uma espécie de simbiose entre a formação do ser, sua história de vida com a trajetória do próprio espaço, nos fornecendo encaminhamentos a compreensão da questão nodal de nosso estudo, a favela como centro de potencia educadora, espaço construtor do suporte cognitivo, consolidador de *ethos* locais peculiares, os quais dinamizam, conferindo identidades ao lugar.

As entrevistas não se mostraram um mero expediente para a pesquisa, mas se tornaram cada vez mais exigentes de minha própria integração ao meio. Além disso, convidavam-me ao exercício da sensibilidade, pois divergia bastante da objetividade que construíra através do exercício profissional do Direito. Esses arranjos não se mostram estáticos, vez que as narrativas de uma colônia são circulares necessárias ao entendimento das outras, permitindo uma certa circularidade das narrativas em torno das colônias observadas. Garantir essa circularidade das narrativas e a compreensão de seus signos exigiram muito mais do que encontros, mas a dedicação e participação, um verdadeiro mergulho no cotidiano, consolidando transformações em mim mesma, (re)significando o meu próprio lugar de fala.

1.5 A HIBRIDIZAÇÃO DA METODOLOGIA ORAL ENTRE MEIHY E DELGADO

A metodologia: análise da narrativa à análise da conversa e o achado da pesquisa

Adotar a metodologia da história oral em nossa pesquisa não nos foi um critério discricionário, mas vinculado à necessidade de desenvolver o entendimento acerca de um lugar a partir da memória de seus moradores. Portanto, compreender a Favela da Barreira, demandou inicialmente entender a história de vida de seus moradores, fixando assim um *corpus* oral como o critério nodal ao desenvolvimento de nosso estudo.

Desta forma, partindo das diretrizes de Meihy (2011;2014), a construção da pesquisa situou o *corpus documental* nas narrativas, que forneceram encaminhamentos aos métodos de trabalho bem como aos referenciais teóricos.

Obedecendo as diretrizes metodológicas da história oral em Meihy (2011; 2014) partindo do suporte narrativo, após a conjugação das 12 (doze) narrativas, analisando o tecido narrativo, compreendemos que as falas mantinham em comum a questão da identidade

pessoal (e coletiva) cunhada ao mesmo tempo (e junto) do crescimento da Favela. As vozes da Barreira deixaram clara a questão do mosaico formalizado entre história de vida e trajetória local que desvela o desenvolvimento da favela entre o espaço carente ao lugar urbano, com o progresso de vida dos moradores desde suas chegadas a favela.

Seguindo assim o roteiro da história oral na metodologia propugnada, ancorada na construção da pesquisa a partir dos elementos orais que se enunciaram, mostrou-se necessário entrarmos na seara histórica do lugar para compreendermos o desenvolvimento da favela historicamente falando, já que as narrativas nos encaminhava a necessidade de percorrermos esse caminho, para desvelar os sentidos conferidos nas narrativas do mosaico entre história de vida e história local.

Se, por um lado, o percurso do caminho histórico contribuiu para situar o território e nos fornecer elementos de formação da Barreira, por outro lado nos trouxe um problema: conjugar o elemento histórico na pesquisa que delineava um *corpus preponderantemente oral.* Essa questão não passou *in albis* ao nosso então orientador à época Meihy, que sempre nos lembrava, com seu tom paterno de um exímio orientador: "Fábia, pés no chão, você precisa decidir se a história oral será utilizada como técnica ou como metodologia!"

A compreensão de que o *corpus* fundamental da pesquisa estava situado no conjunto narrativo e não nas fontes documentais ou bibliográficas, de certa forma ampliava mais o problema. Conhecer teoricamente a metodologia da história oral, não significava ter subsídios para equacionar questões de ordem prática que a própria metodologia adotada impunha, a questão central residia em como trabalhar a história oral como metodologia (e não técnica complementar), mantendo a oralidade como núcleo duro e principal da pesquisa, respeitando os caminhos históricos que as próprias narrativas insistiam em dar.

Seguir o que as narrativas indicavam, como a metodologia propunha se tornou o problema *prima facie:* como desenvolver a oralidade como corpo duro e central conjugado com os elementos históricos de um território sem tornar a oralidade uma técnica complementar?

Com o auxilio de outros referenciais, pudemos compreender que história de vida e história local não poderia ser tratada como compartimentos estanques, mas como a "espinha dorsal", como elemento de unicidade emergido nas narrativas, e, portanto, correlato ao *corpus documental narrativo* que compunha a tese. Essa percepção intensificou mais nossos trabalhos, delineando uma metodologia cunhada na oralidade que sustentasse o escopo da necessidade de situar lugares elementares como a própria trajetória de vida dos colaboradores.

A utilização de metodologia complementar que situava a história oral como corpus principal de pesquisa conjugando elementos secundários de apoio, nos pareceu uma alternativa razoável, mas outro problema se colocava: manter a integridade do trabalho realizado na metodologia de Meihy (que permeou o projeto) respeitando assim todo período e dedicação de nosso então preceptor na condução dos trabalhos, alinhando com o trabalho analítico e estrutural das narrativas desvelando a simbiose de vidas e lugar, mantendo o escopo da história oral como metodologia, e não técnica complementar.

Outra pesquisa se colocou dentro da pesquisa desenvolvida, consistindo na busca de uma metodologia de história oral, que além de conjugar a oralidade como núcleo essencial com demais elementos emergidos pelas narrativas (históricos, documentais e bibliográficos), mantivesse a integridade do trabalho que desenvolvemos na fase inicial do projeto, situando todo o trabalho no *corpus* documental oral.

Aqui nos cabe um a parte: A metodologia de Meihy (2014), delineou a construção do projeto, a elaboração das redes, a construção de roteiro flexível de entrevista, mas precisávamos de uma metodologia capaz de alinhar os dados coletados na elaboração, estrutura, análise dos dados e escrita da tese.

Restava então a questão: como conciliar o trabalho com as narrativas e sistematizar um modelo de história oral que atendesse a todos os pressupostos pragmáticos que se apresentavam em nossa pesquisa: aliar o *corpus* oral com a historicidade do território que as narrativas colocavam ao mesmo tempo conjugando as práticas já empregadas da metodologia que encaminhou a pesquisa com um novo arranjo, propondo um trabalho com as narrativas que pudesse nos fornecer o suporte analítico das mesmas, respeitando critérios fundamentais da metodologia primogênita adotada. Confesso que esse trabalho não foi fácil, e tomou muito tempo de nossa pesquisa, afinal, uma nova pesquisa se colocava dentro de nossa própria pesquisa e isso foi inesperado.

Em alguns momentos, talvez como alguns leitores possam estar imaginando, pensei que todo esse dilema poderia ser facilmente abreviado com a decisão de utilizar a história oral como técnica complementar ou mesmo um único modelo de história oral, reiniciando todo o projeto, o que parecia-se inviável dado o tempo exíguo para organizar e estruturar os dados.

No entanto, compreendemos que tais alternativas demonstrariam violação da própria natureza da pesquisa, significaria banalizar a profundidade das histórias de vida, provocariam por certo um apagamento ao brilhante trabalho que nosso até então orientador tinha-nos deixado como legado, além do que, não estabeleceria relação fática com as investigações e a

dinâmica de vida evidenciada na Favela da Barreira. Em outras palavras: faltaria aderência da metodologia aos dados coletados.

Entendi que o caminho mais fácil seria o mais equivocado, e o mais difícil se colocava como o mais adequado a demonstrar o tecido vivo da favela, delineado entre vida e espaço. Nesse momento entendi que se a vida e as construções sociais na favela não eram de fácil compreensão, respeitar as suas dinâmicas, externando-as em pesquisas, seria tão difícil quanto realizar a inscrição dessas dinâmicas, cumprindo com fidedignidade as realidades ali alinhavadas.

Assim, após muitas pesquisas, identificamos em Delgado (2006, p. 21), a metodologia de trabalho em história oral situada nas *trajetórias de vida*, que precisávamos para aliar a de Meihy (2011;2014), preservando o trabalho inicial do projeto de pesquisa, o que nos inspirou o trabalho com as narrativas singularizadas, respeitando o critério da individualidade das entrevistas que a metodologia inicial utilizada impõe.

Esse trabalho também não se demonstrou uma tarefa fácil, visto que precisávamos realizar a análise das narrativas de forma tal a não conferir fragmentação, e ao mesmo tempo trabalhando com entrevistas integrais estruturando-as com discursos indiretos e diretos ao mesmo tempo e citações diretas dos narradores, observando os elementos de interseção das narrativas para compreendê-las, como assinala Meihy (2014, p. 131):

> [...] desde que planejada e previamente determinada, como parte de um todo, a análise deve integrar o processo de desenvolvimento da proposta, mas em sua fase final, depois de constituídos os documentos derivados de entrevistas e estabelecidos os critérios de diálogos com outras séries documentais. Isoladas, as entrevistas não falam por si, logicamente. Alinhá-las, contudo, é um procedimento capaz de sugerir, mais do que a condução do projeto, possíveis análises. Sozinhas, também, as entrevistas não se sustentam enquanto história oral; seriam apenas textos estabelecidos. A dimensão social é feita na medida em que são indicados os pontos de intercessão das diversas entrevistas. [...] A memória coletiva e a identidade social se fundem para dimensionar o social, e mais do que objetos isolados de estudos elas se constituem no fundamento da história oral.

No entanto, conciliar a individualidade e dinâmicas de interseção das narrativas em Meihy (2011;2014), com o trabalho de metodologia empregado por Delgado (2006), para o exercício sistemático e analítico das entrevistas, encaminhou a construção de um caminho outro (embora nunca tivesse sido esse nosso objetivo), que nos permitiu manter alguns critérios como as colônias da metodologia de oralidade de Meihy (2011;2014), que foram

agrupadas em bloco no Capítulo 4 seguindo o critério de rede, agrupando e integrando as narrativas, com a dialógica dos elementos que constituem o *habitus* do grupo tecido por Norbert Elias (1994) e por Maffesoli (2010) para situarmos as narrativas e compreendermos as articulações que cada um dos tecidos narrativos desvelavam a partir de suas apropriações, cumprindo alguns fundamentos da metodologia inicial de oralidade em nossa pesquisa, sistematizando e conferindo efeitos analítico as narrativas de acordo com os critérios de Delgado (2006), conferindo uma nova proposta de oralidade e estruturação a partir do critério da síntese elaborada das entrevistas, carreando sua respectiva seção analítica geral identificando o elemento do fenômeno pragmático em si elaborado pelo grupo, ao fim de cada um dos blocos.

Essa conjugação ensejou necessariamente a formulação de um método próprio de análise das entrevistas, e das conversas ancorado tematicamente na autopoiese de Maturana (1998; 2001), com abordagens na etnometodologia de Garfinkel (2018) respectivamente, e esse ancoramento teórico seguiu tanto as concepções filosóficas e valores eleitos pelos entrevistados para as práticas do cotidiano na favela emergidos em seus discursos, atendendo ainda ao roteiro da (auto) organicidade do lugar constantemente mencionado nas entrevistas.

Desta forma, analisando os elementos de conteúdo do tecido narrativo, identificamos um elemento comum nas narrativas: os colaboradores teciam discursos e conceitos associando elementos do cotidiano e do espaço para explicar à vida biológica, revelando a profundidade do mosaico e dos signos tecidos entre vida e espaço.

Esse elemento, considerado o achado da pesquisa, compreendemos por designar de “biodiscursividade”, visto que existe no interior de uma dialética entre vida-espaço-discurso, o que nos forneceu subsídios ao entendimento do discurso nodal (e homogêneo) emergido nas entrevistas: a história de vida dos moradores, para eles, significava a própria história do lugar, a retórica construída de uma única história, o que ratifica o escopo de tratamento da dialética ser compreendida como “espinha dorsal” de nossa pesquisa.

Em dado momento de nosso estudo, percebemos que a análise do tecido oral também carecia de certa forma, da análise da conversa que se estabelecia entre pesquisador e colaborador, que emergia a interação do falar compreendidas com facilidade naquilo que se falava, no dito, das coisas não ditas e nos códigos que marcavam o entre dito.

Isso de certa forma mostrou-nos a importância de conhecer, enquanto moradora, os termos e expressões utilizadas possibilitando identificar aquilo que de fato os narradores pretendiam dizer, situando-nos como parte daquilo que observávamos.

Um exemplo dessa dinâmica está na expressão “os meninos” constantemente proferidos por Dona Lalá quando menciona a ajuda que teve para construção de seu templo, e como “eles” nunca mexem com seus filhos de santo; citados por Xico, quando informa que “eles” são responsáveis pela organização dos bailes e por Jocelino, quando menciona suas mortes prematuras.

Qualquer um poderia compreender se tratar de adolescentes envolvidos no lazer e na construção da comunidade, o que não deixa de ser verdade, no entanto, existe um sentido mais profundo nessa expressão. De que “meninos” se referem? Sabemos quem são porque entendemos além do que a expressão fala, mas a dinâmica empregada e os signos que situados no mais profundo da expressão.

Trata-se de personagens que confabulam as construções das margens dentro da favela já considerada marginalizada, o que revela traços do que chamamos de construções (sub) subalternas na favela, marcadas ainda pela geo-identidade que determina as singularidades de cada espaço.

Nesse sentido, compreendemos a necessidade de empregar instrumentos que viabilizassem o entendimento não somente do tecido narrativo, mas das relações de significado que se estabeleciam nas conversas com os entrevistados inseridas nas expressões distribuídas nas narrativas, o que nos reportou a um elemento da abordagem etnometodológica - não necessariamente o emprego do método em si – *quando os relatos dos membros de atividades cotidianas são usados como prescrições para localizar, identificar, analisar, classificar, e para tornar reconhecível ou orientar-se em ocasiões comparáveis* (GARFINKEL, 2018, p. 93).

E foram nessas expressões ditas, e na conexão mantida pelo não dito embora compreensíveis no entre dito, que emergiu um dos elementos que marca as observações etnometodológica[25]:

> O caráter preciso e sensato da questão que está sendo relatada é estabelecido por uma indicação que narrador e ouvinte fazem um ao outro de que cada um dará ao outro quaisquer entendimento não declarados que se faça necessário. Muito, portanto, do que é realmente narrado não é mencionado. [...] o sentido (ou o fato) *reconhecível*, ou o caráter metódico, ou a impessoalidade organizadas de seus usos. Suas características racionais *consistem* no que os membros fazem com os relatos, no que “entendem” deles nas ocasiões reais socialmente organizadas de seus usos (GARFINKEL, 2018, p. 95).

25 O conceito da metodologia, refere-se a investigação das propriedades racionais de expressões indexicais e outras ações práticas como realizações contínuas e contingentes de práticas engenhosas da vida cotidiana (Garfinkel, 2018, p. 101).

O elemento imanente abordado pela etnometodologia, *das características reconhecíveis pelas quais a relatabilidade ocorre* nos encaminhou ao encontro do achado de pesquisa, o conceito que cunhamos como biodiscursividade, emergido nas expressões, por vezes indexicais[26] definidas por Garfinkel (2018, p. 96) as quais superavam por vezes na narrativa as expressões objetivas.

> Cada uma de suas elocuções, "expressões", constitui uma palavra e se refere a uma determinada pessoa, tempo ou lugar, nomeia algo não nomeado por alguma réplica da palavra. Sua denotação é relativa ao falante (GARFINKEL, 2018, p. 95).

Por outro lado, analisar a conversa nos forneceu encaminhamento confluente para analisar o tecido narrativo que situou as falas na questão orgânica (biológica) das relações pessoais e locais, formulando dialética entre organismo humano e urbano. Situar a análise da conversa e análise do tecido narrativo, na noção da ontologia do conversar cunhado por Maturana (1998, p. 79), propiciou-nos a conjugação dos elementos que elaboravam a racionalidade extraída do cotidiano com os afetos, como formuladores de culturas confluentes, emergindo relações dialógicas entre linguagem e linguajar, o raciocínio que busca na descrição e correlação situadas nas dinâmicas do dia a dia a racionalização e compreensão do cotidiano, delineando o emocionar, a conduta e as ações.

Nesse sentido, observar as interseções das narrativas, nos fez entender o critério de reciprocidade, que integram o agir do grupo, o que nos encaminhou a compreensão da organização de uma sociedade pautada na retributividade e voluntarismos espontâneos, muito mais do que o conceito de solidariedade superficialmente compreendido.

As dinâmicas de auto-organização social pautadas na retributividade e voluntarismos espontâneos nos encaminharam aos referenciais de Mauss (2003), sobre a dádiva fundada nas razões de troca o elemento motriz do fenômeno social que assinala as práticas na favela da Barreira.

Os elementos de retributividade e voluntarismo, emergidos e utilizados ainda como elementos de análise das narrativas a identificar inclusive as expressões indexicais, formalizaram a história oral dos moradores e da favela, respondendo a questão da simbiose entre vida e espaço representados como história de vida, tomando corpo em seu aspecto metodológico, à medida que das próprias histórias de vida (Meihy, 2014) e das trajetórias de

---

26 Garfinkel (2018, p. 95) cita Hussel definindo expressões indexicais, como sendo expressões cujo sentido não pode ser decidido por quem ouve sem que, necessariamente, este saiba ou presuma algo sobre a biografia e os propósitos do usuário da expressão, sobre as circunstancias da elocução, sobre a trajetória prévia da conversa ou relação específica de interação real ou potencial que existe entre quem se expressa e quem ouve.

vida (Delgado, 2006), é possível compreender a envergadura assumida pelo *corpus* documental oral assumido na condução do estudo, o que o situa no âmbito da abordagem metodológica e não de técnica complementar.

Por outro lado, não refutamos os reflexos da instrumentalização da história oral como metodologia e os aparentes paradoxos teóricos gerados, vez que *"a história oral para deixar de ser recurso complementar implica estabelecimento de linhas de atuação que a extraia da aventura diletante ou de voluntarismos espontâneos"* (Meihy, 2014, p. 12).

A proposta que alinhavamos, consiste no tecido de uma metodologia de oralidade híbrida, e suportes teóricos metodológicos para análise do tecido narrativo. Essas são sem dúvida a contribuição de inovação que buscamos trazer as construções da academia, conferindo o escopo do ineditismo atribuído ao instituto da tese, situando nossas considerações no âmbito do pluralismo epistêmico, vez que o trabalho de descrever a favela no seu cotidiano, como "ser" dinâmico e singular não encontra amparo em uma única corrente ou na dicção de Feyerabend (2011, p. 42), *de um método fixo,* em método cientifico universal.

Nesse sentido, nosso estudo e as teorias nele alinhavadas, devem ser concebidas como aproximações das realidades do tecido fenomenológico social humano da favela da Barreira, dadas a "construção de si" do grupo em sua constância, pelo grau de mobilidade das articulações sociais da favela, buscamos a melhor aproximação, de forma que possa retratar os arranjos orquestrados, que certamente se aperfeiçoam a cada dia, ao longo do tempo, de suas histórias, experiências e seus lugares.

CAPÍTULO 2 – HISTORIA ORAL, NAS LINHAS DO TEMPO, DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE DA FAVELA DA BARREIRA

O presente capítulo, dedicamos a aclarar os elementos teóricos que serviram como ponto de partida, conceituais que teceram a rota de nossa análise, suporte utilizado no trabalho de compreensão do conjunto narrativo, e para as reflexões propostas, conferindo o relevo teórico-conceitual de construção de nosso estudo.

A busca pela cultura, pela identidade e pelo suporte de construção cognitiva em um espaço tão desfavorecido quanto uma favela, demandou uma compreensão que de plano rompesse com determinados paradigmas conceituais estabelecidos pela reificação das construções eurocêntricas. Aqui pontuo o primeiro desafio: a ruptura com certos acordos epistemológicos e deslocamentos do Eu (eurocêntrico, o projeto social ideal), que encerraram a construção do "outro" (a desordem ao projeto ideal), como o diferente, marginal.

Pensar a favela como o "outro" e sua polarização com os espaços mais privilegiados o "Eu" concebido como o normal e harmônico (a cidade), me pareceu pensar o Brasil e sua polarização na percepção dos estudiosos empíricos estrangeiros, em se comparado a continentes há mais tempo estabelecidos como a (Eu)ropa. Inevitavelmente fui remetida às linhas de Claude Lèvi-Strauss em seus T*ristes Trópicos* (1955), descrevendo o Brasil como um espaço bucólico e nostálgico, um país esquecido.

As linhas do pensamento eurocêntrico de Strauss reportam a construção de paradigmas reproduzidos e reverberados nas áreas micro e macro de formação do tecido social e político tanto se pensarmos no sentido do território nacional (Brasil), como também quando buscamos entender espaços como a favela, evidenciando a polarização das interpretações e signos cumprindo a agenda eurocêntrica, da dominação etnocêntrica que impregna a percepção e construção das dinâmicas concretas, vivenciadas nos espaços físicos e culminando com severas distorções no campo da construção do conhecimento.

Nesse sentido, a infância e desordem urbano-espacial, emergem os primeiros estigmas de percepção e construção da existência do outro colonizado (Brasil), reduzindo as dinâmicas a que perfilham o cotidiano, a um conjunto de instabilidades as quais seriam epistemologicamente supostamente irrelevantes, e por isso subalterna.

Inevitável avançarmos nas searas do movimento epistemológico de descolonização ou desconstrução do pensamento colonizado, pontuando questões a nós muito caras nesse trabalho, situando as diferenças entre o colonial e a subalternidade, desenvolvidas nas linhas teórica conceitual de Mignolo (2000).

Não posso negar aqui o papel da crueldade positivista que alcança, por muitas vezes as formas de produção do conhecimento, marcados por uma dominação institucional. Não quero com isso defender a subjetividade pela aplicação de um subjetivismo puro, pareceria muito mais pueril do que coerente, mas fui levada a entender que dentro das estruturas consolidadas pelo subjetivismo, repousa um núcleo duro, objetivo, o que faz dos estudos subjetivos (embora dotados de certa objetividade), carecerem romper com certas barreiras impostas pelo conhecimento pautado em "verdades" reproduzidas, incapazes de dialogar com a realidade de espaços e de grupos subalternos, em situações específicas, socialmente reconhecidas como vulnerável.

Nesse lastro é que a polifonia se apresentou como caminho viável e circular, conjugando a subjetividade e a objetividade ao mesmo tempo, onde a história oral surge como mediadora das tensões de episteme, constelando com a História enquanto disciplina, fornecendo alternativas mais flexíveis à compreensão do outro enquanto ser que se constrói em suas trajetórias (individual e coletivamente), um ser que é produto de suas próprias histórias, tão valorizadas quanto à essência da vida que carrega. Esse então se configura como mais um, dos inúmeros traços de resistência na produção do conhecimento cientifico delineados nesse trabalho, onde a história oral se demonstra fio condutor para novas reflexões, substrato de (re) construção de axiomas ontológicos, metodológicos, científicos e portanto, epistêmicos.

Assim, a primeira rota nos encaminhou a necessidade de compreensão e reconhecimento das construções cotidianas e seus significados pelas vozes da favela, os quais pudessem oferecer entendimentos às práticas sociais alinhavadas e estabelecidas no local. Alguns conceitos chaves e noções compuseram essa empreitada: Memória, identidade, tempo e espaço, lugar, práticas sociais como construção de micro direitos na favela, educação informal que enceta a favela como potencial espaço de produção de conhecimento.

Todas as noções e conceitos partiram da necessidade de certa dose de ruptura de paradigmas, e, portanto, nem sempre conseguirão alinhavar diálogos homogêneos entre os referenciais por nós eleitos, tendo por consequência o atravessamento por movimentos filosóficos, escolas de formação teóricas diversas as quais nem sempre se alinham em suas propostas.

No entanto, compreendemos que, nos diferentes referenciais conceituais trabalhados, buscamos uma reconstrução teórica que possa ser tão congruente a diversidade de vozes delineada pelas narrativas, isso porque, a empreitada de compreender o diverso, o diferente,

demanda (re)construções para além daquelas referendadas pelos paradigmas teóricos e científicos estáticos e disciplinadores. Assumimos então o trabalho de perscrutar campos de conhecimentos variados e suas teorias, heterogêneos entre si, O resultado dessa trajetória não poderia ser mais diferente: a ampliação da construção do conhecimento, fundado na relação (inter) disciplinar, fundamentando novas elaborações, afinal, alcançamos o efetivo exercício do interdisciplinar.

Assim, optamos por compor o capítulo com conceitos e noções de trabalho. Na primeira seção, *memória como suporte de identidade,* estabelecida pelo entendimento da premência que o trabalho com Memória se fez, demandando novas rupturas de paradigmas, que abordam memória sob a égide do temporal ou espacial. Precisamos então cumprir com uma agenda que levasse em consideração tanto o tempo como o espaço como elementos da memória, mantendo em Santo Agostinho (2017) em sua obra *confissões* (397-398d.c) os primeiros indícios da natureza da memória como um marcador de identidade, perscrutada ainda nas linhas de Bergson (1999), Ricoeur (2007) entre outros autores, recorte dedicado primeira seção deste capítulo.

As memórias, tecidas nas narrativas, nos forneceram o encaminhamento para a chave de conceito e compreensão da segunda seção deste capítulo, *história local e história de vida* , *a (re)* construção das trajetórias, determinando o suporte teórico capaz de conduzir análise evidenciada nas entrevistas quanto a simbiose da história local da favela com o alinhamento das histórias de vida de seus moradores.

Observar a favela como *lócus* de resgate da arte de narrar, atividade então compreendida como perdida ou fragmentada na própria trajetória que distingue a cidade da favela como ressaltado por Walter Benjamin (1994), mas perceber a história de construção da favela, e seu sincretismo alinhado às histórias de vida dos colaboradores, nos pareceu um bom caminho para compreensão do mosaico homem-favela emergindo elemento vida-favela, onde perscrutamos referenciais que pudessem nos encaminhar a compreensão da favela como força viva, um organismo dotado de peculiaridades pulsantes, imanentes ao corpo espacial territorial e humano, agregando e fazendo agregar em sua essência seus moradores como elementos de composição em si. Nesse viés, buscamos em autores como Certeau (2014) e Goffman (2011), os traços do fazer e ser que pudessem fornecer subsídios a análise do homem e suas construções simbólicas e significativas, a partir do seu próprio espaço.

A terceira seção deste capitulo, *A favela como objeto de representação do tempo e do espaço,* utilizamos alguns dos mesmos referenciais teóricos que trabalham a memória, por

compreendermos ser indissociável os elementos memória, espaço e tempo, e referenciais que percorrem o trajeto histórico da favela, como Zaluar (2012), Valladares (2005), Bachelard (1988) entre outros referenciais, o que nos levou às linhas de Le Breton (2016) favorecendo a analise da antropologia dos sentidos mantidas como referencial nuclear ao desenvolvimento da pesquisa. Nas reflexões propostas por Heidegger (2002), buscamos a compreensão do homem, da completude do "ser" e de seu "tempo", desvelando formas de perceber a favela enquanto espaço e suas das inflexões no tempo de sua própria existência, dando-nos rota viável ao entendimento das dinâmicas que encetam o homem como produto e produtor do que se (re)constrói constantemente, conjugando existência, espaço e tempo, o que nos levou a reflexões acerca do espaço enquanto um lugar, objeto da quarta seção desse capítulo.

Assim, na quarta seção desse capítulo, *Espaço, lugar e pertencimento: marcadores sociais nas narrativas da favela,* seção pensada voltada à conceitos que pudessem dialogar com os elementos narrativos, conferindo diversos signos à favela da Barreira, oscilando como lugar e ao mesmo tempo um não lugar, um único lugar cingida por inúmeras fragmentações e percepções espaciais, sendo-nos aqui interessante o trabalho com conceito de lugar propugnado por Tuan (2012), analisando conceitos de não lugar estabelecido nas linhas de Augé (1994), e as tensões tecidas no entremeio dessas diferenças, conceitualmente repercutido e expressado no aspecto das produções locais culturais, onde elegemos Canclini (2015) como base conceitual para essa análise.

Na quinta seção deste capítulo, trazemos a *construção de micro direitos na (e da) favela e o exercício do direito a cidade,* por encontrarmos nas narrativas elementos que evidenciam certa intervenção do morador da favela com a favela, nos parecendo viável observar as questões que formulam e atravessam o cotidiano.

O medo desvelado em silêncios pesarosos e em algumas experiências dos moradores, que passam a compreender a favela como o espaço seguro e o "outro" (configurado por ambientes fora da favela) o não seguro.

Essas dinâmicas corroboram novas construções assumidas pelos moradores evidenciando práticas sociais desenvolvidas no próprio espaço. A própria questão da ocupação enquanto direito a habitação e especulação imobiliária na favela provoca uma reprodução de valores cristalizados nos centros urbanos. Atravessamentos que consolidam bases de um direito assumido como fruto de estratégias e negociações com o espaço, situado na órbita dos costumes, transmitido em decorrência e no interior das relações sociais

estabelecidas no corpo da favela. Para essa análise, nos aportamos em conceitos cunhados por Lefebvre (2015), Agier (2015), Santos (2017), e Baierl (2004).

A sexta e ultima seção deste capítulo, *saberes e conhecimentos em narrativas: legitimidades epistemológicas na produção do conhecimento comum em espaços urbanos*, como se demonstra um núcleo epistemológico do nosso estudo, buscamos nos conceitos tecidos por Maffesoli (1987; 2010) rotas que pudessem nos conduzir ao caminho de compreensão das construções do cotidiano como suporte de elaboração do conhecimento comum, no conceito de sujeito epistêmico de Piaget (2016) nos fornecendo mecanismos para compreender os caminhos de como o homem se organiza na favela, se estrutura (e estrutura seu espaço) extraindo sua própria leitura de mundo, conferindo nuances ao desenvolvimento cognitivo do sujeito e sua interação com o espaço.

No sentido de construir nosso pensamento com bases nas rupturas epistemológicas e paradigmas clássicos, ancoramos nossas reflexões em Bombassaro (1992), Gadotti (2010) e Maturana (2001), delineamos assim, os conceitos e referenciais com que buscamos analisar nossas narrativas, trabalhadas de forma mais aprofundada no decurso do quarto capítulo.

2.1 A MEMORIA COMO SUPORTE DA IDENTIDADE

Definir a memória, não nos foi tarefa fácil, ainda mais quando dessa definição dependeria todo o suporte de análise das narrativas e das identidades emergidas pelas falas dos colaboradores os quais exprimiram como puderam suas experiências.

Decidimos por iniciar nossa trajetória conceitual pela análise do significado da palavra memória, e pudemos compreender como "aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas, lembranças, reminiscências; faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. Efeito da faculdade de lembrar; a própria lembrança[27]".

Nesse sentido, apreender a memória como capacidade de lembrar, refletir, reter ideias e sensações, orientou-nos a encontrar um suporte teórico que pudesse nos encaminhar às trilhas de compreensão das memórias, um trabalho que nos reportou inicialmente ao entendimento de sua essência, o que justifica revisitarmos e bebermos na fonte dos ensinamentos Agostinianos, onde encontramos o primeiro indício de construção da memória, o elemento primeiro, os sentidos.

27 Dicionário On Line de português. Fonte: https://www.dicio.com.br/memoria/ consultado em 30.04.2018.

> (...) diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá estão guardados todos os nossos pensamentos, quer aumentado, quer diminuído, quer modificando de qualquer modo as aquisições de nossos sentidos, e tudo o que aí depositamos ou reservamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido pelo esquecimento (SANTO AGOSTINHO, 2017, p. 281).

O jogo entre a lembrança e o esquecimento, o que salta imediatamente à memória quando se narra uma experiência, daquilo que se mantém esquecido, elenca estreitos laços com os sentimentos, o sentido que conferimos às experiências vivenciadas, agregado a uma determinada capacidade associativa de produzir um sentido efetivo (íntimo) que dialogue e se classifique com os sentidos impressos pelas relações sociais (coletivos) organizadas pelas percepções sensoriais, emanadas do universo dos sons, das imagens vistas, sentidas, dos odores, estruturando as lembranças, associadas ao sentimento que elas podem imprimir, consolidando os substratos da memória.

> Ali se conservam também classificadas de acordo com suas próprias espécies as sensações que as penetram cada uma por sua porta: a luz, todas as cores, as formas dos corpos, pelos olhos, toda espécie de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pelas narinas; todos os sabores, pela boca; enfim, pelo sentido que se estende por todo o corpo, o duro e o brando, o quente e o frio, o suave e o áspero, o pesado e o leve, quer seja extrínseco, quer seja intrínseco ao corpo. (SANTO AGOSTINHO, 2017, p. 282).

Nesse sentido, o corpo surge como o receptor nativo, emergindo a materialização da existência, do que é próprio do "ser" o instrumento que determina a ação com o mundo, muito bem cotejado performaticamente por Zumthor (2016):

> Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem do meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, e suas pernas e alegrias: contração e descontração de músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação do si próprio (ZUMTHOR, 2016, p. 28).

A memória, compreendida por Bergson (1999) basicamente como conjunto de imagem e sensações apreendidas pelo corpo, fornecendo a leitura de mundo que, embora

jamais poderá ser totalmente decifrado, tem no corpo o suporte, o instrumento de apreensão do mundo, onde o corpo exerce o papel de instrumento e ao mesmo tempo de integrante desse mundo material. O marco na construção teórica da memória em Bergson (1999) pode-se dizer que consiste na compreensão de um elemento metafisico para explicar a memória que transcende o instrumento corporal (material) e ao mesmo tempo o integra.

Nesse sentido, o autor propõe reflexões acerca de duas espécies de lembranças, que, mesmo não sendo produzidas isoladamente, retém características diferenciadas mantendo na nos mecanismos de apreensão da imagem seu núcleo comum.

A lembrança espontânea, compreendida como aquela que preserva datas e lugares, composta de conteúdos indeléveis pela ação do tempo ou de outras experiências, portanto fixa. Por outro lado, a formação de lembranças apreendidas, reverbera o complexo que tem o condão de se reformular-se, mediante a apreensão de novas experiências, com o aperfeiçoamento das experiências anteriores, pelo tempo, ou seja, duas modalidades de lembrança atreladas à formação da memória, uma estática/fixa e outra fluídica, portanto, mutável.

Assim, a percepção do indivíduo, para a construção da lembrança perfaz um processo associativo de apreensão das imagens, fornecendo interpretação das experiências vivenciadas. Nesse contexto, o corpo é o condutor seletivo das lembranças, mantendo nas experiências desempenhadas pela própria existência, uma reserva de memória seletiva, por vezes consolidada de forma fragmentada, como afirma Bosi (1994):

> Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança vive em estado latente, potencial. [...] o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é, sobretudo o de colher e escolher (BOSI, 1994, p.14).

Bergson (2006, p. 247), analisando a memória, como um fenômeno que projeta e (re) elabora o passado prolongando-a no presente donde a lembrança responde partindo dos elementos senso motores da ação que a lembrança extrai o calor que lhe confere vida, revivendo e representando ao mesmo tempo o ausente, não se distanciou das reflexões cunhadas por Santo Agostinho:

> [...] as demais impressões introduzidas e acumuladas em mim pelos outros sentidos, eu as recordo como me apraz; distingo o aroma dos lírios do perfume das violetas, sem cheirar nenhuma flor; e, sem experimentar nem tocar em coisa alguma, mas apenas com a lembrança. [...] recordo de de mim e de minhas ações, de seu tempo e lugar, do estado de espírito em que estava e dos sentimentos que me dominavam quando as praticava. Ali estão todas as lembranças do que aprendi ou pela crença ou pela experiência.[...] de acordo com minhas

> experiências pessoais, ou de acordo com as crenças que essas experiências me fizeram aceitar; ligo umas e outrascom o passado, e à luz desses conhecimentos, nas esperanças. (SANTO AGOSTINHO, 2017, p. 283).

Para Ricoeur (2007), a memória se desvela como mecanismo de retomada do ausente ou do passado no presente, estando para além da constituição da completude da reserva de memória, ou da apreensão de imagem, mas, sobretudo, é via para o exercício de (re)significação, seja de coisas e de si mesmo, trabalhando com uma espécie de reconfiguração dos dados mnemônicos constantemente, o que dialoga de certa forma, com a memória de apreensão de Bergson (1999), que se redefine sempre, destacando-se em Ricoeur (2007), a possibilidade dessa redefinição das apreensões reverberar na (re)significação dos sujeitos, das formas de (re) apreender o experienciado, redefinindo as formas de leitura de mundo.

> não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela". Assim o lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si (RICOEUR, 2007, p. 40).

As dinâmicas de relembrar, exercida nas narrativas dos colaboradores, exige a busca de conhecimentos já obtidos, encaminhando os sujeitos a (re)significação das próprias experiências, possibilitando a releitura de si e da realidade que se descortina.

Por outro lado, percorrendo os caminhos que buscaram o suporte teórico para compreendermos de que maneira a memória poderia nos conduzir ao entendimento da apreensão do conhecimento, proposta de nosso trabalho, de forma a cotejar nessa dinâmica marcas de construção da identidade – as quais já percebemos serem indissociáveis das memórias – é que retornamos nossa leitura ao referencial Agostiniano, quando o mesmo concebe ideias inatas:

> [...] adquirir tais conhecimentos – cujas imagens não recebemos por meio dos sentidos, mas que percebemos em nós, sem o auxilio de imagens, tais como são em si mesmos, nada mais é do que coligir com o pensamento os elementos esparsos na memória. [...] E quantos conhecimentos dessa espécie não encerra minha memória, conhecimentos já descobertos, e conforme disse, postos como que à mão; eis que chamamos de "aprender" e "saber". [...] é necessário tirá-los de seu estado de dispersão e juntá-los novamente. [...] Contudo, a inteligência reivindicou essa palavra (*cogito*) como própria, de tal modo que essa operação de coligir, de reunir no espírito e não em outra parte, é propriamente o que se chama pensar (*cogitare*) (SANTO AGOSTINHO, 2017, p. 285).

A reflexão Agostiniana de ideias inatas, de certa forma constela com a noção Benjaminiana da teoria das ideias, ancorada na configuração que cada uma das idéias se conduz e se constelam ainda que micrologicamente com todas as outras, diferenciando-se e distinguindo-se da elaboração de conceitos, atendo-se a seara das reflexões de "origem".

> A origem, apesar de ser uma categoria totalmente histórica, não tem nada a ver com a gênese. O termo origem não designa o vir a ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir a ser e da extinção. A origem se localiza no fluxo do vir a ser como um torvelhinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese. [...] Em cada fenômeno de origem se determina a forma com a qual uma ideia se confronta com o mundo histórico, até que ela atinja a plenitude na totalidade de sua história. A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com a pré e pós-história. (BENJAMIN, 2011, p. 67/68).

Conjugar tais referenciais teóricos na análise das narrativas, buscando as marcas de identidade e apreensão do conhecimento dos colaboradores, nos encaminhou a compreensão da memória como suporte de identidade. No entanto, outras considerações como a História, o tempo e a memória, exigiram outros trajetos teóricos, delineados a partir da reconstrução das trajetórias orais de vida e da simbiose tecida com a história local da Barreira.

2.2. HISTÓRIA LOCAL E HISTORIAS DE VIDA, A (RE)CONSTRUÇÃO DAS TRAJETORIAS

O movimento compreendido por alguns teóricos como contrário à concepção de verdades ancorada nas Ciências Positivas encontra na História como disciplina e na história oral dois instrumentos que embora pareçam desvelarem-se metodologicamente antagônicos confluem em suas finalidades. Se a História, enquanto disciplina busca o registro de fatos e acontecimentos, a história oral percorre uma trajetória que considera e valoriza as preponderâncias imanentes ao homem, como agente construtor e elaborador de sua própria história.

Portanto, delineamos referenciais teóricos que pudessem fornecer caminhos de conjugação com a construção da história local da Barreira, com a história de vida dos moradores, uma vez que compreendemos que a história oral pode se mostrar como suporte a construção da História enquanto disciplina, não havendo disparidades insolúveis, mas flexibilizadas dentro da dinâmica e proposta de cada trabalho.

No entanto, não refutamos alguns embates teóricos metodológicos produzidos em no interior de ambos os campos, alguns, por exemplo, firmados entre o tempo e a história e do

lugar de fala do narrador, isso porque, as tensões produzidas no entremeio da história contada pelos vencedores, consolida a normativa histórica, situada no âmbito das correntes historicistas marcadas pelo processo social de dominação, consolidando moldes de história universal, desvelando modos diversos de apropriação do passado.

Nesse sentido, a concepção de história como continuidade é apropriada e produzida hegemonicamente pela classe dominante, enquanto que para os vencidos, significada como reminiscências que o processo de continuidade tenta apagar, prestando-se como instrumento que garante a opressão e o domínio de uma classe sobre a outra.

> [...] todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Assim, na visão de Benjamin (1985), a história passa a ser apreendida como um campo de força, geradora de ao menos duas possibilidades as quais reverberará vencidos e vencedores, por ser o *lócus* de uma espécie de privilégio e arena da luta de classes, desvelando cada acontecimento histórico como produto dos embates, fazendo com que o passado não seja o mesmo para vencedores e derrotados, marcando projetos históricos díspares.

A proposta Benjaminiana, marcada por uma espécie de ruptura metodológica, essa voltada à afirmação da história dos vencidos, ancora-se na relação do presente com o passado, não como ponto de transição para o futuro, mas desvela marcas de ruptura da continuidade histórica hegemonicamente produzida, recuperando o passado. Dessa forma, interromper a dinâmica de produção histórica, significa neutralizar mecanismos que garante a opressão e o poder da historicidade dos vencedores sobre os vencidos, de uma classe sobre a outra. A resistência dos oprimidos, voltada ao protagonismo dos sujeitos do conhecimento histórico, passa a ter cunho metodológico.

Nesse sentido, a importância do trabalho com oralidade, sendo fio condutor da integração dos fatos e acontecimentos sociais integrados à experiência apreendidas no cotidiano, privilegiando a informação que emerge das narrativas, produzida graças a inserção social do homem em seu meio, também se desvela como proposta de resistência as formas de produção históricas que reifica o homem, e seu fazer e saber.

Segundo Benjamim (2011) a narrativa apresenta sempre um valor pragmático, implicando em sabedoria do narrador, seu traço fundamental equiparado a um trabalho artesanal, implicando o ato de ouvir, capacidade que conduz o meio de aprendizagem do que

se demonstra fundamental para uma comunidade, fazendo com que o ouvinte se torne também um narrador.

Portanto, compreender os sentidos das narrativas e os caminhos por ela empregados, demandou-nos apreender sentidos das experiências transladadas pelo cotidiano dos colaboradores. Nesse ponto, alguns elementos teóricos que nos conduziram ao entendimento da memória enquanto elemento fenomenológico ressurgiu isso porque, memória e experiência se desvelam como elementos indissociáveis entre si.

> Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo (BENJAMIN, 2011, p. 107).

Seguindo nessa corrente, pode-se depreender no ensaio realizado pelo autor *sobre alguns temas de Baudelaire*, a noção de memória voluntária e involuntária associada ao elemento da experiência, revisitando reflexões propostas por Berson (1999), comprovada por Benjamim, concebida como:

> [...] matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória do que com dados acumulados e, frequentemente, inconscientemente, que afluem à memória (BENJAMIN, 1989, p. 105).

Nesse ponto, encontramos o alinhamento entre o "fazer" que gera saberes (experiências) consolidando as memórias, desvelando a favela como o lugar de resgate da arte de narrar, a representação do lugar dos oprimidos, arte fragmentada tanto pelo processo de invisibilidade da favela e de seus moradores, quanto pela representação histórica, social e política conferida a favela.

A busca pela trajetória de construção do tecido oral dos colaboradores nos forneceu rotas para (re)significar o corpo narrativo, como uma metodologia historiográfica alternativa, de resistência que desvela os embates travados na arena da favela, evidenciando-a como espaço de inserção e produção próprios, e não alijados do processo urbanístico, o que nos forneceu encaminhamentos para compreensão da simbiose entre a história local e as histórias de vidas da Barreira, visto que ambas as formas de produção histórica (local e de vida).

Assim, encontra-se o elemento comum no protagonismo pragmático local, paradoxalmente ao apagamento e invisibilidade social a que lhe são conferidos, o que justifica a simbiose entre histórica local e de vida, nos fornecendo rotas para a compreensão da atuação do homem individual (na formulação de si) e coletivo (na formulação local).

Ancorado nesse trajeto teórico metodológico, na busca dos sentidos do cotidiano e as produções nele encetadas, encaminhamo-nos às reflexões de Certeau (2014), nas linhas de sua teoria da arte de fazer, desvelando elemento de reaproximação e experimentação.

Dessa forma, pudemos encontrar definição das práticas cotidianas, como modos de ação, conjunto de procedimentos, que consistem em esquemas de operações e manipulações técnicas realizadas no processo de relação social.

Certeau (2014) nos forneceu caminhos à noção de construção do tecido da subjetividade ancorada na (re)apropriação do *ethos* cultural que se é apresentado ao indivíduo, e ao mesmo tempo objeto de (re)formulação, promove a adequação às práticas comuns da vida do indivíduo, por isso, engajando a (re)apropriação por meio da experimentação provocada nas relações sociais.

> Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofes mais do que de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento. [...] na conjuntura presente de uma contradição entre modo coletivo de gestão e o modo individual de uma reapropriação nem por isso essa pergunta deixa de ser essencial, caso se admita que as práticas do espaço tecem com efeito as condições determinantes da vida social. Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade. (CERTEAU, 2014, p. 162).

Nesse contexto, depreendemos que as relações sociais são determinantes à construção do indivíduo, mantendo os elementos de significação humana o construto obtido como produto das práticas sociais, fazendo com que a partir da individualidade que se representa como *lócus* de (re)organização cognitiva, encontra na pluralidade da vivência social seu princípio circulante.

> "Todo lugar "próprio" é alterado por aquilo que, dos outros, já se acha nele" (CERTEAU, 2014, p. 104).

Identificar práticas cotidianas, segundo o referencial fornecido por Certeau (2014), significa observar de forma atenta às construções e elaboração dos arranjos intrínsecos e extrínsecos nas práticas de conversar, habitar, cozinhar, que se apresentam como fio condutor de produção e apropriação de experiências, perfazendo rotas do potencial enunciativo, elemento promotor da criação que encontra nas interações sociais seus modos de circulantes

seja no aperfeiçoamento, aproximações e (re)apropriações, conferindo sentidos às práticas cotidianas, do homem e suas construções simbólicas.

Assim, o caminho percorrido nas reflexões micros sociológicas, na busca de interpretação da vida social a partir das interações, mantendo na vida, e nas relações alinhadas no espaço da favela, o objeto a ser apreendido, nos pareceu meio hábil para nos encaminhar à definição das imbricações do homem com o corpo espacial.

GOFFMAN (2011) emerge reflexões que consolidam a vida como cenário onde os sujeitos desempenham papéis sociais, delineando-se lhes contornos identitário correlatos à cada circunstância, fazendo com que o indivíduo não seja o mesmo rompendo com a noção de linearidade que configura o papel social.

> Às vezes é conveniente dividir os estímulos que formam a fachada pessoal em "aparência" e "maneira", de acordo com a função exercida pela informação que esses estímulos transmitem. Pode-se chamar de "aparência" aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o *status* social do ator. Tais estímulos nos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase do ciclo das estações ou no ciclo de vida (GOFFMAN, 2011, p. 36).

Dessa forma, o autor parte também das inteirações sociais como pressuposto da elaboração dos diversos papéis sociais que o mesmo indivíduo pode desempenhar de acordo com a natureza das negociações promovidas nas especificidades de cada relação social. Essa formulação vai estabelecer elementos para apresentação do eu, o "Self" que define a interação social de acordo com os sujeitos que a ela integra.

Nesse ponto, lembramos a performance descrita por Zumthor, somente conquanto ao elemento performático em si, isso porque, essa dinâmica de representação do "eu", associada a performance é negociada e mobilizada para a elaboração de uma imagem aceitável, consolidando nos dizeres de Goffman (2011) a "fachada", flexível e adaptável, compreendida como pressuposto da interação social, o que definirá contornos ao papel social do indivíduo. Tais referenciais teóricos nos orientaram a compreensão do homem e o contorno de sua atuação, conferido pelas dinâmicas do espaço da favela, a representação de si na vida cotidiana e suas construções simbólicas na construção do eu que se relaciona com o espaço da favela, como cenário e palco da vida, fazendo da Favela um objeto orientado no tempo e no espaço.

2.3. A FAVELA COMO OBJETO DE REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NO ESPAÇO

A *priori*, nossos esforços de compreender as dinâmicas da favela, atravessam certas rupturas conceituais, encaminhando a giros interpretativos (teórico-conceituais) voltados a desconstrução de entendimentos que ainda inscrevem e reduzem a favela na história como espaço marginal.

Os registros hegemônicos mantêm inscrições da favela como área da precariedade urbana, conduzindo a percepção de uma pobreza correlata às produções humanas, já que o espaço é marcado pela precariedade que se estende as habitações e seus habitantes, fazendo da favela um lugar do vazio, do caos, do inadequado, do "outro", que se distingue da cidade, de seus ocupantes e, portanto, de suas produções.

Essa dinâmica nos encaminhou à compreensão de que a precariedade territorial não é o fator determinante para a configuração (que produz registros oficiais) de um lugar como favela. Parece-nos muito mais organizado por uma polaridade e paradoxos axiomáticos, conduzidos por uma "ordem" citadina, cultural e humana, delineando politica e socialmente espaços "servíveis" (economicamente relevantes) daqueles "inservíveis" (incompatíveis com os valores citadinos, portanto, irrelevante).

> Mas a favela ficou também registrada oficialmente como área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz. Dessa precariedade urbana, resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, surgiram as imagens que fizeram da favela o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade, "o outro", distinto do morador civilizado que o Brasil teve. Lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar de finura e elegância de tantos sambistas (ZALUAR, 2012, p. 8)

Essa inscrição que marginaliza o espaço da favela nos forneceu rotas para compreender a subalternização do espaço, das pessoas e das produções ali alinhavadas, como nos indica Valladares (2005):

> O deslocamento da marginalidade do campo econômico para as dimensões do espaço social e urbano e da cultura sugere uma certa continuidade com os processos de ecologia urbana, e em especial, com a afirmação teórica da existência de uma certa "cultura da pobreza" [...] a marginalidade social encontrou sua expressão territorial nos *barrios marginales*. [...] a idéia de uma "cultura da pobreza" associou-se então com a teoria da marginalidade social [...] segundo seu modelo de interpretação, os habitantes dos bairros pobres, de origem rural, teriam adotado um estilo de vida específico, caracterizado por valores

> e comportamentos diferentes da cultura dominante. "Subcultura" produzida e reproduzida por eles, o que explicaria suas reações através dos traços culturais específicos às situações sociais às quais eram confrontados (VALLADARES, 2005, p. 128).

A fim de alcançarmos compreensão das dinâmicas e práticas organizadas na favela, para além da reificação marginalizada e "subculturalizada" conferida aos espaços de favela, foi necessário o exercício de afastamento de dogmas que polarizam cidade e favela, configurando a Cidade como o espaço de ordem, a harmonia e a favela como a desordem, o caos, exigindo-nos uma observação que transcendeu a territorialidade (ou as fronteiras citadinas), mas buscar a nossa "batata": o sentimento de pertencimento nas terras da Barreira.

Entender o pertencimento nos encaminhou a descortinar a ambiência (e ambivalência) afetiva, que delineou a geografia afetiva (e tensões das ambiências emocionais entre topofilia e topofobia da favela), descortinados nos elementos que confluíram com a organização das colônias, estruturadas na análise das entrevistas (Morar, Trabalhar, Fazer/Aprender), fluindo ao entendimento das dinâmicas que encaminham a favela como espaço de representação.

A observação da favela, dotada como espaço de motivações simbólicas e produtora de práticas sociais que impõe ritmos diferenciais que configuram construção de identidade(s) na favela, se demonstrou um valor, uma dinâmica que mereceu atenção, arena de produção polifônica que comporta a diversidade subjetiva (CANEVACCI, 1997, p. 63).

Nesse sentido, importante percorrermos rotas que nos encaminhe ao entendimento do "ser" do homem que se (re)constrói constantemente, que nos forneceu elementos de compreensão de identidades e seu alinhamento com os ritmos diferenciais temporais, na conjugação do presente com o passado como elementos de produção do "ser", na busca da interpretação (existencialista) das produções e tradições culturais do grupo, notadamente nas expressões linguísticas, mantendo nas reflexões de Heidegger (2002), a rota hábil dessa trajetória.

Apreender a Favela da Barreira como objeto de representação do tempo e no espaço, demanda um percurso que possa nos fornecer encaminhamentos conceituais, teóricos os quais dialoguem com as narrativas que marcam a Favela da Barreira como espaço de representação simbólica e concreta mediado pelos arranjos de negociação e elaboração que os moradores tecem o tempo social, demandando, portanto, reflexões acerca do ser, do tempo e do espaço, partindo do postulado da pluralidade de memórias que configuram a organização e o espaço da favela no próprio tempo.

A favela nesse sentido, assume o papel estratégico de vida e (sobre)vivência, espaço produtor e produzido ao mesmo tempo, o "outro" e simultaneamente o "eu" citadino, *lócus* de negociação da realidade, fio condutor das diferenças como elemento de construção e elaboração da própria cidade.

As produções humanas na favela, sob o prisma da fenomenologia existencial, reverberam novas construções de modos de vida, do "ser e fazer" que se entremeiam nos deslocamentos mapeando simbolicamente os acontecimentos da vida, categorizando memórias de acordo com os deslocamentos humanos (realizados inclusive nas tensões entre territórios, configurados por espaços mais privilegiados e outros menos assistidos, como cidade e favela desvelando circularidade para além da estética citadina), consolidando elementos como topofilia e topofobia que delineiam a percepção local, que encontra condutores hábeis no tempo e no espaço.

Essa dinâmica configura o lugar e o não lugar, como espaço de representação (seja para o bom ou para o mal), permeando uma sequência de valores ao espaço, capazes de sustentar a representação dos signos da favela, onde a compreensão transcende o próprio tempo, numa perspectiva de etnografia de duração (Rocha & Eckert, 2005), onde as memórias e os sentidos apreendidos da realidade se perpetuam no tempo, suplantando as alterações do espaço.

> A cidade que parecia antes homogeneizar corpos, desvela-se, nos dias de hoje, sob o enfoque dos estudos do cotidiano como espaço onde coexistem, por excelência, diferentes estilos de vida, visões de mundo e *ethos* chamados constantemente a resistir ao tempo do desgaste e do desaparecimento de seus referentes materiais (ROCHA & ECKERT, 2005, p. 85).

Assim, reconhecer a favela da Barreira no tempo e sua representação no espaço, implica em cotejar seu tecido narrativo, e os itinerários eleito pelos colaboradores para organização de suas práticas e interação social, cotejadas a partir de Goffman (2011; 2014), possibilitando (re)dimensionar a favela da Barreira como um elemento fundamental que produz-se, materializada em produto temporal, a medida que seus espaços configuram cenários de desenvoltura e performance de experiências que propala (re)significações de vida, e construções individuais e coletivas dos seus moradores, reordenando as práticas sociais e as formas de viver a favela.

Bachelard (1988), nas reflexões da dialética da duração, nos fornece um encaminhamento para compreensão do tempo, conjugando o passado com o presente, evidenciando não serem elementos antagônicos entre si, uma vez que "nosso passado inteiro

também vela atrás do nosso presente". Nesse ponto, outro giro interpretativo se impõe, indicando a necessidade de compreender o tempo para além de sua linearidade estabelecida, mas como fenômeno de superposição.

O autor nos fornece a rota de entendimento do tempo a partir da ordenação de superposições temporais vividas e das diversas elaborações e paradoxos "temporais" entre si (tempos recusados/tempos utilizados; tempos ineficazes/tempos coerentes), organizados e consolidados numa duração.

Nesse sentido, as trajetórias de vida na favela, desvelam elementos diários na produção do cotidiano, provocando rupturas, negociações na utilização do tempo, orquestrando as interações e práticas sociais, (que embora possam guardar em si elementos paradoxais) também se configuram como produto temporal, desvelando o tecido do tempo social do grupo, desenhando os jogos sociais de memória a partir da temporalidade e dos valores ou arranjos eleitos e assumidos pelos colaboradores, dimensionando sentidos diferenciados, nas formas de viver, pensar, manifestar e apreender os signos da favela, conferindo atributos de identidade social a partir dos arranjos que o espaço produz.

Daí compreendermos o caminho para o entendimento da Favela da Barreira como produtora de identidade(s) e sua relação na produção do tempo social, a partir das práticas sociais alinhavadas, que nos encaminhou a representação da favela, por meio da apropriação dos espaços (do fazer), da produção do cotidiano, da (re) configuração das redes de pertencimento, permitindo-nos pensar os fenômenos culturais da favela.

Esses fenômenos, como pressupõe Bachelard (1988), se consolidam muito mais pelas decisões dos indivíduos (fixando-se muito mais no tempo) do que fixadas no espaço, isso porque apreender o significado das apropriações e reelaboração das referencias locais, traduzem as formas de sociabilidade na favela (continuidade/rupturas), perfazendo pressuposto ao entendimento do espaço em si.

Essa noção nos fornece a uma correlação da funcionalidade na Barreira. Embora consigamos compreender o espaço como *lócus* de produção humana, não se pode refutar alguns paradoxos que emergem dessa formulação, notadamente quanto à fixação do fenômeno cultural e urbano da favela muito mais no tempo do que no espaço.

Essa reflexão nos encaminhou a compreender como, mesmo a favela tendo passado por transformações, que geraram impactos positivos no seu processo urbano estético, trocando, por exemplo, o chão de barro vermelho por asfalto, o fornecimento precário de água (realizado por uma única bica na entrada da favela) por água encanada, os barracos de

madeira e folha de zinco por construções em alvenaria, toda essa plasticidade que garantiu transformação ao espaço, não suplantou as apreensões e fixações temporais.

O legado marginalizado encontrou na temporalidade seu critério de fixação, fazendo com que o espaço da favela da Barreira carregue um legado de espaço subalterno dinamizado pela representação, para muitos pela simbólica do mal, perpetuando a favela no tempo muito mais do que na plasticidade de seu espaço, indicando certa duração etnográfica que fixa determinada compreensão que chega a parecer-nos estática, como se a favela da Barreira fosse legada para sempre a ser um espaço precarizado, independentemente da riqueza e valorização de suas produções culturais, arranjos sociais e espaciais.

Nesse viés, para compreender a dimensão do vivido e experienciado promovido no espaço da favela, retomamos as construções de Santo Agostinho (2017, p. 284), na "realidade significada por esses sons" desvelando os sentidos como olfato, paladar, audição, visão, como construtos da memória e apreensão da realidade.

Confluindo com as reflexões que enlevam os sentidos ao fenômeno da percepção, fonte de condução da projeção de significados do indivíduo sobre o mundo, considerando como elemento motriz o corpo (como receptor de estímulos sensoriais), e sua interação no mundo, viabilizando decodificações e organizações de sistemas simbólicos do individuo, que se articula com o espaço.

Assim, Le Breton (2016, p. 11) compreendendo a contradição, residindo na omissão a imersão sensorial do homem no âmago do mundo, propalada nas reflexões de Descartes "penso, logo existo", propôs assim a reflexão em torno da máxima "sinto, logo sou", admitindo assim a condição corpórea como veículo de imersão no mundo, fazendo do corpo profusão do sensível.

> Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os seus sentidos. Entre a carne do homem e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente. O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perspectivas que não cessam de atravessá-lo (LE BRETON, 2016, p. 11).

Nesse viés, a orientação do autor, é ancorada na ideia de que às percepções sensoriais tem no princípio da construção cultural à margem de produção do sensível individual, formando um conjunto significativo de leitura e compreensão de mundo, moldadas pela educação, ressoada em consonância à história pessoal de cada indivíduo, dialogando com critérios de pertença social, mantendo na valorização da experiência sensorial o núcleo essencial de construção dos sujeitos.

Dessa forma, a favela se mostra para além do cenário de ações, mas como *locus* de evidencia das percepções nela engendradas, mantendo nas percepções sensoriais o suporte primeiro de leitura de mundo.

> Os sentidos não são "janelas" sobre o mundo, "espelhos" oferecidos ao registro das coisas em total indiferença com as culturas ou com as sensibilidades; eles são filtros que só retêm em sua peneira o que o indivíduo aprendeu a colocar nela, ou que ele justamente busca identificar mobilizando seus recursos. As coisas não existem em si, elas são sempre investidas de um olhar, de um valor que as torna dignas de ser percebidas. A configuração e o limite do desdobramento dos sentidos pertencem ao traçado da simbólica social (LE BRETON, 2016, p. 15).

A busca da compreensão do homem, parafraseando Le Breton (2016) nos encaminha a noção da existência como uma história de pele, elaborada na trajetória da relação do corpo com o tempo, e as marcas desse percurso mantido com o mundo.

A completude ontológica que faz do homem indivíduo de construção de si, a partir da organização de seu pensar, conduzindo as reconstruções do homem enquanto ser mobilizado, consolidando equações de elaboração do ente, o "ser", portador de signos da existência e ao mesmo tempo da atuação do existir (ser-no-mundo).

Nesse sentido, nos interessa a tríade de elementos de formação da equação do pensamento de Heidegger, o *sentimento*, consignado pelo estado de espírito, marcado pela experiência do jogar-se no mundo, fazer parte dele, o "abandono", que conduz as *compreensões* do "poder ser", sempre dinamizado no interior das percepções desveladas pelo sentimento, construto da *discursividade* como mecanismo de integração e inserção do homem no mundo. É nesse tripé que ancoramos a compreensão das conexões do homem com o espaço da favela, enquanto sujeito protagonista e ao mesmo tempo elemento de representação e construção do espaço e do tempo.

Quando nos debruçamos nas concepções do tempo, não podemos nos furtar as várias concepções delineadas por Santo Agostinho (2017), de tempo longo, tempo breve, a medida do tempo, tempo e movimento, e a questão do tempo como distensão da alma.

Mesmo compreendendo a abordagem linear de tempo[28,] concebida por Santo Agostinho marcas do modelo cristão ocidental, a *reflexão do tempo como distensão da alma* nos faz parecer que dialoga com a concepção empreendida por Heidegger quando emerge o

28 Mesmo assumindo o entendimento da não linearidade do tempo, voltada ao trabalho sob viés da etnografia da duração, não pudemos deixar de compreender que mesmo na lógica linear designada como lógica do Ocidente que emprega uma linha de causa e efeito, quando Santo Agostinho reflete sobre outras formas de tempo, nos parece um exercício implícito que encaminha a multiplicidade temporal, qualitativamente refletidas pelo autor.

“estado de espírito”, o sentimento como elemento do pensamento. Assim, compreender as nuances de apreensão do estado do “espírito”, nos encaminha a entender o cenário do espaço para viabilização dessa dinâmica, o que traduz a atuação do indivíduo no espaço (que configura fonte dos estímulos sensoriais), mantendo, à luz de nossa compreensão, certa relação dialética com a reflexão proposta por Santo Agostinho (2017, p. 350) de tempo como distensão da alma:

> Mas o próprio tempo, com que o poderei medir? É com um tempo mais curto que medimos um tempo mais longo, como o côvado medimos uma viga? Do mesmo modo vemos que medimos a duração de uma sílaba longa de acordo com a duração de uma sílaba breve, dizemos que uma é o dobro da outra. [...] não é pelas folhas dos livros que fazemos esse cálculo, o que seria medir o espaço e não o tempo; mas, à passagem das palavras, à medida que as pronunciamos [...]
> Por esse motivo é que o tempo me pareceu não ser nada mais que uma distensão da própria alma.

Nesse sentido, o tempo se configura como elemento sensorial, atinente ao espírito, (a alma), e ao mesmo tempo integrante da estrutura que dinamiza o espaço, ambos integrando as organizações do pensamento e do saber, que encontra nas funções do “ser” (no mundo e estar no mundo integrando-o), do pensar, do existir. Assim, compreendemos uma rota de interpretação das narrativas, que concebe o espaço da favela como um tecido de composição do tempo, concomitantemente se desvelando como elemento humanístico, onde as dinâmicas ali engendradas pelo homem (e do homem no espaço) consolidam o arcabouço ontológico, que integram e conduzem o próprio ser em sua essência.

Essa equação faz da Favela da Barreira ser fonte de construção e representação nas linhas do tempo e do espaço, ambos por nós compreendidos aprioristicamente como elemento de configuração ontológica, que transcende os símbolos negociados nos espaço, e ao mesmo tempo, parte dos arranjos orquestrados diariamente, cotejados a partir do significado das experiências, que encontra nos sentidos e estímulos fornecidos no espaço da favela, o construto hábil a formação e integração humana.

Nesse viés, trilhar as rotas dos signos do “ser”, do “tempo”, do espaço e dos sentidos produzidos, desvelou formas de perceber a favela enquanto espaço e suas inflexões no tempo como fundamento de sua própria existência (ou como cenário de apreensão de sentidos), fornecendo-nos rota viável ao entendimento das dinâmicas que encetam o homem como produto e produtor, que se (re)constrói constantemente.

A conjugação entre existência, espaço e tempo, desvelou a noção de lugares emergida nas narrativas (e os afetos nela contidos) como fio condutor da representação da favela, o que nos conduziu a busca de referenciais que situassem o espaço nas tensões do lugar e não lugar, esteados nas trilhas do pertencimento, objeto da quarta seção desse capítulo.

2.4. ESPAÇO, LUGAR E PERTENCIMENTO: MARCADORES SOCIAIS NAS NARRATIVAS DA FAVELA

O núcleo do tecido narrativo desvelou o pertencimento como elemento motriz da favela, emergindo certa dialética com espaço, uma vez demonstrado no conjunto de oralidades que a potencialização do pertencimento consolidava o espaço como lugar.

Dessa forma, na procura de rotas para desvelar a natureza do espaço da favela, ancoramo-nos nas digressões de Santos (2012), buscando conceitos que possam dialogar com os elementos narrativos, que revelam os paradoxos de um único espaço enquanto lugar e ao mesmo tempo como não lugar, delineando as fragmentações espaciais.

Compreender o espaço como produto da elaboração de técnicas empreendidas por práticas sociais que fazem com que o homem se produza e seja produzido, encontra fundamento nas bases de reflexão de Santos (2012), concebendo o espaço como a relação do homem com a natureza (o meio), caracterizando o espaço pelas formas e pela vida que as anima, assim delineado:

> É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço (SANTOS, 2012, p. 29).

Mais uma vez, o conceito de "psicoesfera" cunhado por Santos (2012, p. 255) para explicar as integrações do espaço, dialogam com reflexões que emergem sentimentos vinculados a ideias voltados à produção do sentido das ações humanas, conferindo nuances do híbrido aos lugares, por manterem em si, consolidações do sentimento que configurados pelas ações.

Aportados na noção da ação, Lefebvre (1958, p. 238) "*a práxis também se revela como totalidade*", razão pela qual, analisar a vida cotidiana nos encaminha ao exame das experiências sociais gerais, conferindo sentido ao cotidiano como elemento de ordem comum a estabelecer relações, mantendo vínculos com o espaço, onde o território emerge como signo agregador das relações humanas.

O espaço é alinhavado, cristalizando as experiências nele delineadas, afinal, "*conhecer é viver, viver é conhecer*", fazendo com que os indivíduos em suas interações constituam o social, *"mas o social é o meio que esses indivíduos se realizam como indivíduos*" (Maturana, 2014, p. 48).

Nesse sentido, retornamos a nossa digressão da seção anterior, concebendo o espaço como cenário de produção ontológica, que carreia elementos como o ser, o tempo e o próprio

homem, numa formação dialética erigida pelo (e no) espaço, aportados ainda num sistema de técnicas e práticas que poderíamos chamar de autopoiético, como designado por Maturana (2002), autossustentável, que se produz em sua circularidade compreendida no movimento de viver-conhecer-viver, rompendo mais uma vez com a noção de linearidade.

> Uma máquina autopoiética continuamente específica produz sua própria organização através da produção de seus próprios componentes, sob condições de contínuas perturbações (produção de componentes). Podemos dizer então que uma máquina autopoiética é um sistema homeostático que tem sua própria organização como a variável que mantém constante (MATURANA; VARELA, 1995, p. 69).

Nas reflexões de Maturana (2002) podemos compreender as distinções, a partir da apropriação dos signos do espaço, nos encaminhando a refletir no tocante as construções cognitivas, a relação com o mundo sob as marcas do desempenho concreto e criação fora dos auspícios da representação. Caminhar nas linhas do refinamento da teoria autopoiética que enceta a biologia do conhecer, nos conduz a linhas da solidariedade que dialoga e ao mesmo tempo transcende as reflexões de Santos (2012) no tocante a solidariedade:

> É o espaço que redefine os objetos técnicos apesar de suas relações originais, ao incluí-los num conjunto coerente onde a contiguidade obriga a agir em conjunto e solidariamente (SANTOS, 2012, p. 41).

As reflexões de Maturana, no entanto conflui com autores anteriormente citados que defendem a linguagem, comunicação, como mecanismo presente nos coletivos sociais solidários, transcendendo a noção quando compreende a emoção, o afeto (amor) como "transfundo permanente", elemento fundador das relações:

> No processo que dá origem a linguagem e ao conversar como parte definitória do humano em nossos ancestrais primatas, há uma emoção básica que teve que estar presente como transfundo permanente para que isso tudo ocorresse: o amor (MATURANA, 1994, p. 251).

Dessa forma, compreendermos o elemento afetivo, como condutores do pertencimento, e configuradores de apreensões do sentido de espaço como lugar (não lugar), nos remetendo as reflexões de Tuan (2012) na busca dos conceitos de espaço tecidos pelo autor, o que nos encaminhou a compreensão das polarizações e paradoxos do espaço os quais revelam a favela da Barreira como espaço dotado de fragmentações, desvelando as dinâmicas de pertencimento como marcadores sociais.

O percurso vislumbrado nas linhas de Tuan (2012), que coteja o espaço e lugar sob a perspectiva da experiência, confluiu com o núcleo de nossa pesquisa: as memórias que

desvelam os meandros da experiência vivenciada consolidadas no espaço, o que conduz a nossa premissa inicial: a vida se desvela como princípio educativo, apreendido pelas experiências, potencializado pelo lugar.

Nesse ponto, necessário evidenciarmos os conceitos de trabalho para experiência, lugar e espaço.

Como cotejado por autores anteriormente apontados, o conjunto sensorial será de grande relevância para nos direcionar a um conceito de experiência. A experiência pode ser compreendida como elemento constituído de pensamento e sentimento.

Segundo Oakeshott (1933, p. 10), experiência abrange diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. Portanto, podemos depreender que experiência é o mecanismo que se correlaciona a capacidade de vivenciar, sentir e experimentar acontecimentos, formando um arcabouço cognitivo que conduz ao aprendizado.

Nessa direção, compreendendo a construção da experiência, Tuan (2012), propõe que :

> A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida de pensamento. É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experiencial, e ambos são maneiras de conhecer (TUAN, 2012, p. 18).

Portanto, compreendermos os sentidos da experiência encaminha-nos ao entendimento necessário de lugar e espaço, para traçarmos rota de entendimento do pertencimento como marcador social emergido no tecido narrativo.

Apesar das diversas formas de se compreender o espaço, seja no contexto territorial, ou experiencial, ou como extensões que limitam corpos e objetos, distâncias que entrelaçam lugares, o espaço pode ser enfim entendido por vários sentidos. Para o desenvolvimento da nossa análise, utilizaremos a noção de espaço empreendido também por Tuan (2012, p. 21), concebendo espaço marcado pela capacidade de mover-se, e o lugar como classe de concreção de valores.

> O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. [...] O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e direciona. [...] O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa,

> que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para outro; é um objeto no qual se pode morar.

No mesmo sentido, dialogando com Tuan (2012), Ricoeur (1967) privilegiando o sentimento como sendo intencional, a marca de sentido da experiência situada no espaço para além do "eu", estabelecendo que:

> O sentimento é [...] sem dúvida intencional: é um sentimento por "alguma coisa" – o amorável, o odioso. Mas é uma estranha intencionalidade: Por um lado indica qualidades sentidas quanto às coisas, quanto às pessoas, quanto ao mundo, e por outro manifesta e revela a maneira pela qual o eu é afetado intimamente. (No sentimento) uma intenção e uma afeição coincidem em uma mesma experiência (RICOEUR, 1967, p. 127).

Aqui indicamos a necessidade de um giro epistemológico para compreendermos as nuances de concretude de lugar desvelada nas narrativas, onde propomos uma (re)construção do conceito antagônico de não lugar cunhado por Augé (1994).

Augé (1994) propugna que o "espaço do não lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude", indicando ainda que o espaço do não lugar não é mais do que aquilo que faz ou vive como passageiro, encadeando uma identidade provisória, tão proporcional a transitoriedade (in)significada pela propriedade do não lugar (Augé, 1994, p. 95).

No entanto, cotejamos que, dependendo da perspectiva (afetiva, espacial, pessoal, utilitarista/ próxima ou remota) "não lugares" podem ser entretecidos em certos espaços, tornando-se lugares pela força da apropriação experimentada neles. Esse entendimento fica mais nítido, quando se compreende a dialética entre os não lugares de Augé (1994) como áreas que por sua finalidade deveriam se destinar a passagens transitórias como mercados, feiras. Essa lógica de transitoriedade, quando levado em conta os espaços de relação social da favela da Barreira, assumem nuances de territórios de construção de afeto, marcada por cheiros, saberes (savoir) e sabores (savour).

Assim sendo, a feira passa a carregar um significado próprio para os moradores, uma experiência esperada de cada segunda feira (dia da feira em Rocha Miranda), ou do sábado (dia da feira em Honório Gurgel), onde os moradores se encontram, conversam, experimentam nas conversas o sabor do pastel com caldo de cana, ou dos bares ao longo da feira que abrigam barraquinhas de churrasco, de cervejas, onde é possível encontrar várias pessoas em mesas e cadeiras espalhadas pelas calçadas entre conversas, músicas e comidas, enquanto isso tecem, os saberes nas relações que permeiam construções de si na dialética dos

sentidos que faz da feira um lugar não transitório, de encontros, de bate papo e de lazer com certo grau de permanência. A feira, nesse sentido, torna-se o lugar de afeto, sendo fácil perceber como o não lugar se entretece no lugar, tornando-se um lugar de apropriação e produção afetiva.

Essa lógica dos não lugares definidos por Augé (1994) desempenhando papel de construção de afetos (e portanto de lugares), também ocorre com os mercadinhos locais da favela, os bares, as barracas de lanche ou trailers, lugares que seriam considerados propriamente de consumo e portanto de permanência transitória, são de fato concebidos em sua transitoriedade quando se trata de espaços estabelecidos fora da favela (nos centros urbanos), no entanto, a relação com esses espaços dentro da favela e no entorno, tornam-se oportunidades de construção afetiva e apropriação do espaço.

Podemos assim considerar que os espaços concebidos como não lugares na favela estão entretecidos nos lugares, delineando notas de pertencimento por meio do trabalho, do consumo, do lazer de meios que atribuem valores e encadeiam certa permanência e pertencimento em lugares que por natureza deveriam desempenhar um papel transitório de não lugar, daí a necessidade de reconfiguração das proposições de Augé (1994) quando cotejada sob as dinâmicas do caso concreto de nosso estudo.

Por outro lado, partindo da visão polarizada de cidade/favela, estabelecida na literatura, se cotejarmos determinados espaços do subúrbio carioca ou da cidade mais privilegiados, concebidos como “lugares” seja pela sua estética ou pelos eventos culturais produzidos, ou valorizados pela especulação imobiliária, ou pelo critério utilitarista produtivo, tais lugares imprimem certo antagonismo à favela, concebida como um não lugar em relação à organização citadina, que define muito mais os assentamentos de baixa renda pelos (des)valores, ou como bem define Bauman (2005b) excedente dos projetos de urbanização, características que marcam tais territórios como a favela com signos de não lugar na cidade.

Nesse viés, também presente a contradição: se a favela é o não lugar (ou o caos, a desordem) se comparada à cidade, para os moradores da favela que se apropriam do espaço ela será o lugar, para os moradores do bairro, paradoxalmente um não lugar daí as tensões hermenêuticas na compreensão do espaço pelo critério do próximo/remoto.

Os moradores (próximos do espaço da favela) poderão através da construção de seu cotidiano se apropriarem muito mais da favela do que os moradores do bairro (sujeito remoto, distante), que desenvolvem sentimentos negativos com relação a favela da Barreira, permeando a percepção dos mesmos do espaço da favela.

Nesses paradoxos, o medo se consolida como mecanismo que formula arranjos internos na favela, delineando as experiências, negociações e apropriações, configurando uma rede específica que elabora a favela como lugar seguro, e os espaços externos (o bairro, a cidade) como o lugar temerário para os moradores da favela.

Enquanto para os moradores do entorno, do bairro e da cidade, o medo consolida a favela como objeto da topofobia citadina, estabelecendo os traços do não lugar, para alguns moradores a favela é a rede de segurança e proteção, o que não significa necessariamente o estabelecimento da topofilia, uma vez que para alguns moradores, desvelado nas narrativas locais, embora a favela seja lugar onde todos se conhecem.

Emerge, portanto mais seguro para dormir com a casa aberta, ou sair por longo tempo e ter a certeza de que a casa estará bem, não traduz necessariamente o elevo afetivo de aproximação e afeto com o local, mas se mostra muito mais uma estratégia de sobrevivência e alternativa economicamente mais viável de moradia para quem faz da favela apenas um dormitório um lugar transitório, mais um exemplo de um não lugar entretecido no interior do lugar, assumido pelo morador (o próximo), que se sente muito mais pertencente fora do espaço da favela do que nela em si, mantendo assim, sua identidade em elementos distantes da favela. Isso explica de certa forma, porque o pertencimento assume um papel de marcador social na favela.

Portanto, encontramos nas narrativas dos colaboradores, a construção do não lugar entretecido nos lugares (de afeto, de memória) da favela, e como esses lugares podem ser compreendidos por outros como não lugares. Essa simbiose e paradoxo entre o lugar e não lugar tem como suporte as negociações tecidas no espaço, que refletem-se nos modos de viver, de habitar, de comer, de produzir cultura, de consumir o que nos encaminha ao entendimento necessário da construção de direitos emergidos pelas práticas sociais alinhavadas na favela, simbolicamente situados muito mais na seara dos costumes e acordos tácitos do que nas linhas escritas erigidas pelo positivismo jurídico.

2.5. A CONSTRUÇÃO DE MICRO DIREITOS NA FAVELA E O EXERCÍCIO DO DIREITO A CIDADE

Para iniciarmos a investigação dos elementos que formam e consolidam direitos na favela, é necessário inicialmente entendermos que as configurações que norteiam os espaços são diferenciadas em cada lugar, e na favela essa lógica não é diferente, sendo necessária a

observação atenta para definirmos os direitos que emergem das relações sociais alinhavadas no espaço.

Esse exercício de busca implica necessariamente na ruptura de três paradigmas: o primeiro, de compreender que cada lugar estabelece relações que são tangíveis com a natureza e recursos que o próprio espaço oferece levando-se em conta aspectos múltiplos, sociais, territoriais, políticos, econômicos, fazendo com que o funcionamento de cada lugar, cada favela seja diferente umas das outras permeada de aspectos que se desenrolam de forma específica, embora possam se utilizar de práticas similares umas as outras, o que não significa funcionarem de forma idêntica. Esses aspectos permeiam a formação material e mnemônica do espaço, fazendo da favela, ser um único em si mesmo, cotejado em suas próprias e peculiares diversidades.

A segunda ruptura consiste no deslocamento da concepção do Direito, isso porque conceber a criação de micro direitos no espaço da favela demanda um giro do campo normativo estrito, saindo da seara das normas escritas e ratificadas pelos aparelhos estatais, para buscar os elementos normativos, emergidos nos pactos sociais que surgem e são ratificados pelo cotidiano da favela, os quais se dinamizam de forma diferenciada do tecido normativo ordinário estabelecido.

Esse exercício nos reportou a utilização conceitual do Direito Consuetudinário, nos encaminhando a um núcleo de estudos que partisse da observação dos costumes e pactos alinhavados pelo grupo da favela, gerando regramentos de convivência que são situados fora do processo legislativo e formal da criação de Leis, orbitando na esfera das decisões, comportamentos e condutas locais, que estabelecem e regem o grande pacto de convivência na favela, o que encaminhou-nos à compreensão acerca da sociedade afetiva da favela (afectio societatis), embora sendo conceito cunhado no direito, mostrou-se aplicável sob outros signos que transcendem ao estabelecido pelo direito, evidenciando-se como essência do pacto social local.

A terceira ruptura consiste em compreender que a favela não é “o outro” da cidade, mas, sobretudo é o legado urbanístico citadino, portanto, integrando a estrutura urbana, social e cultural da cidade: a favela é a cidade, senão nela mesma. Assim, a favela não pode ser concebida ou estudada alijada do processo urbano, ou meramente como o espaço pobre, até porque a favela que observamos não tem preponderância de espaços pobres, mas além de espaços precários, é possível encontrar outras características e estruturas que quebram a noção linear da favela como espaço pobre, sendo compreendida como parte da cidade. Nesse

sentido, a apropriação dos espaços da favela, pode ser apreendida como exercício do direito a cidade.

Essa constatação nos encaminhou a compreensão de que a favela não é composta apenas de pobres, mas agrega uma diversidade de sujeitos, principalmente quando pensamos em trabalho, atividade econômica e consumo, elementos que conduzem a apropriação do espaço da favela por meio do empreendedorismo e, portanto, ao exercício do direito a cidade.

Assim é possível encontrarmos empreendedores, especuladores imobiliários que vivem de comprar, construir e alugar imóveis na favela, moradores e trabalhadores que mantém comércios informais no espaço como padarias, salões de beleza, bares, lanchonetes, mercadinhos, quitandas, mercearias, loja de venda de material de construção (a única formal na favela), barracas de venda de frutas e legumes, de pescados, e também profissionais liberais que trabalham por conta própria em suas casas, como contadores, professores, manicures, explicadores (atuando no reforço escolar), cuidadores de crianças e idosos, pedreiros, ladrilheiros, eletricistas, técnicos de reparo de micro-ondas, geladeira, som, etc.

Pensando ainda nas atividades de empreendedoras de consumo, e no perfil de vendas que passa de porta em porta, do padeiro, dos chamados "paraíbas" que passam vendendo vários utensílios para o lar, o vassoureiro, o vendedor de queijos e frios, o vendedor de ovos, o vendedor de panelas (que também conserta panelas), o vendedor de alho, de roupas de cama mesa e banho, o vendedor de bolos, doces e salgados, enfim, a favela é terreno fértil de trabalho, e para consumo. Essa diversidade (de sujeitos, de atividades) permeia relações estabelecidas paralelamente e tão congruentes ao critério da diversidade produzidos pelos sujeitos sociais proporcionais com as dinâmicas empreendidas nos espaços da favela.

Assim, o primeiro direito construído de fácil entendimento, é o *Direito de Crédito*, instrumentalizado na chamada *"caderneta do fiado"*, um caderninho em que são anotadas as compras para o acerto no fim do mês. Sem assinatura do comprador ou vendedor, o crédito se baseia na confiança e na palavra do devedor de que vai pagar o que deve em 30 (trinta) dias. Essa modalidade de crédito (sem cartão ou cédula), não escrito, proveniente de acordo verbal, pode ser consolidada nas compras na casa de material de construção, na barraca de pescado, nos ambulantes que passam de porta em porta, enfim, a confiança é um critério que define e gera direito, demonstrando-se a essência do pacto social.

Outro direito que pode ser observado, é o *Direito da solidariedade na distribuição de serviços*, que teve início com fornecimento de luz e telefone (inicialmente distribuído por sistema de cabine como revelado na entrevista de Getúlio, onde um morador detinha o serviço

e a responsabilidade no pagamento da conta e distribuía o serviço para os demais, onde o consumo individual era registrado por mecanismos da cabine, no caso do telefone, era distribuído por ramais administrados pela colaborada Helenice em parte de seu próprio terreno, distribuindo números obedecendo ao prefixo do titular) e água, fornecido para toda a favela inicialmente por meio de uma única bica na entrada da favela.

Atualmente, a solidariedade na distribuição de serviços pode ser encontrada no acesso a internet, na *contratação formal de serviços* de prestação de internet por um morador, que partilha a senha de Wi-Fii com outros vizinhos (parentes ou não), dividindo assim o pagamento da conta no fim do mês, uma forma de baratear o serviço. De toda sorte, quem recebe a senha para acesso a internet também conta com a confiança do consumidor que contratou os serviços formalmente, não havendo contrato ou disposição escrita para o compartilhamento dos serviços de internet entre o contratante e os beneficiados que dividem o sinal, assim também ocorre com a divisão de serviços de telefone fixo, onde famílias criam extensões e dividem a conta no fim do mês.

Importante salientar que essa modalidade de compartilhamento não se configurou segundo nossas observações em venda ou subvenda dos serviços contratados, uma vez que a divisão perfazia o valor fechado da conta dos serviços contratados, não havendo lucro para o consumidor que contratou formalmente os serviços e partilha o sinal. É muito mais uma forma de viabilizar o acesso à informação àqueles que não dispõem de tantos recursos financeiros para custear por conta própria o serviço, prática que tem garantido a inclusão digital de boa parte da favela.

Outra prática diz respeito ao *Direito da participação comunitária para sepultamento dos mortos residentes da favela*, onde empresas de ônibus concedem um ou dois ônibus para conduzir moradores da comunidade ao cemitério, permitindo que o grupo social possam se reunir e velar seus mortos. A solidariedade surge como um acordo estabelecido, onde alguns moradores auxiliam outros de várias formas, na construção de casas, o que é motivo para (come)moração. Assentar laje na casa de um dos moradores se torna um evento onde vários moradores participam deliberadamente sem prévio aviso, marcando o final dos trabalhos do dia com um almoço reforçado (feijoada) ou churrasco acompanhados de cerveja distribuídos a todos.

Uma modalidade de prática que se faz também presente oral e não escrita, diz respeito à *Direito de ocupação* que em si, traduz a efetivação da função social da propriedade, daí ser compreendida como direito, por conferir utilização e função habitacional em áreas inservíveis

ou sem uso social. Entendendo a história de ocupação da região conhecida como beco da favela da Barreira, que era o charco (inservível), o espaço abandonado por não ser economicamente valorizado, foi sendo ocupado originariamente aos poucos, e transformado por seus ocupantes, conferindo uma função social habitacional, de moradia ao espaço antes baldio e imprestável. Essa dinâmica evidencia dois substratos da ocupação: *a) função social do espaço abandonado* e *b) autotutela do direito social de habitação*, dois conceitos que emergiram delineados da observação do espaço, constituindo o fio condutor para a continuidade dessas ocupações por meio da perpetuação de familiares e amigos, das gerações futuras que se mantém na favela, delineando certo *Direito de Continuidade* no espaço por meio da sucessão da posse ou da aquisição de outros imóveis estabelecidos nas proximidades de familiares, mantendo coeso no território o núcleo familiar, uma estratégia de manutenção da posse em longo prazo, garantindo uma inserção mais familiar aos espaços da favela.

A questão da ocupação, embora não sendo nosso ponto de estudo, (demandaria certamente um estudo mais aprofundado, considerando a realidade habitacional dinamizada na Favela da Barreira), traz a tona uma questão que nos interessa: as identidades locais marcadas pela oralidade dos pactos sociais que decorre dessas ocupações conferindo nuancem as relações por ela estabelecidas. As casas construídas não seguem uma numeração linear, havendo, por exemplo, mais de uma casa com o mesmo número, fazendo da identificação numeral das casas serem irrelevante, mantendo no nome do morador ou na característica do imóvel ser o elemento que estabelece o lugar.

Isso faz com que cartas e encomendas dos correios, por exemplo, cheguem às casas muito mais pelo conhecimento do carteiro com o morador do que pelo número da casa em si daí identificamos certa *primazia da materialidade física e pessoal* como um princípio de direito a identidade, onde o morador passa a ser o lugar de entrega e o endereço mera abstração, mais um amálgama identitário alinhavado entre morador e lugar.

Essa oralidade, que define lugar, identidades, e as dinâmicas da favela, compõe um arcabouço do Direito que identificamos como *Direito de Comunicação*, permeado dentro e para além da própria favela. A informação para além da favela, se desvela como elemento do direito de comunicação, ainda mais se pensarmos na página do facebook da Barreirinha, nas redes sociais de wathsApp onde grupos de moradores se comunicam acerca dos acontecimentos do dia a dia, na página de facebook Informe Rocha Miranda, instrumentos que garantem a informação e a difusão da comunicação. O que nos encaminha a outro

substrato de direito, ainda ligado ao *Direito de Comunicação* instituído na favela: o *Direito de Lembrança* e de ser lembrado, o direito a própria história.

A memória de alguns moradores é entretecida na vida dos mesmos e sua conjugação com o espaço, conferindo representação e significado àqueles que se relacionam com o espaço da favela mais do que outros moradores que não se apropriam ou não se sentem pertencidos ao lugar. As relações com o espaço compõe o núcleo essencial das memórias locais. A informação transmitida oralmente, ou digitalmente permite conferir fluidez a acontecimentos do lugar e da vida dos moradores da Barreira, ampliando a rede de informação, dando voz e visibilidade a acontecimentos de um lugar que seria então anônimo e invisível, conectando a Barreira para além da favela, tecendo vínculos entre a favela, o bairro e outros espaços, configurando notas de exercício do direito a cidade, ainda que refletida na utilização do espaço cibernético.

Em termos de apropriação do espaço físico o exercício do direito a cidade pode ser compreendido como a favela em si mesma e suas dinâmicas, a *autotutela* que gera a ocupação originária, confere uma função social à propriedade, destinando-a a habitação, portanto, o espaço que era abandonado, inservível e nocivo à saúde, configurado por um brejo, passa a se reorganizar e ser habitado transcendendo a essência de um não lugar para exercer a função de lugar de memória, produzido, estruturado e elaborado pelo próprio morador.

Ainda na seara imobiliária da favela, pensando nas compras e vendas de imóveis, pouco provável encontrarmos documentos ou escrita que cumpram os requisitos jurídicos de operação imobiliária formalizados das negociações de aquisição e venda do bem, salvo algum recibo de pagamento que comprova a operação. Muitas dessas vendas são realizadas de boca, e o pagamento também acertado de forma parcelada cumprindo o requisito da confiança nas relações estabelecidas, delineando as formas de morar na favela. Geralmente os contratos de aluguéis são verbais, mas cumpridos a risca pelos Locatários, reajustes e cláusulas que regulam o contrato, também alinhavados de forma não escrita, mas nem por isso, deixam de ser cumpridos regiamente.

Tais direitos, não são escritos, anônimos, sequer reconhecidos na ordem jurídica, podem ser caracterizados como micro direito, situado no âmbito do *Direito Consuetudinário* baseado em costumes, construto da ordem jurídica local da Barreira, e, portanto, emergida das práticas sociais exercidas na favela, contrapondo-se de certa forma ao monismo jurídico o qual defende o monopólio das Leis formais estabelecendo a relação precípua entre Estado e

Direito, situando, portanto o direito construído e tecido no cotidiano da favela como elemento de um pluralismo jurídico, tão congruente quanto à diversidade em que opera.

A essa dinâmica jurídica, empreendida pela realidade, Boaventura de Sousa Santos conclama como *direito dos oprimidos,* elaborado entre a tensão da racionalidade positivista e as negociações apreendidas no cotidiano.

> O direito dos oprimidos revelará uma tensão entre a razão fria dos quadros teóricos e a razão quente das análises empíricas, e bem assim o modo como estas se rebelam, tanto em relação às teorias como em relação às metodologias que estas pressupunham ou legitimavam (SANTOS, 2017, p. 15).

A teoria das classes aqui norteou nosso caminho à compreensão das relações encadeadas pelos micros núcleos de direitos consolidados na favela, agregados pelo pluralismo jurídico local, que norteia em si um sistema subalterno, "criado, pelas classes populares para resistirem ou se adaptarem à dominação de classe em face de um sistema jurídico dominante, criado pelas classes dominantes para assegurar a produção de seus interesses" (SANTOS, 2017, p. 94).

Nesse sentido, a construção de micro direitos na favela, se alinha ao exercício do direito a cidade, direito a celebração no espaço e direito a própria história à medida que o espaço da favela é apropriado, com festas, bingos, celebrações, ações sociais, é consolidada a construção das memórias locais mediada em eventos coletivos ou individuais, depreendida por fotos, imagens, e sons, que se tornarão memória material coletiva (ou individual), marcando o espaço da favela como lugar de construção de (des) afetos, traduzindo pertencimentos e representações sociais locais.

A criação do conjunto jurídico circunscrito no interior da favela, oriundo das práticas sociais ali alinhavadas, nos forneceu encaminhamento ao entendimento de algumas negociações com o espaço da favela, as quais emergiam desses direitos, e uma dessas negociações tem no medo, um potencial agente organizador, ainda que ambivalente isso porque se os espaços fora da favela se organizam buscando evitá-la ou isolá-la (como nas obras em que a prefeitura cercou as ruas com grades do entorno da favela, deixando apenas a Barreira com um único acesso, isolada das demais ruas do entorno, essas ações faz com que a Favela da Barreira tenha que se organizar dentro do seu próprio núcleo, trazendo uma certa percepção aos moradores de que as áreas internas são mais seguras do que as externas.

As redes de medo configuram e retroalimentam o espaço da favela, fornecendo arranjos de sobrevivência e ao mesmo tempo, conferindo outras formas de dominação dos

espaços exercidos por forças internas e externas. Se externamente a favela é a imagem local (para o bairro e a cidade) do medo, internamente, a organização de seus arranjos, seja pela perpetuidade de famílias no lugar, seja pela vinda de amigos e conhecidos para morar no espaço, ou da especulação imobiliária em si confere certa familiaridade ao espaço, ao mesmo tempo em que reproduz práticas de dominação territorial dentro da favela.

Um exemplo dessa lógica decorre da especulação imobiliária na favela, realizada por moradores (detentores de melhores condições econômicas, geralmente comerciantes locais), que passam a produzir velhas formas de dominação do espaço pela compra e locação de imóveis, mesmo que para amigos, familiares ou vizinhos, o que garante a perpetuidade da terra (também considerado como micro direito) e domínio no espaço, ao mesmo tempo em que consagra a familiaridade como elemento motriz da favela, daí o elemento discursivo reiterado na resposta para a pergunta de corte, "o que é a Barreira pra você?", *uma grande família*, configurando os laços dos micro direitos estabelecidos no espaço, com a identidade do espaço em si, daí a importância de conhecermos o micro cosmo jurídico que mobiliza as relações sociais na favela da Barreira.

A favela da Barreira, embora não cotejada como área de valorização econômica para grandes empreendimentos imobiliários, internamente esse arranjo se (re)organiza, reconfigurando a favela em si mesma delineando formas do *Direito a Cidade pela Favela*, com as mesmas dinâmicas empregadas nos centros urbanos, fragmentando e dividindo a favela, que replica a lógica econômica, na estética e na polarização entre inclusão/exclusão de seus moradores distribuídos entre as habitações em áreas mais privilegiadas e mais precárias, portanto menos assistidas, áreas essas consideradas afetivamente e na plasticidade segregadas da favela (embora territorialmente dentro do espaço da favela), consolidando o legado do medo mais pela precariedade notória de alguns espaços, onde essa precariedade se associa a pobreza identificando as distorções internas produzidas num único espaço da favela.

Assim que a pobreza se relaciona a imagem do medo do lugar, conduzindo aos substratos da topofobia. Quando pensamos na consolidação das moradias na favela, na formação das redes de proteção interna onde boa parte dos colaboradores afirma que ainda que tivessem condições financeiras não sairia da Barreira, descrevendo a favela como um lugar confiável, emerge uma configuração do espaço onde os moradores negociam e estruturam direitos internos os quais garantam tais negociações e o núcleo de segurança e confiança que norteiam o "habitar" na favela.

Assim, o perigo de dentro da favela, percebido pelo bairro e entorno, é mitigado pelos moradores da Barreira quando se pensa nos perigos externos, provenientes do bairro, da cidade ou do próprio ordenamento jurídico, quando se pensa nas intervenções estatais de cunho coercitivo na favela, esse para os moradores nos parecem ser o real e imediato perigo.

A dialética entre a confiança e o medo, desvelado em silêncios pesarosos e em algumas experiências dos moradores, que passam a compreender a favela como o espaço seguro e o "outro" (configurado por ambientes fora da favela) o não seguro, se mostrou elemento organizador das relações na favela.

Segundo Bairel (2004, p. 37) o medo se configura como um sentimento natural, intrínseco aos seres viventes, e tem sido utilizado como estratégia para subjugar, controlar, escravizar e dominar as pessoas.

Os sentidos, o tempo e o espaço surgem como marcadores do medo, isso porque, os sentidos se relacionam com a percepção, apreensão de sentimentos, fatos e situações delineadas no cotidiano, levando em consideração a singularidade do sujeito, a sua história de vida, e experiências vivenciadas, norteando o medo a noção de tempo e espaço, singularizando o medo em cada indivíduo.

Essa dinâmica, muito bem explicitada por Norbert Elias (1994, p.61-125), emerge a pluralidade das memórias coletivas como mecanismos que favorece a interpretação do medo social, e que por outro lado, fornece meios de engendrar o espaço do individuo como seguro, permeada nas auto-imagens. Nesse sentido, a auto imagem da favela como espaço macro (geral), será apreendida como o lugar do medo para aqueles que não circulam ou conhecem as dinâmicas internas da favela, no mesmo sentido, para aqueles que conhecem e convivem na favela, a auto imagem levará a compreensões diversas, inclusive como o lugar seguro, realizando o exercício do direito a cidade no cotidiano da própria favela.

Para Agier (2015) os lugares próximos da periferia (do centro urbano), se identifica num plano físico e no sentimento de pertencimento emergido pela coletividade, retirando das dinâmicas da cidade, sua primeira forma de identidade, mantendo na casa o núcleo primário de socialização dos indivíduos. Nesse contexto, a favela se elabora como a cidade, e a socialização produzida nas casas se estende a toda favela para além da casa e do parentesco, o que torna tanto a cidade familiar à favela como faz da favela ser familiar nela em si, apenas no tocante aos direitos produzidos, quando pensamos nas relações sociais ali estabelecidas.

Nesse sentido, segundo Lefebvre (2015, p. 36) compreende que a "cidade liga seus elementos associados à forma de propriedade comunal (propriedade privada comum ou

apropriação primitiva)", indicando a constituição de uma democracia a partir de tais elementos associativos, vez que se organizam de forma "estreitamente hierarquizada e submetida às exigências da unidade da própria cidade".

Portanto, as organizações sociais da favela, se fortalecem sem abolir os direitos da cidade que a favela detém sob o próprio território citadino, e vice versa eis que a favela se configura como produto da própria cidade, mantendo por equivalência, a cidade como o projeto urbano que produz a favela, desvelando signos de *identidade comutativa* nessa correlação, reverberado nas relações de equivalência e reciprocidade estabelecidas entre a cidade e a favela, tendo como efeito a dialética instituída implicitamente entre direitos estabelecidos pelo Estado, com aqueles tecidos no cotidiano da favela nas linhas dos costumes de seus moradores, conduzindo o exercício do direito à cidade, a partir da construção de micros direitos na favela.

Essas dinâmicas corroboram novas construções assumidas pelos moradores evidenciando práticas sociais e jurídicas desenvolvidas no próprio espaço. A própria questão da ocupação enquanto direito a habitação e especulação imobiliária na favela provoca uma reprodução de valores cristalizados nos centros urbanos. Atravessamentos que consolidam bases de um direito assumido como fruto de estratégias e negociações com o espaço, situado na órbita dos costumes, transmitido em decorrência e no interior das relações sociais estabelecidas no corpo da favela.

2.6 SABERES E CONHECIMENTO EM NARRATIVAS: LEGITIMIDADES EPISTEMOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMUM EM ESPAÇOS URBANOS

Nessa seção, buscaremos traçar o caminho dos referenciais teórico que nos favoreceu na compreensão das narrativas como fontes epistemológicas na produção do conhecimento, encaminhando ao (re)conhecimento da favela como espaço informal educador. Para tanto, inicialmente necessário se fez o entendimento das formas de educação (formal, não formal e informal), e a configuração do espaço da favela como educador informal, para assim, buscar nas condições correlacionais desse espaço, as formas potenciais de organização e estruturação cognitivas, esteadas no conhecimento comum produzida no cotidiano.

Nesse sentido, a pesquisa de Coombs, Prosser e Manzoor (1973), intitulada *New paths to learning for rural children and youth* (Novos caminhos para o aprendizado de crianças e

jovens rurais), com participação da UNICEF[29], compreendendo a educação informal como o arcabouço de conhecimentos, práticas e habilidades que o indivíduo angaria ao longo da vida, desde o nascimento, relacionando o processo cognitivo aos estímulos do cotidiano, a disponibilidade de recursos delineado pelas variáveis locais (núcleo familiar, de amigos, vizinhos) das práticas e atividades do ambiente como feiras, o trabalho, brincadeiras, o que consolidará as possibilidades educativas emergidas pelo próprio ambiente de inserção do indivíduo, e, portanto permeada pelas relações sociais nele construídas.

> [...] uma criança adquire um vocabulário substancial em casa, antes de ir à escola, uma filha aprende a cuidar de crianças e a cozinhar a partir da observação e da ajuda a sua mãe, um filho adquire competências profissionais de seu pai e crianças e adolescentes aprendem com seus pares. (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973, p. 10).

Sob esse aspecto, e, embora compreendendo que os autores compartimentaram a compreensão de conhecimento atrelado a educação formal, essa concebida no interior do sistema institucional escolar, nossa reflexão aportada na educação informal, correlaciona esse tipo de educação como estruturante do conhecimento comum no espaço da favela, isso porque, a história de vida dos sujeitos, as relações sociais conduzem a uma prática que se desvela pedagógica.

Nessa linha de pensamento, Gadotti (2010) reflete que os sistemas educacionais não têm acompanhado as mudanças sociais as quais se encontram em profundo processo de transformação, indicando o movimento como produto de sociedades sempre em processo de modificação, e no esteio desse processo, as relações sociais emergem como práticas pedagógicas, transformando o meio natural em meio cultural situada na própria história de vida do homem.

> O homem faz a sua história intervindo em dois níveis: sobre a natureza e sobre a sociedade. O homem intervém na natureza, descobrindo e utilizando suas leis, para dominá-la e colocá-la a seu serviço, desejando viver bem com ela, isto é, em harmonia com ela. Dessa forma ele transforma o meio natural em meio cultural, isto é, útil a seu bem-estar. Da mesma forma ele intervém sobre a sociedade de homens, na direção de um horizonte mais humano. Nesse processo ele humaniza a natureza e humaniza a vida dos homens em sociedade. O ato pedagógico insere-se nessa segunda tipologia. É uma ação do homem sobre o homem, para juntos, construírem uma sociedade com melhores chances de todos os homens serem mais felizes (GADOTTI, 2010, p. 81).

29 Fonte: https://trove.nla.gov.au/work/21853574?q&versionId=2630643 Acessado em 20.05.2018

Esse processo que coteja a educação informal nas dinâmicas dos espaços, “transformando o natural no cultural”, potencializa o lastro de conhecimento comum produzido no espaço da favela.

Para situar o conhecimento comum nos ancoramos em dois referenciais: Maffesoli (2010) e Maturana (2002), mantendo o cuidado de não delinear todo o percurso dos diferentes tipos de educação, nem mesmo percorrer todas as linhas históricas dos pensamentos epistemológicos que buscam explicar a teoria do conhecimento, mas tecer as considerações teóricas que norteiam a proposta central da pesquisa: saberes e conhecimentos (situando o conhecimento comum), mantendo nas narrativas o eixo epistemológico desse conhecimento.

No entanto, tecer tais considerações, nos encaminhou ao exercício da ruptura de paradigmas, e o mais importante deles, consistiu na desconstrução do paradigma que impõe certa dicotomia entre saberes e conhecimentos, sendo vital a nosso estudo, que se debruçou na compreensão das formas de conhecimento comum no espaço da favela, abarcado por saberes e práticas cotidianas.

Dessa forma, duas análises iniciais se impuseram: uma, sobre a natureza do conhecimento que se analisou na favela, e outra, sobre a natureza “de espaço educador” que a favela agrega, essa dialética nos favoreceu a compreensão das legitimidades permeadas sob as bases epistemológicas cognitivas, tecidas nos espaços da favela, potencializadas pelo cotidiano, tecido de produção do conhecimento comum.

Ressaltamos que não buscamos analisar o que a favela produz com o arcabouço de conhecimento comum, porque tivemos o cuidado de não configurar a perspectiva utilitarista a nossa análise, o que significaria torna-la circunspecta a um produto útil como resultado das produções cognitivas, mas para além dessa lógica, buscamos apreender as formas de organização cognitiva, mobilizadas e potencializadas nas relações sociais, que formam a o lastro de produção do conhecimento comum.

Portanto, aqui estabelecemos como conhecimento não “o que se faz”, mas o “como se faz”, como o cotidiano pode ser potencializador nas relações sociais da favela para construir bases que possibilitem a leitura de mundo, favorecidas pela inserção e mobilização social do grupo.

Essa mobilização desvela não só a construção cognitiva, mas revela como o cotidiano viabiliza a construção e (re)organização individual, coletiva e do espaço, consolidando o espaço como “lugar”, de produção de memória, situando o próprio lugar de fala do indivíduo,

onde ele se produz e é produzido, fonte de formação ontológica do sujeito, delineando identidade(s).

E, se considerarmos as afeições do espaço no desenvolvimento humano e social permeando as ações e mobilizações do homem na favela, podemos então compreender a favela também como um espaço de construção e proposição epistemológica, à medida que consolida formas de morar, de viver, de pactos sociais próprios e realizados na favela.

Nesse sentido, a atuação do sujeito epistêmico de Piaget (2016) é um dos elementos que nos conduziu a compreensão das dinâmicas e sentidos na favela, o conceitual teórico é delineado na capacidade que os indivíduos mantêm de estabelecerem relações, a qual se demonstra o fio condutor das ações humanas básicas voltadas a apreensão do saber, encontrando na observação os mecanismos para construção, organização e estruturação do pensamento, estabelecidas pela rel(ação) do sujeito com o meio, que se reelaboram a cada instante (mobilizadas nas transformações sociais), no esteio das interações alinhavadas.

Assim segundo Piaget (2016), o conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto (o corpo e as coisas), e que dependem, da ação de ambos os elementos ao mesmo tempo:

> [...] o problema inicial do conhecimento será, portanto, o de construir tais mediadores: partindo da zona de contato entre o próprio corpo e as coisas, eles progredirão então, cada vez mais nas duas direções complementares do exterior e do interior, e é dessa dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos (PIAGET, 2016, p. 8).

Dessa forma, analisar a condição do sujeito epistêmico na favela, significa cotejar as ações entre o homem e o meio, que dependerá de uma postura ativa para aprender. Se o indivíduo se permitir explorar os espaços da favela, saindo de sua área rotineira, se apropriar da favela, poderá compreender que o espaço tem peculiaridades que encadeiam seu próprio funcionamento, permitindo o exercício da comparação, da classificação à medida que se permite por ação, a experimentar e vivenciar outras partes do seu próprio território, lugares que não estaria acostumado a frequentar (dentro da própria favela).

A ação do sujeito sobre o meio que vive conduzirá a apreensão e estruturação cognitiva consolidando bases do conhecimento local produzido nas dinâmicas evidenciadas nos espaços comuns, estabelecendo assim a relação entre sujeito (corpo) e coisa (o espaço da favela), sendo reelaborada a todo o momento à medida que cada nova informação surge, permitindo reelaborar o que se sabe e as formas de como se apreende o saber.

No entanto, mantemos a noção de que as reflexões de Piaget (2016), não se alinham necessariamente as propostas delineadas pelas epistemologias da percepção que preceitua a empiria e experiências como núcleo motriz do conhecimento, nem mesmo com as abordagens dialéticas e metafísicas que abordam os tipos de educação. Entretanto, entendemos pela possibilidade da conjugação de arranjos epistemológicos por meio da hermenêutica, que concilia pressupostos da epistemologia da percepção com aqueles alinhavados por Piaget, de natureza interacionista, onde advogamos pelas inter-relações entre abordagens, onde uma não exclui necessariamente a outra, mas a complementa.

Dessa forma, se considerarmos que o indivíduo, em sua inter(ação) social apreenderá elementos que conduzirão a estruturação cognitiva (e sua auto regulação), conforme propõe Piaget, não podemos refutar que essas apreensões as quais promoverão a organização do pensamento e classificação quando encadeiam elementos comparativos no dia a dia.

Essa dinâmica perfaz certo trajeto de troca permeado nas próprias relações tecidas no espaço, isso porque, se o indivíduo se utiliza das dinâmicas do espaço (sendo ele ao mesmo tempo corpo e objeto desse espaço), as relações sociais delineadas se traduzirão como uma micro dialética entre interação e percepção, delineadas na atuação do sujeito com o espaço e, conferindo certo aspecto metafisico às experiências apreendidas, no que tange as formas de estruturação e (re)elaboração delas.

Assim, significa dizer que, a integração humana no espaço, dependerá de inúmeros aspectos, consolidando uma síntese de múltiplas determinações, materiais e imateriais, concretas e abstratas, objetivas e subjetivas.

Nesse sentido, as narrativas, mais especificamente o tecido de História Oral, emergem uma proposta epistemológica ambivalente que, reflete o percurso da produção do conhecimento tendo como fonte primária as experiências, onde a vida se desvela como princípio ontológico, pragmático e educativo.

> A última etapa do longo processo de análise em muitos campos distintos é produzir uma síntese dedicada a contribuir para o conhecimento no sentido da compreensão. Essas sínteses, em geral, ocorrem na forma de narrativas (BURKE, 2015, p. 111).

Nessa perspectiva, cabe-nos analisar a dicotomia estabelecida entre saberes e conhecimentos (para além da compreensão verbal, mas definindo conceitos epistemológicos centrais de investigação filosófica), situando o núcleo de formação do conhecimento comum o

qual se distingue do conhecimento cientifico, embora de natureza diferenciada, ambas as formas de conhecimento estabelecem-se numa dialética entre si.

Muitas teorias tentam explicar a produção do conhecimento, não pretendemos percorrer toda a trajetória, mas situar o conhecimento produzido na favela, entretecidos em saberes e práticas, em modos de habitar, de viver e conviver, desvelado no cotidiano.

Para Bombassaro (1992), o sentido primário do saber se relaciona às sensações olfativas ou gustativas, por outro lado, se considerarmos o entendimento do saber sob as luzes da filosofia de Platão – ancorado nas teorias de Parmênides (515 A.C) – teremos um marco para a distinção entre o saber e a opinião, o saber é uma opinião verdadeira, acompanhada de um pensamento fundado.

> Platão, aceitando a teoria de Parmênides, distinguia entre saber (episteme) e opinião (doxa) afirmando que o "saber" é uma opinião verdadeira, sempre acompanhada de uma explicação e por um pensamento fundado. Também Kant contrapôs a opinião entre a fé e ao saber. Para Kant, a opinião é um ter por verdadeiro com uma fundamentação insuficiente, tanto subjetiva como objetivamente enquanto a fé é um ter por verdadeiro suficientemente válido no plano subjetivo, porém insuficiente no plano objetivo. Já o saber é um ter por verdadeiro suficiente tanto objetiva como subjetivamente (BOMBASSARO, 1992, p. 20).

O autor segue afirmando que há uma dimensão prática que liga o saber ao mundo, podendo ser associado ao fazer e ao poder, pois "dizer que se sabe, é o mesmo que dizer que se pode", ensejando a noção de poder manusear, poder compreender, poder dispor, vinculando o saber como um estatuto do mundo prático.

> [...] O saber está vinculado ao mundo prático, o qual não é somente condição de possibilidade para qualquer enunciado, mas também o lugar efetivo onde a enunciação pode ser produzida. Portanto, a investigação do saber como conceito epistêmico remete ao prático, pois o saber revela-se em instância que vincula o homem ao mundo. A essa conclusão provisória também pode se chegar com a análise do verbo "conhecer". Da mesma forma que o saber o conhecer também vincula o homem ao mundo (BOMASSARO, 1992, p. 21).

Se as formas do saber e conhecer se inscrevem como estatuto do mundo prático, nos cabe a tarefa de encontrar nas epistemologias que inscrevem as forma de conhecer, quando buscamos o conhecimento como resultado da ação interativa da razão e dos sentidos, encontraremos traços nas linhas das reflexões filosóficas que distinguem o conhecimento sensível do conhecimento inteligível.

O percurso das reflexões de Bertrand Russell (1968) nos forneceu alinhamento a investigação da dicotomia saber e do conhecimento. O autor reflete acerca da constituição de duas formas de conhecimento: por familiarização e por descrição. A primeira forma de

conhecer por meio da familiarização, nos encaminha ao entendimento mais elementar de conhecer a partir do elemento espontâneo, do conjunto que se apresenta no cotidiano, por exemplo, composto por imagens, memórias, informações, objetos e lugares, relacionados ao próprio corpo, dando-se conta de que algo existe.

O conhecimento por familiarização surge como elemento apriorístico na análise fenomenológica do conhecimento realizadas por Schütz (2012) e Luhmann (1994) podendo ser compreendido como condição necessária para que se possa realizar a leitura de mundo, agregando as várias formas de saber como arcabouço do conhecimento, portanto, interacionando o conjunto de saberes como tecido do conhecimento.

Agier (2015) reflete acerca do saber quando enfoca o trabalho do etnólogo, ressalvando as especificidades de um saber quando se está voltado a aprender as relações sociais estabelecidas em determinados lugares, na investigação da vida cotidiana, consolidando um modo de conhecimento específico que parte do saber das relações.

> Logo, não há saber sem relações. [...] o saber do etnólogo é bem específico e de um conteúdo sem equivalente em outras *epistemes*.[...] existe certa transparência entre o saber e o objeto do saber: a pesquisa é relacional, como é o objeto que busca um conhecimento dos mundos de relações. Um saber que fala de relações e nasce nas relações. Afetiva e emocionalmente, não se sai disso ileso (AGIER, 2015, p. 34).

Para Maffesoli (2010) propõe a critica ao dualismo esquemático, na dicotomia tecida entre conhecimento racional e sentimento (subjetivo), produto do orgânico, ligado à emoção, emergindo um embate entre razão e imaginação, não deixando de observar, no entanto, representações intelectuais que repousam na abstração.

As reflexões do autor traçam caminhos do conhecimento comum por meio da sociologia compreensiva, esteado no pensamento de G. Balandier (1981) quando perfaz as produções no âmbito da sociologia, caracterizando a dicotomia entre sociologia do conhecimento e sociologia do serviço, gerando dois polos da epistemologia na compreensão social: de um lado, a *sociologia do conhecimento* produzida sob a égide de paradigmas deterministas, e de outro a *sociologia do serviço* mantidas nas linhas de paradigmas interacionistas, ratificando a divisão já proposta por R. Boudon (1979) entre paradigmas interacionistas e paradigmas deterministas.

Maffesoli (2010) reflete que o indivíduo permanece como ponto de referência obrigatório, colocando-o como o pensador, “aquele que diz o mundo”, e que, portanto, não

pode ser compreendido como abstração visto que o sujeito faz parte do que descreve situado no plano interno, capaz de manifestar a visão de dentro, propondo assim como base de compreensão do conhecimento comum, a “sociologia do lado de dentro” (Maffesoli, 2010, p. 31).

Além do primeiro pressuposto, da critica ao dualismo esquemático, Mafessoli (2010) traça outros quatro pressupostos à compreensão do conhecimento comum: o pressuposto da forma, o pressuposto da sensibilidade relativista, o pressuposto da pesquisa estilística e o pressuposto do pensamento libertário. Dessa forma, elegemos a conjugação dos três primeiros pressupostos para encaminhar nossa análise, mantendo em Maffesoli (2010), o referencial que conduziu a compreensões do conhecimento comum.

O pressuposto da forma, emergindo como segundo pressuposto à compreensão do conhecimento comum consiste na análise da representação do cotidiano a partir de dentro, de seu conteúdo, indicando a necessidade das bases de aplicação da sociologia compreensiva, visto que a sociologia se propõe a estudar as formas da vida social como representações opostas a seu conteúdo, onde o formismo (que descreve de dentro o problema) delineado na sociologia de G. Simmel (1981), então utilizada por Maffesoli (2010) evita os contrassensos induzidos pela noção geral da forma (que indica a categorização do problema), evidenciando o jogo das formas.

O jogo das formas, ou como o autor designa de “articulação das constelações”, reportando-se a compreensão Weberiana, indica a faculdade de apreender o real em função do irreal, uma função atribuída a forma, que permite a apreensão da imagem e a de sua pregnância no corpo social, configurando-se como “condição de possibilidade, a um só tempo, da existência e do conhecimento em sua plenitude”, revelando certa dialética entre o concreto e o abstrato na apreensão do conhecimento (Maffesoli, 2010, p. 35).

Essa equação conduz a polissemia da fenomenologia social e por outro lado, se consolida elemento explicativo na categoria de constelação determinada, fazendo com que a articulação das constelações de imagem e representação perfaça o jogo das formas o “que permite mensurar o real do irreal (onírico)”, encadeando percepção das categorias que dão modulação a forma.

O terceiro pressuposto para compreensão do conhecimento comum, proposto por maffesoli (2010), é a sensibilidade relativista, estabelecendo-se aqui um diálogo entre ao relativismo metodológico de Piaget (2016) situado no comparatismo entre as relações de forma, conduzindo a compreensão de que não há realidade única, apenas formas diferentes de

concebê-la, permeadas por valores dominantes do momento, delineando os traços da experiência relativista, traduzindo assim certo giro epistemológico na explicação das relações sociais, que não se explicam mais pelas relações do homem na economia (epistemologia utilitarista), visto que reduz a percepção da vida social, onde a comunicação e as narrativas em especial, abrem possibilidades de compreender melhor as relações alinhavas em espaços determinados.

Nesse contexto, o morador da favela, "o ser" sujeito de sua própria história, é o intelectual orgânico que conduz, estrutura e organiza suas próprias formas de construção epistemológicas, a partir das relações e práticas que são produzidas no espaço, produtor do conhecimento comum.

> E aqui reencontramos, talvez compreendida fora de seu contexto original a noção de "intelectual orgânico" tão cara a A. Gramsci; assim, como correlato ao querer-viver societal, estamos diante de uma "invenção" de representações. E estas não mais são produzidas de uma maneira abstrata e voluntarista – mas provêm, de maneira específica, naturalmente, das práticas, das paixões, dos afetos e do bom senso peculiares e estas diferentes comunidades, mais ou menos importantes, que constituem as sociedades. (MAFFESOLI, 2010, p. 171)

Esse entendimento amplia o sentido de intelectual orgânico proposto nas reflexões de Gramsci (2004), deslocando a organicidade da vida política para o substrato de ordem social, mantendo na experiência do mundo, nas relações coletivas, traços de uma sociologia da vida cotidiana, tendo como fonte as produções nela e por ela engendradas, situando substratos do conhecimento comum.

Pensando o cotidiano como potencializador dos substratos do conhecimento comum, e a rede de afetos (positivos), o amor, emoção básica que consolida o fundamento humano, estabelecendo a rede de cooperação de afetos, partindo do giro epistemológico da biologia cognitiva proposta por Maturana (2001), por onde situamos nossa observação, pela rede de construção de afetos, permeando todo o viver na favela.

> Os seres humanos vão se transformando através do tempo pela prática do amor. Por isso, é um fenômeno evolutivo porque leva ao devir de nossa linhagem humana, como também um fenômeno ontogênico na medida que vai constituindo as nossas subjetividades (PELLANDA, 2009, p. 82).

O salto epistemológico na proposta de Maturana (1994) emerge o amor como elemento de fundação social, fenômeno subjetivo das relações manteve no paradigma da

complexidade, o qual é constituído por múltiplas e variados elementos de ordem holísticos integrantes da realidade seu próprio critério de validação.

No que pese o signo de sua própria subjetividade, o amor não emerge inicialmente como proposta de Maturana, mas o autor invoca as construções de G. Bateson (2000) para estabelecer a relação entre o abstrato, como amor ou sabedoria como chave de acesso as construções humanas.

> Gregory havia chegado a estabelecer uma estratégia de tomar palavra como "amor" ou "sabedoria", espírito, mente ou o sagrado – palavras com que se designam questões que os não materialistas consideram importantes e que os homens de ciência seguidamente consideram como inacessíveis ao estudo – e redefini-las recorrendo aos instrumentos conceituais da cibernética. (BATESON, 2000, p. 20).

Maturana (2002) reflete que a experiência incorpora uma compreensão efetiva do fenômeno do conhecimento, onde toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, fazendo com que da proposta de biologia cognitiva emergisse a *autopoiese* como elemento de construção humana, suportes da teoria do conhecimento.

> É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenología observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência. Enquanto uma reflexão sobre o conhecer, sobre o conhecimento, é uma epistemologia. Enquanto uma reflexão sobre nossa experiência com outros na linguagem, é também uma reflexão sobre as relações humanas em geral, e sobre a linguagem e a cognição em particular (MATURANA, 2001, p. 13).

Nesse sentido, importa-nos os sentidos das narrativas como o discurso que explica as experiências, onde o ato de "explicar, é sempre uma reformulação da experiência que se explica", sendo absolutamente cotidiano (MATURANA, 2001, p. 28).

> As explicações são reformulações da experiência, mas nem toda reformulação da experiência é uma explicação. Uma explicação é uma reformulação da experiência aceita por um observador (MATURANA, 2001, p. 28).

Compreender as formas e elaboração de conhecimentos situados no cotidiano implica em conceber as diversas naturezas diferenciadas quanto aos modos de escutar e aceitar reformulações das experiências, e suas explicações, numa dinâmica que legitima não só a experiência, como o conhecimento que dela emerge criando conexões entre conhecimento e conhecedor, legitima ainda o lugar da experiência apreendida e o experimentador, valorizando

os múltiplos cenários de inserção das relações (pessoais, territoriais, coletivas) fatores internos e externos como fonte de elaboração dessas experiências e do suporte cognitivo humano.

No entanto, extrair do tecido narrativo os elementos que elaboram o conhecimento no espaço da favela, implica em compreendermos as incidências internas, mas sem refutar as incidências externas as quais determinam a organização social local.

Dessa forma, percorrer nos entreditos narrativos o percurso que situa a favela da Barreira como território atrelado a cidade, nos fez entender as matizes de inserção da favela no subúrbio, nos fornecendo caminhos de entendimento da Favela dos substratos citadinos: se o subúrbio são produtos dos projetos urbanos da cidade, a favela se desvela como substrato, o resto da equação que define o bairro como parte da cidade, e a favela como o suposto "despojo" do projeto bairrista-citadino. Nesse sentido, buscaremos no próximo capítulo os rastros históricos que situam o território da Barreira na cidade e no bairro de Rocha Miranda.

2º ATO
A ARIA DO PERCURSO HISTÓRICO

CAPÍTULO 3 - O MOSAICO URBANO CARIOCA: A CIDADE, O BAIRRO DE ROCHA MIRANDA E À FAVELA DA BARREIRA

> *"Nesses cortiços, que formam dentro da cidade, pequenos departamentos sórdidos de onde o vício emigra, onde prolifera a infâmia, onde o crime nasce, onde a inocência morre, a julgar pelo que vemos diariamente nas ruas – há uma grande escola de miséria, vive oculta, trabalhando clandestinamente na sombra e na lama, a alma perversa e ignóbil de Clopin Trouillefou"* (COELHO NETO, 2002, p.185).[30]

Compreender a trajetória e formas de organização de um bairro não é tarefa fácil, notadamente quando não se pode contar com um acervo robusto de memória material que possa favorecer a análise histórica acerca da criação do bairro Rocha Miranda e suas conexões com a Cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a história do lugar se desvela como elemento de resposta a ampla redes de questões formuladas, delineando as relações que se estabelecem entre o bairro, a cidade, o Estado e o país.

A importância do entendimento dos processos de estruturação e urbanização do bairro pode nos fornecer elementos que indiquem o estreitamento relacional entre a Cidade e o bairro em si, subsidiando a compreensão de micro relações estabelecidas entre Rocha Miranda e a formação de assentamentos, ocupações precárias denominadas favelas.

Assim, a Favela da Barreira, situada na zona norte do Estado do Rio de Janeiro, localizada no bairro de Rocha Miranda demonstrou-se a pedra de toque, a fim de se compreender as relações tecidas na própria favela desvelando o *ethos* delineado pelo cotidiano, onde pudemos observar as relações estabelecidas, entre o representado e o vivido, a tríade relacional estabelecida com a Cidade do Rio de Janeiro, o Bairro de Rocha Miranda e a Favela da Barreira, refletindo as dinâmicas do Estado e do país. Nesse sentido, a utilização de suporte bibliográfico e documental para compreender as dinâmicas do território estabelecida nas narrativas se fez necessário, sendo portanto, suportes secundários ao corpus primário oral da pesquisa.

A análise aprofundada de tais relações emergiu a necessidade de compreender o processo de urbanização do bairro de Rocha Miranda e sua relação com o crescimento urbano de seu entorno, na dinâmica urbana da Cidade do Rio de Janeiro no mesmo período.

---

30 COELHO NETTO. *Bilhetes postais.* São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

Considerando a ausência de materiais específicos, e as narrativas marcantes que estabelecem Irajá como rota de extensão da Favela da Barreira, para entendermos esse elemento, é necessário aqui situar a dimensão dessa extensão, que conduz a Favela da Barreira a Irajá, cotejando, portanto a mobilidade da favela - nas linhas de ônibus que servem há décadas aos moradores liga Irajá ao Méier (685 da viação Rubanil), e a outra, liga Pavuna ao Engenho da Rainha (946 da viação Pavunense) ambas fazendo ponto na entrada da Favela da Barreira, nos dois sentidos da Rua dos Diamantes – além das narrativas e as relações que emergem das memórias da favela, as quais reportam sempre Irajá como o centro de vivência da Favela da Barreira.

Reafirmamos aqui que para a maioria dos entrevistados, Madureira e Irajá se mostraram rotas e uma espécie de extensão para as resoluções do "viver" na favela, apontado por inúmeras razões, a mais marcante, nos pareceu à narrativa de que *"o bairro de Irajá simboliza vida e morte, é de lá que vem os benefícios sociais concedidos pela Agência da Previdência Social, e lá também que recebe os mortos da favela, no cemitério local*".

As fontes orais cotejadas sob o ponto de vista de fontes primárias da pesquisa, consubstanciada nas entrevistas nos acompanham mesmo após seu fim, de forma que as falas reverberam nas mais intimas texturas do trabalho de pesquisa, ressoando em nossa reflexão. Acredito que essa fala em particular se revelou repleta de significados, mobilizando-nos a descobrir em Irajá a gênese e conexões presentes com a favela e com o bairro de Rocha Miranda.

Nesse sentido, encontramos no acervo da Cúria da antiga sede da Freguesia de Irajá, Igreja Nossa Senhora da Apresentação a fonte secundária documental de pesquisa, de dados e informações relevantes das terras que atualmente integram o bairro de Rocha Miranda e Honório Gurgel[31], onde se situa exatamente a Favela da Barreira, bem como no acervo da prefeitura do Rio de Janeiro.

---

31 Região próxima ao Engenho Boa Esperança que, com a inauguração da Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil (depois linha auxiliar), em 1892, passou a abrigar a Estação de Munguengue, inaugurada em 1 de novembro de 1895, de onde saía um ramal de 3,02 Km para Sapopemba (atual Deodoro). A estação teve a denominação alterada para Honório Gurgel em homenagem ao Tenente Honório Gurgel do Amaral, vereador, cujo pai possuía fazenda em Irajá. Em Honório Gurgel existiam engenhos, olarias e carvoarias, com caminhos dando acesso a Madureira, o principal deles a estrada Tavares Guerra (atual rua Conselheiro Galvão). Posteriormente, foi implantada a faixa da linha de transmissão elétrica da LIGHT, hoje ocupada por lavouras. O Bairro é predominante residencial e tem como um dos seus limites o rio Sapopemba. A denominação, delimitação e codificação do Bairro foi estabelecida pelo Decreto Nº 3158, de 23 de julho de 1981 com alterações do Decreto Nº 5280, de 23 de agosto de 1985.Fonte: portal georio armazém de dados. Fonte: http://portalgeo.rio.rj.gov.br. Acessado em 02.04.2017

A compreensão da organização urbana da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá (1644), que embora pareça uma temática demasiadamente antiga, forneceu-nos elementos para o entendimento da urbanização do bairro de Rocha Miranda, do processo de loteamento e abertura de ruas, ocupações marcadas pelo advento das linhas de ferro que atravessavam a região, eventos cambiados de certa forma na história de vida dos moradores, situando a Favela da Barreira.

A relevância de compreendermos o deslinde das Freguesias encontra na elaboração das circunscrições, aplicáveis até os dias atuais referenciando ainda as Freguesias como limite territorial de competência, razão de observar para compreender como tais arranjos orquestram-se no espaço da favela e fora dela.

A Freguesia, fragmentada em jurisdição, determina uma competência territorial que de certa forma "direciona" o acesso da Favela da Barreira a determinados serviços como Justiça (Fórum Regional Madureira), Administração Pública (Região Administrativa XV em Madureira) e Previdenciária (INSS em Irajá) e precede da observação dos critérios delimitado pelas Circunscrições, que marcam uma espécie de subdivisão na lógica urbana da própria Freguesia de Irajá, que abrange Rocha Miranda em determinados aspectos, como na assistência previdenciária e atendimento hospitalar de média complexidade.

Dessa forma, os bairros de Madureira, Irajá e Pavuna simbolizam "*vis attractiva*"[32] (a força atrativa), determinada pela competência territorial que dilata o campo da Favela quando se trata de acesso a serviços públicos, o que nos chama atenção, tão somente pelas relações cotidianas emergida nas entrevistas, que determina Irajá como a espécie de Capital da Barreira.

No caso da competência territorial[33] para apreciação de pedidos previdenciários a exemplo de Benefício Social (LOAS) solicitado por alguns moradores da Favela da Barreira, a agência competente para receber a solicitação situa-se em Irajá, fixando portanto, Irajá como território para atender as demandas previdenciárias da favela.

Portanto, cabe-nos aqui salientar que não pretendemos analisar tais relações, mas a partir dessas trilhas delineadas na oralidade, entender a ligação do bairro de Irajá, com a Favela da Barreira, o que nos permitirá compreender como os moradores da favela se

32 Conceito em latim significa *força atrativa* que designa o caráter universal (juízo), aplicado ao princípio de atração de uma matéria sobre a outra; aplicado nesse estudo de forma a compreendermos a construção histórica e social que mobiliza a atração que Irajá exerce no espaço da Favela da Barreira.

33 Cada agência da previdência social (APS) é responsável por áreas determinadas. Irajá recebe procedimentos dos moradores do bairro de Rocha Miranda. Por outro lado, a competência para o processamento de feitos na Justiça Estadual, é atribuída ao Fórum Regional de Madureira e Pavuna, fazendo com que tais bairros limítrofes sejam considerados extensão da Favela quando se trata de competência territorial.

relacionam com o espaço da própria favela, do bairro de Rocha Miranda, e de seu entorno, indicados nas narrativas como uma espécie de "extensão" da favela.

Para o desenvolvimento dessa parte de nosso estudo nos apoiamos em análise bibliográfica e documentais, buscando entender na construção da Freguesia de Irajá - que posteriormente desmembrou o bairro de Madureira (e seu entorno compreendido pela Fazenda do Sapê e Campinho que se tornam posteriormente Rocha Miranda) – e com o advento das linhas férreas no subúrbio o impacto para ocupação do bairro de Rocha Miranda, e seu entorno.

Esse trajeto, nos permitiu vislumbrar as contribuições para o processo de urbanização local, emergindo traços do movimento proletário que a urbanização do bairro de Rocha Miranda provocou, principalmente com a formação da Vila Operária Diamantes, considerada uma espécie de "complexo" a qual a Favela da Barreira encontra-se inserida (Santos, 1965)[34], percurso alinhavado na Segunda Parte de nosso trabalho, que buscou situar no espaço a Favela da Barreira e o bairro, no mosaico da cidade do Rio de Janeiro.

Aliada as pesquisas documentais situando o bairro e a favela, a análise da criação da Favela da Barreira, sua ocupação, urbanização e organização social manteve na história oral de seus moradores, o principal fio condutor da pesquisa, o que possibilitou-nos o desenvolvimento ainda de uma abordagem etnográfica da favela, e a compreensão das práticas, saberes e conhecimentos que permeiam o espaço, encadeado na oralidade das entrevistas do grupo de moradores, o elemento motriz necessário ao deslinde da pesquisa, consolidando pesquisa de natureza qualitativa, com esteio procedimental na *história oral híbrida.*

3.1 MEMÓRIA URBANA: DA CIDADE DA FREGUESIA DE IRAJÁ AO BAIRRO DE ROCHA MIRANDA

Entender a organização do bairro de Rocha Miranda, bem como da Favela da Barreira, demanda a necessidade de entendimento da urbanização do recôncavo da cidade do Rio de Janeiro, da trajetória histórica de elaboração de algumas estruturas urbanas, ao menos aquelas do entorno do bairro de Rocha Miranda, delineando os traços até as memórias afetivas da Favela da Barreira.

O marco de nossa investigação, para o desenvolvimento dessa parte de nossa tese, se deu com as freguesias do Rio de janeiro, as quais conceberam, através de atos normativos, os

34 SANTOS, NORONHA. *As Freguesias do Rio Antigo.* Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1965

distritos, posteriormente bairros e municípios, mantendo na criação das estradas de ferro as quais cortavam as freguesias, o elemento fomentador da ocupação de espaços do então Recôncavo da Guanabara, assim denominado por monsenhor Pizarro (1794), das regiões no entorno da Baía de Guanabara.

Conforme referencia Santos (1965, p. 7), a cidade do Rio de Janeiro era organizada sob a perspectiva eclesiástica em diversas freguesias ou paróquias, que tinham por função limitar os territórios de jurisdição religiosa, em princípio, passando a abranger também, posteriormente, territórios de jurisdição administrativa. Esse domínio territorial favoreceu de certa forma a conservação e permanência até os dias atuais de acervo histórico da Freguesia de Irajá em sua antiga sede.

A Província do Rio de Janeiro (Estado do Rio) mantinha domínios sobre a cidade do Rio de Janeiro, assim, o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834 elevou a cidade do para qualidade de Corte ou Município Neutro[35], numa simbiose entre forças de natureza policial, municipal e religiosa, onde a consolidação do instituto da Freguesia servia de "freio e contra peso" limitando os atos de natureza administrativa ou religioso, o que garantia o mínimo funcionamento entre instituições públicas nos âmbitos de atuação territorial, sendo esse o papel precípuo da criação das freguesias, as quais protagonizaram a organização da rede urbana e suas periferias.

Os arrabaldes[36], termo empregado para as periferias urbanas da cidade, nem sempre foram considerados designação pejorativas do espaço urbano, mas sim empregado para reportar os estratos urbanos que mantinham certa densidade de ocupação:

> "Subúrbio era igualmente empregado para as periferias urbanas do século XIX, com grande densidade de residência nas camadas superiores: como São Cristóvão, Botafogo, Engenho Velho, Engenho Novo. Assim que, o conceito carioca de subúrbio só veio a se instalar a partir das primeiras décadas do século XX" (SOARES, 1966, p. 47)

A reforma urbana de Passos (1903-1906) não foi o marco da urbanização dos subúrbios do Rio de Janeiro, embora a reforma da cidade tenha contribuído para a abertura de estradas e logradouros públicos nas freguesias de Campo Grande, Irajá, Ilha do Governador e Jacarepaguá[37], tendo sua concentração nas áreas centrais da cidade, indo ao encontro dos

35 Tornou-se Distrito Federal em decorrência da Lei Orgânica nº 85 de 20 de setembro de 1892, passando no ano de 1960 a Estado da Guanabara, de acordo com Noronha Santos, 1965.
36 do árabe ar-rabad ou do francês banlieue indica as cercanias de uma cidade ou povoado; subúrbio
37 Acervo do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro Códice 33.2.15

projetos de construção da malha ferroviária, permeada ainda no movimento de reforma que alcançava outras capitais latinas.

Benchimol (1990, p. 261) reflete acerca do processo ferroviário, delineando o projeto ferroviário como marca inicial da mobilidade urbana, incorporada e ao mesmo tempo direcionando a reforma urbana ao longo dos anos:

> Em abril de 1854 foi inaugurada a primeira ferrovia no Brasil, construída por Mauá, num percurso de 16,9 km, ligando Porto Mauá, no fundo da Baía de Guanabara, à Raiz da Serra, na direção de Petrópolis. Uma linha de navegação a vapor pela baía completava esse projeto ferroviário, destinado ao transporte de passageiros entre a Corte e a cidade de veraneio imperial, bem como ao transporte dos gêneros agrícolas, provenientes do interior fluminense ou de Minas.

Segundo Lima (2010, p. 82), a paisagem da cidade passava por profundas modificações, mobilizada por uma concepção higienista "na concepção de suas autoridades, acabar com a falta de higiene e transformar as ruelas em ruas mais largas e avenidas" o que corroborou para a valorização imobiliária, ante a abertura de ruas, implantação de saneamento tudo voltado à modernização das áreas centrais da cidade.

> A reforma urbana feita na cidade do Rio de Janeiro, no início do século, foi posta em prática por meio de intervenções modernizantes que, onerosas para o Estado, custaram caro também para diversos grupos, cujas moradias encontravam-se na área desejada para os planos de construção da grande Avenida, que ia do novo cais do porto à Avenida Beira Mar. O canal do Mangue foi prolongado e foram abertas, além da Avenida Central, as Avenidas Rodrigues Alves e Francisco Bicalho (LIMA, 2010, 82).

No entanto, é necessário compreendermos que a Reforma de Passos, manteve como núcleo central objetivos que embora similares, distanciavam-se daqueles os quais nortearam a reforma urbana de Paris empreendida pelo Barão de Haussmann (1853-1869). O elemento principal que diferenciava ambas as reformas especificamente em Paris, consistia na estética e na funcionalidade de uma cidade que ofertasse espaço de habitação a massa trabalhadora (LE CORBUSIER, 2009).

Os subúrbios parisienses não se tornaram espaços depreciativos exclusivos de proletários, mas mantinha partes do subúrbio ocupado pela burguesia, conferindo contorno social e inclusivo à reforma de Haussmann, o que não se evidenciou no projeto reformista de Passos.

> "[...] a ideologia do habitat teve o sentido de moralizar a classe operária, garantindo na prática ocupação suburbana ao proletariado e, principalmente, alcançando o objetivo político e ideológico de colocar

> os produtores assalariados naquela hierarquia [...] das propriedades e dos proprietários, das casas e dos bairros" (LEFEBVRE, 2015, p. 17).

Os contornos da reforma urbana de Passos erigiram signos muito além de uma proposta de cunho político reformador urbano, apresentando-se implicitamente carregada da ideologia higienista segregadora espacial, o que culminou na organização urbana excludente e discriminatória, elemento marcante na comparação de ambas as reformas urbanas.

A reforma urbana de Passos representou a conquista do espaço pela burguesia à custa da expulsão dos mais pobres permeadas por uma espécie de ideologia do habitat funcional, com domínio de espaço e acessos cultural e socialmente destinados à elite, relegando à periferia a herança espacial e cultural dos menos abastados, segregação urbana que se apresenta como a resposta aos problemas de moradia e habitação. Se a cidade era acessível à burguesia, o subúrbio era espaço de acesso proletário, funcional dos pobres.

> Ao mesmo tempo em que remodelava junto com o governo federal, a estrutura material da cidade – demolições de prédios, abertura de avenidas, prolongamentos e alargamento de ruas, reformas do calçamento, arborização e ajardinamento de praças, etc. – Pereira Passos usava seus poderes discricionários, nos seis primeiros meses de 1903, para colocar em vigor um elenco de decretos destinados a transformar "velhas usanças" que negariam ao Rio de Janeiro foros de capital "e mesmo de simples habitat de um povo civilizado". Foram medidas que atingiram frontalmente as condições de vida da grande massa popular não só a que residia e trabalhava no centro e em suas imediações, como a que habitavam os subúrbios e as zonas rurais da cidade. Alteraram ou pretenderam alterar práticas econômicas, formas de lazer e costumes, profundamente arraigados no tecido social e cultural do Rio de Janeiro (BENCHIMOL, 1990, p. 277).

A iniciativa do Poder Público em promover a abertura de logradouros públicos e estradas na freguesia de Inhaúma, populosa reconhecida pelo potencial agrícola de suas lavouras, contribuindo decisivamente para a organização dos subúrbios por onde cortava a Estrada de Ferro Central do Brasil, a Linha Auxiliar da Leopoldina e Rio D´Ouro (1892-1915)[38], o que de certa forma delineou traços do que seria a consolidação da urbanização e da ideologia de habitação nos subúrbios do Rio de Janeiro.

> Inhaúma era a mais importante paróquia rural ou suburbana, com comércio regular e manufaturas de couro e barro, principalmente. A atividade agrícola envolvia a lavoura de arroz, milho, feijão, batata, legumes, e frutas variadas. No início do século XVII, eram proprietários das terras de Inhaúma os padres jesuítas que cultivavam cana de açúcar na área do Engenho Novo. O vale de Inhaúma abrangia uma área extensa e fértil, lavrada por escravos e rendeiros. Estendia-se para o sertão, abrangendo também o Andaraí e o Engenho Novo. A

38 Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, Códice 33.1.18

> produção de açúcar continuou importante no século XIX (BENCHIMOL, 1990, p. 87).

É possível entendermos que o processo de urbanização das áreas compreendidas como rurais as quais mantinham na agricultura os meios de produção, foram conduzidos também pelas relações em que tais territórios mantinham com a malha ferroviária viabilizando o transporte de materiais, fator evidenciado por Benchimol (1990):

> Os importantes subúrbios de Inhaúma e Irajá – além de São Crsitóvão e Engenho Novo – eram servidos pela Estrada de Ferro Rio D´Ouro, construída na década de 1880 para o transporte de material das redes de abastecimento de água provenientes de Tinguá e Xerém (BENCHIMOL, 1990, p. 261).

Essa lógica conduzida pela malha ferroviária para abertura de ruas e logradouros, permeou as dinâmicas do habitat, emergindo marcas segregadora profundas, protagonizadas pelas diversas Políticas e Programas de governo ao longo dos séculos, delineada pelo elemento sub(alterno), motriz dos projetos que promoviam casas próprias nos subúrbios na tentativa de resolver assim a questão da habitação proletária.

> [...] no Rio de Janeiro, a figura pouco conhecida do Dr. Vitor Tavares de Moura, que é convidado pelo interventor Henrique Dodsworth para trabalhar na remoção das favelas e criação dos Parques Proletários Provisórios. Estas Vilas e Parques eram uma nova forma de habitação com a intenção de regular, civilizar e reeducar seus habitantes. (LIMA, 2006, p. 7)

A herança histórica da relação do homem com a terra não pode ser refutada, principalmente quando pensamos na favela, e na associação do primitivo que emerge da paisagem social, criando, segundo reflexões de Lima (2006, p. 38) “a idéia de refugo e de local de habitação de negros e pardos dava esse ar de habitação primária comparada às habitações dos primeiros anos da Colônia”.

A reforma urbana de Passos (1903-1906), levando em consideração o resultado da Lei de Terras (1850)[39] exacerba o processo de parcelamento do solo urbano (loteamentos), que se expande na figura da especulação imobiliária, facilitando de certa forma a remoção dos pobres do centro da cidade em direção aos subúrbios, inaugurando o mercado imobiliário de casas populares.

O ganho mercantil, desvelado como preocupação social com as habitações populares, foi tão proporcional à decisão política de implantação de infraestrutura nas áreas loteadas,

39 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm

seguindo-se uma urbanização que dependia da valorização do loteamento, portanto, podemos entender que os processos de loteamento urbano, estabelecidos inicialmente pela Lei da Terra (1850), delineou a normativa decisiva para a configuração dos sertões e áreas rurais da cidade consolidando os subúrbios cariocas, mas desvelou acima de tudo a favela como o filão da economia urbana, sem a preocupação de (re)significar o problema social.

> [...] Algumas atitudes que foram direcionadas às favelas e seus moradores, mostrando que tais atitudes não se encerravam no espaço geográfico, mas também estavam direcionadas ao espaço simbólico, já que as favelas se constituíam como um problema social a ser combatido pelo governo da cidade do Rio de Janeiro e até mesmo do país. Neste sentido, a criação dos Parques Proletários Provisórios aparece como alternativa de habitação, que como o próprio nome diz seria temporário, mas que acabou se constituindo permanente até sua demolição nos anos 1960 (LIMA, 2006, p.8).

O processo de loteamento, sem dúvida teve protagonismo na formação do que hoje se compreende como favela, ou assentamentos de baixa renda, isso porque, com o advento da Lei de Terras e do consequente processo de loteamento do solo, as propriedades se fragmentaram, além de serem cotejadas como áreas de valor e de pouco valor. As áreas que apresentavam certo valor comercial, era exploradas e vendidas, e as sub-áreas dessas regiões, sem valor comercial, eram abandonadas.

Essa foi à dinâmica de nascimento da Favela da Barreira, por exemplo, matéria que será desenvolvida com mais profundidade na seção *3.2 A urbanização de Rocha Miranda*, a partir do levantamento cartográfico e mapeamento de urbanização do bairro e da favela da Barreira. No entanto, nos cabe aqui traçarmos uma breve explicação. As áreas do bairro de Rocha Miranda, que demonstravam valor comercial foram vendidas regularmente, enquanto que a (sub)área como no caso da Rua Henrique de Gois, considerada sem valor comercial dividida entre seus extremos: de um lado o charco/brejo e no outro uma grande e barrenta encosta – trecho especulado com venda de lotes - recebendo ocupação valorizada no lado da encosta (ocupação onerosa), enquanto na área do charco, recebeu a “invasão” (ocupação sem ônus).

A tônica do loteamento emergiu novas linhas de concepção das formas de uso e apropriação da terra, pautando-se exclusivamente nas relações sociais e nos costumes, baseada na posse, gerando assim uma espécie de “propriedade consuetudinária”, fundada no costume das relações sociais empregadas.

Considerando tais dinâmicas, percebemos que a ocupação da favela estudada, seguiu o critério do processo de loteamento de outrora, mantendo no casamento, nas redes sociais

afetivas, e na procriação, a estratégia de resistência, estratégias de apropriação das habitações, fundadas na lógica do loteamento e autoconstrução, como fórmula pragmática de garantir a permanência e perpetuidade da posse e com isso o domínio do espaço (VALLADARES, 1982 p. 45).

Assim, os grupos urbanos que se estabelecem no entorno do centro urbano inclusive os lugarejos proletários, hoje reconhecidos como subúrbios, agregaram bairros ocupados pelas classes médias e de baixos estratos sociais dispostas nas cercanias das ferrovias, consagrando os subúrbios como subcategoria da cidade, compreendido por bairros ferroviários e populares, com apagamentos marcados por toda sorte de desprestígio, uma ordem urbana discriminatória e excludente (FERNANDES, 2011).

Segundo Fernandes (2011), o caminho da invenção dos subúrbios encontra nos arrabaldes do Rio de Janeiro do século XIX o esboço do que no futuro seria configurado como a periferia da cidade carioca, norteado pela demanda crescente de exportações de café, tornando o porto do Rio de Janeiro o atrativo entre comerciantes e imigrantes à procura de trabalho e melhores condições de vida, com população crescente a medida da implantação da estrada de ferro e de suas estações no subúrbio carioca.

El-Kareh (1982) quando reflete sobre a organização da capital imperial (1850) indica que aos poucos ela se tornava pequena, descrevendo como a cidade ganhava forma e seu entorno era encorpado pela ocupação de escravos libertos e brancos pobres, os quais encontravam em pensões e pequenos quartos a chance de moradia próxima ao porto, formando pequenos cortiços, nas ruas de comércio enquanto a área térrea armazenava as mercadorias, mantinha inúmeras famílias residindo na parte superior desses imóveis.

> “Transformados em habitações de pobres, mas altamente rentáveis porque localizados próximos à zona portuária e ao centro comercial, os sobrados eram disputados por essa população indigente que aí trabalhava. Com ela aumentavam os problemas de fornecimento de água potável e, sobretudo, de esgoto das matérias fecais e das águas usadas. As condições de vida na capital só tendiam a piorar” (EL-KAREH, 1982, p. 29).

Nesse sentido, o autor descreve como a expansão da ocupação da cidade nos séculos seguintes seguiu o projeto inicial, buscando nas proximidades das ferrovias, dos portos e das oportunidades de trabalho, um lugar de habitação, dinâmica que por muitas vezes reproduzia o cenário dos cortiços, assumindo uma nova forma com a mesma roupagem precária.

Assim, o surgimento das favelas encontra guarida na especulação imobiliária delineada na segregação implícita nas reformas urbanas da cidade, mormente em Passos

(1903-1906), e nas reformas subsequentes, na criação dos bairros que se consolidam como "micro polis" carregadas de suas próprias matrizes de segregação, no processo de urbanização periférica que se apresenta como uma espécie de "simulacro da cidade" repetindo nos espaços do subúrbio a segregação a que foi relegado pela cidade enquanto espaço periférico.

É nesse contexto, que encontramos no surgimento dos bairros, Rocha Miranda (1916), a "micro poles" e suas favelas mantidas no entorno, como espaços (sub)subalternos.

O excedente populacional sempre esteve ligado às questões urbanas. A dinâmica de fragmentação da terra, em espaços de certa forma funcionais, dirigido a certo estamento social específico, viabilizou a captação de mão de obra garantindo assim a sustentabilidade da produção e das exportações. A divisão do espaço da Corte em Freguesias manteve a ideia de (re)distribuição de terras, garantindo ocupação em áreas próximas as ferrovias e as fazendas produtivas, esteio de abastecimento agrícola de toda cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Essa dinâmica ainda acompanha o processo de loteamento principalmente vivenciado pelo bairro de Rocha Miranda, compondo o arcabouço do que pode se considerar a cultura de ocupação urbana dos espaços subalternos da favela, propalando marcas etnográficas pautadas na diversidade impressa nos subúrbios carioca.

A divisão da cidade do Rio de Janeiro encontrava bases eclesiásticas representadas pelas paróquias que mantinham a função de limitar os territórios de jurisdição religiosa, as quais passaram posteriormente a agregar territórios de jurisdição administrativa (Berger, 1974).

A maioria liberal na Câmara dos Deputados aprovou a descentralização administrativa entre as Províncias brasileiras (1834), provocando o desligamento da cidade do Rio de Janeiro da Província[40] então Estado do Rio de Janeiro, ato que produziu duplo efeito, além de instituir a Regência Una assumida por Diogo Antônio Feijó (1835-1837), constituiu o então Município Neutro ou Côrte, transformada em Distrito Federal (1892) e no Estado da Guanabara (1960) (Schwarcz & Starling, 2015, p. 619).

Essas divisões produto das transformações ocorridas com o então Município Neutro, contribuíram para os arranjos intermitentes dos espaços urbano carioca, principalmente no que se refere à circunscrições das freguesias, fatores os quais contribuíram significativamente na criação dos subúrbios carioca, sendo certo que o excedente populacional cada vez mais crescente contribuíram com as transformações urbanas.

40 Ato Adicional de 12 de agosto de 1834

O excedente populacional local acompanhado da expansão territorial era indicativo da necessidade da formação de uma nova Freguesia, dessa forma que a freguesia primogênita de São Sebastião[41] criou novas freguesias, e anexando antigas freguesias da Província do Estado do Rio de Janeiro:

> A primeira freguesia criada foi a de São Sebastião, pela Provisão de 20 de fevereiro de 1569 [...] criação de novas freguesias, que se verificou por desdobramentos sucessivos, bem como por anexação de antigas freguesias da então Província do Estado do Rio de Janeiro, de modo que, ao findar a Monarquia elas eram em número de 21 freguesias: Candelária (1634); **Irajá (1644)**; Jacarepaguá (1661); Campo Grande (1673); Ilha do Governador (1710); Inhaúma (1749); São José (1751); Santa Rita (1751); Guaratiba (1755); Engenho Velho (1762); Ilha de Paquetá (1769); Lagoa (1809); Santana (1814); Sacramento (1826 em substituição à de São Sebastião); Santa Cruz (1833); Glória (1834); Santo Antônio (1854); São Cristóvão (1856); Espírito Santo (1865); Engenho Novo (1873); Gávea (1873). Muitas dessas freguesias sofreram novas divisões em distritos (SANTOS, 1965, p. 9).

O autor segue esclarecendo as dimensões da transformação do Município Neutro em Distrito Federal (1892) trouxe consigo as mudanças na divisão e (re)organização do território dividindo-o em 20 (vinte) circunscrições por força da Lei 76 de 16 de agosto de 1892, executada pelo Decreto 1.034 de 1 de setembro de 1892, emergindo impactos de ordem administrativa, judiciária, tributária, policial, fiscal e eleitoral.

O movimento de (re)organização territorial teve nos sucessivos atos normativos novas fragmentações do território, no sentido de ampliar os distritos, que passam de 20 (vinte) para 25 (vinte e cinco), por força do Decreto Municipal nº. 434 de 16 de março de 1903. Em 1912, o Decreto de nº 864 de 29 de abril ratificou os 25 distritos alternado, no entanto seus limites.

É nesse contexto das novas delimitações territoriais que embora ratificam os distritos, que a região conhecida por Freguesia de Irajá (1644) é impactada com a delimitação, propugnada pelo Decreto nº. 1376 de 22 de julho de 1919, criando o distrito da Penha, alterando os domínios dos distritos de Irajá, Jacarepaguá e Campo Grande (SANTOS, 1965, p. 9).

Fridman (1999, p. 94) compreende as freguesias no Rio de Janeiro como aglomerados que contavam com atividades agrícolas e citadinas, constituíam-se em propriedades fundiárias nas freguesias rurais, formando núcleos de povoamento e mercados locais, as quais mantinham nas igrejas católicas o domínio e organização territorial.

41 Primeira freguesia criada pela Provisão de 20 de fevereiro de 1569

> Aquele que desempenhou papel fundamental neste processo de sujeição foi a Igreja católica que, desde a Idade Média, através de suas circunscrições ou polos de "cristianização" — paróquias, dioceses e províncias metropolitanas —, possuía a vocação de dominar as áreas e definir o quadro de vida cotidiana, isto é, "colonizar e evangelizar se colocam em pé de igualdade.

Assim, a agricultura ganhou certo protagonismo, contribuindo para a posterior formação dos povoados urbanos, e dos subúrbios. Fridman (1999, p. 103) esclarece que a correlação entre o número de vizinhos, de engenhos e/ou engenhocas e a criação de prelazias, relacionando assim a contribuição das Freguesias para a formação dos núcleos urbanos.

> As atividades agrícolas também merecem comentários e contribuem aqui para a compreensão de seu elo com os núcleos urbanos. Verifica-se a correlação entre o número de vizinhos, de engenhos e/ou de engenhocas e a criação das prelazias [...]. A "nobreza da terra" doava terrenos para a edificação e o patrimônio das paróquias e ocupava cargos públicos, inclusive militares, reforçando, com seu prestígio, as relações pessoais de dependência, de fidelidade e de sociabilidade nas aglomerações (Fridman, 1999, p. 102).

A presença das confrarias refletia a representação de classes, dentro da lógica da capacidade de acúmulo do capital e renda, regrada ainda pelo critério da cor ou ofícios, o que já denotava diálogo entre a produção capitalista que refletia na organização do espaço e na formação social das relações alinhavadas.

Dessa maneira, a construção do que seria reconhecido posteriormente como subúrbio, teve na valorização dos arrabaldes, a dinâmica econômica do que poderia ser cotejado como processo de segregação da cidade, das áreas então inseridas no recôncavo carioca, categorizadas periféricas por força da exploração econômica das malhas férreas com suas estações suburbanas nesses espaços.

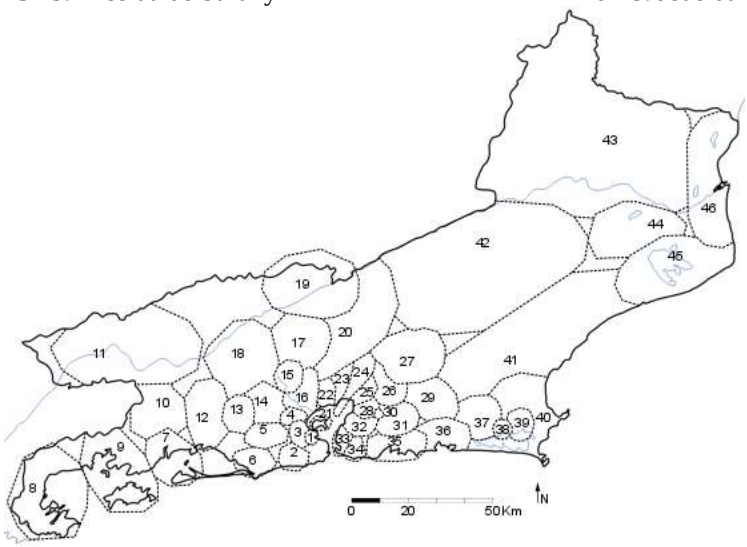
De certa forma, é que a questão fundiária demonstrou-se agregada as formas de organização e ocupação urbana. Grandes patrimônios localizados no recôncavo carioca deram início ao processo de parcelamento do solo e com isso de loteamento redistribuindo as terras (sub)urbanas no século XIX, amparados a legislação da época da Lei de Terras (1850), até posseiros regularizaram suas glebas, gerando uma subdivisão do que já era então dividido, como poderemos entender na configuração da *Freguesia de Irajá*.

A lógica da divisão de terras, de certa forma, agregada nas questões das delimitações das Freguesias, gerou uma noção de territorialidade que nos dias atuais confluem com a identidade local, que por sua vez conforma limites das áreas urbanas, mapeada de acordo com Freguesias distintas.

A aquisição da terra esteve condicionada a capacidade de produção e consequentemente do pagamento do dízimo às instituições religiosas, eis que as terras eram concedidas apenas a cristãos. A distribuição do solo no Brasil (1534) seguiu a tradição medieval das sesmarias mediada pelas capitanias hereditárias e pelas donatárias, gerando a responsabilidade pela ocupação territorial e pela colonização ao particular, vez que a propriedade mantinha-se em favor do Rei, na jurisdição espiritual das ordens religiosas (Fridman, 1999).

FREGUESIAS FLUMINENSES (SÉCULO XVIII E INÍCIO XIX)

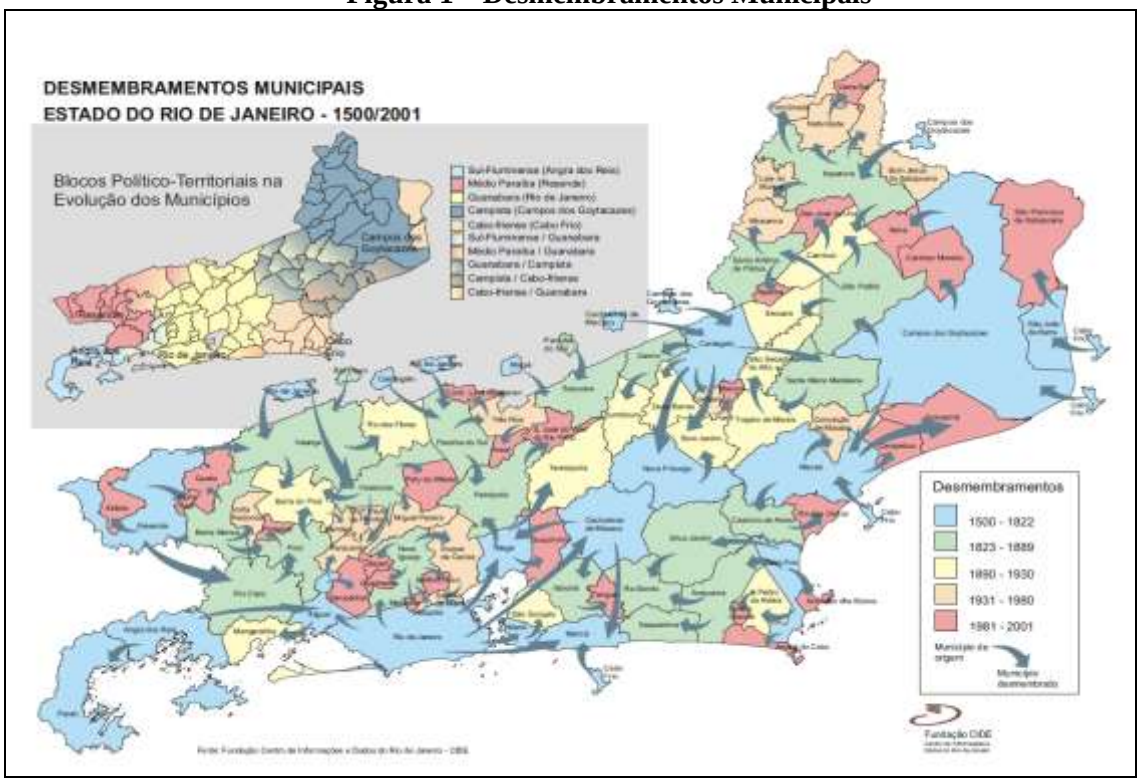
1- S. Tiago de Inhaúma
2- N. Sra. do Loreto de Jacarepaguá
3- N. Sra. d'Apresentação de Irajá
4- S. João Batista de Trairaponga (Meriti)
5- N. Sra. do Desterro de Campo Grande
6- S. Salvador do Mundo de Guaratiba
7- N. Sra. da Guia de Mangaratiba
8- N. Sra. dos Remédios de Parati
9- N. Sra. da Conceição da Ilha Grande
10- S. João Marcos
11- N. Sra. da Conceição do Campo Alegre
12- S. Francisco Xavier de Itagoahy
13- N. Sra. da Conceição do Marapicú
14- Santo Antonio de Jacutinga
15- N. Sra. do Pilar de Iguaçú
16- N. Sra. da Piedade do Iguaçú
17- N. Sra. da Conceição do Alferes
18- Santa (Sacra) Família do Tinguá
19- N. Sra. da Conceição de S. Pedro e S. Paulo
20- N. Sra. da Piedade de Inhomirim
21- N. Sra. d'Ajuda da Ilha do Governador
22- N. Sra. da Guia de Pacobaíba
23- S. Nicolau de Suruhy
24 - N. Sra. da Piedade de Magé
25 - N. Sra. da Ajuda de Aguapehy-merim
26 - Santo Antonio de Sá de Casarabú
27 - Santíssima Trindade
28 - N. Sra. do Desterro de Itambhy
29 - N. Sra. da Conceição do Rio Bonito
30 - S. Barnabé da Aldêa dos Índios
31 - S. João Batista de Itaborahy
32 - S. Gonçalo de Guaxandiba
33 - S. Lourenço da Aldêa dos Índios
34 - S. João Batista de Carahy
35 - N. Sra. do Amparo de Maricá
36 - N. Sra. de Nazaré de Saquarema
37 - S. Sebastião de Araruama
38 - N. Sra. da Conceição de Iguaba
39 - S. Pedro da Aldeia
40 - N. Sra. da Assumpção de Cabo Frio
41 - Sacra Família da Ipuca
42 - Santíssimo Sacramento do Cantagalo
43 - Sto. Antônio de Guarulhos
44 - S. Salvador
45 - S. Gonçalo de Campos
46 - S. João da Barra



Fonte: *Visitas* pastorais feitas por Monsenhor Pizarro em 1794 (Arquivo da Cúria Metropolitana)

Nesse sentido, é interessante analisarmos que a questão da posse já se apresentava desde o início da colonização, não sendo instituto afeto apenas a favela. Segundo Fridman (1999, p. 127), as ordens religiosas foram transmitindo terras a seus possuidores, a ação das igrejas e capelas, portanto, tornou-se o principal pólo aglutinador de classes sociais.

Figura 1 – Desmembramentos Municipais



Fonte: Fundação Centro de Informação e Dados do Rio de Janeiro - CIDE

As sucessivas e progressivas divisões do Distrito Federal ao longo dos tempos não só contribuiu como foi o fio condutor para o processo de ocupação e posterior urbanização do território fluminense, tanto que Decretos posteriores como de nº 3.165 de 11 de novembro de 1926 amplia dos 25 para 28 distritos municipais, a noção de ampliação de distritos demonstrava-se estratégia de administração e domínio regionalizada, o que favorecia a legitimação e organização do poder, razão pela qual os decretos visando ampliar distritos prosseguiram ao longo dos anos, tomando corpo nas administrações regionais, na década de 60[42] na criação do que atualmente se conhece como Região Administrativa, gerindo as reformas urbanas havidas na cidade do Rio de Janeiro.

Para Azzi (1983, p. 52), a divisão de terras nos primórdios não gerou necessariamente uma autonomia de gestão, isso porque no controle da cidade não havia uma distinção clara entre poderes civil e eclesiástico, fazendo com que a organização religiosa tivesse certo

42 Decreto nº. 353 de 30 de janeiro de 1961 criou a primeira Região Administrativa em Campo Grande/RJ

predomínio (à época) sob a organização civil, uma vez que as donatarias que eram considerados espaços divididos em comarcas abarcando vilas e cidades, fracionavam-se em freguesias, essas compreendidas como núcleo de gestão por Paróquias ou Capelas, o que *"evidencia a carência de sólida distinção conceitual entre poderes civil e eclesiástico, levando aquele a servir-se da freguesia, circunscrição deste, confirmando a regra frequentemente, de a organização religiosa preceder à civil"*.

Dessa forma, a organização dos espaços citadinos encontra na fragmentação das freguesias, a fonte do que posteriormente teria culminado com o processo de (re)urbanização da cidade, e necessidade de reelaboração dos espaços compreendidos atualmente por subúrbios e periferias cariocas.

Segundo Gerson (2013), a Freguesia de Irajá albergou os bairros atualmente conhecidos como Rocha Miranda e Honório Gurgel, Madureira e Pavuna, o que nos conduz indispensavelmente ao estudo da trajetória do território dessa freguesia a que pertencia o bairro de Rocha Miranda, para compreendermos melhor o processo de urbanização e consolidação da Favela da Barreira e do bairro de Rocha Miranda, principalmente pela rota sugerida no uso desses espaços pelos moradores da favela.

3.1.1 Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação (Irajá)
Berço do Subúrbio Carioca, Capital da Barreira.

A área mantinha uma das maiores sesmarias doadas pela coroa à ordem dos jesuítas, tendo o jesuítico Gaspar da Costa construído a Capela (1613) nas terras que mantinha o principal celeiro dos mercados da cidade, exportando produtos da lavoura, que se tornaria a mais importante freguesia do Distrito Federal (Santos, 1965, p. 80). De certa forma, até a atualidade pode-se dizer que esse celeiro ainda existe localizado no bairro de Irajá, o CEASA funciona como um Centro de Distribuição de Alimentos no Estado do Rio de Janeiro.

A sesmaria dos Campos de Irajá desvelara-se como fonte da freguesia de Irajá, mantendo no seu entorno regiões conhecidas como recôncavos carioca. Criada em 30 de dezembro (1644) confirmada pelo Alvará de 10 de fevereiro de 1647, Nossa Senhora da Apresentação do Irajá foi concebida como a terceira freguesia da Capitania carioca (após a Freguesia de São Sebastião, a primogênita e Nossa Senhora da Candelária), nasce com o nome de Freguesia de Nossa Senhora de Irajá, requerida por Don Antônio de Marins Loureiro, regionalização permeada pelo contexto eclesiástico.

> Foi criada esta Freguesia pelo Revmo. Prelado desta Capitania o Doutor Antônio de Marins Loureiro, em atenção aos graves, incômodos, que sentia o povo, pela notável distância que havia deste lograr a esta cidade, não podendo o Revdo. Pároco da Freguesia de S. Sebastião, e o de Nossa Senhora da Candelária que foram as primeiras estabelecidas nesta Capitania socorrer prontamente com os Santos Sacramentos ao povo, e almas circunvizinhas, e sujeitas pelo recôncavo desta Cidade; e por essa mesma causa era de necessidade, que morressem muitas pessoas sem nenhum dos mesmos Sacramentos, tendo então a seu cargo as duas ditas Freguesias mais de 20.000 almas; sendo também os caminhos intratáveis, e intransitáveis (...) Para este fim fez o dito Administrador e Prelado um instrumento de testemunhas, e aos párocos existentes Manoel da Nobrega [não é o famoso padre Jesuíta do século XVI], da Matriz de São Sebastião, e João Manoel de Melo da Igreja da Candelária, fez notificar para a divisão das novas paróquias e conforme a Disposição do Direito Canônico (...) erigiu esta Paróquia no Campo de Irajá em o dia 30 de dezembro do ano de 1.644 (SANTOS, 1965, p. 80).

A Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, em Irajá era, portanto a sede eclesiástica, uma das mais antigas do Recôncavo fluminense, exercendo jurisdição concomitante administrativa e espiritual, situando a cristandade colonial como projeto autoritário, onde "*os bispos eram considerados nobres vinculados à coroa real, e, portanto sua atuação religiosa estava limitada com frequência aos interesses políticos".*

> Esta criação assim como a das outras mais Freguesias, de que falarei em seu lugar foi confirmada pela Majestade do Sr. Rey. D. João IV, em seu Alvará de 10 de fevereiro de 1647; e ao seu Pároco foi mandado dar sustentação, e mantença outro tanto ordenado, como tinham os Vigários das Igrejas referidas e as mais das mesmas Capitanias da sua Real Fazenda, procedida dos Dízimos das mesmas Capitanias. Por esta relação bem se conhece, que a Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá é uma das duas mais antigas do Recôncavo.(Azzi, 1983, p. 48).

A extensão da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Irajá, era vasta, compreendia limites com a freguesia de Inhaúma, dividindo-se com a freguesia de Jacarepaguá, atravessando a freguesia de Campo Grande terminando na freguesia de São João de Meriti:

> Tem de extensão esta Freguesia, 3 léguas pouco mais ou menos consideradas tanto no seu comprimento como em largura: porque para a parte de S. vai a finalizar com a Freguesia de S. Tiago de Inhaúma com 1. ½ léguas: com outra tanta distância divide-se pelo SW. com a de Nossa Senhora do Loreto de Jacarepaguá, pela estrada geral: pelo rumo do WSW. Termina com duas léguas, pouco mais, com a de Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande: pelo W. vai a terminar em pouco mais de 1. ½ léguas com a de São João de Meriti, pela ponte do Rio chamado "Meriti", junto ao mar, ou águas salgadas. Limita-se , ao Norte , com a Freguesia de S. João de Meriti em pouco mais 1 ½

> légua , na Ponte do Rio Miriti , próximo ao mar: à Leste , chega com 2 léguas , mais ou menos , de distancia ao mar , compreendendo a Ilha de Marçal de Lima , sita na boca do Rio Meriti : ao Sul , finaliza com a Freguesia de S. Tiago de Inhaúma, em 1 ½ léguas : noutra extensão semelhante se encontra , ao Sudoeste , com a Freguesia de N. Senhora do Loreto, e S. Antônio de Jacarepaguá : e no rumo de Oeste, termina em 2 léguas com a Freguesia de N. Senhora do Desterro de Campo Grande. Nesse circulo compreende 350, ou pouco mais Fogos, e 4.600 Almas sujeitas á Sacramentos (SANTOS, 1965, p. 79).

Fridman (1999, p. 237) aponta que, com a promulgação da Lei de Terras (1850) a qual consolidou legalmente a propriedade privada da terra, emerge profundas modificações no uso e na geografia do espaço urbano da cidade, isso porque, o acesso dava-se antes somente mediante doação de terras devolutas da Coroa e da compra do domínio dos aforamentos, com a Lei, o acesso tornou-se exclusivo apenas através da compra e venda, provocando ampliação do mercado fundiário, onde a terra passou a configurar mercadoria, dando início a organização e comercialização de loteamentos, sem planejamento ou maior preocupação com o efeito urbanístico da nova ordem econômica imobiliária.

O processo de loteamento de grandes glebas ganha corpo e expressão na cidade carioca (1870-1890), quando a população segundo Fridman (1999, p. 238) praticamente dobra, valorizando terras rurais e no entorno das linhas férreas como alternativa de empreendimentos que ofertavam inúmeros loteamentos, capitaneados pelos proprietários de terras, sem a interferência do Estado ou das concessionárias de serviços públicos, o que favoreceu a criação de espaços carentes de serviços públicos.

> Se estabelecermos uma distribuição espacial dos loteamentos realizados durante os 50 anos na cidade, verificamos que praticamente a totalidade das áreas parceladas localiza-se nas regiões da Penha, Irajá, Jacarepaguá, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, isto é, subúrbios ao norte e a oeste da cidade, onde predominavam os usos agrícolas ou habitacional popular. A maioria dos casos de loteamentos corresponde a pessoas físicas e jurídicas (declaradamente do setor imobiliário e demais não especificados). A participação da União, do Estado e da Igreja é muito pequena, apesar de possuírem grande quantidade de terra (FRIDMAN, 1999, p. 239).

O recenseamento (1890)[43] apontou que a população da Freguesia de Irajá contava aproximadamente 14.400 habitantes, com mais de 90% de católicos, possuía regular comércio e algumas fazendas em lugares denominados Boa Esperança, Nazaré, Vira Mundo, Afonsos,

43 Fonte: http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227299. Acessado em 03.04.2017

Conceição, Vaqueiros e Portela, com grandes plantações, incluindo Tibau, Sapopemba (atualmente conhecida como estação de Deodoro, inaugurada em 8 de novembro de 1859).

A Freguesia de Irajá mantinha tanto o Porto Velho como outros portos improvisados ao longo de sua extensão, com seus afluentes, ligando os sertões com a cidade, os atanhos e o recôncavo carioca, com seus pequenos portos, concentrando em Irajá a vida rural do velho Rio (GERSON, 2013, p. 416).

> "[...] Irajá, pelo contrário, era o que dava mel, era a colmeia, e, portanto, melhor ficaria como celeiro, o alimentador por excelência dos cariocas, como de fato foi até recentes décadas. [...] desse imenso celeiro do velho Rio que era a região Irajaniana" (GERSON, 2013, p. 422).

Com o progresso e a expansão do território ocupado, Fazendas mantidas no sertão carioca (assim caracterizado pela distância da Freguesia primogênita de São Sebastião) como as grandes propriedades rurais da freguesia de Irajá, não tardaram a vindicar seu protagonismo da organização da cidade. Os desmembramentos de áreas produtivas da freguesia de Irajá gerou espécie de pequenos núcleos produtivos, e portanto, regionalmente administráveis, tornando-se posteriormente reconhecidos como bairros.

O bairro de Madureira localizado atualmente na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, com divisa no bairro de Rocha Miranda, por exemplo, mantinha no berço de sua criação a fazenda do Campinho, fincada nos domínios da Freguesia de Irajá, sendo arrendada por Lourenço Madureira após falecimento de Francisco Ignácio do Canto, e de disputa judicial com sua viúva Rosa Maria dos Santos, sagrando-se vencida. O transporte específico de subúrbios foi implantado na D. Pedro II (1861) entre as estações da Corte e Cascadura com um trem diário, passando então por parte do que hoje se conhece como bairro de Madureira, com a atual estação de Madureira inaugurada em 15 de junho de 1890 (Rodriguez, 2004).

Segundo Rodriguez (2004, p. 15), a produção agrícola teve seu melhor escoamento pelas estradas de ferro, no caso do café, o transporte dos produtos exportados de modo mais rápido, criando condições para aplicação dos capitais estrangeiros. No cenário nacional interno, o crescimento de exportações agregou considerável aumento da atividade econômica, criação de novas empresas comerciais, industriais e de serviços, levando o interesse dos fazendeiros de café, exportadores e comerciantes localizados no Rio de Janeiro a apoiarem a ideia de eixos que seguiriam do polo produtor para o centro exportador, dando sentido a linhas férreas.

A freguesia de Irajá, que mantinha em seus domínios grandes fazendas de produção agrícola, protagonizou esse crescimento rural de formas diversificada:

> Tem nesses últimos tempos esse povoado progredido consideravelmente, atravessando suas terras as Estradas de Ferro Central do Brasil e Melhoramentos, além de uma linha de bitola estreita de propriedade do estabelecimento denominado "Engenho Central" (SANTOS, 1965, p.79)

A freguesia Nossa Senhora da Apresentação (de Irajá) mantinha vasto território, com fiscal e delegado nomeado[44] Honório Gurgel do Amaral, posteriormente membro da comissão da Freguesia de Irajá, Ato normativo publicado no Boletim da Câmara Municipal em 30 de março de 1865 (pg. 16) proprietário de terras na região, Freguesia constituída por várias circunscrições as quais posteriormente foram desmembradas, dando origem a formação de alguns bairros do subúrbio:

> [...] o seu território compreendia, além do atual, o das seguintes circunscrições: Jacarepaguá (desmembrada em 6 de março de 1661); de Campo Grande (desmembrada em 1673); de Engenho Velho (desmembrada em 1795); de Inhaúma (em 27 de janeiro de 1743); de Realengo (em 11 de novembro de 1926); de Madureira (em 11 de novembro de 1926); de Anchieta, da Pavuna, da Penha e da Piedade (pelo Decreto nº. 3.816, de 23 de março de 1932) (SANTOS, 1965, p. 80).

Santos (1965, p. 79) aponta um exponencial crescimento do povoado de Irajá, iluminado à época a luz elétrica, mantinha estabelecimento agrícola pertencente ao Conde Sebastião do Pinho, mantendo uma estrada de ferro atravessando suas terras, o que possivelmente contribuiu com o progresso e extensão da ocupação e território local, uma vez que essa freguesia contava com quatro estradas de ferro que atravessava a extensão de suas terras. As Estradas de ferro foram o referencial na invenção do subúrbio carioca, atraindo práticas produtivas e dos loteamentos ofertados pelos proprietários das glebas do entorno.

É dessa forma que, segundo Rodriguez (2004, p. 22), o período entre 1870 e 1902 representou para a história carioca a primeira fase de expansão acelerada da malha urbana, significando ainda o processo em que essa expansão passou a ser influenciada tanto pelo capital nacional como pelo estrangeiro. Esse período encontra marco inicial com a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II (1858), que viabilizou a ocupação acelerada das freguesias suburbanas por ela atravessadas.

---

44 Fonte Arquivo da cidade do Rio de Janeiro, Códice 68.3.12, pg. 20.

3.1.2 As Estradas de Ferro e a ocupação do entorno de Irajá

A importância de compreendermos o processo de instalação das Linhas Férreas se justifica na medida em que esse advento se torna responsável pela ligação entre espaços da cidade e outros não tão acessíveis, além de ter sido um atrativo para ocupação dos espaços (sub)urbanos.

Para o bairro de Rocha Miranda, a importância das Estradas de Ferro marcou definitivamente justificando o processo de arruamento e alargamento de ruas, com vistas a urbanização do entorno das estações ferroviárias locais, como veremos no mapeamento de loteamento do bairro e da favela da Barreira na seção 3.2.1 *Especulação do solo: arruamentos, loteamentos e habitações.* Esse processo marcou o bairro de Rocha Miranda como *princesinha da linha auxiliar.*

A freguesia de Irajá foi então servida por 4 (quatro) estradas de ferro, o que precisamente contribuiu para o processo de ocupação e urbanização locais, induzindo a formação de bairros que acompanhou a criação das estações ferroviárias, onde pudemos encontrar algumas estações que marcaram a criação de lugares do entorno de Rocha Miranda, como Honório Gurgel, Coelho Neto, Madureira e Turiaçu, levando ao entendimento de que o processo de urbanização e criação dos bairros teve certa relação com a inauguração de estações férreas:

> É servida esta freguesia (Irajá) por quatro estradas de ferro: a **Central do Brasil**, a **de Melhoramentos**, a do **Rio D´Ouro** e **do Norte** (antiga Leopoldina). A primeira pertence às estações de Madureira, Sapopemba e Rio das Pedras (atual estação de Oswaldo Cruz, inaugurada em 17 de abril de 1898); à segunda, as paradas de Eduardo Quirino, Coronel Magalhães (atual estação de Madureira, inaugurada em 15 de junho de 1890), Inharajá (estação de Turiaçu inaugurada em 28 de março de 1898), Honório Gurgel e Sapopemba; a terceira, as paradas de Vicente de Carvalho, Irajá, Colégio, Areal (atual estação Coelho Neto, inaugurada em 15 de Janeiro de 1883) e Pavuna; à quarta, a estação da Penha e os pontos de parada Cordovil e Vigário Geral. A Estrada do Rio D´Ouro tem um ramal, de Vicente de Carvalho ao povoado da Penha, com 6 quilômetros de extensão e só trafegado nos dias de festas da Igreja Nossa Senhora da Penha (SANTOS, 1965, p. 79).

A Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB)[45], até a Proclamação da República(1889) denominada Estrada de Ferro D. Pedro II, foi o marco para os subúrbios, mantendo no início

45 Com a Proclamação da República, em 15 de Novembro de 1889, veio a Estrada de Ferro D. Pedro II denominar-se "Estrada de Ferro Central do Brasil" (EFCB), conforme aviso nº. 143 de 22 de Novembro de 1889, denominando-se Central a antiga estação da Corte, primitivamente Estação do Campo.

da década de 1850 área de oficina em Engenho de Dentro, visto que na época não possuía núcleo habitacional e qualquer atividade econômica significativa, destinado a reparos de material rodante, o que de certa forma contribuiu para a ocupação do bairro até hoje conhecido por albergar o museu do trem.

Não há dúvidas de que a gênese das linhas férreas no Brasil encontra-se na história da Estrada de Ferro de Mauá, de acordo com pronunciamento de Francisco Pereira Passos "ela simboliza o alfa de nossa via férrea, sentindo pela primeira vez o solo da Pátria o rodar da Locomotiva" sendo considerado despertar para a implantação de outras ferrovias (CALDEIRA, 2002).

> No Brasil, ninguém cogitava do transporte ferroviário: diligências, carretas de bois e tropas de mulas pareciam plenamente satisfatórias. Também no exterior, muitos repeliam a inovação. Mesmo assim, ao fundo da Baía de Guanabara, na encosta da Serra da Estrela, no Município de Magé, em um lugar denominado Praia de Mauá, mapeada no século XVIII, foi iniciada em 1852 a construção da primeira estrada de ferro do Brasil, um marco histórico para o desenvolvimento ferroviário nacional (RODRIGUEZ, 2004, p. 16).

No ciclo do ouro e da cana de açúcar, as tropas de mula auxiliavam na mobilização e transporte a produção não dependia da rapidez que exigia os cultivo de café e sua distribuição no território nacional e internacional, o que levou a medidas que requeriam transportes mais ágeis do que as tropas de mula, que pudessem garantir a entrega em tempo hábil das sacas de colheita aos portos para exportação do café.

De certa forma, o progresso que emerge com as linhas férreas não foi resultado de planejamento urbano, tendo sido muito mais estratégia econômica do que propriamente voltada à organização do espaço. A chegada das estradas de ferro, patrocinada pela aliança entre empresários do império brasileiro como Irineu Evangelista de Souza (1813-1889) conhecido como Visconde de Mauá e o imperador Dom Pedro II, resultando na concessão para a construção de uma Estrada de Ferro ligando o Porto de Mauá a Raiz da Serra de Petrópolis, aprovado pelo Governo Geral através do Decreto nº. 987 de 12 de junho de 1852, aprovando o ato de 27 de abril do mesmo ano do Presidente da Província Luiz Pereira de Couto Ferraz (RODRIGUEZ, 2004, p. 16).

O papel das Estradas de ferro no Rio de Janeiro, encontra justificativa e razão de existir nas manobras econômicas que (re)configuraram o Brasil, e na logística erigida para sustentação de um modelo econômico renovado, consolidando diretrizes que reverberaram no processo de urbanização que ressoaram na ocupação dos espaços produtivos das freguesias.

A integração do Brasil com o exterior contribuiu para a incorporação das mudanças dos modos de produção em solo brasileiro, uma vez que essas transformações já aconteciam na Inglaterra (1760-1860), com o tear mecânico substituindo o trabalho artesanal na produção de tecidos de algodão, e o aperfeiçoamento das máquinas a vapor inaugura uma espécie de segunda fase da Revolução industrial (1860-1900), alcançando países como Itália, França, Alemanha que arrimaram modelos econômicos baseados na indústria do aço, na energia elétrica, na inovação trazida pela proposta da locomotiva elétrica.

O progresso econômico industrial vivenciado pelo Brasil arregimentou mão de obra, processo concomitante ao da ocupação das freguesias, foi a criação da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB, 1889), significou a participação efetiva do Brasil no processo de industrialização que já alcançava o mundo, foi nesse contexto facilitador para integração do Brasil com os avanços industriais que a linha férrea foi criada, *"especialmente por se compreender o significado estratégico do novo tipo de colonialismo tecnológico que cada vez mais diferencia nações ricas de nações pobres*" (RODRIGUEZ, 2004, p. 16).

O reconhecimento de que primeira ferrovia construída no Brasil Estrada de Ferro Mauá (EFM), não trouxe o impacto econômico esperado pelos cafeicultores do Vale do Paraíba cujos interesses eram prementes, e ainda considerando que a EFM não considerava a capital como destino final, tais problemas fez com que o governo brasileiro se mobilizasse no sentido de implementar estradas de ferro ao longo das regiões, sendo a principal razão da Promulgação do Decreto nº 1599 de 9 de maio de 1855, o qual aprovou o estatuto de criação da Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II (CEFDPII).

O trabalho inicial da Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II seria a transposição da Serra do Mar, dividindo as estradas de ferro em dois ramais: um para o povoado de Cachoeira em São Paulo e outro para Porto Novo do Cunha em Minas Gerais, em atendimento as demandas dos cafeicultores que necessitavam de transporte rápido para as sacas de colheita do café, permitindo o escoamento do produto, já que o café era a referencia agrícola produzida, além de facilitar o transporte de outros gêneros alimentícios no abastecimento interno (RODRIGUEZ, 2004, p. 20).

Projetos posteriores levam a extensão de linhas até as proximidades do Centro da cidade, tendo sido um marco para a história dos subúrbios a primeira seção de linhas destinada aos passageiros que residiam nas terras por onde as malhas ferroviárias passavam.

Assim em 29 de março de 1858[46], a locomotiva de nome "Brasil" conduzia seus passageiros da estação Corte (Campo da Aclamação) à Queimados, no trajeto onde as estradas de ferro cortavam bairros como Venda Grande (Engenho Novo), Cascadura, Maxambomba (Nova Iguaçu) terminando em Pouso dos Queimados (Queimados), projeto que pretendia alcançar a Freguesia de Nossa Senhora de Belém e Menino de Deus (atual Japeri).

Segundo Rodriguez, (2004, p. 21) o surto de malária (1858) vitimou mais de 5.000 (cinco mil) empregados de origem chinesa que realizavam a limpeza dos pantanais por conta das fortes chuvas que destruíram aterros e dormentes, impedindo a expansão de chegar a Japeri, sendo inaugurada posteriormente, o que não impediu o acréscimo de mais alguns quilômetros de linha férrea passando pelas Freguesias de Inhaúma e Irajá (8 de novembro de 1858), servindo a população.

> Passando pelas freguesias de Inhaúma e Irajá, no território do Município Neutro, a E. F. D. Pedro II teria que forçosamente servir também as populações locais, que cresceram bastante ao longo da via férrea (...) Em 16 de março de 1861, foi inaugurado o serviço de trens de subúrbios entre as estações da Corte e Cascadura com a circulação de um trem diário (...) Naquela época, havia as seguintes estações: Corte, São Cristóvão (parada), São Francisco Xavier (parada), Engenho Novo, Cascadura, Sapopemba (Deodoro), Maxambomba (Nova Iguaçu), Queimados e Belém (Japeri)" (RODRIGUEZ, 2004, p. 22).

O Decreto nº. 5.538 de 31 de maio de 1874 autorizou a concessão para a Estrada de Ferro do Norte, sucedida por outras concessões que versavam sobre direitos de prolongar a linha, originalmente o Decreto preconizava a ligação do bairro de São Cristóvão à Águas Claras (Freguesia de São José do Rio Preto, Município de Paraíba do Sul, Província do Rio de Janeiro, o que incluiu posteriormente projetos que levariam trilhos de Santana (Praça Onze) até a cidade de Magé.

> A Estrada de Ferro do Norte trouxe um grande melhoramento para o chamado Município Neutro e influiu positivamente no desenvolvimento dos subúrbios e o Estado do Rio de Janeiro teve muito a lucrar com esta obra, de autoria do Comendador Plinio de Oliveira (Jornal Diário de Notícias, 24.10.1886).

Como esclarece Rodriguez, (2004, p. 95), o desenvolvimento dos primeiros núcleos urbanos que se localizavam em Bonsucesso, Ramos, Penha, e outros subúrbios alcançados

46 Nessa época, já haviam 101 locomotivas de fabricação inglesa, 40 carros de passageiros de 1ª, 2ª e 3ª classe (esses últimos mantinham a viagem gratuita no início da implantação, os bancos eram duros e abertos dos lados, destinados a pobres, identificados por andarem descalços, de fato alguns passageiros tiravam os sapatos para viajarem gratuitamente, tendo sido a 3ª classe extinta em pouco tempo), além de 100 vagões (Rodriguez, 2004, p. 21).

pelo trem, e, apesar dos estudos e do início das obras, nenhum trecho mais foi construído nem para aquém de São Francisco Xavier, nem para além da ligação com a Estrada de Ferro Mauá, visto que o custo da concessão significou um emprego de capital não rentável, dando ensejo a absorção da Estrada de Ferro do Norte (1898) através do Decreto nº. 2.896 de 9 de maio em favor da "The Leopoldina Railway Company Ltd".

Embora diversas dificuldades tenham sucedido a operação da Estrada de Ferro do Norte, manteve quando operava seu tráfego, o trajeto que percorria as estações São Francisco Xavier, Amorim (primitiva Carlos Chagas, atual Manguinhos), Bonsucesso (primitiva Bonsucesso do Rio), Ramos, Pedro Ernesto (atual Olaria), Penha, Brás de Pina, Cordovil, Vigário Geral, Meriti (atual Caxias e Duque de Caxias), Sarapuí (atual Gramacho), Actura (atual Campos Elíseos), Rosário (atual Saracuruna), Estrela (atual Imbariê) e Entroncamento (atual Piabetá), perfazendo as estações antigas com as atualmente conhecidas (RODRIGUEZ, 2004, p. 96).

Os atos de concessões refletiram na abertura de projetos ferroviários que contavam com o capital interno e estrangeiro de fato contribuíram representando significativa melhora no cenário de transportes públicos carioca.

Depreende-se da obra de Rodriguez (2004) que a implantação de linhas férreas teve impacto na ordem econômica e de certa forma social, aumentando as ofertas de transportes públicos, possibilitando a ampliação de trajetos através da incorporação de outras linhas auxiliares entre as quais a Estrada de Ferro Rio D´Ouro e a Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil, ambas anexadas a Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), atendendo assim tanto as demandas mercantis quanto o crescimento demográfico da população do Rio de Janeiro, tendo dobrado no período de 1872 a 1890.

3.1.2.1 Os bondinhos e a ocupação do Subúrbio (1856-1922)

> *"O bonde, disse Ruy Barbosa, foi até certo ponto, salvação da cidade. Foi o grande instrumento, o agente incomparável do seu progresso material. Foi ele que ditou a zona urbana, que arejou a cidade desaglomerando a população, que tornou possível a moradia fora da região central sendo uma instituição providencial. Se não existisse, era preciso inventa-lo".* (RODRIGUES, 2004, p. 151)

Os sistemas de bonde foram grande protagonistas na definição dos subúrbios, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento não só dos subúrbios que no século XX atingiram a nomenclatura de bairros abrangidos pela zona sul e norte da cidade,

contribuindo ainda para outras regiões periféricas atendidas pelo sistema ferroviário (SOARES, 1966).

> O curso de aproximação em relação ao centro do Rio de Janeiro, penetrando naquelas freguesias que constituíam arrabaldes, já alcançados pelas mais longínquas ondas de choque do processo de expansão da malha urbana: as freguesias onde se situavam as zonas que já estavam na alça de mira das companhias de bonde, aliadas aos especuladores com a terra urbana, as companhias de serviços públicos e os próprios poderes públicos (BENCHIMOL, 1990, p. 87).

A concentração da população, respondeu ao apelo das ofertas de trabalhos como oficinas, depósitos, indústrias e todo o sucedâneo do porto, fazendo com que as habitações mais precárias e numerosas se desenvolvessem nas freguesias centrais da cidade, tendo na extensão das freguesias, as linhas férreas. Os empreendimentos urbanos voltados para o loteamento de terras ganham relevo com abertura de ruas e estradas nos arrabaldes do subúrbio, atraindo populares com o sonho da casa própria em bairros que mantinham um valor de mercado razoável, e bem localizado, considerando o transporte público como acesso aos grandes centros, o que permeia a escolha de bairros como Madureira, Rocha Miranda e Cascadura como pontos de interesse.

Figura 2 – Concessões de Bondes do Rio de Janeiro

Principais Companhias e Concessões de Bondes no Estado do Rio de Janeiro

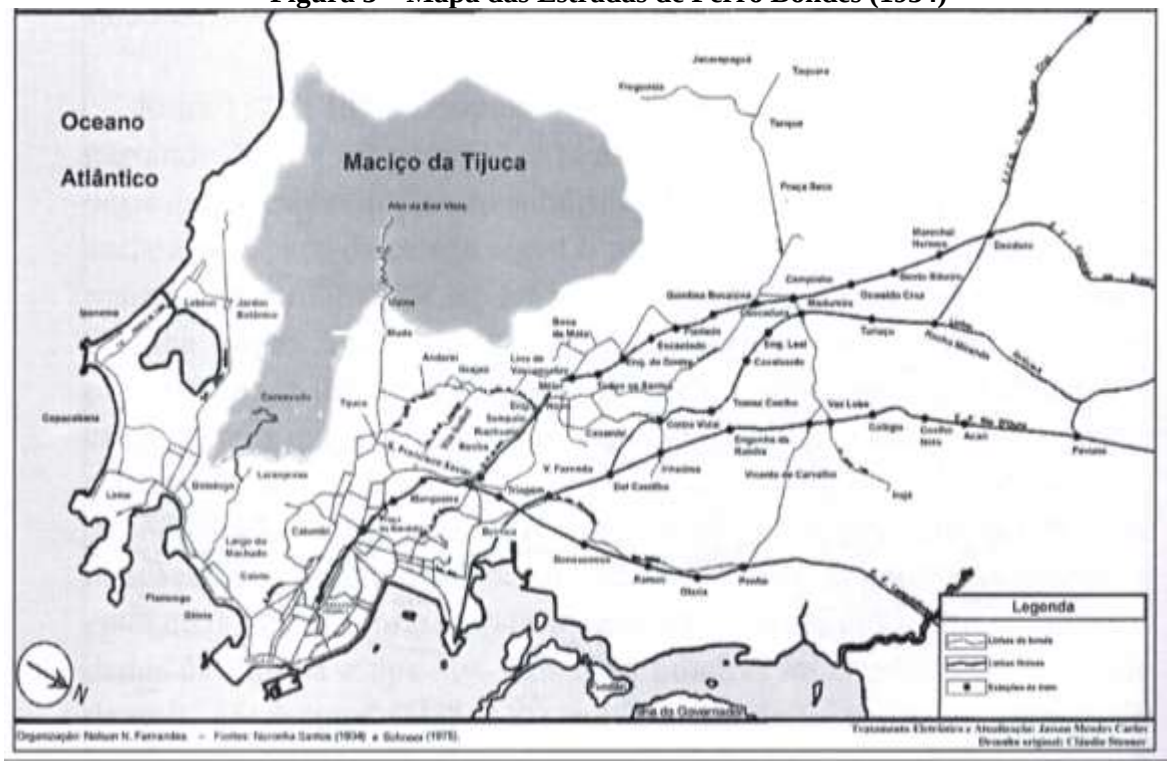
	Companhia / Empresa	Abrangência	Abertura	Observações
1	"Companhia de Carris de Ferro"	Centro da Cidade / Boa Vista da Tijuca	05/03/1859	1ª Concessão autorizada em 12/03/1856
2	"Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico"	Largo da Carioca / Copacabana / Laranjeiras / Catete / Flamengo / Praça Duque de Caxias / Real Grandeza / Largo dos Leões / Jardim Botânico	09/10/1868	Em 08/10/1892 se transformou no 1º Bonde Elétrico a trafegar no Brasil e na América do Sul
3	"Ferro Carril Niteroyense"	São Domingos / Ingá / Icaraí, Niterói / Barreto	29/10/1871	Decreto nº 4748 de 29/08/1871
4	"Companhia Locomotora"	Ruas do Príncipe e Princesa dos Cajueiros, Alfândega e Largo de São Joaquim	12/04/1872	1ª Concessão através do Decreto nº 5100 de 01/06/1871
5	"Companhia Ferro Carril de Macaé"	Rua do Colégio, Morro de Santana e Praça do Porto	29/05/1872	Decreto nº 4885 de 14/08/1871. Transferida a Cia. de F.C. de Macaé e Imbitiba
6	"Companhia Carris de Ferro de Vila Isabel"	Praça da Constituição, Ruas Campo Alegre e Duque de Saxe, do Andaraí e do Engenho Novo	29/11/1873	1ª Concessão através do Decreto nº 4886 de 22/02/1872
7	"Ferro Carril de Campos"	Estação da Corcia, Praça São Salvador e Rocio	19/09/1875	Decreto nº 5518 de 13/03/1872
8	"Empresa Ferro Carril de Jacarepaguá"	Cascadura / Campinho	23/12/1875	Decreto nº 5389 de 10/09/1873
9	"Companhia Ferro Carril Carioca e Rachueli"	Praça Onze de Junho, Praça Tiradentes, Largo da Carioca, Rua da Assembléia, Praça 15 de Novembro (próximo da estação das barcas)	1876	Fundiu-se em 1878 com a Cia de Carris Urbanos
10	"Companhia de Carris Fluminense"	Rua 1º de Março, São Diogo e Estácio	Outubro / 1877	Decreto nº 6947 de 14/03/1874. Fundiu-se com a "Companhia de Carris Urbanos."
11	"Ferro-Carril de Cachambi"	Engenho Novo a Engenho de Dentro	09/06/1878	Decreto nº 7093 de 30/11/1878 Incorporada pela "Cia de Carris de Ferro de Vila Isabel."
12	"Companhia de Carris Urbanos"	Largo da Lapa, Rachueli, Gâmboa, Saúde, 1º de Março e Rua do Rabello	21/12/1878	Decreto nº 7007 de 24/08/1878
13	"Empresa Ferro Carril Vassourense"	Centro da Cidade	11/07/1880	Decreto nº 5787 de 04/11/1874.
14	"Empresa Ferro Carril Vila Guarani"	Praça Francisco Eugênio, Rua Duque e São Luiz Gonzaga	18/11/1880	Incorporada pela "Cia de Carris de Ferro de Vila Isabel" em 1888.
15	"Sistemas de Carris de Sepetiba"	Santa Cruz / Itaguaí e Porto de Sepetiba	29/07/1884	Decreto nº 8600 de 17/06/1882
16	"Tramway Elétrico da Tijuca"	Raiz da Serra / Alto da Boa Vista	14/09/1886	Decreto nº 1855 de 20/01/1886
17	"Companhia Ferro-Carril de São Cristóvão"	L. São Francisco, Ponta do Caju, Pedregulho, Caturrão, e Tijuca passando pelas Ruas São Cristóvão, Haddock Lobo e Conde de Bonfim.	1900	Decreto nº 9627 de 14/08/1886
18	"Empresa de Ferro Carril de Campo Grande e Guaratiba" (Serviço de Transporte Rural)	Campo Grande, Santa Cruz e Pedra de Guaratiba	1911	Decreto nº 114 de 16/10/1894
19	"Linha Circular Suburbana de Tramways"	Penha, Benfica / Inhaúma	28/09/1911	Decreto nº 1054 de 21/11/1903
20	"The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co. LTd"	Cascadura / Madureira	30/04/1916	Decreto nº 5639 de 30/05/1905. Incorporada as Cias. São Cristóvão, Carris Urbanos e Vila Isabel.
21	"Tramway Rural Fluminense"(São Gonçalo)	Niterói a São Gonçalo	17/02/1917	Incorporada a "Viação Ferrea de Niterói" em 05/07/1924
22	"Companhia Brasileira de Energia Elétrica" (Electric Tramway's System in Petrópolis)	Alto da Serra a Cascatinha	17/08/1917	-
23	"Companhia Melhoramentos da Ilha do Governador"	Praia do Zumbi, Cocotá e Freguesia	04/10/1922	Contrato de 22/12/1920

Fonte: Acervo H.S. Rodrigues (2004, p. 152)

Fernandes (2011, p. 100), aponta que os bondes foram de contribuição mais expressiva do que o trem para a periferia, promotor na produção do subúrbio residencial, graças aos diversos eixos ferroviários que cruzam as freguesias cariocas.

Benchimol (1990, p. 97) aponta que as primeiras concessões de bondes correlatas ao ápice do processo de reforma urbana, compreendidas entre os anos de 1868 e 1905 marcada por mais de 40 autorizações para formação de companhia e exploração de linhas, apontando o fato de metade dessas autorizações terem caducado, resultando na fusão e monopólios de empresas carris, como o monopólio pela Ligth and Power resultando com isso "o controle exclusivo de todos os meios de transporte coletivo", demonstrando como a urbanização se tornou o grande filão da economia urbana.

Figura 3 – Mapa das Estradas de Ferro Bondes (1934)



Fonte: Acervo H.S. Rodrigues (2004, p. 82)

Os bondes consolidaram o subúrbio ferroviário, como resultado do empreendimento da Companhia de Ferro Carril logrando êxito na primeira concessão em 1856, expandindo o acesso das áreas nas periferias.

Figura 4 – Linha do Subúrbio de Cascadura (1916)

Fonte: Rodrigues, 2004, p. 152

A extinção do transporte de bondes na cidade do Rio de Janeiro (1964-1967) manteve até os dias atuais, a linha de Santa Teresa, ligando o bairro ao centro urbano da cidade, fazendo com que o bairro de Santa Teresa seja considerado o acervo de memória destacando-se na paisagem carioca.

3.1.2.2 Estrada de Ferro Melhoramentos (Linha Auxiliar)

> *"O Dr. Paulo de Frontin foi o principal incorporador da Empresa Melhoramentos do Brasil, construtora da estrada que constitui posteriormente a Linha Auxiliar. A ele estão ligadas obras importantes e profícuas que desbravaram o caminho da crescente prosperidade da Estrada de Ferro Central do Brasil, e asseguram o futuro e a grandeza da mesma."* (Rodriguez, 2004, p. 105)

Em 17 de maio de 1890, através de Assembléia Geral de instalação, foi fundada a Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil (EFMB) conferindo a Andre Gustavo Paulo de Frontin e a outros incorporadores a concessão para implementação da EFMB:

> A Estrada foi construída em virtude de duas concessões: do Governo Federal para a E.F. São Francisco Xavier a Comércio e do Governo do Estado do Rio para E.F. de Vassouras, Paty do Alferes e Petrópolis. Fundidas as duas estradas, a nova empresa iniciou em 2 de fevereiro de 1892, sua construção em Mangueira, chegando em 1 de novembro de 1895, a Honório Gurgel, e um ramal de 3,02 Km para Sapopemba (hoje Deodoro), entroncando com a EFCB (Rodriguez, 2004, p. 105).

Embora tendo sido incorporada a EFCB (2.7.1903), passou a ser denominada Linha Auxiliar ou Divisão Auxiliar, a marcha progressiva dos trabalhos de duplicação permitiu a ampliação do transporte, com o aumento dos trens de passageiros e de carga.

Dessa forma, alude Rodriguez (2004, p. 107) ensejaram inicialmente a duplicação entre Triagem e Del Castilho, Terra Nova e Tomas Coelho e Magno e Honório Gurgel, sendo

executados posteriormente os trechos entre Alfredo Maia e Traigem e Honório Gurgel e Costa Barros, com a conclusão dos trabalhos (1926), circulavam diariamente mais de 100 (cem) trens, dentre eles vários trens de carga da Leopoldina. Da modificação na linha Auxiliar, resultou de "*um pátio servido de duas calçadas (...) permitindo aos trens de carga que chegavam, descarregar todos os seus vagões de uma só vez. Também de acordo com o projeto foram construídos armazéns e plataformas das novas estações dos subúrbios.*"

Com percurso da Linha Auxiliar tinha o total de 240,1 Km, atravessava Triagem (Km 4.380), primitiva parada Silva e Souza, posteriormente Triagem-Cargas; Herédia de Sá (Km 5,078); Vieira Fazenda (Km 6,280) com atual concessão SuperVia Jacarezinho; Maria da Graça (Km 7,128); Del Castilho (Km 7,892); Monhangaba (Km 9,270) primitiva Chave Zieze; Cintra Vidal (Km 10,372); Terra Nova (Km 10,906); Tomás Coelho (Km 12,340); Cavalcante (Km 13,716); Engenheiro Leal (Km 14,680); Eduardo Araújo (Km 15,458) abandonada em 1928; Magno (Km 16,617), primitiva Inharajá e após concessão Mercadão de Madureira; Turiaçu (Km 17,670); Rocha Miranda (Km 18,703) primitiva Sapê; Honório Gurgel (Km 19,521) primitiva Munguengue; Barros Filho (Km 21,632) e Costa Barros (Km 23,182), sua linha tronco cruza o rio Pavuna (Km 25,206 – 8,80m) chegando a São Mateus prosseguindo até Andrade Araújo que era o ponto terminal dos trens de subúrbios da linha auxiliar (Rodriguez, 2004, p. 108).

Segundo Max Vasconcelos (1935) A linha Circular da Pavuna com 7,87 Km de extensão tinha início um pouco além de Costa Barros, tomando rumo nordeste encontrava leito da E.F. Rio D´Ouro, onde a estação de Pavuna (Km 24,266) inaugurada em 7 de julho de 1910 constituía-se de uma das localidades mais importantes atravessadas pela linha Auxiliar, visto que o extremo ocidental a direita do Canal da Pavuna era navegável.

3.1.2.3 Estrada de Ferro Rio D´Ouro

> *"Ao contrário da maioria das ferrovias brasileiras, que foram construídas em função da exportação do café, a Estrada de Ferro Rio D´Ouro objetivava a construção e manutenção dos encanamentos adutores das águas das represas do Rio D´Ouro, para abastecimento d´água para cidade do Rio de Janeiro" (Rodriguez, 2004, p. 82).*

A crescente ocupação dos espaços urbanos provocou a necessidade crescente do consumo de água, e com ela a imperatividade de novos mananciais que pudessem suportar o abastecimento da cidade. A Serra do Tinguá situada na localidade de Xerém, 4º Distrito do

atual Município de Duque de Caxias, apontada na ocasião como escolha viável para construção da represa.

O Decreto nº 2.639 de 22 de setembro de 1875 autorizava o início da construção da rede de abastecimento de água na cidade do Rio de Janeiro, a implantação da Estrada de Ferro Rio D´Ouro (1876) teve como finalidade atender as necessidades quanto aos transportes de material para a adutora, desenvolvendo-se paralelamente a EFCB, ligando a "Quinta do Imperador" até as represas de captação do Rio D´Ouro, na Serra da Bandeira, próximo a Japeri.

O percurso da Rio D´Ouro cobria subúrbios como Benfica, Del Castilho, Pilares, Engenho da Rainha, Vicente de Carvalho, Irajá, Coelho Neto, Acari, entrando na Província do Rio de Janeiro por Pavuna, Vila Rosali, Agostinho Porto, Coelho da Rocha, Belford Roxo, Miguel Couto, Cava e Rio D´Ouro, com pequenos ramais para Inhaúma, Engenho de Dentro e Olaria.

A utilidade da Estrada de Ferro Rio D´Ouro, manteve-se limitada a serviços de suporte ao abastecimento de água à Capital Federal até 1921, sendo incorporada a EFCB pelo ato nº 437 de 27 de dezembro de 1928, sendo confirmada a administração pela EFCB através do aviso nº 95-G de 21 de fevereiro de 1929, erradicando-se alguns trechos como Del Castilho a Ponta do Caju. Com isso, os trens de carga de bitola passaram a usar a linha Auxiliar partindo de Alfredo Maia, sendo a Rio D´Ouro definitivamente desligada dos quadros da Inspetoria de Aguas e Esgoto pelo Decreto nº. 19.544 de 29 de dezembro de 1930, e incorporada a EFCB (Rodriguez, 2004, p. 85).

Em 1966, o Decreto nº 58.992 de 4 de agosto, relaciona os ramais a serem erradicados por déficit e inviabilidade de exploração econômica, resultando em 1 de maio de 1969 na suspensão do sub-ramal de Xerém (trecho entre Belford Roxo e Xerém); e no ano seguinte, em 1970 suspensa a operação de Jaceruba, sendo parte de seu antigo trajeto a atual Linha 2 do metrô carioca, trecho entre Del Castilho e Pavuna.

Dessa forma, os trilhos das linhas férreas passam a escrever a história de vida dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, principalmente dos lugares mais distantes dos grandes centros, sendo concebido para além de sua finalidade como transporte público, mas como garantia de acesso à cidade.

A incorporação de obras através das concessões de exploração econômica para implantação de linhas férreas no Rio de Janeiro encontra na absorção das linhas antigas pelas linhas novas uma alternativa de ampliar os serviços de transporte já consolidados por linhas

férreas e ao mesmo tempo permite expandir a regiões dos subúrbios carioca e dos locais mais distantes o carregamento de bens e transporte de pessoas.

O transporte ferroviário agregou fontes de acesso aos subúrbios conectando a cidade, integrante de pertencimento e memória das narrativas dos moradores da Favela da Barreira e do bairro de Rocha Miranda, consolidando o arcabouço histórico e mnemônico que justifica e situa a formação da Favela (como poderá ser melhor compreendido na análise dos mapas de urbanização e loteamento do bairro de Rocha Miranda e da Favela da Barreira).

No entanto, as ações públicas voltadas a urbanização das freguesias e com isso, dos espaços do subúrbio, a abertura de logradouros públicos nas freguesias de Irajá e Inhaúma, datam do meado do século XIX, como no caso da reforma urbana para abertura de ruas no bairro de Madureira, com o alargamento da Estrada do Portela (mantendo continuidade com a Estrada do Sapê e consequentemente com a Avenida dos Italianos) e abertura de várias ruas em Rocha Miranda, marcada pela abertura da grande Avenida dos Italianos (1898)[47], conhecida como Estrada do Areal.

Figura 5 – Mapa das Principais linhas da Rio D´Ouro (1940) EFCB

Fonte: ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006, 4ª Ed., p.52.

47 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códice 33.1.42 Logradouro Público 1896

De fato, além das ações públicas, durante o período conhecido como oitocentista, muitos empreendimentos de empresas e indústrias privadas encontraram na especulação imobiliária a fonte de investimento, favorecidos pelas concessões e aforamentos públicos com o intuito de promoverem loteamentos.

Segundo Fridman (1999, p. 240), a percepção quanto ao crescimento e exploração da especulação imobiliária, poderia ser explicada, na visão de alguns teóricos capitalistas, como estocagem de terrenos pelos donos da terra, o que ocasionaria aumento dos preços, o que se distingue da produção de moradias populares.

Dessa forma, é possível perceber que a formação de assentamentos de baixa renda no Rio de Janeiro, consolidou-se como uma problemática de habitação social, fruto de inúmeros fatores, não só a reforma de Passos (1902-1906).

A incorporação pela União de patrimônios de empresas privadas[48], como ocorreu com a Empresa Melhoramentos da Baixada Fluminense, localizada na cidade do Rio de Janeiro, proprietária de 382 terrenos, fazendas e sítios com área total de 121 Km. A União por sua vez não conseguiu dar destinação de loteamento e venda a todas as terras que incorporou, dando espaço às crescentes invasões ou vendas irregulares das "posses" que aconteceram com mais expressão em áreas próximas as linhas férreas.

> [...] outros terrenos foram negociados posteriormente com a mesma finalidade. Entretanto, desde 1923 metade dessas terras encontra-se invadida[49] e o restante hipotecado ao Banco do Brasil que o havia loteado (FRIDMAN, 1999, p. 284).

Por outro lado, não se pode deixar de considerar o desenvolvimento industrial como legado das favelas, proclamando algumas zonas urbanas como "zonas de sacrifício"[50] ambientais o que por si já é um indicativo da produção de desigualdades sociais e raciais em determinadas áreas urbanas em detrimento de outras.

Essas áreas "produtoras" assumem a concentração de ocupação de indivíduos que buscam melhores oportunidades de trabalho produzindo como efeito colateral, a ocupação precária como alternativa de habitação nessas zonas de sacrifício, representando parcela significativa de habitações na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, emergindo significância

---

48 Incorporação realizada pelo Decreto 19.653 de 2 de fevereiro de 1931

49 Outras áreas também encontravam-se invadida, como a Chácara do Céu, o morro da Favela, do Pinto, do Salgueiro, Querosene, Providência e Mangueira Fonte: Ministério da Fazenda. *Relatório da Diretoria do Domínio da União referente ao exercício de 1939 apresentado ao Exmo. Sr. Diretor Arthur de Souza Costa pelo Engenheiro Ulpiano de Barros.* Tesouro Nacional. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1940.

50 Compreende as áreas em que se concentram indústrias que desmatam e causam grandes impactos, danos e riscos ambientais.

ao nosso estudo quando analisamos a outra faceta da especulação imobiliária promovida pelo próprio setor público.

Fridman (1999), ainda esclarece que a Companhia de Desenvolvimento Industrial, CODIN (1976), empresa pública ligada atualmente ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, assumiu as funções da COPEG – Companhia Progresso Estado da Guanabara[51] (1961) após a liquidação dessa última, restando a CODIN então seguir com o objetivo central da empresa pública: adquirir terrenos na cidade do Rio de Janeiro, lotear e negociar, consolidando áreas destinadas a exploração industrial, conhecidas então por Distritos Industriais – DI´s, recebendo pequenas e médias indústrias.

Na década de 90, havia cinco DI´s na cidade do Rio de Janeiro: Santa Cruz, Paciência, Campo Grande, Fazenda Botafogo[52] e Palmares, onde as propriedades fundiárias dos terrenos foram assim disponibilizadas para empresas privadas, as quais nem sempre conseguiam conferir uma destinação a propriedade, deixando-as ociosas, o que contribuía com as sistemáticas ocupações.

Atualmente, a CODIN mantém 10 (dez) DI´s, sendo elas: Campo Grande, Campos dos Goytacazes, Duque de Caxias, Macaé, Paciência, Palmares, Queimados, Santa Cruz, São João da Barra, Três Rios todas essas áreas marcadas como Zonas Estritamente Industriais – ZEI, inclusive Fazenda Botafogo, área já não mais indicada pela CODIN como DI´s, visto a área industrial ter sido totalmente ocupada. A Fazenda Botafogo é considerado conjunto habitacional (1970)[53], criado por força da urbanização e preparo da área para finalidade de Distrito Industrial, inserido no bairro Coelho Neto próximo ao fim da Avenida dos Italianos, que liga o bairro a Rocha Miranda, Honório Gurgel e Madureira.

As ocupações por populares, com a posse direta das propriedades públicas, acabou por cunhar o termo "favela" que concebida pela posse irregular de terras públicas ou privadas, gerando moradias precárias. De certa forma, a ocupação de terras ociosas, acabavam promovendo a função social dessas propriedades, embora se reconheça a impossibilidade de usucapir terras públicas.

Não se pode olvidar que a invasão e as ações de auto-construção de casas pelos próprios ocupantes, resultaram na produção de comunidades carentes, de assentamentos de baixa renda, marcas de algumas regiões da zona norte do Rio de Janeiro até os dias atuais,

---

51Aprovados pela Assembleia Geral de Constituição realizada em 04 de dezembro de 1961, e pelo Decreto nº. 732 de mesma data, promulgado pelo Governo do Estado da Guanabara.

52 área que consideramos para nosso estudo, dada a proximidade do bairro de Rocha Miranda e Honório Gurgel

53 Com 86 prédios composto por 40 apartamentos cada prédio, com estimativa de 17.000 moradores.

perpetuados pela busca de melhores oportunidades de emprego e moradia em regiões consideradas pela CODIN como Zona Estritamente Industrial (ZEI).

> Segundo o relatório de imóveis do INSS, de agosto de 1994, o IAPAS possuí 1.873 imóveis na Cidade do Rio de Janeiro[54]. São 1.235 propriedades como salas, apartamentos, lojas, galpões, prédios, casas, andares comerciais, o tipo jurídico predominante é a locação, e há apenas um caso de aforamento. Muitas casas, apartamentos e lojas estão invadidos (...) Há também 638 terrenos e lotes, dos quais 381, isto é, 68%, estão invadidos, cuja superfície total é de 4,22 Km (...) é interessante mostrar que todas as áreas vazias encontram-se nas zonas norte e oeste da cidade (Fridman, 1999, p. 294).

Tendo em vista dados do Instituto de Planejamento do Rio de Janeiro - IPLANRIO, um levantamento realizado em 1993, contabilizou 573 favelas as quais mantinham uma área ocupada de 25,4 km, mantendo-se assentadas em terrenos públicos o maior número de favelas, e de complexos de favela. O censo das favelas do IBGE (2010)[55] estimou 69.356 habitantes ocupando as 763 favelas da cidade do Rio de Janeiro, número contestado por algumas lideranças comunitárias, que compreendem a estimativa de mais de 165.000 habitantes, tendo sido estimado pela Secretaria de Obras do Estado (2009), um número de 101.000 moradores.

A estimativa das populações de assentamentos de baixa renda e favelas, não é tarefa fácil, se o IBGE trabalha com a metodologia do "porta a porta", há que se considerar que os lugares de menos acessos não serão cotejados no levantamento, o que significa uma distorção dos números apurados, como divulgado pela Organização Não Governamental Viva Rio (1993), no Programa Viva Favela[56]:

> A estimativa das populações de favelas, no entanto, está longe de ser uma tarefa simples. "Uma das características que torna difícil o estudo desse objeto, do ponto de vista demográfico e também urbanístico, é o fato de que a favela não tem um limite estático", afirmou Fernando Cavalieri, do IPP, em debate na instituição, em 2012. A própria delimitação das comunidades, portanto, já é problemática. Para o IBGE, que no Censo 2010 passou a classificar e estudar os "aglomerados subnormais" (favelas, grotas, palafitas, etc.), são três os

54 Há seis salas no 19º andar no Edifício Avenida Central situado na Avenida Rio Branco, e quase todas as lojas da Galeria Menescau na Avenida Copacabana (Jornal do Brasil de 16.11.1993). O IAPAS foi proprietário de lojas no Leblon, Lins de Vasconcelos, **Irajá, Coelho Neto, Honório Gurgel (e Rocha Miranda considerando o Decreto nº. 3158, de 23 de julho de 1981 com alterações do Decreto Nº 5280 de 23 de agosto de 1985),** Padre Miguel, Cavalcanti, Cachambi, Catete, Tijica, Flamengo, Tomás Coelho, Santa Teresa, Lapa, Méier, Laranjeiras, São Cristóvão, Jacarepaguá, Ilha do Governador, Botafogo, Ramos, Campo Grande, Realengo, Olaria, Del Castilho, Marechal Hermes e Bangu.

55 Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/ acessado em 06.01.2017

56 Fonte: http://vivafavela.com.br/449-censo-nas-favelas-e-controverso/ consultado em 02.01.2017

> critérios: os aglomerados devem reunir um mínimo de 51 casas com ocupação ilegal da terra, além de apresentar urbanização e oferta de serviços públicos precários. A prefeitura do Rio de Janeiro e o IPP trabalham com definição parecida (a exceção é que as favelas devem ter um mínimo de 100 domicílios).

O Censo realizado pelo IBGE (2015) apurou uma população brasileira de 204.450.649 habitantes, contando com crescimento de 0,87%, totalizando 16,55 milhões de moradores na Cidade do Rio de Janeiro, onde o crescimento da população carreia consigo questões próprias quanto à habitação social. Por essa razão, as favelas e assentamentos de baixa renda crescem, tão ou mais rápido do que o volume de empreendimentos industriais nas regiões da cidade carioca, fazendo com que tal crescimento não seja delineado nos documentos oficiais públicos, podendo ser considerado um entrave as Políticas Públicas urbanas e de saúde, que raramente chegam a nessas comunidades.

Pesquisas recentemente (2016) realizadas junto ao Instituto Pereira Passos – IPP, nos fez concluir que o mapeamento das favelas na região de Rocha Miranda e Honório Gurgel, por exemplo, são do fim da década de 90 (1997). O déficit cronológico do levantamento incide na incongruência dos mapas com as áreas efetivamente ocupadas e construídas.

Embora os bairros de Rocha Miranda e Honório Gurgel não sejam considerados formalmente pela CODIN como zona industrial, receberam os reflexos da expansão habitacional de Fazenda Botafogo no bairro de Coelho Neto, por serem bairros contíguos. Dessa forma, o processo de urbanização de Rocha Miranda, inicia com a abertura de ruas e logradouros no meado do período oitocentista, consolidando-se como bairro não oficial (1916), reconhecido oficialmente como bairro apenas na década de 80, pelo Decreto nº. 3158 de 23 de julho de 1981, determinando os limites e extensão de Rocha Miranda.

3.1.3 Estrada do Barro Vermelho e Colégio: a ligação de Rocha Miranda a Irajá

O entrelaçamento espacial entre Rocha Miranda e Irajá revela ainda hoje traços da ligação familiar e histórica entre lugares, fincados na antiga Freguesia do Irajá:

> No final do Oitocentismo, um só professor público lecionava em toda a Freguesia, o professor José Theodoro Burlamaqui, já velhinho porque seu colégio vinha de 1860, onde se juntavam as estradas da Pavuna e do Barro Vermelho, e a que por esse motivo ganharia o nome de Estrada do Colégio – de um lado as terras do chamado "Sovaco de Cobra", depois compradas e loteadas pelo Visconde de Morais e, do outro as da antiga Fazenda do Barro Vermelho, de João

> Rodrigues Rosa, patriarca dos Rosas que se espalhariam entre a Rio D´Ouro e a Linha Auxiliar, região a qual também se destacaria os herdeiros dos Amaral[57], de Meriti, ou, por outra, do comendador Carlos Xavier do Amaral e da viúva Leonor Barros do Amaral, esta no Areal (hoje Coelho Neto) – e mais Joaquim de Sousa e seu parente Antônio Teixeira, na Estrada do Otaviano (onde nasceria Turiaçu), do Otaviano negociante na Estrada Marechal Rangel[58] que se chamava por extenso Otaviano José da Cunha[59], parente dos Machado de Irajá e Madureira (GERSON, 2015, p. 426).

Não é estranho que a ligação para o bairro de Irajá, partindo de Rocha Miranda se faça pela Estrada do Barro Vermelho (em Rocha Miranda), seguindo a reta até a estação de metrô do Colégio, para então, como espécie de continuação da Estrada do Barro Vermelho, a Estrada Colégio surja até desembocar no largo de Irajá, na altura da Rua Monsenhor Félix, consolidando uma rede urbano-social entre a Favela da Barreira e Irajá.

Nessa altura do bairro de Irajá, pode-se encontrar supermercados, hospital, clinica da família e o cemitério (1895), responsável pelo sepultamento geralmente de residentes das imediações, como no caso dos mortos da Favela da Barreira, delineando a rota do presente entre a Favela da Barreira e Irajá.

Percebemos que a questão cultural também é motivo de atração dos moradores da Favela da Barreira para Irajá, visto que é onde se localiza a nave do conhecimento[60] conhecida também por ser espaço de interculturalidades emergida pela natureza do projeto, dotado de biblioteca, espaço de vivência, acessos digitais, cursos livres além da curiosa coincidência urbanística de ser localizada em frente a antiga sede da Freguesia de Irajá, atual Igreja Nossa Senhora da Apresentação, que preserva museu da cúria.

---

57 Da família Honório Gurgel do Amaral

58 A Estrada Marechal Rangel fixou-se nos limites de Madureira, ligando o bairro continuamente a Turiaçu. Fonte: Diário Oficial da União, página 18 seção 2 publicado em 24.03.1950.

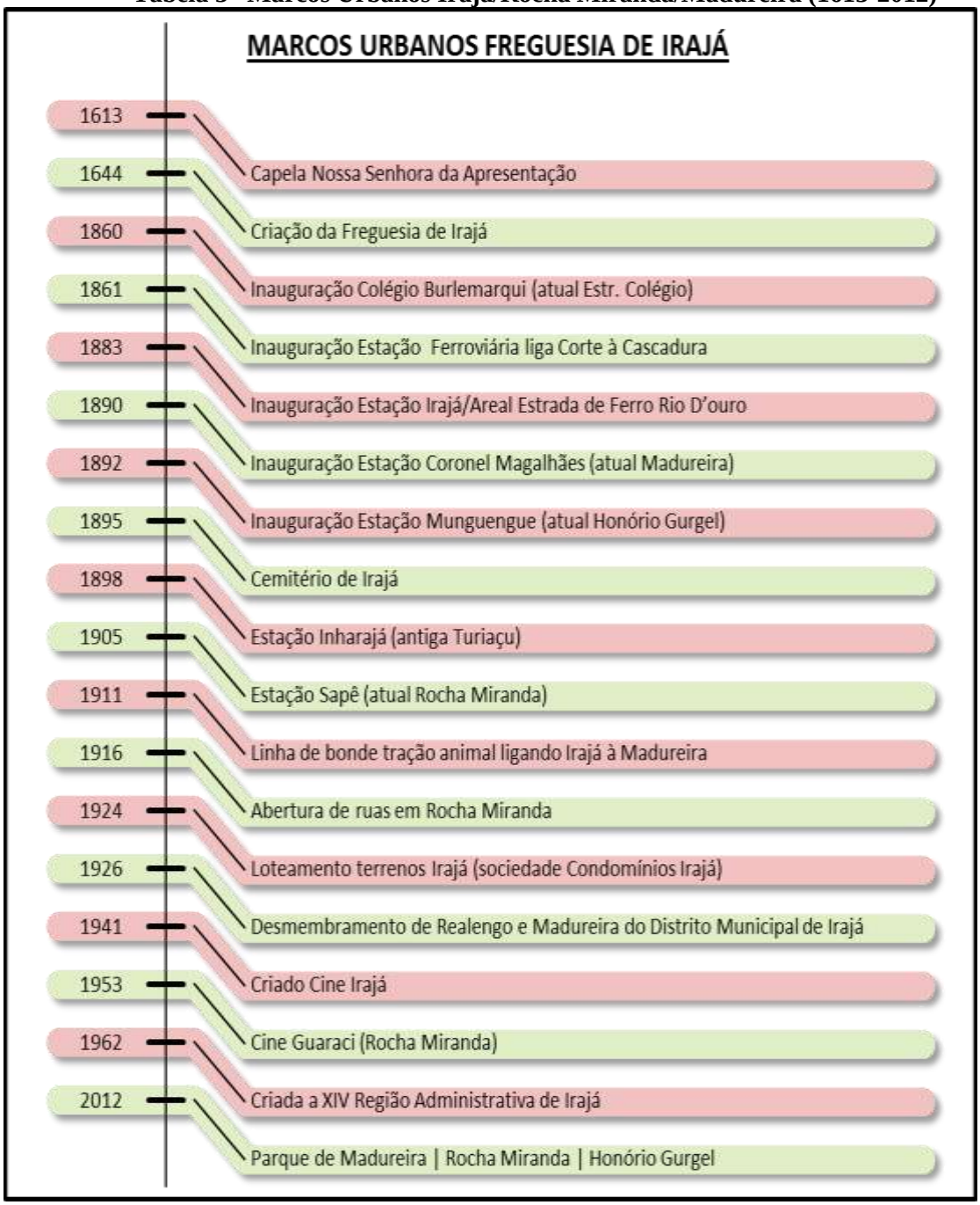
59 Tinha sua casa de comércio no Largo do Otaviano, também chamado, numa esquina da estrada Marechal Rangel – e essa estrada do Otaviano vinha dos lados do Barro Vermelho e do Turiaçu, onde era a engenhoca do Vira-Mundo, o último grande fabricante de rapadura e cachaça da região do Engenho do Portela. (Gerson, 2015, p. 466).

60 Projeto governamental que consiste na construção de espaços culturais nomeados de nave do conhecimento, voltados a democratização do acesso ao universo digital em ambientes colaborativos e criativos. Oferecem oficinas, cursos e eventos relacionados à informática básica, economia criativa, tecnologias da informação, robótica e programação, trabalho e empreendedorismo. Atualmente o Estado do Rio de Janeiro conta com 9 unidades distribuídas entre a zona norte e Oeste: Engenho de Dentro, **Irajá**, **Madureira,** Nova Brasília, Padre Miguel, Penha, Santa Cruz, Triagem e Vila Aliança. Fonte: https://navedoconhecimento.rio/ acessado em 20.03.2018.

Figura 6 – Nave do Conhecimento (Irajá)

Fonte: https://navedoconhecimento.rio

Tabela 3– Marcos Urbanos Irajá/Rocha Miranda/Madureira (1613-2012)



Fonte: construção própria da tabela baseada na coleta de diversos dados históricos inseridos na tese

A malha ferroviária sempre acompanhou os caminhos que ligavam Rocha Miranda, Colégio e Irajá, mediados pela linha Rio D´ouro, mobilizando o tráfego de trabalhadores em dois períodos do dia, “os trens da Rio D´Ouro eram dois por dia, o que descia de manhã com os operários para o Arsenal e outras fábricas do Caju, e o que à tardinha os trazia de volta (Gerson, 2015, p. 426) .

Podemos perceber, que as conexões estabelecidas entre os bairros de Rocha Miranda e Irajá, são marcadas pela história, tanto quando pensamos na organização territorial dos bairros (antes fazendas fixadas nas dependências da Freguesia de Irajá), e, mesmo após a consolidação dos bairros, as ligações históricas, materiais e afetivas de alguma forma mantiveram-se até os dias de hoje.

É dessa forma, que observamos os elementos narrativos, os quais apontam Irajá como uma espécie de capital da favela. Compreendemos a profundidade desses laços, quando entendemos as dimensões que Irajá agrega tanto para o bairro de Rocha Miranda, como ainda para os moradores da favela da Barreira.

Se antes a Freguesia de Irajá mantinha o fluxo marítimo (por seu porto improvisado) de alimentos de produtos cultivados e produzidos nas fazendas fincadas nos limites dessa freguesia, pode-se dizer que Irajá ainda mantém a distribuição de alimentos através do CEASA, dessa vez, formalizando o fluxo inverso de fornecimentos.

Figura 7 - CEASA

Fonte: Acervo próprio

E nos caminhos que traçam idas e vindas entre os bairros de Rocha Miranda e Irajá, esse se mostra o centro da cidade, a cidadela que alberga as trajetórias de vida (e morte) da Favela da Barreira.

3.2 O BAIRRO: A URBANIZAÇÃO DE ROCHA MIRANDA

"Rocha Miranda, a princesinha da linha auxiliar"[61]

ROCHA MIRANDA SEPÊ DA TRADIÇÃO

Do Caminho de Madureira, lindos Morros a passar.
A paisagem tão brejeira, desperta o senso de amar.
No show gente de beleza, maravilhando imensidão
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Que Terra boa acolhedora, nela plantando tudo dá.
Amor força impulsionadora, faziam flores plantar.
Formou um povo beleza, Terra de toda animação.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Sempre ação redentora, pra vida e mundo melhorar.
Em uma saga realizadora, e todos podiam desfrutar.
O Trabalho dando destreza, faz essa terra ser nação.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Local lindo resguardando, liberdade que se queria.
Protegendo e realizando, na grande rocha alforria.
Uma escarpada fortaleza, Quilombo emancipação.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Dava o morar sagrado, tamanho aconchego utopia.
Do seu mato abençoado, tão confortável moradia.
Com hospitalidade e nobreza, cada um era irmão.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Ali se produzia com juízo, chuvas regulares e sol.
Pra todos fugidos paraíso, um verdadeiro arrebol.
E na cultura a braveza, e memória de insurreição.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Os cruzamentos pradaria, mula sem cabeça a passar.
Zumbi fascinante na magia, representava o libertar.
Nunca floresceu avareza, show de ajuda e dar a mão.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

Disposição e consciência, tambores nunca mudos.
Aos Ancestrais reverência, para Zumbi e Canudos.
Justiça e paz com certeza, todos pediam em oração.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição.

61 Nome concedido pela Associação de Moradores e Amigos de Rocha Miranda - AMARM

Com a ancestralidade, no sol da liberdade a raiar.
Irmanando a comunidade, com humildade cuidar
Humanidade tem toda justeza, não é luta em vão.
Rocha Miranda é Princesa, Sepê da antiga tradição[62].

(Azuir Filho e Turmas: Do Social da Unicamp e, de Amigos de Rocha Miranda, Rio, RJ e, de Mosqueiro, Belém, PA.)

A poesia acima foi criada em homenagem a memória do bairro de Rocha Miranda, por Azuir Filho, que descreve Rocha Miranda como *princesinha da linha auxiliar* da Estrada de Ferro Central do Brasil, referência carinhosa utilizada também pela AMARM – Associação de Moradores e Amigos de Rocha Miranda. Na poesia publicada Azuir Filho Menciona, que:

> Na sua memória oral, com a Velha Guarda, em plena Praça 8 de Maio, a Tradição perdura viva e bela na sua forma poética e romântica, pois sempre se sonhou com a liberdade e um mundo melhor, nesta região toda tão bela, com a vida valendo a pena para todos, numa Irmandade Humana, em estado de comunhão, como no Quilombo dos Palmares e como Jesus vivia com os Apóstolos na Palestina. As velhas Parteiras da Comunidade do Faz Quem Quer, no morro do Sapê, eram as guardiãs dessas memórias e passavam suas informações para os jovens nos dias de vigílias, de festas ou de dores quando em doenças ou perdas de entes queridos. Reuniões destes momentos de reflexão e das lembranças das lutas e dificuldades dos antepassados. Havia Noticias de que recebiam visitas do pessoal que veio de Canudos e que moravam nas favelas do Centro do Rio, dos morros da Providência e de Santo Antônio, este morro que foi derrubado. Sabiam do Povo de Conselheiro e de Zumbi Palmares, por isso havia as encruzilhadas de Zumbi e Canudos, depois vai haver o Campo do Zumbi que vai durar até os anos 50, perto de Honório Muguengue Colina. Teve a Escola no Campo e, a Escola de Samba do Zumbi e a Quadra do Zumbi. Todo um ambiente sagrado de relação fraterna que hoje se manifesta na memória do Ailton Antunes Tancillo e Jane, no Mulato da Maria Preta e, no Internacional, na Turma de Turiaçu, e nos Sambistas da Ala dos Guanabarinos da portela. Quem beber da água fresca da fonte do Morro Faz Quem Quer, sente o ar da esperança e a motivação de que não se esta só e nem abandonado, e que a redenção virá para todos. Rocha Miranda igual ao Rio de Janeiro e a todo o Brasil tem a raiz da sua História de Lutas, nos Índios e negros que escravizados resistiram sempre e somando aos Brancos nas suas dificuldades, conseguindo vitórias que lhes fizessem crer em chances de uma vitória final. Por Todo Lugar tradição da União, Avenida dos Italianos, famoso Largo do redondo, Praça de Rocha Miranda, Clube Zumbi, Internacional, Grêmio e ACIRM. Em cada local todos acalentam, Coração é Quilombo. e se preparam com amor, caprichando e cantando em verso e prosa. Obra de Louvor a Tradição de Rocha Miranda a Antiga Sapê, das Histórias de Tradição de Cultivadores do Espírito da Liberdade. Por suas origens nos índios e negos escravos fugidos que batizaram a região de Sapê, pelo Capim com que construíam as suas casas arejadas, que lhes permitia algum

62 Fonte: http://www.overmundo.com.br/banco/rocha-miranda-sepe-da-tradicao, consultado em 03.02.2017.

> conforto em meio ao calor e as lutas duras da vida. Era no frescor do Sapê, onde acalentavam sonhos nas lembranças de Zumbi e das lutas de Canudos, por constantes visitas de amigos, moradores oriundos da Favela da Providência, que tinham amigos e parentes na Querida Sapê que os recebia com hospitalidade. Unidos superavam as dificuldades. dando alívio e resolvendo questões até que, a região vai ser loteada com nomes de pedras preciosas e vendida pelo empresário que vai dar o nome atual pra localidade que os Sonhadores em suas poesias e sambas nunca deixam de cantar e louvar essa terra e sua gente culta e criativa genial (AZUIR FILHO, 2017).

O bairro, para Certeau (2013) pode ser considerado a porta de acesso entre espaços, emergindo como domínio na relação espaço/tempo, favorecendo o caminhar, para aqueles que desejam se apropriar dos signos do espaço:

> [...] é o pedaço da cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência (CERTEAU, 2013, p. 39).

A relação orgânica de que resultam as formas de apropriações locais, demonstra à importância de situarmos a urbanização do bairro, sua relação com o processo urbanístico da cidade para compreendermos como os moradores teceram a organicidade elaborada com que percebem suas apropriações com o espaço da favela.

> O bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.). A relação entrada/saída, dentro/fora penetra outras relações (casa/trabalho, conhecido/desconhecido, calor/frio, tempo úmido/seco, atividade/passividade, masculino/feminino...). É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social [...] A prática do bairro é desde a infância uma técnica do reconhecimento do espaço enquanto social; deve-se então, tomar aí o seu lugar (CERTEAU, 2013, p.41).

Considerando a importância dos sentidos de bairro e como ele se inscreve na história de vida *como a marca de uma presença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana* onde as narrativas revelam uma extensão ou deslocamento dos signos de bairro para a favela (CERTEAU, 2013, p. 42).

Assim, buscamos situar o processo de urbanização do bairro e da favela (e de seu entorno), para alcançarmos a compreensão do grupo sobre o espaço e os significados que essa compreensão carrega.

Assim, pretendemos demonstrar como a configuração da favela por seus moradores, é um ato que busca inclusão perpetuando as exclusões, de criação reflexa e ao mesmo tempo reprodutiva da configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, *diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano* os quais acabam por se reproduzir no interior da criação da favela consolidando paradoxos entre o lugar de aconchego e prazer como marcas de si, que os moradores souberam impor ao espaço urbano (CERTEAU, 2013, p. 39).

Os elementos históricos apontam a presença marcante da família Rocha Miranda para além do nome ou abertura de ruas no bairro, mas no esteio do processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, ganhando relevo traduzido nas contribuições da linhagem familiar inicialmente do primeiro Barão de Bananal, título nobre conferido a Luiz da Rocha Miranda Sobrinho, (1836-1915) nascido em Resende, no Estado do Rio de Janeiro, Tenente da Guarda Nacional, militante na política do império, tendo recebido o título de Barão do Bananal por Decreto Imperial de 20.05.1866.

A reforma de Passos tem certo encadeamento com a questão da urbanização tanto do bairro de Rocha Miranda como de outros do subúrbio carioca, principalmente àqueles concebido nas terras do chamado sertão carioca. O movimento de urbanização das zonas rurais (1890-1940), embora representasse o avanço urbano e para as atividades mercantis do Estado.

Permeada por certa dose de preocupação para Pereira Passos a urbanização da zona rural iniciada ao longo do século XIX e XX, embora embrionária e com caminhar lento, foi protagonista do processo urbano de criação dos subúrbios, emergindo questões atinentes a habitação social no tocante a formação das moradias precárias. Esse advento alcançou o bairro de Rocha Miranda, antes mesmo da urbanização formal do bairro, que já apresentava algumas moradias precárias no entorno da linha férrea. Assim surge a preocupação insípida de Passos com os casebres, instalados nos recôncavos da cidade.

No artigo publicado na Revista Renascença (1905) de título *"onde moram os pobres"*, já afirmava que a Favela embora contasse apenas com 100 casebres era de grande preocupação para Passos:

> "O ilustre Dr. Passos, ativo e inteligente prefeito da cidade, já tem as suas vistas de arguto administrador voltadas para a "Favela" e em breve providências serão dadas de acordo com as leis municipais, para acabar com esses casebres" (ZYLBERBERG, 1992, p.26).

Essa rede de planejamento de reforma urbana, contou com ideias de Otávio Rocha Miranda (1884-1954), filho de Luís da Rocha Miranda[63] - herdeiro do Barão de Bananal - colaborador na abertura de ruas na cidade, exercendo a função de deputado federal (1918-1920), prosseguindo o legado reformista com a idealização pela família Rocha Miranda do Hotel Glória (1920) construído no bairro do Flamengo (Gerson, 2015, p. 272), a inauguração de uma linha de ônibus (1908) ligando a Praça Mauá ao Passeio Público[64] quando o transporte coletivo sequer havia sido implantado na cidade, ações as quais marcaram a presença visionária nas contribuições urbanas para a cidade do Rio de Janeiro.

A estação ferroviária (1905) do bairro de Rocha Miranda teve sua inauguração oficial em 1911, com o nome estação Sapê, sendo (re) designada Rocha Miranda em 1920, pertencente ao ramal da Linha Auxiliar, que, nos anos 70 teve seu traçado alterado, perfazendo trecho do Centro a Costa Barros, ensejando, com isso, a construção do prédio que serviu à parada Sapê (1977), o qual que se encontra até os dias atuais servindo a Estação de Rocha Miranda, protagonizando o crescimento do bairro (VASCONCELOS, 1935).

Os dados coletados junto ao Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, no tombo[65] em pesquisa realizada, buscamos catalogar os processos de sucessão das famílias proeminentes do Rio de Janeiro, nos levam a concluir que, o falecimento do Barão de Bananal (1915), ensejou a partilha de seus bens em favor de seus herdeiros incluindo a fazenda do Sapê fincada nas terras do atual bairro de Rocha Miranda, o que pode ter contribuído para sua formação no ano seguinte, em 1916.

Dessa forma, se uma parte das terras foi adquirida pela sucessão aos herdeiros de Luiz da Rocha Miranda Sobrinho, outra foi adquirida por compra havida de José Maria da Silva Junior estendendo o patrimônio da família Rocha Miranda, contribuindo com a ideia do loteamento local.

As propostas voltadas a contribuição para urbanização, transporte coletivo e abertura de ruas eram práticas empreendedoras da família Rocha Miranda, que contribuiu para a formação de alguns bairros como Cavalcanti, Piedade e Cascadura:

---

63 Banqueiro, industrial e engenheiro. Fonte: CPDOC/FGV
64 Fonte: Jornal Diário de Notícias, 4ª seção, pg. 02 de 06 de maio de 1951. Acervo da Biblioteca Nacional
65 Acervo do Museu da Justiça. Códice: Inventário/ 1915 (BR RJTJMJ. PNB.1-2.286).

> [...] E aqui, sob a influência da estrada Real, Piedade e Cascadura e a então pacata parada de Cavalcanti se misturavam, proprietários que eram os Cardoso de um vasto latifúndio que os abarcava, a todos os três. Esses Cardoso tinham parentesco evidentemente com os de Campo Grande, constituindo a família Cardoso Quintão, ou vice-versa e suas terras começavam no caminho do Catete (que em Cavalcanti se denomina hoje rua Graça Melo), caminho esse que as atravessava pelo meio, tortuosamente, e depois e depois tomava o nome de rua do Catete até desembocar na avenida Suburbana, mas aí como rua Padre Nóbrega, o companheiro de Anchieta e Estácio de Sá na fundação do Rio. Outra de suas ruas importantes era a dos Cardoso (hoje Cerqueira Daltro, moradia tradicional da família Uraraí[66] de militares) – e quem o loteou e urbanizou de todo, abrindo nele aproximadamente 40 ruas novas no final da Primeira Guerra Mundial, foram os Rocha Miranda, descendentes do Barão de Bananal (GERSON, 2015, p. 463).

Com a sucessão de terras havidas por inventário (1915) do Barão do Bananal, acrescida das terras compradas (1916) de José Maria da Silva Junior, manteve a idealização do que seria então o futuro bairro de Rocha Miranda, delineado no movimento reformista que tomava também os espaços do subúrbio, como Turiaçu no extremo sul do bairro, assim como Coelho Neto e Honório Gurgel no extremo norte do bairro.

O bairro de Rocha Miranda, pode-se dizer, manteve-se no entremeio do crescimento desses bairros que lhe eram contíguos sendo possível trafegar atualmente pela Estrada do Otaviano que liga parte de Turiaçu e Rocha Miranda, por vezes confundindo-se em seus limites pela sua própria contingência histórica marcada pela chegada das malhas Ferroviárias.

> Inaugurada em 1898, a Auxiliar (ex-melhoramentos) muito estava concorrendo para o desenvolvimento da zona agropastoril que se estendia entre a Leopoldina e a Central. Além de suas estações mais próximas (...) a de Turiaçu "o fogaréu feito de Sapê, perto do Engenho do Vira-Mundo, na Estrada do Otaviano; e a do Sapê que queria dizer capim para o fogo, na antiga Fazenda do Sapê, que pertencera ao Barão de Mesquita no século passado e os Rocha adquiriram em 1916 de José Maria da Silva Junior para loteá-la, abrindo nela dezenas de ruas com nomes de Pedras Preciosas a dos Topázios, das Esmeraldas, a dos Rubis, a progressista Rocha Miranda de hoje, com sua praça urbanizada pelo prefeito Henrique Dodsworth, ostentando no centro o obelisco comemorativo da visita que lhe faria o presidente Craveiro Lopes, de Portugal, irmão de uma de suas moradoras – e para cujo progresso também tanto contribuía Edgar Romero, sempre a visitar seus amigos na padaria Julião; e a de Honório Gurgel, evocativa do vereador e de seu pai fazendeiro do Irajá, o Tenente Honório Gurgel do Amaral, no começo parada

66 Esse foi um dado importante, embora a família Uraraí vivesse na Rua dos Cardoso, atual Cerqueira Daltro, no processo de urbanização de Rocha Miranda, uma das ruas recebeu o nome de Uraraí, talvez em homenagem a família, e não aos índios como muitos supõem.

> Mungungue, na zona de influência do Engenho Boa Esperança (GERSON, 2015, P. 421) .

A região conhecida como Turiaçu, que atualmente liga o bairro de Rocha Miranda ao mercadão de Madureira, pela Rua das Safiras que liga o bairro de Rocha Miranda a Honório Gurgel, tendo continuidade na rua Conselheiro Galvão beirando a linha do trem, onde se pode perceber o caminho das estações de Honório Gurgel e Rocha Miranda no caminho contínuo até o encontro da estação de Magno em Madureira.

Pioneiro na construção de casa no bairro de Turiaçu, Otaviano José da Cunha, (que dá o nome a Estrada do Otaviano), construiu a primeira casa, na rua conhecida atualmente como Conselheiro Galvão, vindo em 1919 a 1922 à família Fernandes, Francisco Fernandes e Manuel Fernandes tendo construído a Estação Ferroviária de Laranja de Madeira e após a Estação de Turiaçu, ambas construídas pela comunidade na época (Gerson, 2015).

Esse dado é muito importante ao nosso estudo, pois percebemos mecanismos de autoconstrução pela comunidade, como uma cultura que se estendeu do bairro de Rocha Miranda notadamente presente nas favelas inseridas no bairro.

A lógica do loteamento praticado nas cidades encontrou espaço para especulação nos subúrbios, explorando inclusive os espaços inóspitos e impróprios para habitação no recôncavo carioca, nas regiões mais prejudicadas dos bairros, nascendo uma dinâmica de habitação social auto construtiva como estratégia contra a precariedade vivenciada nas áreas que mantinham ainda embrionário o processo de urbanização.

A sucessão das terras da Fazenda do Sapê para os descendentes da família Rocha Miranda, não explica por si só, as dinâmicas que engendraram a urbanização do bairro. O processo de fragmentação social do bairro se estabelece permeado pelo critério do interesse e valor econômico embutido nas terras situadas na região central do bairro, mais valorizadas por estarem próximas das estações ferroviárias (de Rocha Miranda e Honório Gurgel).

Essa estruturação movida pelo interesse econômico, explica como a região central do bairro de Rocha Miranda recebeu a atenção para urbanização, mantendo as regiões periféricas do bairro, (incluindo a área onde atualmente se situa a Favela da Barreira) a cargo das grandes companhias que buscaram, por meio da especulação imobiliária, concessões para arruamento, loteamento, construção e venda de casas populares, sempre nos espaços mais distantes do centro do bairro visando à ligação da abertura de ruas as estações ferroviárias.

Isso explica um pouco a percepção dos moradores da Barreira quanto ao pertencimento territorial da favela: alguns afirmam que a favela pertence ao bairro de Rocha

Miranda, outros afirmam que pertence a Honório Gurgel, e outros dizem acreditar que pertence a ambos os bairros. Segundo nossas pesquisas, nem os órgãos públicos situam a região da Favela da Barreira como pertencente a um único bairro, fazendo com que a favela seja situada no espaço híbrido que mescla os limites de Rocha Miranda e Honório Gurgel.

3.2.1 Especulação do solo: arruamentos, loteamentos, habitações no entorno e na Barreira

Entender o processo de urbanização do bairro de Rocha Miranda, demanda antes de tudo, entendermos os interesses que permearam a urbanização das regiões rurais situadas em parte na Zona Norte do Rio de Janeiro, a qual Rocha Miranda se inseria, rural porque eram espaços conhecidos pela produção agrícola de fazendas, submetidas ao loteamento para criação dos atuais subúrbios cariocas da zona norte.

As reformas urbanas que ocorreram ao longo do século XIX e XX agregaram noções tanto de plasticidade como de higienização, alcançando as regiões rurais da periferia da cidade à medida que formalizou uma dinâmica de empurrar para as regiões periféricas os habitantes de áreas desocupadas dos cortiços e cabeças de porco, considerados o "germe das habitações precárias", que mais tarde seria compreendido como a semente das favelas no Rio de Janeiro (VALLADARES, 2005, p. 24).

Por outro lado, com a implantação e ampliação das malhas ferroviárias, muitas regiões que mantinham características rurais, por ter na agricultura a referência de produção em fazendas locais - como nos casos das fazendas fincadas nos limites da Freguesia de Irajá - esses imóveis sofreram desapropriações parciais para receberem trechos das linhas férreas, muitas sem direito a indenização.

De acordo com pesquisas cartográficas e de registros oficiais obtidos na prefeitura do Rio de Janeiro, os quais dão conta dessa realidade, a área onde atualmente se situa a favela da Barreira pertencia aos limites da Fazenda Boa Esperança, com ampla extensão, situando Honório Gurgel, Rocha Miranda, Sapê e Marechal Hermes vinculada ao então Município (Freguesia) de Irajá.

Mas a questão da especulação de terras e investimentos por empresas privadas voltados ao atendimento de construções e habitação populares foi objeto de nota publicada no jornal O Paiz (1910), com o título *Habitação Popular*[67], apresentando a então recém inaugurada empresa "A Internacional", como uma sociedade humanitária, instituição

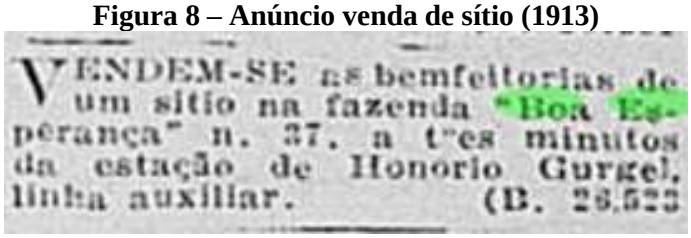
67 Jornal O Paiz, publicado em 13 de Janeiro de 1910, p.02. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

beneficente de auxilio (caixa previdenciária), integrada por Luiz da Rocha Miranda, descrito como engenheiro civil, banqueiro e industrial. Situada à época, na Av. Central nº. 169 a 171, “A Internacional”, foi consolidada no formato de uma sociedade mútua e anônima, com o fim de proporcionar aquisição de habitação própria, por meio da formação de fundo previdenciário.

Essa tenha sido possivelmente uma das participações da família Rocha Miranda com vistas a acompanhar o processo de urbanização que se estendia às regiões mais rurais da cidade, alcançando a zona norte, acentuando-se principalmente durante o período de mandato do prefeito Henrique Dodsworth, exercendo o cargo durante o início do Estado Novo da Era de Vargas (de 03 de julho de 1937 a 03 de novembro de 1945), retirando-se com o afastamento do presidente Vargas (PARISSE, 1969).

Nesse sentido, a prática de venda de lotes, de sítios, de áreas pequenas das fazendas foi evidenciada como a primeira espécie de fragmentação da terra, promovida também por empresas que, a partir das concessões recebidas pelo governo municipal, realizavam o trabalho de arruamento (abertura de ruas), alinhamento entre ruas já abertas e novas ruas, loteamentos de terrenos, envolvendo-se até mesmo com aluguéis das benfeitorias fincadas nas dependências de fazendas, como no caso da Boa Esperança.

Figura 8 – Anúncio venda de sítio (1913)


VENDEM-SE as bemfeitorias de um sitio na fazenda "Boa Esperança" n. 37, a t"es minutos da estação de Honorio Gurgel, linha auxiliar. (B. 28.523

Fonte: Jornal do Brasil (RJ), Ano 1913, Edição 00215, p. 20

A dinâmica habitacional já se apresentava (re)significada pela especulação imobiliária, a medida que empresas e particulares adquiriam sítios e lotes situados na Fazenda Boa Esperança, e procediam a sub-loteamentos, re-loteando os lotes comprados e vendendo com casebres ou apenas o espaço da terra, emergindo o negócio da venda de benfeitorias que não eram consideradas juridicamente propriedades em si por inúmeras razões, principalmente pela ausência da regularização do desmembramento da terra, o que configurava as primeiras posses locais, caracterizadas por casebres cobertas com folha de zinco e caiadas, notas características de regiões posteriormente concebidas como favela.

Em outras palavras: não foi a favela que conferiu a precariedade da posse, mas a posse precária que conferiu precariedade ao espaço, numa lógica de certa forma contrária àquela

apreendida por Souto de Oliveira (1980, p. 165), o qual aponta que “a moradia na favela é, por força dessa própria condição, mais barata, de vez que dela se exclui o preço do terreno: compra-se, aluga-se ou vende-se apenas a benfeitoria”.

A urbanização e arruamento do entorno da favela da Barreira, não guardou a pretensão de organizar o espaço como favela, mas foi a consequencia de um processo que em si subalternizou algumas regiões, como resultante do próprio processo de especulação imobiliária perpetrada no espaço.

Tanto o entorno da Favela da Barreira, como a favela e parte do bairro de Rocha Miranda (parada Sapê) ficavam situados na abrangência da Fazenda Boa Esperança, bem como parte dos bairros de Marechal Hermes/Deodoro (Sapopemba) e Honório Gurgel, regiões vinculadas a então Freguesia de Irajá 6ª Circunscrição Suburbana, mantendo significativa produção agrícola, conforme se pode verificar das informações extraídas do Alamanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), Ano 1898, edição A00055:

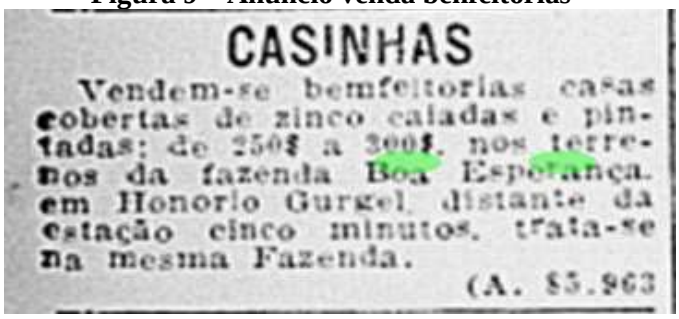
> [...] Irajá, com limites ao norte do Estado do Rio de Janeiro, separado pelos rios Merity e Pavuna este desaguando naquele, no ponto denominado Três Rios ou Três Barras [...] Possui quatro estradas de ferro que cortam o Irajá: a Central do Brasil, tendo duas estações Madureira e Sapopemba (atual Deodoro); a de Melhoramentos do Brazil com ponto de parada em Eduardo Quirino, Coronel Magalhães, Inharajá (atual Mercadão de Madureira), Honório Gurgel e sapopemba; a do Rio do Ouro com os pontos de parada de Vicente de Carvalho, Irajá, Colégio, Areal (Coelho Neto) e a estação de Pavuna; e a do Norte com a estação da Penha e os pontos de parada de Cordovil e Vigário Geral. Possui Irajá vários estabelecimentos agrícolas, dos quais os mais importantes são: O Engenho Central de Sapopemba, a Fazenda Boa Esperança, a de Botafogo (atual região da Fazenda Botafogo), a de Conceição, dos Affonsos, de Vaqueiros e de Nazareth. Em quase todas cultiva-se a cana para o fabrico de aguardente e em algumas há também olarias. Exporta para os mercados da cidade laranjas em grandes quantidades e outros produtos de pequena lavoura. Desde 1893 tem a municipalidade aberto ruas e melhorando muitas estradas [...].

Com os projetos de arruamentos e urbanização das zonas rurais dos subúrbios da zona norte da cidade, encontrou nas dinâmicas de loteamentos e construção de casas humildes em áreas de abrangência da própria Fazenda Boa Esperança, a possibilidade de venda de “benfeitorias” ao invés de propriedades, um grande indício da precarização que precedeu a urbanização do bairro, isso porque, segundo a referência de Gerson (2015, p. 422) a família Rocha Miranda abriu aproximadamente 40 ruas, iniciando o processo de urbanização do bairro em 1916. No entanto, como o anúncio abaixo demonstra, a venda de benfeitorias

(1914), precedeu o processo de urbanização do bairro (1916) e desmembramento oficial das terras da Fazenda Boa Esperança.

De certa forma essa dinâmica, contribuiu para contradições nos limites entre bairros (de Rocha Miranda e Honório Gurgel), principalmente quando se trata de áreas como aquelas em que situa a Favela da Barreira e seu entorno, onde nem mesmo os moradores conseguem determinar os limites entre os bairros. Alguns moradores afirmam que a Favela da Barreira está nos limites do Bairro de Rocha Miranda, outros, de Honório Gurgel. O fato é que nem mesmo os endereços de destino de contas de serviços públicos conseguiram unanimidade sobre essa questão, que será mais bem compreendida e desenvolvida na próxima seção, *3.3. A favela da Barreira, de que favela se fala*, isso porque o tecido narrativo, aliado aos registros oficiais nos levou ao entendimento de uma espécie de geoidentidade, que se funda tanto nos limites do bairro para entender o pertencimento da favela e sua relação bairrista, como ainda delineia contornos de fragmentações internas, o que mereceu observação e análises específicas.

Figura 9 – Anúncio venda benfeitorias[68]


CASINHAS

Vendem-se bemfeitorias casas cobertas de zinco caiadas e pintadas: de 250$ a 300$, nos terrenos da fazenda Boa Esperança, em Honorio Gurgel, distante da estação cinco minutos, trata-se na mesma Fazenda.

(A. 83.963

Fonte: Jornal do Brasil (RJ) Ano 1914, Edição 00162, p. 06

A especulação das terras da Fazenda Boa esperança, contribuiu para a urbanização e com isso para o processo bairrista, delimitando bairros e limites entre espaços locais, figurando empresas como a Companhia Suburbana de Terrenos e Construções, como uma das principais atoras no processo de loteamentos e transação imobiliárias como venda e aluguel de imóveis na região.

É dessa forma que a Companhia Suburbana de Terrenos e Construções, pactuou com a Prefeitura do Distrito Federal, concedendo por instrumento de cessão gratuita, parte de suas terras (as quais receberiam ruas, praças, e avenidas), em troca da autorização para abertura de ruas e lotes, obrigando-se a instalar os meio-fios nas ruas dos novos logradouros, margear os lotes, retificar a passagem do rio, entenda-se Rio das Pedras, que com a urbanização e loteamento da Fazenda Boa Esperança, sofreu assoreamento e redução significativa, perdendo

68 Jornal do Brasil (RJ) Ano 1994, Edição 00162, p. 06. Fonte: Biblioteca Nacional

todas as características de rio, antes navegável *"junto ao Rio Pavuna os quais regavam vastíssimas terras da localidade, marcando a lavoura da região como a mais importante do Distrito Federal*" (SANTOS, 1965, p. 78).

Figura 10 – Anúncio Aluguel terrenos

Aos inquilinos da fazenda da

Boa Esperança

(Municipio de Irajà)

A Directoria da "Companhia Suburbana de Terrenos e Construcções" notifica a todos os inquilinos que o sr. Jesus de Oliveira Brazil tem os poderes necessarios e plena autorização da Directoria desta Companhia para cobrar todos os aiugueis atrazados e presentes.

Previne-se aos inquilinos que no caso de recusa ou demora nesses pagamentos, a Directoria se verá obrigada a proceder judicialmente ás ditas cobranças.

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1919. (E 20954)

Fonte: Jornal Correio da Manha(RJ), Ano 1919, Edição 07484, p. 03[69]

69 Acervo Biblioteca Nacional. Consultado em Maio/2018.

Figura 11 – Termo de Cessão Fazenda Boa Esperança

TERMO DE CESSÃO DE TERRENOS NECESSARIOS A' ABERTURA DE RUAS E PRAÇAS NA FAZENDA DA BOA ESPERANÇA, NO DISTRICTO DE IRAJÁ.

Aos trinta e um dias do mez de Março do anno de mil e novecentos e vinte e um, presente na Directoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura do Districto Federal, o Sub-Director da 1ª Sub-Directoria, compareceu a "Companhia Suburbana de Terrenos e Construcções", sociedade anonyma, com séde nesta capital, á rua do carmo n. 58, representada pelo seu Director Victor Nothmann, residente á rua Guanabara n. 80, conhecido das testemunhas infra-assignadas, para firmar o presente termo, pelo qual cede á Prefeitura do Districto Federal, gratuitamente e independente de qualquer indemnisação presente ou futura por parte desta, as arêas de terreno da Fazenda da Boa Esperança, no districto de Irajá e necessaria á abertura de diversas ruas e praças, de accordo com as plantas e perfis approvados e annexos á petição n. 22.419, de 1920 findo. A signataria — "Companhia Suburbana de Terrenos e Construcções" — se obriga, como obrigada fica pelo presente termo a, a) pagar tres mil réis (3$000) por metro linear de rua e praça que abrir; b) collocar meio-fios nas esquinas dos novos logradouros, bem como marginando os lotes que vender; c) construir as obras de arte que forem necessarias, (como pontes, pontilhões, bueiros, etc.) ao escoamento das aguas, de conformidade com as ordens e instrucções do engenheiro da respectiva circumscripção; — d) fazer os serviços de terraplenagem marcados na planta com as alterações propostas pela Prefeitura; — e) executar as obras de rectificação dos rios que cortam os terrenos da signataria; f) ceder á Prefeitura do Districto Federal nas condições acima estipuladas, as arêas dos terrenos necessarios á construcção de escolas e que forem escolhidas pela Directoria Geral de Instrucção Publica Municipal. Os novos logradouros de que trata o presente termo somente serão acceitos definitivamente pela Prefeitura do Districto Federal, depois de compridas pela signataria as obrigações constantes do presente termo, tudo de conformidade com o despacho exarado na petição n. 22.419, acima referida. E para firmeza do que acima ficou estabelecido se lavrou o presente termo que, depois de lido e achado conforme, vae assignado pelas partes interessadas, testemunhas e por mim, Joaquim Antonio Terra Passos, 2º Official que o escrevi. Apresentou os talões 31.227 e 24.164 da Sub-Directoria de Rendas Municipaes, datados de 30 do corrente, provando, o primeiro o pagamento do imposto de expediente na importancia de 5$ e, o segundo, o do imposto de testada correspondente a 7.715 metros a 3$000 por metro, na importancia de 23:670$000, de accordo com as guias ns. 91 e 20 desta Directoria, de 30 do corrente. Directoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura do Districto Federal, 31 de Março de 1921.)Assignados): Camillo A. Mourão de Valle, Victor Nothmann. Testemunhas: Trajano de Miranda Valverde, A. J. Rodrigues de Souza Braga, J. A. Terra Passos. 2º Official. Estavam collados e inutilisados duas estampilhas federaes, no valor de 2$400.

Confere. Em 16-4-921. Joaquim Silva. 1º Official.
Está conforme. Antonio Alves — Chefe de Secção.
Visto. 16-4-921 — Joaquim Pereira de Souza Caldas, Chefe do Escriptorio.

Fonte: Jornal do Brasil (RJ), Ano 1921, Edição 00106, p. 10 – Biblioteca Nacional.

Importante destacar que, segundo nossas pesquisas, mesmo as operações de loteamento (compra, venda e re-loteamento) dinamizarem a urbanização desde 1905, considerado o marco pela estrada de ferro e da estação Parada Sapê (posteriormente Rocha Miranda), apenas em 1925 parte da Fazenda Boa Esperança foi formalmente desmembrada, nas regiões que abrangiam Marechal Hermes, Sapê e Honório Gurgel.

Figura 12 – Termo de desmembramento Fazenda Boa Esperança

TERMO DE ACCEITAÇÃO DAS RUAS ABERTAS NOS TERRENOS DESMEMBRADOS DA FAZENDA DE BOA ESPERANÇA, SITUADA NAS ESTAÇÕES MARECHAL HERMES, BENTO RIBEIRO, HONORIO GURGEL E SAPÊ E DESIGNADAS PELO N. 20, TRECHO ENTRE AS RUAS NS. 11 E 27, PELO N. 9, TRECHO ENTRE AS RUAS 19 e 20; PELO N. 10, TRECHO ENTRE AS RUAS 19 E 20 DE UMA PRAÇA.

Aos dezesete dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte e cinco, presentes na Directoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura do Districto Federal o sub-director da 1ª de sub-directoria e as testemunhas infra assignadas, compareceu a Companhia Suburbana de Terrenos e Construcções, sociedade anonyma, com sede nesta Capital, á Estação Marechal Hermes, e representada neste acto por seu director gerente William T. Taylor, para firmar o presente termo pelo qual a Prefeitura do Districto Federal acceita como logradouro publico uma praça com cento e oitenta metros quadrados (180m) rua vinte (20) trecho entre as ruas numeros onze e vinte e sete (11 e 27); na extensão de seiscentos e dezesete metros (617m.00); rua nove (9), trecho entre as ruas dezenove e vinte (19 e 20) com trezentos e trinta e quatro (334m.00) de extensão e rua dez (10) trecho entre as ruas dezenove e vinte (19 e 20) com trezentos e quinze (315m.00) de extensão, abertas nos terrenos desmembrados da Fazenda de Boa Esperança, situada nas estações Marechal Hermes Bento Ribeiro, Honorio Gurgel e Sapê, a que se refere o termo assignado nesta Directoria Geral, a trinta e um de Março de mil novecentos e vinte e um (1921), tudo de conformidade com o despacho exarado na petição n. 18.092 do corrente anno, annexa ao processo n. 5585 de 1922. E, para firmeza de que acima ficou estabelecido, se lavrou o presente termo que, lido e achado conforme é assignado pelas partes interessadas, testemunhas e por mim Alfredo P. de Carvalho, sub-director addido, da ex-Casa de S. José, em exercicio nesta Directoria Geral, que o escrevi.

Foram apresentados os seguintes talões da Sub-Directoria de Rendas Municipaes, datados de 17 do mez corrente: n. 15.669 provando o pagamento da quantia de 18:890$496 relativa aos emolumentos sobre abertura de ruas, correspondentes aos logradouros constantes deste termo, de accordo com a guia n. 45, de 27 de Junho p. p., da 2ª Sub-Directoria, e n. 15.668 o do pagamento do imposto de expediente, na importancia de 24$000, de accordo com a guia n. 159 desta Directoria Geral, datada de 14 do mez corrente. Directoria Geral de Obras e Viação, 17 de Agosto de 1925. — (assigs.) *Alfredo Duarte Ribeiro William T. Taylor*, Director-Gerente. (Tests.) *Arthur Salgueiro, João Babo Filho, Alfredo P. de Carvalho.*

Collada e inutilisada uma estampilha federal no valor de dois mil réis.

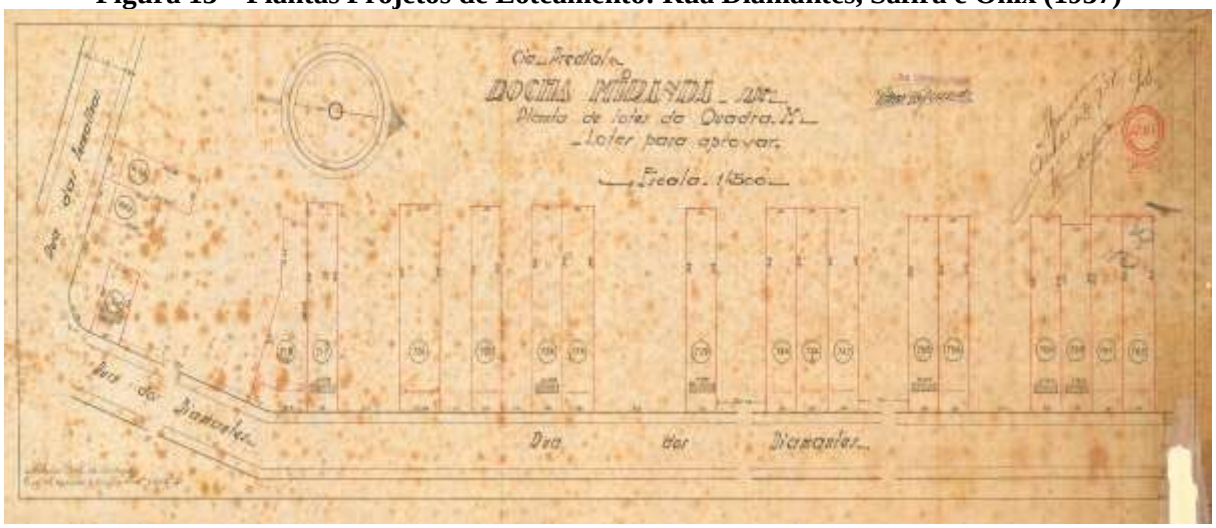
Confere — Em 18-8-925. — *Terra Passos*, 1º official. Está conforme — 18-8-925. — *A. Estrella*, Chefe de Secção. Visto — 18-8-925. — *Joaquim Pereira de Souza Caldas*, Chefe do escriptorio.

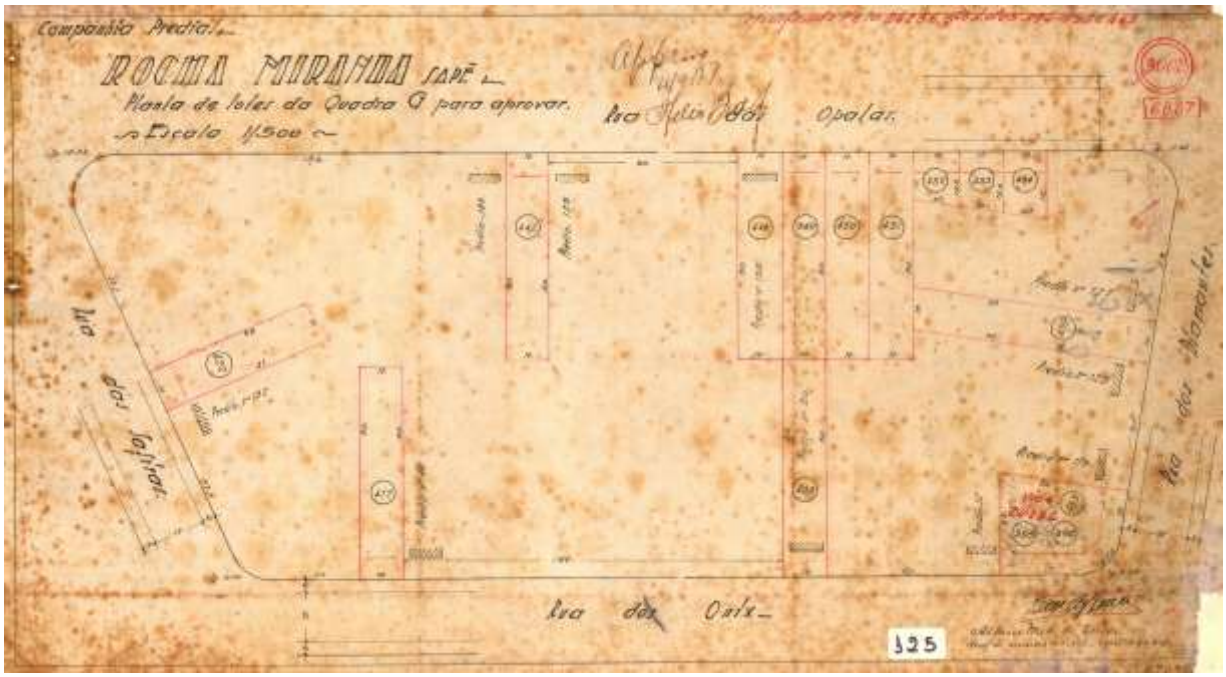
Fonte: Jornal do Brasil (RJ), Ano 1925, Edição 00198, p. 17 – Biblioteca Nacional

Nas décadas seguintes, a prática de loteamento (e re-loteamento) foram comuns na região, fazendo com que outras empresas voltadas a especulação das terras na região, também protagonizaram o processo de urbanização do bairro de Rocha Miranda (Parada Sapê), notadamente no entorno da Favela da Barreira, como ocorreu com a empresa Companhia

Predial, a qual realizou planejamento de loteamentos de parte da Rua dos Diamantes, Onix, e do entorno (1937).

Figura 13 – Plantas Projetos de Loteamento: Rua Diamantes, Safira e Onix (1937)

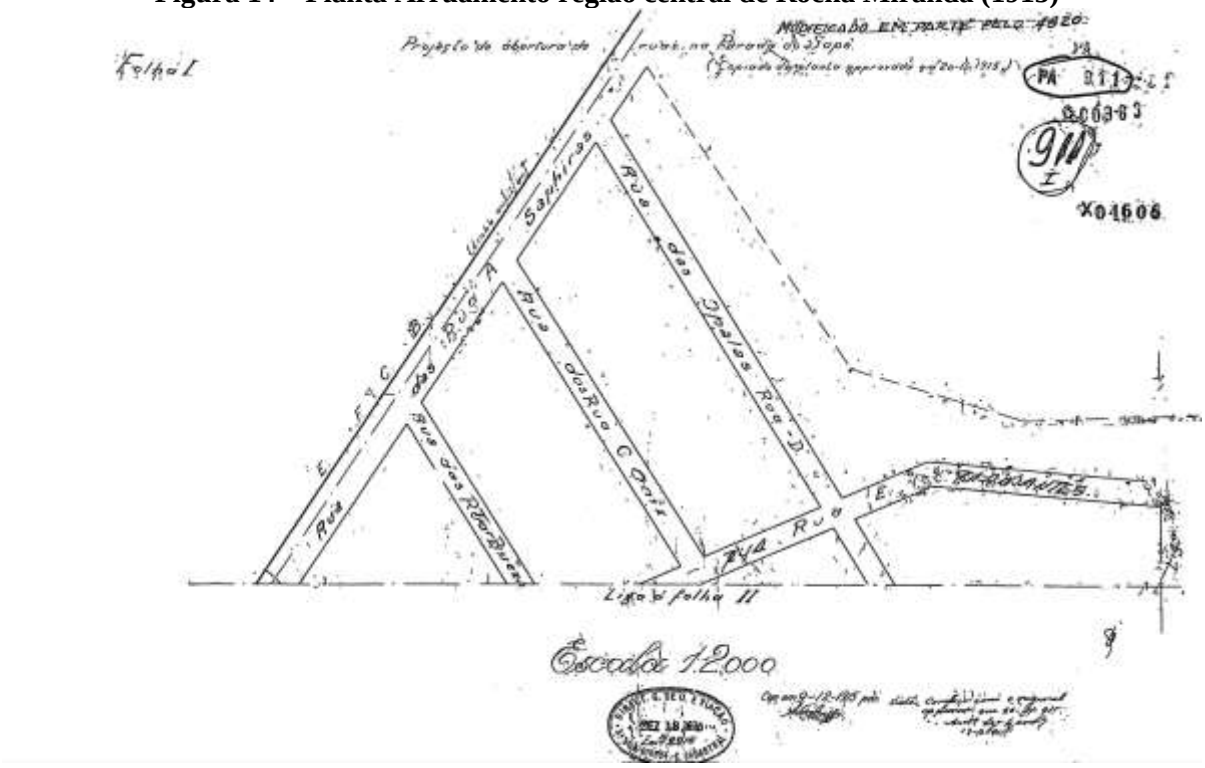




Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro (SMU)

Pensar a Favela da Barreira e o processo de urbanização do bairro de Rocha Miranda, é entender que esse processo se deu cumprindo a mesma agenda da capital do centro da cidade, abrangeu as áreas mais próximas das regiões centrais do bairro, sempre norteado pelas estações de trem de cada um dos bairros, como Rocha Miranda, Honório Gurgel, Bento Ribeiro, Marechal Hermes, para as regiões mais remotas do bairro, consideradas menos valorizada do que aquelas próximas da linha férrea.

Figura 14 – Planta Arruamento região central de Rocha Miranda (1915)



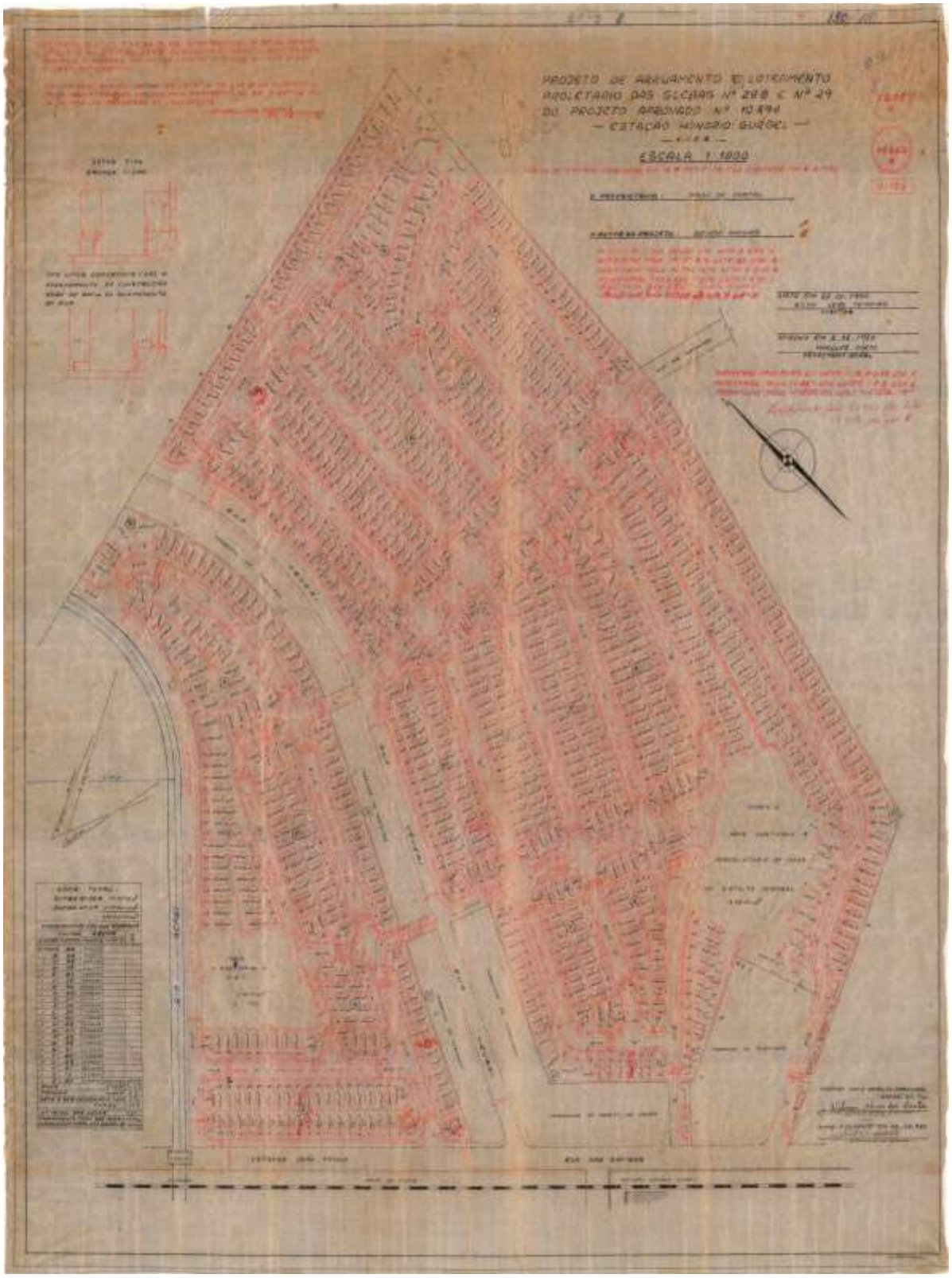
Fonte: Prefietura do Rio de Janeiro (SMU)

É dessa forma que o entorno do centro do bairro, recebe os primeiros investimentos privados e públicos, a atenção e especulação toma contornos subalternos marcados pela territorialidade dos lotes vendidos, (mais afastados dos centros), ou pela característica do solo, (charcos, lugares pantanosos e brejos).

A urbanização da região da Favela da Barreira seguiu então essa agenda de aproveitamento pela classificação de qualidade do solo, onde as ruas Jones Rocha, Cônego Boucher Pinto entre outras, foram comercializadas por empresas e bancos, sendo certo que, pesquisas apontaram o terreno da Rua Henrique de Gois (Barreira), como inservível aos interesses das empresas que empreendiam em atividades de habitação e loteamentos.

Aa glebas situadas na região do entorno da Favela da Barreira, foi projetada com natureza de loteamento proletário, apenas em 1950 - mantendo a estação de Honório Gurgel como referência - quando a urbanização das demais áreas do bairro já havia iniciado desde 1905. Isso nos faz compreender que o entorno da Barreira, tenha sido especulada como o excesso (o que sobrou) do processo urbanístico do bairro de Rocha Miranda, e a Barreira como uma espécie de saldo (resto do resto) do projeto do seu entorno.

Figura 15 – Planta de Loteamento entorno da Favela Barreira (1950)



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro (SMU)

Cotejar as dinâmicas que orquestraram a especulação imobiliária no bairro de Rocha Miranda, notadamente no entorno da Barreira, demanda certa correlação com questões

habitacionais que marcaram o Rio de Janeiro (então capital do Brasil), principalmente no fim da década de 30, com a promulgação do Código de Obras[70] do Distrito Federal, materializado sob a égide do Decreto 6.000 de 01 de julho de 1937, elaborado pelo Serviço de Propaganda Urbanística da Secretaria Geral de Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal.

Entretanto, considerando a finalidade urbanística da normativa, um paradoxo se apresentou: desde 1936, o projeto do Código de Obras já previa a possibilidade de construção de habitações populares, de *Habitações Proletárias do Tipo Econômico,* conforme se pode depreender do Artigo 346 do referido Código, isentas de qualquer emolumentos ou taxas, devendo seguir o padrão determinado: *casas pequenas, destinadas a habitação para classe proletárias, constituinte de um único pavimento, não superior a 60m* (Artigo 346); *o piso deverá ficar pelo menos 30 centímetros acima do terreno, será impermeabilizado por uma camada continua de concreto* (Artigo 346, inciso III); *as paredes externas poderão ser de meia vez de tijolo frontal* (Artigo 346, inciso IV); *a cobertura será de telha de barro ou de outro material incombustível* (Artigo 346, inciso VI); *as paredes serão rebocadas e pintadas ou caiadas interna e externamente* (Artigo 346, inciso IX).

Tais características são encontradas até os dias atuais em algumas casas humildes na Favela da Barreira. Portanto, seguir as diretrizes do Código de Obras (1937), não contribuiu para coibir a formação de casebres então concebidos como favela, muito pelo contrário.

O próprio Código de Obras (1937), em seu artigo 347 dispôs sobre a substituição das favelas por *Formação de Núcleos de Habitação do Tipo Mínimo,* caracterizada por construções mais modestas ainda por três tipos de moradias, que variavam de 2 quartos e 1 sala; 1 quanto e uma sala, e um quarto, dispondo o referido Artigo 347 que *deverão ser utilizados os terrenos de propriedade particular atualmente ocupada por favelas e outros que, de acordo com estudos a serem realizados, forem julgados convenientes.*

A normativa conferiu, ao invés de distribuição habitacional a massa trabalhadora, um nicho de especulação imobiliária singular, explorado pelas Caixas e Institutos de Aposentadorias e Pensões, relembrando arranjos econômicos e políticos, a exemplo da década de 1910, revelando Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda como Ministro da Agricultura[71], pai de Luiz da Rocha Miranda, engenheiro civil, banqueiro e industrial, integrante de sociedades de Caixa e Fundos de Pensão que especulava o mercado imobiliário[72.]

---

70 O Decreto 6.000 de 01.07.1937 substituiu o Decreto 2.087 de 19.01.1925, consolidando assim o primeiro Código de Obras.

71 Exonerado em 16 de novembro de 1910

72 Jornal O Pais (RJ), Ano 1910, Edição 09386, de 17.06.1910 – Biblioteca Nacional

Dessa forma, as casas proletárias raramente mantinham-se sob alcance das classes mais pobres, a valorização imobiliária andou a passos largos em comparação com o poder aquisitivo da massa trabalhadora, elevando custo de terrenos, construções e alugueis em áreas de fácil acesso aos transportes, delineando a relação entre alto custo imobiliário de áreas próximas a estações ferroviárias, que se tornaram áreas de interesse e valor econômico no subúrbio (PARISSE, 1969).

A normativa dividia em duas partes, confluiu para as intensões políticas e urbanas de remodelação do Rio, marcadas pelas ações do Engenheiro Alfred Agache, no período entre 1927-1930, mantendo a década posterior (1940) como marco da multiplicação habitacional e projetos de urbanização e habitação. Nesse sentido, a Praça Oito de Maio no bairro de Rocha Miranda, com o obelisco em homenagem aos combatentes brasileiros (FEB) na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) inaugurado pelo então prefeito Henrique Dodsworth (1937-1945), seguindo a agenda de urbanização que marca a década de 40.

É possível compreender a situação que permeava o contexto urbano na época, cotejando os resultados de tabulação do próprio Censo (1940), que revelou um quantitativo significativo representando a classe pobre, sobretudo imigrantes como consequência do projeto de remodelação e da industrialização, conforme nos explica Parisse (1969):

> A presença de numerosa classe pobre – sobretudo imigrantes, que se empregam na construção civil, constitui o primeiro elemento que determina a multiplicação das favelas. Seus recursos aleatórios, algumas vezes, modestíssimos, sempre, não lhes permitem nem construir uma casa num terreno próprio, nem pagar aluguel segundo a tarefa oficial. Os pequenos assalariados não podem resistir às consequências da especulação imobiliária e ao aumento constante do custo da vida (PARISSE, 1969, p. 29).

Sob esse aspecto, Smith (1967, p. 179), indica que entre as décadas de 40 e 50, o Rio de Janeiro se tornou um dos maiores mercados de trabalho do Brasil, fazendo com que a "metrópole canalizasse grande fluxo de imigrações internas, somado ao êxodo rural, trazendo para a Capital umas 400.000 pessoas".

Milton Santos (1968) esclarece que a agenda de urbanização do Estado Novo, teve como mola propulsora o aumento acelerado da população, que por sua vez encontrou na proposta de industrialização acompanhada do aprimoramento de redes de transportes, na produção de bens de consumo, o atrativo que possibilitou o sonho da vida ideal na cidade. Essa dinâmica manteve os subúrbios, notadamente áreas próximas aos acessos de transportes públicos, como bondes, trens e coletivos, um eixo de interesse para ocupação e moradia,

tornando-se valorizado em comparação as demais áreas mais distantes dos centros urbanos e dos acessos de mobilidade.

Aliado ao processo de especulação imobiliária, a urbanização de áreas do subúrbio foi marcada pela exploração do espaço por empresas privadas, titulares de concessões públicas com a finalidade de realizarem arruamentos e loteamentos (o que não impedia de realizarem vendas e alugueis), produzindo de certa forma, após a realização do empreendimento urbano, "restos de construção", que na fala de Parisse (1969, p. 33), se consolida como uma das condições determinantes de formação da favela:

> Outra condição determinante: a existência de terrenos abandonados pela construção: morros, terrenos baixos, mangues, leito ou margens de rio inundáveis na periferia das áreas edificadas ou em terrenos baldios [...] as favelas se localizam, frequentemente, ao contato morro/bairro, ou terrenos baixos/bairro, com ou sem o assentimento do proprietário. [...] Dos dois fatores assinalados: o primeiro, econômico, o segundo, fundiário, se conjugam. O espaço utilizável para construção, levando as técnicas dos primeiros anos 40, se acha comprimido entre os morros, os brejos e o mar. Daí a valorização do terreno edificável, que só as classes abastadas permite construir, e também, as classes médias, no caso de condomínio. Uma das poucas soluções para as famílias de classe pobre, além do barraco de quintal ou do cortiço, é a favela [...] A favela se situa nas periferias e nas "entrelinhas" dos bairros. Não é para fugir da Cidade. Pelo Contrário: a favela representa uma tentativa de inserção das classes de recursos modestos na vida e nas atividades do Rio de Janeiro. A favela é parte integrante da Cidade à hora de seu desenvolvimento econômico, demográfico, cultural (PARISSE, 1969, p. 33-34).

As narrativas nos forneceram um suporte de compreensão acerca da consolidação da Favela da Barreira, que assumiu as fragmentações tão peculiares ao próprio processo de urbanização da cidade e do bairro.

Analisando todo o material de urbanização do bairro, podemos compreender que a consolidação da Favela da Barreira se mostrou o excedente da urbanização do bairro e do entorno. Analisando as estruturas que engendraram seu processo de habitação, é possível considerarmos a existência de núcleos identitário diversos, tanto desvelados na materialidade da urbe do espaço, quanto assimilado na distinção entre "partes" mais pobre e mais rica da favela.

A especulação imobiliária, ainda pode ser considerada um fator determinante dessas distinções, as quais tornam a favela um espaço heterogêneo, se compreendido em sua dimensão macro, e homogêneo se considerarmos as construções afetivas que organizam estrategicamente a favela.

3.2.2 A Micro Polis: o bairro de Rocha Miranda

> *"(...) Rocha Miranda teve sua construção pela união de pensamentos de pessoas simples que diante de uma realidade desfavorável resolveram pôr a "mão na massa" e aos poucos criaram as primeiras trilhas para habitar as áreas cobertas pelo manto verde da vegetação" (Jornal Zona Norte, pg. 08 – março 1992).*

Outras famílias, além dos Rocha Miranda marcaram o processo de urbanização do bairro, como a família Manoel Augusto Vasconcelos e de Maria Carolina Vasconcelos, que contribuíram com a formação do bairro de Rocha Miranda. A família Rocha Miranda adquiriu as terras abrindo aproximadamente 40 ruas (GERSON, 2015, p. 422).

No início da década de 20, as habitações do pitoresco lugarejo de Rocha Miranda passam a ser loteadas, recebendo o excedente de bairros vizinhos, ou membros da família daqueles que encontraram instalação no bairro.

Muitos fatores contribuíram para a ocupação crescente das terras e ruas de Rocha Miranda: a distribuição gratuita de alimentos que acontecia no Mercado de Madureira ao longo da Rua Conselheiro Galvão, estrada que liga Rocha Miranda a Madureira, por Turiaçu, de certa forma era um dos atrativos pelos quais pessoas de parcos recursos escolheram o bairro para morar.

Das narrativas que pudemos colher, emerge ainda a questão de imigrantes que vinham de outros países como Itália, Portugal, passavam por outros Estados como Espírito Santo e Minas Gerais, e chegavam até Rocha Miranda por indicação de conhecidos que chegaram primeiro e conseguiram moradia.

Por outro lado, as narrativas apontaram ainda um grande grupo de pessoas que vieram do Nordeste passando por Estados como São Paulo, buscando emprego e condições de moradia, sendo atraídos para espaços do bairro de Rocha Miranda, permanecendo, logrando êxito na empregabilidade e na moradia.

Além desses grupos, as narrativas apontaram grupos que retornavam da Primeira e Segunda Guerra Mundial (1914-1918), combatentes com suas famílias, tornando-se crescente a escolha no então lugarejo de Rocha Miranda, delineando-se rapidamente como espaço de bairro com seus casebres e moradias precárias.

A ocupação da Favela da Barreira se deu nesse entremeio, de pessoas que vinham de outros países, ou de outros Estados brasileiros, e ex-combatentes, ou de pessoas que não suportavam economicamente residirem no centro do bairro, buscando nos espaços periféricos do próprio bairro melhores condições de moradia, no sentido econômico, o que não

correspondia necessariamente com condições salubres de moradia. O crescimento ocupacional do bairro, forçou a chegada de alguns serviços públicos, como saúde e educação.

Figura 16 – Mercado de Madureira (1918) distribuição de alimentos

Fonte: Acervo de Madureira (Ontem e Hoje) arquivos de bairro Prefeitura

O serviço de saúde, chega na década de 30, quando o bairro recebeu seu primeiro nosocômio, fundado na antiga Estrada do Areal (atual Avenida dos Italianos, nº. 480) com o lançamento da pedra fundamental em 16 de setembro de 1934 resultando no Dispensário Clínico do Sapê, primeiro nome conferido ao hospital, assumido pela administração municipal em 28.06.1937, (re) inaugurado como Dispensário Rocha Miranda em 10 de setembro (1938).

No entanto, em decorrência de inúmeros pedidos de moradores, o Dispensário recebeu novo nome (1946), assim em 27 de agosto foi (re)designado Dispensário Carmela Dutra, em homenagem a esposa de Gaspar Dutra, envolvida com causas sociais, protagonizando o atendimento de pronto socorro (1958-1963), com o aumento da demanda revelando o crescimento da população local, emergindo a necessidade de re adequação tanto do hospital como dos serviços.

Apenas na década de 80, quase vinte anos depois, houve uma tentativa de readequação dos serviços, ensejando a (re)inauguração do Hospital Municipal Carmela Dutra, funcionando com serviço de Pronto Socorro 24 horas e ambulatório de clínicas básicas, atendendo as demandas clinicas de baixa complexidade da região.

O hospital era então responsável pelo cuidado e atenção a toda população crescente do bairro, sem ofertas de especialidades73 como ginecologia por exemplo, o que na ocasião da reforma, sessenta anos mais tarde (1995), foi considerado um fator relevante, tendo em vista o

73 Em 1995, o Exmo. Sr. Prefeito César Maia e a equipe do Secretário de Saúde,o Ilmo. Sr. Dr.Ronaldo Gazolla, realizaram estudo técnico para definir perfil da Unidade, baseado na sua estrutura física, na relação geográfica e logística com outras unidades municipais além da demanda local.

crescimento significativo da população feminina, e o atendimento a pacientes portadores de HIV[74] (1996).

A reforma do hospital considerou a pesquisa com a população, segundo relatos do diretor do hospital à época Wilson Guedes[75], que percebeu a necessidade da implantação e oferta do serviço de saúde de ginecologia, dado o grande número de mulheres residentes no bairro e atendidas pelo hospital:

> [...] após um detalhado levantamento epidemiológico e inúmeras discussões nos conselhos distritais, que reúnem lideres das mais diversas representações da comunidade, pode-se observar as necessidades do local e que o hospital precisaria oferecer para preenche-las. O serviço de ginecologia não estava programado para o Carmela Dutra, mas as pesquisas realizadas mostraram que há um grande número de mulheres que moram na região o que tornou necessária a implantação do atendimento aqui também."

Figura 17 – CMS Carmela Dutra

Fonte: Acervo Próprio

É possível perceber que, com a reinauguração do hospital (1997), que a reforma resultou na ampliação estrutural e profissional. A área física passou de 1.100m2 para 2.000m2, contando com a construção do segundo patamar, considerado unidade de saúde para atendimento de média complexidade conjugando clinica básica e o pronto atendimento. Atualmente integra os quadros da policlínica da família atendendo aos moradores da Favela da Barreira, mantendo uma UPA – Unidade de Pronto Atendimento (2012) do bairro no largo situado na Estrada do Barro Vermelho.

Dessa forma, pode-se dizer que o bairro de Rocha Miranda conta com duas unidades de saúde, o hospital Carmela Dutra atualmente policlínica da família e uma UPA – Unidade

74 Jornal Zona Norte (publicação mensal), Setembro/1996 pg. 05. Acervo XV R.A.
75 Acervo XV Região Administrativa. Clipping noticias publicadas de Rocha Miranda ano 1996.

de Pronto Atendimento, funcionando na Estrada do Barro Vermelho, atendendo os moradores do bairro.

Figura 18 – Unidade de Pronto Atendimento Rocha Miranda - UPA

Fonte: Acervo Próprio

A década de 50 foi marcante para o bairro de Rocha Miranda, época de inauguração da Igreja de Santa Bárbara (1957) em 30 de setembro, situada na Rua dos Topázios, no número 471. A construção da igreja foi fruto de campanhas iniciadas no mês de maio (1956) como demonstra o certificado abaixo, consistia na arrecadação de contribuições por moradores para viabilizar a construção do templo.

Figura 19 – Certificado Campanha Construção Igreja Sta. Bárbara

Campanha prá Construção
DA
IGREJA DE SANTA BÁRBARA EM ROCHA MIRANDA
A Sr
Foi conferido o título de
na campanha iniciada no mês de Maio de 1956
Distrito Federal, em
PRESIDENTE
SECRETÁRIO
TESOUREIRO

Fonte: Acervo Dig. Igreja de Santa Bárbara Rocha Miranda

A igreja trouxe grandes contribuições para o bairro, incluindo o projeto de educação salesiana, que inaugura posteriormente o Colégio Saleziano, ao lado da igreja. A igreja Santa Bárbara de Rocha Miranda pertencente à congregação dos Salesianos, destacando-se em

virtude de sua arquitetura incomum, projeto do arquiteto mineiro Carlos Alberto Naves, um templo com triplos triângulos formados por gigantes vitrais.

A inspiração arquitetônica pode ter duas versões, um sonho de Dom Bosco ou uma passagem bíblica, talvez ambos tenham contribuído para arte da construção. A história contida no acervo da igreja[76] relata o sonho de Dom Bosco, que cuidava de crianças carentes. Ele sonhou com uma pequena igreja de formato triangular que não tinha espaço suficiente para abrigar crianças. No mesmo sonho ele viu outras de tamanho médio e grande. Por isso foi construída uma única igreja com três triângulos interligados.

A outra versão que justifica a idealização arquitetônica da igreja consiste na passagem bíblica, na qual Jesus Cristo junto dos apóstolos Pedro, Tiago e João, vê um monte alto se transfigurar à sua frente. Com a chegada dos profetas Elias e Moisés, o apóstolo Pedro se dispõe a construir três tendas triangulares para abrigar Jesus, Moisés e Elias.

A arquitetura da igreja de fato é no mínimo surpreendente. Na parte frontal, o mosaico em forma de um triângulo equilátero de 15 metros de altura, reproduz a execução de Santa Bárbara, morta pelo próprio pai que é atingido na cabeça por um raio[77], logo após degolar a filha.

Ao fundo, outra obra com 18 metros de base por 25 metros de altura, representa Nossa Senhora Auxiliadora, protetora dos salesianos e de Dom Bosco, separando cada tenda da construção, mais vitrais de 80 centímetros de largura e 25 metros de comprimento, representando uma referência para os moradores e para o bairro, principalmente se considerarmos os trabalhos das pastorais, ressaltamos a Pastoral das Favelas, que contribui com as comunidades mais carentes do bairro.

O acervo digital, do banco de cultura[78] da igreja foi idealizado e construído por atuantes das pastorais e devotos de Santa Bárbara de Rocha Miranda que publicaram a seguinte poesia:

---

76 Jornal O Globo, Zona Norte entrevista com Abiese Calil, um dos fundadores. Publicado 12.12.96 p.10.

77 é possível compreendermos o sincretismo de Santa Bárbara, com Iansã Deusa dos raios e guerreira na mitologia africana, e a devoção dos moradores com a Santa Bárbara, sendo considerada padroeira de Rocha Miranda, junto com São Jorge que embora não se verifique igreja próxima, é adorado por alguns moradores, principalmente na Favela da Barreira, como a figura do Soldado Guerreiro, como verificamos nas imagens do santo forjada nas paredes, na utilização do vestuário (blusas com estampa do santo), de enfeites, como anel de aço, medalhas do santo, e até tatuagens, geralmente utilizada pelos homens.

78 http://www.overmundo.com.br/banco/santa-barbara-de-rocha-miranda consultado em 03.02.2017. A publicação do site, e das obras Pretende exaltar a Comunidade de Santa Bárbara em Rocha Miranda. Ao Jovem Alfredo com as Turmas das Pastorais, que com seu exemplo de Fé e dedicação, enfrentam as questões do dia a dia, meditando e construindo a superação, com as respostas conseguidas com a Graça de Deus Pai, do Filho e do Espírito Santo., da Mãe de Deus e da Santa Bárbara Padroeira. Ao Padre José Maurício pela sua Dedicação a Juventude e ao Esporte. Ao Edgar Grande Jogador do Time Dom Bosco de Futebol de Campo que veio a ser o maior Jogador deste Esporte que Rocha Miranda já teve, Ao Padre Jair Administrador. E, aos Fundadores da

SANTA BÁRBARA DE ROCHA MIRANDA

Representa a cada Mulher, de todos os nomes de Maria.
Dignidade é que ela nos quer, nos manda luz a cada dia.
Ela Trabalha a nossa união, pro bem a todos ela anima.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

Ela constrói o sentimento, não deixa a gente se perder.
Ela ilumina todo tempo, nosso caminho e nosso dever.
Nos faz entrar na comunhão, com a sua aura celestina.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

Nos manda luz pra refletir, pra construir nosso salvar.
Nos amparando pra não cair, ir em frente no caminhar.
Nos faz amar o nosso irmão, com ela não se desatina.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

Faz o comportamento mudar, sua luz é de concórdia.
Pra ninguém se extraviar, e todos terem misericórdia.
A Luz da nossa sagração, em cada casa e cada esquina.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

Ela é o exemplo do amor, é a energia em plenitude.
É a Luz do Trabalhador, de criança, velho e juventude.
Alivia a morte e a traição, e supera tudo que amofina.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

Ela prepara a maternidade, tudo no seu tempo certo.
Sua benção é fecundidade, o tempo todo está por perto.
Prepara cada restauração, nos esclarece e nos ensina.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.
Ela abrange tempo e o espaço, imensa a acompanhar.
Precisa qual régua e compasso, pra cada coisa no lugar.
É a Guerreira da Salvação, tão poderosa Santa Menina.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

Ela atende o que a gente quer, a sua graça é verdadeira.
Abençoou a Bárbara Mulher, que se torna Mãe Guerreira.
É nossa esperança na oração, merece Poesia e Ciranda.
É Simplicidade e Imensidão, Santa Bárbara é Divina.

(Azuir Filho[79] e Turmas: do Social da Unicamp, de Amigos de Rocha Miranda RJ e Mosqueiro Belém PA.)

Igreja de Santa Bárbara, incomparável Bem Religioso, Cultural de Amor e Humanidade, e lembrar o costume incorporado por cada Mulher da Comunidade, que na Família é Mãe, Irmã , Tia ou Avó, inspiradas por Santa Bárbara, e como fazia Maria, intercedem antes pros problemas não agravarem e com amor resolver tudo a contento.

79 Fonte: http://www.overmundo.com.br/banco/santa-barbara-de-rocha-miranda consultado em 03.02.2017

Figura 20 – Igreja de Santa Bárbara (visão externa)

Acervo próprio

Segundo nossas pesquisas, e as contribuições dos colaboradores algumas narrativas revelaram que as pastorais locais têm prestado ao longo das décadas contribuições das mais diversas ao bairro e a sociedade, trazendo propostas de inclusão esportiva, cultural e litúrgica aos membros da paróquia e para a comunidade do bairro como todo, como demonstrado pelo colaborador Barbosa, que também já foi coroinha (assistente de padre) nas missas da igreja local.

Figura 21 – Igreja de Santa Bárbara (visão interna)

Fonte: Acervo Próprio

A festa em homenagem a Santa Bárbara é comemorada sempre no dia 04 de dezembro, mas dada a grandiosidade das comemorações, a rua é enfeitada uma semana antes do evento, prolongando os festejos, que contam com diversas barraquinhas para venda de souvenires, doces, salgados, entretenimentos como pescarias, prendas, e venda de lembranças de Santa Bárbara, acompanhadas de missas realizadas em intervalos menores durante todo o

período de festejos, com procissão da imagem da Santa pelo bairro, festa tradicional e bem frequentada por moradores e devotos.

A Igreja de Santa Bárbara atua pragmaticamente na socialização do espaço de Rocha Miranda, consolidando bases de educação, evangelização e assistência social a juventude, por meio da Inspetoria São João Bosco (ISJB, 1947), sociedade civil sem fins lucrativos, voltada para assistência social, beneficente e de caráter educativo-cultural. A figura do Colégio Salesiano, inaugurado após a catedral de Santa Bárbara, demonstra como a década de 50 foi um marco social e urbano para o bairro.

A inauguração, ainda na década de 50, do Cinema do bairro, Cine Guaraci (1953-1989), foi mais uma contribuição da família Rocha Miranda ao bairro, com espaço para 1.300 pessoas e um mezanino. O interior, ornamentado com mármore Carrara importado, corrimão de bronze, cortinas de veludo vermelho, adornado ainda com colunas gregas, o espaço foi o primeiro e talvez o único que o bairro tenha conhecido ao longo das décadas.

Espaço de cultura e entretenimento na época, o cinema revelou-se o projeto sofisticado, que atendia não só aos moradores de Rocha Miranda, como das imediações como Coelho Neto, Pavuna São João de Meriti e Honório Gurgel, sendo a opção mais próxima, do que as salas ofertadas no bairro de Madureira (Madureira 1, 2 e 3 e o Art Madureira 1 e 2), menos sofisticadas do que as instalações do Cine Guaraci, muitos dos colaboradores lembraram saudosos dos cinemas de bairro.

Figura 22 – Cine Guaraci - Rocha Miranda

Fonte: Jornal O Globo. 27.06.1993 pg. 06

A idealização de um cinema de bairro moderno, dentro dos padrões da época na década de 50, concebido pelo arquiteto Alcides Rocha Miranda (1909-2001)[80], de fato

80 Arquiteto, pintor, desenhista, professor, pesquisador e conservador do patrimônio, inscreve-se na Escola Nacional de Belas Artes (1925), se forma em arquitetura em 1932. Investe na carreira de pintor junto a Candido Portinari com quem tem aulas no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal (1935-1937) com Guignard e André Lhote, Os anos 1930 e o início dos anos 1940 são ainda um período de formação, em que se

impactou a comunidade, que recebeu muitos homens de vários lugares para garantir a força da obra e construção do cinema. A inauguração do cinema de Rocha Miranda, impactou a comunidade, muitos tinham familiares que participaram da obra de construção do cinema, expressando orgulho ao ter a chance na época de ver alguns filmes. Se a entrega da obra aos moradores de Rocha Miranda foi objeto de orgulho, o fechamento e abandono do cinema refletiram na carência de entretenimentos culturais inexistentes no bairro até os dias atuais.

A característica de auto-organização mais uma vez emerge nos movimentos de defesa e apoio a construção do centro cultural, no espaço que atualmente se encontra o cine Guaraci, movimentos que uniram a população de Rocha Miranda, em marcha na defesa do espaço, com participação de diversos moradores inclusive dos assentamentos de baixa renda, que se uniram na caminhada pelo cinema em 06 de novembro (2011)[81], unindo vários grupos, inclusive profissionais da saúde, denotando uma auto articulação na defesa do espaço cultural.

O fim da década de 80 e início de 90 não marcou apenas a globalização da economia, mas refletiu nos cinemas bairristas, que sucumbiram aos circuitos maiores de cinema, como ocorreu com o Guaraci, sucumbindo às salas de Madureira, que posteriormente sucumbiram aos shoppings de bairros, como no caso da implantação do Shopping de Madureira, nos limites de Rocha Miranda.

As antigas salas dos cinemas de Madureira deram lugar ao ambiente repleto de lojas, do então recém-construído Madureira Shopping Rio (1989) considerado um dos primeiros centros comerciais da zona norte, as salas de cinema dividiam espaço com a praça de alimentação, acabando de vez com as pequenas salas cinematográficas tradicionais de Madureira.

As inovações e consórcios nos grupos para exibição de filmes, no entanto, levaram as "novas salas" da década de 90 ao fechamento para reforma (2010). Dessa forma, o cinema é (re) inaugurado, junto com as demais dependências novas do shopping, permanecendo fechado ao público por mais três anos (2013). No primeiro mês de funcionamento (jun/2013),

---

dedica principalmente à pintura. Por isso, suas obras de destaque são *Moça em Dia de Chuva (*1930), *Camponeses e Fazendeiro(*1938), e *Tiradentes (*1942), as primeiras realizadas sob inspiração de Candido Portinari e a última inspirada em Guignard. Entre as décadas de 1940 e 1980, desenvolve projetos com o escultor italiano Lélio Landucci e outros arquitetos, quando seu trabalho ganha corpo. Na *Fundação Universitária José Bonifácio (*1981), no Rio de Janeiro, ele investe na adaptação do antigo Hospício Pedro II, inserindo equipamentos de infraestrutura modernos, como o sistema de ar condicionado, e uma construção de estrutura metálica, destacada da antiga, que com divisórias baixas abrigam o novo programa, garantindo a leitura do espaço original e seu sistema construtivo, revelado como no projeto anterior. Fonte: enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22229/alcides-da-rocha-miranda acessado em 20.02.2017.

81 Marcha Movimento cultural pro-cine Guaraci no entorno de Rocha Miranda. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=hyvhrmtYtRU acessado em 20.02.2017.

registrou o a presença de 50 mil pessoas, conforme revelou nota do Jornal O Globo[82] publicado em 27.07.2013.

Atualmente o cinema do Madureira Shopping, representado pelo consórcio Kinoplex, totaliza 5 (cinco) salas, sendo 3 (três) salas construídas para exibição de películas 3D e uma sala Kino Evolution, oferecendo alta tecnologia em som e imagem.

O que restou do Cine Guaraci, um prédio precário que abriga as lembranças do que um dia representou a suntuosa obra, atualmente abandonada, sendo objeto de luta de associações de proteção ao patrimônio cultural[83] de Rocha Miranda (APPCRM), marcado na memória e na vida de moradores que frequentaram o cinema, como publicado no relato de moradores, antes frequentadores do cine Guaraci:

> O Cine Guaraci, tradicional cinema de Rocha Miranda, construído na década de 50, foi tombado por lei em setembro de 2003. Mas a prefeitura, através de um projeto de lei tornou sem efeito o ato de tombamento do imóvel em que está localizado o Cinema Guaraci (Cine Guaraci). Assim, promovido o destombamento fica permitida a exploração comercial de espaços internos do imóvel. O imóvel, que fica na Rua Topázio, n° 56, foi adquirido por um banco que, descaracterizou o interior. Depois de uma mobilização de alguns moradores, o banco desistiu de continuar a obra. O que temos hoje é um espaço fechado, mas que está todo destruído, conta Edil de Oliveira Filho, morador do bairro desde que nasceu. Aos 48 anos, ele lembra o primeiro filme que assistiu, que foi no Cine Guaraci. Estava passando O Pequeno Polegar. Era um lugar movimentado, porque o cinema era o ponto de encontro da galera. Depois das sessões, eu ia no japonês comer pastel com caldo de cana. A decadência do cinema começou em meados dos anos 70. Época que coincide com a construção de cinemas maiores em Madureira, bairro vizinho a Rocha Miranda. O cinema começou a perder público, relembra Edil. Nos anos 80, o cinema teve que fechar definitivamente as portas. O espaço ficou abandonado por muito tempo, mas os moradores sempre tiveram o desejo de transformar o lugar em um espaço cultural. Com o objetivo de promover acesso à cultura para a população e principalmente aos jovens de várias comunidades de baixa renda das adjacências, os moradores vão fazer uma ação cultural no dia 18 de julho articulada com diversos seguimentos e grupos culturais do Rio. Rocha Miranda é um bairro totalmente carente de ações culturais. São apenas dois clubes que, de vez em quando, promovem shows de música. (APPCRM)

A compreensão da carência de um espaço de entretenimento como um centro cultural, é objeto de luta de algumas décadas para o bairro e seus moradores, a perda do espaço é entendida como a perda da própria referência bairrista:

---

82 http://oglobo.globo.com/rio/bairros/cinema-em-madureira-recebe-50-mil-em-um-mes-9170941 acessado em 12.12.2016

83 Fonte: http://cineguaraci.blogspot.com.br/ Acessado em 09.12.2016

> Para Antônio Carlos Teixeira, nascido e criado em Rocha Miranda, seria um desperdício que o cinema fosse reaberto apenas para esse fim. Nós queremos um espaço para lazer e cultura no subúrbio. Com o centro cultural é possível ter cursos e debates. Pela educação e pela cultura é possível termos uma transformação [...] O cinema tem mais de meio século. A memória dele tem a ver com a história de cada morador. Quando locais como esse fecham, a gente acaba perdendo a referência. Além dos benefícios que a reabertura do cinema traz para os moradores, o comércio da região também deve valorizar. Para o comércio é interessante, porque com o centro cultural mais pessoas vão circular, completa Antônio. Antônio acredita que é preciso descentralizar a cultura na cidade do Rio. A gente encontra boas opções no Centro e na Zona Sul. Nós precisamos nos deslocar até Madureira para encontrar lazer. (APPCRM)

Vários movimentos e atividade de organização civil foram engendrados, incluindo a criação da Associação dos Amigos do Centro Cultural Cine Guaraci (2000), formalmente registrada como Centro Cultural Cine Guaraci, voltada a artes, cultura, esporte e recreação, localizada à Rua dos Topázios, número 12, uma das que mais batalham para que o espaço do cine Guaraci possa ser convertido no Centro Cultural, tão almejado pelos militantes.

A educação, por sua vez chegou aos poucos e de forma modesta no bairro, considerando o Decreto 7.763 de 23 de dezembro de 1909, criando a escola de Aprendizes Artífices, e a área rural até então de Rocha Miranda explorada pelas fazendas locais, foi consolidada apenas no ano de 1936 com a inauguração da Escola Pará.

A primeira escola que chega a Rocha Miranda é o Externato São Sebastião[84] (1935), resultado dos trabalhos de alfabetização realizados em casa pela então professora Amélia Medeiros dos Santos Paula, que mantinha na sala de sua casa aulas de alfabetização para crianças, inaugurando o externato face ao número crescente de crianças a necessitar de alfabetização, estabelecimento de ensino que se mantém até os dias atuais.

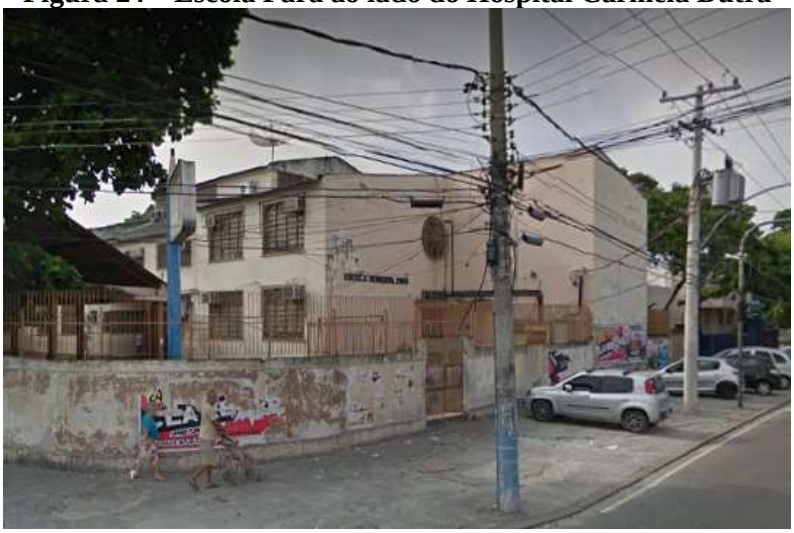
Figura 23 – Colégio São Sebastião Rocha Miranda

Fonte: Acervo próprio

84 http://www.colegiosaosebastiao.com.br/quemsomos.html acessado em 28.02.2017

Assim, as escolas públicas foram construídas gradativamente, entre as décadas de 30 e 80, sendo certo que a primeira escola pública a chegar a Rocha Miranda foi a atual Escola Estadual Pará (1936), oferecendo educação de primeiro grau e ensino fundamental, dividindo espaço com Município, funcionando como escola Municipal durante o dia e a noite como Estadual.

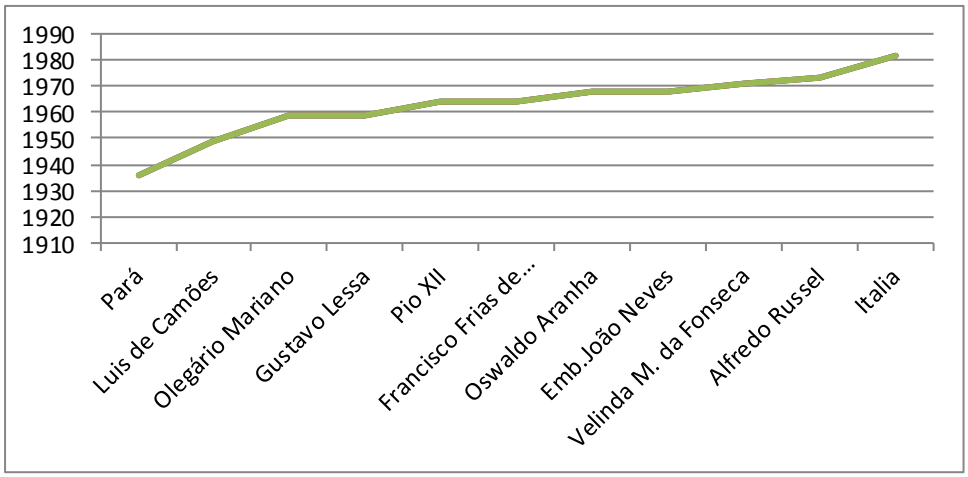
Figura 24 – Escola Pará ao lado do Hospital Carmela Dutra



Fonte: acervo próprio

A partir de então, é inaugurada uma escola pública a cada década, exceto na década de 60, onde se pode verificar a inauguração crescente de escolas no bairro: Luis de Camões (Agosto/1949), Olegário Mariano (08/09/1959), Gustavo Lessa (14/03/1962), Pio XII (07.12.1964), Francisco Frias de Mesquita (18/06/1964), Embaixador João Neves da Fontoura (02.04.1968), Oswaldo Aranha (09/12/1968), Velinda Maurício da Fonseca (12.02.1971), Alfredo Russel (28.03.1973) e Itália (09.03.1982), sendo essa a última escola inaugurada no bairro.

Tabela 4 - Gráfico Demonstrativo das Escolas Públicas em Rocha Miranda



A dinâmica de autoconstrução da comunidade[85], engendrada pela reunião que mais tarde formaram associações de moradores, permeou ações de famílias abastadas que se uniram a outras para abrir estradas, ruas, construir pontes, criar comércios na região, como as forjas de olarias, o que incentivou a vinda de outras famílias para o bairro e a ocupação do mesmo.

De certa forma, a urbanização de Rocha Miranda contou com dois lados, separados pela linha férrea. Um dos lados, considerado baixo sapê, faz limites com Bento Ribeiro e Marechal Hermes, sendo lá, localizado o 9º Batalhão de Polícia Militar, sendo área preponderantemente residencial, ficando o outro lado da linha férrea, confrontando com a Conselheiro Galvão, Honório Gurgel e Coelho Neto, sendo considerado lado mais comercial, pela preponderância de escolas, mercados e comércios.

No levantamento realizado pelo IBGE (2010) o bairro de Rocha Miranda conta com uma população de 44.188 habitantes, onde a população masculina representa 20.318, e a feminina 23.870, o que significa, em níveis de percentuais, 54,02% de mulheres e 45,98% de homens. O Índice de Desenvolvimento Social (IDS), classificado por Região Administrativa, coloca Rocha Miranda, segundo PortalGeorio[86], em 102º lugar no ranking dos demais bairros do Rio de Janeiro, enquanto Irajá apresenta-se com o 11º lugar, Madureira em 17º, Coelho Neto com 103º, Honório Gurgel em 108º, e Turiaçu em 109º, bairros que mesclam seus limites com Rocha Miranda.

Até os dias atuais, o limite do bairro de Rocha Miranda se encontra mesclado nas ruas nas áreas do Barro Vermelho, de Turiaçu – parte da Estrada do Otaviano pertence ao bairro de Rocha Miranda – de Honório Gurgel - a estrada Areal (atual Avenida dos Italianos), ainda conduz o caminho até o bairro de Coelho Neto, percurso adotado pelos moradores que o Decreto legislativo não conseguiu delimitar.

A denominação do bairro de Rocha Miranda, emerge com a publicação do Decreto 3158 de 23 de julho de 1981, determinando o nome, limites dos bairros e indicando áreas programáticas e suas respectivas Regiões Administrativas, mas foi de fato o Decreto nº. 5280 de 23 de agosto de 1985 que modificou a delimitação das Regiões Administrativas do Decreto 3158 de 23.07.81, regulamentando o parcelamento da terra aprovado pelo Decreto "E" nº. 3800 de 20.04.70, incidindo no Regulamento de Zoneamento aprovado pelo Decreto 322 de 03/03/76, provocando a ampliação da extensão territorial anteriormente estabelecida.

---

85 Jornal Gazeta de Turiaçu, pg. 02, Junho/1996. Acervo da Associação de Moradores
86 Fonte: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2394_%C3%8Dndice%20de%20 Desenvolvimento%20Social_IDS.pdf consultada em 10.05.2017

Esse caminho encontra cruzamento com a Rua Ururaí na altura da Vila Santa Teresa (interseção que pertence aos bairros de Honório Gurgel e Rocha Miranda), terminando na Fazenda Botafogo, já em Coelho Neto. Com a construção do viaduto do Sapê, ligando a Avenida dos Italianos (antiga Estrada do Areal) a Estrada do Portela, denominado viaduto Monsenhor Carlos Pereira Dias[87] ofertou rota alternativa ligando os bairros de Madureira e Rocha Miranda[88]:

> Em Rocha Miranda, ficava o entroncamento das antigas estradas do Sapê, do Barro Vermelho e do Areal (atual avenida dos Italianos), que faziam a ligação com Pavuna e Irajá. Moderno viaduto foi construído sobre a Linha Auxiliar, facilitando a ligação com Madureira, entre a avenida dos Italianos e a estrada do Portela, Viaduto Monsenhor Carlos Ferreira Dias.

O nome do viaduto foi resultado da manifestação dos moradores do bairro de Turiaçu, embora houvesse movimentos dos representantes de Rocha Miranda e Madureira, prevalecendo sugestão da comunidade de Turiaçu, Monsenhor Carlos Ferreira Dias, em homenagem a trajetória do clérigo na Paróquia de Santa Rita, situada na Estrada do Otaviano, em Turiaçu, homenagem[89] aprovada por Lei nº. 1747 promulgada em 12 de agosto de 1991.

Figura 25 – Viaduto de Rocha Miranda em construção (1990)

Fonte: XV R.A Acervo do Bairro

87 Inaugurado na década de 90 - Aviso 442 CAP/GM de 15.07.1987 - Ofício do Ministro dos Transportes comunicando a autorização para construção do Viaduto ratificando que o governo federal arcaria com 50% do custo total da obra.

88 Portal Georio. acessado em 01.01.2017 Fonte:http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=086

89 Fonte: acervo digital Câmara Legislativa do Rio de Janeiro. http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/8816e6557e1e1cbe03257960005fdc92/67d7e05c9b9f8729032576ac00738b6b?OpenDocument

A urbanização da Praça Oito de Maio, em frente a então estação férrea, com o obelisco pelo então prefeito Henrique Dosworth (1945), homenageando os combatentes e a rendição da segunda guerra mundial, ainda é marco para o bairro, que teve novamente a praça revitalizada por ocasião do projeto Rio Cidade (2001).

As obras do Projeto Rio Cidade trouxeram a Rocha Miranda uma amostra do poderia ser o serviço público chegando ao bairro, resultando na implantação e revitalização de 340m de rede de drenagem, 320 m de rede de esgoto, 860m de energia elétrica, pavimentação de calçadas e asfaltos, 43 postes de iluminação pública, 7 bancos de jardim, 12 telefones, 68 árvores, 1 abrigo de ônibus e 10 semáforos. As obras não alcançaram as comunidades mais carentes, abrangendo apenas limites iniciais da Rua dos Diamantes (após o rio das pedras, na ponte), e na praça Oito de Maio.

Figura 26 – Praça Oito de Maio Revitalizada

Fonte: Acervo NEPP

Analisando o processo de urbanização do bairro de Rocha Miranda, levando em consideração ainda arquivos públicos de jornais antigos[90], é possível concluir que, até a década de 70, o projeto de urbanização do bairro encontrou no crescimento desordenado que assolava a cidade, o escoamento para a região de Rocha Miranda, reservando outro destino ao lugarejo, o legado de *um bairro inacabado:*

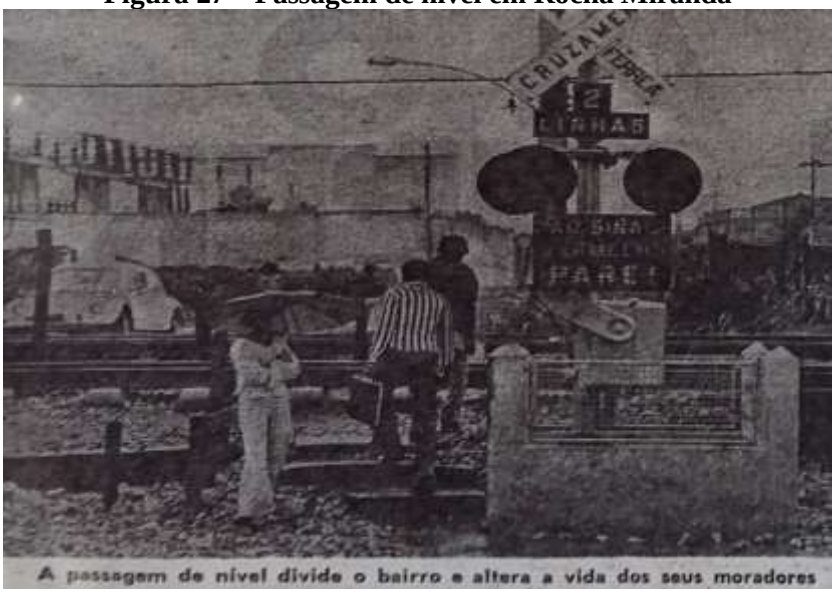
> O crescimento da cidade que se fez desordenadamente rumo àquela região, reservou ao bairro de Rocha Miranda outro destino. Com problemas que iam da falta de escolas de 2º grau à precariedade do sistema de proteção policial, a inexistência de uma rede eficiente de galerias pluviais faz com que os rios Sanatório e das Pedras que

90 Acervo de recortes de jornais da XV Região Administrativa de Madureira

> cortam o bairro se torne uma ameaça contra qual os moradores tentam se defender há duas décadas [...] (Jornal O Globo, *Um bairro de 59 anos inacabado.* 21.11.1975 pg. 08).

Podemos perceber que a dificuldade de urbanização do bairro que por vezes dividia espacialmente os acessos, como no caso da passagem de nível, precarizava o espaço, como no caso das galerias de águas pluviais (1934) inadequadas, com severas dificuldades de escoar as águas da chuva, causando o consequente alagamento das ruas e casas, realidade vivenciada além dos muros da favela até os dias atuais.

Figura 27 – Passagem de nível em Rocha Miranda



Fonte: Jornal O Globo 21.11.1975 pg. 08

A simbiose entre os bairros contíguos vem acontecendo gradativamente. Com a inauguração do Parque de Madureira inaugurado em 2012, teve sua expansão inaugurada em fevereiro 2017 marcada pela "praia de Rocha Miranda", balneário artificial formado por 5 cascatas, o projeto de expansão que o conduziu até o bairro de Rocha Miranda, unifica o espaço de lazer conjugando os bairros, (re) designando entre os populares a área que liga a Estrada do Portela a Rocha Miranda, como "Baixo Madureira".

Figura 28 – Parque de Madureira na altura de Rocha Miranda

Fonte: acervo próprio

Figura 29 – Parque Madureira altura de Honório Gurgel

Fonte: acervo próprio

A extensão do parque de Madureira ligou os bairros de Honório Gurgel – a custa da demolição de barracos da comunidade da Palmeirinha - e Rocha Miranda a Madureira, no amálgama de um único espaço, gerido pelo próprio Parque de Madureira mesclando os espaços físicos e identitário dos bairros.

O bairro de Rocha Miranda, se constitui quase que na mesma dinâmica da cidade do Rio de Janeiro, a partir dos loteamentos e da especulação imobiliária, o que provoca demandas de moradias precárias nas artérias e periferias do próprio bairro, as quais não apresentavam valor econômico, por serem áreas que abrigavam brejos, charcos, ou espaços de aclive, representando pouco valor no mercado imobiliário.

Para àqueles que necessitavam de moradia, os espaços depreciados pelo mercado, tornaram-se próprios para a construção dos barracos, e posteriormente das alvenarias que atualmente compõe o grupo de favelas no interior dos bairros de Rocha Miranda e Honório Gurgel.

A compreensão que alcançamos leva-nos a crer que o centro do bairro de Rocha Miranda funciona estruturalmente como *micro polis*, que abriga espaços ditos vulneráveis ou subalternos, replicando as relações entre a cidade e o subúrbio pelo próprio bairro periférico. Assim sendo, se o bairro de Rocha Miranda, com relação a cidade do Rio de Janeiro, encontra-se numa posição geograficamente falando, periférica, as favelas do entorno de Rocha Miranda serão consideradas pelo bairro como espaços periféricos, à margem de seus muros.

Essa fenomenologia cria uma dinâmica subalterna tanto dos espaços da favela, como para seus habitantes, gerando uma disfunção entre o bairro e as favelas nele inseridas, produzindo uma ideologia de habitat marginal, fazendo com que certas políticas destinadas ao bairro não alcancem os espaços dos assentamentos de baixa renda das favelas, provocando um ciclo de segregação espacial e social.

O projeto Rio Cidade (1995-2000) chegou apenas nas áreas centrais do bairro, privilegiando o centro comercial e social do bairro, dialogando com a proposta inicial do projeto: a intervenção urbana inspirada no modelo da década de 90, propugnando o retorno do urbanismo as ruas.

Preconizado no Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, idealizado na gestão do governo César Maia (1993-1996), abrangendo mais de 15 áreas na fase II do Rio Cidade, com ações pontuais em áreas proeminentemente comerciais dos bairros atendidos, tomando corpo para Rocha Miranda apenas por ocasião do mandato do prefeito Conde (1997-2000).
A marca do projeto consistia no slogan no resgate da cidadania e devolução dos espaços públicos a quem de direito.

De uma maneira paradoxal, o núcleo do projeto consistia em alianças empresariais, convocando o setor privado a participação na gestão pública, o que provocou o efeito reverso, ao invés de inclusão social, proporcionou a exclusão social e espacial das áreas não atendidas dos bairros que recebeu o projeto, como no caso de Rocha Miranda.

Dessa forma, a Praça Oito de Maio foi revitalizada, assim como parte da rua principal (Rua dos Diamantes), mas o entorno não recebeu qualquer benefício, nem mesmo as favelas, segregando e fragmentando o bairro internamente com relação as populações consideradas vulneráveis.

Da mesma forma, o projeto Bairro Maravilha[91] (2014-2015), beneficiou apenas ruas fora das favelas, com pavimentações precárias e instalação de tubulações para escoamento de águas pluviais ineficientes, pavimentação de ruas as quais tinham ligação com eixos principais do bairro, estando longe de atender a demanda real dos espaços quiçá a urbanização que espaços carentes como a favela necessita.

As microrregiões do bairro que foram marcadas por décadas pela precarização sanitária e espacial, tornaram-se mais precárias frente às reformas de espaços do bairro em detrimento de outros pontos tidos como comerciais ou considerados de maior relevância, vitrines da porta de entrada do bairro, deixando como legado favelas do entorno e no interior do bairro de Rocha Miranda.

---

91 Publicado - Captacao - Diario Oficial do Municipio do Rio de Janeiro em 27/05/2014 Secretaria Municipal de Obras e Servicos Publicos - Rio de Janeiro CONCORRENCIA - 13/2014. Data de Abertura: 01/07/2014 Hora da Abertura: 11:00 Objeto: Bairro maravilha Norte - revitalizacao com obras de pavimentacao e drenagem na rua taquarichim e outras no Bairro de rocha miranda, na area da o/subop/cgo/2a go - xv - ar - ap - 3.3 Valor Estimado 5.294.399,78

3.2.3 O legado da urbanização de Rocha Miranda: as favelas do bairro

O levantamento realizado no armazém de dados[92], nos conduz a existência de oito favelas: Caminho da Reta, Cônego Boucher, Faz quem quer, Jorge Turco, Palmeirinha, Parque Bela Vista, Vila Operária Diamantes, e a Favela da Barreira conhecida como Morro da Barreira por conta de sua encosta de barro, embora seja espacialmente fincada em solo plano.

As proximidades dos bairros do entorno, como Coelho Neto, Turiaçu, Honório Gurgel, compartilham das mesmas favelas que o bairro de Rocha Miranda, por exemplo, quando se fala do Morro da Barreira, nossa comunidade de estudo, compreende-se a extensão da mesma, mantendo entradas e saídas para os bairros de Honório Gurgel e Rocha Miranda.

O mesmo caso, quando se trata da favela Conego Boucher, conhecida como Rua A, tem entrada pela Rua dos Diamantes (Rocha Miranda) terminando em frente a estação ferroviária de Honório Gurgel. Daí ser considerado pelo Armazém de dados, como aglomerado pertencente ao Complexo da Vila Operária Diamantes, situada entre os bairros de Rocha Miranda e Honório Gurgel.

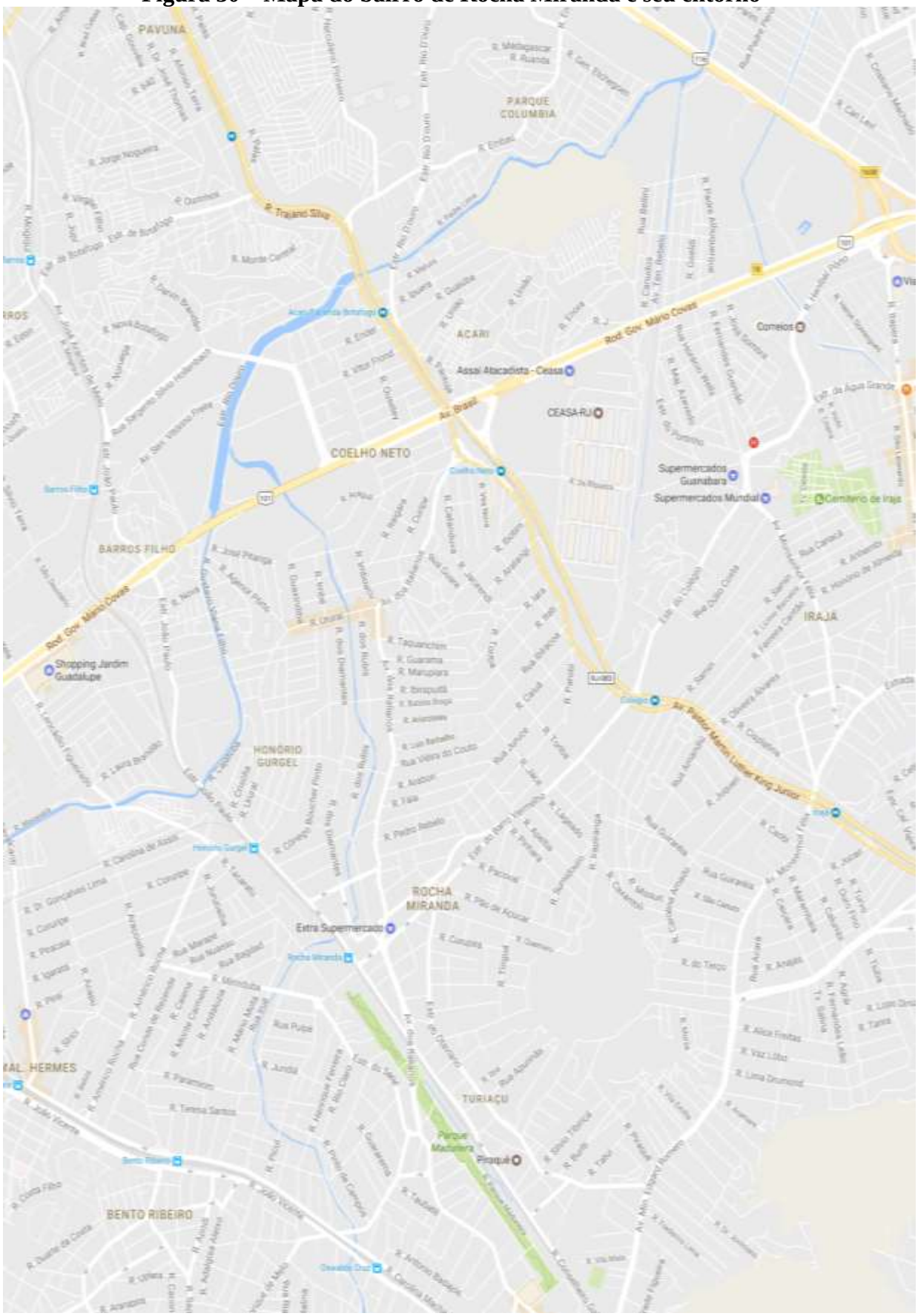
A favela do Jorge Turco, também guarda a mesma identidade geográfica, comungando espaços entre Rocha Miranda e Coelho Neto, tamanha sua extensão. Essa comutação espacial representa um problema quando se trata da preponderância de organização das facções que ocupam os espaços da favela, recorte e problemática que optamos por não aprofundar.

A encosta da Barreira situa-se fisicamente em área plana, embora ainda guarde na encosta de barro, as lembranças do nome que carrega até os dias de hoje. A favela, conhecida também como Barreirinha de Rocha Miranda, ou Barreira, nos documentos oficiais, levantamento realizado pela Instituição Pereira Passos (1997), por exemplo, consta como assentamento de baixa renda, e algumas de suas áreas sequer consta no mapeamento da instituição.

No deslinde da pesquisa, percebemos um déficit no censo e no mapeamento das regiões vulneráveis de favela do bairro de Rocha Miranda. Tanto a prefeitura como as instituições de pesquisa como Pereira Passos e o Arquivo da Cidade, mantém registros do início da década de 80 ao fim da década de 90, contabilizando um déficit de dados na ordem de aproximadamente vinte anos, o que reflete nas Políticas e ações públicas que deixam de cotejar as favelas como espaço necessário de intervenção de serviços.

92 Portal GeoRio. http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html acessado em 02.02.2017

Figura 30 – Mapa do bairro de Rocha Miranda e seu entorno



Fonte: Google Maps 2017

3.3 FAVELA DA BARREIRA: DE QUE FAVELA SE FALA?

Não pretendemos desenvolver toda a história das favelas do Rio de Janeiro, nem mesmo trabalhar com a historicidade das favelas ao longo os anos, essa nos pareceu uma escolha viável para entendermos a Favela da Barreira em sua identidade individual, embora não refutamos a relação de fatos sociais e históricos que se articulam entre tempo e espaço, no período de formação da favela da Barreira, e do cenário social e político que permeou a urbanização no Rio de Janeiro e do bairro de Rocha Miranda ao longo das décadas de 50/60. Mas partimos dos preceitos específicos da oralidade dos moradores para buscarmos a definição da Favela da Barreira, e a partir disso, relacionarmos a alguns aspectos sociais e históricos os quais dialoguem com as narrativas para compreendermos os tecidos que consolidam a Favela da Barreira.

O que pode definir a identidade da favela? Para nossa análise, a oralidade de seus moradores, a compreensão que exalam em suas histórias de vida, entre o tecido de suas vidas e o próprio espaço da Barreira, seja por essa razão, decidimos trabalhar com as descrições do espaço da favela ofertada pelos narradores, que poderão ser evidenciadas no Capítulo 4, na *Geografia Afetiva da Favela da Barreira*, a etnografia do espaço no tecido narrativo, construído com elementos que integram, as onze narrativas.

No entanto, inevitável trazer a lume as impressões do trabalho de campo, ainda que nossa proposta não se dedique a extensão etnográfica como a "descrição densa" de Geertz (2015) inspira-se em alguns critérios etnológicos, razão pela qual buscamos compreender as redes sociais que perfilham, mobilizam e legitimam a vida e as memórias da favela, partindo da noção de que as memórias de certa forma organizam a prática social local.

Em outro ponto, os registros oficiais de órgãos como a Secretaria Municipal de Habitação, de Urbanismo do Rio de Janeiro, sistemas como SABREN – Sistema de Assentamento de Baixa Renda, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conferem contornos a Favela da Barreira como espaço de Assentamento de baixa renda. Os registros oficiais, angariados por instituições como a Prefeitura do Rio de Janeiro, o Instituto Pereira Passos, que em sua base de Sistema de Informação Urbana (SIURB), a mapoteca e o Armazém de Dados, indicam levantamentos de certa forma defasados, em comparação com a realidade da favela e do entorno. Assim, entender de que favela se fala, nos reporta ao exercício de análise das narrativas, para apreender a visão do morador definindo o espaço da

favela, como as definições oficiais que demarcaram a natureza da ocupação do espaço da favela da Barreira.

3.3.1 A Barreira na visão dos entrevistados

Inicialmente, o entendimento da segregação espacial potencializado em sua representação pela polarização entre "asfalto" e "morro" nos conduz a noção da formação de "pequenas cidades" inseridas na ordem geográfica da própria cidade, no entanto, essa (des)ordem geográfica pode ser delineada pela compreensão de pertencimento do grupo que emerge a representação do espaço. A favela da Barreira, na dicção de nossos colaboradores, é *a favela dentro da favela, a organização do espaço desorganizado,* tão divida quanto à própria cidade, uma favela plana, no asfalto.

> [...] percebo que definir a Barreira, é entender a favela dentro da favela, a organização do espaço desorganizado [...] colaborador *Xico*

A busca da compreensão de pertencimento dos moradores e representação quanto ao próprio espaço, emerge nas narrativas, e a diversidade de identidades e matrizes culturais evidenciando a Barreira, na fala dos colaboradores, como uma *grande colcha de retalhos,* a conjugação da diversidade, *ou o celeiro de todas as coisas*, como mencionado pelo colaborador Pitbull e Xico.

> [...] pode dizer que a cultura da Barreira é uma grande colcha de retalhos, costurados por cada morador que traz no seu modo de vida um pouco de seus costumes[...] Colaborador *Pitbull*

A partir da percepção do grupo, observamos que alguns, utilizaram como critério de percepção e definição do espaço como favela questões de organização socio-ambiental, enquanto outros levaram em consideração que, por ser localizada "no asfalto", ou mesmo a "beleza" que define o que é ou não uma favela. Alguns entendem que o espaço é equivocadamente tratado como favela, negando assim a natureza geográfica e socialmente estabelecida e desenhada pelo próprio lugar.

A favela tem sido matéria de estudos recorrentes, e como propõe Guimarães (1953):

> Nenhuma diferença essencial separava os casebres dos morros dos demais casebres. Eram todos habitações igualmente rústicas, igualmente pobres e desconfortáveis. A denominação popular de favela, não teria, pois, surgido da diferença entre o tipo arquitetônico

> das vivendas dos morros, mas do conjunto de condições que a caracterizavam, entre estas, notadamente o aspecto físico de seu agrupamento desordenado e denso. Por sua contextura, os casebres dos morros ou dos subúrbios da zona urbana ou da zona rural, não apresentam dissemelhanças substanciais (GUIMARÃES, 1953, p. 253).

Seja pelas tentativas de compreensão do homem e do espaço, seja pela busca de entendimento dos aspectos fenomenológicos, ou ainda pela apreensão de uma interpretação entre os entrelaçamentos das relações sociais forjadas entre os espaços mais abastados ditos "cidade", e as "favelas", muitos aspectos integram a compreensão do que é favela, principalmente quando se trata de entender os mecanismos que integram e organizam a compreensão do morador na construção de si e sua relação com o próprio espaço.

O crescimento das favelas, notadamente no Estado do Rio de Janeiro[93] pode ser considerado um fato social relevante como aponta Parisse (1969), fato esse que conduz nossa pesquisa, na tentativa de identificar os elementos que permeiam a produção do conhecimento e cultura nesses espaços.

Dessa forma, conceber a favela como espaço educador e de produção de conhecimento, demanda ler as relações sociais que são engendradas no e pelo espaço da favela. Nesse sentido, as narrativas desvelam-se como construções relacionais e práticas sociais, que mantém na memória um eixo hábil a compreensão identitária do conhecimento produzido.

> [...] O local (a favela da Barreira) te prepara para o combate da vida, só mora aqui quem é guerreiro, esse lugar não é para qualquer um. Em analogia aos espartanos, esses saem do convívio de seus familiares após seus sete anos de idade e vão receber treinamento para se tornarem guerreiros, aqui nascemos no treinamento intensivo, a Barreira é a nossa arena de batalhas diárias, é nossa Esparta, uma escola de vida, de ser humano e profissional também, aprendemos muito diariamente vivendo por aqui, o dia a dia ainda é a melhor escola, aprendemos com a necessidade, com a alteridade, se colocando no lugar do outro, aprendemos com a solidariedade, enfim, a Barreira é um grande aprendizado [...] Colaborador *Barbosa*.

A observação de práticas e saberes, conforme ancorado no conhecimento do cotidiano como alude Maffesoli (2010) nos conduz a compreensão de que embora o vivido, o sentido não possa ser mensurado, desempenha papel fundamental nas relações sociais.

> [..] ao lado da univocidade da razão, o sociólogo deve atentar para a polissemia do gesto – para aquilo que os especialistas em informática denominam informações *soft* ("amenas") do vivido.

93 Denominada de aglomerado sub-normal o censo revela a existência de 763 favelas, com aproximadamente e 1.393.314 moradores (Censo IBGE, 2010).

> Ora, a vida cotidiana apresenta várias possibilidades, pois não é inequívoca. [...] Para traduzir a monumentalidade das grandes formas econômicas e sociais, o esquematismo ou a grade de leitura preestabelecidos podem funcionar muito bem. Já o mesmo não ocorre com esses pequenos nadas, essas minúsculas brechas, essas criações em tom menor que constituem a vida de todos os dias. Tal como fios que se entrelaçam para a confecção do tecido, estão no cerne da trama societal e, portanto, são difíceis de apreender e analisar. [...] o papel maior nessas manifestações de socialidade, que são a solidariedade de base, a teatralização ou a organicidade das paixões, dos gestos e dos discursos. (MAFFESOLI, 2010, p. 71)

Nesse sentido, as identidades construídas guardam relação de diversidade com o próprio espaço, com o que o espaço proporciona entre o sentir e viver, desnudando a realidade, em seu critério mais concreto consolidado pela favela em si e pela percepção de significância e pertencimento que o espaço oferece a cada indivíduo (TUAN, 2012).

Como entender de que favela se fala quando observamos as dinâmicas da favela da Barreira? Inicialmente, compreendendo o substrato produtivo de seus ocupantes, a relação estabelecida entre a favela e o entorno e por fim, entendendo o condão estabelecido entre a história de desenvolvimento e criação da favela com a história de vida de seus moradores, o que desvela memórias e narrativas como produto das práticas sociais tão concretas quanto o próprio espaço da favela. Portanto, falar da favela da Barreira é falar da história de vida de seus moradores, para além das definições estáticas dos textos bibliográficos, mas observando a dinâmica que se desenvolve diariamente na favela, o que confere contornos singulares a favela.

> A favela abrange um modo complexo, heterogêneo, descontínuo. [...] as favelas erguidas no limite ou nos espaços vazios dos bairros residenciais e industriais, se relacionam com eles, e só, em segundo lugar, com o restante da Cidade. A favela representa um setor por demais particular para ser comparada com a Cidade toda. Na maioria dos casos, o paralelo não é expressivo. Deveríamos fazê-lo entre a favela em geral e bairros residenciais pobres, ou favela e casas de cômodo e hospedarias, ou ainda entre as favelas e o bairro onde se implantaram (PARISSE, 1969, p. 111).

Por outro lado, pudemos observar ainda que as identidades são permeadas de elementos subjetivos, notadamente quando se compreende que as relações estabelecidas no espaço e pelo espaço, podem inferir na produção humana, na percepção e “leitura de mundo”, a socialização dessa dinâmica epistemológica conduz a compreensão de si através das relações travadas com o espaço e com o outro nele inserido (CORACINI, 2003).

Nessa perspectiva em alusão a João do Rio, quando entende a rua como espaço que "nivela e agremia o amor", a rua como fator de vida da cidade, "a rua tem alma". Não poderia ser uma percepção melhor de favela do que compreendê-la igualmente como organismo vivo, com alma, dotada, portanto de diversidade. Falar da Favela da Barreira é falar de um "outro" vivo, de um espaço que carrega a vida de seus moradores na fala de Barbosa, no fluxo de sua essência que reverbera em suas veias e artérias. É falar de um espaço que agrega memórias, (re)produz sujeitos e se transforma nas possibilidades do *flâneur* de João do Rio (2007) pelas ruas as quais mantém, como "um espaço vivo", imersa em seus próprios paradoxos, alguns visíveis, outros sensíveis.

Honoré de Balzac (1799-1850), já entendia vida nas ruas de Paris marcadas pelas impressões humanas, mencionado por João do Rio (2007, p. 29) cristaliza o entendimento da rua como espaço vivo dotado da mesma organicidade humana, "são assim as ruas de todas as cidades, com vida e destinos iguais aos do homem".

> [...] A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e havereis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua criou todas as *blagues* e os lugares-comuns. [...] tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos. (JOAO DO RIO, 2007, P. 29).

Nesse sentido, considerando as narrativas dos moradores, a favela da Barreira é compreendida por eles como o ser vivo dotado de diversidade, nas palavras do colaborador Barbosa, "*um organismo vivo que precisa ser respeitado e cuidado como um corpo próprio que produz e se reproduz no dia a dia, cheio de diversidade daqueles que fazem da favela ser a família e a grande escola da vida".*

Por outro lado, não se pode refutar a compreensão do espaço da Favela da Barreira, emergida nos registros públicos, o que nos encaminha a entendimentos diferenciado e por vezes alheios àqueles apreendidos pelos moradores da Barreira, a começar pela identidade oficial do lugar: para os moradores, favela da Barreira, nos registros oficiais Barreira do Juca, nome oficial desconhecido pelos moradores.

3.3.2 A Barreira definida nos registros oficiais

Para apreendermos os sentidos das histórias de vida de entendermos de que favela se fala, precisamos compreender a associação entre as noções do espaço empreendidas pelos moradores, junto como a definição utilizada para o espaço pelo Poder Público, que pinta essa aquarela relacional, definindo os matizes dos signos que integram o viver na favela. Seguindo as pistas da dicotomia do espaço evidenciada nas entrevistas, buscamos os registros públicos da Favela da Barreira, situando o enquadramento oficial da Favela da Barreira.

Assim, segundo os dados do Sistema de Assentamentos de Baixa Renda – SABREN, constatamos ser a Favela da Barreira um assentamento de baixa renda. Já os dados do portal data rio[94], demonstra que a Favela da Barreira – tratada pelos registros como Barreira do Juca - está atrelada a um Complexo, pertencente ao Complexo Vila Operária Diamantes (demarcando parte da Rua dos Diamantes, que integra a área do chamado de Beco do Juca uma espécie de cidadela dentro de um condomínio fechado, situado própria Rua dos Diamantes), integrando ainda no Complexo as favelas Cônego Boucher Pinto (Rua A), Barreira do Juca (composto pela Favela da Barreira ou Barreirinha de Rocha Miranda, por parte da Rua Jones Rocha e pela Rua Inácio Tosta).

Figura 31 – Mapeamento data rio

Fonte: Data Rio - Informações sobre a cidade. O mapa demonstra as favelas Vila Operária Diamantes, Conêgo Boucher Pinto (Rua A), e a Barreira do Juca (Favela da Barreira) região catalogada pela tríade de favelas, como Complexo Vila Operária Diamantes.

94 Fonte: http://www.data.rio/datasets/c1b4a246ec4549438feb6cf36396aca7_2/data?geometry=-43.379%2C-22.851%2C-43.327%2C-22.837&orderBy=OBJECTID&orderByAsc=false Acessado em 20.05.2018.

A compreensão que alcançamos nos conduz a entender que parte da área da Rua dos Diamantes encontra-se cadastrada como Vila Operária, sem que encontrássemos em nossas pesquisas qualquer relação de projetos de urbanização que demonstrassem a intensão de tornar o loteamento habitacional da Rua dos Diamantes, uma área específica de habitação proletária ou operária, embora não refutamos a questão da urbanização do Bairro e a possibilidade da necessidade eventual de operários envolvidos nas obras ocuparem tais espaços.

Nesse sentido, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE[95] classifica favelas que estão fincadas em "*áreas públicas ou particulares alheias"* como ***aglomerado sub-normal***, embora mencionasse não considerar para levantamento estatístico os condomínios habitacionais atualmente integrantes de uma espécie de processo de favelização do espaço dada as alterações estruturais irregulares, como os da Vila Kennedy, Vila do João, Maré e Cidade de Deus.

A implantação de programas habitacionais municipais, implementados pela Prefeitura como o Programa Morar Carioca (2010), emergiu classificações no tocante aos Assentamentos de Baixa Renda, implicando em novas formas de concepção do espaço da Favela, ***alicerçadas na tríade***: a Favela passa a ser considerada por grupos como: Complexos e isoladas, Loteamento e Comunidades Urbanizadas, critério de distinção que fundamenta a classificação e o mapeamento das favelas do Rio de Janeiro, junto ao Sistema de Assentamento de Baixa Renda - SABREN.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro, materializado pela Lei Complementar nº. 111 de 01.02.2011, também contribuiu para essa distinção, divulgado no Projeto Morar Carioca, estabelecendo no dispositivo do artigo 234, alguns elementos que permitem distinções na concepção de favela, noção que norteiam ainda as Políticas Públicas quando se pensa em favela, senão vejamos:

> [...]Favela – área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação clandestina e de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas, em desacordo com os padrões legais vigentes [...].

A hermenêutica e análise da Favela da Barreira nos fornecem outros encaminhamentos diversos daqueles determinados pelas entidades públicas. Parte da favela pode estar fincada

95 Referência extraída do censo (IBGE, 2010).

em espaço não clandestino, sem necessariamente haver precariedade da infra estrutura, dando azo ao entendimento de outras formações, como Loteamentos, onde os espaços são parcelados e legalmente aprovados, espaços que de certa forma ainda recebem programas sociais (menos do que o necessário), tendo, portanto infra estrutura.

É o caso da Favela da Barreira. A aquisição de lotes, a especulação imobiliária, somado a auto-organização do espaço, pelos próprios moradores, fez com que a Favela da Barreira, embora não seja espaço clandestino (alguns colaboradores pagam IPTU, tem Registro Geral do Imóvel), demonstrando seguir as diretrizes de habitação e construção, e ainda assim, é considerado para fins de levantamento pelos órgãos públicos, espaço precário.

Não se pode, porém, externar esse entendimento de regularidade imobiliária com relação a toda favela. Há ainda casas humildes abrigando uma dezena de familiares, e seus "puxadinhos", consolidando as habitações em condições precárias, situadas muito mais ao longo da área do Beco, do que do extremo oposto da Encosta, conferindo distinções espaciais dentro de uma favela composta por uma única rua.

Assim sendo, o mesmo texto legal remete-nos a outras definições no que concerne a análise de espaços habitacionais precários, definições instrumentalizadas ainda pelo SABREN[96]:

> [...]Loteamento – corresponde ao parcelamento legalmente aprovado e não executado, ou executado em discordância com o projeto aprovado (loteamento irregular) e ao executado sem aprovação do Poder Executivo Municipal e que não atenda às normas federais, estaduais ou municipais em vigor, relativas ao parcelamento da terra (loteamento clandestino)[...].

Outra definição, proposta pela Secretaria Municipal de Habitação - SMH/RJ tenta distinguir escalas para as habitações precárias, identificando àquelas urbanizadas, as quais são definidas como "comunidades", sendo essas, na visão do órgão público, mais inseridas, organizadas e socialmente aceitas, diferenciando-se da favela e do loteamento apenas por terem sido beneficiadas com projetos públicos, os quais "levaram" a cidadania a esses espaços, transformando-os em "civilizados".

> [...] Comunidade Urbanizada - aquela que tenha sido objeto de programas de urbanização integrada, tais como Favela-Bairro (PROAP97), Bairrinho, Programa de Aceleração do Crescimento-

96 Sistema de Assentamento de Baixa Renda, reúne desde 1983 informações sobre os assentamentos precários e informais cariocas, com o principal objetivo de apoiar a construção de políticas públicas, destinadas à sua urbanização e desenvolvimento social.

97 PROAP – Programa de Urbanização de Assentamentos Populares foi criado pelo Decreto 14332 de 07.11.95

> PAC e outros similares, cujo projeto tenha garantido a implantação de infraestrutura básica, equipamentos públicos e níveis de acessibilidade satisfatórios; ou que, por esforço próprio de seus moradores e ações públicas diversas, ao longo do tempo, conseguiu alcançar uma situação bastante satisfatória de urbanização[...].

Na perspectiva dos órgãos públicos[98], a Barreira estaria inserida como favela, sendo ainda um Assentamento de Baixa renda, um sub-grupamento inserido na macro Favela Vila Operária Diamantes, gerando a nível concreto as primeiras contradições na identidade local, tanto difundida na noção dicotomizada entre as moradias do Asfalto - mantida pelas habitações em áreas mais abastadas – versus as moradias do morro, caracterizada pela favela, causando certa confusão a noção de favela plana, situada no asfalto.

Como na classificação do espaço da Favela da Barreira estar inserido no Complexo Vila Operária Diamantes, vez que nem mesmo os moradores da rua dos Diamantes se percebem como favela, além do que o espaço físico não caracteriza a precariedade urbana e sanitária própria dos espaços da favela. Além das contradições externas, a Favela da Barreira tem que lidar com seus próprios paradoxos internos, delineados, inicialmente pela segregação territorial e pela nomenclatura utilizada oficialmente pela prefeitura e seus órgãos, denominando a Favela da Barreira como Barreira do Juca, configurando divergências oficiais e internas na Barreira, essa é a favela que falamos, repleta e ancorada em paradoxos.

3.3.3 A Barreira entre registros oficiais e a concepção dos entrevistados

Assim, a Favela da Barreira[99] consolida sua existência nos paradoxos territoriais do "morro no asfalto", sendo favela plana, no interior do bairro periférico e urbanizado, de Rocha Miranda, nas contradições da delimitação ainda territorial (nos limites de Honório Gurgel e Rocha Miranda), além ser categorizada nos registros públicos com nomenclatura alheia a identidade da Barreira, que se entende por Favela da Barreira e não Barreira do Juca, além de classificar ruas do entorno parcialmente como favelas (Rua Jones Rocha, Inácio Tosta), o que reflete na concepção de espaço dos moradores da Favela da Barreira e do entorno, que trata como favela apenas a Rua Henrique de Gois, (enquanto os registros públicos trata como integrante do Complexo da Vila Operária Diamantes, abrangendo, portanto o entorno)

98 http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html

99 que tipo de favela é a Barreira? Nem loteamento, nem comunidade, nem complexo, a busca da identidade se estende a sua natureza espacial, mantendo hígida a relação entre seus moradores e o espaço, para compreender os sentidos da Barreira

colaborando para polarização da identidade da Favela da Barreira e sua segregação com os espaços das ruas do entorno.

Tanto os registros públicos da área da Barreira quando classifica apenas partes de determinadas ruas como favela pertencente à chamada Barreira do Juca (nome sequer reconhecido por seus moradores nem mesmo pelos moradores do bairro, que conhecem a favela como Barreira de Rocha Miranda ou Barreirinha), quanto as narrativas de alguns moradores leva-nos a acreditar na existência de polarizações do espaço, que remete a consolidação de micro-núcleos de identidade, os quais guardam estrita relação ambivalente com as transformações urbanísticas e organizacionais que o espaço da favela tem passado (BAUMAN, 2005b, p. 11).

> [...] Então, trabalhar na Barreira me fez entender que a favela da Barreira não era aquele bicho que pintavam para mim foi uma grande realização, porque encontrei o que quero fazer, descobri muitas coisas, inclusive que mesmo morando dentro de uma comunidade como essa aqui, nada sabemos do lugar, e mesmo sem querer somos preconceituosos, isso me fez mudar muito, nem sabia por exemplo que aqui é cadastrado como Barreira do Juca, pra mim e para todos que converso ao longo dos anos, sempre conhecemos esse lugar como Barreira de Rocha Miranda ou Barreirinha de Rocha Miranda, como é pintado nas paredes (BRM), até o morador mais antigo nem sabe que esse lugar tá cadastrado como Barreira do Juca. Dizem que o tal do Juca foi o camarada que vendeu os lotes por aqui, na área da barreira, mas não sei quem é, só ouvi falar[...]. Colaboradora *Morena*

A favela causa estranhamento a princípio a seus próprios moradores, como nos contou Morena, que mesmo residindo há alguns anos na favela, tinha medo do lugar, apenas após ser aprovada no concurso de Agente Comunitária de Saúde, trabalhando no mapeamento e cadastramento dos moradores da Favela da Barreira, pode conhecer melhor os espaços da favela, se aproximar dos moradores, e se sentir pertencida por meio de seu trabalho. Para a colaboradora *Morena*, falar da Barreira é falar do desconhecido, do estranho, mesmo estando dentro, é falar do pertencimento que o trabalho promove e da aproximação com o espaço e seus moradores, de acolhimento dos moradores que *tem sempre algo a oferecer*.

Muitas contradições são tecidas no espaço, como as divergências entre os cadastros oficiais da favela, como Barreira do Juca, em conflito com o nome Barreira de Rocha Miranda, sempre citado pelos moradores tanto da favela como do entorno, o que revela a deriva identitária carregada pela favela, delineada inicialmente pelas questões de território e de nomenclatura.

A necessidade de entender o espaço como favela ou não, para alguns se relaciona com critérios estéticos do lugar, o que o configura como favela, para outros, relaciona a percepção da "não favela" com questões da própria geografia plana da favela, outros demonstram indiferença e necessidade de distanciamento do local, daí compreendermos que a identidade está também atrelada com o elemento geográfico.

Como já nos ensina Tuan (2012), a afeição, que constrói o espaço como lugar por meio do pertencimento e das perspectivas da experiência, também consolida, pela topofobia o medo e repulsa, nos sentidos das paisagens do medo.

Essa dinâmica de (des)apropriação a partir dos sentidos que o lugar promove no indivíduo, podemos entender como a construção da geoidentidade, da identidade que o espaço em sua plasticidade e significação confere ao sentimento do indivíduo a ponto de provocar pertencimento ou afastamento. A entrevista de Morena, de Dona Lalá, entre outras nos deu esse referencial da segregação interna da favela com o próprio espaço e o afastamento pela aparência ruim local:

> [...] A possibilidade a princípio de trabalhar na Barreira deu um pouco de preocupação, mas porque eu mantinha uma imagem da favela porque eu desconhecia o lugar, mesmo morando aqui, na entrada da Barreira, eu não conhecia o lugar e confesso que tinha medo, porque o lugar não é bonito, acho que isso dá medo. Mas quando se conhece as pessoas, que sempre nos recebe bem, algumas com sorriso no rosto, sempre tem algo a dar de comer, ou beber, trata muito bem o agente de saúde, mas acho que esse tratamento é extensivo a todos, geral mesmo, as pessoas são boas demais e simples, isso torna o lugar agradável e familiar[...]. Colaboradora *Morena*.

Nesse esteio, percebemos que as questões de construção da identidade estão intimamente relacionadas tanto a plasticidade, quanto ao pertencimento, e principalmente quando pensamos nas áreas de acesso da favela. O cotidiano (re) produzido pelo espaço, onde se depreende que as relações travadas podem ter o condão dialógico com a construção identitária dos moradores, como nos demonstrou a colaboradora *Morena*, como também relata a colaboradora *Dona Lalá*, que se apresenta como primeira moradora da área do Beco, na Favela da Barreira, e mantém seu Centro Espírita até os dias de hoje no local, unindo moradores dos dois extremos da Favela.

> [...] A outra parte da Barreira, a encosta, foi cuidada, loteada e vendida, mas moradores de ambos os lados frequentam o centro. Eu sei que tem aquelas coisas que as pessoas de um lado [encosta] não frequentam o outro [beco], mas nas festas do terreiro, todos sempre vem de todos os lados, e de todas as denominações, até evangélicos

> participam e ganham as doações que fazemos. Até hoje é assim[...]. Colaboradora *Dona Lalá.*

Observamos que a comida e as festas de certa forma revelam a identidade de confraternização do espaço da Favela, onde o Centro Espírita promove a reunião dos moradores, representando para o espaço, um lugar de celebração, de religação com o divino, e de confraternização. Portanto, nas palavras de *Dona Lalá*, falar da Barreira significa falar de *"um lugar de acolhimento, o sagrado da Barreira".*

A análise das formas de apropriação do espaço, nos leva a entender como a geografia da Barreira pode inferir na percepção do morador e na sua construção social, algumas narrativas refutam o espaço, outras compreendem a favela como extensão da família, mas a questão estética é sempre muito presente na percepção do espaço pelos moradores revelando o mosaico entre a vida dos moradores com a trajetória estética do espaço, do nada ao lugar, do barro ao lar (GEERTZ, 2015, p. 76).

> [...] Quando cheguei aqui era um nada de muito barro, hoje é meu lar, a Barreira é assim, essa família grande. A Barreira tem é história... Pra mim, é a minha história. Contribuiu para meu crescimento, e como contribui até hoje [...] colaborador *Getúlio*

Nesse sentido, a busca de identidade ainda de forma subjetiva e involuntária, se coloca como prática que se evidencia e reitera no próprio cotidiano dos moradores da Barreira no tear das intersubjetividades (CERTEAU, 2014, p. 86).

Falar da Barreira como favela, não demonstrou ser unanimidade entre os moradores, pareceu-nos muito mais por constrangimento e pelo estigma do tratamento de favelado/favela, mas percebemos que os moradores tem consciência da natureza local. Definitivamente, nas narrativas ninguém negou ser a Barreira uma favela, apenas destacaram que em vista de outras favelas do entorno, ou daquelas que saem nos noticiários, a Barreira ainda pode ser considerada diferente das outras, como nos revela o colaborador Nogueira:

> [...] A Barreira pra mim é uma lição de vida, uma escola, como foi a rua quando era adolescente. Você pode perceber que aqui é diferente das outras favelas daqui de perto, também é diferente daquelas que saem todos os dias no noticiário, aqui as pessoas se entendem, às vezes se estranham mas resolvem aqui mesmo, não tem a violência das outras favelas daqui do bairro, nem é igual as de fora, então a Barreira é diferente, nem posso dizer que aqui seja favela de verdade, mas as pessoas sabem que é [...] Colaborador *Nogueira*.

Parece-nos que a “infância” cognitiva e social dos moradores da Barreira pode repousar nas distorções da construção auto-imagem, o que infere na consolidação da identidade dos sujeitos, o espaço da favela, se desvela como franco cenário dessas produções do “eu”, seja em decorrência da apropriação do espaço ou pela rejeição do mesmo, mantendo uma dialética com a compreensão do espaço como lugar ou não lugar, evidenciados nas narrativas (CORACINI, 2003, p. 29).

> [...] Não conhecíamos o que era uma favela, nunca tínhamos pisado em uma. Quando viemos morar aqui, pra mim foi uma benção e uma maldição. Benção porque eu não sentia mais o peso do aluguel nas minhas costas, e maldição porque tive que aprender a força, a conviver em um ambiente estranho a tudo que eu conhecia, era tudo muito feio. Era um lugar feio mesmo, cheguei aqui no final da década de 80 início de 90, mas nunca me acostumei a esse lugar, *eu sonho em (des)morar daqui desse lugar*, mantenho até comigo a chave de cera que comprei na Igreja de São Pedro no dia do santo, isso é crença antiga, aprendi com meus familiares, mas ajuda a gente conseguir outra casa. Não digo que aqui é favela, porque não me considero favelada, mas não gosto daqui, embora tenha boas pessoas e ruins como tem em todo lugar, é assim mesmo [...] Colaboradora *Aparecida*.

Assim, a favela e as relações do cotidiano podem ser compreendidos, na construção de Lacan (1998), como o espelho daquele que ainda não formou sua auto-imagem, que se vê ou se imagina “no espelho do olhar do outro”, que nomeia a imagem refletida do espelho, onde essa identificação do espelho confere uma todo o exercício da construção da identidade: da negativa dessa identidade que o outro lhe confere (ancorados em valores negativos e historicamente cristalizados para favela), ou da afirmação (fundamentada no pertencimento e valorização local).

Fala-se, portanto, de uma Favela referenciada pela busca e construções diárias de identidades, ancoradas em diversos valores, sejam territoriais, sejam individuais ou coletivos, sejam materiais ou sentimentais, mas acima de tudo, embasados pelo sentido polarizado de pertença local.

É nesse âmbito que, não refutamos o “desnivelamento do espelho”, que reflete contradições que encontram eixo nas relações locais com o espaço, as quais provocam diversidades nas mais variadas ordens e formas, que por sua vez promovem distorções na apreensão de elementos que integram o identitário, consolidando paradoxos firmados pelos elementos geo-identitários.

A compreensão da diversidade como elemento norteador, na perspectiva objetiva, nos encaminha ao entendimento da relação concreta com o espaço, interação que por sua vez

desvela elementos subjetivos quando analisamos as relações daí oriundas e precursoras de micro núcleos identitário como resultante do alinhamento de elementos objetivos (do espaço concreto) e a interação relacional organizada pelos moradores permeando o espaço com elementos subjetivos (conecto as práticas sociais locais). Daí a ilação de que um único espaço não pode ser observado linearmente, mas carece inicialmente de ser entendido através e muito além de suas produções locais, mas no entrelaçamento entre espaço e relações cotidianas, onde o tom vital ou o ponto de interseção dos elementos dessa equação repousa no discurso e nas narrativas, enquanto práticas sociais que se alinha numa confluência (inter) epistemológica.

O engajamento dessas narrativas proporciona à percepção de vida dos colaboradores, certamente tem se demonstrado como suporte hábil ao entendimento da construção das identidades, ainda que historicamente fragmentadas, pelas relações engendradas e impostas pelo espaço as quais emergem múltiplas dimensões, e, portanto, identidades das mais diversas, polarizadas nos diálogos estabelecidos no tecido do próprio espaço.

Tais dimensões configuram-se em bases objetivas quando a compreendemos sob a concretude do espaço aportado em inúmeras questões territoriais e físicas, consolidada de igual modo em critérios subjetivos, onde tais relações têm o condão de (trans)formar o espaço e seus moradores; Tais aspectos mantêm polaridades mobilizadas em transformações constantes, as quais não podem ser refutadas, conduzindo-nos ao entendimento das circularidades entre o subjetivismo das memórias narradas e o objetivismo emanado em vários níveis, seja pela concretude do espaço, ou pela consolidação que historicamente categoriza e (des)classifica a existência nos espaços da favela, fazendo do da favela objeto e ao mesmo tempo sujeito em si mesmo.

Nesse sentido, Adorno (1996, p. 126) ressalta que não há como pensar elementos objetivos e subjetivos como conceitos apartados, visto que constituem um pelo outro do mesmo modo que se afastam um do outro em virtude de uma constituição, o que nos leva a compreender a dinâmica que torna o objeto cotejado a partir do sujeito, a favela o espaço concreto, compreendida e (re)significada a partir de seus moradores e as variáveis subjetivas que integram o “ser” morador e o “ser” favela enquanto sujeitos cercados por suas objetividades.

> [...] A comensurabilidade do objeto sociedade quanto ao sujeito cognoscente existe tanto como não existe; também isto dificilmente pode ser conciliado com a lógica discursiva. A sociedade é ao mesmo tempo inteligível e ininteligível. Inteligível na medida em que o estado de coisas objetivamente determinante da

> troca implica abstração, de acordo com sua própria objetividade, implica um ato subjetivo: nele o sujeito verdadeiramente reconhece a si mesmo.

Ancorado ainda no pensamento de Adorno (1996, p. 11), cotejando a *Obra de Arte e a Praxis* é possível compreendermos a favela como uma antítese, socialmente elaborada no antagonismo e antinomias da matriz urbana hegemonicamente concebida, onde a favela enquanto "obra" adquire tons de prioridade epistemológica, firmando-se como ente autônomo desvelando-se como valor limite, produto do processo cultural de organização e elaboração da cidade.

O cotidiano da favela compõe a dramatização do "trágico" social, elemento muito bem analisado por Neves (2006, p. 18), consolidando o teor artístico emergido no tecido do dia a dia da favela, onde o espaço e seus atores protagonizam (ainda que por antagonismos), a composição citadina carioca.

> [...] Muito se tem escrito sobre a caracterização da essência do trágico, mas fica sempre a sensação de que essa essência não pode ser reduzida a simples formulações. Como tem sido definido, afinal, o indefinível trágico? Aquilo que nunca deveria acontecer, mas continuamente ameaça; aquele poder e ventura que, enquanto eleva, expõe ao perigo; a queda que vem do próprio esforço que ele faz para evitá-la; a indistinção entre deus e demônio, entre perda e salvação, entre prêmio e castigo; o mal sem razão, a desgraça sem lógica, a culpa sem crime; as causalidades absurdas, as verdades não explicadas,a carência de certeza. Domínio do ambíguo, do indefinido, do contraditório, universo do engano – por sua própria essência, pois, indefinível – , eis o trágico. (NEVES, 2006, p. 18)

Como entender a indagação proposta, de que favela se fala? Entender a Barreira é por assim dizer, cotejada no pensamento de Adorno (2018), compreender que a favela seja a "arte" subalterna da cidade, ou o espetáculo citadino que é a favela, cujo objeto de observação e compreensão da proposta desse espetáculo pelos telespectadores, guarda sentido diferenciado daquele apreendido e produzido nos bastidores, sorvido pelos atores, então moradores. Portanto, compreender os signos da Barreira, é correlato a entender o sujeito que compreende e de onde captura esse entendimento.

Para os moradores da Barreira, apreendem a favela como uma representação da grande família, enquanto moradores do entorno entendem a favela da Barreira como lugar inóspito, de perigo eminente. Para os moradores do bairro, poucos podem dizer de que favela se fala por rejeitarem ou desconhecerem o espaço. Assim, cada espectador, terá um entendimento

diferenciado dos atores, que vivem e produzem o cotidiano no cenário próprio, cingido no espetáculo, analogamente simbolizado pela favela.

3.3.4 Especulação Imobiliária, o recorte hábil a geo-identitdade da Favela da Barreira

Nesse sentido, aqui nos cabe um à parte que por vezes escapa ao entendimento de algumas pessoas: nem todas as favelas são iguais por serem categorizadas simplesmente favela, daí a importância de entendermos "de que favela se fala" quando falamos da Barreira.

Um bom caminho para entendermos esse recorte, nos pareceu situando as práticas de especulação imobiliária como uma das expressões de domínio econômico que fomenta a cultura da segregação e valorização de espaços, fenômeno "democratizado" por ser um fenômeno praticado tanto em imóveis do "asfalto" como naqueles da favela. Se percebermos que quanto mais caro é o metro quadrado em determinados bairros, a proporção será refletida na especulação do solo das favelas no respectivo bairro. Portanto, a lógica de "zona sul" para categorizar os bairros com mais acessos e recursos ditos elitizados, e por isso mesmo os mais valorizados da cidade, será aplicada para a concepção de favela.

Desta forma, favelas como Vidigal, Cantagalo, Pavão/Pavanzinho e Dona Marta, por exemplo, terão seus imóveis, ainda que sejam posses - principalmente se estiverem vistas do mar - vendidos a preços mais elevados do que imóveis das favelas da zona norte que não contam com a supervalorização da região nem mesmo do bairro, essa lógica permeia a especulação imobiliária em cada favela do Rio de Janeiro, conferindo certa identidade fundada inicialmente na diversidade territorial de cada uma delas.

Essas favelas situadas em regiões mais privilegiadas e valorizadas têm atraindo turistas, não só pelos passeios e intercâmbio culturais nas áreas da favela. Segundo fontes da Folha Política[100], o turista tem protagonizado os processos de especulação imobiliária nas favelas da Zona Sul, seja pela aquisição (voltado a empreendimentos imobiliários como hostels, construção de moradias para temporada, casas de shows, restaurantes, etc...) ou pelo aluguel de imóveis nessas áreas, que geralmente contam com vistas para o mar, farto comércio e preços que embora acompanhem a valorização da região, se demonstram mais acessíveis para quem tem interesse na experiência imobiliária.

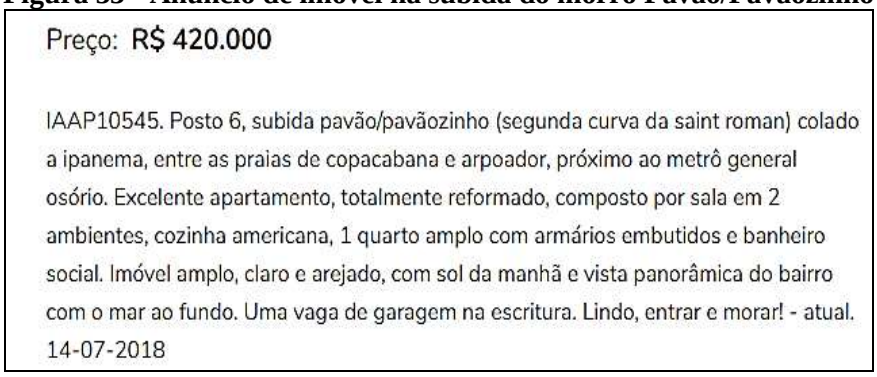
100Fonte Folha política, consultado em 15.07.2018 https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/117925126/especulacao-imobiliaria-expulsa-moradores-de-favelas-da-zona-sul-do-rio

Para que possamos demonstrar essa lógica e apreendermos uma breve noção, um imóvel vendido no bairro de Copacabana, que encontra limites entre os bairros de Ipanema e Leblon, a venda de um imóvel na subida da Favela do Pavão/Pavãozinho[101], pode custar em média R$ 420.000,00 (quatrocentos e vinte mil) enquanto um imóvel situado no bairro de Copacabana[102] (arredores da favela Cantagalo/Pavão/Pavãozinho), custa em média R$ 1.050.000,00 (um milhão e cinquenta mil reais), portanto, com valor agregado de quase três vezes mais do que o imóvel na subida da favela do Pavão/Pavãozinho.

Figura 32 - Anúncio de imóvel no bairro de Copacabana

Fonte: Site OLX

Figura 33 - Anúncio de imóvel na subida do morro Pavão/Pavãozinho



Fonte: Site OLX

Essa dinâmica de valorização segue o processo de urbanização de cada bairro. Se o subúrbio por ser mais afastado das regiões centrais da cidade, tem valores agregados ao metro quadrado mais baratos do que os imóveis mais próximos dos grandes centros urbanos, o

101 Fonte: Site OLX consultado em 15.07.2018 - https://rj.olx.com.br/rio-de-janeiro-e-regiao/imoveis/apartamento-padrao-483943647?last=1&xtmc=Pav%C3%A3o+Pav%C3%A3ozinho+Ipanema&xtnp= 1&xtcr=1

102Fonte: Site OLX consultado em 15.07.2018 -https://rj.olx.com.br/rio-de-janeiro-e-regiao/imoveis/apartamento-padrao-427861469?xtmc=Ipanema&xtnp=1&xtcr=5

mesmo fenômeno ocorrerá com as favelas desses bairros, que terão preços por metro quadrado tão fracionadamente proporcionais quanto a valorização dos imóveis do bairro.

Nesse sentido, podemos observar o bairro de Rocha Miranda, é possível encontrarmos imóveis a venda com preço em média de R$ 200.000,00 (duzentos mil reais), enquanto na Favela da Barreira, um imóvel pode ser adquirido em média por R$ 55.000,00 (cinquenta e cinco mil reais), portanto aproximadamente ¼ do valor do preço do imóvel vendido no bairro, embora a favela esteja situada no mesmo bairro e muito próximo ao imóvel vendido por duzentos mil.

Num contraponto, imóveis situados nos subúrbios, na zona norte, tem o espaço de venda do metro quadrado mais barato do que aqueles situados na zona sul da cidade. Assim sendo, se considerarmos as especulações imobiliárias praticadas no bairro de Rocha Miranda, podemos compreender ainda melhor a "proporção" entre valorização imobiliária estabelecida intimamente entre bairro e favela.

O anúncio de venda de uma casa no bairro de Rocha Miranda[103] chega a custar em média a R$ 200.000,00 (duzentos mil reais), enquanto uma casa situada na favela da Barreira[104], por exemplo (localizada no bairro de Rocha Miranda), pode chegar a ser comprada por quase ¼ do valor, ou seja R$ 55.000,00 (cinquenta e cinco mil reais), como se pode verificar em ambos os anúncios publicados no site de venda de imóveis OLX.

Figura 34 - Anúncio de imóvel no bairro de Rocha Miranda

Fonte: Site OLX

103 Fonte: Site OLX, consultado em 15.07.2018. https://rj.olx.com.br/rio-de-janeiro-e-regiao/imoveis/casa-independente-em-rocha-miranda-com-2-quartos-e-garagem-por-200mil-505486606?xtmc=Rocha+Miranda+&xtnp=1&xtcr=3

104Fonte: Site OLX, consultado em 15.07.2018. https://rj.olx.com.br/rio-de-janeiro-e-regiao/imoveis/casa-pequena-comunidade-barreira-de-rocha-miranda-491826571?last=1&xtmc=Rocha+Miranda+Barreira&xtnp=1&xtcr=1

Figura 35 - Anúncio de imóvel na Favela da Barreira

Fonte: Site OLX

Não refutamos, no entanto, a possibilidade da oferta de imóveis mais vistosos, amplos, situados nas áreas mais abastadas da favela da Barreira, manterem valor agregado de venda por vezes acima daquele praticado no próprio bairro de Rocha Miranda.

Assim, a identidade territorial ou o que compreendemos por geo-identidades emerge como primeiro elemento identitário para falarmos de favela, que geralmente ocupa o espaço de "sobra" do processo urbano do bairro, que se torna categorizado por ser um espaço subalterno social e territorialmente. Portanto, falar da favela da Barreira é falar do processo de urbanização de Rocha Miranda e das artimanhas da especulação imobiliária, replicadas pela urbanização dos centros urbanos, (da cidade) para o bairro e por fim, para dentro dos espaços da favela que se instrumentaliza internamente (re)ordenando e (sub)categorizando as regiões da favela da Barreira, polarizada em áreas mais abastadas e menos abastadas, onde a favela se demonstra o esboço replicado, fundado nos mesmo axiomas e tensões que organizam o espaço urbano na cidade e nos bairros, gerando, o que podemos chamar de processo de (sub) subalternização.

Se a favela é concebida como espaço urbano subalterno, no seu interior há que se considerar as dinâmicas que orquestram, organiza e reproduz o mesmo processo que conduz a favela a ser espaço subalterno, portanto (sub)subalternizando as relações internas, principalmente quando se trata de especulação imobiliárias, seja pensando naqueles que detém o domínio de imóveis e sua exploração econômica na favela da Barreira, ou quando colaboradores declaram nas entrevistas uma certa dicotomia pactuada nos espaços da favela

que consideram, por exemplo, a região do Beco como espaço mais pobre/carente enquanto entendem ser a área da Encosta (onde se situa a grande barreira), como área mais nobre.

> [...]descrevendo como espaço físico, é dividida, vamos dizer que o lado A e lado B. O lado A, é o da encosta e o lado B do Beco, as pessoas não curtem muito e não frequentam muitos os lados opostos. É como se o lado A fosse a zona sul da Barreira, mais elitizado, e o Beco o lado mais precário, então tem essa divisão do espaço e das pessoas que não frequentam os extremos, por exemplo, o morador do Beco dificilmente anda no lado aqui da encosta, e o morador da encosta dificilmente frequenta o beco. Mas ninguém impõe esses limites, as pessoas não circulam nesses lugares porque não querem, mas se dão bem, só não se deslocam pra o lado oposto [...] Colaborador Pitbull

Esse pensamento é reproduzido pelos moradores do entorno. Por exemplo, moradores da Rua Jones Rocha não entendem que estão dentro da favela da Barreira, entendem que a favela começa e termina na Rua Henrique de Gois, e por isso se excluem da favela, justificando que as *"casas e as ruas daqui do entorno não são tão precárias quanto aquelas lá da favela"*, como relata a colaboradora Aparecida, uma negativa de identidade territorial clara, uma vez que os registros públicos incluem o entorno assim como parte da Rua Jones Rocha como integrante da Favela da Barreira.

Dessa forma, falar da Favela da Barreira é falar de uma favela que possui uma geo-identidade subalternizada em comparação ao bairro de Rocha Miranda, é falar de uma favela que se compreende e organiza de forma peculiar, (re)elaborando-se estrategicamente como "uma grande família" que não só mantém os elos em prol do bem comum mas perfilha tais sentidos como tática de perpetuidade e permanência no espaço. Considerarmos o conceito de família para a elaboração espacial, implica assimilarmos também as polaridade entre funcionalidade e (des)funcionalidade dessa família periférica que é a favela da Barreira.

Dessas articulações iniciais, nos encaminhou ao entendimento que a escolha e assimilação dos narradores em conceber a Favela da Barreira como a "grande família" é fundada no interesse de conferir outros signos à favela.

A medida que os moradores classificam o espaço como "família" a Barreira, tentam (re)significar o espaço com atributos positivos, apresentando a favela como lugar acolhedor e familiar, a família é o bem, a primeira instituição social conhecida pelo indivíduo, o que de certa forma pode ser compreendido ainda como tentativa de apagar a condição precária de certas áreas na favela, ocultando condições de vida e habitação paupérrimas de parte da favela da Barreira, revelando a tentativa do trabalho de construção de uma identidade homogênea emergido nas histórias de vida descrevendo o espaço como família (que se ajuda).

Da análise, percebemos a união entre determinados grupos de moradores, onde pudemos perceber que a ajuda não é linear assim como as associações entre grupos, revelando um funcionamento da noção "familiar" em certos grupos: como a igreja, o grupo de engajamento social do NEPP, vizinhos que tem afinidade uns com os outros, mas não deixamos de perceber a existência de indivíduos isolados desses grupos, esses tem em seus familiares uma unidade hermética, não engajada nos espaços da favela.

Assim sendo, compreendemos que, a concepção dos colaboradores entrevistados quanto a Favela da Barreira ser a grande família do subúrbio da zona norte carioca, emerge um elemento primordial: a resistência ao estigma historicamente consolidado que relega atributos negativos a favela como espaço do mal, do trágico, do antagonismo da cidade. Essa talvez nos pareça tentativa legitima de ruptura da cultura e de concepções que demonizam historicamente espaços de favela.

Nessa lógica, conceber a favela como grande família dialoga intimamente com a necessidade de perpetuação no espaço da favela, pactuada pela proteção e certa organização da favela uma estratégia de resistência e (sobre)vivência, que não afasta a dinâmica de fragmentação das identidades, polarizadas no interior do próprio espaço, assim firmadas em paradoxos geo-identitários, melhor compreendidos nas tecituras narrativas do quarto capítulo a seguir, onde analisaremos as histórias de vida na construção da *Geografia Afetiva da Favela da Barreira, etnografando o espaço no tecido narrativo*.

3º ATO
A COREOGRAFIA ESTRUTURAL NA DANÇA DAS NARRATIVAS

CAPÍTULO 4 – A GEOGRAFIA AFETIVA DA FAVELA DA BARREIRA, ETNOGRAFANDO O ESPAÇO NO TECIDO NARRATIVO

O trabalho de construir a geografia afetiva da favela, a partir do tecido narrativo demandou alguns cuidados, o primeiro consistiu em agrupar as entrevistas em blocos, buscando identificar, a partir da construção do *habitus* da Barreira, os elementos conectivos, os quais pudessem criar os elos de interseção entre as próprias práticas, formalizando diálogos com a análise temática das entrevistas.

A estruturação que pudesse gerar uma estrutura descritiva do espaço a partir das falas, e ao mesmo tempo mantendo o encadeamento e cientificidade que o trabalho acadêmico demandou, não foi tarefa das mais fáceis, por ser o Capítulo mais denso de nosso trabalho.

Considerando as explanações acerca da metodologia adotada no presente trabalho, nos cabe s alientar a necessidade de integração de duas matrizes metodológicas: uma proposta por Meihy (2014), que nos orientou, guiou e acompanhou todo o desenvolvimento da pesquisa, até a realização das entrevistas, e outro modelo ancorado na matriz de Delgado (2006) na proposta de história oral produzida pelo Programa de História Oral da UFMG para tratamento das entrevistas. A aplicação das matrizes metodológicas viabilizou o tratamento das entrevistas, de forma a externarmos analiticamente elementos que dialogam tematicamente com construção das colônias.

É importante esclarecer que não se tratou de discricionariedade na eleição do hibridismo metodológico, mas da necessidade de manter o trabalho já realizado pelo inestimável professor Meihy, conciliado com os achados emergidos das entrevistas [as quais deram conta da simbiose de vida e espaço da Barreira] o que encaminhou a pesquisa oral para uma investigação territorial complementar, tornando a oralidade como *corpus* principal de nosso trabalho, mantendo nas fontes bibliográficas e de registros oficiais a fonte técnica complementar de nosso trabalho, o que não desqualifica a metodologia da oralidade ser empregada como principiológicas e fundamental.

Nesse contexto, a conjugação das narrativas com elementos que explicam o espaço da Barreira foi cotejada, como fontes de memória do espaço, sem a intencionalidade de pretender evidenciar critérios de validade das entrevistas, mas de compreender melhor as marcas do

espaço para apreendermos elementos que regem as configurações sinalizadas nas narrativas que dão conta da simbiose de vida humana e espaço. Essa dinâmica nos encaminhou a outros substratos que nos fez compreender o estreitamento entre a produção da vida e a comutatividade que permeia a vida nos espaços da Favela, emergindo um elemento biodiscursivo das narrativas.

A especificação dos blocos categorizados pelas colônias nos forneceu caminhos para o tratamento analítico das entrevistas. A metodologia empregada, seguindo os critérios da História oral, o presente capítulo é composto de 3 blocos:

I) Espaço e Cotidiano (observações do morar) reúne entrevistas e analise dos momentos que evidenciam a descrição do espaço pelo cotidiano pelos moradores, definindo recortes que nos encaminham ao entendimento das questões de significados do espaço na ótica dos moradores, pertencimento e representações da favela.

II) Apropriações e Produções (observações do trabalho) conjuga entrevistas e suas análises fornecida por moradores e trabalhadores do espaço, que nos encaminha a compreensão de questões: como a favela pode se consolidar como lugar e não lugar ao mesmo tempo, a formação de suas redes de afetos, de suas identidades, a construção do suporte de memória de vida e sua relação com o espaço, desvelando a diversidade na dinâmica de trabalho, que se entrelaça ao mesmo tempo na apropriação do espaço e como o "ser" se produz em diferentes níveis de apropriação desse espaço, revelando ainda aproximações e distanciamentos mobilizados na favela;

III) Entre o ser e estar na favela (observações do aprendizado) contempla entrevistas de moradores e de um ex-morador da favela, evidenciando em suas histórias de vida a forma como as experiências do morar na favela contribuíram para apreensões acerca do que ali é dinamizado, o agir no espaço, conduziu-os a uma rede de aprendizagem e formação de conhecimentos emergindo uma espécie de simbiose entre a formação do ser, sua história de vida com a trajetória do próprio espaço, nos fornecendo encaminhamentos a compreensão da questão nodal de nosso estudo, a favela como centro de potencia educadora, espaço construtor do suporte cognitivo, consolidador de *ethos* locais peculiares, os quais dinamizam, conferindo identidades ao lugar. A partir das descrições do espaço e cotidiano, observando as experiências do morar, que iniciamos o desenvolvimento do capítulo, afinal, o cotidiano se inventa no espaço, fazendo-o dele um lugar, mobilizado nas experiências da vivencia franqueado na habitabilidade que se confere ao espaço.

4.1 ESPAÇO E COTIDIANO: EXPERIÊNCIAS DO MORAR

Todo espaço tem suas histórias. Quando nos enveredamos pelas tramas da história oral, percebemos que, na verdade, essas histórias trazem em si uma malha humana muito mais sensível do que os dados e números estatísticos podem apresentar: falamos de vida, de tempo... sobretudo, permitimos que pessoas falem sobre si. Esse tecido narrativo nos permite transladar a historiografia discursiva, matizada de certos tons etnográficos.

No exercício descritivo, inscrevemos os sentidos de nossas caminhadas pelas ruas da Barreira, no desejo do (re)encontro diário, o que nos possibilitou a identificação cíclica da produção do espaço e do cotidiano.

Os encontros com o espaço delineados pelo *flanar,* convoca-nos ao reconhecimento inicial da paisagem da região, carregada na arborização, de chão asfaltado, casas de alvenaria (algumas com laje outras com telhas de amianto), paredes sempre ocupadas por nomes de jovens que sucumbiram na luta pela vida, retratando epigramas contemporâneas na favela, ou talvez apenas escrevendo nos muros as estatísticas que tentam visibilizar por meio das mortes dos jovens aqueles que sempre se mantiveram na invisibilidade.

Figura 36 inscrições nas paredes lembrando jovens mortos

Acervo Próprio

A entrada da Barreira, pelas ruas dos Diamantes e Jones Rocha [a rua Henrique de Gois é transversal a Jones Rocha para entrar na Barreira é preciso seguir pela Jones Rocha], podemos encontrar o ponto de moto táxi ao lado da barraca de venda de peixes do Pitbull (os melhores da região), situada em frente, é possível encontrar a barraca de frutas, verduras e

legumes da Adriana, esses moradores e também comerciantes, são simbolicamente os anfitriões, o pórtico para quem adentra a Barreira.

Figura 37 Pitbull e o moto táxi no pórtico da Barreira

Fonte: Acervo próprio

Na esquina, entre as ruas Diamantes e Jones Rocha é possível encontramos uma muda da árvore pau Brasil, semeada pelos trabalhadores incansáveis do NEPP, sendo ainda visíveis outras plantas e árvores marcando o percurso da rua no interior das casas mesmo no interior da Barreira.

Figura 38 Pau Brasil

Fonte: Acervo próprio

O espaço da favela da Barreira, também chamado pelos moradores de Barreira ou Barreirinha, é aparentemente organizado entre 2 extremos de uma única rua [Henrique de

Gois], respectivamente denominados de Beco [situado no lado esquerdo quem entra] e o lado oposto de Barreira ou Encosta [situado no lado direito de quem entra].

Essa divisão está além das dimensões físicas, mas encontra gênese nas formas de aquisição dos terrenos loteados, isso porque, o lado onde se situa a Barreira ou encosta, foi adquirido a titulo oneroso, enquanto o lado oposto, do Beco, foi ocupado [invadido], adquirido a titulo gratuito, sendo fenômeno analisado mais adiante.

Nas caminhadas pela Barreira, é possível perceber a presença de música, por vezes vindas das Junkebox [máquinas de música] instalada no bar do Beto ou do Sérgio, outras vezes o som que enche o espaço é aquele vindo da casa de algum morador.

Figura 39 bar do Sérgio

Fonte: Acervo próprio

O bar do Sérgio tem grande representação na Barreira, isso porque, emerge os sentidos pragmáticos da auto-organização que se desvela como prática social do grupo. É nesse espaço que muitos torcedores se reúnem para assistir a diversos jogos, sediando uma das torcidas organizadas do time Flamenguista.

Considerado ainda, o lugar de encontro de moradores que organizam bingos e reuniões voltadas a realização de bingos para angariar fundos junto a Sérgio, estratégia articulada pelo grupo para possibilitar a celebração das datas festivas, como o dia das crianças, propiciando distribuição de diversos brinquedos, alguns como bicicletas, doadas por sorteios, organizando o espaço com brinquedo pula-pula para as crianças e banheiros químicos para participantes do evento. Essas ações, articuladas pelos moradores, contribuem para agregar a comunidade para além das diferenças fundadas na favela, (re) elaborando o espaço da rua como um lugar de apropriação e celebração franqueado a todos, o que (re)significa a favela nas ações de seus moradores.

Figura 40 Tenda festa dia das crianças ano 2016

Fonte: Acervo Próprio

O barulho não falta na favela, sempre repleta de vida, seja pelos gritos das crianças brincando, ou pela conversa animada e estrondosa que os moradores trocam em seus portões, ou oriundas das festas que alguns moradores organizam nas ruas, na mistura aquarelada de sons de todos os tipos, nunca falta sonoridade na favela, o silêncio não faz parte da organicidade e vivacidade do espaço.

Parafraseando Certeau (2014, p. 166) existe uma retórica da caminhada perfilhada numa arte, “a arte de moldar frases tem como equivalente a arte de moldar percursos”, uma arte que combina estilos e usos, que *define um fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma. O estilo e o uso visam ambos uma maneira de fazer, falar, caminhar, etc.”* onde o caminhar introduz a uma retórica habitante, desvelando a organicidade do espaço.

O *flanar* emerge os sentidos da rua na favela, simbolizando possibilidades de encontros de jovens, adultos e crianças, seja nas brincadeiras de soltar pipa, nos jogos de futebol, da brincadeira de pingue pong com direito a mesa e tudo no meio da rua.

Figura 41 Jogo ping pong na rua

Fonte: Acervo próprio

E percebemos como essa rua se torna um espaço de extensão, o quintal dos lares ou o lar coletivo, que abriga o morar, o fazer, o brincar, um espaço que abriga o tecido do cotidiano, brincadeiras lúdicas que ainda são encontradas no espaço da Barreira, desde a bola de gude ao carrinho de rolimã.

Alguns idosos mantém nas ruas, o entretenimento do jogo de carteado, do encontro com amigos e vizinhos, instalando suas cadeiras e mesas nas calçadas, compondo a paisagem do lugar, integrando a composição das ruas, que divide-se entre espaço de lazer, trabalho e moradia.

Aos adultos e jovens, a rua emerge um simbolismo de espaço de construções afetivas, de encontros, de conversa, de namoro, mantida como espaço de reuniões, de lazer, de eventos pedagógicos, confraternizações e brincadeiras, e mesmo para o trabalho.

Figura 42 – Jogo de carteado

Fonte Acervo próprio

O comércio, realizado pelos moradores conferem a vivacidade e comodidade que alguns dos entrevistados apontaram, é tão proporcional ao crescimento dos moradores, cada momento é possível encontrar um novo comércio, alguns com a mesma finalidade que outros e mesmo assim, conseguem se destacar pela simpatia, reciprocidade e atenção específica a clientela, fundado inclusive na confiança estabelecida nas relações de consumo dos moradores, por essa razão, muitos comércios mantém a tradição da caderneta do fiado, uma estratégia de fidelização da clientela.

Figura 43 Loja material construção do Sr. Chico

Fonte: Acervo próprio

Na esquina da Barreira, é possível encontrar a padaria do Pedro, cuja lateral situa-se de frente para o bar do Barbudo, e este se situa de frente para o bar e mercearia do Beto, filho de Sr. Anjinho, que também possui um bar no mesmo estilo, instalado na área do Beco há décadas.

Do lado oposto da calçada, ainda no cruzamento entre a Rua Jones Rocha com Henrique de Gois, é possível encontrarmos a padaria do Pedro. Mais adiante, a loja de ferragens [material de construção] do Sr. Chico, em frente, a um mini mercado recentemente instalado, mais a frente, encontramos o bar do Sérgio, ao lado do salão de cabelereiros da Tina, todos os lugares muito bem frequentados pelos moradores.

Figura 44 Padaria do Pedro

Fonte: Acervo próprio

É possível encontrar outros tantos serviços e vendas informais realizados pelos moradores em suas casas, com ou sem anúncio de placas nas portas [um indica ao outro], como lanches, manicures, depiladores, pedreiros, pintores, encanadores, mecânicos, refeições, atividades que conferem vivacidade e moldes local, ao passo que o espaço inicialmente destinado à moradia, encontra no trabalho o tecido do cotidiano nesse espaço, cunhando pelas experiências de fazer e morar, o sentido de lugar.

É possível, observando as narrativas, compreendermos o deslocamento do conceito tecido por Certeau (2013) de bairro para o interior da favela, pelo uso habitual e formas de apropriação, considerada espaço privativo dos moradores:

> Pelo fato do seu uso habitual, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público. Trata-se de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo, por extensão, o resto do mundo): "existe uma relação entre a apreensão da residência (um "dentro") e a apreensão do espaço urbano ao qual se liga ("um fora"). O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora (CERTEAU, 2013, p. 40).

A articulação dessas tramas externadas pela historicidade oral nos permitiu emergir a coexistência de contradições no corpo coletivo da favela da Barreira, a começar pela compreensão dos signos que consolidam esse espaço e o cotidiano.

Nesse ambiente, é possível encontrarmos personagens que conferiram identidade originária e histórica ao lugar, inaugurando os primeiros traços do que viria a ser a Favela da Barreira.

4.1.1 Helenice, a Favela da Barreira e o mito de origem
Juca Pyrama, João Maria e Henrique de Gois

Certo dia de julho deste ano, enquanto esperava na fila da padaria que se fazia nas escadarias da esquina da Rua Henrique de Gois, na Barreira, muito frequentada pela qualidade e bom preço do pão, conversava com Pedro, o comerciante reconhecido pelas iguarias que vende no modesto comércio, de bolos artesanais, feitos por sua esposa, a pães, cavacas, tortinhas, empadões, enfim, uma infinidade de guloseima para ninguém botar defeito, o que atrai muitos moradores de dentro e fora da favela, fui surpreendida num bate papo furtivo no período de espera da fornada de pães.

Nesse dia em especial, enquanto estava na fila, Jocelino (do NEPP) chegando de mais um dia de trabalho, me cumprimenta na fila da padaria, e pergunta do andamento de nossa pesquisa. Curiosamente, Helenice, vizinha da padaria estava na fila menciona que deveria ter sido entrevistada porque, quando criança tinha muitas lembranças do espaço quando ainda era escavado, mencionando seu avô que na ocasião, comprou de Juca o terreno que abrigou alguns dos muitos familiares. A lenda de origem da Barreira mais uma vez ressurge, Juca!

Em todas as entrevistas, o nome de Juca surge sempre relacionado ao processo de formação urbana local, mas absolutamente ninguém, até aquele momento tinha qualquer evidencia de sua existência ou passagem por ali. Aqui nos cabe um a parte. Por compreendermos a importância da história oral e sua intima conexão com a memória dos moradores [sem carecer de evidencias que legitimem tais memórias], entendemos que a

memória dos moradores da figura de Juca emergiu como uma impressão mnemônica coletiva, significando o marco do início de formação do espaço da favela Barreira.

Quando Helenice menciona ainda na fila da padaria parte de sua experiência familiar, externando a felicidade por acompanhar desde muito pequenina as transformações da Barreira, lembrando de seu avô, deixa escapar que teria inclusive documentos pessoais elaborados e assinados pelo próprio Juca na década de 60. Não pude deixar de pensar que tinha finalmente encontrado o "saci pererê" da Barreira.

Naquele momento, não sabia se ficava feliz ou desesperada, primeiro porque a fase das entrevistas havia findado, estava na senda solitária da escrita, mas não poderia deixar esse dado para traz até porque nas entrevistas todos mencionaram Juca como "o dono que loteou e vendeu a Barreira", mas ninguém tinha qualquer registro de sua existência ou trabalho na Barreira, o que o tornava de fato o mito do lugar.

Pensando na contribuição da experiência de vida que voluntariamente a moradora externou resolvi entrevistar Helenice e ver que documentos eram esses de que ela mencionava que revelava a existência do mito na Barreira, Juca, enfim se mostrou no acervo da colaboradora e "fala" dos moradores, desvelado em documentos uma memória de urbanização da favela, Juca é sem dúvida a memória urbana da favela da Barreira.

Cheguei no dia e horários marcados na casa da colaboradora, a ansiedade recíproca era visível, antes que eu pudesse ligar o gravador e apresentar a pesquisa, nossa anfitriã espalha uma pasta na mesa de sua cozinha contendo vários documentos relacionados à compra e venda de um terreno adquirido pelo avô e pai da entrevistada, contrato e promissórias, tudo assinados pelo próprio Juca, uma relíquia que nos forneceu o caminho para entendermos mais dessa pessoa que promoveu o loteamento e venda de terrenos na Barreira e no entorno, o mito da Barreira apontado em todas as entrevistas, a memória documental se mostra emergindo as dinâmicas de venda e ocupação do espaço, desvelando a identidade negocial a qual originou o espaço.

Helenice é uma senhora jovial, sempre muito alegre, pele clara, cabelos castanhos harmonizando com olhos sempre atentos, voz empossada e muito positiva, mulher forte, vibrante, e guerreira. Passou a alguns anos por alguns procedimentos médicos, perdeu alguns quilos, mas nunca a alegria e o encanto de ver e viver a vida. A entrevistada nos recebe em sua cozinha, logo na entrada da casa, onde mora ela, sua filha e filho ambos casados, em suas próprias casas que ficam sobre a casa da entrevistada. O amor da entrevistada se desvela no cuidado com três cachorros [os quais perderam seus tutores] e um gato, vidas sencientes que

nos acompanharam ao longo da entrevista como a sentirem o instinto de proteger sua cuidadora.

Na mesa da cozinha, as pastas com documentos antigos, alguns chancelados por Juca, deram lugar a biscoitos amanteigados com café passado naquele momento. O cheiro invadia o ambiente como as palavras que reverberavam a memória de Helenice, trazendo a tona o passado de nossa colaboradora.

A chegada na Barreira ainda bebê e a primeira lembrança que emerge de nossa entrevista, a entrevistada lembra que chegou no espaço com quase um ano de idade, graças a seus avós, mineiros vindos de Porciúncula e de Anta, após o casamento se instalaram em Natividade do Carangola, no Rio de Janeiro, sendo os primeiros da família a chegarem e adquirir na época das escavações um lote de terrenos do próprio Juca na Barreira, viabilizando com isso a criação dos filhos [entre eles a mãe da colaboradora], netos, bisnetos e a vinda de outros familiares.

A entrevistada lembra-se de seus pais, e de quando se casaram, vindo morar na Barreira, lembrando que teria chegado ainda bebê de colo, quando seus pais se instalaram de frente para a casa de seus avós, graças ao empréstimo de parte do terreno do tio da entrevista a seus pais, onde ficaram até conseguirem a compra de um terreno, no número 75 da Rua.

Com a voz carregada de muita emoção, Helenice relembra como sua família se instalou na Barreira, e como ainda se mantém no espaço, declarando com orgulho que na sua própria família está na quinta geração se perpetuando na Barreira, o que confere a ela certa agremiação, nas palavras da colaboradora *"já tenho até carteirinha da Barreira de tão antiga que sou aqui, sou herdeira, filha desse lugar"* o que reaviva as memórias das dificuldades enfrentadas e da alegria de ter sido criança na Barreira.

As dificuldades de vida demonstram serem marcas das memórias de viver na Barreira e crescer com o espaço, de repente a gratidão a escola desponta, quando a entrevistada lembrou-se de muitas dificuldades e da fome que passava na casa de seus pais, e de uma merendeira da escola que estudava que tinha a preocupação de alimentar a entrevistada antes de regressar a seu lar, confessou a vontade de reencontrar essa senhora, a quem muito tem gratidão pelos dias de fome que não teve graças aos cuidados que ele manteve com a entrevistada quando criança.

> Eles [os pais] moraram ali porque meu tio emprestou um pedaço do terreno para eles fazerem um barraquinho pra morar. Ficaram até que conseguiram comprar um terreno lá no 75 [numero da casa], mas atravessamos muitas dificuldades, e graças a Deus naquela época a

> escola dialogava com a favela. [...] Lembro que a diretora do Olegário [E.M. Olegário Mariano] por exemplo, quando a criança faltava ela pegava o carro dela e entrava aqui ia na casa da criança pra saber porque faltou. Mas não sei se isso continua eu acredito que não, porque não tenho mais acesso a escola, não tenho mais criança em escola, mas a diretora dali vinha aqui dentro, Dona Ana, ela vinha ver o que estava acontecendo aqui com a criança. Eu também estudei na Olegário, era muito difícil, inclusive tinha uma merendeira que eu gostaria muito de encontrar ela. Essa história ninguém sabe, mas houve um tempo na nossa casa que eu cheguei a passar fome, muita dificuldade mesmo, eu era criança, minha mãe saiu daqui e foi na escola conversar com a diretora, minha mãe pediu pra ela dar almoço pra gente antes da aula e na hora da merenda comer de novo pra voltar pra casa sem fome, porque a gente sabia que se voltasse pra casa não ia ter o que comer, dona Anésia era a merendeira e cuidava de dar comida pra gente. Naquela época a escola era mais participante e mais próxima da vida das crianças dos problemas de cada família, a gente pegava sapato na escola, não porque a gente queria pegar sapato, mas quando chegávamos na escola, dávamos o sapato apertado pra outra colega, e pegávamos um novo ou um usado que coubesse. A escola sempre se preocupou muito com o bem estar da criança. Hoje eu não vejo isso, percebo muitas meninas irem de calça jeans apertada furada na coxa, de sapatilha, quando eu era criança não era assim.

A carência e falta de recursos eram marcas não só da vida, mas também do espaço formalizando a conexão simbiótica originária entre vida e espaço fundado de certa forma no mito de origem da Barreira, entretecido pela necessidade que desvelava o elemento integrativo de vida e espaço tecendo o cotidiano:

> Juca, é a típica história do mito aqui, andava de terno de linho, chapéu do panamá, sapato de verniz, é o que dizem de como ele era, lembro-me vagamente, mas ele que iniciou as escavações, o loteamento e a venda dos terrenos aqui, foi assim que meu avô comprou, e mesmo depois dos lotes demarcados, não havia recurso algum aqui. Não tinha água, nem luz nada disso. Mas tinha a biquinha aqui na esquina, onde todo mundo daqui, só conseguia água se pegasse naquela biquinha. Hoje eu moro aqui na esquina, mas quando eu morava lá em cima [ainda criança], as pessoas vinham de madrugada, porque a água era fininha, ficavam numa fila, pegavam e levavam para suas casas e essa era a água que usávamos até para beber. [...] Algumas pessoas usavam água de poço, mas na minha casa não tinha nem poço, às vezes eu pegava água de poço da casa do meu tio, aquele que te falei que era tio da minha mãe. A gente carregava a água de lá pra casa que usávamos para tudo. Para consumir e beber, como também não tinha luz, a gente pendurava uma garrafa de água numa corda e jogava no poço, assim a água ficava geladinha, era assim que a gente bebia água gelada na época porque não tinha geladeira, não tinha luz não tinha nada.

A narrativa desvela a configuração das vidas entrelaçadas, vida humana e seu mosaico com a vivacidade orgânica do espaço. A colaboradora revela suas lembranças de vida como as mesmas lembranças do espaço, desvelando o sentido de crescimento pessoal acompanhados

do crescimento do espaço: a infância da menina Helenice entretecida no espaço infante da Barreira, duas origens comungando a mesma potencia de crescimento, conformando consonâncias e dissonância na personalidade da menina e do lugar, construtos polarizados da então infante Barreira.

> Minhas lembranças de vida são as mesmas lembranças do espaço, cresci e amadureci junto desse lugar. Lembranças da infância aqui na Barreira era a coisa melhor do mundo, não tinha muro, era tudo cerca de madeira, ou era um pedaço de arame farpado, e nós crianças fugíamos e passávamos por baixo, brincávamos na rua até sabe Deus quando, e chegava todo mundo em casa suado e com cordão de sujeira no pescoço, mas com muita felicidade no coração, porque nos divertíamos muito. [...] Desde aquela época de criança já tinha certa separação, onde as crianças brincavam, entre o beco e a Barreira [encosta]. As crianças do beco ficavam por lá, enquanto que as crianças da barreira [encosta] permaneciam brincando lá em cima mesmo. Aqui no meio não temos nome, porque considero que a Barreira começa lá depois da rampa, o beco é da esquina do Beto pra lá, então as crianças brincavam no Beco ou aqui no meio, nunca nos dois lugares. [...] Até hoje ainda tem crianças que brincam de pipa aqui, jogam bola, jogam pique, bola de gude, a rua ainda é ocupada pelas crianças, mas a separação entre Beco e Barreira [encosta] ainda persiste, mas acredito que é pelo costume mesmo, nada impede o acesso, é uma questão das pessoas mesmo. Acho que aqui no centro nessa meiúca [no meio] da Barreira sempre foi onde os extremos se encontram, porque quem é de cima [da encosta] desce e fica aqui, e as meninas e meninos do Beco sobem e vem pra cá também. [...] A sensação que ficou é que as pessoas que tinham um poder aquisitivo melhor, se instalaram no meio, no centro da rua, porque as casas dos dois lados eram de pessoas com menos recursos, sei que todos eram pobres mas parece que no meio ficaram as pessoas mais organizadas, que se preocupavam mais com o lugar, faziam cercas mais bonitinhas, essas coisas assim.

A narrativa da entrevistada ratifica na maior parte de sua fala, o entendimento da colaboradora no tocante a Barreira ser uma grande família, em parte por ser composta por famílias e por outro lado, porque provoca sentidos de uma construção de rede de segurança interna, onde o lugar seguro é o interior da Barreira e o perigo se instala fora dela, reforçando estrategicamente a produção de afetos, de uma cultura baseada na solidariedade *no cuidado com o outro*, emergindo como elemento integrador e educativo do espaço como descreve nossa colaboradora:

> A Barreira ainda é a grande família porque tem famílias grandes por aqui ainda, já teve mais, mas hoje ainda tem [...] Mas acho que aqui é mais seguro do que qualquer lugar fora daqui. Por ser nascida e criada aqui me sinto mais a vontade, não moraria fora, só talvez em um condomínio porque teria medo de morar fora, aqui tem muita gente que me conhece, sei que se eu gritar no portão por socorro muitos irão

> me socorrer, isso já não aconteceria fora daqui, sem contar que já passamos por várias situações que nos mostraram como aqui é um lugar que ainda se pode confiar. [...] Já deixamos chave dentro do carro, carro com vidro quebrado e quando choveu de madrugada, tinham aberto a porta do carro, colocaram um saco para não molhar o carro, e até hoje não sabemos quem foi o benfeitor que cuidou para que a chuva não molhasse o carro por dentro. Já esquecemos mala cheia do lado de fora no portão, chave de casa no meio da rua nunca ninguém abusou disso. [...] Então, por minha memória afetiva entendo esse nosso lugar como uma grande família, e essa família está sempre presente nas horas difíceis, de festa, quando vê o portão aberto entram pra saber o que está acontecendo, existe a preocupação em saber como as pessoas estão, e com isso, a Barreira ensina valores, e relações sociais. [...] A Barreira ensina, tanto coisas boas como coisas ruins pra você não seguir. A princípio não dá para observar a existência de arte nem cultura aqui, mas se eu pensar em termos de trabalho, e hábitos entre moradores, tem bastante. Por exemplo, o comerciante guarda o seu jornal porque sabe que você gosta de ler, um vizinho faz um bolo que sabe que você adora e guarda uma fatia pra você, tem dessas coisas de pensar no outro como um hábito e passa ser uma cultura baseada na solidariedade e cuidado com o outro. [...] Viver na Barreira é bom, a vivência aqui contribui para o cotidiano, porque acabamos formando uma rede de proteção, onde ajuda o outro. Nossa cultura é da solidariedade, do cuidado, não se produz nada concreto mas afeto, o que mantém as pessoas no local. [...] A Barreira se produz através do trabalho e com isso melhora [aperfeiçoa] o lugar e as pessoas. [...] Então a Barreira produz afeto e família. [...] Minha identidade local posso dizer que é ter sessenta anos de barreira, a moradora mais antiga daqui que tem a carteirinha desse lugar, sou herdeira e filha desse lugar. São tantas pessoas e histórias da minha vida, infância, adolescência e fase adulta vividas aqui que posso dizer que pra mim, a Barreira é uma grande família. Ter a memória do lugar desde o começo pra mim significa tudo, é a minha vida, minha história, a história dos meus avós, dos meus pais, dos meus filhos e agora dos netos, que representa a quinta geração aqui na Barreira.

O sentido de solidariedade no espaço se desvela como um campo de produção social e cognitiva, as ações que o morador pode fazer pelo espaço, e em prol dos demais moradores, consiste no elemento que mobiliza o viver da entrevistada, noção reiterada pela maioria dos entrevistados, permeando a lógica do sistema retributivo como prática social alinhavada pelo grupo.

A comunicação fez e de certa forma ainda faz parte e sentido na vida e do trabalho de nossa entrevistada na Barreira. Num dado momento da entrevista, mais uma surpresa: a colaboradora nos revela como os moradores da Barreira tiveram acesso aos primeiros telefones fixos na década de 90, graças ao trabalho que ela fez tanto com a distribuição como na administração de ramais, no sistema de telefonia de cabine, tendo inclusive destinado parte

de seu terreno para a instalação da cabine que centralizava dos ramais e computava o consumo de cada ramal:

> Eu também ajudei no progresso desse espaço, melhorando minha casa e ajudando em alguns recursos como a telefonia. Na década de 90, administrava o telefone de cabine daqui, uma parte do terreno daqui de casa abrigava o quartinho que tinha a máquina de ramais, nós tínhamos aqui no quintal um cômodo pra botar essa cabine, que processava os números e consumo. Além de ter um ramal tudo eu mesmo resolvia. Era uma empresa que ofereceu esse serviço, mas fiquei como responsável, e por isso me aborreci, mas a vizinha ficou com o serviço. Era o mesmo modelo da luz de cabine que o sr. Vava administrava no inicio de formação daqui, mas a gente não chegou a ter. Era um poste de madeira com aquela luz vermelha, mas a gente usava mesmo lamparina. Quando meu pai comprou o lampião de gás iluminava tudo, era bom demais, e muitos também se beneficiavam desse lampião, para entender, que a solidariedade é herança da Barreira, ultrapassa gerações e se espalha por vizinhos e familiares e acaba sendo transmitidas como marca do nosso lugar.

As narrativas emotivas de nossa colaboradora quanto a sua contribuição as transformações da Barreira, inevitavelmente despertaram-nos a busca do sentido concreto do espaço para a entrevistada, a qual declara não conceber a Barreira como favela, enumerando uma série de razões, principalmente porque o local é elaborado em uma única rua, compara a Barreira com outras favelas e entende que *as outras sim, aquelas são favelas, a Barreira não*, demonstrando claramente a plasticidade como elemento categorizador do que é ou não favela:

> Não acho que a Barreira seja favela, porque mesmo com tudo que acontece, ou se comparando com outras favelas piores, aqui ainda é um paraíso, porque é uma rua só, sem saída com um beco, então não pode ser favela. Aqui não tem barracos são casas boas, lá em cima [encosta] tem muita casa boa, não acho que se possa comparar isso aqui com uma favela, até pelos valores que existem aqui, não tem briga como lá fora. Mas isso acaba sendo uma herança. As pessoas acham que a Barreira ainda é favela por conta [...] de ter algumas casas humildes ainda [no Beco], mesmo que tenha violência [...] fora da favela é uma coisa mais aberta, não é concentrado como aqui. Em relação à violência, em comparação a antes, hoje está mais explicito, mais aberto, a violência não aumentou só por aqui, mas em todo lugar, o jovem tem outra forma de pensar, mas sempre teve tudo isso, aumentou em Madureira, Barros Filho, Copacabana, então violência já deixou de ser morada própria da favela, mas está no asfalto também, isso não faz do asfalto uma favela também?

A colaboradora deixa um questionamento ao fim de sua entrevista que nos chama a atenção: o que define um lugar como favela? O espaço, ou a visão de seus moradores sobre o próprio espaço? Essa questão emergiu em outras entrevistas, isso porque muitos moradores

não entendem a Barreira como uma favela, embora saibam que o lugar é reconhecido oficialmente como favela.

A resistência na aceitação da categorização de um espaço como favela conflui com as estratégias de construções afetivas buscando a ruptura das concepções que marginalizam o espaço pela diferenciação das práticas sociais voluntariamente estabelecidas pelo grupo.

A narrativa que revela a não aceitação ou reconhecimento dos moradores de que a Barreira seja uma favela, evidencia a estratégia dialógica com o espaço, que conta com alguns elementos que reforçam uma tentativa de reconfiguração por meio das relações sociais estabelecidas no espaço buscando sua configuração como o lugar que suplanta as categorizações marginalizadas impostas a favela.

A construção da rede de afeto, embora estrategicamente elaborada não suplanta as polarizações engendradas pela organização e especulação imobiliárias perpetradas originariamente quando da formação da Barreira. Nesse sentido, Juca Pyrama Ararigboia Silva exerceu um papel fundamental para a implementação desse arranjo reproduzido hodiernamente, que situa a favela da Barreira como o refugo do processo urbanístico do bairro e do entorno.

Juca Pyrama Ararigbóia Silva

A memória dos moradores colaboradores sobre Juca é clara: ele era o dono das terras da Barreira, organizou o loteamento, contratava homens para as escavações do barro, loteou toda a área, determinava aos empregados o trabalho que queria e as áreas de escavação, vendia os lotes e recebia o dinheiro da venda.

> [...] Mas o dono dessas terras aqui, chamado Juca, é que tinha empregado aqui, ele que contratava mão de obra pra remover a encosta, fazendo lotes e vendendo, ganhou muito dinheiro com isso. O Juca tratava da venda e de receber o dinheiro. Vendia terrenos disso tudo aqui, da rua do lado, de cima. Ele mandava em tudo, pelo menos eu via que ele vinha aqui, de terno branco de linho, chapéu e sapato de verniz, vinha acompanhado de dois homens, e recolhia o dinheiro da venda dos lotes de quem ainda devia a ele. Ele mandava também no trabalho dos homens de escavação, então ele era o patrão **(Sr. Getúlio)**

Nos documentos que a colaboradora Helenice apresentou, pudemos entender como a operação de venda dos lotes era engendrada por Juca: por meio de um contrato de aluguel (locação de terreno), por prazo determinado (de dois anos), com pagamento mensal (em dia determinado) no valor de quinhentos cruzeiros. Findo o prazo contratual, era concedido ao

Locatário um termo de quitação de compra do lote assinado por Juca, uma espécie do que hoje seria arrendamento mercantil, contrato de aluguel com opção de compra no final.

O documento trouxe à luz a identidade negocial de aquisição originária dos lotes da Barreira, o que nos fez compreender como as diferenças na forma de aquisição dos terrenos marcaram a divisão do espaço refletindo na identidade polarizada entre a Encosta e o Beco, fragmentando o próprio lugar.

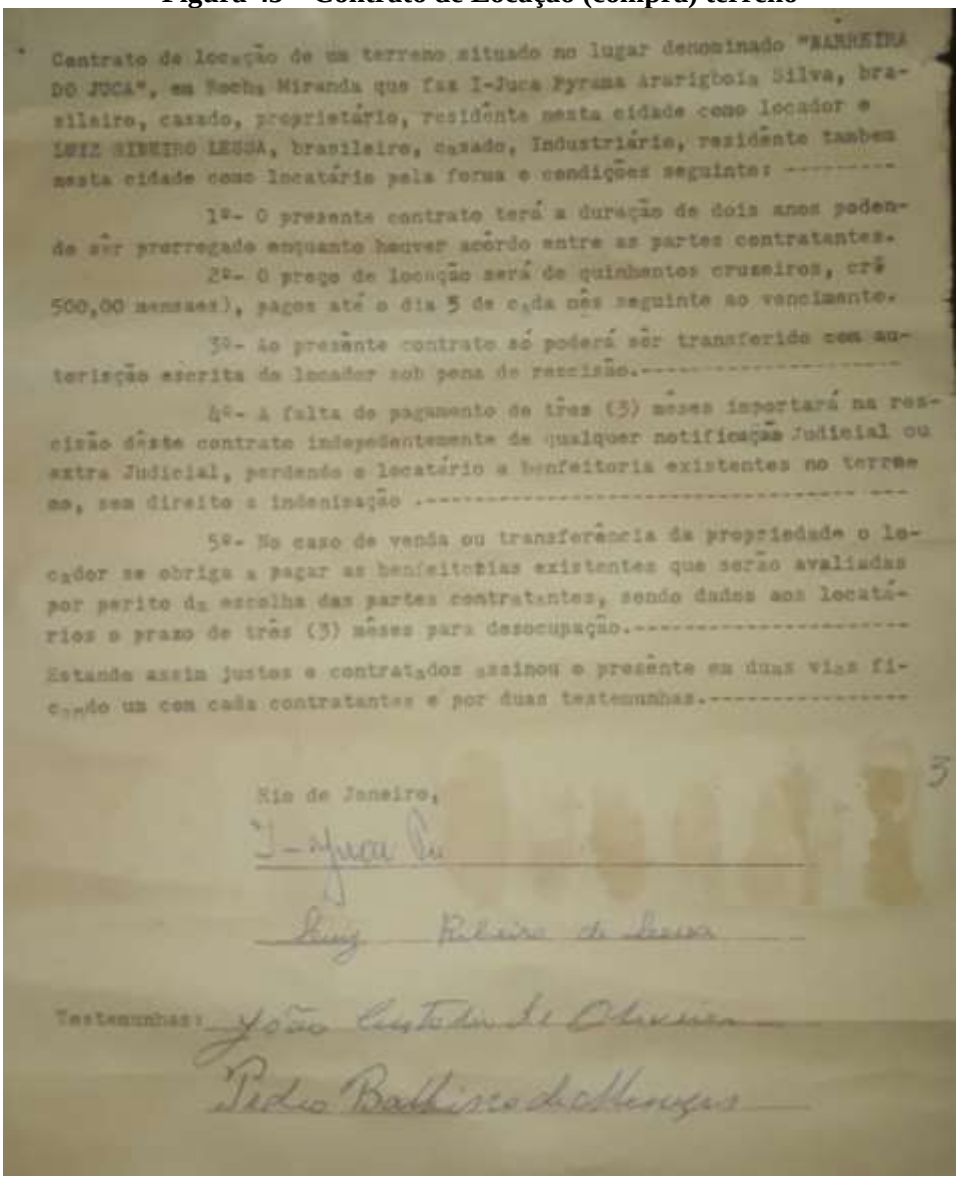
Enquanto os terrenos no lado da encosta foram vendidos e adquiridos mediante pagamento – o que explica o valor econômico daquele lugar -, os terrenos do lado oposto, no Beco, não seguiram a mesma forma de aquisição, por ser área de charco, brejo e vala, não possuíam valor comercial, e por essa razão, boa parte dos terrenos daquela área em específico receberam ocupações promovidas pelas pessoas que ali chegavam, como nos relata Dona Lalá tornando de certa forma aquela área um pouco mais precária em relação à Encosta.

> [...] As pessoas diziam: dona Lalá, tem um buraquinho pra eu ocupar? Eu arrumava um lugar pra as pessoas virem com suas famílias, e sempre aparecia quem estava precisando de lugar pra morar. Levei até minha cunhada pra lá. O tal do Juca, que também já morreu, começou a lotear e vender os terrenos, mas ele só queria dinheiro das pessoas, o terreno não era dele, mas mesmo assim ele contratava o pessoal pra lotear e vender os terrenos da encosta, da Rua A [Cônego Boucher Pinto], da Rua B [Maria Paulina Bivar] e da Jones Rocha [Rua]. Ele tomou conta da parte da encosta, mas o lado do Beco, ele não loteou. Mas quando percebeu que o pessoal começou a ocupar, ele quis cobrar, mas o pessoal o botou pra correr. Mas uma coisa ele fez, inventou essa Barreira que era João Maria [Rua], e que hoje é Henrique de Góes [Rua].

Mas quem foi Juca Pyrama? Nos documentos, Juca se qualifica como “proprietário” de terras e Locador de terrenos. Na memória dos moradores, Juca sempre foi um indivíduo de muitas posses, formador de espaços como a Favela da Barreira, por ele designada nos documentos de locação (venda) como ***Barreira do Juca*** (nome que nunca foi utilizado ou reconhecido pelos moradores).

Outro espaço que recebeu trabalhos de loteamentos foi o condomínio de casas construído na Rua dos Diamantes conhecido até hoje como ***Beco do Juca*** (lugar que não faz jus ao nome por ser um extenso condomínio de casas) situado em uma das ruas de maior circulação do bairro. Empreendimentos imobiliários voltados ao loteamento se mostraram o meio pelo qual Juca fazia de áreas como a Favela da Barreira e do entorno a sua arena particular de exploração do solo urbano, criações marcadas por seu próprio nome.

Figura 45 – Contrato de Locação (compra) terreno



Contrato de locação de um terreno situado no lugar denominado "BARREIRA DO JUCA", em Rocha Miranda que faz I-Juca Pyrama Ararigboia Silva, brasileiro, casado, proprietário, residente nesta cidade como locador e LUIZ RIBEIRO LESSA, brasileiro, casado, Industriário, residente tambem nesta cidade como locatário pela forma e condições seguinte: ---------

1º- O presente contrato terá a duração de dois anos podendo ser prorrogado enquanto houver acôrdo entre as partes contratantes.

2º- O preço de locação será de quinhentos cruzeiros, cr$ 500,00 mensaes), pagos até o dia 5 de cada mês seguinte ao vencimento.

3º- Ao presente contrato só poderá sêr transferido com autorização escrita do locador sob pena de rescisão.----------

4º- A falta de pagamento de três (3) mêses importará na rescisão dêste contrato independentemente de qualquer notificação Judicial ou extra Judicial, perdendo o locatário a benfeitoria existentes no terreno, sem direito a indenização .----------

5º- No caso de venda ou transferência da propriedade o locador se obriga a pagar as benfeitorias existentes que serão avaliadas por perito da escolha das partes contratantes, sendo dados aos locatários o prazo de três (3) mêses para desocupação.----------

Estando assim justos e contratados assinou o presente em duas vias ficando um com cada contratantes e por duas testemunhas.----------

Rio de Janeiro,

I-Juca Pi

Luiz Ribeiro de Lessa

Testemunhas: João Castelo de Oliveira

Pedro Batista de Menezes

Fonte: Acervo particular colaboradora Helenice

O nome de Juca surge em uma publicação específica mantida junto ao acervo do arquivo nacional, aparecendo no Diário Oficial de boletim eleitoral[105], datado de 03 de julho de 1937 (pg. 3046), demonstrando dados que nos foram muito esclarecedores acerca da identidade de urbanização da favela da Barreira.

> **7.587. I. Juca Pyrama Ararigboia Silva, filho do João Maria da Silva Júnior e de Luiza Barreiros, nascido a 24 de julho de 1909, no Distrieto Federal, comercio, solteiro, com domicilio eleitoral no distrieto municipal de Santo Antônio e residência á rua do Lavradio n . 124.**

105 Fonte: Biblioteca Nacional

De Rua João Maria a Henrique de Gois: a Barreira de hoje

Os dados pessoais de Juca, publicados no boletim eleitoral (1937) acima referenciado, nos favoreceu o entendimento identitário de inscrição urbana da Rua que teria se tornado a então Favela da Barreira, que inicialmente, por ocasião do loteamento, recebeu o nome de Rua João Maria, em homenagem, ao que tudo indica ao genitor de Juca, conferindo certo simbolismo ao loteamento da Barreira, de representação paterna, sendo talvez o primeiro sentido simbólico de família conferido ao espaço da favela da Barreira.

Mais tarde, precisamente no ano de 1978, o Decreto Municipal de número 1819 de 16 de Outubro de 1978[106] (abaixo na íntegra), altera o nome da Rua de João Maria, passando a ser designado de Rua Henrique de Gois, em homenagem ao médico, nome mantido até os dias atuais.

A mudança na designação do logradouro de certa forma rompeu com a identidade da construção local e com os signos que ela agregava. Os moradores mais antigos lembram saudosos que a rua era inicialmente designada de João Maria "a invenção de Juca" como disse Dona Lalá em sua entrevista, *"[...] mas uma coisa ele fez [se refere ao Juca], inventou essa Barreira que era João Maria, e que hoje é Henrique de Góes"*.

Para os outros moradores que não acompanharam o processo de formação do espaço da Barreira, esses desconhecem que a Barreira não foi sempre chamada de Rua Henrique de Góes. Mas um desconhecimento é uníssono: nenhum dos moradores sabe dizer até hoje quem foi Henrique de Góes, embora a curiosidade e interesses sejam inscrições unânimes entre os moradores, em quererem saber quem foi o homem que emprestou seu nome a Barreira.

Na tentativa de melhor compreender a relação entre Henrique de Góes e a Barreira, buscamos nos registros públicos elementos que viabilizassem entendermos quem foi o médico Henrique Armbrust de Góes Vasconcellos, o que favoreceu a compreensão de outras conexões.

Henrique Armbrust de Góes Vasconcellos foi estudante no colégio Santo Inácio no período de 1929-1931, seu nome desponta na relação[107] de antigos alunos listados pela

106 Fonte: https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/1978/182/1819/decreto-n-1819-1978-reconhece-como-logradouros-publicos-da-cidade-do-rio-de-janeiro-com-denominacoes-oficiais-aprovadas-a-rua-e-o-prolongamento-que-menciona-situados-na-xiv-regiao-administrativa-iraja?q=rua+henrique+de+Gois+ . Acessado em 29.05.2018.

107 Fonte: Núcleo de antigos alunos do Colégio Santo Inácio. http://www.oocities.org/excsi/EXALUNOS.HTM consultado em 28.05.2018.

instituição, tornando-se mais tarde um renomado médico especialista em ortopedia e traumatologia.

DECRETO Nº 1819 DE 16 DE OUTUBRO DE 1978.

Reconhece como logradouros públicos da Cidade do Rio de Janeiro, com denominações oficiais aprovadas, a rua e o prolongamento que menciona, situados na XIV Região Administrativa - Irajá.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e tendo em vista o que consta do processo nº 04/304.804/76, DECRETA:

Art. 1º São declarados logradouros públicos da Cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o projeto nº 9.846, aprovado pelo Decreto nº 1.702, de 14 de agosto de 1978, e tendo em vista o art. 25 do Regulamento de Parcelamento da Terra aprovado pelo Decreto "E" nº 3.800, de 20 de abril de 1970, modificado pelo Decreto "E" nº 6.527, de 14 de setembro de 1973, com denominações oficiais aprovadas de **RUA HENRIQUE DE GÓES (Henrique Armbrust de Góes e Vasconcellos - Médico**), **o logradouro anteriormente conhecido com o nome de Rua João Maria,** que começa 203m antes do alinhamento par da Rua Jones Rocha, de um ponto 65m depois da Rua Cônego Boucher Pinto, e termina com 593m de extensão; RUA JONES ROCHA, o trecho situado no prolongamento desse logradouro, anteriormente conhecido com o nome de Rua Nelson Potiguara, a partir da Rua Cônego Boucher Pinto, passando assim a Rua Jones Rocha a terminar na Rua dos Diamantes.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1978.
MARCOS TAMOYO
Orlando Feliciano Leão
DOM de 17.10.78

Entre as décadas de 50 e 60 Henrique de Góes foi responsável pela 19ª enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, atuando na clinica de ortopedia e traumatologia, como menciona Ivo Pitangy (2009, p. 22) em seu livro autobiográfico:

> Em 1949, após três anos de formado, fundei e dirigi a primeira clinica de cirurgia de mão no Brasil, na 19ª enfermaria. Não foi fácil. Comecei no Hospital da Santa Casa, no serviço de ortopedia do professor Henrique de Góes. Em um pequeno consultório, eu canalizava os casos indicados para minha especialidade (...). Em 1954, passei a chefiar o serviço de cirurgia plástica reparadora da Santa Casa, ainda agregado a 19ª enfermaria.

Tanto no trecho da obra citada, como na publicação do Boletim de Cirurgia Plástica 108 nº. 161 publicação de Nov/Dez 2013 é possível compreender a contribuição do professor e médico Henrique de Góes no início da vida profissional de Pitanguy, e no que viria a ser a 38ª enfermaria da Santa Casa.

108 Fonte: http://boletim.med.br/outros/importancia-da-38a-enfermaria-da-santa-casa-da-misericordia-do-rio-de-janeiro-para-a-cirurgia-plastica-brasileira/ Consultado em 21.06.2018

> [...] Criou, em 1949, a primeira clínica de cirurgia de mão da América do Sul, na 19ª Enfermaria da Santa Casa, serviço de Ortopedia do Dr. Henrique de Góes. Tratava também pacientes queimados em hospitais públicos do Rio de Janeiro. Após alguns anos como cirurgião de mão, o Dr. Pitanguy passou a chefiar, em 1954, o Serviço de Cirurgia Plástica e Reparadora da Santa Casa, ainda agregado à Enfermaria 19. Cinco anos depois, devido ao elevado número de pacientes, a direção da Santa Casa cedeu a 8ª Enfermaria, que, em 1962, viria a denominar-se 38ª.

Analisando o período em que o Dr. Henrique de Góes esteve a frente da enfermaria 19ª, dedicando-se especificamente a clinica de ortopedia e traumatologia da Santa Casa de Misericórdia[109], nosocômio que mantinha como finalidade a atenção aos desvalidos:

> A Santa Casa tinha a grande responsabilidade de manter o maior hospital do Rio de Janeiro [...], que oferecia assistência à população pobre da cidade e seus arredores, sem distinção de raça ou nacionalidade. [...] A Misericórdia não se preocupava apenas em garantir cuidados médicos a seus enfermos, mas também tratava de oferecer a todos os internos conforto espiritual, contando com a ajuda de um sacerdote, o "capelão da agonia", que celebrava missas no hospital e ministrava os sacramentos da comunhão, confissão e extrema-unção, ratificando assim a proposta contida em seu regulamento, que procurava o bem-estar do corpo e da alma dos que se encaminhavam à Santa Casa (COC, Fiocruz).

É possível compreender a existência de um possível elo entre os moradores da Barreira e o atendimento médico franqueado pela Santa Casa. Essa hipótese foi comprovada em conversa com alguns moradores, confirmando uma demanda local, no passado direcionada a Santa Casa.

Conversando com alguns dos colaboradores e moradores da Barreira, descobrimos que alguns deles já foram atendidos pela Santa Casa da Misericórdia do Centro do Rio de Janeiro. A colaboradora Aparecida, menciona ter extraído um cisto sebáceo do braço esquerdo, tendo sido submetida a um procedimento ambulatorial de cirurgia para extração, e elogiou o atendimento que recebeu:

> Há muitos anos, apareceu um caroço no meu braço, cresceu e eu não sabia o que fazer. Pedi socorro aos céus, aos santos, a Deus porque eu não sabia para onde correr, não tinha dinheiro para o particular [atendimento médico], aí eu tive a ideia de ir à Santa Casa, lá na cidade [centro do Rio], quando fui, ainda levei uma vizinha que também tinha que operar um cisto igual o meu, só que o dela era em

109 Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Fonte: *http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br* Acessado em 12.09.2018

> outro lugar, não me lembro onde. Graças a Deus deu tudo certo, fomos muito bem atendidas e voltamos rápido **(Aparecida).**

Outros casos de procura de alguns moradores (embora não entrevistados mas por nós ouvidos) pela Santa Casa no passado surgiram, demonstrando atendimentos que variavam desde consultas médicas a procedimentos ambulatoriais, revelando uma conexão externa estabelecida entre a Barreira (e sua memória sanitária) com a Santa Casa de Misericórdia o que de certa forma não deixa de consolidar vínculo entre o subscritor do logradouro, Dr. Henrique de Góes e a história de vida dos moradores mediada pela atenção à saúde realizada na Santa Casa.

Se a mudança do nome de logradouro pode ter significado uma espécie de apagamento da extensão do trabalho de Juca e da carga afetiva que empregou no espaço quando concedeu o nome de seu genitor a rua loteada, hoje conhecida como Barreira, por outro lado, o seu próprio nome jamais foi apagado da lembrança dos moradores, até daqueles que não vivenciaram a presença marcante do empreendedor no espaço.

No mito de origem da Barreira, o Juca, permanece sendo transmitido oralmente nas histórias de construção e surgimento do espaço, e no campo das memórias, Juca sempre renasce, seguindo vivo em cada história contada, repousado hoje, numa Barreira que consolida a memória de logradouro marcada pelo trabalho incansável, de cura e cuidados subscritos por Henrique de Góes.

É possível que as marcas de cuidado desveladas no tecido narrativo que os moradores dispensam uns aos outros, possa ser herança oriundas da própria trajetória de vida dos personagens fundadores, o que faz da identidade de origem da Barreira ser fundada em tradição de trabalho e cuidado, consignados pelas memórias gravadas no espaço de Juca Pyrama e Henrique de Góes.

Nesse sentido, podemos compreender que a cultura de cuidado e trabalho tecidos na Barreira, apontada pelos entrevistados encontra sua própria essência na historia de origem e construção do lugar, revelando que não só a vida dos moradores é elaborada em simbiose com o espaço, mas as transformações do lugar seguem junto com os valores das memórias espaciais e pessoais ali construídas. Se as memórias dos moradores demonstraram-se vitais para a consolidação do presente estudo, de igual forma e tão importante se mostrou apreendermos a memória do espaço para entender o mosaico emergido nas narrativas, entre vida, espaço e cotidiano na Barreira.

4.1.2 A Barreira, do barro ao lar
Getulio, o menino-homem que fez do barro seu lar

O homem Getúlio, chefe de família aposentado, começa a nossa entrevista um pouco tímido, mas aos poucos o olhar ganha o brilho que reflete a memória de um menino que nasceu no bairro de Rocha Miranda, na avenida dos Italianos. Na entrevista, a lembrança do nascimento remete a Barreira, o colaborador relata ter nascido na Barreira, ele mesmo se surpreende e corrige a informação logo a seguir, na verdade ele nasceu quando os pais moravam na Avenida dos Italianos (bem próximo da Barreira). Nesse momento, percebemos a dimensão do pertencimento do colaborador com espaço.

Getúlio segue contando sua vida, mergulhado em lembranças de um passado que se fazia presente em cada palavra, filho de italiana com capixaba, seus pais, residentes à época no Estado do Espírito Santo, onde se conhecerem e se casaram, tendo concebido 9 (nove) filhos, entre eles nosso colaborador. Carioca, nascido por ocasião da vinda de seus pais do Estado capixaba para o Rio de Janeiro, instalaram-se na casa de amigos do pai do colaborador, os quais já residiam no bairro de Rocha Miranda, na Avenida dos Italianos (antiga Estrada do Areal).

O pertencimento ao espaço e memória de formação da Barreira, nos pareceu à identidade inicial emergida pelo colaborador em sua narrativa, simbolizado em sua memória como seu nascimento na Barreira, o que demonstra signos de significativa dimensão para o entrevistado e o mosaico entre vida e espaço.

> É como se eu tivesse nascido aqui na Barreira, mas nasci lá na Italianos [avenida], acho que nasci duas vezes, lá e aqui. É que eu era bem pequeno quando viemos para a Barreira, então minha vida toda eu passei aqui, por isso acho que nasci aqui, cresci, minha adolescência foi aqui também e minha fase adulta aqui, esse lugar presenciou todas as fases da minha vida e ainda me assiste até hoje, eu comecei a vida junto com esse lugar, escavando e crescendo, igual a Barreira. Acho que é por isso que sinto e lembro que aqui sempre foi a minha casa, nem recordo de outro tempo fora daqui. Conheci a Barreira quando eu tinha dez anos de idade, era bem moleque ainda, mas sinto que aqui é meu berço, por isso na minha memória vem aqui como meu lugar natal. **Getúlio**

A Barreira se apresenta ao colaborador ainda menino aos dez anos de idade como um aglomerado de barro, uma paisagem sem forma definida, uma barreira tão infante quanto o próprio colaborador na época, atraindo trabalhadores que indicavam amigos e parentes para a

lida na construção dos loteamentos de terrenos que deram origem a atual favela da Barreira e seu entorno:

> Foi muita coragem dos meus pais virem pra cá assim, não teria essa coragem de ir para um lugar estranho sem ninguém da família. Aqui não tinha nenhum familiar mesmo, só um conhecido do meu pai que tinha vindo de lá pra cá alguns anos antes, escolheu o bairro de Rocha Miranda porque outro conhecido de lá já tinha vindo pra cá, que também tinha sido indicado, as pessoas vinham de lá [do Espirito Santo] pra cá mesmo. Esse colega do meu pai o incentivou a vir também com minha mãe. Meu pai veio na frente, depois minha mãe, quando meu pai já estava trabalhando nas escavações daqui da Barreira, também por indicação do amigo.

A narrativa de Getúlio segue, e toma um tom de admiração: com olhos saudosos brilhando de emoção o colaborador menciona como seu pai era um homem forte e entendido de obras, o que facilitou a inserção rápida do pai nos trabalhos de escavação da Barreira, e com isso, a vinda do menino Getúlio, responsável por trazer o almoço de seu pai que fazia suas refeições sempre com olhar atento de seu filho, em meio ao barro, no intervalo entre as escavações, revelando os primeiros contatos do colaborador com as contrações iniciais do nascimento da Barreira, marcando o profundo aprendizado mediado por seu pai no espaço que, na descrição do entrevistado se tornou seu caderno de estudos. A vida de Getúlio se inscrevia na dinâmica de formação da Barreira.

> Como meu pai entendia de obra, conseguiu logo trabalho nas escavações da Barreira, no loteamento daqui da favela, o colega dele ajudou indicando esse trabalho. Quando eu chegava da escola, nem descansava, trocava a roupa e trazia o almoço para ele, depois eu ficava ajudando nas escavações, levando baldes, pá, para ele, fazendo o que ele precisasse, fui crescendo e com o tempo ajudando a ele em outras coisas da obra. Eu aprendi muito com isso, ele me ensinou na Barreira, meu pai era o professor e a Barreira meu caderno. Aprendi tudo o que sei com meu pai.

Foi dessa forma que a experiência do colaborador quando menino com o espaço da Barreira revelou o potencial educador e emancipador emergidos pelo trabalho, que além de atrair força produtiva, viabilizou a aquisição de lote de terreno aos trabalhadores, de áreas que não mantinha certo valor econômico com o processo de loteamento e urbanização do entorno da Favela da Barreira para atrair compradores externos, que mantinha muito mais o interesse nas áreas do entorno.

Nesse momento, a entrevista forneceu elementos capazes de conduzir ao entendimento da questão urbana, entretecida entre a favela da Barreira e seu entorno, evidenciando traços iniciais de elementos norteadores da identidade cunhada pela organização espacial e territorial

do bairro, demonstrada na polarização do espaço da própria favela principalmente quando se fala na dicotomia entre dois extremos da mesma rua (Beco e Barreira, tratada como Encosta).

> Com o trabalho na Barreira, indicado por esse colega do meu pai, ele conseguiu comprar um pedaço de terreno aqui que ainda hoje é nossa casa, isso lá no final da década de 50. Meu pai comprou o terreno de uma pessoa que comprou das mãos do Juca mas que ficou com medo da encosta deslizar, por isso vendeu para meu pai, no papel mesmo, ele comprou parcelado, a medida em que fazia os trabalhos, ia pagando com o salário que recebia. A Barreira foi trabalho do Juca. **Ele percebeu que de todos os lotes que ele vendia, tinha uma parte que ninguém queria comprar, que era toda essa rua da Barreira** [Henrique de Góes]. O lado norte, ficava a Barreirinha [encosta], nome dado por conta da grande encosta de barro ali existente, e o lado sul ficava o beco porque era charco, brejo o que fazia com que **a área da Barreira em ambos os lados, não tivesse valor comercial**. Foi então que ele teve a ideia de oferecer aos trabalhadores alguns lotes ali em troca de boa parte de seus salários, e muitos aceitaram, esses revendiam para os outros trabalhadores. Assim meu pai conseguiu o nosso. Isso aconteceu depois que o Juca percebeu que no lado oposto [o beco], Dona Lalá, mãe de santo do centro que fica lá no Beco, estava ocupando terreno e trazendo pessoas para ocupar parte da área do brejo, usando para aterro o próprio barro retirado da obra que fazíamos por aqui. [...] A Barreira tem é história... Pra mim, é a minha história. Contribuiu para meu crescimento, e como contribui até hoje.

A organização da favela da Barreira, a princípio não foi intencionalmente dirigida com o fim de se consolidar no espaço uma favela, mas o resultado poderia ser previsto pela forma de aquisição dos lotes que hoje consolidam a Favela da Barreira. O processo de urbanização local demonstrou ter seguido os moldes dos processos de empreendimentos imobiliários urbanos, na exploração de áreas mais valorizadas e com isso, a formação de um resíduo, um remanescente que, por ausência de valor de mercado, é destinado à aquisição de habitações populares, autogeridas e organizadas.

Esse cenário, além de reproduzir internamente a lógica urbana das áreas subalternas com relação ao processo urbano receberem habitações e ocupações que tendem a polarizar o espaço e (sub) segregar micro áreas dentro da favela. Se a cidade segrega a favela, essa por sua vez reproduz a mesma lógica em seu interior, reconfigurando micro polarizações no espaço da favela que desvelam organizações entre áreas mais abastadas e menos abastadas na favela. A esse fenômeno, compreendemos por denominar de (sub) subalternização, ou seja, a subalternização reificada e reproduzida pelo subalterno em decorrência de sua própria organicidade, ou substrato articulado da inclusão que se fortalece e legitima no esteio do próprio sistema que configura a exclusão.

A invisibilidade e a ausência ganham corpo e vida na memória de Getúlio, se a Barreira é tudo para ele, como demonstra em suas narrativas, paradoxalmente esse tudo já foi representado na vida do entrevistado pelo conjunto de ausências, seja de serviços básicos, de água, de asfalto e de antigos amigos. A vinda para a Barreira significou nas palavras de Getúlio uma grande ruptura, isso porque, pela aparência inicial da Barreira, as pessoas criticavam o lugar e não tardaram a designar o espaço como favela, em virtude das inúmeras carências vivenciadas pelos moradores.

A ausência de elementos urbanos que tornassem o espaço com as mínimas condições de habitabilidade motivou os moradores a unirem-se em prol da melhoria da área, consolidando os contornos de uma memória urbana local auto organizável.

> Lembro de tudo como era no início. Aqui na Barreira era um nada, não tinha espaço nenhum, só barro que cobria tudo. O pessoal contratado foi cavando, aí que foram surgindo os espaços, as ruas como é hoje. Tinha barro até na rua principal, na Rua dos Diamantes, nem lá tinha casas, só a passagem da rua mesmo. Na medida em que a gente cavava, os loteamentos eram organizados e a venda acontecia. As pessoas chegavam, faziam suas casas como podia, tentando melhorar o seu próprio espaço e com isso, a rua. [...] O espaço da Barreira foi começando a ficar ocupado e de certa forma "organizado" e "urbanizado" ao modo da nossa gente, não nos moldes do governo. Na rua, não tinha calçamento, era barro, aí jogamos pó de brita e socamos em alguns pontos. Isso ajudava a não fazer mais lama. [...] Água era na biquinha pra todo mundo, e luz era puxado da cabine de luz do falecido sr.Vavá. O governo só chegou muito depois que chegamos, viemos para cá mais ou menos em 1959, as ações públicas – as poucas - só chegaram ao fim da década de 80, por volta de 1989, ficamos trinta anos organizando esse lugar e dando nosso jeito, só os moradores. Como você vê nossa favela só tem vinte e sete anos de existência no papel, para o governo, mas existimos mesmo há cinquenta e oito anos. Tem aí trinta e poucos anos de sombra da nossa existência aqui da Barreira.

Sr. Getúlio segue explicando algo que até o momento da entrevista não conseguíamos vislumbrar com tanta clareza como ele colocou em sua fala: o espaço da Barreira não tinha nada, as pessoas adquiriam seus espaços e por meio da ocupação (seja a titulo oneroso ou gratuito), o local se organizava, urbanizava e é cuidado pelas próprias pessoas.

> O governo fez, na década de 90 o concreto na encosta, concretou mas a encosta ainda cai, tem raiz de árvore crescendo entre o concreto, até caiu um pedaço, essa encosta é uma casquinha, é muito fraca, vira e mexe desliza um pouco, é só cair uma chuva mais forte e pronto..., mas quando acontece alguma coisa assim, as pessoas são logo socorridas. Nunca morreu alguém mas lembro que já teve gente ferida, da encosta cair e derrubar a casa toda e a pessoa ser retirada dos

> escombros. O socorro chega bem, é rápido o bombeiro é aqui em Campinho, pertinho, não demora, mas os políticos não consertam essa encosta. A história da Barreira nunca contou mesmo com o trabalho dos políticos, só o trabalho dos moradores, sempre foi assim mesmo.

O que nos chama a atenção é a relação que o entrevistado faz de reconhecimento da existência do espaço pelos órgãos públicos (apenas em 1989), conectando a ausência desse reconhecimento com a própria existência local, ou seja, a chegada de serviços públicos significa concessão de vida ao lugar, existência e visibilidade ao espaço, enquanto que a ausência dos serviços relega a favela a inexistência e ao esquecimento.

A Barreira tornou-se um paradigma em si, de que a vida e habitabilidade não carecem de legitimação por registros oficiais, quando encontra mecanismos de (auto) organização e poiética na sociabilidade da realidade.

As rupturas entre moradia e modos de vida antes do entrevistado se instalar definitivamente na Barreira, e as novas organizações do local provocaram impactos de diversas ordens na vida do entrevistado, demonstrando claramente a diferença entre estar na favela e ser, morar nela:

> Sai da Italianos e vim pra cá, estranhei as dificuldades daqui. Uma coisa era só estar aqui um tempo, quando eu vinha pra ajudar meu pai, outra bem diferente era morar. Quando chovia, ir à escola era muito complicado, como a rua era toda de barro ficava um lamaçal só, o barro se misturava na minha pele e não saía, não gostava dessa sensação, me sentia igual ao chão, duro e sujo. O que estranhei mesmo foi que aqui não tinha nada, nem água, nem luz, nem calçada, nem minhas antigas amizades vinham aqui, ninguém gostava. Acho que porque o lugar era tão carente que dava medo nos outros de vir pra cá. Mas tínhamos mesmo que vir pra cá, era só meu pai trabalhando, e minha mãe pra cuidar da casa e dar conta de alimentar meus outros sete irmãos, que nasceram depois. [...] Quando eu vim pra cá, tive que fazer novas amizades, as antigas não me queriam mais por perto e nem vinham pra cá, diziam que aqui era perigoso, que era favela. Não vejo perigo, desde que vim nunca vi esse perigo ser somente daqui. Não só tinha como ainda tem perigo em qualquer outro lugar, pessoas que faziam coisas erradas, mas não era ruim como todo mundo que não morava aqui dizia que era. As pessoas diziam que aqui era um antro de gente ruim, antro de gente que não presta, mas nunca foi mesmo assim, tinha muito trabalhador, esse lugar foi feito com trabalho e não com coisa errada.

Nesse ambiente de reciprocidade, demonstrado na narrativa de Getúlio, é que consolida as práticas de cuidado uns com os outros, no esteio das formas de habitação no local, onde famílias se formam, outras chegam e perpetuam por gerações na Barreira, o conhecimento entre o grupo, e as famílias que se formam quando chegam a Barreira, se

instalam e logo contribuem com o trabalho, enriquecendo o espaço, construindo e reforçando os laços de afetividade que engendram a sociabilidade do grupo.

> [...] todo mundo aqui se conhece mesmo uns são casados com outros o que junta famílias daqui, ou a maioria das pessoas, são uns, parentes dos outros, tem ali em cima a parentada toda, é do peixeiro lá de cima, vieram de São Paulo mas são todos da Paraíba, o irmão veio primeiro, montou o barraquinha de peixe, depois foi trazendo a família toda. São Paulo não foi tão bom pra eles como aqui. Estão lá em cima, os irmãos fizeram barraquinha em cada parte daqui, vendendo peixe e se mantém bem, compraram a casinha deles e tudo. Tem a família do dono do bar da esquina, vieram todo mundo da Bahia logo no iniciozinho daqui, hoje já tem o bar deles o do pai e do filho, e muitas casas deles aqui alugadas. Tem o comércio da loja de ferragem, o comerciante casou com a filha do dono daquele terreno onde tá a loja e a casa dele, mais de 50 anos atrás, manteve a família aqui, agora filho e netos. [...] Cada família funciona de um jeito, com problemas, com medos, com amizades e cumplicidade, com aqueles parentes que são conhecidos, mas distantes de nós, com outros que estão perto pra ajudar no que for necessário, então... Não é diferente de qualquer família, nem aqui funciona diferente dessas famílias. Tem gente que é legal, outros vivem longe é assim mesmo. A Barreira é o quintal da nossa casa, da minha casa, pertence a gente que ajudou a fazer, é minha também. Eu vim pequeno, todos daqui da família foram criados aqui, me vejo como criança daqui também. A garotada consegue ficar solta na rua brincando, soltando pipa, ou jogando bola, é tranquilo.

Essa construção afetiva, narrada cuidadosamente por Getúlio extrai dele um misto de emoções, nos conduz ao entendimento do significado da Barreira para o narrador, que a comprara a uma Grande Família, compreendida por ele com todas as diversidades e problemas e sentimentos que uma família pode ter. Ao mesmo tempo, o entrevistado formula outra comparação, indicando a Barreira como *o "quintal de sua casa",* um espaço tão próximo e peculiar que invoca a rua, como extensão de sua casa.

E essa representação fez sentido na própria explicação de Getúlio: Se a casa acolhe e abriga a família, na perspectiva de representação da favela em se comparada a uma grande família, significa compreender que o espaço abriga e acolhe, ofertando certa segurança no acolhimento. Quando solicito ao entrevistado que explique melhor sua colocação, imediatamente ratifica suas palavras:

> É o lugar... nasci aqui, me fiz aqui, é o que eu conheço é onde vivi a vida toda, me sinto familiarizado, me sinto seguro. Aqui... não tem nada que eu não goste, acho que tudo é como deve ser mesmo, eu gosto de tudo aqui. É um bairro bom, eu gosto de Rocha Miranda, mas nem pra Rocha Miranda eu moraria, não sairia ou mudaria da Barreira não, não gostaria de sair daqui nem pra viajar. Lá fora é muito

> perigoso, aqui estou seguro. [...] Hoje, não saberia te dizer se as pessoas tem medo daqui, se elas têm ficam porque devem precisar, e não tem para onde ir. Mas medo mesmo, não tem. Se tivessem demonstrariam, eu mesmo não tenho medo. Se analisarmos os perigos, a encosta não cai com frequência, e à violência existe em qualquer lugar. Aqui sou conhecido, mas medo, acho que aprendemos a conviver com tudo, e quando aprendemos a conviver com o lugar e as pessoas, ir pra outro e começar é ter que reaprender tudo de novo, isso pode ser bem pior. Já acostumei aqui, me sinto em casa na minha casa, a Barreira é a minha casa em casa.

O discurso de Getúlio demonstra que, a apreensão de significado local "da grande família" guarda signos mais profundos, como uma rede de proteção que torna a percepção do morador do local onde mora ser o mais seguro que o ambiente externo, o que de certa forma reforça o sentimento de extensão de casa à rua e de familiaridade com as pessoas e com o lugar, mantendo ainda um liame com a questão do pertencimento, que surge na entrevista como *"pouco envolvimento*" dos moradores com os espaços da Barreira:

> Por outro lado, alguns moradores tem pouco envolvimento com os espaços daqui. O NEPP [Núcleo Ecológico Pedras Preciosas] ainda faz uma coisa ou outra que traz coisas boas pra cá, como o café social, a educação ambiental para evitar lixo na rua – o lixo sempre foi problema aqui. Os moradores foram acostumados a usar o Rio que servia de lixeira. O núcleo ecológico [NEPP] age na educação e proteção do rio, conscientizando os moradores de que não devem despejar entulhos na rua nem lixo no rio. Tem ainda o projeto das plantas medicinais, coloca a disposição das pessoas que precisam plantas medicinais e mudas [pequenas plantas] para replantio nas favelas do Rio de Janeiro e nas escolas públicas de graça. Isso tudo é um grande diferencial que sai daqui, acho que essa é a marca da Barreira nas mãos do NEPP.

Por outro lado, a própria fala de Getúlio nos remete a consolidação de representação da Favela da Barreira, por meio do NEPP (instituição não governamental), mantida sem qualquer subvenção pública idealizada pelo morador Jocelino Cavalcante Porto o qual também entrevistamos. O pertencimento, fomentado nas ações do NEPP junto ao espaço, provoca e convida o morador a apropriar-se mais dos espaços internos. Além da própria Barreira, as atividades de educação ambiental são inscritas na formulação de pertencimentos e apropriações do espaço fora da favela, o que corrobora com a sustentabilidade das áreas da favela e da (sobre) vivência no espaço, onde a concepção de grande família agregada na memória e no espaço emerge também como instrumento de sustentabilidade social.

> Espero que todos se entendam sempre melhor para fazer desse lugar cada vez um espaço mais familiar não se pode perder isso, é essa ligação de carinho, respeito e ajuda mútua, essa é a história da Barreira, um monte de histórias que se cruzam em um momento de nossas vidas, a minha vida, dos colegas e amigos. As histórias que contamos de manhã no café, ou no ponto enquanto esperamos o ônibus na entrada da favela, o nosso dia começa sempre com encontro do outro na rua. A presença do vizinho, numa conversa, numa novidade... É isso que faz desse lugar ser essa grande família, é como entendo tudo isso aqui.

A narrativa do colaborador evidencia um entrelaçamento do inicio de vida de seu pai no Estado do Rio de Janeiro, e sua trajetória delineada pelo trabalho nas escavações do loteamento na Barreira, sendo esse um banco de memória que se tornou essencialmente significativa para o colaborador marcando a trajetória de sua própria história de vida nas transformações do espaço, o menino que se torna homem, que fez do barro de sua infância a representação de sua morada, consolidando o amálgama entre as memórias do espaço e sua própria história de vida delineada na Barreira.

4.1.3 O Santuário Barreira
Dona Lalá, o santuário de uma Barreira fragmentada

Conhecer alguém demanda tempo; não apenas o tempo do relógio ou a passagem dos dias no calendário, mas o momento das pessoas, tanto na disposição em interagir com o outro, quanto na porção de si que deseja desvelar. Os sujeitos, enquanto seres sociais, precisam se produzir diante do olhar do outro; ou seja, a cada novo olhar, novas possibilidades de existir. Conhecer alguém, então, implica em exercício constante, pois a cada encontro diferente, novas versões de si podem acontecer, elaborando novos conhecimentos.

A partir dessa compreensão, é possível sinalizar que não conheci apenas uma dona Lalá, zeladora espírita da Barreira, mas várias possibilidades dessa mulher através dos relatos daqueles vizinhos que a conheceram e com quem, muitas vezes, buscaram auxílio para aquilo que os olhos e ações humanas não poderiam realizar, estaria diante da primeira moradora do local, o banco de memória vivo da Barreira.

Não estranhei quando um dos colaboradores indicou a dona Lalá como referência da Barreira. Sabia que, de alguma forma, algum dia esse nome surgiria e o reencontro chegaria, por uma razão simples: antes de conhecer a Barreira, conheci a força e o trabalho dessa mulher, dedicando-se sempre a ajudar ou a promover recursos de que alguns moradores e conhecidos necessitavam.

Com seus cabelos lisos, cheios de fios escuros avermelhados, pele cor morena, dona Lalá não perdeu a vaidade: sempre com suas unhas das mãos muito bem cuidadas e tingidas com esmaltes de cor vermelha, nos lábios o costumeiro batom de cor carmim, o que valoriza o sorriso de menina. Está sempre muito cheirosa, refletindo a organização e o esmero que acompanham sua casa. Ela acredita que tem no caminho da espiritualidade a continuação do legado deixado por sua mãe, ou seja, amor, cuidado e caridade. Segundo ela, como moradora mais antiga da Barreira, presenciou muitas mudanças e lutas para melhoria do espaço; ela mesma, embora não se considere uma líder, já se engajou em muitas batalhas locais.

Entre sorrisos e preparativos para a entrevista, dona Lalá se mostra feliz por nos entregar um pouco de sua história de vida, evidentemente emocionada, inicia seu relato, seguido do olhar atento de seu filho sanguíneo Nogueira, que colabora no decurso da entrevista com suas próprias lembranças, reiterando ser sua mãe, dona Lalá, a moradora mais antiga da Barreira.

Num dado momento da entrevista, Nogueira se recorda de quando conheceu a Barreira:

> Quando vim pra cá com minha mãe, na década de 60, o lugar lembrava muito as favelas de televisão, com barraquinhos de madeira, com telha de zinco, era lama por todo lado, era muito difícil ver casa de alvenaria, as cercas eram de arame farpado, madeira, a rua era lama pura.

A senhora de semblante iluminado, lembra que antes de seu filho conhecer a Barreira, muitos fatos aconteceram em sua vida, seus olhos, parecendo acompanhar as imagens das lembranças, guiaram a fala revelando detalhes de uma trajetória desconhecida pelos que ali estavam presentes. A viagem pelas ruas da memória de Dona Lalá se iniciou, transportada pela fala de seu filho a um passado que lhe parecia próximo, nossa colaboradora relata sua vida partindo de sua infância, relembrando sua criação no bairro de Rocha Miranda, em Turiaçu, na Estrada do Otaviano, emergindo em seus olhos toda a trajetória de vida da menina que se tornou a grande mãe espiritual da Barreira.

A espiritualidade não era distante da realidade de vida de Dona Lalá, lembra que sua mãe sempre realizou trabalhos de ajuda espiritual, por manter certos dons que ajudavam a quem a procurasse, o que serviu para unir ainda mais as duas após a morte do pai da entrevistada, quando ainda era menina.

> Eu sou a moradora mais antiga da Barreira, nasci em 1928, tenho 89 anos. Sou a primeira moradora daqui. Eu nasci e fui criada em Rocha Miranda, meus pais chegaram logo no início da abertura das ruas [1916]. Morávamos em Turiaçu, na Estrada do Otaviano, só depois de

> adulta vim pra Barreira. Tive uma infância muito amadurecida, porque meu pai faleceu ficando só eu e minha mãe, então nós, duas mulheres, tínhamos que dar conta de tudo para viver, até o padrasto chegar, não mudou muito. Aprendi desde menina [pequena] a me virar como podia a ser forte.

O brilho das lágrimas nos olhos de nossa entrevistada demonstravam a força da memória e a vivacidade que nela se refletia, na medida em que verbalizava os caminhos traçados pela vida, todo o sofrimento de perda representado pela morte dos pais e a força que precisou ter para sobreviver a todas as mudanças que de sua vida, caminhos de superação reforçados pela trilha do legado espiritual.

> Meu padrasto veio morar com minha mãe anos após o falecimento do meu pai, que morreu em Portugal, mas o padrasto não ajudava muito. Eu aprendia os afazeres domésticos e ajudava minha mãe em casa, sempre. Minha mãe era uma mulher muito ativa, e um ser humano muito sensível; ela tinha uma mediunidade muito boa. Mas acho que, com tantas atribuições cuidando de mim, da casa e do meu padrasto, e ainda das pessoas que vinham em busca da ajuda espiritual que ela dava, acabou doente. Eu tive que tratar dela, era sua filha única. Comecei a tratar da minha mãe de uma pneumonia, ficou ruim mesmo, muito fraca. Minha mãe era espírita. Só de olhar ela dizia tudo sobre uma pessoa. Ela rezava as pessoas, sabia usar as plantas para curar, entendia dessas coisas. Se a pessoa estivesse doente, ela via e falava. Eu herdei a mediunidade dela, que me ensinou a tradição do uso das plantas para curar e as benzeduras também. Depois que ela morreu, fiquei sozinha no mundo.

A narrativa sofrida da entrevistada nos encaminha a uma história premida por uma série de dificuldades enfrentadas quando jovem, incluindo a tentativa de abuso que teria sofrido por parte de seu padrasto após o falecimento de sua mãe, e a força que encontrou para se impor contra a violação de seu próprio corpo.

> Mas depois que minha mãe faleceu, meu padrasto queria abusar de mim, “botei ele pra correr” e ele saiu mesmo! Herdei essa força e autonomia da minha mãe, que mesmo casando de novo, não se deixava levar pela cabeça de homem; ela sempre soube o que queria e conseguia. Nunca precisou de homem pra se manter. Logo depois que expulsei meu padrasto, lutei e me mantive sozinha.

A luta é marca da mulher aguerrida, dona Lalá carrega essa marca. Quando nossa entrevistada relatou que uma viagem de trem transformou toda sua vida e da Barreira, a oportunidade de trabalho que lhe surgiu e como esse emprego contribuiu para a construção da Barreira [Beco], compreendemos o poder de luta e apropriação que essa mulher ainda carrega e suas contribuições na mobilização de moradores para consolidação do espaço.

> Quando eu era mocinha, lá pelos meus dezoito anos, conversando com uma pessoa dentro do trem**,** eu disse que estava cansada porque voltava de um dia buscando emprego. Que sorte danada ter viajado naquele momento, naquele vagão daquele trem. A pessoa com quem eu conversava me pediu para que o procurasse no dia seguinte, na Secretaria de Segurança, no Centro da Cidade. O trem mudou e marcou a minha vida, e da Barreira também, para melhor. Eu arrisquei e fui procurar a pessoa com quem havia conversado no trem. Chegando ao lugar indicado, procurei o moço do trem, e ele disse que eu trabalharia com ele por três semanas. Eu ajudava a fazer de tudo, mas o forte era a escrituração, até que ele disse que eu ficaria no lugar dele porque ele estava indo embora, se aposentando. Lembro-me como se fosse hoje, o dia que o moço do trem chamou o General, e me apresentou a ele. O General disse que, se eu fizesse tudo direitinho, eu ficaria trabalhando lá, e assim foi. Trabalhei na Secretaria até a minha aposentadoria. Aprendi muito e fui ajudada mais ainda, e a Barreira também foi ajudada pelo General, como ele podia. [...] O trabalho com o General contribuiu muito para os ideais de construção do Centro e mais ainda para Barreira. Quando vim pra cá, a Barreira não tinha nada mesmo naquela área do beco, eu peguei aquele terreno grande sozinha, mas tive muita ajuda pra levantar o Centro Espírita e minha casinha. Trabalhando na Secretaria de Segurança Pública naquela época de ditadura, no fim da década de 50 e início de 60, não era nada fácil, mas me enchi de coragem e pedi ajuda ao General. Ele não tinha nenhum preconceito, nem por ser mulher querendo organizar um espaço que seria uma empreitada para homens, como também não tinha restrições de ajudar a organizar uma favela. Ele era um bom homem. [...] respeitava a moradia, e ajudou muito na "urbanização" nesse lado aqui do Beco. Eu chegava tarde do trabalho, lá pelas nove e meia, dez horas da noite, mas ninguém mexia com morador, todos eram respeitados e protegidos aqui. Reuníamos os moradores e com as doações que o General arrumava, fechamos um valão que existia bem no meio da rua ligando os extremos da favela. Antes, tínhamos que usar madeiras como ponte para pisar e não cair no valão. Não tinha rede de esgoto, tudo passava por baixo dos barracos, e às vezes ficavam a céu aberto mesmo.

Do legado espiritual recebido de sua mãe, nasce o dom de dona Lalá ao atendimento e acolhimento espiritual, delineando a vocação religiosa que se manifesta como um projeto, o Centro espírita se torna o grande projeto de trabalho e sonho juvenil externado por nossa colaboradora.

> [...] continuei com o trabalho espiritual da minha mãe. Essa lembrança forte e os ensinamentos me motivam diariamente a continuar os trabalhos espirituais, e a Barreira foi o santuário que recebi para desenvolver os trabalhos. Minha mãe não tinha um templo, mas ajudava sempre as pessoas que precisavam de socorro espiritual. Eu achei melhor organizar a ajuda num Centro Espírita, e o anseio pela construção de um pronto socorro espiritual aconteceu aos poucos. Esse sonho começou numa casinha, perto da Barreira que aluguei e comecei os atendimentos fraternos.

A memória afetiva da mãe e do lugar de onde foi criada, mais uma vez emerge fornecendo encaminhamentos revelando a trajetória de vida de nossa entrevistada, que encontra na Barreira o *lócus* de sua prática espiritual, o santuário local e pessoal, onde a família se descortina como causa de percepção das mudanças ocorridas no espaço, oportunidade de moradia e proximidade afetiva.

> Tudo isso me aproximou e me trouxe para a Barreira, meu santuário. Quando casei, permaneci aqui em Rocha Miranda, em Turiaçu, e quando separei vim para dentro do bairro de Rocha Miranda, quando aluguei o espaço que serviu para reiniciar os trabalhos do Centro Espírita. Turiaçu não era considerado por algumas pessoas como Rocha Miranda, mas minha mãe e eu sempre entendemos que estávamos em Rocha Miranda [...] A casinha que aluguei era perto da Barreira, onde minha cunhada morava, o que favorecia meu elo familiar com ela, que morava próximo da atual entrada da Barreira, na Rua dos Diamantes, onde tinha um armarinho [lugar que vendia aviamentos de costura]. Eu conheci a Barreira por conta da minha cunhada, já falecida. Sempre que saía da casinha que aluguei perto da casa dela, após os trabalhos espirituais eu ia visitá-la. Mas percebia que tinha muitos terrenos sendo escavados e loteados para venda só de um dos lados, onde fica a barreira mesmo [lado da Encosta], aquela encosta grande de barro que tá lá até hoje. Acho que não escavaram mais porque iria derrubar a rua de cima que parece apoiada na encosta, mas o outro lado, onde fica o beco hoje e onde está nosso Centro Espírita, ninguém queria ou fazia nada, porque era um brejo, muito molhado mesmo, mas vi uma oportunidade de deixar aquilo útil, acho que enxerguei além da feiura do lugar, e não me enganei.

Sempre atento a narrativa de sua mãe, Nogueira relembra com orgulho em sua voz da fortaleza que sua mãe sempre se mostrou e como ela mesma construir o Templo espírita, desvelando como vida e espaço ainda confluem na trajetória de vida de Dona Lalá:

> Os médiuns ajudaram muito, minha mãe meteu o pé na lama pra ajudar, ela nunca teve medo de trabalho e fazia mesmo tudo, mas muita gente ajudou e devagar conseguiram erguer o nosso Centro como está hoje. Fui criado pelo meu pai, mas sempre acompanhei a minha mãe aqui e nos trabalhos do terreiro.

Compreendendo a trajetória de dona Lalá com a Barreira, buscamos compreender quem era a colaboradora enquanto *mãe da Barreira* [como ela mesma se coloca], e no intento não só de descobrir essa identidade religiosa de nossa colaboradora, procedemos ao olhar dos trabalhos do Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição, para entender o papel que o templo exerce no espaço da Barreira. Estávamos assim com dois desafios: entender a identidade da mulher e líder espiritual e compreender a inferência do templo religioso no espaço, seguindo

os elementos evidenciados na narrativa de dona Lalá, onde vida e espaço se entrelaçam num único corpo.

> Minha história de vida se mistura com a história da vida da Barreira, até porque, minha vida começou mesmo depois que vim pra cá. Foi aqui que comecei minha vida, e ajudei a muitas pessoas, como ainda ajudamos. O Centro ajuda muitas vidas aqui.

Praticamente, como ela mesma menciona, iniciou por conta própria o processo de ocupação da área do Beco, ajudando pessoas que não tinham onde morar. Primeiro, resolvendo o problema da área que era um charco; depois, arranjando os moradores para ocuparem o espaço. Nesse momento, Nogueira esclarece a organização atual do Centro, e como a historia de vida de sua mãe, na espiritualidade teceram sua própria participação na história local, dos moradores e do Centro:

> Hoje quem zela pela casa é minha mãe junto da minha esposa, que se encarrega das seções e dos trabalhos, e eu recebo as pessoas que vem aqui, cuido das doações, da administração do Centro, e isso desenha bem a minha relação com o lugar e as pessoas daqui.

Quase ao lado do Centro, é possível encontrarmos, ainda na área do Beco, uma igreja evangélica, também antiga na Barreira: a Igreja Assembleia de Deus [criada em 30.05.1990]. Fiquei intrigada em descobrir que não havia ali problemas de harmonia entre as religiões, alguns frequentadores da igreja inclusive, frequentavam também o Centro Espírita em dias de festa e, quando precisavam de donativos, buscavam na igreja e no Centro a ajuda que precisavam. Percebi que a necessidade na favela une as pessoas e elimina, em certa dose, alguns embates entre religiões, essa percepção emerge ainda na fala de Nogueira quando relata sua função de administrar o templo espírita e conciliando com a missão da organização espiritual, de acolher e ajudar:

> Compartilhar necessidades leva as pessoas a se unirem para o bem comum, acho que esse é o ponto que fortalece essa comunidade e faz com que seja um lugar família, onde as pessoas se conhecem e se ajudam. As pessoas dividem o pão, as carências, os sonhos e até as realizações.

O Beco, lugar em que funciona o Centro Espírita e que também abriga a casa de dona Lalá, é lugar bem movimentado operando como espaço de comunicação entre os mundos, por onde passam diferentes histórias de esperança e fé, servindo de caminho para ruas externas à Barreira. A identidade dessa passagem para as ruas externas tem muito a dever a existência do

Centro de dona Lalá, segundo a colaboradora relata, graças a sua interferência, o Beco se consolida como caminho as ruas externas:

> O Centro ajudou a muitas pessoas daqui da Barreira. A parte que hoje fica o beco ganhou esse apelido graças ao acesso da viela que tem na lateral do prédio na Rua Gerônimo Furtado, o corredor que fica do lado do prédio da invasão e desemboca direto na Barreira, ligando a Rua externa Gerônimo Furtado a Henrique de Gois. Na época, quando aquele prédio estava sendo construído, eu pedi ao dono para deixar a passagem, senão seríamos isolados da Rua principal e, graças a Deus, ele deixou um corredor de acesso que dá direto aqui na Barreira, e que existe até hoje.

Figura 46 - Corredor de acesso lateral ao prédio ligando as ruas General Jerônimo Furtado a Henrique de Gois na área do Beco

Fonte: Acervo próprio

Não há nada ali na Barreira que passe despercebido por dona Lalá, que circula sempre nos extremos da favela; às vezes, fica sentada no portão, sempre muito comunicativa, ou andando e conversando um pouco com cada um que encontra. Quem tiver qualquer problema, basta só procurar a dona Lalá que, com certeza, encontrará encaminhamentos às demandas, sejam elas materiais ou espirituais.

A zeladora de umbanda tem muito orgulho por ter construído, com ajuda de muitos moradores (alguns já falecidos), o seu terreiro; ela se orgulha por ter conseguido até a ajuda dos “meninos” daquela época para trabalhar também na construção do Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição alguns não mais neste plano da vida. A memória de dona Lalá ainda guarda com carinho a gratidão aos que ela chama de ‘meninos’; alguns também não estão mais entre nós.

Mas é nas sessões espíritas que o trabalho de Dona Lalá, impressiona e se revela. É possível perceber o grande trabalho de caridade e o número expressivo de pessoas, que vem de todos os lugares, entre moradores e frequentadores de outros bairros inclusive da Zona Sul do Rio de Janeiro, todos apertados no pequeno espaço do terreiro, aguardando pela benção e pelos passes das entidades que chegam a terra.

> Aqui também temos união, todos participam dos trabalhos que fazemos no Centro e nas ruas, e isso dá o significado de família para a Barreira. O nosso Centro é referência na comunidade, e muitas pessoas buscam nossa ajuda, é através do Centro que o espaço é apropriado, pela liturgia e ritualística religiosa que une as pessoas aqui, até quem não é da religião vem ao nosso Centro nas festas. Morar aqui e trabalhar com a favela é uma experiência muito intensa, porque não tem hora para o trabalho, somos procurados em todos os momentos, ainda mais quando se faz um trabalho espiritual.

Assim, vestida de branco, com sua saia rodada, suas guias penduradas no pescoço, e lenço branco cobrindo seus cabelos, Dona Lalá dá início aos trabalhos, convocando todos ao cântico do hino de abertura dos trabalhos, acompanhada de todos os presentes no terreiro:

> *"refletiu a luz divina, com todo seu esplendor, vem do reino de Oxalá, aonde há paz e amor, luz que refletiu na terra, luz que refletiu no mar, luz que veio de Aruanda, para tudo iluminar... Umbanda é paz e amor, no mundo cheio de luz, é a força que nos abriga, a grandeza nos conduz, avante filho de fé, com a nossa Lei não há, levamos ao mundo inteiro, a bandeira de Oxalá..."*

Prosseguindo com o ritual, Dona Lalá impregna o ambiente com ares de alecrim, benjoim e alfazema, ervas de defumador, cumprindo o ritual para purificação do terreiro, defumando todos os médiuns, os atabaques, a assistência e a "porteira" [entrada], todos acompanhando em coro os cânticos de abertura dos trabalhos:

> "*nossa senhora incensou seu amado filho, para todo mal tirar e eu incenso eu incenso a nossa banda, pro mal tirar e o bem entrar...*".
>
> "*Defuma com as ervas da Jurema, defuma com arruda e Guiné, benjoim, alecrim e alfazema, vamos defumar filho de fé... Defuma...*".

Após o ritual de abertura da sessão (gira) Dona Lalá, muito concentrada, dá "passagem" [incorpora] a entidade de nome *Tia Maria da Bahia*, enquanto todos entoam seu ponto [cântico]. O corpo de dona Lalá se torna instrumento de trabalho da entidade representada por uma preta velha rezadeira e curandeira, com seu rosário de contas de lágrimas de Nossa Senhora, responsável pelos trabalhos das sessões. Com muita ordem e

disciplina, todos os médiuns batem cabeça [pedem as bênçãos dos Orixás e de Tia Maria] no Congá [altar na umbanda]. Em seguida, se inicia as entoações para Ogum, nas saudações, por meio de entoação de quatro pontos [cânticos] diferentes, todos dedicados ao orixá Ogun as incorporações dos médiuns iniciam ao som do ponto cantado do orixá:

> **Ponto 1.** *"Se meu pai é Ogum, vencedor de demanda ele vem de Aruanda é pra salvar filho de umbanda. Ogum, Ogum Iara, salve os campos de batalha salve a sereia do mar, Ogum, Ogum Iara."*
>
> **Ponto 2.** *"Pisa na linha de umbanda, pisa que eu quero ver, Ogum Iara, Ogum Megê..."*
>
> **Ponto 3.** *"Ogum me disse que dançar nagô é bom, Ogum me disse que dançar nagô é bom, dançar nagô é bom, dançar nagô é bom..."*
>
> **Ponto 4.** *"estava na beira da praia, mas quando eu vi sete ondas passar, estava na beira da praia, quando vi sete ondas passar, abre as porta ô gente que ai vem Ogum, com seu cavalo marinho ele vem trabalhar...".*

Sob os olhos atentos da entidade da preta velha *Tia Maria*, após a incorporação dos médiuns, em dado momento da sessão T*ia Maria* "sobe" [desincorporação], permitindo que Dona Lalá acompanhe as demais fases da sessão, auxiliada pela sua "mãe pequena" [atualmente responsável pelo templo espírita e pelas sessões], até o encerramento da sessão, quando a entidade da preta velha de *Tia Maria* retorna para encerramento da sessão, e posteriormente despedindo-se de todos, deixando suas bênçãos aos filhos de fé.

Ao longo da sessão, Dona Lalá "dá passagem" [instrumento de incorporação às entidades e aos Orixás] a *tia Maria da Bahia* que chega ao terreiro e comanda a sessão, auxiliando os demais médiuns no desenvolvimento e na incorporação com as demais entidades e orixás, que ela se dedica ao trabalho com muito carinho.

Na entrevista, dona Lalá evita falar de forma específica dos trabalhos das entidades, mas explica a razão longe dos gravadores: "*as entidades precisam autorizar tudo, e não estou autorizada a falar sobre elas, só sobre algumas coisas do centro",* isso demonstra a fé e a seriedade com que conduz o trabalho, reconhecendo que é mero instrumento das entidades, a quem atribui todo o crédito pelos trabalhos espirituais, compreendendo que seu trabalho de acolhimento e cuidados inspira novas alianças com o espaço, onde a receptividade, gera o conhecimento e estabelece redes de segurança de si e no espaço, o que fundamenta o sentido da favela da Barreira ser uma grande família, consolidando a identidade macro da favela.

> E essa é a minha contribuição para a Barreira: viver aqui, trabalhar para pessoas que precisam compreender que existem relações solidárias e de amor num espaço que só tinha barro, pobreza e esperança. Muita coisa mudou; hoje, tudo está organizado e mais bonito do que no começo. É claro que ainda temos muito a fazer. Mas hoje podemos sentar no portão à noite, conversar com vizinhos, sem preocupação. Dormir de porta ou janela aberta é outra coisa. Na casa dos meus filhos, eu durmo de janela e porta fechada por causa do perigo. A Barreira é meu coração, meu santuário, sou mãe desse lugar, ou talvez hoje avó. Essa é a identidade que sinto. Permaneço mais aqui no Centro, é onde trabalho, onde moro e organizo as festas dos Orixás. Quase não saio daqui, mas quando saio, é para ficar com meus filhos, depois volto pra cá. O trabalho religioso não pode parar, ele une as pessoas e melhora o lugar em que vivemos, harmonizando-o. Os moradores têm união e por isso a favela virou uma grande família mesmo; também porque vinham parentes, estes casavam e formavam família e ficavam e criavam outras gerações ali. Seu Anjinho veio do norte com a sogra, e hoje todos os filhos criam seus netos ali. As pessoas vieram para cá porque era a oportunidade da casa própria. (...) As pessoas me procuram pra resolver tudo quanto é tipo de problema, pessoal, profissional, espiritual, ajudamos com tudo na medida que podemos. Nosso trabalho ensina a gente a aprender com a necessidade dos outros, pois sem caridade não há salvação! Esse é nosso lema do Centro, e buscamos realizar isso o máximo possível.

Essa imersão nos trabalhos de dona Lalá nos fez perceber, nas entrevistas e andanças pelos espaços da Barreira, a presença constante do orixá Ogum [para alguns, sincretismo com São Jorge] tem presença significativa no espaço da favela da Barreira, podendo-se encontrar sua imagem fora do Centro Espírita, demonstrado certa extensão da fé e devoção no cotidiano, ou mesmo desvelando alguns espaços da favela a extensão de religiosidade.

Alguns moradores e comerciantes fazem uso da imagem justificando sua devoção ao Orixá que se mescla a São Jorge, num sincretismo que emerge a figura do guerreiro vencedor das demandas, dialogando muito com as dificuldades que os moradores enfrentam no cotidiano pela sobrevivência na favela. E dona Lalá mais uma vez aparece como protagonista desses signos, estendendo nos pequenos cantos da favela o reino de *Ifé*, do guerreiro senhor das demandas.

Assim, no dia a dia, nos deparamos com pinturas na parede de comércio, imagens de Ogum em altares improvisados, utilização de blusas, e artefatos como guias do Orixá, anel em aço, medalhas entalhadas em prata, e até ouro, revelando a importância de Ogum em determinados segmentos da Favela, venerado por homens e mulheres, fazendo parte do cotidiano do lugar e das pessoas.

Figura 47 – Imagem desenhada Bar Sérgio

Imagem pintada no Bar do Sérgio, devoto de São Jorge
Fonte: acervo próprio

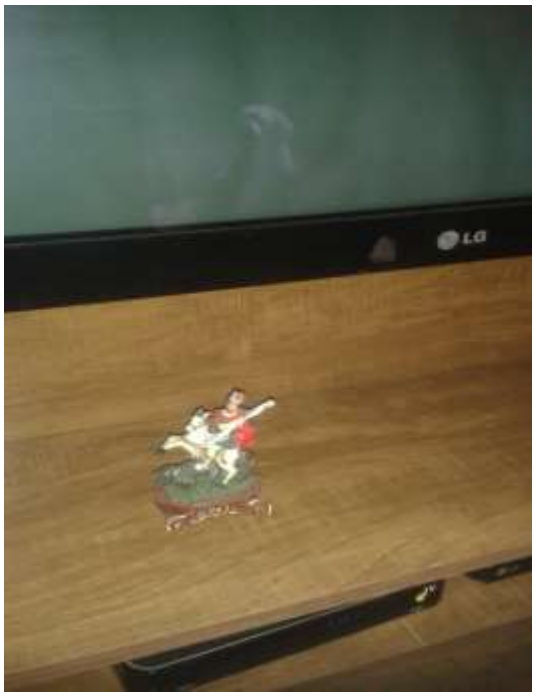
Figura 48 – Blusa Colaborador Barbosa

Fonte: Acervo próprio

Figura 49 – São Jorge sobre a cama do colaborador Getulio

Fonte: Acervo próprio

Figura 50 – Imagem São Jorge encontrada na estante da Sala na casa da Colaboradora Morena.



Fonte: Acervo próprio

É inegável a importância de Dona Lalá para a favela da Barreira: construiu o primeiro templo religioso, sendo, até hoje, o único do segmento de umbanda no local. Quando penso no desenvolvimento de uma área da Favela da Barreira [o Beco], é inevitável revisitar o trajeto de construção do espaço: um brejo inóspito que, graças aos esforços de dona Lalá mobilizou esforços e conseguiu transformar o espaço que a princípio não tinha sequer valor comercial.

Não fosse a ideia dessa mulher de aproveitar o barro e entulho das escavações da área superior da Barreira [a Encosta] - que agregava certo valor comercial objeto de especulação imobiliária - por ocasião da abertura e loteamento da Favela da Barreira e de seu entorno, a área do Beco poderia hoje ser um terreno baldio. Assim, pensar como ocorreu a transformação e posterior desenvolvimento da área do Beco, é pensar como as pessoas conseguem trabalhar o espaço, e conferir função social à ocupação, por meio de suas articulações.

O entulho também seria descartado como lixo de obra, e com o esforço e mobilização de algumas pessoas, dona Lalá conseguiu fazer o aterro no brejo, tornando uma área habitável, sendo hoje reconhecida como a região do Beco da Favela da Barreira.

O Beco, utilizado como recurso de passagem até os dias de hoje, teve na coragem e mediação de dona Lalá a fonte de sua materialização enquanto referencia espacial. É possível

considerá-la como líder comunitária, embora ela mesma negue esse estandarte, pois diz não gostar de política nem de se colocar em tal posição na comunidade, mas acredito em sua representação como uma forte negociadora, mediadora das querelas no espaço de toda ordem.

A negativa na compreensão do espaço ser uma favela emerge na fala de Nogueria ratificando o entendimento de sua mãe sobre a Barreira, e de outros colaboradores, como Helenice:

> A Barreira pra mim é uma lição de vida, uma escola, como foi a rua quando era adolescente. Você pode perceber que aqui é diferente das outras favelas daqui de perto, também é diferente daquelas que saem todos os dias no noticiário, aqui as pessoas se entendem, às vezes se estranham mas resolvem aqui mesmo, não tem a violência das outras favelas daqui do bairro, nem é igual as de fora, então a Barreira é diferente, nem posso dizer que aqui seja favela de verdade, mas as pessoas sabem que é (colaborador Nogueira).

Além da dissonância de compreensão que categoriza a Barreira como favela, circulando nos espaços da Barreira, é possível perceber certa divisão espacial, reforçada na crença dos moradores e pela própria organização do espaço, rompendo externamente com a ideia de santuário colocada por dona Lalá.

No entanto, não pude deixar de perceber uma espécie de demarcação entre a região tida pelos moradores como mais abastada e menos abastada, demarcando assim duas áreas em dois extremos dentro de uma única favela: o Beco, tido como área mais carente; e a Encosta, percebida como área mais organizada, como menciona Nogueira em tom dissonante, após sua mãe ter declarado na entrevista ser a Barreira um grande santuário:

> Tem pessoas que vivem aqui, mas não estão aqui, que não conhecem mesmo a Barreira. Quem vive nas áreas melhores, não conhece a realidade de quem vive na área mais carente, parece que existem duas favelas num único lugar. Nesse ponto minha vida parece com a Barreira, um único lugar com duas realidades, que se revezam entre a pobreza e a abastança. Parece que a cidade foi, copiada e trazida para dentro da favela, onde tem a zona sul dos ricos e zona norte dos pobres. O estranhamento é rotina na Barreira, se o morador aqui não te conhece rola o olhar de desconfiança, e se te conhecem pouco, também rola desconfiança. Você precisa fazer parte da rotina deles ou eles da sua rotina, sentir que compartilham a vida, ai brota a confiança. [...] Tem a divisão de classe e território clara aqui, entre área mais favorecida e menos favorecida. Se sair da área mais favorecida [encosta], embora dentro da Barreira, e vai para a área menos favorecida[beco], você percebe que é como se estivéssemos fora da Barreira e você percebe isso quando sai das áreas mais favorecidas e entra nas regiões mais carentes e vice versa, porque uma região não espelha ou continua as características da outra. Aqui tem duas Barreiras: uma dos pobres que precisam de tudo e a dos “ricos”

> que tem até casa de veraneio fora do Rio, na região dos Lagos. [...] Mas se pensar o bairro e a Barreira existem distanciamentos também. As pessoas não gostam de dizer que são daqui porque sofrem preconceito. A favela da Barreira só conhece quem frequenta, mas quem não conhece quer distância porque não gosta. As pessoas que moram aqui tem vergonha de dizer que moram na Barreira, quem moram aqui, porque sofrem preconceito, preferem dizer que moram em Honório Gurgel ou em Rocha Miranda, mas não dizem que moram na favela. Rola muito preconceito mesmo. Alguns dão como referencia a rua dos Diamantes, mas não gostam de dizer que moram aqui na favela por nada.[...] Todos nós somos vitimas de preconceito porque estamos na favela, mas também tem preconceito o contrário, de dentro para fora. Se você chegar na Barreira muito bem vestido, sofre preconceito. Aqueles que vencem na vida, galgaram grau de estudo, e se mantem na favela, recebem também o estranhamento por parte dos outros que não seguiram adiante. Eles te olham como se você tivesse tido mais oportunidade do que eles, como se tivesse deixado eles pra trás, aí, quando isso acontece, você é excluído do contexto deles, e por isso, afastam você do grupo. Esse é o preconceito contrário, falta orientação para que essas pessoas possam seguir adiante, e encontrarem sua própria oportunidade (colaborador Nogueira).

A narrativa de Nogueira emerge a construção de preconceitos de vários matizes, seja entre moradores do bairro com a Barreira, seja dos moradores com o próprio espaço da favela, seja ainda dos moradores contra outros moradores, revelando assim que a diversidade ocupa as filigranas dos tecidos que integram o espaço e o cotidiano da Barreira.

Cada um defende sua área, mas o fato é que a crença de dona Lalá de que a Barreira é um santuário não é unânime entre os moradores, dado as intempéries de toda ordem vivenciada, por vezes, na favela. Não se pode refutar a contribuição do templo para a Barreira, funcionando como um núcleo agregador, provedor religioso e cultural ao mesmo tempo, como é possível compreender na narrativa de Nogueira:

> Quem consegue vencer na vida, acaba sendo exemplo para o outro, que recebe orientação e ajuda para seguir adiante. Assim, é possível entender que a favela educa, socializa, porque a vivência aqui pode possibilitar o progresso, ou retrocesso, depende do que a pessoa quer na vida e do caminho que vai escolher seguir. O terreiro deu grande contribuição. As pessoas não precisam unicamente de pão, mas precisam de fé para ter força na caminhada do dia a dia. Toda religião é boa, os homens é que são maus. [...] O terreiro ajudava a quem precisava, como eu falei agora, recebo doações e levo pra lá, de cobertor, comida. Por exemplo, dia de preto velho, por que o terreiro enche? Porque a pessoa só vai lá pra comer, e olha que a pessoa às vezes nem da nossa religião é, ou é de outra religião, mas recebemos todos de portas e braços abertos, e todos comem, celebram e festejam os Orixás. Essa comida para quem não tem nada representa muita coisa e pra quem tem também é, porque eles sentem a energia dos Orixás nas festas, isso dá força e animo para continuar. E nesse momento que a pessoa está na festa, comendo, confraternizando com

> outros vizinhos conhecem outras pessoas, e formam uma rede de ajuda, uns ajudam os outros. [...] Se as pessoas não frequentam o espaço uma das outras na Barreira [entre beco e encosta] o terreiro une todas as pessoas dos extremos da favela nas sessões do nosso templo. Pra saber se uma congregação está dando certo, é quando o ritual da seção termina, e você vê que as pessoas continuam ali batendo papo. Esse momento de socialização é muito importante. Se você faz a festa, e todos vão embora rápido, não tem muita amizade ali. A mesma coisa na igreja quando termina o culto, se todos vão embora rápido, não tem união ali. No terreiro, as pessoas conversam e ficam depois das sessões, tem carinho e união das pessoas umas com as outras. Essa é a contribuição que o terreiro dá a Barreira, unir e mediar à socialização das pessoas através das práticas religiosas.

As dificuldades existem, e delas decorrem os elos entre moradores, as redes de afeto construídas por grupos específicos demonstram uma tentativa de negociação com as necessidades enfrentadas, e resistência à própria condição local.

4.1.4 A Barreira e suas narrativas de pertencimento: tecituras do espaço e cotidiano

"Movemo-nos das experiências diretas e íntimas
para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão
simbólica e conceitual"
Yi-Fu Tuan

HELENICE, GETULIO E DONA LALÁ,
A identidade de pertencimento na simbiose da vida e do espaço, construindo o lugar

A demarcação invisível, muito mais de aspecto social do que pelo estético [material], divide o espaço, acreditamos ser em decorrência da forma de aquisição e ocupação originária do espaço. Enquanto os moradores da área da encosta compraram seus terrenos, os moradores da área do Beco, simplesmente ocuparam por orientação de dona Lalá. Os barracos de folha de zinco e amianto eram improvisados na região do Beco, enquanto a região da Encosta esteticamente manteve casas de alvenaria, mais organizadas, com embolso e com esgoto, o que não havia no lado oposto da rua, na região do Beco.

Outra questão que chamou a atenção na fala de Helenice, do Sr. Getulio, e de dona Lalá, é a (auto)organização dos moradores em mutirões para ajudarem-se uns aos outros, assim como na melhoria da rua. Compreendi o sentido da grande família, descrita pelos narradores e do santuário descrito por dona Lalá:

De um lugar organizado pelos esforços de seus moradores, mantido por eles, onde a conjugação de esforços e união (mobilizada pela necessidade) é estratégia de enfrentamento

das mudanças impostas pelo “tempo”, formalizando núcleos que se compreendem e ao espaço como uma *Grande família*.

E que família... às vezes funcional, outras vezes desestruturada, por vezes harmoniosa, em outras aguerrida e fragmentada; enfim, uma família com toda sorte de qualidades e defeitos, impactando de certo modo na definição do que se compreende como família.

A crença de moradores do entorno, de que a Barreira é uma favela muito perigosa, é suplantada estrategicamente pelos moradores que se aliam em diversos grupos ligados a uma finalidade específica (evangélicos, espíritas, ambientalistas, organizadores de recreações, comerciantes, etc...) tratando-se mutuamente como família, o que fortalece o grupo para o tratamento diário de cada desafio posto pelo cotidiano da favela. Mas esses arranjos não suplantam diferenças e preconceitos internos, principalmente dos moradores contra o próprio espaço, situando a Barreira como a grande família fragmentada, num santuário dividido, e organizado em redes (familiares, afetivas, religiosas, comerciais) como estratégia de superação das necessidades.

A experiência de dona Lalá nos conduz a algumas reflexões sob os aspectos que alinham o significado da identidade da mulher na favela, a força mobilizadora para transformação do espaço, as experiências pessoais na história de dona Lalá, o que nos permite perscrutar o reforço da coragem e da posição de mediadora de nossa colaboradora na favela.

Ao mesmo tempo em que assume a condução dos trabalhos espirituais, levando o conhecimento e a ritualística da umbanda para a Barreira, nossa sacerdotisa se engaja socialmente, reconhecida como figura forte do lugar.

Não basta dar voz, ouvido e textualizar as narrativas: é necessário compreender e explicar. Até porque a trajetória de dona Lalá agrega as questões atinentes à livre iniciativa de organização do espaço, à força transformadora da mulher, inscrevendo a narrativa nos diálogos analíticos em diversas questões, notadamente quando se analisa o cotidiano como potencial agente produtor de conhecimento na favela.

A trajetória de vida dos três entrevistados, marcados pela ruptura do núcleo familiar pela perda de familiares, fiou a motivação do entendimento de que tais fatores contribuíram para que os colaboradores compreendessem as relações estabelecidas na Favela da Barreira equivalentes a organização de um núcleo familiar alternativo, (re) significando o lugar na figura familiar, que com o passar do tempo se tornou insígnias de vidas tecidas ensimesmadas no lugar eleito como espaço seguro, da grande família.

Por outro lado, a articulação para a ocupação da área do Beco, demonstra estratégia de apropriação e permanência do espaço, gerando afinidades por alianças, nos remete a Favela da Barreira como a estrutura da grande casa (o todo) que comporta a "família" (seus membros), consolidando alianças matrimoniais e de interesse mútuo as quais corroboram para a permanência e perpetuação do espaço com o mesmo grupo social, numa espécie de "*orquestração sem maestro"* de práticas e estratégias locais que conferem a crença de que a Favela da Barreira seja a *grande família* (Bourdieu, 1983). E dessa forma o espaço ganha contornos, ofertados pelas experiências do cotidiano e da vivência.

Nesse sentido, para Tuan (2012, p. 18), a experiência tem conotação de passividade, sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido. A experiência está voltada para o mundo exterior, além do eu, a experiência é então constituída de sentimentos e pensamentos. Dessa forma, os espaços do homem refletem a qualidade de seus sentidos e sua mentalidade, enquanto lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe personalidade.

> O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história [...] O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais (TUAN, 2012, p. 47-49).

Para além da organização da família, a condução da ocupação em favor de amigos e conhecidos representa, inegavelmente, uma estratégia de perpetuação local, uma forma de garantir a permanência no espaço, o que toma vulto quando famílias se mantêm no mesmo lugar, aumentando suas casas, ou adquirindo outros imóveis, assumindo a Barreira como lugar de tradição familiar pelo grau de perpetuidade que algumas famílias dão ao local, mantendo várias gerações.

As experiências pessoais dos entrevistados, mediando cada qual a sua forma à organização do espaço da Barreira podem ser compreendidas como articulações de urbanização ainda que tímidas e auto-organizadas, contribuem significativamente para o entendimento de produção do conhecimento no e pelo espaço, uma vez que o espaço construído pelo homem pode afeiçoar a sensação e a percepção humana, conforme entendimento de Tuan (2012, p. 128):

> A arquitetura ensina, o meio ambiente construído, define as funções sociais e as relações. As pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não pela própria

> natureza [...] um monumento ou até uma simples moradia pode ser um símbolo do cosmos. Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura é uma chave para compreender a realidade.

Os colaboradores não tinham conhecimento em construção (exceto Sr. Getúlio que aprendeu com o pai) ou em arquitetura, apenas uma boa conversa (Dona Lalá) e muita vontade de transformação (Helenice), nem tão pouco os moradores contavam com tais habilidades de construção, o conhecimento foi talhado na necessidade, no hábito, na construção dos barracos próprios, na ajuda nos barracos de vizinhos, na construção improvisada de casas de alvenaria, as quais nunca caíram ou sofreram qualquer abalo.

Assim, foram surgindo profissões como pedreiros, serventes, auxiliares de obra, pintores, ladrilheiros, eletricistas, encanadores, telheiros, embolsadores. Dessa forma, a favela elabora seus profissionais na prática da escola de suas próprias vidas, no cotidiano da favela.

Como esclarece Certeau (2013, p. 40), as ações que implicam em apropriações que buscam aprimorar a favela, será sempre a variável dependente dos níveis de investimentos pessoais dos moradores para com a favela:

> Essa apropriação implica ações que recomponham o espaço proposto pelo ambiente à medida do investimento dos sujeitos, e que são as peças mestras de uma prática cultural espontânea: sem elas, a vida na cidade seria impossível.

Os entrevistados revelaram em suas narrativas como protagonizaram, de muitas formas, as lições nessa escola da vida, que transformou o barro num lar (Getulio), ou conferindo ao espaço da Barreira o legado de santuário (dona Lalá), nas contribuições de Helenice que levou a comunicação telefônica para a Barreira, a história de vida desvela o lugar, no microcosmo, que confere sentido à existência da constelação da grande família, que não deixa nunca de crescer, sendo elemento estrutural e ao mesmo tempo estruturante do espaço da Barreira.

4.2 APROPRIAÇÕES E PRODUÇÕES, A PRAXIS LOCAL E A TEORIA DA VIDA

Analisar as apropriações e produções locais precedeu estabelecermos como ponto de partida dois pressupostos principiológicos analíticos: vida como princípio educativo e o trabalho como princípio antropológico e cultural do grupo, como desvelado na narrativa de Helenice, onde as observações do grupo social da Barreira nos levaram a compreender que o segundo princípio decorre do primeiro.

Não é fácil observar as práticas sociais locais para capturar elementos proximais capazes de servirem de suporte descritivo e teórico das engrenagens que movem uma favela, é o exercício de pragmatismo local para teorização da vida no trabalho de evidenciar os meios de apropriação, um deslocamento nada fácil delineado por trajetórias complexas de serem apreendidas.

No entanto, compreender os signos teóricos implicou em tecermos, a partir da relação inversa, que partiu da prática das relações cotidianas na favela, para confabular e estabelecer a teoria que formula as apropriações e produções estabelecidas no espaço Barreira. Nesse ponto, a noção de pertencimento, vertida nas narrativas, deslocou as noções do bairro elaboradas por Certeau (2013), norteando-nos ao exame das condições de produção pragmáticas celebradas na favela:

> Aí se acham reunidas todas as condições para favorecer esse exercício: o conhecimento dos lugares, trajetos, cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difisos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas *o lugar de um reconhecimento*.[...] a prática do bairro depende de uma tática que tem por lugar apenas "o lugar do outro". Aquilo que o usuário ganha quando sabe "possuir" direito o seu bairro não é contabilizável, nem se pode jogar numa troca necessitante de uma relação de forças: o adquirido trazido pelo costume não é senão a melhoria da "maneira de fazer", de pensar, de fazer compras, pela qual o usuário pode verificar sem cessar a intensidade da sua inserção no ambiente social (CERTEAU, 2013, p. 43).

Durante o período de pesquisa e até mesmo depois dele, foi possível compreender as conexões estreitas que a vida tece no espaço e vice versa, moradores desde a mais tenra idade, apreendem o espaço e aprendem como explorar cada possibilidade da própria favela. Nesse sentido, pude presenciar crianças das mais variadas idades, com um grau de autonomia incomparável.

Certa tarde, enquanto comprava na padaria do Pedro filtro para cafeteira (com muita irresignação porque os melhores cafés servidos pelos entrevistados sempre foram coados em coadores de pano, o que deixava o café com um sabor mais aprazível) minha atenção se voltou para uma criança, um menino muito simpático, falante (ainda que de forma pouco compreensível), de pele que lembrava um *LaCreme*[110] do mais fino chocolate ao leite, bem

110 Chocolate comercializado pela marca Cacau Show

pequeno, descalços sem blusa, vestindo apenas um minúsculo short vermelho, com sua fala pouco compreensível pediu um pão, porque queria “tomar o café”.

De forma segura, o menino pegou o pão das mãos de uma jovem freguesa que ocupava as escadas da padaria, que aparentemente o conhecia. Já pronto a “bater em retirada”, a jovem subitamente o deteve para indagar sobre sua mãe, ao que ele respondeu estar dormindo. Essa criança, que depois soube ter exatamente 5 anos de idade, acordou sozinho, viu a mãe dormindo, saiu de casa, atravessou a rua, andou do beco a esquina sozinho, sabendo o percurso que iria trilhar para alcançar seu objetivo. Mais que por cautela do que por curiosidade, segui o menino sem que percebesse.

Observei que ele seguia sempre pela calçada, muito atento, seus passos miúdos marcando compassadamente as mordiscadas no pão que acabara de receber, pensei que aquele pão pudesse ser sua primeira refeição daquele dia.

O menino seguia olhando os dois lados da rua e corria para atravessar, até chegar a sua casa, que mantinha um improviso do que poderia ser um portão, de material desgastado feitos com sobras de madeira aquebrantada. Percebi um corredor de terra batida ou barro onde o menino entrou e uma pequena construção que parecia uma meia água de um cômodo quase no fim desse estreito corredor, alvenaria humilde com uma lona, irrompida pelo pequeno, mostrando a discreta passagem que assumia às vezes da porta. Sai de forma discreta, no entanto, a cena presenciada, ocupou os pensamentos seguindo-nos até o retorno de casa, vertida nas reflexões dessa escrita como elemento relevante a ser considerado.

A criança de cinco anos entabulava conversa como uma criança muito mais velha, tinha discernimentos de autopreservação que nunca havia observado num ser de tão tenra idade, isso me chamou a atenção. Percebi que a infância na favela tem uma cronologia diferente da infância em lugares mais privilegiados, o que confere certo arcabouço cognitivo ao infante apreendido graças à circularidade e entendimento do próprio espaço, das possibilidades e perigos peculiares a favela. A necessidade mais uma vez surge como guia no limiar da vida.

Na Barreira, a percepção e maturidade chegam mais cedo aos infantes, isso porque o espaço exerce a primeira e a mais importante função educativa, da autopreservação da vida inspirada nos labirintos da necessidade, o que permite que a criança desde cedo compreenda a existência de perigos, emergindo as primeiras impressões de contradições na leitura de mundo, principalmente dos espaços da favela, configurada como a casa (o lugar seguro) que oferece riscos (o perigo) traços de assimilação que marcam a infância na Barreira.

Não pude deixar de pensar no paralelo entre a realidade observada e a literatura hegemônica que reconhece a escola como espaço de socialização. A família, tradicionalmente compreendida como primeira experiência socializadora, inclusive em sociedades rústicas como nos esclarece Mauss (2003) quando menciona a manutenção das tradições nas sociedades de troca.

Nesse viés, a favela se desvela como a extensão da família (e da casa) com todas as suas contradições, onde se produz vidas que encontram no espaço suas possibilidades de aprendizado e organização cognitiva, mediado na socialização das relações alinhavadas, ou no critério de troca como estratégia de preservação vida e sobrevivência.

Compreender a vida como princípio educativo, decorre entender como o trabalho assume uma condição igualmente principiológicas decorrente da vida cotejada no espaço contraditório da favela, conferindo essência *a sua existência inacabada*, como menciona Suchodolsky (1972).

Nas contradições emergidas no espaço da favela, é que o indivíduo se produz e é produzido, nas apropriações do espaço e de si, *"o humano só pode construir-se através do inumano, do início a ele misturado para, em seguida, se distinguir, por meio de um conflito e dominá-lo na resolução desse conflito"* (LEFEBVRE, 1974, p. 46).

O entendimento de que a criação do homem pelo trabalho converge na construção de si, na produção social da própria existência, faz desse sujeito um ser de sua própria *práxis*, e quando essa equação é realizada entre o pertencimento do homem com o espaço, consolida uma espécie de dialética entre a vida e o mundo, nas filigranas da construção constante do sujeito (de si) no (e pelo) trabalho desenvolvendo o espaço, permeando assim dialogismos na ordem da apropriação do espaço e sua produção, consolidando a vida como princípio educativo e o trabalho como princípio antropológico, apropriações que por vezes chegam a produzir por meio do trabalho, transformações que aperfeiçoam o espaço (re) significando-o como lugar.

Nessa seção, as narrativas dos colaboradores foram organizadas de forma a compreendermos como o sentido de pertencimento na Barreira pode conferir contornos à apropriação e produção no espaço, e como o trabalho desenvolvido pode emergir elementos que tenha o condão de encaminhar ao conhecimento pelas práxis estabelecidas na favela.

Os substratos das entrevistas forneceram-nos encaminhamentos para compreender que as práticas de trabalho na Barreira emergem uma pedagogia situada no "fazer", ancorada na

fenomenologia que evidencia fundamentos antropológicos que estabelecem dialógicas entre o fazer e o espaço.

É possível perceber uma certa sociologia da educação que emerge do trabalho local que por sua vez se reflete como forma de apropriação no espaço (que colima na produção do espaço) se o homem constrói-se constantemente, o espaço acompanha essa construção de si, na relação entre vida e trabalho, o que evidenciou o lastro hábil ao entendimento da apropriação, organização, e produção do tecido humanístico, social e institucional da favela da Barreira.

4.2.1 A favela como Lugar (e não lugar) de apropriação *Jocelino e o NEPP, rizomas de uma Barreira verde*

Numa tarde de muito calor, fazendo jus a todo clima e do verde que cerca do NEPP – Núcleo Ecológico das Pedras Preciosas, dirigindo-me à casa de Jocelino que abriga a sede da instituição toquei a campainha do número 29 da Rua Jones Rocha, praticamente no cruzamento com a Rua Henrique de Góes. Um muro alto, revestido de cerâmicas de cor marrom, com portão de ferro que abrigava do lado superior direito à campainha. Confesso que esse foi o primeiro desafio, alcançar a campainha, que sempre fica no alto para evitar as traquinagens das crianças. Nesse breve momento me senti criança, a campainha foi o gatilho dessa memória.

Enquanto me esforçava para tocar a campainha, um morador presenciando a dificuldade, não tardou em resolver logo a situação: bradou pelo nome de Jocelino[111] por duas vezes e eis que ele surge, abrindo o portão para nossa entrada.

Inevitavelmente, as lembranças de infância, e principalmente do meu pai e do trabalho que ali realizava, me receberam mais uma vez quando aquele portão se abriu, qual a uma presença viva a acompanhar Jocelino que fazia a recepção calorosamente.

Naquele momento percebi como a lembrança é instrumento de vivacidade potente, se esgueira sorrateira, e na primeira oportunidade emerge dos escombros da saudade, onze anos, e ainda dói como se fosse hoje. O passado-presente se apresenta, lembranças instantâneas de vida e o morte me tornaram espectadora desqualificada no controle dos eventos, percebi passarem décadas de minha vida e de lembranças em alguns segundos diante daquele portão. Que campainha danada! Só serviu para chamar os ecos da saudade. Sabia que esse trabalho de

111 http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36966298 reportagem BBC no Brasil: “O homem das plantinhas: a história do homem que se dedica a reflorestar as favelas no RJ” realizada em 08.08.2016

entrevistar Jocelino seria difícil, conjugar lembranças, saudades, memórias minhas, do lugar, do entrevistado, não foi fácil, demandou um trabalho que antecedeu a esse dia da entrevista.

A estratégia que encontrei consistiu em empregar doses homeopáticas de encontros com nosso colaborador antes da entrevista, assim, o encontrava sempre no café social de manhã (iniciativa do NEPP que consiste em disponibilizar café para todos os transeuntes) no portão enquanto servia o café aos moradores entre sete e oito da manhã, era o acesso que tinha a nosso colaborador, encontros sempre acompanhados de anotações no nosso caderno de campo. Nessa oportunidade conheci melhor as propriedades das ervas do horto da comunidade, tivemos acesso a todos dos materiais do acervo de Jocelino: fotos, desenhos, ilustrações, filmagens de anos de trabalhos de nosso colaborador e do NEPP.

Confesso que essa estratégia dos encontros em doses homeopáticas atendeu tanto ao tempo exíguo que nosso colaborador dispunha (por ser ativista e trabalhar como articulador da Fundação Viva Rio), tanto conciliando com minha própria necessidade de preparo emocional para lidar com o reencontro com o passado. Depois de algum tempo, a dor cedeu lugar ao enlevo do encontro com as memórias de nosso colaborador, mas sabe como é... saudade se esconde mas sempre está lá.

No grande dia da entrevista, após ser transportada imediatamente ao passado e regressado pela campainha, adentrei mais uma vez aos portões do NEPP, que nos recebeu com sua costumeira simpatia e alegria.

O ambiente, impregnado do cheiro de terra molhada misturado ao aroma de erva medicinal das mais diversas espécies, ressaltando o cheiro suave de capim cidreira, no espaço de reunião que o NEPP recebe seus convivas, nos sentamos em um dos bancos longos de madeira, no ar o som ao fundo de várias músicas tocadas ao mesmo tempo. Percebi como a Barreira tem dessas coisas, o barulho e os ritmos musicais diferentes habitam o mesmo espaço simultaneamente, o que nos faz entender como o som consegue expressar as diversidades que se conjugam ao mesmo tempo na Barreira.

Sentada ao banco, não pude deixar de contemplar o semblante de Jocelino, no rosto, as marcas do tempo e das memórias que ali desabrochavam como as flores que ladeiam aquele lugar, um olhar profundo de quem já viveu muito, estatura mediana, o sorriso que contagia até sua barriga, que balança ao sinal de cada riso. A calvície é mais um sinal das preocupações e do tempo que passou “roubando-lhes a tranquilidade, os fios e a juventude”, brinca nosso colaborador antes de iniciar a entrevista, preocupado com sua aparência, ansioso por compartilhar sua própria história de vida.

Pouco antes de ligarmos o gravador, Jocelino surge com sucos, água gasosa, sem gás, café, mostrando-se um excelente anfitrião, nosso colaborador faz questão de falar que *"é assim que ele recebe todos, inclusive as lideranças das favelas, os moradores e autoridades que demandam o NEPP como centro de articulação local de políticas e ações públicas"*, a igualdade no tratamento que figura na fala de nosso entrevistado, revela o desejo implícito de ser tratado como igual lição apreendida em sua trajetória.

Com o encanto e simpatias de costume, Jocelino inicia sua fala, descortinando sua origem, lembrando bem da força Paraibana, seu berço de chegada ao mundo. Nascido em Campina Grande, com o sorriso de menino, revela com orgulho a vitalidade de seus setenta anos de idade, colaborador da organização sem fins lucrativos, Viva Rio, nos informa como o trabalho de "articulador social" envolve uma rotina dura, entre administrar o NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas, e manter o trabalho social em ambas as frentes, dentro e fora da Barreira, mas a história de vida desse *arrimo de favelas* chamado Jocelino começa bem antes da sua chegada na Barreira.

Os olhos marejados relembra a trajetória de vida, dos pais que no início da década de 50, quando era quase um bebê, migraram da região paraibana para São Paulo, seguindo nos dois anos seguintes para o Rio de Janeiro em busca de melhor qualidade de vida, quando nosso colaborador chega a capital carioca com quase quatro anos de idade.

Jocelino lembra, que a recepção, na chegada na "cidade maravilhosa" carioca se deu no local chamado "buraco quente", situado no bairro da Mangueira, onde posteriormente ele e seus pais migraram para a "favela do esqueleto", onde atualmente se localiza a UERJ, e relembra que casa, barraco e favela fizeram sempre parte da sua memória com seus pais, demonstrando como a carência material pode ser inversamente proporcional como a abundância dos relacionamentos sociais travados nas favelas:

> Quando meus pais vieram para o Rio de Janeiro, fomos morar no Buraco Quente, no bairro da Mangueira, depois descemos para a favela do Esqueleto [atual UERJ], onde quer que fossemos nossa casa era sempre um barraquinho, sou arrimo de favela, não tinha televisão, rádio, nada disso, mas minha mãe sempre cuidou de todos nós como podia, era dona de casa. Sempre morei em favela em barracos humildes que não tinham muito, e acredite, sempre tinha de sobra bons relacionamentos.

Do trabalho de seu pai, Jocelino lembra bem como a necessidade de moradia o fez desenvolver habilidades de "construtor de barracos", tendo sustentado toda a família, com dez filhos, por meio da ajuda a outras pessoas que tinham a mesma necessidade de habitação nas

ocupações urbanas que se faziam, sagrando-se conhecido construtor na coletividade que formou a comunidade da ocupação da Favela do Esqueleto, espaço que representou a chance de habitação para sua própria família. Nesse momento da entrevista, nosso colaborador ressalta o orgulho que tem de seu falecido pai, que mesmo sem muita formação escolar, formou comunidades grandes.

> Meu pai era um ótimo construtor de barracos, e ficou conhecido na Favela do Esqueleto por ser o construtor dos barracos, e nos sustentou com seu trabalho. Eu me orgulho de quem meu pai foi, um construtor de barracos, sem muita formação escolar, mas que formava comunidades grandes. A favela Fernão Cardim em Pilares um dos primeiros barracos, meu pai foi um dos fundadores, quem invadiu aquilo ali e transformou em favela com outros companheiros e construiu alguns barracos ali. Hoje é Fernão Cardim, antes era chamada Favela de Pilares. [...] Ele tinha uma grande referência como construtor de barracos lá na Favela do Esqueleto, era um ótimo construtor, por isso era chamado para construir em outros lugares.

Em dado momento, nosso entrevistado se levanta, e alguns segundos depois, nos mostra com muito orgulho um instrumento de obra, percebemos tratar-se de um velho martelo, que ele desvela muitos cuidados em manusear, muito bem armazenado em uma caixa, revelando com brilho nos olhos que era o instrumento de trabalho de seu pai, o qual mantém guardado até os dias atuais, representando o trabalho e a força de seu genitor.

A lembrança do pai, o fez regressar ao passado, onde presenciou por inúmeras vezes quando criança, seu pai construindo barracos, relembrando de tudo com ares saudosos impressos no timbre de sua voz embargada, da vulnerabilidade do homem e do "Ser favela":

> Eu via meu pai construindo os barracos, depois vimos os tratores do governo derrubando tudo pra construir uma cidade nova, foi triste demais. Derrubaram a história do homem com seus barracos, eu me perguntei na época: o que é ser favela? Desde então busco olhar sempre o melhor, é um exercício diário, o sofrimento e vidas que se vão, isso também faz parte do "ser favela", o governo não aparecia para ajudar, mas quando vinham, era pra derrubar não só barracos mas para carregarem a dignidade do homem e sua história.

Jocelino nos conta que sua militância social e política iniciou na "*Cinelândia, que era o palco reluzente das reuniões populares, conhecida como a Brizolândia"*, quando em virtude de seu trabalho com propaganda vendia produtos a classes médicas, tendo tido seu primeiro contato sindical no período das "diretas já" no ano de 1984, deixando evidente sua grande inspiração política: Brizola. A entrevista seguiu

> Um dia fui vender os meus produtos, eu trabalhava com produtos de publicidade, e a vontade de atingir o primeiro lugar nas vendas me fez oferecer a um público maior os produtos que eu disponibilizava: brindes, figurinhas, cartazes, propagandas no radio. Isso me levou a conhecer alguns sindicatos, era a minha estratégia para atingir uma clientela maior, eu procurava classes: classe médica, classe sindical, e vender os produtos me tornava conhecido. Conheci a classe sindical e dali, período próximo as "direitas já", era a época do epicentro do movimento de redemocratização em 1984. Isso me fez engajar nas questões sindicais do movimento do trabalhador. A Cinelândia que era o palco reluzente das reuniões populares era conhecida como Brizolândia, isso porque o Brizola tinha voltado para a política, e embora no início eu não gostasse dele. Mas conheci a história dele nessas reuniões populares na Cinelândia. Parava de vender pra conhecer a política, ficava lá até duas horas da madrugada na Cinelândia, junto com as prostitutas, com os ladrões com os menos favorecidos socialmente falando, estava à vontade, essa era minha gente. Acabei entrando pra conhecer mais a política e gostei, estudei bem a política, aí eu não discutia sem conhecimento, o que também me fez mudar de opinião e admirar o Brizola, que participava do debate em praça pública conosco, ele era povão. Isso despertou o sentido de lutar por direitos, pelo espaço da favela, por isso ingressei na Associação de moradores [década de 80].

Acrescido a essa marca da militância impressa pelas jornadas da Cinelândia, além de herança de seu pai, que sempre fazia de tudo para seus conterrâneos a migrarem para a cidade carioca, onde naquele momento, da década de 50, a ideia de inúmeras oportunidades de trabalho e moradia se mostrava evidente na cidade.

Quando o entrevistado nos revela, que, mesmo auferindo parcos recursos, seu pai ainda ajudava amigos e familiares na viagem para o Rio, lembrei-me da própria dinâmica de ocupação local da Barreira, por amigos e parentes uns ajudando outros a chegarem até aqui, o que denota muito mais do que uma estratégia de perpetuidade de um espaço, mas a formação de uma rede afetiva familiar de fato.

Assimilando as palavras que floresciam da alma de Jocelino quais suas plantas que exalavam agradável aroma no ar por toda a entrevista, não pude deixar de perceber como a apropriação do espaço gera diversas espécies de redes (nesse caso, de trabalho, de aprendizado e afetivas), e como essa apropriação também pode se instrumentalizar nas produções que os sujeitos imprimem no espaço, marcando propriamente suas vidas de forma concreta, desvelando como o cotidiano e o trabalho podem ser concebidos na construção dos sujeitos como um elemento pedagógico:

> O pouco que meu pai ganhava era pra ajudar os amigos que ele trazia da Paraíba para dar apoio. Meu pai construía barracos quando chegou

> no Rio, depois foi funcionário público, num tempo que não precisava de estudo, era só a força, era lotado na Secretaria de Estado. Ele era um homem de luta mesmo, meu exemplo de vida. Na escola, passei por várias, cursei até a quarta série primária, depois segui os estudos fazendo curso para completar o primeiro grau depois de adulto, com muita dificuldade.

Nosso entrevistado segue sua viagem mnemônica relacionando os aprendizados que sorveu na vida, entre escola e favela, simbolizados para ele, respectivamente como instituição e casa, principalmente quando pensa na Barreira sendo a "grande família":

> A escola pode ter ensinado o básico, ler, escrever, mas aprendi muito mais nos lugares que morei e passei, e acredito que isso tenha sido a motivação de me tornar um articulador nas favelas do Rio. Acredito que isso definiu a criação do NEPP, e os trabalhos que o núcleo realiza aqui na Barreira, é o sonho de ver esse lugar melhorar se tornar mais bonito, um lugar melhor pra gente viver, essa é a minha motivação diária. Nunca recebi nenhum incentivo, correr atrás dos nossos ideais para a nossa favela com a ajuda dos vizinhos e colegas daqui faz parte da nossa luta. A família pra mim se resume na Barreira em todos os sentidos, aqui é uma família grande. Eu conheci minha esposa em 1966 quando conheci a Barreira, porque ela já era daqui. O pai dela era ex-combatente veio para o Rio formar a família dele aqui, quando tudo ainda era só barro. Eu não saia daqui depois que a conheci [sua esposa], casamos e ainda estamos aqui, nossa família é esse lugar. Fiz 50 anos de Barreira e de casamento esse ano e não troco aqui por nenhum lugar e olha que conheço muitos lugares.

E de forma muito natural, a entrevista passou das lembranças da infância do entrevistado para sua vida política, relembrando o encontro da Cinelândia e a aproximação com sindicatos, seu ingresso na década de 80 na Associação da favela, as divergências e o que o conduziu à idealização do NEPP.

> Eu já gostava do meio ambiente e de fato já havia implementado alguns programas ambientais aqui, depois da Eco [1992], criamos a uma organização coletiva de moradores com ênfase no trabalho ambiental. Como havia divergência grande da associação de moradores, a oposição que assumiu a Associação queria invadir nosso espaço, por isso, deixamos definitivamente a Associação para os opositores e ficamos com o trabalho do meio ambiente, que entendemos ser o mais relevante para a Barreira, e foi o que fizemos. Primeiro nós criamos o Movimento Ecológico de Rocha Miranda, e dois anos seguintes transformamos o movimento em Núcleo Ecológico Pedras Preciosas, NEPP, e depois não paramos mais. A história continua até hoje, e nós mesmos articulamos e custeamos nossas ações aqui dentro. Tudo o que fizemos, inclusive onde estava o despojo do lixo na entrada da favela, foi com nossos recursos, tiramos do bolso para comprar vassouras, levo o cafezinho, um pãozinho com manteiga com mortadela, um queijinho quando tem suco eu levo, não recebemos apoio governamental, somos nós por nós mesmos, fazemos mutirão.

Nesse ponto, Jocelino revela orgulhoso que sua história de vida se integra com sua apropriação do espaço, dando os créditos de idealização do NEPP a sua própria trajetória de vida, e compreende bem a intencionalidade do projeto: "*representatividade social da Barreira nas instituições públicas*".

> Minha história de vida se integra com o espaço, sem minha história eu não me apropriaria da Barreira como faço, através do NEPP, nem teria idealizado esse núcleo, que ajuda a Barreira nas lutas ambientais, de certa forma esse trabalho confere representação social do nosso espaço nas instituições públicas, dando visibilidade ao nosso espaço. Tudo é um processo, eu aprendi e ainda aprendo muito com a dinâmica diária da favela, os problemas que precisamos resolver, sempre com recursos do próprio morador. Aprendi que a Barreira é uma pessoa, que também se ajuda a organizar, pelo menos foi assim nas grandes coisas que aconteceram aqui. O manilhamento do lado da encosta, na barreirinha, quem fez fomos nós, no mutirão com os moradores. Conseguimos doação das manilhas e nós fizemos o serviço de esgoto de uma parte da favela que mantinha uma grande vala onde hoje é a rua. Não tinha coleta de lixo, lutamos por isso, a luz não havia e de tanto perturbarmos a ligth veio e instalou a luz. Tudo graças à união dos próprios moradores, não havia uma liderança, éramos todos líderes e resolvíamos tudo em conjunto, o que podíamos resolver. A minha vida aqui possibilitou a realização de um sonho: ver o ambiente mais bem cuidado e a melhoria desse espaço, houve muito progresso, mas ainda sonho com mais coisas boas para nossa comunidade.

É fácil compreendermos que se o NEPP é a proposta intencional da Barreira se apropriar de espaços públicos, por meio dos trabalhos de moradores, há por outro lado, moradores que não se apropriam do espaço e, portanto, não produzem ou se integram, demonstrando (des)pertencimento ao tecido social e material local:

> Nossa história é de família, todo mundo se conhece aqui, vi essa molecada toda ser parida como a favela nasce e se renova todos os dias. Sabemos quantos irmãos estão na sua família, conhecemos as pessoas da família do outro, quantos são, quem é e quem da família, quem da sua família se torna família do outro, fazendo uma única família, é uma grande família é ou não é? A gente conhece aqui a história de cada dos moradores, e quando acontecem de pessoas que caem de paraquedas aqui, isso preocupa a gente porque não sabemos a história daquela pessoa que está chegando aqui agora, essas não chegaram para produzir a gente chegou aqui pra somar, fizemos alguma coisa pelo lugar e ainda fazemos, mas os que chegam não querem nem saber de nada, às vezes usam o espaço só de passagem, pra dormir e parecem que não gostam daqui, não falam com os outros, parece até que tem raiva de estarem aqui. Mas esses são poucos.

Esse trecho da narrativa de Jocelino, nos fez lembrar, de outras entrevistas de nossos demais colaboradores o que encaminhou-nos ao entendimento de que a Favela da Barreira não é concebida com unanimidade como “lugar da grande família”.

Essa concepção dos entrevistados de “Grande família” que emerge das narrativas é polarizada em si mesma, o que dá um sentido a Barreira que comporta micro núcleo reversos.

A Barreira na fala de Jocelino se demonstra um lugar, representando-se também como um não lugar para outros moradores, como pudemos compreender no caso da colaboradora Aparecida [entrevista que seguirá no próximo bloco], que embora resida há quase 30 anos na Barreira, concebe o espaço da Barreira como um não lugar, emergindo sentidos de pertencimento negativos.

Essa dinâmica possibilita o entendimento teórico do não lugar no interior daquilo que se apreende como lugar. A equação denota o núcleo do micro cosmo de (des)pertencimento experienciado por alguns moradores conferindo signos de “não lugar” inserido na formação macro da favela inscrita como espaço de pertencimento, concedendo sentido próprio do lugar de pertença.

Por um breve momento, o pensamento trabalhou esse cenário de forma análoga ao direito: Se a Barreira é o espaço normativo (da vida e do pertencimento), esse conjunto comportará antinomias, ou seja, conflitos normativos internos, um espaço abrigando duas noções que o mobilizam a Favela, reconhecendo a apropriação do espaço pelos sujeitos (e portanto, legitimando organicamente a favela como um lugar), e contrariamente negando pelo sentido de (des)pertencimento e (des) apropriação local (relegando o espaço como ilegítimo, indigno e portanto, um não lugar). Duas forças que tencionam vida e espaço, circulando entre apropriação e produção, exercidas no interior de um único lugar, a Barreira, fazendo do NEPP um núcleo de integração interno e externo, o elemento mediador, ponderador e regulador das relações locais:

> De alguma forma, tem divergência, briga de família, mas é aquele negócio, a gente está em família, todo mundo luta junto, trocamos, compartilhamos, combinamos, acordamos, temos valores sociais que não se encontra fora da favela, aqui é uma rede familiar. Se precisarem de uma canequinha de sal, de café ou açúcar, todos dividem o que tem com aqueles que não têm, dentro do possível. Aqui por exemplo, nós temos o café da manhã social comunitário todos os dias, dividimos o café aqui de casa, e colocamos a disposição de quem passar na porta do NEPP, porque sei que isso ajuda a socializar e a integrar, cria um elo de afetos de quem vive afastado pela separação dos lados

> [beco e encosta chamada de barreirinha], o Núcleo é bem no meio da favela, nem do lado do beco, nem do lado da encosta, é no centro para reunir e agregar todos. É dessa forma que consigo contribuir com o espaço, unindo, juntando, e melhorando o ambiente com ações sociais. Os representantes de outras favelas são trazidos para reuniões e para conhecer nosso espaço, nossa favela é diferente em tudo. Temos mais união, alegria, e somos um espaço diferente das demais, menos ostensivo. Assim recebemos pessoas que vem de Niterói, de Nova Iguaçu, de São João de Meriti, do Borel, da Tijuca, do Chapadão, de Acari, da Pedreira, Lagartixa, enfim. A Barreira é um trabalho de todos nós, sempre do coletivo de moradores. Já fizemos bastante coisa, que agradou alguns, mas não agrada a todos. Acho que o maior trunfo nosso foi acabar com lixão, nós acabamos com o grande lixão [despojo irregular na entrada da Barreira, na Rua Jones Rocha]. Aquele lixão já não era nosso, o lixão já era do bairro de Rocha Miranda e do entorno, já estava incomodando, parava caminhões e Kombi pra despejar lixo aqui, entulhos que por muitas vezes nem era nosso, a nossa Barreira tinha se tornado um depósito de lixo do bairro, o que de certa forma revelava pra a visão que o bairro tinha daqui da gente, éramos então a lata de lixo do bairro, aí acabamos com isso. Minha história de vida me levou ao engajamento social, a Barreira me ensinou a ser o que sou, uma coisa puxou a outra.

Quando o perguntamos, qual a contribuição ele entende ter dado ao espaço, demonstra emoção na voz, e revela um misto de sonho e trabalho já realizado e a estrada que ainda tem a ser caminhada para melhorar as favelas:

> As pessoas pensam que eu tenho um grande horto, na verdade o pedaço aqui é de 16 metros quadrados, onde eu divido espaço para o berçário das plantas. As plantas sempre foram minha paixão. Desde cedo aprendi a cultivar, levando em consideração muitas coisas, a terra, a água, a temperatura, a sombra, e foi observando que aprendi a cuidar delas. Atualmente, no pequeno horto, temos 300 mudas diferentes de árvores, mas não é um número fixo, chega até a 2 mil nas comemorações do dia internacional do meio ambiente, quando temos campanhas todos os anos. Nosso berçário de muda conta com a fabricação de adubo próprio, feito a partir de restos orgânicos de alimentos. Tudo aqui é bem artesanal, as sementes são germinadas no copo plástico, e quando crescem são destinadas ao reflorestamento das favelas no Rio de Janeiro. A nossa Favela é bem verde, temos muitas árvores, na casa dos moradores e nas ruas também. [...] acredito que da década de 90 até hoje, já produzimos 72 mil mudas. Acho que a contribuição que a gente dá as favelas é muito legal eu vou continuar fazendo a minha parte. É muito gratificante ver uma muda plantada se tornar uma árvore de referência na favela, isso promove de certa forma a união no espaço. Há algum tempo, plantei um pé de cidreira aqui no horto comunitário, e vejo que pessoas pegam galhos para usar em chás. Muitas pessoas não tem dinheiro para comprar remédio, e usam as propriedades medicinais das plantas que temos para cuidar

> alguns males, como resfriados, indisposições gástricas, feridas, enfim. As plantas significam a saúde da favela de certo modo. Meu sonho é ver as favelas verdes novamente, elas ficarão mais bonitas. Hoje estão mal cuidadas e áridas, mostrando um ambiente por vezes inóspito. A natureza pode modificar esse quadro, embelezando o espaço, e dando sua contribuição a saúde das pessoas e do espaço. [...] Após tantos trabalhos sociais e comunitários, conseguimos fundar o NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas [1992] que acabou se tornando referência no Estado do Rio de Janeiro e aqui dentro de Rocha Miranda, conseguimos formar mais de 200 agentes ambientais engajados com a defesa e educação do meio ambiente. A escolinha ecológica foi uma iniciativa que surgiu quatro anos após a fundação do NEPP, voltada para a educação ambiental para crianças, que geralmente tinham na faixa entre 7 a 11 anos, mas aberta a todas as idades infanto-juvenil. Não vou negar que dá muito orgulho ver as crianças aprendendo a mexer na terra, a plantar e com isso respeitar o nosso ambiente.

Nosso colaborador, antes de encerrar a entrevista, mencionou a ausência de apoio de instituições públicas para o trabalho do NEPP bem como o desinteresse em manter incentivos de programas ambientais em áreas como a favela, sinalizando ser *"a natureza resposta para muitas questões locais"*. Jocelino com ares de combatente do bom combate encerra nossa entrevista externando que de certa forma essa falta de apoio dos entes públicos, amplia as dificuldades já instaladas na favela, e por outro lado, se traduz como imposição do silêncio, *"por isso precisamos continuar a luta e resistir a essa força que tenta nos impor o silêncio, não podemos calar nossa história precisa ser contada, isso mostra a vida real das favelas, pelas lutas que travamos no cotidiano, a favela é a arena da vida real é assim que precisam enxergar quem e o que somos guerreiros da vida diária"*.

A distribuição e disponibilização plantas medicinais, cultivadas no horto local, conflui com práticas já alinhavadas pelas Políticas Públicas de Saúde, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS[112], que vai ao encontro da concepção de medicina antroposófica de Steiner & Wegman (2007), revelando a função social e sanitária das ações do NEPP e seu impacto para a Barreira, no cuidado em saúde ampliado e popularizado.

Com um passeio pelo berçário das plantas e pelo horto, Jocelino nos revela a importância das ações de plantio e disponibilidade de plantas medicinais na favela, algumas plantas são mais procuradas em decorrência do auxilio no combate à verminoses entre outras doenças, como Erva de Santa Maria, Hortelã, Aroeira, Aloe Vera (babosa), apontando as ervas e propriedades medicinais muito solicitadas pelos moradores das seguintes plantas:

112 Portaria 971/2006; Portaria 849/2017.

Tabela 5 – Relação de Plantas Medicinais Horto NEPP

PLANTA	PROPRIEDADE MEDICINAL
Alecrim	Além do uso culinário, auxilia na circulação.
Alfavaca	Utilizado em caso de prisão de ventre e resfriados.
Alfazema	Calmante, usado para alergias respiratórias.
Avenca	Usado contra tosses e inflamação de garganta.
Arnica	Utilizado em pancadas, tem efeito anti-inflamatório.
Aroeira	Limpa ferida e ulcerações externas na pele.
Assa-peixe	Utilizado contra resfriados e tosses secas.
Boldo do Chile	Cuida dos males do fígado e vesícula.
Camomila	Calmante natural. Auxilia o trato de cólicas.
Carqueja	Auxilia na perda de peso, diurética.
Erva de Bicho	Trata úlceras, varizes e hemorroidas.
Erva Cidreira	Utilizada no trato de herpes, ansiedade e gases.
Erva Doce	Diminui os gases e a retenção de líquidos.
Erva de Santa Maria	Inúmeras propriedades, mas é considerada abortiva.
Erva de São João	Auxilia no trato da depressão, ansiedade e insônia.
Espinheira Santa	Utilizada no tratamento estomacal em geral.
Estragão	Auxilia no combate às cólicas e limpa feridas.
Goiabeira	Combate à diarreia.
Guaco	Expectorante; próprio para fazer xarope ou chá.
Hortelã	Considerada calmante e combate à náusea.
Pata-de-vaca	Auxilia no trato da diabetes e é diurética.
Saião	Utilizada no trato do pulmão e erisipela.
Unha de gato	Combate febres altas e inflamação.

Fonte: NEPP

O trabalho, aliado as memórias e trajetória de vida de Jocelino, notadamente quando pensamos na criação do NEPP e no que o núcleo representa para favela tanto no tocante a apropriação como produção de uma favela, dotada de uma identidade marcada pela fitoteca, revela sua vida como fundamento de uma favela sustentável seja pela matriz da arborização local ou pela legitimação ambiental que gera a referência homeopática, fazendo de Jocelino, o *rizoma de uma Barreira verde.*

4.2.2 Barreira como celeiro de todas as coisas
Xico, vida e trabalho no ativismo local

> ***"****A vida às vezes parece que escolhe os caminhos por onde vamos trilhar, ela assume o posto e nós, passageiros desse cometa que se chama vida, por vezes olhamos, noutra agimos, mas na maioria das vezes esperamos pra ver como seremos escolhidos e recrutados, para onde, para que trabalho, tudo na vida é trabalho constante é movimento, e a Barreira é assim, um imenso celeiro de todas essas coisas".* (colaborador Xico).

Antes de iniciarmos a entrevista, Xico lança essa fala visivelmente emotivo, que não pudemos deixar de anotar tanto pela importância como pela carga de signos que essa construção carrega para nosso entrevistado. Naquele momento, a percepção clara da finalidade da história oral mais uma vez se apresenta: a expectativa da viagem nos caminhos da memória provocaram sentimentos inspiradores em nosso colaborador, que sentado, esperando iniciarmos os trabalhos, já tecia um balanço de sua própria trajetória, a qual compartilharia conosco.

Por escolha de Xico, a entrevista se deu na varanda de nossa casa, nas palavras dele, quando o convidei por ter sido indicado por Jocelino, *"seria mais prático"*, uma vez que nossa casa fica entre a casa dele e de sua filha, a quem sempre visita. E entre uma e outra visita, a parada que tanto aguardávamos: a chegada de nosso colaborador.

Preparei toda a mesa com lanches, sucos, bolos, biscoitos, café e chá. Aprendi com nossos colaboradores que a comida representa muito mais do que o ato de saciar a fome, mas carrega um signo de compartilhamento de vida, de oportunidades, e de histórias. A comida se mostrou ao longo de nossa pesquisa uma identidade afetiva comunitária e cultural, cada colaborador trouxe a mesa quitutes que dialogavam com suas próprias culturas, e naquele momento, não poderia ser diferente.

Como anfitriã e aprendiz, precisei seguir a risca os códigos de afeto da Barreira e confesso ter encontrado um misto de satisfação, orgulho e alegria. Vi-me compartilhando não só minha casa, mas a comida e o afeto, um giro interessante que me fez sentir colaboradora de minha própria obra. Acredito que essa foi à primeira colaboração que Xico trouxe a alteridade dentro da própria pesquisa, aquela que fez sentir a euforia de receber alguém, de dividir comida, espaço e lar com outro, de compartilhar um pouco da vida. Xico fez surgir à tona esse sentido que jamais se desvelaria a mim mesma se ele por iniciativa própria não houvesse proposto compartilhar de sua vida em minha própria casa.

Nosso colaborador chegou no horário combinado por ele, tocou a campainha e quando o atendo, percebo o ar descontraído de sempre, no olhar um toque de uma surpresa que estava prestes a nos fazer. Xico, homem de estatura baixa, paraibano, de seus quase 70 anos de idade, fala firme, chegou com álbuns de fotografia nas mãos já calejadas pelo oficio de pedreiro, mostrando-nos no portão, antes mesmo de entrar o tesouro das memórias da Barreira que trazia consigo, *seus próprios tesouros de vida*, como ele mesmo mencionou. A surpresa se revelou então como um presente na contribuição de nosso trabalho.

A ansiedade de nosso colaborador era visível, e confesso que por alguns minutos, observando anos de fotos da Barreira ali na minha frente naqueles álbuns de aparência simples alguns rasgados e degradados pelo tempo, mas repletos de riquezas, minhas próprias mãos tremiam. O misto de alegria e euforia nos tomou, senti como se estivesse descendo uma montanha russa, ali diante de mim estavam décadas de memórias locais e... Xico, mais uma reserva viva, um banco de memórias locais.

Mais do que prontamente, acomodei nosso colaborador que escolheu a varanda de nossa casa por considerar o lugar mais arejado e aberto, e ao mesmo tempo reservado, possibilitando ver do alto mezanino toda à movimentação da rua.

Essa foi mais uma característica que percebi não só com nossos colaboradores mas com muitos moradores, que estão sempre atentos a movimentação local, seja para cumprimentar conhecidos de forma despretensiosa ou, de forma intencionada e diria estratégica, para não serem surpreendidos com quaisquer distúrbios no ambiente da Barreira.

Cumpridas as formalidades de praxe, com nosso colaborador devidamente acomodado, iniciamos a entrevista. Com muita calma e tranquilidade na voz e no semblante, Xico iniciou sua narrativa, lembrando quando chegou ao Rio de Janeiro no ano de 1968, acompanhado de sua tia e amigos dela, desembarcando no Campo de São Cristóvão, onde os amigos daqueles que acompanharam sua tia na viagem os receberam e os instalaram na Rua Seild no Caju, onde permaneceram por dois anos.

A chegada de Xico na Barreira, no ano de 1970 se deu pelo reencontros de amigos de infância de sua terra natal, os quais também vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades, tendo sido recebidos na Barreira por conhecidos que já estavam instalados na favela.

Xico relata como se manteve assim que chegou ao Rio de Janeiro, acolhido na construção civil, e anos depois assumindo trabalhos no ramo gráfico, onde se manteve por um tempo retornando a construção civil. Nosso colaborar é habilidoso com obras, tendo portanto,

com o passar do tempo percebido como seria melhor trabalhar na própria Barreira, trocando assim as viagens cansativas, longas e desconfortáveis, acompanhadas da pesada mala de ferramentas para bairros da zona sul, pela remuneração menor e mais cômoda dos serviços na própria favela, mantendo-se como pedreiro local até os dias de hoje. A iniciativa em ser autônomo, segundo relato de nosso colaborador, contribuiu para estreitar seus vínculos com a Barreira.

> [...] Tomei a liberdade de ser profissional autônomo e nunca mais voltei a assinar minha carteira. Sou autônomo e venho prestando serviços, ao longo da vida mas nunca esqueci de recolher meu INSS. Essa decisão me trouxe mais tempo, e passei a ter mais vínculo com a comunidade, e sentia a necessidade de aprofundar esses vínculos, de me aproximar de um lugar que me recebeu e fez tanto por mim, queria retribuir de alguma forma, sabia que a comunidade poderia melhorar em todos os aspectos, e contribui para isso. A minha condição de moradia contribuiu para mobilização e aproximação dos vínculos sociais aqui, onde eu moro [encosta], por exemplo, não era muito diferente do restante do espaço daqui da favela, era tudo no barro a parte de baixo[da encosta] era muita lama, e no governo Saturnino Braga nos anos 80, a gente começou a correr atrás dessas melhorias.[...]

A escolha pela autonomia, além de atender a necessidade do colaborador em se aproximar mais da comunidade, demonstrou-se em sua fala como uma forma de gratidão pelo seu acolhimento, a liberdade em exercer seu oficio de pedreiro em seu próprio lugar de moradia, resultou no estreitamento dos vínculos de nosso colaborador com a Barreira e as necessidades locais prementes, das carências que havia no lado da Encosta [barreira] onde nosso colaborador fixou residência.

Esse estreitamento possibilitou a integração de sua vida e trabalho no ativismo local, na luta por serviços essenciais como água, luz, asfalto, mobilizando moradores junto de seu companheiro de lutas sociais e nosso também colaborador Jocelino, muito antes da formalização do NEPP ou de associação de moradores. A iniciativa individual que mobiliza o coletivo é marca da auto-organização do espaço e do ativismo local, que abriu portas para a entrada dos serviços essenciais, urbanizando a Barreira.

> [...] Não tinha saneamento básico, a gente não tinha água suficiente, muita gente tinha um fio de água que era puxado da [Rua] Liberato Barroso, outros que eram puxados da [Rua] Diamantes. Nos anos 80 entrou água pra favela quase toda, mas ainda faltava luz. Mas com o governo Brizola, abriu luz para todos e só então que a gente teve o benefício de chegar a luz nas nossas casas e cada um ter a conta de luz no seu nome, coisa que muitos aqui até hoje ainda não tem [...] Nessa época, tinha uma parte daqui lá no beco que já era asfaltado direitinho e que tinha luz também. Era a parte que mora a Dona Lalá, mas se

> pensarmos a favela como um todo, podemos perceber que esses serviços chegaram aos poucos, tudo muito demorado. Mas quando tinha eleição, a favela era palco de disputas de candidatos que prometiam dar de tudo para a favela. Na época, pelos anos 80, tinha um rapaz que era candidato, e ele tinha um vínculo com o Ben-Hu, que era polícia, chamado Luís Henrique Lima, e ai um dia, eu discutindo com eles na barraca que hoje é do Beto, disseram que o asfalto só sairia de uma parte da rua, no sentido da Barreira. Aí eu falei que se algum dia tivesse liberação de verba da prefeitura através desse vereador Luís Henrique Lima, teria que sair pra todo o espaço da favela. Tivemos que nos colocar, e avisar que se assim ele fizesse [asfalto só de uma parte da favela], a gente iria fazer uma manifestação e fechar a Rua Diamantes e Avenida dos Italianos, pra não ter movimentação, essa articulação traz visibilidade pública porque somos invisíveis, alguém só vê a Barreira quando tem coisa ruim acontecendo, tudo cai na nossa conta, mesmo não sendo culpa de ninguém daqui, os moradores do bairro já rotulam logo que foi o povo da Barreira [...].

Nosso colaborador demonstra mecanismos com os quais se apropriou do espaço da Barreira estimulando a mobilização de moradores, o ativismo e pelo aprendizado que detém na participação e integração nas reuniões públicas do Estado e Município, buscando a visibilidade da Barreira e de suas necessidades.

Figura 51 – Mutirão de Saneamento Encosta

Foto do 1º Mutirão da Barreira (1998) colocação das primeiras manilhas que formaram a rede de esgoto da parte da encosta.
Acervo do entrevistado

> [...] Essa foto foi do primeiro mutirão comunitário que a gente fez dentro da comunidade da Barreira, isso foi em 1998, e todos nós

unidos, até quem não era morador dessa parte da Barreira veio para ajudar, fizemos tudo sem muita ajuda do governo, combinamos tudo, decidimos juntos, não tínhamos líderes, mas cada um tinha uma função importante, uns como eu e o companheiro Jocelino, tentávamos chamar a atenção do Poder Público, mas a ajuda era ínfima. Outros se articulavam individualmente como podiam com seus contatos, pedindo doação no comércio local de material de construção, outros articulavam o grupo que iria trabalhar no mutirão, o próprio grupo combinava como iriam fazer as obras. [...] A nossa história é de luta, resistência e superação, sempre na união em mutirão onde todos ajudam, homens, mulheres, crianças, todos com suas atribuições tem igual importância na articulação, por isso não temos a ideia de liderança, mas mantemos a compreensão de que unidos somos um, e que todos tem igual importância no ciclo. A Barreira surge e se manteve por anos, com a doação de materiais e a mão de obra, que sempre foi de seus moradores. Mas houve um tempo em que o Poder Público nos deu algumas migalhas de atenção, em termos de benefício, quando pensamos em pavimentação e asfaltamento da nossa favela, o governo de Marcelo Alencar não pode ser esquecido. Esse governo promoveu a canalização do Rio das Pedras muito importante na nossa história, e fez a ponte que ligava aqui a favela à Rua dos Rubis, que era dividida pelo Rio, não tinha como passar, e isso trazia um constrangimento porque passávamos num pedaço de madeira uma ripa que poderia quebrar a qualquer hora. As pessoas que moravam por aqui chegavam à beira do Rio e não tinha como atravessar direito, sempre um de cada vez. Foi nessa época que ganhamos as manilhas para nosso primeiro mutirão, depois de muita insistência nossa, elas vieram com as obras da melhoria da Praça de Rocha Miranda o que rendeu aquele primeiro mutirão dos moradores para a rede de saneamento do esgoto que falamos antes. Então aqui, sempre foi tudo no coletivo, não há liderança, o que temos é a comunidade articulada por ela mesma. Nesse momento, quando descobrimos nossa força mobilizadora, descobrimos que não precisávamos de liderança, mas de união, foi assim que o saneamento da parte da encosta, para colocação das primeiras manilhas, mostrou na ideia do coletivo, o que poderia ser saneamento básico e que seria uma realidade. Essas manilhas não vieram fácil, chegou num grande sacrifício de todos nós porque tivemos que movimentar elas pra entrar aqui na mão, homens segurando porque não tinha máquina, era no braço, todo mundo se uniu pra melhorar a rua, até mulher cavava o chão, a mão de obra foi totalmente nossa, dos moradores. Na Praça de Rocha Miranda, na época, acontecia uma obra que a prefeitura fazia, e conseguimos a doação de algumas manilhas, então, a mão de obra foi toda dos moradores e só deles. Muitos moradores que ajudaram a construir a Barreira já faleceram, outros estão bem idosos, mas ajudaram a fazer o que a Barreira é hoje, e ninguém que está aqui faz ideia do que tivemos que passar para esse lugar ser o que ele é hoje. Houve outros mutirões, lá na subida da rampa, por exemplo, e outro lá no finalzinho da Barreira [...] A visibilidade de certa forma atrai o socorro pra dentro da favela é uma estratégia para não sermos usados para eleição de candidato que muito promete e nada faz. E aí começamos a nos integrar nas reuniões públicas do governo local e Estadual. O Saturnino Braga criou um sistema que se chamava reuniões itinerantes, íamos nas Regiões Administrativas – RA [Madureira e

> Irajá], discutir as condições do que estávamos sentindo e acontecendo aqui. Foi quando veio o primeiro mutirão para fazer o saneamento básico dentro da nossa comunidade. A parte de lá do final da Barreira [encosta] sempre foi mais prejudicada. Nem os homens acreditavam, mas até mulher pegou na enxada pra ajudar no mutirão.

Quando perguntamos a Xico o que o mobiliza a ser ativista na Barreira, e como ele constrói estratégias de mobilização, nosso colaborador logo menciona que sua pouca escolaridade não foi obstáculo para apropriação do espaço e de sua militância local, mencionando como experimenta a Barreira como sua própria escola e motivação diária:

> Não tenho muita escolaridade, fiz até o admissão, que equivale à quarta série do primeiro grau, e mesmo tentando terminar o primeiro grau na FAETEC não consegui, encontrei muita dificuldade, o que eu aprendia na escola nem sempre eu conseguia relacionar com a vida. Mas aprendi muito na vida e aqui nas relações que tenho com a comunidade, meu conhecimento vem daqui mesmo, que é a minha escola. [...] É um orgulho ver que crianças hoje adultos com profissão ou estudando, se tornando alguém na vida. Porque a vida e o mercado de trabalho só respeita o diploma, só se é alguém na vida com um papel na mão, sem isso, é complicado. Tenho familiar que foi dispensado do serviço militar porque era arrimo de família, mas aconselhei e graças a Deus, ele conseguiu o sonho dele, mais tarde entrou no exército e fez comunicação, lá mesmo se profissionalizou e hoje ele mesmo batalha para ajudar os outros que estão no caminho. A tristeza é quando perdemos alguém de dentro da comunidade, tentamos orientar, mas nem sempre eles seguem o caminho, e deixa oportunidades escaparem das mãos. As decepções sempre vêm. [...] Tenho muitas motivações na vida, mas as experiências do meu cotidiano aqui, o meu dia a dia, é a mola mestre que me motiva. Aqui é uma escola, que somos empurrados ao aprendizado a cada instante.

A compreensão que nosso colaborador exprime na entrevista no tocante as articulações como elas podem angariar força a partir da organização formal e institucional na Barreira, emergem quando Xico relembra do nascimento do NEPP e das transformações no espaço que o trabalho em conjunto dos moradores e do Núcleo operaram na favela, principalmente quando se pensa na saúde e no ambiente:

> [...] Nós construímos outra Associação com o companheiro Jocelino, o NEPP [1992]. Nesse momento ganhamos uma batalha: a doação de material para pavimentação da região da encosta da Barreira, abrindo acesso para o carro do lixo, o carro do gás, e outros caminhões de entrega de lojas e carros que não subiam porque o caminho era estreito e lamacento. Tínhamos uma caçamba de lixo que era horrível aqui na entrada da Rua principal [Diamantes], no ponto de ônibus havia uma fedentina, muitas moscas, mosquito, baratas e ratos. Isso me fez decididamente me envolver com as questões ambientais, sociais e urbanas do nosso espaço. A começar reunindo os companheiros,

> articulando melhorias para nossa comunidade. Passamos a frequentar a prefeitura, reivindicar dos órgãos públicos, mostrando as necessidades para que a gente conquistasse as benfeitorias que precisávamos. Foram poucas as benfeitorias, mas que nos ajudou muito, o que mais tivemos foi união da nossa gente mesmo. Eu costumo dizer aos companheiros: não vamos destruir nada, vamos construir um pouco mais e melhor. Esse era meu trabalho social aqui na Barreira na época, e é até hoje. Esse trabalho foi crescendo e tomando vulto, funcionamos assim, na união. A minha contribuição também ajudou na vinda de outros membros da família.

O conhecimento de nosso colaborador e gratidão que demonstra pela Barreira, não ofusca o olhar crítico de uma realidade cotidiana tecida nas tramas das divisões espaciais que desenham tanto o bairro, como própria favela, e a saúde da comunidade, demonstrando como essa dinâmica preocupa e por vezes se torna obstáculo ao trabalho do próprio NEPP, visto pelo nosso entrevistado como forte mediador e integrador na polarização de divisões, agregando e trazendo programas sociais para dentro favela beneficiando a comunidade:

> [...] A organização da saúde na nossa comunidade não é perfeita, e posso dizer até que pode dificultar certos diagnósticos de epidemias na favela, porque dividiu a favela para fins de acesso ao Programa Saúde da Família. A clínica da família dividiu nossa comunidade, do número 40 ao número 1, o pessoal é do Carmela Dutra. Do número 41 ao 125 vai pertencer a clinica da família que será inaugurada dia 26 de agosto agora, que é na Ururai ao lado da Vila Olimpica. Não sei se haverá profissional para atender a todos o que é mais importante do que a inauguração de um novo prédio, mas o que mais me deixa preocupado é essa divisão. [...] É como se existissem 2 lugares dentro da mesma favela. É assim se considerarmos a organização da Barreira, separada entre Beco e Encosta, é assim se considerarmos as classes sociais que existem na favela e divide o espaço entre mais rico e mais pobre. Me preocupa é que tudo é muito dividido, acho que pode ser reflexo do nosso bairro também dividido entre o Sapê [rico] e o lado de cá [pobre], fica uma sensação de que não há um espaço único da Barreira, ou uma única identidade nossa, nem temos certeza do bairro que estamos, porque a Barreira está dividida entre Rocha Miranda e Honório Gurgel. Tudo se resume em divisão, e isso preocupa, porque a gente não consegue se situar.

Xico reforça em sua fala os problemas que a divisão produz, situada como um projeto urbano e ideológico fomentado pelo poder público e replicado por moradores de dentro da Barreira, do bairro ressoando nos serviços públicos de saúde prestados de forma fragmentada consequentemente contribuindo para a pulverização de identidades do território, da comunidade e das pessoas:

> [...] Desde o espaço geográfico, até os serviços são loteados, seja pelos moradores ou pelo próprio governo que faz o loteamento para separar as pessoas, não sei se por interesse político ou partidário. A favela se fez no loteamento e especulação imobiliária. O fato é que esse loteamento está presente na organização da Região com isso os serviços que deveriam ser integrais ficam fragmentados. Se você é atendido em uma clinica da família e seu vizinho da sua rua é atendido em outra, se tiver uma epidemia na comunidade, como no caso da zika, fica difícil mapear isso. Então fragmentam o serviço e o quadro de saúde da comunidade, precisamos falar e ser ouvidos. [...] então não é natural que o serviço de saúde divida a comunidade, é errado, não fomos ouvidos sobre isso, fazem políticas, dizem que é para nosso benefício mas não nos escutam, não atendem a nossa realidade, fragmentam nossa comunidade, nosso espaço e com isso nossa gente.

O entendimento do nosso colaborador da necessidade de estratégias para reorganizar e tentar unificar, negociando com o espaço resistindo aos modelos fragmentadores que circulam no próprio modelo de organização espacial da Barreira [polarizando Beco e Encosta], emerge quando na entrevista Xico compara a atuação do NEPP como a "*argamassa da favela"*, entendemos o sentido da comparação: o Nepp seria o agente promotor de adesões conjugando objetivos e interesses, unificando esforços que por si, já seriam evidenciados como forças (re)organizadoras do espaço, cingindo laços individuais pelas práticas sociais:

> Acho que a única coisa que vejo unificada aqui, ou que unifica o espaço é o NEPP [Núcleo Ecológico Pedras Preciosas], porque além de contribuir paliativamente com as demandas de saúde daqui da favela com as plantas, também promove a união de pessoas dos dois extremos da favela. O NEPP é a argamassa da favela e quem faz a coleta dos dados, e implementa ou faz a mediação de Programas Sociais. Até o ano passado [2016], o levantamento feito pelo NEPP aqui na comunidade, contabilizava aproximadamente 4.000 (quatro mil) moradores ocupando o espaço da favela, mas esses números crescem a cada dia. Esse ano, temos aproximadamente 5.000 (cinco mil) moradores, como pudemos apurar em outro levantamento em que ajudamos aos ACS [Agentes Comunitários de Saúde] realizado entre o ano de 2015-2016. O NEPP sempre busca mediar relações e a entrada de projetos e programas para a nossa comunidade. Foi assim que o Nepp foi mediador de muitos programas, inclusive do Programa Guardiões do Rio [Prefeitura RJ, 2001], onde trabalhávamos nos trechos de Rocha Miranda a Acari no Rio das Pedras, rio de grande importância histórica até, mas que todos pensam que é apenas um braço de dejetos [...].

O crescimento constante da Barreira, acrescendo diariamente o número de seus moradores, também se revela como uma preocupação para Xico, que analisa a saúde local com as questões sanitárias que carecem de resolução, onde a ausência do interesse público para melhorias locais ainda mantém na mão da auto-organização local a responsabilidade

pelas melhorias na Barreira. Nesse sentido a intervenção da favela na escola, como o NEPP vem orquestrando por meio da aproximação dos alunos com questões ambientais, encontra um mote na educação de jovens e adolescentes a estratégia para angariar forças na valorização e integração de pais, alunos e moradores de dentro e fora da favela para transformação social e espacial, aliando práticas e saberes na construção do conhecimento mediado pela apropriação dos espaços:

> [...] Não há investimento do governo. A comunidade não para de crescer, e com isso, o saneamento aquele que fizemos quando éramos 2.000 moradores, está precisando urgente de modificações e não há, porque hoje já são mais de 5.000 moradores. Ainda tem uma parte daqui da comunidade que não tem saneamento, é sumidouro. Lá para os lados do Beco não tem. Quando a gente fala de saúde, tem que falar de saneamento básico, se a gente fala de meio ambiente, temos que falar de saúde, porque uma coisa está interligada a outra. Quando fomos parar dentro da XVª Região Administrativa, mais precisamente pra CRE [Coordenadoria Regional de Educação] discutir isso, na época eles foram quem mais nos apoiaram. A mudança de governo tirou essa ligadura entre nós e a CRE. As escolas desempenhavam um papel também na nossa articulação, mas percebe, era a favela intervindo na escola, a escola-favela indo para a escola. [...] O conhecimento da faculdade e das escolas, não caminha junto com o conhecimento prático, percebi isso nessa ocasião. Outra situação, há três anos atrás numa capacitação de agentes ambientais feita pelo INEA [Instituto Estadual do Meio Ambiente] na administração do Carlos Minc, aqui dentro da Associação Comercial, na apresentação dos alunos, eu disse que não tinha estudo, minha experiência é a prática. A professora disse assim pra mim: "esse é o canudo que você recebeu que nunca vai se rasgar você nunca vai perder, está na sua mente, no seu sangue". E isso é bom, eu sei que ninguém vai apagar, está na minha memória, eu vou tentar passar, com a fala, não na escrita.

A narrativa de nosso colaborador emerge seu conhecimento angariado ao longo de sua vida, principalmente quando menciona a saúde e a iniciativa do NEPP de elaborar o horto comunitário beneficiando a comunidade ampliada (moradores e não moradores) com acesso alternativo homeopático nos cuidados a saúde, relatando como o saber de seus familiares transmitido oralmente o norteia hoje no trabalho com as plantas medicinais e sua contribuição a quem precisa do tratamento:

> [...] As plantas medicinais ajudam, são paliativos pra saúde evitando idas frequentes no posto de saúde, acredito que ajuda porque aprendi, sendo criado na roça, o conhecimento das plantas que ajuda no tratamento de saúde. Minha avó via a gente tossindo, com resfriado forte e dizia: "quantos dias você está assim?" E a gente dizia pra ela, que pegava um da família que tinha mais conhecimento com as plantas e pedia: "eu quero que você pegue e me traga casca de cumaru e casca de angico" e ela fazia Xarope com mel pra gente e dizia: "você

vai tomar isso aqui de manhã cedo em jejum e a noite antes de dormir". E curava mesmo. Hoje sabemos que tem muitas plantas aqui que auxiliam no tratamento da saúde, esse conhecimento foi transmitido pela minha avó, que passeava comigo nas plantações e me ensinava à finalidade de cada erva, por isso, posso garantir que aroeira é antibiótico natural em todos os sentidos, tanto a casca como a folha. A frutinha é pimenta natural, pimentinha de aroeira, que pode ser usada na culinária como em outros fins. Esse conhecimento é da minha família, era da minha avó e hoje eu tenho porque ela passou para cada um de nós, e eu passo para os moradores daqui e nas palestras que damos em outras favelas do Rio de Janeiro. [...] As plantas e as curas servem para toda a favela, independente de religião. Todos tiram benefício, fazem banhos, chá, maceração, curativo, compressas, curar feridas. Eu mesmo faço sempre. Uma vez eu estava um dia em casa com uma dor muito forte no joelho, e eu tenho uma mangueira que estava germinada com a aroeira, tive que optar por uma ou por outra. [...] Nas plantas eu confio, sei que funciona. Minha família toda sempre se tratou assim e ninguém teve nada de ruim, morreram de idade mesmo. Mas tudo depende da auto-observação da pessoa mesmo. Sou evangélico, mas sei que tem que acreditar no poder das plantas que funciona, e trazem resultados mesmo sem orações. As plantas funcionam sem oração porque o uso delas não tem haver com religião, mas tudo na vida que a gente faz tem que ter fé, sem isso nada dá certo nem faz sentido. Eu não tenho distinção de religião, sei que outras religiões aqui fazem uso das plantas também, mas é porque elas funcionam. [...] A gente sabe que dentro de algumas religiões tem as plantas que são usadas, muita gente me pergunta sobre meu conhecimento, e sempre que posso ajudo, até levo planta do nosso horto. As pessoas da igreja me pedem arnica, erva de bicho, enfim, eu não pergunto o que eles vão fazer com as plantas, mas ensino como usar e levo pra igreja. Eles usam e ficam bons [...] A Barreira promove esse acesso às plantas e com isso ajuda no tratamento fitoterápico.

Figura 52 – Horto na porta da Sede do NEPP

Acervo do entrevistado.

Xico faz uma pausa, parecendo pensar no questionamento que fizemos, acerca dos acessos que a Barreira promove, logo em seguida, retomou sua narrativa exemplificando o

acolhimento da favela com o trabalhador como um acesso diferenciado ao trabalho, situando as diferenças entre as relações de trabalho produzidas no interior da favela e na zona Sul, duas experiências vivenciadas por nosso colaborador que o fez enxergar a favela com olhos ternos, como "*sua pequena Paraíba, de uma Barreira que é Mais numa cidade que é menos":*

> [...] No nível de trabalho, a Barreira também dá acesso a trabalho, os moradores daqui contratam pedreiros daqui mesmo para fazerem suas obras, facilita nosso trabalho e para o cliente também, por isso, penso que é melhor trabalhar aqui do que fora da comunidade. As pessoas daqui da Barreira, me acolhem melhor para trabalhar em suas casas, nas obras. Tem a questão afetiva, acabam me indicando porque me conhecem e sabe quem sou porque já me viram sempre aqui. Lá na zona sul, até que o cliente abra a casa e me deixe trabalhar a vontade, não é fácil, não existe confiança. Mesmo conhecendo por muito tempo as pessoas da Zona Sul não são tão receptivas como as daqui da nossa Barreira. [...] Aqui as pessoas são melhores, confiam umas nas outras, e até ajudam se a gente precisar, a descarregar um material, a botar um material pra dentro, é mais viável. Aqui tem essa parceria, essa colaboração, sem contar que as pessoas respeitam mais aqui. Por isso sou feliz aqui, mas se tivesse condição de sair daqui, sinceramente só voltaria para minha terra Paraíba. Sair daqui para outro lugar, é inviável. Aqui é como meu pedacinho da Paraíba, a Barreira é minha pequena Paraíba, tenho outros companheiros da terra que conheci aqui e vieram para cá também. [...] O Pitbull [nosso colaborador], por exemplo é meu vizinho, e nasceu perto de minha cidade natal, mas só vim conhecer ele como meu vizinho aqui na Barreira. Não acho aqui ruim, muito pelo contrário. Por pior que algumas pessoas possam achar que é aqui, não é diferente de qualquer outro lugar, só que aqui tem mais afeto, mais luta, mais alegria, mais festas, mais companheirismo, (aqui é Mais, a cidade é Menos) para a gente, embora tenham pessoas que acreditem que a favela seja menos e a cidade mais, isso porque não conhece nosso espaço nem nossa gente. [...] Aqui o morador ainda tem liberdade de colocar cadeira no portão de casa, tomar um refrigerante e bater um papo no portão com o vizinho. Eu conheço outras comunidades e sei que não tem isso. Nas outras comunidades tudo é mais complicado, inclusive as pessoas. Vejo isso nas minhas andanças aqui nas favelas do entorno de Rocha Miranda. Passei ontem por aqui, já eram dez e pouco da noite, tinham três senhoras conversando aqui no portão e crianças brincando na calçada. Elas estavam papeando aqui, e isso não acontece na zona sul, as pessoas não se falam, e atualmente, nem nos subúrbios é possível encontrar esse entrosamento. Pensando nisso, tem uma relação do bairro com a Barreira, mesmo com essa noção do espaço dividido, a relação existe e nos acompanha no dia a dia. [...] Quando a gente diz Barreira lá fora, traz um som desagradável, porque as pessoas só conhecem o outro lado da nossa comunidade, mas também é natural, estão de fora e não podem mesmo saber como somos e o que fazemos. Mas isso gera um estigma, as pessoas do bairro não conhecem ou não tem uma afinidade melhor com a gente que mora aqui. Para nós, moradores daqui, é tranquila a convivência da comunidade com o bairro, mas o inverso não acontece. Quando uma pessoa conhece você, e você diz que mora nesse bairro e na Barreira, ou ainda quando você fala que é casado com alguém que é cria [nascido e criado] da

> Barreira, as pessoas de fora desconfiam de você. Mas quando fazemos amizades com moradores do bairro, e quando se estabelece um laço afetivo, as pessoas falam assim: "poxa, nem parece que você mora naquele lugar ruim". Perguntam às vezes de onde eu sou, respondo que sou da Paraíba e da Barreira, e me falam que eu não pareço ser desses lugares porque tenho outra linha. A maioria das pessoas de fora da favela expressa preconceito quando descobrem que sou morador da favela, e quando sabem da minha origem paraibana também se sentem pouco a vontade. Isso tudo, depende de cada pessoa, não é o lugar, mas é a criação, o pensamento e as bases que se teve como família lá atrás.

A dor dos inúmeros preconceitos vivenciados por Xico impressos implicitamente no tom de sua fala, dão lugar ao orgulho e reconhecimento da Barreira como espaço educador de valorização e aprendizados constantes, fazendo da favela o *celeiros de todas as coisas*, que acolhe inúmeras identidades configuradas na própria (des)organização do espaço, da favela dentro da favela, como fruto da organização de um espaço a priori desorganizado:

> [...] Tudo pode ensinar, à rua, a família, a escola, mas o lugar onde a gente mora principalmente, para quem valoriza e quer aprender, descobrimos que o lugar pode ensinar. A vida ensina, o mundo é uma grande faculdade não deixa de ser. Uns pegam uma faculdade boa, lapidam o conhecimento e segue adiante na vida, outros não conseguem entender o processo de ensinamento e acaba com a vida logo no início. Reconheço, para mim, que a Barreira me ensina sempre, a Barreira é um celeiro de todas as coisas, ensina de tudo um pouco pra todos, acho até que a gente pode encerrar por aqui dizendo que a Barreira é um celeiro de todas as coisas mesmo, isso define tudo. Aqui tem de tudo, a vida pode se resolver aqui mesmo ou no bairro, temos tudo à mão aqui mesmo, comércio local, ambulantes que passam na nossa porta vendendo de tudo, além do comércio do bairro, que fica a cinco minutos do centro de Rocha Miranda de ônibus e 20 minutos a pé, e do outro lado, o pequeno comércio da Vila Santa Teresa, se precisarmos sair, temos Madureira bem pertinho e Irajá, onde tem tudo, o cemitério, o hospital, o Guanabara onde muitos vizinhos vão quando querem economizar. Mas não tenho muitas demandas que me levem para fora da Barreira. Percebo que definir a Barreira, é entender a favela dentro da favela, a organização do espaço desorganizado.

Com o olhar fixo no horizonte, Xico menciona como sua identidade é a Barreira, e como o fortalecimento do comércio local, a valorização do trabalho na Barreira, consolida uma rede afetiva que revigora e robustece a favela, as relações de apropriação tecidas no lugar fortalece a favela, uma prática de simplicidade e comodidade que oculta estratégias e negociações com as restrições que polarizam o espaço, situando dicotomias entre Beco e Encosta revelando a articulação de superação dessa fragmentação:

> [...] Quando saio, é por exemplo, quando chamam pra ajudar na comunidade do entorno. O trabalho me faz sair daqui, o NEPP atua nas favelas do Rio de Janeiro, daqui e de fora. No meu dia a dia, consigo conviver aqui numa boa, aqui tem tudo, não vou deixar de comprar aqui pra ir pra outro lugar, aqui tem 4 mercados no bairro: Premio, extra e Campeão. Na nossa comunidade tem as quitandas do Beto, do Manain, do Sergio, do Nenéu e do Seu Anjinho, temos que fortalecer o comércio daqui, por isso compro mais aqui mesmo. Tem outra que abriu lá em cima [na encosta]. Não vou ficar esperando a condução vir pra ir pra longe, por isso prefiro comprar o que preciso aqui mesmo, isso fortalece nossa rede afetiva e comunitária. [...] E essa rede se estabelece na simplicidade, como no café comunitário [o café social] como as pessoas chama, é um lazer que temos aqui. O NEPP faz todos os dias, e é uma forma de lazer sim, porque ainda agora eu estava conversando com um companheiro daqui, eu falei a ele que aqui no café social não tem distinção de religião, de idade, de cor. O companheiro Jocelino completou: "aqui tem o pedreiro, tem o pescador, aqui tem o cara que joga conversa fora, mas todo mundo se reúne aqui e coloca o papo da comunidade em dia". Fico sabendo o que está acontecendo de bom e de ruim ali naquele momento, tomando café, às vezes com pãozinho, comendo e confraternizando, essa é a marca do nosso espaço. [...] O café social é o epicentro daqui, fica bem no meio entre a encosta e o beco. Observo que alguns moradores que moram no beco não circulam na encosta, e o inverso também acontece. Mas procuramos desfazer essa restrição de circulação. O café acaba colocando em dia as demandas das duas áreas do mesmo espaço. Os acontecimentos de ambos os lados da comunidade, é naquele momento do café que todos se reúnem, ali não é beco nem encosta, é só o café social o momento de botar em dia a vida do beco e da barreira. [...] Mas tem muitos moradores que tentam desfazer essa restrição entre as áreas. Temos aqui uma moradora, que faz café da manhã para todos, no dia das mães, mas por sugestão de outro morador, passou a fazer também para o dia dos pais. Cada pessoa ajuda como pode.

A menção de Xico de que a "*união desenha a identidade local"* evidencia na narrativa a intencionalidade de manter viva a memória local, reforçando os laços entre moradores, seja pela conversa, pela iniciativa do *café social* [NEPP], ou pela vivificação cultural que se reproduz na Barreira, principalmente quando se pensa na comida como construção e manutenção de afetos, reproduzindo hábitos e costumes que hoje fazem parte dos sabores da Barreira:

> [...] uma moradora, que se reúne com a família dela que moram todos aqui, é bem grande a família tem umas 20 pessoas, é a família do Pit, mas vai também gente de fora da família, da comunidade mesmo, que consideramos família também. Ano passado ela me pediu a colaboração com o pacote de pão, ajudei e dei o pão daquele café. Essa família também veio da Paraíba, e se estabeleceram em pouco tempo, os conheci aqui. [...] Essa união desenha nossa identidade local, e o local faz a nossa identidade, porque a minha identidade com a Barreira está no próprio lugar. Sou da Barreira com o espírito da

> Paraíba, porque como outras famílias que vieram para cá, mantenho algumas tradições, na cozinha, nos hábitos em casa, por exemplo, passo café no saco de pano porque acho melhor, lembra como minha tia fazia.

Nos momentos que antecederam o final de nossa entrevista, Xico lembra da importância de sabermos a história local, do bairro e da favela em si, e como se sentiu roubado dessa possibilidade quando uma autoridade pública, por ocasião da inauguração do Parque de Madureira, na extensão de Rocha Miranda mencionou a intensão de modificar o nome do bairro de Rocha Miranda para Baixo Madureira, e como isso lhe pareceu mais uma tentativa de apagamento da história que o bairro e a comunidade mantinham:

> [...] Agora estão com isso, querendo renomear o bairro, pra passar a se chamar baixo Madureira [sobre a fala de Eduardo Paes quando inaugurou o Parque de Madureira em Rocha Miranda mencionando que havia intensão de renomear Rocha Miranda como Baixo Madureira], isso é outra mobilização, nosso bairro tem história, não pode ser roubada dessa forma. Precisamos dessa história pra saber quem somos e onde estamos. Não é muito fácil dizer que somos da favela, temos uma história que ninguém sabe ou quer contar, mas mesmo antes da gente saber nossa história querem roubar o que nós nem sabemos que temos ainda, nos silenciando com preconceito. Acho que é pra ninguém descobrir, por isso temos que procurar, eles querem calar a favela, não gostam de ver a gente se mobilizando não, por isso, raramente o governo dá alguma coisa pra cá. Mesmo assim, somos felizes, a alegria nos basta.

Xico encerra sua viagem nos caminhos de sua história de vida, explicando que sua contribuição para a Barreira, consiste em ensinar que todos tem responsabilidade pela história e cuidados com a Barreira, se usam o espaço e se beneficiam dele, precisam compreender que há responsabilidade de cuidados principalmente ambientais com o lugar. Finalizando sua fala, Xico menciona um pouco consternado a necessidade de elaborar instrumentos que levem o coletivo da favela se reconhecer dentro e fora dela, uma estratégia de superar preconceitos.

Essa dinâmica, no entendimento de nosso colaborador, contribui para desconstruir os preconceitos que norteiam a favela, demonstrando que a favela da Barreira é "*feita de gente que luta, que contribui sempre com o espaço, mas precisamos saber a nossa história, e contar a nossa trajetória, é o que precisamos, que nos reconheçam e entendam que a favela é parte da cidade, é nossa própria história, não um a parte da cidade, e todos nós fazemos parte disso".*

4.2.3 Musica e escritos, apropriação e produção da vida no espaço
J.C., o funk marca a vida enquanto a vida marca os muros

J.C., pseudônimo de nosso entrevistado, foi citado na rede de entrevistados, o que nos fez seguir em busca de nosso colaborador, que não reside mais na Barreira em virtude de seu recente divórcio, o que tornou um pouco mais trabalhoso nosso encontro e delicado o trabalho de reviver a história de vida de nosso colaborador. Receber o nosso colaborador foi a resultante da técnica de rede, ele foi indicado por outro colaborador, e logo entendi: J.C. embora não trabalhasse na Barreira, foi observado em sua trajetória como referencia de apropriação cultural do espaço.

Nesse sentido, não pude deixar de pensar nas diversas produções quando se trata da apropriação de um espaço orgânico, vivo. Quando finalmente consegui estabelecer contato com nosso narrador, percebi que seria mais confortável se eu o recebesse em minha casa, já que até aquele momento ele ainda não havia se estabelecido.

No dia marcado para nossa entrevista, mais uma vez como na entrevista de Xico, mas de forma um pouco diferente, pois já havia experimentado a inversão do acolhimento que o espaço impõe na entrevista, mas confesso que senti-me novamente "o entrevistado", percebendo a ocorrência do giro de identidade (entre pesquisador e colaborador). Aqui ficou mais evidente como o lugar impõe certa identidade aos sujeitos, segui a ritualística que aprendi com os colaboradores: preparei a casa, arrumei o lanche à mesa, preparei com esmero o ambiente da varanda para receber nosso entrevistado com aconchego e privacidade, além de deixar pronto o equipamento de gravação da entrevista.

Nosso entrevistado chegou já no cair da tarde, prenunciando a noite, e nossa entrevista seguiu acompanhada pela lua e as estrelas que cintilavam o céu. Recebemos, - eu e meu marido, que no curso de todas as entrevistas foi responsável pelo aparato tecnológico das narrativas - nosso entrevistado, que muito bem arrumado, trajando uma camisa que alternava grossas listras, cabelos impecavelmente cortados, barba feita, exalando o odor de loção pós-barba. Percebi o esmero com que nosso colaborador se apresentou e a importância naquele momento para nosso entrevistado compartilhar sua história de vida.

No clima de descontração, nosso colaborador inicia a viagem em sua trajetória de vida, revelando a história de um menino que nasceu e foi criado na Barreira, do adolescente que viveu os primeiros movimentos do funk no Rio de Janeiro, o aprendizado que a música lhe propiciou, e finalmente sua ascensão a servidor público federal.

Com quase cinquenta anos, homem religioso ativo integrante evangélico, revela a importância do estudo bíblico e da fé, que norteia sua vida em tudo. Aparentando trinta e poucos, sua pele morena clara, e sua estatura baixa, escondem os traços da idade, mantendo no olhar e nas leves olheiras os sinais das lutas de seu próprio cotidiano.

J.C. inicia sua narrativa contando-nos de sua infância, e como seu pai tinha receio dos perigos que a Barreira pudesse significar para seus três filhos, o colaborador e seus dois irmãos. A viagem pelas memórias nas pagadas de um passado que lhe pareciam tão vividos quanto o presente, revelaram a vinda de seus avós para a Barreira, logo no início de formação local, mantendo alguns membros da família até os dias de hoje no mesmo espaço.

Quando pergunto ao nosso colaborador o que a Barreira significa, ele descreve o espaço fisicamente, chamando-nos atenção à forma como ele sinaliza preconceitos contra o espaço da Barreira (tecidos no meio externo as favela), e paradoxalmente como ele mesmo denota a existência de certo "preconceito" dentro da Barreira quando menciona que o prédio situado na região do Beco, é *"chamado de pombal por ser invasão"*, sinalizando assim o encontro de "*uma favela dentro da favela"*:

> [...] A comunidade da Barreirinha consiste de duas ruas só a Henrique de Góes que antigamente era chamada de João Maria e a Jones Rocha, uma cruza a outra. A Rua Henrique de Góes não tem saída pros dois lados, de um lado, pra numeração alta é a parte da encosta, o fim da rua dá costas pra um clube chamado Vila Santa Teresa, na Rua Ururaí, com a parede de fundos desse clube. E, a outra parte onde começa a numeração baixa dela, é a parte do Beco, início da rua também não tem saída porque ela dá as costas pra uma rua chamada General Jerônimo Furtado que tem um monte de blocos que as pessoas chamam de "pombal", porque é invasão, são apartamentos onde os blocos não tem elevador, não tem zelador, não tem porteiro, uma favela dentro da outra, vamos dizer assim, tem só um corredorzinho ao lado desse prédio, por isso chamam essa parte da Barreira de Beco, sendo só um acesso a pé, um corredor para dentro e fora da comunidade [...].

J.C. declara de forma muito consciente que compreende que ainda falta muito para a Barreira se tornar um lugar como os bairros fora favela nos subúrbios, revelando o entendimento do círculo social funcional dentro da Barreira, fazendo dela uma favela diferente das outras, caracterizada pelo seu núcleo familiar, o que não ilide a visão marginalizada que muitos ainda cultivam da Barreira e de seus moradores:

> [...] Sei que falta muito ainda para se equiparar a um lugar como aqueles bairros fora da favela nos subúrbios da cidade, de fato, a

> favela é diferente da cidade porque aqui a dinâmica é mais pessoal, socializamos em prol da melhoria do local e dos moradores, é um círculo social como aquele que existia no grupo do funk e dos pichadores, é diferente, as pessoas não veem com bons olhos porque pensam que na favela só tem gente errada, que é um lugar ruim porque é feio, mas é uma sociedade que funciona a parte da sociedade da cidade. O que difere aqui das demais favelas, é que aqui é uma comunidade pequena, a maioria que mora aqui é morador de muitos anos, passou de pai pra filho, como aconteceu comigo, passou de avô pra neto, neta e agora para bisneto, fazendo da Barreira um grande núcleo familiar funcional [...].

Durante a fala de nosso entrevistado, pudemos perceber o orgulho que sente de sua família, de suas raízes, entendendo perfeitamente o processo de marginalização a que os moradores e a Barreira enfrentam diariamente. Quando J.C. menciona a questão de sua maior paixão e aprendizado, o funk e a pichação ficam evidentes a existência de dimensões que compõe essa marginalização.

Se os moradores do bairro e do entorno da Favela da Barreira ainda guardam o sentimento de marginalização do espaço comunitário e de seus moradores, essa dinâmica no seio da própria favela não é diferente, reproduz em seu micro núcleo social a repulsa e o preconceito quanto a cultura musical e de pichação desenvolvida na própria favela, reprovada ou entendida como sem valor para muitos, como menciona nossa colaborador, e esse fenômeno chamou a atenção. Percorrendo as narrativas dos demais colaboradores muitos mencionaram de fato não se tratar de qualquer significado as pichações ou o funk criado por alguns jovens locais.

> [...] Todo funkeiro é marginalizado, por vários motivos, ninguém gosta muito da cultura da comunidade, relacionam ao crime porque vem da comunidade, do pobre de quem vive na favela, que também é marginalizado por viver na favela, é um preconceito que existe dentro disso, sempre percebi, mas nunca deixei de andar com meus colegas. Sei que como todo lugar, existem pessoas de boa índole e má índole, assim também funciona na comunidade, funkeiros que tinham má índole, iam para o baile só espancar os outros, se juntar com galera para bater e machucar ou para roubar. Tem muitos que se juntam pra roubar mas o funk em si, o ritmo dele não é isso, era pra inspirar a dança porque a dança é uma forma de cultura, é uma forma de lazer é uma forma até de esporte. [...] A medida que eu aprofundava o conhecimento sobre o funk, sentia que o funk também entrava em mim como se fosse algo que era necessário para minha vida, de cara apaixonei-me pelo funk, e essa paixão me trouxe conhecimento, aquilo mexia comigo intimamente mesmo, conheci um "eu" sensível. Esse sentimento sempre estava à tona [...] Era rentável enrolar o cabelo, nem todo mundo sabia fazer aquilo, tinha que ter a maior ciência, muita paciência, com o pente abria o cabelo, geralmente o cabelo da pessoa era aquele cabelo mais rígido, crespo mesmo. Então molhava a cabeça e passava o creme

> rinse porque amaciava o cabelo e modelava na forma encaracolado, era tonhoinhoin igual uma mola e faziam fila porque eram poucos que tinham paciência e dom para enrolar cabelo porque dá muito trabalho. Quanto mais cabelo o cara tem mais encaracolado tinha para fazer, achava aquilo lindo, mas era criticado por muitos fora da comunidade. [...] existe aquele outro grupo ganhava dinheiro com o funk, eu mesmo ganhei muito com o funk quando busquei conhecimento no funk, quis ser igual ao DJ Rafael. Eu tinha vários colegas que eram DJ, e isso virou profissão tanto que foram criados cursos para DJ e os cursos eram divididos em mixagem, em sketch que é uma técnica de cortar música e fazer efeito em cima do disco de vinil e também daqueles que se tornaram professores depois que aprenderam, partiam a ensinar outros e ganhavam dinheiro com isso. [...] Comecei fazendo bingo, duelo de equipe de som nos clubes, baile na rua teve retorno, o funk me deu trabalho e conhecimento. [...] O funk me remunerava, era pago o funk me deu dinheiro, uma forma de compensação por aquilo que eu tanto gostava e tanto amava. [...] o meu pai não aceitava aquele ritmo dentro de casa. Ele dizia: "fica ouvindo essas músicas malucas ninguém entende", no fundo ele também acreditava na marginalização do funk, eu respondia que ele estranhava porque não era do tempo dele, não é o sentido cultural da época do meu pai, por isso ele não gostava [...] A paixão pelo funk contribuiu para o homem que sou, para a minha independência financeira e como ser humano, porque a primeira coisa que fiz na adolescência foi buscar a independência, a necessidade de dinheiro para ir ao baile, me levou a ter um trabalho, e com isso consegui crédito na praça. A carteira de trabalho assinada significou muito nesse meu processo emancipador, consegui fazer crediário na loja Impecável, e assim comprava roupas e calçados para ir ao baile, o funk me fez correr atrás.

Nesse momento de nossa entrevista, retomo a questão das pichações e seus sentidos, então busco saber, sob o ponto de vista de nosso colaborador quais os sentidos das pichações nos muros da favela da Barreira, e recebo como resposta de nosso entrevistado que precisaríamos entender a natureza das pichações e o que elas representam para o pichador. Compreendi que, para entender o sentido dos escritos nas paredes da Barreira, precisaria necessariamente entender a natureza das gravações e o que elas representavam para quem as fazia.

Confesso que analisar as gravações nas paredes da Barreira demandaria outra pesquisa tamanha a dimensão de sentidos do que elas carregam. Por outro lado, mesmo depois de muito procurar não encontrei ninguém que estivesse disposto a falar sobre as gravações nos muros. Também pudera... Todas as gravações nos muros tem natureza de homenagem póstuma, marcam os muros com nomes, data da morte e palavras de despedida direcionada aos jovens que de alguma forma tiveram suas vidas ceifadas pela morte.

Nosso colaborador segue então nos explicando a natureza da atividade de pichação, dando-nos conta de três ordens distintas:

> Existe a pichação que é a grife o nome né a pessoa lança um nome, na época quando eu pichava a minha grife era "Tyny" era T, Y, N, Y um nome que eu criei, mas não atribui necessariamente um significado, era só a minha marca. Então o primeiro modelo de pichação é essa pichação na forma de grife eu pichava com uma grife, mas existe a pichação arte, considerado hoje grafite, presente em painéis e é bem colorida. E existe a pichação que consideramos o picho pensador, é aquela que imprime mensagens, com jet mesmo, na época usávamos colorgin o frasco spray, alguns colocavam frases, pensamentos, ou gravava o que considerava uma ideologia de vida, esse é o grafite pensador. Pode ser essas pichações emocionais que tem muito aqui na Barreira, quando a pessoa morre, eles vão e marcam uma frase com o nome e data de morte da pessoa. O pichador pensador é movido pela emoção, expressa na frase o que sente, o que pensa o que vive, as pichações são a base da emoção desse sujeito. O pichador de grife é movido pela adrenalina do desafio, de ter que subir no lugar mais alto, do perigo, a conquista de bater seu próprio recorde, de fazer o impossível. Eu pichava muito aqui na Barreira, fui o primeiro pichador daqui, mas não podemos perder a noção de que essas pichações eram crime, mas por outro lado, trazia um cunho educativo, se pensarmos que ensina o sujeito a sempre superar seus limites. O primeiro cunho educativo está na promoção de uma arte que o sujeito não tem a oportunidade de promover pelos meios legais, o adolescente não tem quem ou o que promova ele, não tem uma oportunidade para se promover afirmar mesmo sua existência, é esse o sentido de promover. A segunda coisa, que remete um cunho educativo, é que o sujeito aprende e ensina aos outros a superação, ultrapassando seus limites pela insistência. O que esse pichador gostaria de falar pro Brasil, pro Rio de Janeiro, para o mundo, ou para quem mora aqui mesmo, que ele não tem oportunidade porque não se é dada a chance de expressar-se, ou porque o camarada é um invisível social, ninguém quer saber dele nem no que ele pensa no que vive no que presencia, na própria vida desse cara, os muros da comunidade são suas únicas testemunhas de sua vida e de sua morte.[...].

Entendi que as inscrições nos muros externavam signos de epigramas da favela da Barreira, as quais revelavam por meio da morte, as vidas que por ali passaram, repleta de sentidos para quem as faz, sempre no silencio por entre as sombras da madrugada é que os muros recebem a dor em forma de escrita, é a voz silente que reverbera nos muros que servem

de papel recebendo as escritas de lamento, vertendo a lembrança da vida invisível visibilizada pela sua própria extinção, mais um dos paradoxos produzidos nas apropriações dos espaços da Barreira.

> [...] A vida é externada na forma de escrita, mas aquilo tem uma carga intensa de sentido, muito além do que está posto no muro. A escrita sempre acontece de madrugada, e isso por si só já traz um sentido, porque a madrugada é escura e solitária, não há identificação daquele que escreve e isso reflete o sentimento de invisibilidade social e da trajetória desse cara, como ele se sente, não só porque pichar é errado, mas também porque o pichador não tem oportunidade de falar sem ser marginalizado, é silenciado, não pode se expressar. [...] Aqui vemos muitas pichações emocionais, feitas por jovens que marcam o nome daqueles que se foram, e isso revela uma realidade que a própria comunidade da Barreirinha está alheia, a perda de seus jovens precocemente, os muros revelam a estatística daqueles que morrem e ninguém percebe, é como se os invisíveis pudessem ser visibilizados nessas marcas dos muros, como se a inexistência tornasse visível o pouco tempo de existência dessas pessoas, é como se a comunidade tivesse se transformado num imenso cemitério com seus muros sempre gravados com nome e data daqueles que foram. Esse tipo de pichação é profunda, tem um fundamento, mas por muitas vezes o preconceito não permite que esses pichadores pensadores falem sem serem alvos de escarnecimento ou marginalização. [...] Tudo traz conhecimento, mesmo coisas ruins tem o lado positivo e pedagógico, toda experiência, por mais amarga que seja, gera uma lição de vida que não esquecemos. [...] A Barreira é viva, têm muitas lembranças de muita gente circulando o tempo todo, tudo isso aqui é uma família enorme, muita gente que vi pequeno, hoje já estão tão crescidos, evoluídos, formados, constituíram família, se mantém aqui porque gostam, e a rede familiar está aqui também, então une o útil ao agradável. São pessoas que escolheram continuar aqui por opção, não porque são pobres, muito pelo contrário, tem nível superior, ou estão frequentando a faculdade, tem bom emprego, mas não saem daqui, tem servidor público morando aqui, professor universitário, médico, dentista, engenheiro, então a favela não é feita só de gente pobre, mas de pessoas que tem formação e condição, e mesmo assim optaram em permanecer com suas famílias aqui.

Figura 53 – As "Epigramas" da favela

Fonte: Acervo próprio. Maio/2016[113]

Visivelmente emocionado, nosso entrevistado nos ensina as diferentes naturezas da pichação, e mais precisamente a pichação emocional revelada nos muros da Barreira, nosso colaborador define na entrevista que sua identidade é o lugar, "a Barreirinha" mencionando com carinho a Favela da Barreira, emergindo a gratidão pela comunidade que em suas palavras, "*me ajudou a chegar aonde cheguei",* demonstrando como viver durante toda sua vida na Barreira, o ensinou a compreender a diversidade das pessoas, os diferentes níveis sociais e pessoais, o que se tornou primordial na trajetória de vida de J.C., que aponta a Favela da Barreira como a escola que o preparou para a vida:

> [...] possibilitou conhecer a diversidade, e isso, foi primordial na minha trajetória, a Barreirinha foi minha escola, porque me preparou para a vida. [...] No cargo público que ocupo, exerço a função de supervisor, e isso exige a liderança de noventa pessoas, tenho que saber lidar com todas as pessoas, cada qual com sua particularidade, cada um com uma religião, e viver na Barreirinha, com toda a diversidade contribuiu muito para quem sou me ajuda a compreender a diversidade humana, lidar com as diferenças, com pessoas de diferentes religiões, diversos gêneros e orientações sexuais, viver na favela me ajudou a conseguir lidar com as diferenças. [...] Por isso acredito que a comunidade pode ser um espaço educador, só quem sabe o quanto, é quem vive diariamente e conhece o lugar, aprende uma lição de superação e esperança a cada minuto, até com as formigas que passam a conviver na nossa casa, nos dá a lição de sempre seguir em frente em grupo.

113 Muro da casa situada na Barreira em homenagem a Gugu [Gustavo] morto em abril de 2016. Reportagem: http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noite-de-violencia-deixa-sete-mortos-em-duas-acoes-no-rj-09042016 dando conta do ocorrido no bairro conhecido como Vila da Penha, no dia 08.04.2016, data gravada no muro junto aos apelidos (identidades locais) do jovem.

J.C. encerra nossa entrevista como uma frase muito significativa: *"A nossa Barreirinha se fez assim, como uma colônia de formigas, embora pareçam frágeis juntas são fortes, trabalhando pelo bem comum"*.

4.2.4 Escola e favela (des) apropriações humanas
Tia dadá, a contribuição da educadora social

O trabalho de educador social ainda se mostra desconhecido por muitos, mas quando pensamos na *práxis* do trabalho de educação em meios conflagrados, especificamente na favela, é natural sermos levados a pensar em trabalhos articulados com instituições, nos moldes de educação não formal. Nossa colaboradora rompe com esse paradigma, assim como a maioria dos moradores que buscam por suas expensas melhorar o espaço da Barreira por meio de seu trabalho. Tia Dadá, o pseudônimo de nossa entrevistada é uma dessas pessoas.

Chegando a casa de nossa colaboradora, albergada por muros altos e um grande portão de madeira pintada de cor azul que lembrava o céu nos dias mais lindos, parada ao portão da entrevistada, aguardando ser atendida, não pude deixar de pensar o quanto aquele espaço de fato pudesse representar para as crianças que ali frequentam um pedacinho do céu.

Nossa entrevistada nos recebeu com o semblante calmo e ao mesmo tempo com sorriso que externava o misto de realização e alegria da alma, com seu vestido colorido combinando com a alegria de nossa colaboradora, adornado pelos longos e grisalhos cabelos cuidadosamente presos ao coque, tia Dadá nos recebeu, surgindo radiante abrindo o portão.

Na entrada de sua casa, no lado esquerdo o formoso pé de Arueira branca tão grande que chega quase ultrapassar o segundo andar da casa de Tia Dadá, nos chamou atenção pela sua exuberância e imponência, o que não passou despercebido por nossa colaboradora que tratou de nos apresentar a planta, e explicar as propriedades curativas da mesma: *"esse aqui é o pronto socorro de muitos moradores da Barreira*", mencionando a popularidade e importância da planta para os moradores, o que não ilidia os cuidados e observação aos ensinamentos tradicionais para cuidados com a planta, exemplar raríssimo segundo nossa entrevistada.

Descobri com nossa entrevistada os cuidados desvelados para com sua linda Aroeira: conversar com a planta, regar fora de horários de muito sol, colher após as seis da manhã e antes das seis da tarde, e saber estrategicamente de onde tirar as folhas evitando danos na planta, ensinamentos transmitidos para nossa colaboradora graças a seus ancestrais, que sempre fizeram uso de banhos e chás no passado.

No amplo quintal da casa de nossa colaboradora, nos sentamos na sala de aula improvisada, porém muito acolhedora. Um banco de madeira comprido, acompanhado de uma mesa de igual magnitude, talhada em madeira, de frente a uma lousa, uma parede pintada de tinta verde fosca, criatividade para tornar o espaço funcional para um ensino útil à criançada.

Pouco antes do início de nossa entrevista, nossa colaboradora nos mostrou todo o material didático que ela mesma faz, contando-nos os desafios do trabalho de alfabetização de crianças a que ela se dedica por dom, segundo ela mesma nos conta.

Nascida na região serrana do Rio de Janeiro, com quase sessenta anos de idade, nossa colaboradora nos conta que chegou a Barreira com dois anos de idade, no início da década de 60, onde sua avó teria acolhido seus pais após atravessarem um período de severas dificuldades onde moravam, na região serrana do Rio de Janeiro.

Quando perguntamos de sua infância, e suas brincadeiras favoritas, Tia Dadá não tardou a revelar prontamente: *"sempre gostei de brincar de professora"*, compreendendo que toda sua história de vida confluiu para esse fim.

> [...] Minha família nunca teve muitos recursos. Mudamos para cá para a companhia da minha avó, que já morava aqui e isso ajudou muito aos meus pais e a mim, já que havia muita dificuldade de se viver na região serrana do Estado na década de 60. Acho que toda essa dificuldade me motivou a ver a beleza da educação, seria a chance de mudar a vida e ajudar a minha família. Mas sei que de alguma forma, já sabia desde criança que seria educadora, que trabalharia com as crianças, mas tudo contribuiu pra isso [...].

Tia Dadá revela que o sonho com um futuro melhor para as crianças da Barreira se torna sua motivação diária, apontando certa reciprocidade entre o trabalho com as crianças locais e sua própria capacidade de aprender nesse ciclo de ensino a cada dia com os pequenos.

> [...] Hoje sonho com um futuro melhor para as crianças daqui, isso acaba sendo a motivação diária que tenho trabalhar com as crianças daqui de certa forma possibilita pra mim a realização desse ideal de vê-los com futuro melhor, viver aqui possibilita isso, e aprendo muito todos os dias com as crianças e com nossa sociedade daqui, acho que essa é a minha parte na contribuição pra isso aqui melhorar, é como transformo e me aproprio do espaço, trabalhando dedicando meu tempo à educação [...].

A escolha em manter na Barreira seu núcleo familiar, nos relata à colaboradora, após seu enlace matrimonial, deu-se por considerar o lugar em si como parte de sua família,

revelando, contudo, as dificuldades que sempre cercaram a sua trajetória, sendo possível perceber o orgulho da luta contada nos olhos e na voz de nossa entrevistada, denotando o quanto se sente vitoriosa, revelando a importância de sua estrutura familiar e sua infância "caseira" com formação familiar religiosa, possibilitando a construção de si, enquanto professora mãe e ser humano, ressaltando, porém que a escola não lhe preparou para ser quem é hoje.

> [...] Quando eu ainda estudava conheci meu marido, nos casamos um tempo depois de me formar e estamos juntos até hoje, mais de vinte anos de casamento, resolvi permanecer aqui na Barreira, junto de minha avó e familiares, acho que por isso vejo a Barreira como uma família, porque tem muita família mesmo aqui. [...] me formei em professora, a escola não me ensinou a partir da realidade e nem me preparou para o que eu encontraria. Como ensinar crianças que não tinham o mínimo do padrão que a escola afirmava? Vou explicar melhor: quando estudei pra professora, os meus professores partiam da ideia de que as crianças chegariam à escola com alguns saberes dados pelas relações que elas tinham no dia a dia com outras pessoas. Essas relações fazem com que a criança conheça coisas que serão importantes na sociabilidade e no desenvolvimento escolar, como elementos do país, coisas que se aprende vendo televisão, assistindo a um jogo do Brasil por exemplo. É possível conhecer a bandeira do Brasil, o hino, as cores da bandeira, enfim. Quando me formei, percebi que nada era assim, por isso a escola não me ensinou a prática da profissão. Tive que aprender muito. As crianças daqui pensam que a bandeira do Brasil é preta e vermelha porque acreditam que a bandeira do flamengo é a bandeira do brasil. Não sabem o hino, coisas básicas que, quando eu estudava antes de me formar, meus professores partiam da ideia de que as crianças tinham o mínimo de discernimento de certas coisas da vida [...].

O entendimento de que a vida e a apreensão do cotidiano como formulas do trabalho de transformação das crianças e do espaço, a partir da realidade vivenciada, emerge na narrativa de nossa entrevistada, onde a infância na favela é mobilizada pelo instinto de sobrevivência, discernindo da infância construída fora de ambientes conflagrados, provocando a reconstrução do educador social a partir da realidade espacial que se coloca:

> [...] Aqui na prática percebemos que essas crianças não têm nem o mínimo, elas partem com o que aprendem aqui mesmo, e aprendem outras coisas com o espaço, por exemplo. O instinto de sobrevivência é muito grande, e por isso, uma criança de 5 (cinco), 6 (seis) ou 7 (sete) anos daqui consegue se sair melhor sozinho no mundo do que uma criança da mesma idade criada fora daqui. Nesse ponto percebo que a favela dá certa "autonomia" de como se virar desde cedo. Para ensinar tive que esquecer o que aprendi na escola, para refazer a minha rota de conhecimento para reaprender a ensinar a partir do que as crianças podiam me dá. Eles não sabiam cores, porque não

> treinavam a munheca para colorir, então não tinham o manejo para cobrir ou escrever. Comecei a criar exercícios e atividades para suprir o déficit deles, que envolviam o uso de lápis de cor, canetinha, massinha, giz de cera. Criamos brinquedos com tampinhas de pet, e assim aprenderam a contar. No fim, depois de muitos trabalhos, envolvendo ainda contos infantis, porque as crianças não conhecem contos infantis, só desenhos de hoje e que são violentos, mas branca de neve, cinderela, a bela e a fera, eles não conhecem os contos clássicos. Isso é ruim porque essas historinhas tem sempre uma lição de sensibilização para as pessoas, por isso eu tentava contar essas historinhas também. . As crianças não conhecem historinhas, e ninguém conta. A lenda é o trabalho.[...]

Em certo momento da entrevista, Tia Dadá revela ter compreendido que todo o conhecimento angariado na escola não a preparou nem mesmo a ajudou a enfrentar a realidade da Barreira, denotando a necessidade de se (des)construir para que, a partir do arcabouço ofertado pelas próprias crianças e as interações do espaço, aprendeu e pode enfim construir a arte de ensinar efetiva:

> [...] Percebi que o conhecimento da escola não me ajudou muito, eu mesma tive que observar e a partir dai desenvolver meus métodos de ensino, porque enquanto eu usei o que a escola me ensinou, não conseguia fazer as crianças entenderem nada. Mas a partir delas e para elas o aprendizado se chegou, a Barreira foi me ensinando muito [...] Com o adulto trabalhamos com coisas que eles já tem mais conhecimento, no dia a dia. A criança, o ensino parte daquilo que ela conhece ou gosta, um pirulito, um sorvete, bala e representamos isso para o trabalho com os pequenos.

O sentimento de espoliação reverberado na narrativa de nossa colaboradora revela o quanto à juventude da favela sofreu e ainda sofre, o roubo da infância ao direito de vida, "*não só foi roubada a infância deles, como foi roubado também o direito de vida, de existir mesmo, de descobrir uma cidade que eles jamais conhecerão ou terão acesso, de ter experiências que jamais terão motivação para experimentarem, foi roubado o direito desse sujeito de sobreviver".*

Essa dinâmica de construção social que espolia a criança e o jovem provoca o desinteresse de articulação social efetiva dos mesmos, emergindo de certa forma a descrença na inserção social e conhecimento formalmente institucionalizado, uma vez que, como nossa colaboradora menciona, *"tudo é dividido estamos todos divididos, então também é natural que a escola divida também todo mundo, a escola acaba excluindo..."*

O paradoxo se retroalimenta, se de um lado falta diálogos efetivos entre os projetos pedagógicos e perfis de estudantes de áreas conflagradas, por outro, essa ausência estimula o desinteresse e a (des) identificação de crianças e jovens com os espaços formais de educação, como a escola, prestigiando a tônica da utilidade do que se aprende que passa a assumir o

lugar do conhecimento reproduzido, configurando (des) apropriações humanas quando se considera favela e escola.

Essa dinâmica desloca o lugar de apreensão do conhecimento das escolas para os espaços informais de habitação que se alinham com o cotidiano, aonde as necessidades que emergem no lugar, encadeadas pelas apropriações e produções delineados pelas formas de morar, (como ocorre na Barreira), se prestam de instrumentos pedagógicos reelaborando formas de fazer a partir do morar.

> [...] Para o adulto, partimos das associações que eles estejam mais ambientados no dia a dia. E você sabe que por aqui no bairro não tem EJA [ensino de jovens e adultos], isso aumenta ainda mais a dificuldade dos adultos de aprenderem a ler e escrever. Ainda temos aqui analfabetos funcionais de todas as idades, e muitas áreas carentes, mas também há uma grande falta de interesse da maioria em querer procurar ou aprender. [...] Eles debandam do segundo grau, querem trabalhar, mas eles não sabem, alguém vai ter que explicar um dia a eles que "pra você trabalhar tem que ter estudo, saber ler, contar e escrever", tem que ter uma formação. Como eu vou te explicar: Tem o EJA [Ensino de Jovens e Adultos] e o PEJA [Programa de Educação de Jovens e Adultos] que mantinha diretrizes básicas para execução do EJA. O programa PEJA previa a sensibilização dos alunos para que o EJA pudesse ser bem sucedido. Aqui na Barreira, demanda uma forma de EJA que partisse de uma dinâmica de vida. Teria que ser trabalhado até passeio com os alunos, pra museus, cinemas, teatros onde esses acessos certamente iriam contribuir para a própria condição existencial aqui. Esse tipo de dinâmica não se encontra em nenhuma escola daqui da região. [...] Alguns não conseguem explorar bem o seu próprio potencial, por exemplo, aqui tem pessoas que desenham muito bem, quando escrevem muros, fazem a pichação, você vê que tem alguma coisa ali, é como uma obra que posso ver e mesmo sem entender percebo que tem um sentido, um valor. Esses valores talvez estejam retidos, mas ninguém mostra isso pra eles. Eu acredito no dom de algumas pessoas que trabalham com o que conseguem aqui, mesmo sem a escolarização, mas isso não é uma regra. Tem meninas aqui fazendo unha que é uma coisa linda, elas desenham a unha elas fazem aquela coisa pequenininha eu fico deslumbrada, sem ter feito um curso, só no olho, e praticam isso como meio de vida. Os meninos por sua vez cortam cabelo, que é também deslumbrante. Eles desenham aquelas coisas de time, e outros desenhos no couro cabeludo, ficam bonitos, eles tem um dom pra fazer sobrancelhas e cabelos lindíssimos. Então eu acho que ali está um profissional, mas como fazer essa pessoa deslanchar num mercado de trabalho tão restrito a escolarização? Ele só consegue provar que é profissional se tiver diploma, sem isso não é nada, mesmo sendo um ótimo trabalhador, precisa do diploma.

Nossa colaboradora encerrou nossa entrevista, cumprindo o ritual que sempre faz no fim de suas aulas, servindo e saboreando um delicioso lanche com seus alunos. Naquele dia, me senti mais uma aluna, uma criança que nada sabe da Barreira, que aprendia com a grande educadora os sentidos da educação dirigida às especificidades do espaço da favela. Percebia que degustação pode ser parte da educação, de um ensino palatável e aprazível.

O ritual se cumpriu ao fim da entrevista, nossa querida professorinha serviu-nos de uma deliciosa lasanha, degustada na mesma varanda que realizamos a entrevista. Enquanto saboreava vagarosamente a lasanha percebi o gosto de aprender, de comer e de partilhar. Aprendi como se aprende na favela, e como se estabelecem as redes de troca como estratégias de sobrevivência e ao mesmo tempo de transformação da favela. A conjugação entre espaço e vida se manifesta em cada canto da Barreira, confluindo para a reelaboração do cotidiano, propondo transformações locais e pessoais.

O material de nossa entrevista o caderno de campo e tudo mais dividiu dignamente o espaço a mesa, denotando a funcionalidade e simplicidade que um espaço como esse pode significar, para nós, um lugar de acolhimento indescritível. Para as crianças, o azul do portão de entrada certamente desvela um pedacinho do céu na favela, e tia Dadá, uma inspiração de vida e dedicação a educação para todos nós. Despedimo-nos da colaboradora com a expressão de seu sentimento entre morar e trabalhar na Barreira, traduzidos na luta e no desafio diário, na elaboração de formas compreendidas entre viver e (sobre)viver.

4.2.5 Narrativas de produção do conhecimento comum
Jocelino, Xico, J.C. e Tia Dadá,

Os orgânicos contemporâneos da Barreira, a cidadela educadora

Propor o entendimento da existência de orgânicos na favela, demanda a compreensão da favela como espaço de efetiva produção, seja de relações sociais, de trabalho, de cultura, de afetos e de educação, um espaço dotado de circularidade e vida, produtor da pedagogia do fazer.

Dessa digressão, importa-nos ressaltar certa dicotomia que se estabelece entre elementos, seja cultural (quando falamos da cultura popular, emerge o signo que a distingue de uma cultura erudita), seja no trabalho (que reporta ao entendimento de atividades formais e, portanto gozando de aspectos de legalidade e informais que por vezes não conta com tal presunção de legitimidade principalmente para aqueles que não conhecem entenderem como o trabalho se desenvolve e as forças de produção são empregadas nos espaços da favela),

notadamente ainda quando se fala em educação (também analisada sob a dicotomia formal e informal) que emergem distinções de conhecimento institucional erudito (formal) antagonicamente posto aos processos de educação inicialmente (des) institucionalizados e portanto informais como a favela, sendo esse o elemento nodal que mobilizou a construção da noção dos orgânicos contemporâneos da favela, na cidadela educadora.

Ressaltamos aqui a menção que fizemos inicialmente num à parte: quando mencionamos a favela como espaço não institucional, trata-se da análise dos locais reconhecidos oficialmente como instituições que produzem educação, que parte da consideração da formatação hegemônica pedagógica compreendendo o elemento institucional como aquele criado precipuamente para fins pedagógicos.

Em contra partida, não negamos a força institucional das favelas para a construção e promoção do saber e conhecimento, sendo exatamente esse um dos contrapontos de nosso estudo, que parte da premissa da favela como espaço de construções, dotada de potenciais que formulam a favela e seu cotidiano com o condão educador, conjugando *vida, proxemia e saberes orgânicos* MAFFESOLI (2010, p. 255).

Nesse momento o leitor deve estar se perguntando "de que orgânico se fala"? Pois bem, não negamos que a partir das articulações elaboradas por Gramsci (2004), deslocando o conceito originariamente cunhado de intelectual orgânico dos ambientes fabris esboçado pelo autor no Caderno 12 – XXIX (1932) escritos do cárcere que vinculam intelectualização com industrialização retomamos algumas notas orgânicas sobre a escola, combinando-as com a noção de conhecimento comum ou que se desvela no cotidiano, elaborado por Maffesoli (1987).

No que pese as inúmeras anotações sobre as noções de autoritarismo jesuítico e o espontaneísmo rousseauniano, criticadas por Gramsci, a dinamização de um paralelismo pontual entre as células escolares com as células industriais na consolidação dos intelectuais orgânicos, que encontram no autoritarismo e no voluntarismo espontâneo a relação ensino-aprendizagem, vertidas na pedagogia do fazer (práxis). O corolário da proposta principiológicas do autor: "o trabalho como princípio educativo", partiu da noção do aprendizado de fábrica (trabalho), mais tarde compreendido pelo autor como conjugação do que permeia a vida social:

> [...] O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial, não somente na escola, mas em toda vida social. O princípio unitário refletir-se-á, portanto, em todos os organismos de cultura,

> transformando-os e dando-lhes um novo conteúdo. (Caderno 12 - XXIX,1932 , p. 8a)

Outro ponto que mereceu deslocamento emergiu no conceito de subalterno cunhado pelo autor, que embora distinguisse o proletário (cotejando quem estava inserido nos meios de produção fabris), o compreendia como parte integrante no processo de opressão, formulando que compreendemos por gênero e espécie entre proletário e subalterno. Nessa lógica, o ambiente atua como agente o *lócus* de identidade subalterna, a educação emerge como adaptação e luta contra o ambiente, como alude Manacorda (2008, p. 92), citando os princípios educativos em Gramsci:

> [...] a educação é, para ele [Gramsci], uma adaptação ao ambiente sim, mas também e sobretudo, uma luta contra esse ambiente, para não permitir que este influa casualmente, mecanicamente, talvez mesmo com seus aspectos menos evoluídos [...] intervenção humana, na pressuposição de que não se pode falar de natureza do homem, mas tão-somente de um ambiente historicamente determinado.

De fato, se analisarmos o cotidiano da favela, e as apropriações que os colaboradores realizam vertidas em contribuições que transformam o espaço, torna-se possível observar, sobretudo um mecanismo implícito de resistência à noção que historicamente determina favela como um lugar negativo, precário, posicionamento assumido pelos moradores como estratégias que visam (re) significação do espaço pela força da tradição familiar, e que mobilizam as demais forças que elaboram o espaço.

Assim, compreendemos que a força do fazer consolida uma pedagogia local onde a, intervenção humana se revela, sobretudo como uma estratégia de (re)criação e (re) significação da favela através do trabalho, desvelando assim, o mais alto grau de cultura concebido por Gramsci: a consciência histórica (individual, coletiva e ao menos local), aliadas a capacidade de apropriação como uma critica e ao mesmo tempo resistência contra os determinismos que fazem da favela um espaço precário. Utilizar-se dos objetos do espaço e da precariedade que marcam a favela para reflexão e transformação, significa trabalhar as ausências para marcar as presenças, delineando a real capacidade de produção da vida coletiva, desvelando uma cultura sólida e realista própria do lugar, que se coloca como instrumento de organização, ou na dicção Gramsciniana, *um organismo unitário de cultura:*

> [...] a elaboração unitária de uma consciência coletiva homogênea requer condições e iniciativas múltiplas. A difusão, a partir de um centro homogêneo, de um modo homogêneo de pensar e de agir é a condição principal, mas

não deve e não pode ser a única. (Caderno 12 – XXIX, p. 23-33, 1932).

Nesse sentido, a concepção uníssona dos colaboradores em compreender a favela da Barreira como a *grande família*, não só revela à resposta a pergunta de corte, como também pontua a *elaboração unitária de uma consciência coletiva* que busca estabelecer nos vínculos de família, de troca, a organicidade de um sistema retributivo que fundamenta a própria tradição local (MAUSS, 2003).

Não por acaso, pois como já mencionamos anteriormente e evidenciado na narrativa de Helenice, a concepção é estratégica, o que garante a rede de segurança e fortalece o lugar, pontuando uma forma homogênea macro dimensionada de entendimento das relações locais e do lugar propriamente dito, reforçando ainda os elos de troca da rede afetiva, o que revela a produção dos orgânicos, tanto do lugar como nas formas de apropriação, "produzindo" a favela de forma concreta e abstrata contra hegemonicamente, como lugar de produção, seja de cultura, de trabalho, de afetos, segurança, e das redes de proteção intencionais que agregam todos esses elementos, garantindo a (re) elaboração constante do espaço e das pessoas. Essa dinâmica explica a simbiose entre história de vida e história do lugar vertida no tecido narrativo.

Nessa direção, Del Roio (2018, p. 171) *aduz que a fragmentação das classes subalternas era uma característica da própria condição social dos grupos, oprimidos e explorados*, ratificando o entendimento de Gramsci, que acreditava no avanço desses grupos pela superação histórica, ganhando organicidade (pela autonomia e auto-organização desses trabalhadores) alcançando assim a perspectiva da totalidade, que reverbera na hegemonia do grupo, mas que por outro lado (re) cria, à luz de nosso entendimento, a figura interna do sub-subalterno, um conceito que compreendemos como o aprofundamento das relações subalternas dinamizadas por vezes nas relações de produção da favela, que exemplificaremos mais a adiante.

O Subalterno, na visão de Spivak (2010, p. 12) é o sujeito que "*integra às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante"*, noção que dialoga frontalmente com a concepção de subalterno cunhada por Gramsci (2004) que o compreende como toda a classe de oprimidos.

Como se pode depreender, partimos do axioma geral emergido por Gramsci, demandando o deslocamento de lugar de formação dos intelectuais, dos ambientes formais fabris e da escola para o ambiente informal da favela, e do arcabouço cultural produzido; da

figura de trabalhadores para moradores, deslocamentos concebidos, a partir das vozes dos colaboradores, revelando a favela como espaço de trabalho e produção intelectual (do saber fazer, da construção pedagógica desse saber que irá organizar as formas de compreender o mundo pela própria favela), organizando o arcabouço de conhecimento comum e saberes local.

Nesse sentido, os colaboradores demonstram a favela como *lócus* da existência de um grupo, que embora subalterno (em se comparando a categorização historicamente consolidada do espaço e pessoas da favela), apropriam-se de sua força de trabalho vertendo-a ao espaço da favela, encontrando emancipação paradoxalmente no núcleo da subalternidade, que a própria favela representa, tecendo e reconstruindo gerando novos subalternos no tecido já subalterno.

Essa dinâmica de relações produtivas internas, não afasta as contradições tecidas pelo grupo para emancipação e apropriação desses espaços. É que, essa produção que se apropria dos espaços da favela também reproduz as opressões de exploração da força de trabalho, principalmente para quem trabalha para os pequenos empreendedores da favela, consolidando novas camadas de subalternização do que já se apresenta como subalterno o que compreendemos por (sub) subalternização aprofundando os processos dos subalternos.

Esse aprofundamento da questão subalterna se revela nas relações que exploram a força de trabalho para manter o comércio local, precarizando a força de trabalho; outro exemplo vívido emerge das relações de especulação imobiliária que ocorrem dentro da favela, isso porque, a maioria dos comércios é alugada por empreendedores e também moradores do lugar que pagam aluguel a outros moradores, donos de imóveis, tornando a especulação imobiliária bases de exploração do trabalho e da renda local.

É o que acontece com o bar do Sérgio, o salão da Tina, esses pequenos empreendedores direcionam sua própria força de trabalho em seus negócios, sem contratação de pessoal. Por outro lado, a maioria dos comerciantes proprietários de seus pontos, contratam pessoal, é o caso do bar do Beto, da quitandinha do Sr. Anjinho, o bar do barbudo, exceto a padaria do Pedro, que é alugada, mantendo raras vezes pessoal contratado, já que o próprio Pedro se dedica a maior parte do tempo ao seu comércio.

Por outro lado, aqueles que se apropriam diretamente dos espaços da favela encontrando pertencimento próprio, tornam-se homogêneos pela identidade local (e produtiva no lugar) compreendendo a favela como a grande família, (re)formulando micro identidades por meio das apropriações e do exercício de pertencimento, os quais terão como ponto de gênese, a identidade macro, estabelecida pelo lugar, produzida e sustentada pelos orgânicos

contemporâneos da favela, construtores do espaço e do cotidiano, das formas de fazer e saber, consolidando a favela como a cidadela educadora.

Assim sendo, compreender como ponto de partida as vozes de moradores e suas histórias de vida, inscritas na história da própria favela, nos encaminha a entender certa circularidade dialética que é tecida no (e pelo) cotidiano no amálgama estabelecido entre vida e lugar, o que desvela recorte hábil e evidencia elementos que integram a produção a partir das apropriações que se encadeiam nesse cotidiano.

Nesse aspecto, os modos de viver, morar, fazer, falar, desvela maneiras de fazer que corroboram com a construção específica dos hábitos locais, consolida a *etnologização das formas de fazer* (Certeau, 2014, p. 127) com isso a invenção do cotidiano da favela, permeia valores e signos próprios que emergem nas (inter)relações, produzindo o tecido de práticas mobilizadas pelo lugar, (re)mobilizando-se constantemente na apropriação do espaço pelo cotidiano.

As relações internas engendradas e evidenciadas no cotidiano consolidam e permeiam valores, hábitos e costumes tornando elementos de circularidade que (re)elaboram as relações transformando o espaço da favela em lugar, situado na *práxis* da vivência (ação) e da relação que essa vivência e o lugar provocam no indivíduo (reflexão) e seu engajamento no lugar por meios da apropriação.

Esses componentes (ação, reflexão e apropriação) que integram o morador ao lugar, configuram a favela como lócus de *práxis pedagógicas* territoriais, fundamentada nas experiências e nas relações sociais que consolidam uma forma peculiar de organização e produção cognitiva, agregada nas práticas que buscam resistir e (sobre)viver as insígnias que marcam a favela como espaço conflagrado, consolidando-a como uma célula urbana e social de educação informal. Nesse sentido, a favela se desvela como o cosmo de uma cidadela educadora no contexto urbanístico mais amplo que coteja cidade-bairro e favela.

Analisar a favela como micro cosmo ou Cidadela educadora, nos convoca a delinearmos teoricamente o percurso construído que resulta na proposta de conceber a favela como espaço educativo. Essa perspectiva, ancorada na proposta de Bonafé (2002), que explora os elementos da cidade para construção do currículo pedagógico, é possível realizarmos o mesmo percurso cognitivo utilizando, o espaço da favela e seu tecido narrativo como fonte de exploração e análise, entendendo a favela no contexto micro, em que se cotejada aos demais espaços urbanos que organizam a cidade.

A partir da compreensão das expressões emergida do tecido narrativo dos colaboradores Jocelino, Xico, J.C. e Tia Dadá, é possível compreender como a favela se desvela na fala dos moradores como um micro cosmo, uma cidadela educadora, onde suas ruas ganha contornos de sala de aula, uma lousa viva, um lugar onde se escreve e inscreve a existência (Bonafé, 2002), perfazendo a monta simbólica da própria construção identitária por meio dos saberes e conhecimentos assimilados, transmitidos e negociados no espaço da favela carreados pela correlação de vivencia e troca dos moradores e do lugar.

Certeau (2014, p. 164) define que o "ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação para a língua ou para os enunciados proferidos", o que gera uma certa retórica do espaço onde o caminhar conduz a uma realização espacial do lugar, engendrando uma certa vivacidade ao lugar, criando uma organicidade móvel do ambiente. A vida e apropriação da Barreira, pelos narradores Jocelino, Xico, J.C e Tia Dadá por meio de seus trabalhos, demonstra uma certa metodologia dessa organicidade e simbiose entre a vida e o lugar.

A favela emerge como espaço orgânico, dotado de vida, conferindo significados ao lugar do que ali se vê, das dinâmicas consolidadas pelas relações e organização que conferem limites espaciais, marcas (inter) relacionais, que consolidam conexões com o exterior, ao mesmo tempo uma orbe que se organiza segundo os critérios que pulsam e emergem no interior do espaço, conferindo, no entendimento de João do Rio (2007, p. 30) alma as ruas, que fornece encaminhamentos ao entendimento das mensagens que ela busca transmitir:

> "Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que basta para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes [...]".

Observar a favela e compreender como o espaço dinâmico exerce influencia sobre a vida e o cotidiano do grupo, significa entender a existência de uma espécie de "grade curricular" fora da escola, mas situada nas ruas, casas, vielas, cruzamentos e muros da favela, nas relações diárias que permeiam as diferentes experiências e práticas sócio culturais circularizada no mesmo lugar, que externam a diversidade e organicidade dos meios de se ler e vivenciar o lugar.

Assim como Jocelino demonstra pelo seu trabalho junto ao NEPP a dedicação contribuindo significativamente com a sustentabilidade dos espaços da Barreira, ensinando e ao mesmo tempo aprendendo com as demandas diárias que se colocam, Xico também demonstra uma simbiose com o lugar, a ponto dele mesmo (re) significar a Barreira como sua "pequena Paraíba", revelando a possibilidade de integração e deslocamento cultural

produzidos na favela, provocando a organicidade local por meio de culturas derivativas de outras cidades e etnias, mas que produzidas na favela se tornam originárias pelos diferentes sujeitos e formas que a integram.

Esse entendimento apreendido pelos moradores revelam atributos e habilidades de leitura e reconhecimento dos códigos impressos no espaço e suas mobilizações, fazendo da favela o livro e seu cotidiano o texto citadino, como nos explicou J.C., demonstrando a importância de se compreender os signos expressos e implícitos na favela.

A narrativa de Tia Dadá, por sua vez, emerge o entendimento de que a "utilidade do conhecimento" se coloca como elemento chave no tecido narrativo, relacionado ainda segundo a fala dos entrevistados muito mais as experiências apreendidas no cotidiano da favela do que na escola em si, apontando as ruas como fonte do aprendizado, convivência e sociabilidade do grupo que se (auto) organizam internamente, onde é despertada a curiosidade e conduzida à busca do aprendizado, consolidando elementos que organizam cognitivamente o conhecimento comum.

Freire (2004) apontava a curiosidade do ato de aprender como exigência, sugerindo uma estrutura que favoreça o binômio ensino-aprendizagem, voltada a condições as quais o estudante possa assimilar o objeto de análise construindo um caminho próprio, favorecendo condições pra que o aluno tenha caminhos alternativos senão àquele já construído.

No entanto, a concepção da favela como espaço educador demanda certo giro epistemológico cotejando novas formas de produção de saberes e conhecimentos aportados nas bases e origens culturais, sociais, afetivas e familiares, o que demanda a compreensão do impacto de mudança paradigmática proposta pelo paradigma emergente (Boaventura, 2001).

Essa concepção faz com que haja idêntico deslocamento no entendimento do papel e função de espaços conflagrados como a favela estudada a partir de sua construção material e cultural, no contexto urbano e de seu entorno, exercendo "um modelo auto organizativo" que carreia o cunho pedagogicamente urbano.

Assim, práticas de soluções alternativas elaboradas no cotidiano, tornam-se marcas de organização e da produção do conhecimento no espaço da favela da Barreira, como é o caso da prática de uso de ervas e plantas medicinais destinados aos moradores como alternativa de cuidados básicos com a saúde, e a transmissão oral desses ensinamentos como faz Jocelino.

O horto, iniciativa do NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas, fundado pelo morador Jocelino Cavalcante Porto é uma das referências de transmissão oral de ensinamentos voltados a manipulação das plantas para cuidados pessoais, plantio, replantio e

educação ambiental das demais favelas cariocas, levando experiência e transmissão oral de seu conhecimento aos moradores, às escolas públicas cariocas do município e do Estado, capacitando lideranças de outras favelas no Rio de Janeiro.

Nesse sentido, a prática educativa local se desvela muito mais rica do que a teoria, no dizer de Gadotti (2010, p. 30) o referencial maior da pedagogia é a práxis, a ação transformadora, radicada numa antropologia que considera o homem um ser criador, *"sujeito da história, que se transforma na medida em que transforma o mundo"*.

Essa dinâmica revela a produção de micro saberes, tornando a favela um espaço de (auto) conhecimento, que encontra (re)significações no cotidiano conduzindo a vida na favela, gerando saberes que, embora produzidos em espaços informais como a própria favela da Barreira, circula replicado nas escolas, espaços formais de educação e produção do conhecimento, evidenciando (inter) relações cognitivas que ultrapassam o território da favela consolidando cultura de inclusão social e educativa nessa comutatividade de saberes e espaços.

As dinâmicas do cotidiano da favela e de seu espaço podem inferir na vida dos indivíduos, a ponto de permear o elemento um pedagógico na estrutura local e nas formas de viver na favela, delineando a construção da favela como espaço educador, nas relações esteadas entre a rua, a favela e o aprendizado produzido na comunidade.

Nesse sentido, a favela pode ser compreendida como espaço de educação informal, e por isso educador, demandando o entendimento das capilaridades que norteiam as formas de viver, os hábitos e costumes de cada favela em si, as quais não podem ser concebidas como espaços de identidades lineares e iguais, apenas baseado no critério da categorização de espaço precarizado.

As relações internas geram um sistema próprio baseados na relação do sujeito com o espaço, delineando (inter) relações capazes de organizar e gerar elementos interacionais que se estruturam de forma a subsidiar o suporte cognitivo, consolidando a favela como espaço educador de produção de conhecimento comum (Maffesoli, 1987).

Por outro lado, a consideração dessa premissa tem o condão de formalizar novos diálogos e aproximações entre escola-favela, seja pela natureza curricular ou pelo acolhimento de "realidades" até então refutadas nos projetos educacionais. A vida se mostra como princípio educativo nodal de apropriação humanística.

As marcas territoriais consignadas pela diversidade do espaço fazem com que cada favela guarde diferenças profundas, desde a questão territorial observada como elemento

macro, encadeando a (micro) organização da produção social e espacial da favela permeada pela história de formação de cada morador como elemento estruturador embora correlato a organização do território, demonstra-se heterogêneo devendo ser cotejado dentro das inúmeras possibilidades que a diversidade local e as negociações entre território e espaço ofertam.

Tão orgânico quanto à vida, as favelas vivem suas próprias histórias, tecidas em seus espaços tão vivos quanto a vida que pulsa em cada ser, fazendo da favela ser um núcleo de *biodiscursividade* ativa (elemento analisado no próximo bloco), instrumento hábil ao entendimento das dinâmicas singularizadas e (re)conhecimento de identidades, valores e princípios que regem as relações estabelecidas na favela.

Compreender que esse (re) conhecimento se estreita num binômio que emana simultânea e comutativamente do espaço para os moradores (espaço-morador) ou dos moradores para o espaço (moradores-espaço), emerge o elemento dialógico e pedagógico consolidado pela integração que fixa nas diferenças a força transformadora capaz de reescrever cada passo da história, onde a valorização das experiências, saberes e práticas em espaços informais como a favela podem colimar numa cultura própria, com matiz peculiar onde emerge o conhecimento como agente educador, inclusivo e (trans) formador dos orgânicos contemporâneos da favela, concebidos nas circularidades entre o ser e estar na favela.

4.3 PERTENCIMENTOS ENTRE SER E ESTAR NA FAVELA

Durante as entrevistas, muitos elementos foram externados pelos colaboradores, alguns exaltavam orgulho de fazerem parte da criação da Favela da Barreira, outros demonstraram em suas narrativas o orgulho dos trabalhos que suas contribuições vertiam ao espaço, tornando a favela, na compreensão de nossos colaboradores, um melhor lugar de se viver, elementos esses que nos encaminharam as seções que integram o presente capítulo.

No entanto, foi possível perceber uma questão central que permeava o núcleo das narrativas: o pertencimento, que surgia nas vozes que discerniam diferentes formulações que orbitavam entre o “ser” e o “estar” na favela, o que nos forneceu subsídio à construção da presente seção.

A expressão constantemente replicada: “sou cria da Barreira”, de certa forma traduzia um entendimento de maior pertencimento do lugar, e implicitamente indicava uma aproximação ou tutela de cidadão original local autoproclamado por aqueles que nasceram e

foram criados na Barreira, daí serem “crias da Barreira” os filhos legítimos do lugar, decretando um afastamento àqueles que não eram “crias”. A expressão também nos demonstrou mais uma vez o aspecto biológico na concepção dos moradores na construção de seus discursos e expressões, conferindo signos profundos indexicais a expressão “cria”, compreendida como os filhos legítimos, paridos pelo lugar.

Essa questão propiciou o entendimento de partida da existência de dois grupos ocupando o espaço: aqueles que nasceram e foram criados na Barreira, “os originários”, que afirmam *ser do lugar* [os cria] e outros grupos, daqueles que chegaram e se instalam na Barreira. Para aqueles, esses *estão* na Barreira, mas não são “crias” do espaço, desvelava a retórica de que, embora “estão” não “são” crias do lugar. Aparentemente esse embate não encontra divergências ampliadas a não ser dentro das construções de pertencimentos internas, o que significou um achado importante para nosso estudo, mais uma vez encaminhando às narrativas e expressões a seara da biologia.

A partir dessa dinâmica, observada nas expressões do cotidiano e nos escritos dos muros, todas pontuadas em anotações de nosso caderno de campo, vertidas inclusive nas entrevistas, tudo confluiu para que compreendêssemos melhor essa elaboração que a principio categorizava internamente os critérios de pertencimentos do local entre os nascidos/criados e dos não nascidos na favela.

Essa questão tomou corpo e se aprofundou mais no curso das entrevistas do que podíamos imaginar. Não se tratava de uma simples categorização, mas de uma disputa implícita muito além da apropriação do espaço físico, mas situada no espaço simbólico que delineava a identidade da favela.

A questão colocada se mostrou ainda mais mobilizada à medida que percebíamos os paradoxos que se impunha nas narrativas: ser da favela não é necessariamente estar na favela, e estar na favela não significava não ser da favela. Por traz da retórica da “cria da Barreira” existia um multiverso, uma pluralidade de disputas e estratégias formuladas para afirmar ou negar a identidade a partir do lugar. Isso nos fez entender como uma premissa situada no senso comum pode escamotear tantas complexidades, a pesquisa deslocou os próprios colaboradores a refletirem sobre isso, “estariam ou seriam” parte da Barreira?

Para os entrevistados que emergiram o discurso da Barreira se monstrar a grande família, desvelou o mosaico entre história de vida e história do lugar, e por incrível que pareça dos 12 (doze) entrevistados, apenas dois nasceram na Barreira (J.C e Barbosa) e mesmo assim, não se consideram literalmente falando “crias do lugar”, embora não neguem as

contribuições que a Barreira lhes trouxe ao longo de suas vidas, o que faz da noção de pertencimento para eles relativa a determinados fatores que se colocam.

No entanto, dos outros 10 (dez) entrevistados no conjunto daqueles que não nasceram na Barreira, 09 (nove) sentem-se como pertencentes do lugar (exceto Aparecida), seja pelo fato de virem pequenos e terem sido criados na Barreira ou mesmo por conduzirem suas vidas a partir da oportunidade de moradia ofertada pelo espaço.

Esse cenário reportado pelo tecido narrativo revelou-se exatamente o oposto do pensamento generalizado pela maioria dos moradores: aqueles que se consideraram "crias" demonstram que se apropriam do lugar trazendo contribuições efetivas. No entanto, esse perfil corresponde aos moradores que vieram para a comunidade e auxiliaram na construção e desenvolvimento da mesma, não os que nasceram nela, eis que já encontraram o espaço basicamente organizado, e quase nada ou muito pouco fazem pelo lugar.

Isso nos levou a compreender os diferentes níveis e dimensões de apropriação e pertencimentos existentes na favela, que superam o entendimento de ser ou estar na Barreira, emergindo um entendimento estranho aos moradores: os originários da favela foram àqueles que chegaram e ajudaram a construir o lugar, e não os que ali nasceram como supunham ou proclamavam.

O tecido narrativo respondeu a essa questão: pertencimento é sentir-se confortável, é compreender que o lugar proporciona comodidade e meios de realizar a vida, seja educação, saúde, e outros acessos, é adaptar-se ou se sentir parte de um ambiente simples, de fácil adaptabilidade e acolhimento. Se apropriar é sentir-se identificado com o lugar e com os acessos que ele proporciona. Nesse ponto percebi certa reciprocidade nos signos de pertencimento, como me explicou o colaborador Barbosa: *"pertencer é se sentir presente no lugar esse sentimento vem da reciprocidade em que o lugar mesmo se coloca: sentir-se presente no lugar é sentir o lugar presente na nossa vida, isso vem de sentir o acolhimento das pessoas é assim que o lugar funciona, nele e em nós".*

Barbosa abriu o que podemos chamar de caixa de pandora da Barreira.

Por um lado reconheceu a importância dos valores que movem a comunidade, as regras sociais tecidas no interior da favela, que são diversas daquelas vivenciadas por ele enquanto permaneceu por alguns meses morando na Baixada Fluminense, o que o levou a entender a favela como um lugar de acolhimento, diferenciado dos ambientes externos.

Por outro lado, mesmo sendo “cria da Barreira” ou cidadão originário da favela como Barbosa mesmo mencionou isso não o faz entender-se como “ser” local. Esse achado revelou disputas e contradições internas.

Antes mesmo de começarmos a nossa entrevista nosso colaborador teceu alguns comentários sobre preservar sua própria intimidade e a necessidade de conciliar esse anseio com os valores antagônicos praticados na favela. Mais uma tensão e negociação que emergia como um desafio para nosso narrador de morar na Barreira. Ser e Estar na Barreira se descortinava como o entremeio do pertencimento, dinamizado e mobilizado de forma concomitante e às vezes concorrente dos sentidos empregados por um mesmo indivíduo.

Mais uma vez nosso colaborador Barbosa nos traz novo ensinamento:

> “Existem ‘Ser’ que é cria da favela e que se sente no estado de ‘Estar’, porque não entende a favela como lugar de pertencimento por uma questão de resistência as regras sociais locais. Pela percepção de que as regras coletivas aplicadas podem ser invasivas a privacidade. É não concordar ou resistir às próprias regras formuladas pelo grupo que concebem o individual como coletivo e se apropriam de tudo do outro, até de sentimentos, chamam a mãe dos outros de mãe, de avó... quando você menos espera já estão dentro de casa. Não se integrar nessas regras, aceita-las ou reproduzi-las, isso me faz ‘ser cria’ nutrindo o sentimento de ‘estar’ mais do que de ‘ser’ daqui. Mas sei que isso não é tudo. Quando morei longe, tive saudade do acolhimento, de ver na rua rostos conhecidos, de falar com pessoas conhecidas, e de outros valores que a gente só encontra aqui, por isso voltei. Mas continuo preservando minha intimidade.”

Ser e Estar desvelam-se, portanto como potências dinâmicas e mobilizadoras nas relações tecidas na Barreira, o que resulta nas várias dimensões de apropriação circulantes no próprio espaço: desde os moradores que se reconhecerem como membros e participantes da organicidade local, avocando ações ativas em favor do lugar, àqueles que buscam colaborar de forma individual, ou coletiva despretensiosamente.

O critério de intencionalidade parecia ser decisivo para configurar o pertencimento, mas na favela, nada acontece de forma linear, não há facilidades para entender a complexidade e profundidade das relações. É preciso perceber os detalhes do dia a dia para extrairmos a integração social nas pequenas ações despretensiosas, presentes nas estruturas que de Norbert Elias (1994, p. 39) formula como substrato do tecido social:

> Pelo simples fato de estarem os seres humanos menos presos do que outros animais a vias organicamente prescritas, ao configurarem suas relações entre si e com o resto do mundo, o entrelaçamento de suas atividades dá origem a leis e estruturas de um tipo especial. Justamente por essa razão, acionam-se na rede mecanismos

> automáticos de mudanças, transformações históricas que não tem origem no aparelho reflexo humano hereditário, nem tampouco – vistos como um todo, tal como efetivamente ocorrem – são desejados ou planejados por pessoas isoladas, embora sejam tudo menos caótico. Justamente por isso, o irrevogável entrelaçamento dos atos, necessidades ideias e impulsos de muitas pessoas dá origem a estruturas e transformações estruturais numa ordem e direção específicas que não são simplesmente "animais", "naturais" ou "espirituais", nem tampouco "racionais", mas sociais.

Portanto, até aquele morador que não se sente pertencido, agrega seu valor social ao local na medida em que promove melhoria em sua própria casa, pinta seu muro, repara a sua calçada, ou aperfeiçoa o espaço com seu próprio exercício laboral do mais simples ao mais significante, seja no plantio de uma árvore no seu quintal, seja separando seu lixo para coleta semanal, mantendo limpa e preservando sua moradia. Essa conduta inspira moradores que se mobilizam na ação do vizinho, e por vezes conseguem ampliar a integração do outro ao grupo. Os critérios de ser e estar não poderiam ser apreendidos como compartimentos isolados, mas integrantes em si, permeados de certo voluntarismo e intencionalidade ao mesmo tempo.

Nesse sentido, o "Ser" se desloca do fato (nascimento) para ganhar sentido no ato: a integração. Integrar-se indica aquele que é visto todos os dias, que participa de eventos locais como bingos, festas e excursões, de ações sociais, ou o sujeito que recebe e é recebido pelo outro. Essas conexões entre ser e estar formulam a rede da "Grande família", que consiste basicamente na troca como elemento motriz de fortalecimento da rede de proteção, que se formula como a estratégia local de perpetuidade e apropriação do lugar.

A conjugação de digressões dos blocos anteriores, cotejando o espaço e cotidiano, nas experiências do morar – trazendo os fundadores da favela - as apropriações e produções nas linhas dos trabalhos na favela, nos encaminha a compreensão das dinâmicas externadas pelos moradores entre "ser" e "estar" na favela da Barreira, tanto para aqueles que nasceram no lugar e decidiram viver até hoje, como o colaborador Barbosa, como para aqueles outros que chegaram e se sentiram acolhidos pela favela esses externam o sentimento de sempre terem pertencido ao lugar, percepção reforçada pelas dinâmicas do "estar" na favela.

Entre os sentidos externados nas narrativas de "ser" da Barreira e "estar" na Barreira, situam-se aproximações e distanciamentos que são dialógicos e ao mesmo tempo consolidam paradoxos entre si, que mobilizam apropriações que se desvelam em signos de ordem producente, de identidade e de conhecimentos locais, que transformam o espaço e ao mesmo tempo reforçam os elos afetivos. A elaboração do tecido diário na favela, externadas

principalmente nas apropriações pelo exercício do trabalho, do morar e das relações entremeadas na condição de ser e estar na favela, se demonstra o fio condutor que origina as regras e estruturas próprias locais, reforçando os laços da rede de segurança do grupo.

A favela, ainda que produzida sem intencionalidade (ou planejamento) é organizada pelas articulações individuais e ao mesmo tempo coletivas, onde, a conjugação dos atos, das necessidades e das ideias originam estruturas e transformações estruturais as quais consolidam o elemento social local.

Compreender a estrutura social da favela implica em entender como são articulados os meios, ideias e necessidades coletivas cotejados com valores negociados, denominado por Elias (1994, p. 39) como *maleabilidade especial*, o que significa dizer que não há como tomar o indivíduo isolado como ponto de partida para entender a estrutura de seus relacionamentos, ao contrário, deve-se partir da estrutura das relações entre os indivíduos para compreender a pessoa singular.

Nesse sentido, tomamos à liberdade de conferir certo deslocamento à premissa do autor, quando partimos do individual no tecido da oralidade para compreender a consolidação do coletivo, do tecido social da Barreira – partindo do singular para entender o coletivo - o que nos possibilitou compreender nas narrativas a maneira como os colaboradores se veem e se conduzem em suas relações com outros, externando o sentido que o narrador revela do "eu" e o "nós", na medida em que o colaborador se percebe como individuo e ao mesmo tempo integrante de um coletivo, formalizando um conjunto dialógico entre o ser, o estar e o lugar.

Essa dinâmica se materializou em inúmeras das entrevistas, colaboradores que mesmo não tendo nascido na Barreira, por vezes confundia seu próprio lugar de nascimento com a favela, como no caso do colaborador Getúlio (que nasceu no bairro de Rocha Miranda e não na Barreira), ou como Helenice (que chegou com seus pais quando era ainda um bebê), e tantos outros que, em conversas diárias deixam escapar que são frutos da Barreira, evidenciando uma profunda conexão entre o espaço e a vida dos moradores.

Essas narrativas, de certo modo fortalecem a retórica da Barreira ser "a Grande Família", além disso, percebemos um elemento de construção comum nas narrativas, que conjugava vida, espaço e discurso. Uma espécie de construção antagônica e ao mesmo tempo derivativa dos discursos científicos marcados pelo sentido empírico, das experiências vivenciadas pelos moradores no espaço, revelando a dimensão de apropriação das "dinâmicas" do espaço - mesmo, como no caso da colaboradora Aparecida, sem tanta

apropriação do espaço em si - o que evidencia uma distinção (para alguns) e ao mesmo tempo conjugação entre espaço e suas dinâmicas, para aqueles que se apropriam do espaço, tecendo as linhas conceituais da favela como lugar e as tensões internas que o lugar alberga a ponto de ser compreendido como lugar e não lugar simultaneamente.

Os colaboradores nas entrevistas formularam expressões as quais demonstravam a força do lugar para a construção cognitiva e percepção de si, formalizando o amálgama entre vida, espaço e narrativa. Encontramos então, o que definimos como elemento *biodiscursivo* e foi durante a entrevista da colaboradora Aparecida que o achado emergiu, e com isso, nos fez retomar a leitura e áudio de todas as entrevistas anteriores para identificar elementos de construção similar, e eles estavam lá.

A relação de vida e espaço vertia-se nas narrativas em expressões que pareciam simples, mas que se aprofundava em sentido e expressões de nossos colaboradores:

Helenice

> [...] Minha identidade local posso dizer que é ter sessenta anos de barreira, a moradora mais antiga daqui que tem a carteirinha desse lugar, ***sou herdeira e filha desse lugar***.(Colaboradora Helenice).

A fala de Helenice, a colaboradora se coloca como a herança da Barreira evidenciando como ela se percebia e a Barreira como entes vivos, situando-a como a filha, a herdeira do lugar.

Getúlio

> **[...]** ***acho que nasci duas vezes, lá e aqui***. É que eu era bem pequeno quando viemos para a Barreira, então minha vida toda eu passei aqui, por isso acho que nasci aqui, cresci, minha adolescência foi aqui também e minha fase adulta aqui, esse lugar presenciou todas as fases da minha vida e ainda me assiste até hoje, ***eu comecei a vida junto com esse lugar, escavando e crescendo, igual a Barreira***.

Getúlio, o menino que afirmava ter nascido na Barreira (embora tenha nascido em outro lugar), e depois ter dito como sua vida cresceu junto com o lugar, como se fossem velhos amigos de longa jornada compartilhando vida e experiência revelando irmandade de vidas entre si e o lugar.

Dona Lalá

> **[...]** ***Minha história de vida se mistura com a história da vida da Barreira, até porque, minha vida começou mesmo depois que vim pra cá***. Foi aqui que comecei minha vida, e ajudei a muitas pessoas,

> como ainda ajudamos. O Centro ajuda muitas vidas aqui. [...]**A Barreira é meu coração, meu santuário, sou mãe desse lugar, ou talvez hoje avó. Essa é a identidade que sinto[...]**

Dona Lalá, descrevendo a Barreira como seu coração, a mãe ou avó do lugar, demonstrando a linhagem afetiva equiparada com um elo consanguíneo, fé e vida (re)significada pelo lugar, delineando o que pensei ser a primeira vista, identidades de pertencimento, que por certo estaria alinhavada na simbiose entre vida e espaço.

O que não havia percebido até então, eram as nuances relacionais que os entrevistados faziam para descrever suas vidas, sentimentos, sensações, de acordo com os eventos que se desdobravam no espaço. Seguindo na revisão das entrevistas, percebi a fala de Jocelino e de Xico, e como a Barreira significa suas próprias vidas:

Jocelino

> Quando meus pais vieram para o Rio de Janeiro, fomos morar no Buraco Quente, no bairro da Mangueira, depois descemos para a favela do Esqueleto [atual UERJ], onde quer que fossemos nossa casa era sempre um barraquinho, ***sou arrimo de favela*** [...]***Nossa história é de família, todo mundo se conhece aqui, vi essa molecada toda ser parida como a favela nasce e se renova todos os dias.*** Sabemos quantos irmãos estão na sua família, conhecemos as pessoas da família do outro, quantos são, quem é e quem da família, quem da sua família se torna família do outro, fazendo uma única família, é uma grande família é ou não é?

Xico

> Mas aprendi muito na vida e aqui nas relações que tenho com a comunidade, meu conhecimento vem daqui mesmo, que é a minha escola de vida.

A expressão externada por Jocelino, *de ser arrimo de favela*, equipara-se ao arrimo de família, ou seja, nosso narrador demonstra em sua expressão sentir o apoio afetivo, o provedor da favela, o "pai" do lugar. Menciona ainda que dando conta de que conhece todas as crianças da Barreira, relacionando o nascer com as mudanças diárias na Barreira, qual a mãe que pari cada um de seus filhos, situando a favela como a mãe que dá luz a vida.

J.C.

> [...] ***A Barreira é viva, têm muitas lembranças de muita gente circulando o tempo todo, tudo isso aqui é uma família enorme*** **[...]**

A emocionante narrativa de J.C. que externou como as escrituras nos muros acentuam a visibilidade na morte, ou seja, relacionando a vida antes invisível com os escritos em homenagem aos mortos, os muros vivos.

Tia Dadá

> [...] Quando eu ainda estudava conheci meu marido, nos casamos um tempo depois de me formar e estamos juntos até hoje, mais de vinte anos de casamento, ***resolvi permanecer aqui na Barreira, junto de minha avó e familiares, acho que por isso vejo a Barreira como uma família, porque tem muita família mesmo aqui***.

Tia Dadá revela a percepção que tem da Barreira, assumir o sentido da família, e como as crianças apreendiam símbolos e dinâmicas do espaço para entenderem o mundo e o lugar em que vivem.

Pudemos então perceber a profundidade dos sentidos entre ser e estar na favela, desvelando um cotidiano carregado da simbiose entre vida, fazer (trabalho) e lugar, que consolida a estrutura social e cultural do grupo e suas construções discursivas, emergindo a base de organização cognitiva e identitária, vertida na sustentabilidade e proteção das redes locais.

Nesse sentido, conjugamos as quatro últimas entrevistas, situando-as como a expressões variadas de pertencimento: Pitbull, o migrante paraibano que recebeu a Barreira como sendo sua pequena Paraíba exercendo um "estar" com status de "ser", não é do lugar, mas se sente como nascido, o extremo da afirmação de pertencimento; Barbosa, o menino nascido e criado na Barreira, é do lugar, mas por vezes não se sente inserido, relativizando o seu próprio sentido de pertencimento no grupo; Morena, nascida e criada no subúrbio da zona norte, não era do lugar e não gostava ou se sentia pertencida, mas hoje se sente parte da Favela, veio para Barreira sentindo medo do lugar, encontrando pertencimento por meio de seu trabalho. Aparecida, nascida e criada no subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro, vindo para a Barreira em decorrência de uma crise financeira não é do lugar e não se sente pertencida, negando até hoje o lugar que mora como viável para sua vida, o extremo de negação de pertencimento.

As circularidades e entremeios que formulam a construção das identidades, do conhecimento, de apropriações e pertencimentos vertidos na forma do último bloco do quarto capítulo, Entre Ser e Estar na Favela, buscou analisar as narrativas a partir das contribuições de cada um dos colaboradores para a Barreira, com uma seção analítica acerca das entrevistas

trazidas para esse bloco, cotejando a construção de identidades e cultura local a partir do achado biodiscursivo evidenciado nas narrativas e melhor explicado na respectiva seção analítica, contribuição de nossa pesquisa e um convite a novas reflexões.

4.3.1 A simbiose entre vida, trabalho, lugar e cotidiano

Pitbull, comida e festas celebra a cultura de tudo, numa Barreira de todos

Não estranhei quando o nome de Pitbull ou "Pitt", como é chamado por todos os moradores apareceu nas entrevistas. Ele é um referencial de como a Barreira pode ser "a grande família". Convidado por um de seus irmãos (conhecido no lugar como Cabral) a vir para Barreira. Xico revelou-nos ser parte responsável pelo oficio de Pitt na Barreira, que numa conversa fortuita, por sugestão de nosso colaborador Xico Pitt iniciasse sua atividade de peixeiro que aprendera com seu irmão Cabral, que também trabalha com venda de pescados na Favela da Barreira, marcado como a primeira barraquinha de venda de pescados que o lugar recebeu há muitas décadas passadas.

Pensar em quem é Pitt demandou entender o seu lugar na favela, como ele se vê para a comunidade local, mas percebia, enquanto conversávamos como ele significa a alegria de todo grupo, como anfitrião na porta de entrada da Favela da Barreira, e é fácil compreendermos essa assertiva, pois Pit e sua barraquinha de pescados ocupam o espaço que fica numa espécie de pórtico de entrada para favela da Barreira, na esquina entre a Rua dos Diamantes e a Jones Rocha, no trecho que antecede a entrada para Rua Henrique de Gois onde se encontra a Favela da Barreira.

Os encontros com Pitt sucederam-se antes de nossas entrevistas. Todos os dias, a caminho das aulas do PPGHCA, precisava tomar a condução para Irajá, para então pegar outro ônibus que me conduzisse a Duque de Caxias - isso me faz lembrar o quanto chegar a Unigranrio era um exercício árduo - na Rua dos Diamantes, era o período em que conversávamos enquanto aguardava a chegado do ônibus. Muitas vezes dividia o momento do encontro (e espera pelo coletivo) com a colaboradora Aparecida, que compartilhava o mesmo itinerário até a baixada fluminense.

Nesses momentos, antes mesmo de ambos serem apontados por outros colaboradores em nossa rede de pesquisa, muitas conversas surgiam. Pensando nesses momentos, percebo o quanto Pitt significa as "boas vindas" à Barreira, sempre com boa conversa, sorriso no rosto, palavras de animo e incentivo a todos que por ele passa, e são muitos que passam por ali diariamente.

O esmero pelo trabalho, a limpeza e a dedicação com que empreende sua atividade, cativa um numero significativo de fregueses, quase toda a Barreira compra o peixe do Pitt. Observava sempre seu trabalho, três ou quatro isopores grandes agrupados ao lado de sua barraca, com lona azul da cor do céu, o balcão em alumínio ou aço, escorados por madeiras, um ponto de água improvisado, cedido cordialmente pelo morador da casa em frente que aprecia o trabalho de Pit. A estrutura da barraca fixa na entrada da Barreira deixa a encargo de Pitt apenas a montagem dos acessórios e demais peças que compõe seu instrumento de trabalho, funcionando diariamente, exceto segundas feiras de 09:00 as 15:00 horas.

Muitos fregueses frequentam e compram os pescados de Pitt, confesso que são muito bons, tudo fresco, sem o cheiro desagradável que muitos pescados mantêm, e o melhor: ele vende os peixes, após a escolha pelo freguês, o pescado escolhido é entregue limpo (sem escamas e entranhas) para seus clientes, sem custo adicional, o que representa mais comodidade as donas de casas e preserva a casa dos consumidores do mau cheiro típico dos restos após limpeza pescados.

Essa estratégia de venda atrai muitas pessoas, a simpatia de Pitt também mas o amor aos animais locais também marca sua personalidade o que pode parecer estranho para um homem de quase dois metros de altura, forte, externando um rosto sério, que se esvai após o primeiro sorriso que sempre se faz presente no rosto de traços fortes.

Os "sócios" por assim dizer de Pitt, evidenciados pelas figuras de gatos de todos os tamanhos, constantemente presentes, ficam sempre a espreita, mas respeitam o espaço de trabalho de seu amigo, aguardando pacientemente as sobras de peixe que são distribuídas generosamente por Pitt aos felinos. Confesso que não percebemos mais gatos esquálidos na Favela, todos que vejo na rua aparentam estar muito bem tratado, o que pode ser uma evidencia do cuidado de Pitt com os felinos.

Percebendo-o alimentar alguns gatos, perto do fim de seu expediente, com o sol já quase se pondo, não pude deixar de relacionar a simbologia do peixe a Pitt, como isso significava, na antiga mitologia cristã, as práticas dos ensinamentos de Cristo, o amor aos animais certamente desvelava a prática cristã demonstrada diariamente pelo peixeiro e pelo homem religioso, reunidos na figura de Pitt.

Com o passar do tempo, as entrevistas apontaram Pitt como um referencial da migração da família paraibana para a Barreira, reforçando laços afetivos e culturais de sua cidade natal na Barreira, quem sabe Xico estivesse mesmo certo quando falou que *"a Barreira é a minha pequena Paraíba".*

A comida significa não só o ganha pão de Pitt, mas a interação de si e de sua família com o espaço, elemento integrador das festas, e celebrações culturais numa Barreira de todos. A entrevista, realizada na casa de Pitt que fica no final da Rua Henrique de Gois, na região da Encosta, demandou certa articulação para chegarmos ao local, por não sermos conhecidos ou frequentadores assíduos daquela região. Por essa razão, senti-me mais confortável em ser acompanhada pelo colaborador Xico, que compartilhou do trajeto empreendendo conversa animada, sobre os trabalhos que o NEPP vinha realizando em outras favelas, e comentando como aquela região exibia uma aparência melhor com algumas pequenas ações, como colocar o lixo na rua apenas no dia de coleta de lixo, o que contribuía para manter as ruas mais limpas. A conversa fluía descontraída, tanto que nem percebi quando chegamos à casa de Pitt, que por coincidência era vizinho de Xico.

Naquele momento, chegamos quase juntos de Pitt, ele havia levado sua filha mais nova, um bebe ao hospital em Irajá para ser atendida, pois estava com uma lesão na pele que aparentemente havia inflamado muito.

Dessa forma que cheguei à casa de Pitt no fim da tarde de uma segunda feira, o único dia de folga dos trabalhos de venda dos peixes, é quando Pitt vai ao Ceasa em Irajá para comprar os pescados e vender nos dias subsequentes da semana.

Naquele momento, percebi mais uma vez a ligação estreita de Irajá entre os moradores da Barreira: para Pitt significava o coração de seu trabalho, e pelo que ouvia naquele momento, da saúde de sua família também.

A recepção calorosa, tanto por parte de sua esposa, como pelo próprio Pitt, nos entender como o acolhimento era marca da Barreira, todos os colaboradores e moradores compreendem o acolhimento (o receber e ser recebido), essa dinâmica funciona até para moradores que compreendem o sentido dessa reciprocidade e não concordam muito com isso. Em certa medida, essa reciprocidade acontece, ainda que de forma seletiva com grupos mais próximos uns dos outros.

Pitt nos recebeu em sua casa, muito acolhedora, revelando muito da personalidade dos moradores dela, mas outro Pitt se descortinava ali, diferente daquele brincalhão que havia conhecido na barraquinha dos pescados. O vendedor dava espaço ao homem sensível que se emociona logo que iniciamos a entrevista, e por diversos momentos ao longo dela.

Enquanto sua esposa preparava a bebe para dormir, Pitt se acomodou no sofá da sala, convidando-me a acompanhá-lo. Com o equipamento de gravação a postos, e, após os esclarecimentos de praxe sobre a pesquisa, iniciamos a viagem nos caminhos da memória e

dos sentimentos que eram produzidos à medida que essas lembranças emergiam. Compartilhamos memórias e muitas emoções.

Aos 43 anos, casado há 21 anos, pai de quatro filhos, Pitt mostra uma história de vida riquíssima, mas inicia a entrevista explicando que nem mesmo ele sabe porque as pessoas o chamam de Pitbull, sugere com certa timidez que acredita que seja por conta do cachorro da raça pitbull porque é grande e aparenta ser brabo, mas se adianta em dizer que é um homem pacífico. Senti que de todos os colaboradores ele e Xico foram os que se sentiram mais abertos para falar sobre tudo de sua vida, o que para nós se mostrou uma grande oportunidade para entendermos melhor como as vidas se entrelaçavam com a história do lugar, como essa identidade mais ampla era tecida a partir das identidades mais pessoais.

Pitt relata com muita emoção que nasceu no interior da Paraíba, no lugar chamado Areal lugar de origem familiar onde ainda mantém alguns dos seus, bem próximo de onde o colaborador Xico nasceu, mas ressalta que se conheceram somente após a vinda de Pitt para a Barreira.

O colaborador relembra de sua infância, e dos brinquedos artesanais que as pessoas daqui nem fazem ideia, fabricados a partir de sisal, lata de óleo vazia, arames, terras, tudo o que dispunham virava brinquedo nas mãos do colaborador e seus amigos infantes. Destaca as inúmeras dificuldades que enfrentou quando criança, e como teve que assumir a família precocemente pelo abandono do pai, o que o fez encontrar oportunidade de emprego em São Paulo, na construção Civil, e enviar o dinheiro para ajudar sua mãe que se mantinha na Paraíba:

> A lembrança que guardo da infância é de muita dificuldade, era tudo muito sofrido, nossa vida hoje é bem melhor do que no passado. Éramos felizes, mas não tínhamos muito recurso, o mundo deu voltas e hoje estamos bem melhor do que antes, todas as comidas que eu gostava de comer desde molequinho, hoje comemos aqui. Semana passada fiz um baião de dois [comida típica] para um chá de bebê que teve aqui e todos gostaram muito. Pela comida trago um pedaço da minha terra pra Barreira assim mato sempre a saudade, minha cultura eu não esqueço nunca, está sempre comigo. Sai de casa cedo, tinha 20 anos, não por escolha, mas por necessidade. Meu pai sempre foi trabalhador braçal, e minha mãe cuidava das crianças. Ele trabalhava no interior de São Paulo na roça, que é diferente da roça do interior do nordeste, porque a roça de São Paulo dá mais dinheiro. E em função desse trabalho dele, passava até um ano fora, depois voltava, mas mandava o sustento até um determinado tempo. Quando fiz quinze anos ele foi embora de vez e nos deixou sem nada. Nossa criação foi praticamente sem pai, amor paterno não tivemos. O propósito, quando sai de casa era trabalhar, era de conseguir dinheiro e mandar para

> minha mãe, para ajuda-la, porque meu pai largou a minha mãe cedo, foi muito sofrimento. Eu tinha cinco irmãos, como eu era o mais velho da família, eu saia pra pescar, pra caçar... Larguei meus estudos cedo pra ajudar a família, era a lei da sobrevivência, ninguém ensinou. Por isso, com 20 anos de idade tive que ir para São Paulo, porque as chances de trabalho eram melhores. Meus amigos de infância tinham ido para São Paulo, e eu mantinha contato com eles, um ia puxando o outro e isso ajudou também na minha escolha por São Paulo, e também porque São Paulo é o sonho de todo nordestino. Lá é a capital do mundo, se o nordestino não passar por São Paulo, ele não conheceu o Brasil, que se resume em São Paulo, quando se pensa em melhores oportunidades. Os amigos de infância me arrumaram trabalho, quando cheguei, já estava tudo preparado. E naquela época, o primeiro emprego era em obra, na construção civil, isso era na década de 90, na obra já esperavam por trabalhadores, nem precisava correr atrás de firma para trabalhar. Da construção civil, comecei a trabalhar como auxiliar, ajudante de serviços gerais, posteriormente eu exerci a profissão de operário de guincho. Meu negócio na época era trabalhar para ganhar dinheiro, e o salário mínimo que pagavam era quase sessenta reais. Quando sai do interior da Paraíba e fui para São Paulo, ganhava vinte e cinco reais por semana, e trabalhando duro. Naquela época, cheguei a ganhar quase seiscentos reais por mês em São Paulo, o que significava uma fortuna era mais de dez salários mínimos na época, para um cara como eu, que não tinha muito estudo, e veio do interior, era muito. Todo mês era sagrado, dia 20 no adiantamento e no fim do mês quando saía o pagamento, mandava metade para minha mãe e a outra metade era para minha sobrevivência. Lembro que no meu primeiro pagamento fui até a loja chamada Arapuã, que não existe mais, ficava no Centro de São Paulo, comprei um som (três em um tocava disco vinil, rádio e fita K7), e uma Televisão de 14 polegadas e mandei para minha mãe, quando chegou lá foi um sonho realizado. Permaneci na construção civil em São Paulo por cinco anos.

Pitt se emociona e nos esclarece que cuidar da sua família sempre o mobilizou ao trabalho, revelando a busca por melhores oportunidades para verter mais cuidado a seus familiares, principalmente a sua mãe, revelando a importância da família em sua vida, e como esses laços afetivos e familiares viabilizaram a sua vinda para o Rio de Janeiro revelando a gratidão e carinho que sente pela Barreira, *"um presente que a vida deu a ele e sua família":*

> Depois de São Paulo, o Rio de Janeiro se tornou a única opção porque eu não tinha vindo aqui, e meu irmão já estava aqui, mas confesso que tinha medo dessa cidade. Mas meu irmão que veio para cá primeiro, não foi criado com a gente, foi criado pelos meus avós, então a criação dele foi diferente da nossa, menos sofrida, ele foi mais corajoso, veio para o Rio com a cara e a coragem. Quando meu irmão saiu da Paraíba no fim da década de 80, ele escolheu o Rio de Janeiro. No começo ele foi morar em Santa Tereza, mas a vida deu de presente a Barreira para nós dois. A melhor coisa que fiz na vida foi ter vindo para cá, e estar hoje trabalhando como autônomo nesse lugar, com essa profissão que

> amo muito, faço com paixão. Quando eu vim de São Paulo para o Rio, tinha algumas economias, e com elas abri a barraca de peixe, mas aprendi o oficio com esse meu irmão [Cabral], que já tinha trabalhado como peixeiro. Cheguei aqui na Barreira em Junho de 1998, meu irmão chegou em 1989, quase dez anos antes de mim. Desse tempo todo que estamos aqui no Rio, meu irmão nunca retornou a nossa terra natal. Voltei lá uma única vez, em 2005, porque eu tinha o sonho de voltar a minha terra, como vejo muitos conterrâneos em programa de televisão, que tem a chance de voltar a terra com a ajuda da emissora. Eu queria voltar com meu suor, com meu esforço. Só tenho a agradecer a Deus por tudo, sou um cara muito abençoado em todas as áreas.

Esse momento de nossa entrevista foi inevitável lembrar-me da *Dádiva divina* teoria associativa formulada por Marcel Mauss (2003), que formula as relações como elementos que devem ser tratadas acima de qualquer coisa, as trocas simbolizam a reciprocidade que é o núcleo duro da teoria. Percebi como Pitt ilustrava a partir de sua narrativa os ensinamentos pragmáticos alinhavados na teoria da dádiva de Mauss (2003).

Pitt me mostrou o encontro do caminho pragmático com o teórico: a nossa "batata", o pertencimento e o que era produzido na Barreira por ele e seus familiares. Ali, muitas questões emergidas pela pesquisa encontraram respostas, principalmente quando questionamos as mobilizações que formulavam o mosaico entre história de vida e histórica local.

As identidades emergiam como produto das redes afetivas uma estratégia de superação para compreender e garantir inserção na vida como sujeito social a partir daquilo que se tem, do que se é, mas como um valor de reciprocidade e gratidão. Essa equação, evidenciou a costura entre as histórias de vida e a favela. O espaço era pertencido e apropriado, se transformava numa relação de reciprocidade, essa é a costura que conjuga as vidas locais com a história da vida do lugar.

O amalgama de vidas se demonstrou elemento motriz da formulação retórica que produzia a Barreira como "grande família" era então a macro identidade da Barreira, tecida nos micro núcleos da favela os quais produziam outras identidades individuais, e de pequenos grupos, mas que guardavam estratégias para assumirem lugar no grande tecido social da favela, como uma forma de resistência e superação, que marca as histórias de vida e a própria história local. A pouca escolaridade de Pitt, associada a seus dons culinários herdados pelas práticas familiares, associados ao trabalho que aprendeu com seu irmão, garantiram a reciprocidade, tanto de integração de nosso colaborador na Barreira, como do espaço que marca presença em sua própria história:

> Minha história de vida é de superação, o mundo me ofereceu de tudo, o que prestava e o que não prestava, mas escolhi só o que era bom. O mundo me ensinou a ser o que sou hoje, gosto de cozinhar, tenho meus dotes culinários dados por Deus, vim de uma geração, da parentela dos meus avós que todos eram bons de cozinha, herdei isso deles. Quando criança eu estudei na escola Francisca Apolinário, fiz até a quinta série do ensino fundamental, lá na Paraíba. A vida me ensinou mais do que a escola, é como falo para meus amigos daqui, tenho duas faculdades: do mundo e da vida que me ensinou a ser peixeiro, estudo mesmo não tenho. Mas para dizer a verdade, eu nunca imaginaria que iria trabalhar nesse ramo de peixe. Na época que eu estava em São Paulo um dia, visitei meu irmão que já tinha chegado aqui na Barreira. Ele me convidou pra vir morar aqui no Rio, ficar com ele, que já tinha conseguido a casinha própria dele aqui na Barreira, pedi as contas do meu primeiro emprego com cinco anos de casa. Quando vim para o Rio, eu ia trabalhar de segurança, pelo meu porte físico que é grande. Mas comecei a trabalhar com meu irmão que já sabia manusear peixe, fiquei como auxiliar dele, e em pouco tempo aprendi o ofício de peixeiro. Já tem dezenove anos que temos as barraquinhas, ele na esquina da Rua Gerônimo Furtado, e eu aqui na entrada da Barreira, acabei sendo a porta de entrada da Barreira, "a *Barreira é essa grande escola de vida, é a minha própria história"*.

.

O entendimento da gratidão pela Favela da Barreira, que Pitt sempre reitera na sua entrevista, deixa claro que para o entrevistado, o lugar lhe proporcionou não só moradia, mas trabalho e a possibilidade de trazer sua família para desfrutar de condições de vida melhores. Assim, a Barreira para Pitt significa melhores condições de vida proporcionadas pelo trabalho, pela moradia e pela chance de ter a família reunida num mesmo espaço. Paradoxalmente, ele externa que sonha com uma Barreira "melhor", ressaltando a adaptação, elemento que Barbosa menciona como integrante do sentimento de pertencimento.

> É muita estrada, mas graças a nosso trabalho estamos bem, mas foi muita dificuldade, passei cinco anos puxando o burrinho sem rabo [carrinho] com os peixes que compro do Ceasa [Irajá], depois com muita luta consegui comprar um triciclo, depois de cinco anos, consegui comprar essa casinha aqui, depois comprei um carro, e assim foi e estamos juntos aqui. Consegui trazer minha mãe pra cá também, mas até reunir a família aqui, teve história. Meu irmão chegou aqui primeiro, quando vim pro Rio, já cheguei aqui na Barreira morando com ele. Em 1996 conheci minha esposa em São Paulo no forró, éramos amigos de farra. Embora ela tenha nascido no Ceará, foi para São Paulo com 15

anos, porque tinha família lá, mas éramos amigos de forró nos conhecemos assim, só na amizade, bebíamos, dançávamos, comíamos, era só diversão e amizade, não tinha outros vínculos de romance. Depois de dois anos de amizade, ela me convidou para ir a casa dela, e estamos juntos até hoje. Quando vim para o Rio, ela decidiu vir comigo, largou a família e viemos nós dois, ficamos na casa do meu irmão que já estava aqui [na Barreira]. A princípio ficamos com meu irmão, mas um tempo depois conseguimos comprar nossa casinha. Um ano e meio depois, consegui trazer minha mãe para morar com a gente, ela veio primeiro para visitar e conhecer os netos, mas depois veio definitivamente morar aqui, também conseguimos comprar a casinha dela. No final da década de 90, quando estávamos instalados na nossa casinha, insistimos para ela vir e conhecer aqui e os netos, ela veio ficou um mês, mas sentiu saudade da terra dela e foi embora, veio só pra visitar. Mas queríamos que ela viesse para nossa companhia, sabíamos como era a vida na nossa terra, sacrificada de recursos. Meu cunhado veio para cá, quase um ano depois da visita da minha mãe, e em seguida veio minha cunhada com minha mãe, o fato dela sempre querer os filhos por perto ajudou na decisão dela vir. Minha mãe veio de vez para cá no ano de 2000, seis meses depois do nascimento da minha filha, veio junto com minha irmã e cunhado. Um arrastou o outro, e hoje estamos todos unidos aqui na Barreira. Meu cunhado hoje também tem barraquinha de peixe perto do mercado na escola, e a casinha dele também aqui na Barreira, todos juntos, cada um com sua casinha própria, vivendo e trabalhando, dando gosto para minha mãe, o prazer dela é estar junto com a gente, mora quase aqui do lado, todo dia visita a gente. Ela foi pra São Paulo pra fazer uma cirurgia, fica na casa da minha irmã mais nova que ainda mora lá, quando melhorar volta pra casa. Sonho com uma Barreira bem melhor para nossos filhos para essas crianças, que eles tenham um lugar melhor, a Barreira me recebeu bem, é um lugar que me adaptei muito apesar das coisas que sabemos serem comuns em todas as comunidades, e por isso, tenho gratidão a esse lugar, é um presente, é a minha própria história. Relaciono-me bem aqui, com todo mundo, sou muito respeitado, as pessoas gostam muito do meu peixe, tento agradar a todos. [...] Minha contribuição a esse lugar é pelo meu trabalho, sirvo aos moradores, vendo fiado também quando não tem dinheiro para pagar, deixo pagar depois. São 19 anos de profissão aqui, e ouço muitas histórias, mas minha história de vida é uma escola, esse espaço me ensina muita coisa, respeito independente de qualquer vida que o próximo queira levar, Deus deu o livre arbítrio para cada um seguir sua vida, mas temos que respeitar. Moro em um extremo da Barreira, na região da encosta, mas trabalho na entrada da favela são dois extremos, mas Deus foi tão bondoso que a Barreira fica bem pertinho do Ceasa, o Centro de abastecimento geral, fica a dez minutos da minha casa, trabalho a cinco minutos da minha casa, então deu tudo certo.

Na entrevista, busco provocar nosso colaborador para que mencione os pontos fracos da Barreira, ou os defeitos do lugar. A esse estimulo Pitt com alguma resistência mencionou a dificuldade para que os carros de lixo subam ao extremo da Barreira, na região da encosta, sem muitas explicações entendemos a origem do problema: no ponto que entrecruza as ruas Jones Rocha e Henrique de Gois, e que marca o inicio das áreas dos dois extremos da Barreira [Beco e Encosta], no lado que se situa a encosta, é possível encontrarmos uma "barricada" funcionando como obstáculo defensivo para proteger a área de algum eventual perigo, o que não se encontra no início do lado oposto [o beco]. Foi o único entrevistado que verbalizou o problema local.

Percebi nesse exato momento os inúmeros sentidos que a palavra perigo poderia externar tudo dependia do lugar de fala de cada um. Na favela, os perigos são constantemente negociados com estratégias de sobrevivência, o que não significa necessariamente banalizar o mal. Mas um paradoxo do medo se apresentava: os moradores de áreas externas à Barreira entendiam que a favela representava um problema, por ser perigosa. Já para os moradores da própria favela, a área externa representava o perigo real e imediato, inegociável. Nesse ponto pensei que o perigo estava em todos os lugares, sendo por algumas vezes relativizado pela sua naturalização ou intensificado pelos preconceitos que são reproduzidos.

Compreendemos o sentido do silêncio que se seguiu quando a questão do lixo surge como problema enfrentado. Encontramos no pacto de silêncio muitos significados, que ecoavam revelando perigos. Nesse momento, retomei a entrevista informando que o objetivo do nosso trabalho não consistia em penetrar na seara da violência local, isso deixou nosso colaborador mais a vontade. Uma associação criteriosa entre o que é falado e compreendido no silêncio pelos códigos *reconhecíveis ou da relatabilidade racional de práticas continuas* que faz sentido ao grupo (Garfinkel, 2018, p. 95).

O pacto de silencio, tão escamoteado nas construções retóricas da grande família emerge mostrando bem sua extensão, e ali estava eu, nosso colaborador e mais um pacto de silencio contraído. Percebi como acordos dessa monta são caros e ao mesmo tempo conferem ao espaço um ambiente potencialmente educador até pelas contradições que agrega, demonstrando na prática, comportamentos nocivos à própria sobrevivência no lugar. 'Uma faceta do "projeto pedagógico de vida tecido no curriculum da favela", que se embora se configure como problema, passa a ser formatado estrategicamente como elemento negociador e polarizador no espaço.

É possível compreender que a estratégia encontrada pelos moradores para negociar com os perigos, se mostra na resistência pacífica, exercida nas práticas sociais, e nas elaborações discursivas, que partem da dialética de vida e lugar, tentativa de construção tecida pelo grupo entrevistado, indicando o trabalho como forma legitima de apropriação que formula identidades de pertencimento, fortalecendo as redes de proteção do lugar.

Ao mesmo tempo, a compreensão do espaço como potencial educador emerge como separador de águas impondo de certa forma, as construções lícitas como a força antagonicamente constituída em confronto ao ilícito, donde o lícito é marcado pela cordialidade e pela reciprocidade, refinando o que a princípio conceberíamos como mera solidariedade. Ainda assim, essas articulações para conferir identidades mais palatáveis a Favela não conseguem dar conta das construções locais tecidas entre as áreas dos extremos da Barreira, formalizando certa dicotomia e polarização entre os espaços compreendidos entre a encosta e o beco.

> Hoje em dia a maior dificuldade desse lugar é a coleta de lixo, que às vezes não sobe até aqui, ainda é precário. A Barreira é um espaço que pode educar o sujeito, mas não é todo mundo que quer aprender, ou está disposto a aprender com a vida, acham que só escola é lugar de aprendizado. Esse lugar ensina muito, basta querer aprender com o dia a dia, mas acho que a família, os pais também são importantes, no aprendizado. Vir para a Barreira, me ensinou muito, além do que posso dizer que a Barreira possibilitou a realização dos sonhos de trabalho, de família, de casa e ter um carrinho para passear e trabalhar, é sonho que pessoa humilde tem como outras pessoas. [...] A Barreira é essa grande escola de vida, é a minha própria história, mas descrevendo como espaço físico, é dividida, vamos dizer que o lado A e lado B. O lado A, é o da encosta e o lado B do Beco, as pessoas não curtem muito e não frequentam muitos os lados opostos. É como se o lado A fosse a zona sul da Barreira, mais elitizado, e o Beco o lado mais precário, então tem essa divisão do espaço e das pessoas que não frequentam os extremos, por exemplo, o morador do Beco dificilmente anda no lado aqui da encosta, e o morador da encosta dificilmente frequenta o beco. Mas ninguém impõe esses limites, as pessoas não circulam nesses lugares porque não querem, mas se dão bem, só não se deslocam pra o lado oposto. Eu frequento todos os lugares, embora reconheça que não vou frequentemente para os lados do Beco, porque não é minha rota. Sou evangélico e minha igreja fica aqui na Rua dos Diamantes, é um espaço que frequento muito, raramente vou para o lado do Beco, toda minha família mora aqui no lado da encosta, não uso a viela do Beco nem para sair, minha rota de entrada e saída é sempre pela entrada da Barreira na Rua dos Diamantes, mas frequento a casa dos amigos da igreja que moram por aqui mesmo.

Quando pergunto sobre a cultura na Barreira, ouvindo Pitt declarar que a cultura do espaço é aquela que cada um trouxe de sua cidade natal, não pude deixar de pensar na *"Pequena Paraíba"* é a descrição de nosso colaborador Xico, que demonstra como ele e Pitt reconhecem e sentem a Barreira, cultura marcada pela comida. Aliás a comida sempre está presente na favela, suplantando a função de alimento do corpo, mas carrega signos de vida, de afetividade e fraternidade. As celebrações, marcadas pela fartura de comidas, culinárias das mais variadas regiões do Brasil, é outro indicador da pluralidade cultural do lugar, que acolhe, recebe agregando familiares e amigos. É um dos mecanismos utilizados para recepcionar amigos e conhecidos que residem nas áreas externas da Barreira.

A cultura da Barreira significa para Pitt, uma grande colcha de retalhos elaborada por seus moradores oriundos de muitas regiões do Brasil, alguns até Italianos ou descendentes de imigrantes, (come) morar está presente na prática da vida, morar desvela sentidos de comemorar no exercício de morar, comer e comemorar, uma articulação intencional de fortalecimento dos grupos, principalmente quando se pensa o núcleo familiar, e a favela vivenciada como esse núcleo de envergadura equivalente ao familiar:

> Pensar a cultura que vejo na Barreira hoje é aquela que cada um de nós trouxe da nossa terra pra cá, cozinhamos e convidamos os amigos e vizinhos para comer os pratos que faço da minha terra, e outras pessoas fazem isso também, comer é um pedaço da minha cultura, que passo para meus filhos também. Quando amigos vêm comer aqui, recebe um pouco da minha cultura, um pedaço da minha terra que hoje está aqui na Barreira, quando eu cozinho os alimentos que comia lá, e sirvo aqui é como se tivesse trazendo um pedaço da minha terra para cá, é como estar lá e aqui ao mesmo tempo, comendo um pedaço da minha terra. A maioria dos amigos é carioca, tem muitos que admiram a cultura da culinária nordestina, adoram. Ontem mesmo fiz o baião de dois no almoço. Então, nesse sentido, considerando que tem muita gente de muitos lugares aqui, uns conterrâneos como Francisco [Xico], posso dizer que a cultura da Barreira é uma grande colcha de retalhos, costurados por cada morador que traz no seu modo de vida um pouco de seus costumes da terra natal, mas (come)morar está presente, moramos, comemos e comemoramos sempre com vizinhos e amigos. Acredito que se tivesse uma associação mais ativa aqui, que oferecesse um espaço cultural seria muito bom, mas a nossa associação é muito politizada, e isso prejudica a identificação de uma cultura da Barreira, por isso temos muitas culturas aqui trazida pelos moradores que vieram de vários lugares. Tem a tradição dos capixabas, dos nordestinos, dos cariocas, dos paulistas, tem muita tradição misturada, acho que todas essas diferenças que faz da Barreira ser um lugar de pessoas unidas, pelas diferenças, e faz com que todos contribuam uns com os outros a para o lugar. Com o tempo, a vida foi melhorando, temos um espaço para armazenar os peixes, mas no início foi complicado, mas sempre tive ajuda de pessoas daqui, a guardar a barraca no quintal, hoje deixou ela fixa no lugar, mas tem pessoas que ajudam até hoje. Se eu tivesse que definir a Barreira eu

> diria que aqui é um bom lugar de se viver, uma grande família tem pessoas boas que ajudam o próximo, e mesmo brigando, ajudam uns aos outros cada um busca seu espaço na harmonia. Meu sonho era ter minha família unida e abençoada, nossa casinha que mesmo sendo numa comunidade é nossa, comprada com esforço, suor e honestidade. Hoje posso dizer que sou um homem completo e realizado, não tenho do que reclamar graças a Deus. Minha motivação diária é minha parentela, minha família abençoada que está comigo até hoje na sobrevivência, meus filhos, minha mãe, os filhos que Deus me deu. Tanto que sempre trabalhei pensando neles, primeiro na minha mãe e meus irmãos, e quando a família cresceu, aumentou a motivação também, unir a família sempre foi um objetivo. Sou abençoado em todos os sentidos, gosto de fazer amizade, sou um cara família, meu objetivo, o que me mobiliza é a vontade de vencer na vida, não visando à parte financeira, que também é necessária, mas manter a boa índole e o caráter, minha parentela também é meu estimulo. Não volto na minha terra porque minha mãe está com a gente, e as demais parentelas mantenho contato por telefone e pelas redes sociais, então nos mantemos próximos, de certa forma estamos felizes e unidos, isso que importa.

No tocante a identidade, Pitt refere a si mesmo como *Parioca*, metade paraibano, outra metade carioca. Ter constituído sua própria família no Rio de Janeiro [na Barreira], com todos os seus filhos nascidos no Rio de Janeiro, referencia o sentimento de nosso entrevistado, que se sente um pouco carioca, sem esquecer sua cultura de berço paraibano:

> Quanto a minha identidade hoje, me sinto Parioca, metade Paraíbano e outra metade carioca, porque construí família aqui no Rio, meus filhos nasceram aqui, tudo o que consegui foi aqui na Barreira com meus esforços, então sinto que o Rio de Janeiro me acolheu de braços abertos. Essa minha identidade de ser Barreira diz muito, porque embora vivendo aqui, mantendo minhas raízes nordestinas, a cultura de minha culinária tradição nordestina mesmo do sotaque, não consigo falar bonito igual ao carioca, sem gíria, mantenho até algumas expressões da minha terra aqui, às vezes sai mesmo, mas o sotaque sempre acompanha ao lado da comida, o que simboliza minha cultura.

Prossigo nossa entrevista perguntando a Pitt sobre a cultura que está presente na Barreira, e curiosamente ele externa a questão de plasticidade como elemento de cotejo pessoal que indica para ele o que é arte, cultura. A beleza das expressões na Barreira, para nosso colaborador é o elemento essencial que indicará o que tem sentido e valor cultural. Paradoxalmente, e de forma muito curiosa, muitos moradores da própria favela revelaram manter o elemento da plasticidade ao sentido e valor do que se é observado. Uma reprodução estrutural e sistêmica presente no interior da favela e ao mesmo tempo enfrentada pelo espaço categorizado com bases nas mesmas precariedades que cotejam a plasticidade como o elemento do razoável e de valor aceitável:

> Quando se fala de cultura nas ruas da Barreira, é mais difícil, porque não tem incentivo, mas tem gente talentosa, falta só incentivo. Artistas musicais lutando na noite tocando pagode batalha pela música, meu vizinho lutando há mais de 15 anos é um desses casos. Artes gráficas, como o grafite que tem na parede onde está minha barraca, é do rapaz da Rua B [Rua Maria Paulina Bivar], que desenhou um Pitbull com cara de peixe. Não tem grafite na Barreira, só o meu na entrada e dos meninos do moto-táxi, que foi feito pela mesma pessoa que desenhou o meu. Não sei por que aqui dentro não tem grafite, acho que porque as paredes são ocupadas com inscrições de quem morre. O grafite é arte e cultura, mas à pichação entendo que é forma de expressão, mas não vejo arte nisso, nem mesmo nas inscrições homenageando os mortos nos muros daqui. O grafite é arte porque é mais bonita, a pichação é escrita suja feia. Quanto à música, a preferencia geral que mais vemos é o funk, charme, pagode, embora eu, como bom nordestino gosto muito de forró, até hoje escuto. Além da comida, acho que da minha cultura também mantenho o forró muito tocado aqui também.

A "beleza" como critério de entendimento de valor do que se observa na Barreira, é uma das marcas do espaço, como sinaliza a colaboradora Morena quando mencionou o medo que tinha da Barreira por ser um lugar que ela mesma considerava feio e por isso perigoso, o que dialoga com os traços e ressonâncias do sentimento que se nutre por determinados lugares, emergindo aversão e *medo que se funda na fonte potencial de corrupção moral* (TUAN, 2005, p. 252).

O inegável paradoxo instalado reproduzido e enfrentado pela favela: a própria favela seria a (des)ordem da cidade, violando a harmonia, organização e idealização citadina. No interior da favela a reprodução dos estereótipos são marcadores das distinções e polarizações, em decorrência da prática interna do mesmo critério que segrega a favela da cidade e a categoriza, como a paisagem do medo Tuan (2005, p. 250), consolidando o que já designamos de "sub-subalternização", ou seja, a articulação que subalterniza o que já é entendido como subalterno.

Dessa forma, a narrativa de Pitt demonstra a reprodução das práticas de segregação internas que encontram a beleza como critério de valor e aceitação do que se vivencia como arte e cultura local. Nossa entrevista foi muito rica, e esclarecedora dos elementos que formulavam as identidades na Barreira, encerrada com uma mesa farta de torresmos, coca cola e queijo coalho, um lanche tão saboroso e feito com tamanho esmero por nosso entrevistado que demonstrou seus dons culinários, mencionando Pitt nos momentos finais ter herdado de sua família a habilidade de fazer excelentes quitutes.

O anfitrião colaborador, vendedor de pescados, o homem sensível herdeiro das habilidades culinárias da família, o pai, o marido, se mostrou o grande professor, ensinando nas trajetórias de sua história de vida, as lições que certamente serão incorporadas a academia. Pitt está inscrito para além de sua própria história, assim como a Barreira, agora de todos.

4.3.2 A favela como espaço de aprendizado e conhecimento

Barbosa, a escola não me ensinou a pensar, viver aqui sim, porque as necessidades direcionaram meu pensar e agir.

Não posso dizer que a entrevista de Barbosa tenha sido resultando de um ou alguns encontros, seria injusto e talvez desproporcional a toda colaboração que desvelou durante toda a pesquisa, conferindo participação mais ampliada à sua própria entrevista. Com Barbosa, consegui compreender muito do que até então não entendia sobre o espaço da Barreira: um grande paradoxo em si mesmo.

Mencionado no sistema de redes estabelecido para as entrevistas, Barbosa surge como um orientador do espaço informal da favela, revelando as contradições que o próprio espaço e as pessoas agregavam. Homem alto, de pele cor de chocolate, robusto, sua alma não faz jus a suas feições sempre sisudas, dando a impressão de ser homem carrancudo, muitas pessoas o confundem como sendo irmão de Pitt pelas feições sérias, mas são apenas amigos. Isso dialoga muito bem com as impressões da própria Barreira, depois que se conhece, o lugar se torna singularmente aprazível.

Conhecer Barbosa nos levou a grandes achados em nossa pesquisa. Descobri que um mesmo espaço pode ocupar o sentido de lugar e não lugar simultaneamente, de pertencimento e não pertencimento para um mesmo sujeito ao mesmo tempo. Entendi então como as identidades na Barreira poderiam ser forjadas sob o produto das próprias resistências presentes no espaço. Inevitavelmente, nesse momento lembrei-me do então orientador há época José Carlos Sebe Bom Meihy, que num dia, durante uma aula externa de uma disciplina que abordava dilemas ambientais e construção de direitos, no primeiro semestre do ano de 2016, numa conversa casual, me disse: "*Fábia, o amor e ódio são dois chifres da mesma cabra".* Essa fala profunda encontrou eco na própria Barreira, parecia que ele tinha adivinhado os achados que estariam por surgir.

E foi dessa forma que Barbosa evidenciou a própria contradição que norteia o sentido de pertencimento de si na Barreira, à medida que ele externa compreensão da rede que mobiliza os afetos e o sistema de reciprocidade, mas ao mesmo tempo resiste, por entender

que se trata se invasão de privacidade. Por outro lado, após experiência de moradia na baixada fluminense retorna a Barreira por sentir a falta dos elementos de acolhimento que permeiam a rede social local. Não se sente cria por não pertencer a este grupo "invasivo", mas ao mesmo tempo se sente raiz do lugar pela sua herança familiar. Diante de mim estava à representação da "cabra" de Meihy com seus dois chifres.

Pude compreender que tanto o amor como o (des)amor podem habitar simultaneamente o mesmo individuo, isso rompeu de certa forma uma compreensão linear e polarizada entre um bem ou o mal, sentimentos que se mostravam compatíveis entre si, inclusivos e não excludentes um do outro.

Barbosa enfim descortinou sem cerimonias o que era ser e estar no espaço, e as contradições que ambas as posições agregavam, o que implicou no reconhecimento de que dentro desse núcleo objetivo na condição de ser (nascer e ser criado) e estar (se manter) no espaço existiam muitas formulações subjetivas, que negavam, reafirmavam ou neutralizavam esses elementos, o que configurava a mobilidade caracterizada como força não estática que consolidam identidades.

O sentido de pertencimento mais uma vez emergiu, também permeado por tais imbricações, como o colaborador Barbosa colocou, "*pertencer a um lugar é se sentir confortável com meios de realizar a vida, isso mobiliza a apropriação, e apropriar significa se sentir identificado com o lugar, com os acessos que ele proporciona".* Essa equação colocada por nosso ilustre colaborador se torna bifurcada quando existem resistências internas as regras elaboradas, rompendo a linearidade do sentido de pertencimento, formulando novas integrações.

A seção pode parecer mais direta do que as demais, mas essa elaboração foi propositada, assim como a anterior se mostrou mais frontalmente analítica do que as demais, existe uma razão. Busquei transmitir ao leitor a intensidade do significado de encontros e entrevistas com Pitt e Barbosa, ambos me trouxeram de imediato respostas a muitos questionamentos.

Se para Xico e Pitt a Barreira era sua pequena Paraíba, para Barbosa, era sua Esparta, onde se forjava os guerreiros, onde apenas os fortes sobrevivem. Da pequena Paraíba à Esparta, a Barreira para ambos se mostrou um conjunto de diversidade, e entendemos o sentido que ambos quiseram dar: a identidade homogênea da Barreira reside na diversidade cultural, ou seja, a igualdade se consolida nas diferenças. Mais uma vez dois chifres de uma mesma cabra.

Barbosa foi o grande encontro que descortinou os sentidos do “Ser e Estar na Barreira”, e foi numa tarde ensolarada que nos encontramos em sua casa. Como sempre, a recepção foi calorosa, acompanhada de lanches e sucos, arrumados com esmero pelo nosso entrevistado no quintal de sua casa. Com quase 40 anos de idade, professor, Barbosa revela que vive na Barreira desde a barriga de sua genitora, tendo cumprido as etapas de sua vida toda tendo a Barreira como “testemunha viva”. Sentando muito a vontade, o nosso guia do espaço da Barreira, se acomoda e passa a compartilhar muitas de suas memórias. Ingressamos nessa viagem, observando o homem dar espaço a criança relatando a história de sua infância, de sua família e de sua vida.

Os pais de Barbosa se conheceram no Espírito Santo, no enlace de seus respectivos familiares. A mãe do colaborador era capixaba, e sua irmã também capixaba se casava com o primo do genitor do colaborador. O primeiro contato estabelecido por seus pais resultou no casamento de ambos, meses depois e a vinda de sua mãe para a Barreira, onde o pai do colaborador já morava com toda sua família, imigrantes de origem italiana que antes de vir morar na Barreira, aportaram no Espírito Santo.

O colaborador nos relata que seu avô paterno chegou ao Rio de Janeiro, especificamente para trabalhar escavando o terreno da Barreira que seria loteado e vendido, tendo conseguido adquirir por permuta de seus trabalhos, um pedaço de terra entre os lotes que seriam vendidos, tendo seu pai ainda criança acompanhado e ajudado nos trabalhos de escavação e aplainamento do terreno que hoje é a Favela da Barreira.

A narrativa segue um tom de orgulho e admiração do avô que depois que conseguiu adquirir o terreno, construiu a casa que acomodou gerações de sua família até os dias atuais. Mas a sombra de tristeza perpassa o olhar de nosso narrador, quando menciona que não chegou a conhecer o avô paterno, pois teria falecido quando tinha apenas quatro meses de idade, mas revela com certo orgulho ter conhecido sua avó paterna, também falecida há três décadas, mencionando com pesar como sua família foi reduzindo com a morte de seus familiares ao longo dos anos, ressaltando ser seu genitor o único que manteve raízes na Barreira.

Após um momento de pausa, seguida de um sorriso melancólico, nosso colaborador relembra da infância, e das dificuldades de seu pai que mesmo trabalhando muito recebia pouco para o sustento da família de três pessoas: nosso narrador, sua mãe e seu pai, e por essa razão, por presenciar as lutas do pai, nunca pedia os brinquedos que queria, pois eram caros demais. Mas ainda assim seu pai o presenteava com os poucos brinquedos que podia comprar.

Até hoje Barbosa relata que seu sonho de criança era ganhar um carrinho que se chamava "maximus" da fabricante de brinquedos Estrela. Seus olhos brilham quando menciona o brinquedo, trazendo de volta a nossos olhos a ternura do sonho infantil. A realidade, narra nosso colaborador, foi de uma infância simples e rápida direcionada ao trabalho:

> A fase de infância foi muito simples e rápida, lembro que minha mãe sempre brigava comigo para ir à rua brincar com outras crianças, mas eu não gostava de brincar, eu subia no muro de casa e ficava de lá sentado só observando as outras crianças brincarem. Eu tinha colegas de infância, eu ia às casas deles e eles vinham na minha, onde todos nós pedíamos permissão para nossas mães se poderíamos brincar na casa de um ou outro, mas as crianças que brincavam na rua... nunca participei, pois pelo que me lembro das brincadeiras, sempre saiam brigas entre as crianças, e eu não gostava disso. A rua, na infância era um espaço ocupado por crianças mais velhas, que sempre eram maliciosas, e se aproveitavam para se apropriar de brinquedos como pipas, bolas de gude, qualquer coisa. Uma criança menor, sem malícia que não frequentava as ruas todos os dias, ficava em desvantagem com os outros. Mesmo assim, eu não permitia que me machucassem então confrontava, mas para evitar, preferia não brincar na rua. Sempre fui muito caseiro, um dos melhores brinquedos que tive se chamava "pinos mágicos", eram pinos cilíndricos de plástico com quatro furos em linha da base até o topo que transpassavam sua estrutura de um lado a outro, um pino encaixava-se perfeitamente a outro pino, na posição que quiséssemos e com isso era possível criar vários objetos, e eu gosto muito de criar, até hoje. Quando fiz dez anos, ganhei minha primeira bicicleta, tinha defeitos que precisavam de reparos, era de segunda mão, meu pai levava até a loja de consertos de bicicleta ou como chamávamos "casa de bicicletas" para fazer os reparos e ficava observando do balcão como os mecânicos consertavam e trocavam as peças, decidi um dia que não levaria mais minha bicicleta para o conserto, eu faria em casa mesmo. Então aos 11 anos, comecei a consertar minha bicicleta, até que vizinhos começaram a levar suas bicicletas até minha casa para que eu consertasse para eles, assim comecei a ganhar meus primeiros trocados, era pouco, mas ajudava. Com isso, investi em comprar minhas primeiras ferramentas para consertar bicicletas. Inicialmente as ferramentas que eu usava eram feitas por mim mesmo, meu pai tinha algumas ferramentas de pedreiro, entre elas uma marreta e um martelo que eu usava para achatar pontas de vergalhão para fazer chaves de fenda, uma lima de afiar facão que eu limava a o vergalhão até ficar na proporção exata que eu precisava para tirar ou apertar os parafusos. O cabo das chaves eu curvava em forma de "T" para ter firmeza de aperto, sempre tive que improvisar para ultrapassar as necessidades da vida, *a escola não me ensinou a pensar, viver aqui sim, porque as necessidades direcionaram meu pensar e agir*. [...] Minha motivação profissional nunca foi comum, nem dinheiro, nem fama, só o que me realizasse como indivíduo, não dentro de uma sociedade de estereótipos para mostrar o que sou e como sou, mas sim para realizar a mim com pessoa, sei que não é pelo dinheiro, no que pese o dinheiro ser muito importante, mas desta

> vida o que levamos? Sei que o dinheiro fica, mas acredito que o conhecimento, esse levarei comigo. E assim aprendo sempre um pouco mais a cada dia que se segue, sou uma esponja para absorver o máximo de conhecimento que consigo nos lugares por onde passo, porque sei que a escola não dá conta sozinha de ensinar, as coisas da vida, aprendemos nas escolas mais exigentes e austeras, como a Barreira. [...] Posso dizer que foi por meio do conhecimento recebido com essa oportunidade, de bolsa de estudo no curso de informática, que fui iniciado no mundo da tecnologia, desenvolvendo o gosto pela profissão que com tempo, ampliou meus horizontes. Busquei um aprimoramento no que já fazia. Graças a essa oportunidade, comecei a trabalhar como autônomo consertando computadores aos meus 12 anos de idade e atualmente profissional e professor de mecatrônica, após sucessivos estudos, formação e aperfeiçoamento.

Barbosa menciona como se deu seu processo de alfabetização, em aulas na sede da Associação de Moradores, ministradas por quem carinhosamente chama de Tia Ineri, lembrando os encontros de conhecimento que o preparou ao encontro da escola, começando assim a estudar aos três anos de idade nessa escolinha chamada Cantinho Feliz, seguindo de lá para a Escola Olegário Mariano onde concluiu o ensino fundamental, passando pela Escola Embaixador João Neves da Fontoura para concluir o ensino básico. Menciona que cursou o segundo grau no Colégio São Sebastião no bairro de Rocha Miranda, cursando ensino técnico em processamento de dados, o que lhe abriu portas para o trabalho com informática e manutenção de computadores, revelando sua afeição pela área tecnológica.

Em meio às lembranças de sua vida, surge a trajetória profissional de Barbosa e o sonho que nutria de servir a Policia Federal, revelando ter cursado e concluído a faculdade de direito no Centro do Rio de Janeiro. Mas de repente nosso colaborador revela que o casamento o deixou mais pensativo dos riscos que poderia correr, inclusive de não voltar para sua família. Essa conclusão o fez de certa forma perder a motivação pelo curso, já que nos conta que jamais gostaria de advogar como profissão, apenas se não houvesse escolha.

Essa fala me intrigou, pois sempre percebi certa inclinação de nosso colaborador em ver as situações que lhe são colocadas transcorrer de forma correta, o que o faz sempre ser procurado para ajuda pelos moradores. Vê-lo explicando, orientando constantemente moradores que o procuram com algumas demandas, tornava notório o dom da advocacia evidenciado pelo nosso colaborador, embora haja resistência (ou negação) a prática profissional.

Quando o questionei, de forma tranquila e segura afirmou-me que essa escolha se devia a falta de paciência para lidar com o público. Mas percebo paciência nas explicações para com aqueles que o procuram com dúvidas, o que nos trouxe um entendimento: nosso narrador mantinha a essência muito mais forte da figura do professor que explica pacientemente a seus alunos do que do advogado impaciente que elucida dúvidas esperando por potenciais clientes. A escolha profissional reside na remuneração emocional e satisfativa como o próprio colaborador coloca:

> Depois de cursar Direito, resolvi voltar aos bancos acadêmicos, onde cursei mecatrônica, uma área bem recente em nosso mercado nacional. Após concluir minha formação em mecatrônica e adquirir meu registro junto ao CREA [Conselho Regional de Engenharia e Agronomia], fui indicado pelo meu antigo professor para dar aula junto com ele em uma Escola Técnica de formação em mecatrônica, aceitei e até hoje sou professor, e mais um sofredor, ganhando abaixo do que um homem pode merecer em reconhecimento profissional, mas em parte feliz por estar fazendo algo em uma área que eu gosto de atuar, isso configura uma espécie de salário emocional. [...] Embora tenha vivido aqui todo o tempo, minhas escolhas profissionais me levaram além dos muros da Barreira, por isso, atualmente, não atuo aqui, só quando as pessoas pedem explicação ou esclarecimento de algumas questões jurídicas, o que começou a acontecer esporadicamente. Outros moradores também foram se formando, em diversas áreas, inclusive em direito também, o que facilitou o fluxo de informação e esclarecimento à comunidade, e manter-se aqui ajuda a ajudar quem precisa de informação e esclarecimento.

No momento critico de nossa entrevista, nosso colaborador menciona os inúmeros preconceitos sofridos desde criança, até os dias de hoje. Confesso que nunca havia vivenciado nada parecido durante toda minha vida, mesmo com minha pele parda e uma etnia que chega a ser miscelânea indefinida, entre ciganos, negros, índios e portugueses, o relato de nosso colaborador provocou um efeito devastador, em mim e nele mesmo, na medida em que contava, revivia toda a dor que passou. Alguns casos experienciados por nosso colaborador não foram gravados nas entrevistas a seu pedido, porque segundo ele seria muito constrangedor. E assim obedecemos à vontade do narrador no jogo narrativo, entre a vontade do que se falava e daquilo que não se quer revelar, nos significados do que deixou de ser dito, o silêncio mais uma vez emergiu muitos sentidos:

> Mas chegar até aqui não foi fácil, passei por preconceitos durante a vida toda. Na Barreira, onde nasci e fui criado, lembro-me das atitudes da mãe de um colega, a família era nordestina, mas a mãe sempre

> dizia e achava que eu não daria boa coisa, acho que pela cor da pele ou minha maneira de ser porque nunca aceitei ser feito de bobo, sempre fui sincero e espontâneo, mas o fato é que preconceito nunca foi novidade em minha vida, essas experiências me fizeram ser muito objetivo com os pés no chão. Até hoje existem muitos preconceitos, as pessoas de fora da Barreira, tem preconceito com o lugar e muitos moradores reproduzem internamente essas práticas contra outros moradores. Em vários lugares sempre encontrei o preconceito em várias formas, o mais recente, foi o preconceito acadêmico profissional, que passa quase invisível. Durante minha formação tecnológica em mecatrônica, vivenciei de perto essa realidade. A maior parte dos alunos da minha turma, diziam que eu não iria conseguir ir até o final com os estudos, eles diziam que eu era "advogado" e aquela não era a minha área de atuação, e, que todos eles já eram da área, pois já trabalhavam em uma ou outra profissão próxima da mecatrônica. Mas não deixei isso me abalar, é bem verdade que por conta disso fui excluído dos grupos e trabalhos, mas segui adiante, sem dar importância, o que pra mim significou mais uma superação. Prossegui os estudos, e sempre tive o máximo coeficiente de rendimento dentro da turma, desde a primeira prova, sempre me saia bem, ainda tirava dúvida dos colegas de turma. Por conta desse desempenho, fui indicado para ser professor. Meus ex-colegas de turma até hoje não têm o registro profissional junto ao CREA [Conselho Regional de Engenharia e Agronomia], com exceção de dois que fizeram seus registros, mas aprendo com a vida, a importância de sempre seguir em frente. Preconceito é palavra que aprendi desde cedo, por morar aqui, e não seria agora que as coisas mudariam. Percebo que o preconceito está em todos os lugares, contra a cor, contra a escolarização, enfim, até dentro da família, afinal, ser muito escolarizado causa certo afastamento dos familiares, é como se não fizéssemos mais parte das ideias, do pensamento deles, é desconfortável. [...] Viver é um desafio constante, a comunidade não é para os fracos.

A questão de escolarização marca a história de vida do nosso colaborador e dos jovens que vivem no espaço da Barreira. Quando se pensa em ensino de relevância para a vida, inclusivo que parta da realidade dos grupos e do território, nos reporta a construção proposta em nosso trabalho da favela como cidadela educadora, uma tentativa de estreitar diálogos entre escola e espaço social. Barbosa nos traz um relato, de sua época de criança, de algumas experiências escolares que não dialogavam com sua própria realidade, como as que vivenciamos atualmente com os jovens da favela:

> A escola refuta a realidade do aluno. Nunca joguei ou sequer gostei de futebol e a educação física que era dada no tempo de escola era exatamente isso. Os professores jogavam as bolas nas mãos dos alunos e falavam: "vão jogando aí que eu já volto". A partir dali virava uma "pelada de rua", onde a "pancada estancava" [sem controle] literalmente. Daí me diz, eu vou participar desse absurdo? Claro que

não. Sabe, durante o tempo que estudei em escola pública, nunca aprendi a fazer um alongamento ou sequer um aquecimento, necessário para iniciar qualquer atividade física. Eu era coagido pelos professores a permanecer na quadra e participar da "peladinha" escolar de "educação falsa", eu pedia para ser goleiro, já que ninguém gostava de ficar no gol. Porém quando terminava a aula eu estava todo dolorido, os músculos das pernas repuxavam e ao falar com o professor ele dizia: "deve ter dado um estiramento muscular, quando chegar a sua casa coloca gelo que passa". Anos depois quando comecei a praticar atletismo descobri que para tratar estiramento muscular era preciso o uso de analgésicos, anti-inflamatórios e fisioterapia dependendo do tipo de lesão. Isso não é respeitar as diversidades e condições do aluno, e olha que sempre tive uma debilidade de ordem física [se refere a um acidente que sofreu aos 4 anos de idade que causou ruptura do fêmur, deixando-o com uma perna menor do que a outra], que embora não fosse muito evidente, para qualquer professor de educação física era notório, mas nunca respeitam a diversidade do aluno. Quando isso acontece com uma criança ou jovem da comunidade, ele prefere sair da escola. Essa realidade me aproximou de medidas próprias e comportamentos mais intimistas para atender aos meus alunos, a necessidade que cada um apresenta. Já lecionei para alunos adictos, outros com problemas de déficit de atenção, hiperativos, brigões, mas sempre consegui de alguma forma encorajá-los a seguir adiante, lecionar é um sacerdócio, é vocação mesmo, não dá pra fazer por obrigação. Na escola não me ensinaram a pensar e menos ainda me prepararam para a vida profissional, todo o estudo foi empurrado nas miríades de decorebas e o incentivo para a vida profissional. Ouvia todos os dias que precisávamos estudar para ser alguém e não se tornar um burro para puxar carroça, como se ali naquele momento não fossemos ninguém. As pessoas acreditam que só é alguém quem tem um título e formação, mas todos que tem vida são pessoas, e merecem respeito. Hoje em dia, não melhorou muito. Desde a minha época de criança até hoje, não existe nenhum centro profissionalizante por perto que propiciasse o interesse de crianças e jovens para a vida profissional, que os aproximassem da prática de estudo, ou os ensinassem que estudar também pode ser estimulado pelo respeito ao outro. Isso faz do ensino útil a todos principalmente quando parte da experiência dos sujeitos na vida. É preciso que se compreenda muito bem como é a dinâmica de vida nas comunidades, nenhuma é igual à outra, mas as escolas unificam a educação com conteúdos ultrapassados, para oferecer um ensino longe do que as pessoas precisam. A questão não é fazer com que as pessoas aprendam, ou pensem, mas as pessoas saem da escola sem preparo para a vida, isso ninguém ensina. Quando o sujeito chega aos bancos da faculdade, ele não foi criado ou adestrado a sair do mundo da favela para o espaço acadêmico, o que se mostra um desafio em diversas dimensões para o sujeito, pessoal, social, emocional e psicológico. Esse desafio determina se o sujeito vai assimilar a realidade acadêmica e negar a favela, ou se mantendo nela não esquecendo suas raízes, isso define os doutores que sempre escreveram sobre a favela, estando fora dela, e os atuais doutores da favela, que estão dentro da favela circulam nos espaços acadêmicos e se mantém na favela por amor ao espaço. [...] Se pudesse transformar o espaço, traria para cá coisas que sei que muitas das crianças não

> terão acesso, oportunidades de aprendizado ligado à questão da escolarização e qualificação profissional. Gostaria que tivesse um curso de tecnologia ou trazer com mais frequência projetos sociais dentro do espaço. Esse sim seria um instrumento de conexão importante entre as pessoas e a escola. Aqui há um índice crescente de evasão escolar, e tudo porque o ensino formal se distancia da realidade desse lugar, o ensino não se mostra útil. Isso provoca um afastamento entre o sujeito e a escola, que impacta na vida das pessoas. O encaminhamento social de crianças que ficam ociosas pelas ruas, também seria interessante, muitos crescem sem saber o que fazer da vida. Só conseguem ouvir dos pais e professores que precisam estudar para ser alguém na vida, mas em momento algum essas pessoas percebem que essas crianças "já são alguém", tem um pensamento uma percepção da vida, por mais que seja em alguns casos um pensamento errôneo, mas é um pensamento e uma percepção, onde quero chegar com isso? Quero dizer, que tem criança que já incutiu na cabeça que não precisa estudar para ter trabalho, pois na escola não ensinam o que eles precisam saber para crescer profissionalmente, mas eles aprendem valores obsoletos. Após um ou dois anos eles sequer se lembrarão do que aprenderam o ensino da escola não consegue ser algo significante para essas crianças. O ensino que significativo para crianças e principalmente para as crianças de comunidade é muito raso, os professores das escolas do entorno não têm o compromisso de realmente querer produzir um ensino relevante e útil às crianças da comunidade.

O relato de Barbosa relaciona sua trajetória de vida na Barreira com o aprendizado fornecido pelo próprio espaço mesmo com sua contida relação social, não refuta o caráter das práticas sociais e das experiências por ele vivenciadas as quais lhe proporcionaram certo grau de aprendizado, relacionando a uma forma de pertencimento, indicando ainda a comodidade e confiança que o lugar oferece como um elemento que gera pertencimento, desvelado em graus correlatos a certos elementos. Em se tratando de relações sociais estabelecidas na Barreira e nosso colaborador, esse pertencimento se mostrou contido, mas em se tratando do lugar, o pertencimento se mostra aprofundado:

> Se pensarmos com relação ao espaço, minha relação é contida, sempre foi. Nunca me senti pertencido profundamente ao lugar, sou cria porque nasci aqui e fui criado, mas não me sinto pertencente ao lugar, exceto pela minha família que me faz ter esse sentimento porque tem raízes aqui. Com 12 (doze) anos, passei a frequentar as ruas do entorno porque não gostava do comportamento das crianças daqui. O entorno, onde fiquei mais conhecido do que dentro da própria Barreira, e até hoje, mesmo morando aqui, sou reservado, mas conheço a maioria e quase todos me conhece. Sou morador, e prefiro não me envolver com nenhuma questão política, social ou comunitária, porque sinto que as pessoas não estão preparadas para ouvirem minhas ideias, e isso causa certo estranhamento. Penso de uma forma diferente das mentes inocentes daqui que não entendem a dimensão do espaço e o potencial das pessoas daqui. Isso incomoda quem me escuta, acho que por isso sou ignorado em conversas. Prefiro só passar pela rua acenar e cumprimenta-los, e vida que segue. Sinto-

> me em parte pertencido ao lugar, pelas raízes familiares que ainda estão e tem história aqui. [...] Não posso dizer que viver na Barreira tenha contribuído para realizar meus sonhos, não tenho sonhos, sou um homem realizado, com minha família, minha casa, nossa rede familiar afetiva está por perto sempre, isso não é sonho, é mais decisão de me manter aqui junto deles. Então se eu entender que o espaço emocionalmente pode contribuir para o meu bem estar, diria que sim, só por conta dos meus familiares que estão próximos. Mas, se fosse analisar se o espaço físico teria me proporcionado alguma realização, diria que do aprendizado que pude extrair nas experiências que vivenciei, para mim essa é uma forma também de pertencimento. [...] A Barreira proporciona comodidade e isso confere outros modos e sentidos de pertencimento ao lugar porque podemos resolver tudo aqui mesmo. [...] Os botecos também vendem produtos para casa e comida, temperos, enlatados, utensílios de higiene e limpeza, grãos, leite, biscoitos, e o que mais pudermos imaginar que seja útil em casa, nada nos falta aqui. O lado bom, é que a Barreira resolve nossas necessidades, compramos o que precisamos sem sair do lugar, e por vezes mais barato do que no mercado local, isso é cômodo. Sem contar os vendedores ambulantes que passam na porta de casa vendendo de tudo, até roupas de cama, mesa e banho [...] temos uma casa de material de construção, onde tudo que precisamos de obras e reparos em casa pode ser encontrado, poucas coisas que saímos daqui para comprar, mas a comodidade é tamanha, que o dono da casa de material de construção tem há anos, os caderninhos que anota o fiado. Já fiz construção e reforma na minha casa, faturando para pagar no fim do mês, no caderninho do fiado, isso é confiança, não tem em outros lugares, e representa muito no dia a dia. A Barreira se mostra um ambiente simples de fácil adaptabilidade, isso faz com que pessoas se sintam identificadas com o lugar. [...] A Barreira prepara o sujeito para a vida mesmo, como a mão forte de uma mãe dura, todos os momentos vividos aqui educam são experiências fortemente pedagógicas é fonte de conhecimento, adquirido seja por meio de uma simples conversa ou em reuniões festivas. Cada um passa um pouco do conhecimento e das experiências que tiveram, fazendo, por meio da troca de saberes, um tecido de conhecimento fruto escola da vida, da escola da Barreira, só quem vive aqui sabe o potencial disso, o que traz formas de pertencimentos.

Quando partimos para a pergunta de corte de nossa pesquisa, “o que a Barreira significa para você”, nosso colaborador fez uma pausa, parecendo pensar ou escolher as palavras antes de se expressar. Sua formulação no tocante a significação do espaço a primeira vista nos pareceu estarrecedora, mas muito real desvelando a replica de segregação no espaço já segregado, e a desorganização que a princípio organiza o espaço, revelando alguns dos paradoxos da favela, revelando um padrão que emerge no (des) padrão:

A Barreira é um espaço organizadamente desorganizado, que produz segregação. Existe uma organização elaborada pelos moradores que não é formalizada ou legalmente reconhecida, com o lado da elite, que é representado pela Encosta (e o entorno), e o lado mais pobre, representado pelo Beco, que implica na desarmonia, na criação de um espaço heterogêneo, que está inserido territorialmente na Barreira, mas parece haver um apagamento uma força para que o Beco não seja, ou não esteja compondo o conjunto de pertencimento local. A Barreira é uma única comunidade, a favela da Barreira é uma só, formada não só pela Henrique de Góes, mas pelas demais ruas do entorno, principalmente a Rua Jones Rocha que serve como passagem de entrada e saída da favela, é isso que muitos moradores de fora da favela não aceitam, e rotulam ser favela apenas a Rua Henrique de Góes. Isso Para os moradores da Barreira, eles compreendem bem o espaço fragmentado, alguns negam ser favela, demonstrando uma organização separatista daqueles que se sentem mais favorecido do que outros. Um exemplo disso, moradores que tem casas mais bonitas, [Encosta] chamam as casas mais carentes e humildes [Beco] de favela. As pessoas que tem casas bonitas acham que moram na "*Doce Cabana"* [trocadilho da marca Dolce Gabbana], por acreditarem que suas casas são chiques e não tem a cara de favela como aquelas casas mais humildes que imprimem o aspecto bagunçado, fazendo o lugar ficar com ar de favela. Existe segregação interna de espaço, entre o mais "rico" e o mais "pobre", mas é tudo favela, e muitas pessoas aqui não aceitam isso. Alguns familiares meus, desde criança, não dizem que aqui é favela para familiares que moram fora. Eu mesmo quando era criança, não sabia, achava que favela eram as casas feias, e não a minha. Mas depois entendi que aqui de fato era tudo favela mesmo, independente das acepções que faziam aqui dentro entre casa bonita ou feia. Mas me chamar de favelado me feria, eu não gostava. Isso fica claramente demonstrado na divisão dentro daquilo que já está dividido que todos fazem, tanto morador da Barreira como morador do entorno. No entorno a coisa não é diferente, acham que a favela é só a Henrique de Gois (em ambos os lados Beco e Encosta), e contestam que o entorno seja parte da favela, embora documentos legais apontem o entorno como pertencente à favela. Sei disso porque fiz pesquisas despretensiosas sobre o lugar. Aqui a gente ouve comentários pejorativos de moradores da mesma rua que dividem o Beco da Encosta. O entorno, instituiu que a favela é só a Henrique de Gois e parte da Jones Rocha [a entrada], isso cria uma identidade bagunçada, múltipla, de um lugar embora único, cindido por classes que se desorganiza em si mesma, gerando espaços em si que não se identificam uns com os outros, mas disputam preferencias e referenciais. O espaço que é fisicamente homogêneo, socialmente se torna heterogêneo. É assim que percebo a Barreira. Aqui é o local onde nasci, cresci e vivi, e diante de todas as adversidades consegui superar alguns obstáculos os quais muitos colegas de infância não conseguiram ultrapassar. A Barreira *"é plana, está no asfalto", por isso mesmo por vezes difícil de ser entendida como favela, porque a maioria delas estão em morros*. Para mim a Barreira significa no sentido mais simples da palavra, um organismo vivo *que precisa ser respeitado e cuidado como um corpo próprio que produz e se reproduz no dia a dia, cheio de diversidade daqueles que fazem da favela ser a família e a grande escola da vida,* uma escola fora das

> paredes escolares, uma escola da vida real, lugar onde você aprende dia a dia com as pessoas, você aprende coisas que fora da Barreira, no subúrbio não se consegue, e isso deixa a gente mais atento com o mundo a nossa volta, nos ensina a ser independentes desde muito cedo. [...] Por outro lado, se pensarmos em apropriação de espaços, muitos moradores fazem disso a cultura do lugar. Apropriam-se de tudo, até do que é do outro, sentimentos inclusive. As pessoas precisam de limites nesse exercício de apropriação, entram inadvertidamente na casa dos outros, como se fosse à extensão de suas próprias casas, sentem-se apropriados na vida do outro, até mesmo de vínculos sanguíneos, onde é comum estranhos chamarem outros de avó, tios, mães, sem terem nenhum vinculo sanguíneo, é a apropriação afetiva que acontece muito por aqui. Acredito que essa é a identidade da Barreira, entendo que isso precisa de limites, esse estranhamento não me deixa sentidos de pertencimento profundo, pelas criticas que possuo as formas de vida pactuadas por aqui. Por outro lado, quando migramos para outros lugares fora desse arranjo, é essa dinâmica que nos faz sentir falta de ser, de estar na Barreira, porque isso representa acolhimento. A Barreira, para mim é uma relação de amor e ódio, mas é o lugar que me é familiar, vivi desde pequeno, poderia sair daqui para outro lugar, mas não sei como seria meu acolhimento em outro lugar, aqui sou criado e nascido, por isso conhecido, conheço todos e todos me conhecem, o espaço é acolhedor, acolhe quem vem de outros lugares, e quem sai e volta, então, gosto do lugar, mas não de certos aspectos que o local carrega. A Barreira é volátil, instável. É dessa instabilidade que não gosto. [...] o que nos leva as dificuldades daqui, só quem mora mesmo para saber: é muito barulho. A favela é barulhenta. O som alto o dia inteiro quase todos os dias, moto passando com escapamento fazendo barulho, sossego é difícil de ter. Nos finais de semana fica mais intenso principalmente quando tem jogo de futebol, e o povo daqui adora futebol o bar do Sérgio na esquina é sede de um fã clube do flamengo, quando flamengo ganha, tem bloco que sai na rua, nem precisa dizer que barulheira que faz. Fecham a rua para assistir ao jogo, com a TV no meio da rua mesmo, ninguém passa de carro. Fogos de artifícios e tudo. Aqui tudo é motivo de comemoração.

Por outro lado, Barbosa descreve a Barreira como o lugar de força, que prepara para os combates da vida, onde apenas os guerreiros sobrevivem, fazendo alusão a Esparta (cidade da Grécia antiga), situando o espaço como arena de batalhas diárias e escola da vida, da necessidade:

> O local te prepara para o combate da vida, só mora aqui quem é guerreiro, esse lugar não é para qualquer um. Em analogia aos espartanos, esses saem do convívio de seus familiares após seus sete anos de idade e vão receber treinamento para tornarem-se guerreiros. Aqui nascemos no treinamento intensivo, a Barreira é a nossa Esparta, uma arena de batalhas diárias, é nossa escola de vida, de ser humano e profissional também, aprendemos muito diariamente vivendo por aqui, o dia a dia ainda é a melhor escola, aprendemos com a necessidade, com a alteridade, se colocando no lugar do outro, aprendemos com a solidariedade, enfim, a Barreira é um aprendizado intenso. As crianças já recebem o treinamento de guerreiro desde o útero materno, pois

> existem dificuldades que nem sempre podem ser administradas da melhor forma para que essas crianças sejam simplesmente geradas com conforto ou nasçam com garantia de suas infâncias. Eu mesmo não fui uma criança como as demais da minha idade, e noutro dia estava indo à casa de um amigo daqui mesmo, vi um garotinho que não deveria ter nem oito anos de idade, mas já estava com uma pá na mão colocando areia de obra em um balde para levar para dentro de sua residência, ajudando os pais na obra de sua casa. Essa poderia ser a brincadeira dele, mas estava contribuindo. Agora me diz, que criança fora da favela, com oito anos de idade já pega com destreza numa pá e ajuda em obra? Já vi crianças com cinco anos de idade ajudando a carregar tijolo, não porque adulto pede, mas porque eles querem ajudar, mesmo quando o adulto diz que não pode. Essas crianças crescem sendo mais maduras, mais tenazes que as outras que não sabem o preço do suor e tem tudo na mão. A Barreira me ensinou a ser guerreiro na vida, a estar sempre pronto para combater o bom combate, não ser covarde, enfrentar os desafios e esperar por eles, porque mais cedo ou mais tarde, sempre enfrentamos tempestade na vida. A Barreira é a Esparta contemporânea, é a minha Esparta.

Barbosa relata a cultura da Barreira como inserida em sua própria história de vida no local, e a partir disso, relata a diversidade cultural trazida por moradores de diversas regiões para a Barreira e o aperfeiçoamento dessas culturas aos costumes da cidade carioca, vertidos nas musicas, nos costumes, na culinária, nas vestimentas, nas danças, elementos que configuram a vida dos grupos envolvendo amigos e familiares, revelando ainda a força da religião de matriz africana como elemento cultural local:

> No que se refere à cultura local, existem aqui diversas culturas, e diversas formas de saberes e conhecimentos, as que vemos nas ruas, e as que não vemos, mas sabemos que existe, como os migrantes do nordeste que veem para cá e trazem a culinária, a música, os costumes, mas isso só percebe quem está inserido nas redes afetivas desses moradores, por isso é uma cultura que sabemos que existe, mantém a tradição com amigos e familiares, as pessoas que pertencem ao convívio desse migrante, como no caso do Pitt e sua família [refere-se ao colaborador Pitbull]. Mas outras questões culturais presentes aqui atravessam esse cenário, tem migrantes de outros Estados, que se aperfeiçoaram tanto no Rio de Janeiro, que praticamente fundiu sua cultura aos costumes cariocas, então posso dizer que a Barreira é a mistura de muitas culturas, o que pode ser referenciado pelas preferencias musicais, nas roupas, na comida, nos costumes que se produzem de forma mesclada. Muitos dos nossos moradores vieram de São Paulo, do Espírito Santo, de Minas Gerais, mas a maioria veio do Nordeste, de Pernambuco, Recife, Ceará, da Paraíba, então temos muita gente de muitos lugares aqui, muita cultura junta tentando formar o núcleo cultural da Barreira. [...] posso dizer pela minha visão e experiência local que a produção da cultura afro-religiosa que existe é forte e ajuda muito os moradores, seja espiritualmente ou materialmente. Já participei há algum tempo atrás das reuniões que

> ocorriam num Centro Espírita de Dona Lalá. As portas são abertas para receber qualquer pessoa de qualquer lugar, e por conta disso, acredito que acaba sendo um ponto de união dos moradores de ambos os lados da Barreira, e de pessoas de fora da comunidade, um exercício de unificação e socialização do lugar. Passei a frequentar novamente o Beco depois de muitos anos quando ia às sessões do Centro, mas já morei em ambos os lados da Barreira, e sei como o espaço pode ser socialmente dividido. Lembro que quando criança ia ao Beco mesmo com fortes recomendações de minha mãe, morávamos no lado oposto [Encosta]. Lembro também de frequentar as festas de aniversário da casa de uma moradora, eu ia para aqueles lados também para comprar pipa, pião e ioiô, e quando ia pegar doces de São Cosme e Damião. Quando criança frequentava esse mesmo Centro Espírita às vezes com minhas tias, mas era muito pequeno para saber o sentido dos trabalhos que ali existiam, lembro-me de ficar brincando com meus primos, e pegava doces lá também. O Centro Espírita acolhe a todos que buscam conforto no segmento cultural/religioso ali realizado. Hoje não consigo mais frequentar por falta de tempo, mas para mim, enquanto frequentei, percebia que o lugar conjugava e unia pessoas, é uma forma de prática cultural, de união e caridade.

Outras formas de cultura mencionadas por Barbosa revelam a rua como a matriz de rede primária de socialização, como ele mesmo menciona, desvelando formas primogênitas de saberes que partem da descoberta local e das formas de interações que se configuram no espaço, onde o meio atua como catalizador dessas relações, formulação ofertada por nosso colaborador que dialoga com a questão nodal que se colocou em todas as narrativas: como as histórias de vida se alinhavavam com a história do lugar, demonstrando como essa relação por vezes não é tão pacífica, consolidada por vezes nas exclusões e delimitações que o espaço impõe, ainda assim mantendo o amálgama entre história de vida e história do lugar:

> As formas de saberes que são visíveis ao primeiro momento, são os saberes das ruas, onde desde crianças as pessoas começam a se descobrirem no local e com isso começam a conhecer as diversas formas de interagir com os outros. Essa convivência gera uma sociabilidade primária que consiste na interação com o outro a partir do meio, é então que as histórias de vida e daqui se encontram. Mas tinha criança que os pais proibiam de brincar com outras, daí já surge à primeira ruptura. Então a rua ensina a criança, a criar seus círculos de amizade, é o primeiro momento de construção das redes sociais e também afetivas, podem ser construídos sob os alicerces da inclusão ou da exclusão. Aprendemos a conversar com o outro, aprendemos a compreender coisas por meio da impressão pessoal das experiências vivenciadas nas ruas. Isso nos acompanha aqui na Barreira para sempre, até hoje aprendemos na rua, as formas de socialização que o próprio espaço oferece e delimita.[...] Na rua, percebo que no lugar de desenhos elaborados e pintados com cores muitas vezes vivas, hoje deram espaço as pichações e em alguns casos os grafites. Sendo que as pichações evoluíram em sua forma. Hoje, não são apenas rabiscos que acostumávamos ver. Hoje, pichação significa expressão da dor, da

emoção, um grito pelos que partiram. Podemos ver nos muros algumas palavras ou frases que mostram um pouco do sentimento de quem escreveu. Muitas vezes vejo pichações dizendo "saudades fulano de tal, nunca esqueceremos" entre outras que às vezes falam de felicidade ou amor a alguém. Muitos por aqui utilizam os muros como bloco de papel onde colocam seus pensamentos e sentimentos. Os artistas daqui ficam no anonimato, a prática de grafite ou pichação ainda é mal vista por muitos que sempre brigam com quem as pratica. É uma luta, alguns moradores incorporam a função repressora do Estado, pintando os muros quando veem algum indício de escrita ou desenho, lembra muito que fizeram com os dizeres do poeta Gentileza, pintados nos pilares da Perimetral, e por ordem do Poder Público, todos coberto com tinta cinza. Até Marisa Monte cantou uma música sobre isso. Por essa razão, normalmente esse tipo de artes acontece na calada da noite. Assim é difícil saber quem faz e porque faz, só percebemos haver um sentido no que se faz, muito intimista. Os artistas que praticam a arte visual deveriam aproveitar o espaço para criar artes que pudessem transpor os muros da favela e mostrar que é mais que um simples rabisco ou palavras vazias colocadas em muros e portões, mas por outro lado, entendo as dificuldades e falta de instrumento para que essas pessoas possam ser mais compreendidas, isso ajudaria a romper as barreiras do preconceito. Os grupos sociais de dentro da Barreira, assim como a nossa sociedade ampliada precisam respeitar as diversidades dos trabalhos, que retratam por vezes sentimentos e são externados em muita plasticidade, sem beleza alguma, dificilmente aceita pela falta de familiaridade, o que causa desconforto e estranhamento dos moradores. Esses artistas anônimos muitas vezes só querem falar a alguém e ninguém os escuta, assim eles deixam suas marcas visuais, pois qualquer pessoa que passe diante de suas obras um dia acabarão olhando e entenderão um pouco da mensagem ali exposta, ou no mínimo provoca certa curiosidade em se saber de quem é a identidade marcada nos muros. [...] Penso que algumas expressões culturais que podem ser encontradas como, por exemplo, as gravações nos muros daqui, os grafites da entrada da Barreira, pintados no muro de entrada, um do Pitbull e outro do moto-táxi. Por outro lado, é possível encontrar por aqui muitos comportamentos que não dá pra conceber como culturais mesmo, como apertar as campainhas e sair correndo, jogar malvina [bombas], que é um tipo de bomba, nos bueiros ou nas casas das pessoas, isso é ruim. Mas as pessoas aproveitam muito o espaço da Barreira, se apropriam do lugar de diversas formas. Em época de férias, crianças e adultos costumam soltar pipa o dia inteiro com os colegas, mas existem aqueles que soltam pipa o ano inteiro. O perfil desses jovens e adultos é o mesmo: abandonam a escola muito cedo, ficam sem o estudo fora das escolas. Começa a trabalhar desde moleque e quando chega a casa e não tem o que fazer se ainda tiver luz do dia pegam suas pipas e vão para a rua só por diversão. A meu ver existem várias formas de realização cultural no local, tudo depende das formas de pertencimento das pessoas, e como exercem suas apropriações com o espaço.

Nos momentos que antecederam o término de nossa entrevista, Barbosa compara a Barreira como a mãe acolhedora, reconhece sua identidade de filho do lugar, tecendo uma comparação admirável, principalmente se considerarmos a emoção vertida em lágrimas que transpunha de seus olhos, como um mar em dia de maré cheia, inundando o ambiente com uma emoção indescritível:

> Mas tenho que admitir, no fundo, minha identidade local é de raiz, sou filho desse lugar, dessa terra, fui gerado no útero desse lugar, nasci... fui parido das entranhas desse barro que me educou e forjou o guerreiro que sou hoje, mesmo com ressalvas quanto a meu próprio pertencimento apenas pelas regras sociais que se colocam, nunca sobre a terra, meu lugar natal. Houve um tempo, quando jovem, que fiquei um pouco afastado daqui, mas mesmo quando tive a oportunidade de sair não o fiz, fiquei fora um tempo e voltei logo depois. O que posso fazer se o local acolhe quem chega e principalmente quem retorna isso é a identidade da Barreira, é mãe, acolhedora de todos nós, de qualquer um que queira seu colo. Tem mão forte, para ensinar, e braço longo para acalentar quem precisa dela, essa terra nos alimenta e fortalece. [...] reconheço que tive inúmeros aprendizados aqui, diariamente aprendemos nas relações que se estabelecem, em vários momentos que o viver aqui propicia, nos fornece lições variadas, a própria existência das pessoas contribui umas para com as outras, minha contribuição para com o espaço é fazer parte dessa corrente, componho a essência que circula nas veias e artérias do organismo vivo dessa nossa Barreira.

Despedimo-nos de Barbosa, com a sensação de que ainda havia muito a ser falado, mas como sua presença se fez constante durante nossa pesquisa, tivemos tempo de entender algumas sutilezas que escaparam ou se ocultaram na entrevista, registradas no caderno de campo e mencionadas nessa seção. A saúde da favela foi assim uma das vertentes que surgiram dessas anotações de campo, onde a colaboradora Morena nos foi indicada por ser Agente Comunitária de Saúde da Barreira. Seguimos então para nossa próxima entrevista, alinhavando as redes de afeto e cuidados como uma das estratégias integrativas locais.

4.3.3 O "Ser Barreira" na produção de afetos e sua rede de cuidados

Morena, a saúde e a rede de comunicação, a estratégia integrativa de inclusão

O encontro com Morena se deu por indicação de nosso colaborador Jocelino, presidente do NEPP – Núcleo Ecológico Pedras Preciosas instituição que atuou no apoio e mediação ao trabalho dos ACS – Agentes Comunitários de Saúde durante os anos de 2015 a 2017, e Morena foi uma dessas profissionais que trabalhou no cadastro, mapeamento e visita aos pacientes, moradores da Barreira, o que nos fez buscar contato com nossa colaboradora. Não foi fácil o encontro para a entrevista.

A princípio com muito receio, nos disse que pensaria se iria participar ou não, mas quando explicamos a natureza de nossa pesquisa, e o sigilo da identidade de nossa entrevistada, a aceitação representou a abertura das portas e adesão de uma colaboradora com experiências prestimosas com cara contribuição para nosso trabalho, como os demais.

No dia marcado, fui à casa de nossa colaboradora, o acesso não foi nada fácil. A casa, muito bem resguardada, situada numa vila de cinco casas, nas imediações da Barreira, a casa de nossa colaboradora era a última, a mais alta de todas. Sentia o ar se esgotando a cada subida de degraus, e o peso da gravidade como a me lembrar da existência concreta daquilo que não vemos a nos atingir. Esgotei-me rapidamente. Tive que fazer uma pausa no meio do caminho, mas todo esforço valeu a pena. O encontro foi caloroso, acolhedor e muito revelador.

Morena nos recebeu com seu sorrido tímido, e olhar perscrutador, como se buscasse em nossas expressões algum segredo não revelado. Finalmente nos sentamos no sofá da sala e iniciamos a entrevista, embalados no silêncio e tranquilidade que o ambiente ofertava. Explicamos mais uma vez nossa pesquisa, o objetivo, o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, procedimento adotado para todos os colaboradores, e demais formulários, informando que poderia desistir a qualquer momento de participar de nossa pesquisa. Como os demais colaboradores, após compreender que nossa pesquisa não tinha a intensão de atravessar assuntos que pontuassem a violência local, mas apenas dirigido à observação da cultura, identidade e saberes da Barreira, nossa colaboradora se sentiu a vontade para contribuir com sua história de vida.

Com quase trinta anos de idade, Morena revela ter nascido no Rio de Janeiro, no Hospital Geral de Bonsucesso, mas revela curiosamente que sua mãe, nascida na Rua A [Conego Boucher Pinto] transversal a Barreira em Honório Gurgel, nasceu em casa, pelas mãos de uma parteira. Morena relata que seu pai Pernambucano, conheceu sua mãe quando veio de Pernambuco para o Rio de Janeiro tentar um emprego melhor. Na ocasião a mãe de Morena trabalhava em uma lanchonete no bairro de Bonsucesso.

Com certa tristeza no olhar, revela que seu pai engravidou sua mãe, não manteve contato com a colaboradora, teve outros filhos com outras parceiras, os quais a colaboradora também não mantém contato. A emoção surge quando Morena fala daquele a quem chama de pai [padrastro] que a criou como filha, dando-lhe atenção e suporte paternos até os dias atuais.

Um brilho de alegria pueril transpassa os olhos de nossa colaboradora quando relembra da infância no bairro de Bento Ribeiro, e de sua aproximação com a Barreira por

conta das visitas que fazia a sua avó materna, as comidas, e a liberdade de crença que sempre estiveram presentes em sua família, e mesmo a história do expurgo de sua bisavó por racismo familiar, experiências que marcaram sua infância:

> Minha infância foi boa, não era daqui, morava no bairro de Bento Ribeiro, entre Madureira e Rocha Miranda, era um bairro bem sossegado, tranquilo, na minha época era um bairro de pessoas mais idosas, então a gente adquiria mais sabedoria. Minhas brincadeiras preferidas eram boneca, amarelinha, adedanha, brincadeiras de pique pega, carrinho de rolimã, a brincadeira era essa, não tinha tanta tecnologia, a rua era nossa principal atração, onde podíamos brincar correr, era tudo muito bom. Na adolescência vim estudar no Colégio Atlas, o que me aproximou mais do bairro de Rocha Miranda, porque minha avó sempre morou aqui em Honório Gurgel, então eu passava por Rocha Miranda para visita-la, estudar aqui só me aproximou mais do que já era familiar na minha vida. Uma lembrança boa da infância que vem sempre quando sinto cheiro de carne assada, nas visitas à minha avó, comia muito a carne assada que minha velha fazia, desfia na boca, gosto muito da carne seca com abóbora que ela faz, mas por conta de meu segmento religioso, professo a fé em religião de matriz africana, não posso comer abóbora que passo mal. Minha velha cozinha muito bem, já me ensinou a fazer a carne assada como ela faz, mas só ela mesmo, sempre fui muito próxima da minha avó materna, graças a Deus nunca houve conflitos de religião na família, todos se respeitam. Minha mãe sempre foi da igreja evangélica, mas hoje não frequenta mais. Quando eu era pequena eu aprendi a seguir a risca os princípios da religião, com meus pais aprendi a honestidade, ser correto, além da educação de respeitar sempre os idosos, minha mãe não tem muito estudo, mas levei pra vida o respeito aos mais velhos, o que também é um preceito religioso. Minha bisavó era da religião de matriz africana, tinha um terreiro no bairro de Vigário Geral, mas depois que ela faleceu, ficou minha tia como zeladora. Ela cuida das coisas, mas espera alguém para abrir novamente. Passei por todas as religiões, minha mãe achava engraçado, não me proibia. Só faltava conhecer a famosa macumba que todos falavam, fiquei apaixonada pela religião, e comecei a estudar, e hoje não me vejo seguindo outra religião. A religião e a espiritualidade vêm para harmonizar a nossa vida, mente, corpo e espírito, a religião não traz bens materiais só o conforto e equilíbrio espiritual. Esse sentimento de respeito aos mais velhos, para mim sempre foi um princípio, e isso me aproximou muito da minha avó materna, era a única que eu tinha por perto, por isso tanto chamego com ela. Ela morava na comunidade da Rua A [Cônego Boucher Pinto], era uma travessa bem perto do posto mesmo, em um quartinho com banheiro, a casa era bem de frente para a fossa, e foi ali que ela criou os onze filhos, e ainda ajudava a cuidar dos netos ainda. Minha avó era de Vigário Geral a família dela era de lá, mas minha bisavó a expulsou de casa porque não aceitava o pai dos filhos dela ser negro, mas o casamento não deu certo. Quando ela separou, começou a trabalhar lavando e passando roupas para quem precisava, às vezes morava de favor, até que ela conseguiu vir para uma casa de aluguel aqui em Honório Gurgel lá na Rua A, depois de certo tempo, os filhos crescidos e trabalhando, e foi onde ela

> conseguiu sair da Rua A e comprar essa casa de vila, aqui na parte melhor da Barreira, que ela chamava de barraquinho dela, e continuou ajudando os filhos. [...] Minha bisavó, mãe da minha avó era nortista, mas não gostava de negros. Hoje na minha vida, ainda percebo esse preconceito entre povos e raças, sinto haver ainda muita discriminação por conta de cor, sei que o nortista também é discriminado quando chega aqui no Rio, mas em geral eles são preconceituosos, parece que ser preconceituoso contra negro é uma resposta ao preconceito que sofrem quando estão em cidade grande como o Rio de Janeiro.

Revelando orgulho de si em sua narrativa, Morena relata como se viu independente aos dezoito anos de idade, tendo atravessado um relacionamento que não deu certo, salvo pela concepção de seu filho, que atualmente divide a guarda com o genitor e com ela. Reconhece como a ruptura do relacionamento a motivou a seguir adiante e conquistar seu emprego atual e concluir sua formação profissional, denotando que a Barreira deu-lhe a oportunidade para o emprego e de sua primeira designação de trabalho, ao que nossa colaboradora chamou de "encontro de almas" entre sua história de vida, o trabalho e a Barreira, inspirando sua atuação na área da saúde:

> Consegui minha independência cedo, sai da casa de meus pais com dezoito anos, fui trabalhar, vim morar perto da minha avó, na casa que foi da minha mãe aqui na Barreira, depois de um tempo, meu atual ex-marido veio morar comigo, ficamos casados por alguns anos, tivemos um filho que hoje tem quatro anos, então já estou aqui há oito anos. Atualmente trabalho como agente de saúde o que me deu motivação para seguir os estudos e fazer curso técnico, penso em fazer faculdade. Depois que me separei, parece que as coisas fluíram melhor na minha vida, já estou quase habilitada para dirigir, continuei meus estudos, estou quase formando em técnica na área da saúde, gosto muito do que faço. O que me inspirou a trabalhar na saúde é uma história bem engraçada. Eu estava saindo daqui da Barreira, indo para o ponto de ônibus, quando vi no poste colado um cartaz de seleção para Agente Comunitário de Saúde [ACS], para trabalhar na clinica da família. Fiz o concurso contra vontade do meu ex-marido, e passei, mas fui estimulada pela minha avó, que quando esteve em Sepetiba, na casa de uma de suas filhas que é minha tia, me falou como o programa da saúde da família de Sepetiba era bom disse que os médicos vão até a casa das pessoas. Quando ela voltou, encantada com o tratamento, disse que queria morar lá e hoje ela mora mesmo lá. Então tentei o concurso, e passei, fui trabalhar com algo que eu admirava, trabalho há dois anos e meio como ACS, frequento a casa das pessoas, preencho formulários que indicam a situação sanitária local e a condição das famílias, e o primeiro lugar que tive a sorte de ser designada, foi aqui na Barreira, foi um encontro de alma mesmo.

No entanto, reconhecer esse "encontro de almas" não foi um sentimento imediato, mas assimilado ao longo de um processo que envolveu desmistificar um lugar que a colaboradora acreditava ser perigoso por conta da imagem que muitos projetavam do lugar, alimentado pelo

desconhecimento do que de fato seria a Favela da Barreira, elementos que apontados pela colaboradora fomentavam seu próprio medo com relação ao espaço, o que foi desconstruído quando nossa narradora relata ter se desafiado a (re)conhecer o lugar, quando percebeu tratar-se de um lugar acolhedor, diferente da imagem que tinha. O trabalho aproximou forneceu apropriação, formas de pertencimento e identidade tecidas entre a colaboradora e sua interação com o lugar:

> A possibilidade a princípio de trabalhar na Barreira deu um pouco de preocupação, mas porque eu mantinha uma imagem da favela porque eu desconhecia o lugar, mesmo morando aqui, na entrada da Barreira, eu não conhecia o lugar e confesso que tinha medo, porque o lugar não é bonito, acho que isso deu medo. [...] A Barreira é maculada pelo mito da violência, e pesa ainda a questão da visão marginalizada que os moradores do bairro e do entorno da favela têm, alguns moradores da própria Barreira também guardam esse preconceito, é só pensar que morador de um lado não frequenta o outro, isso pode ser por preconceito. Antes de vir trabalhar aqui, eu acreditava que fosse encontrar um cenário horroroso, tinha muito medo, mas percebi que a Barreira vive no mito da violência, pelo menos não percebi nada que indicasse que aqui é um lugar muito perigoso, sabemos de alguns perigos que são invisíveis, não está à vista, o que imprime a imagem de um lugar calmo. [...] Mas quando se conhece as pessoas, que sempre nos recebe bem, algumas com sorriso no rosto, sempre tem algo a dar de comer, ou beber, trata muito bem o agente de saúde, mas acho que esse tratamento é extensivo a todos, geral mesmo, as pessoas são boas demais e simples, isso torna o lugar agradável e familiar. Então trabalhar na Barreira me fez entender que a favela da Barreira não era aquele bicho que pintavam para mim foi uma grande realização, porque me encontrei no espaço. O que quero fazer, descobri muitas coisas, inclusive que mesmo morando dentro de uma comunidade como essa aqui, nada sabemos do lugar, e mesmo sem querer somos preconceituosos, isso me fez mudar muito. Nem sabia por exemplo que aqui é cadastrado como Barreira do Juca, pra mim e para todos que converso ao longo dos anos, sempre conhecemos esse lugar como Barreira de Rocha Miranda ou Barreirinha de Rocha Miranda, como é pintado nas paredes (BRM), até o morador mais antigo nem sabe que esse lugar tá cadastrado como Barreira do Juca. Dizem que o tal do Juca foi o camarada que vendeu os lotes por aqui, na área da barreira, mas não sei quem é, só ouvi falar. [...] Trabalhar na Barreira me transformou, porque fiquei mais sociável, antes eu passava e não falava com ninguém, hoje as pessoas falam comigo onde eu estiver, houve uma transformação pessoal e profissional que se operou em mim graças a minha proximidade com a Barreira. Essa experiência tem me estimulado a seguir adiante, e obter formação na área da saúde eu penso até em fazer a faculdade, gosto de cuidar de pessoas. Eu aprendi muito com o trabalho aqui na Barreira, a gente não tem noção do quanto as pessoas daqui são vulneráveis no olhar social, vezes as pessoas que moram fora daqui da Barreira, mesmo moradores de perto na Rua dos Diamantes por exemplo, que é entrada daqui da Barreira, externavam um sentimento pesado contra a favela, de nojo, de repulsa das pessoas e do lugar, foi então que fui percebendo a vulnerabilidade das pessoas e do lugar. Consegui crescer

> muito como pessoa, e estruturar conhecimentos na área da saúde, porque comecei a entender e associar algumas doenças ao meio de vida da pessoa, à idade, à genética e isso não está nos livros ou na educação que recebemos na escola que forma o profissional da saúde. Muito do que aprendi, foi na observação e na prática do meu dia a dia na favela da Barreira, e isso me ajuda até hoje, a Barreira para mim, foi a minha escola de saúde e de vida. [...] A Barreira foi o lugar que me acolheu, eu tinha medo, mas acho que porque o lugar era feio mesmo, querendo ou não a parte visual e estética do lugar fala muito, dá mais confiança, eu achava aqui muito esquisito, feio, no entanto foi aqui que fui acolhida, o lugar continua feio, mas agora que conheço bem, a visão que tenho hoje da Barreira é que ali é uma grande família, todos se conhecem, um é parente do outro, mesmo distante, todos se ajudam.

No entanto, como relata nossa colaboradora, tudo isso foi parte de um processo de desconstrução de seu próprio medo, da percepção de valores praticados dentro da favela consolidados pelo acolhimento com que foi recebida, e a confiança demonstrada pelos moradores no trabalho dos agentes de saúde na região. Tudo isso fez com que nossa colaboradora percebesse a existência de uma espécie de rede interna de proteção, configurando o espaço externo como o lugar do perigo, e contraditoriamente, para os moradores fora do ambiente da favela, entendiam a Barreira como o verdadeiro lugar de perigo. Todos esses elementos faziam emergir uma identidade própria tecida pelas características e precariedades locais, que por vezes escamoteia a condição de favela do próprio espaço:

> Os valores dos moradores daqui da favela são bem diferentes daqueles que moram em lugares externos, fora da favela, por exemplo: aqui tem sempre acolhimento, os moradores nem sabe o que é isso, praticam acolhimento naturalmente sem saber. Quando chegamos e chamamos, somos recebidos mesmo que seja com água, às vezes até sem filtrar, com frutas, com biscoito, tem sempre algo que representa um agradecimento de estarmos ali, um sorriso, uma conversa, uma palavra de incentivo, eles tem tudo isso, mas é incrível porque conseguem ser assim sem o menor recurso, digo isso da parte menos favorecida da Barreira, que fica no Beco. Mas o curioso é que até as pessoas do lado mais favorecido, na Encosta, recebem muito bem os agentes de saúde. Quando estamos fora da comunidade, nas ruas do entorno da comunidade, temos muita dificuldade de sermos recebidos, e quando somos recebidos, tem pessoas que nos tratam muito mal, mesmo morando em casas boas, sem as carências que presenciamos na favela, tem um tratamento ruim conosco. Isso indica que a favela confia no que fazemos, mas as pessoas fora da favela não querem sequer entender ou ajudar o trabalho, o medo, receio, faz com que as pessoas não queiram receber ninguém nos ambientes fora da favela onde trabalhamos. As pessoas tem receio de abrir a porta das casas, de deixar entrar, querem afastamento, enquanto na favela os moradores buscam aproximação, é uma contradição gritante. A favela exalta o

> trabalho do Agente Comunitário de Saúde, às vezes dizem que a doutora chegou, mesmo sabendo que não sou médica, eles tratam muito bem, na cabeça do morador acredito que eles acham que a favela é um espaço mais seguro do que fora dela, alguns moradores me falam isso, que não saem daqui porque se sentem seguros aqui, e para ser bem sincera, eu me sentia mais segura quando trabalhava dentro da comunidade, hoje estou lotada no posto, mas quando preciso sair para visitar pacientes que não seja em comunidade, não levo celular nem carteira, pego a pasta e os papéis que preciso entregar um caderninho e a caneta. E o engraçado na minha história é que trabalhar na Barreira foi obra do acaso. Eu tinha medo, de trabalhar perto, tinha vergonha de abordar as pessoas, achava que não seria bem recebida. Mas meu chefe imediato achou que meu perfil seria melhor para trabalhar lá, sou simples, e por uma questão de estratégia de segurança, colocar um morador para trabalhar lá seria interessante. Isso me ajudou muito a ter uma releitura do espaço, eu achava que a Barreira era um lugar feio, mas que não era favela, porque ninguém via o movimento que existe em outras favelas, então a primeira vista parecia só um lugar ruim, com casas que faltava embolso muros mal acabados, eu acreditava que as pessoas dali tinham só o desejo e orgulho de dizer que eram favelados, porque a Barreira estava muito longe de parecer favela, acho que isso é um diferencial desse lugar. Mas depois que comecei a trabalhar aqui, vi que realmente é uma favela, casas sem esgoto, sem saneamento básico, sem água, uma pobreza abaixo do mínimo necessário para vida, às pessoas são vulneráveis, tem um comportamento fruto de questões culturais, precisam de auxilio e serviços públicos que muitas vezes não chegam por conta de ser favela. Acredito que algumas pessoas não veem a Barreira como uma favela, porque é uma rua comum, sem saída, desconhecem o espaço, não tem como instalar, a princípio estratégias criminais que circulam em outras favelas, mas quando se conhece melhor o espaço, se percebe que é mesmo favela.

Pensando nos valores que Morena indica como sendo diferentes entre aqueles adotados pelos moradores da Barreira, ela menciona o bairro de Bento Ribeiro, o qual passou parte de sua infância e adolescência, externando como se sente segura na Barreira. Em dado momento de sua fala, Morena percebe que precisou passar pelo concurso de ACS para ser lotada na Barreira para só então se aproximar e conhecer melhor o lugar:

> Pensar nas diferenças em como é morar aqui e como era morar em Bento Ribeiro, posso dizer que era outra realidade, as pessoas achavam que eu era classe média, o bairro é bom, mas não me sentia alguém da classe média, embora não tivesse a mínima noção do que era a vida do pobre na favela, achava que sabia, mas percebi que não sabia de nada, eu tinha medo e vergonha. Hoje, não tenho problema de dizer que moro na Barreira, aqui não sou assaltada, pago luz porque tenho cadastro único, tudo meu é certinho e me sinto segura, canso de dormir com a casa aberta, moro sozinha, e aqui nunca aconteceu nada, me sinto segura. Já em Bento Ribeiro, essa segurança não existe, as pessoas precisam cercar suas casas, colocar grades, várias trancas, mas

> não adianta, o bairro é muito visado e por isso ocorrem inúmeros assaltos. Minha mãe foi assaltada quatro vezes em um mês, meu irmão assaltado num domingo, as casas foram roubadas, mas aqui me sinto mais segura, isso não acontece. Então, a favela é mais segura do que os centros urbanos ou bairros mais nobres, não sairia daqui, mesmo que tivesse condição, porque aqui me dá uma segurança que sei não ter em outros lugares. E com isso, a gente acaba percebendo outras diferenças entre a favela e as áreas fora da favela, no subúrbio. Os valores são diferentes, quando morava em Bento Ribeiro as pessoas só eram cordatas quando os vizinhos de lá queriam alguma coisa, tudo funcionava na base do interesse, depois as pessoas passavam e nem falavam, sequer cumprimentavam. Mas aqui as pessoas são sempre solícitas, muito simpáticas, e sempre acolhedoras, independente de precisarem ou não, quando ocorre algum incidente com alguém, todos se reúnem para ajudar e socorrer, ajuda nas obras das casas, nas mudanças, a palavra de ordem aqui é ajuda, por isso acredito que a Barreira se resume em solidariedade. É claro, que como em todo lugar, tem o grupo mais elite, que também ajudam. Minha porta de entrada para trabalhar aqui na Barreira foi por meio do NEPP, o Jocelino [nosso colaborador] ajudou muito a entrar e trabalhar na comunidade. Que coisa curiosa, pensando bem, precisei sair daqui, fazer um concurso que me jogasse aqui de volta para que eu conhecesse melhor o meu próprio lugar. Sempre fui tímida, alguns me achavam metida, besta, mas não era nada disso. Hoje sou a menina Barreira SUS, como os moradores me chamam quem precisa de orientação sempre vem aqui em casa, e tendo informação eu passo e ajudo. A dinâmica social aqui é essa, todos se ajudam inclusive quem trabalha aqui. Uso muito o moto-táxi da esquina, tenho até conta [fiado], quando não tenho dinheiro consigo pagar depois, a rapaziada já me conhece e até confiam , deixam que pague a corrida depois, aliás, aqui tem muito disso, o caderninho do fiado, porque tem confiança. As pessoas compram fiado na loja de material de construção, na quitanda, tem caderninho do fiado em vários lugares. A rapaziada me chama de Agente de Saúde do Moto-táxi, essa acaba sendo minha identidade, [...] o moto-táxi é primordial para meu trabalho. Se aparecer um SISREG, que é sistema de regulação de consultas e exames, eu tenho que ir correndo informar ao morador da consulta marcada ou exame, por isso a mobilidade do moto-táxi ajuda muito, e isso tem funcionado bem aqui na comunidade. Hoje tem uma pessoa específica, para cuidar da regulação. As vagas de exames e consultas que demoravam em média seis meses têm saído em dois ou três dias, isso é maravilhoso.

Seguindo nossa entrevista, Morena revela alguns preconceitos externos, no reconhecimento da Barreira como favela e a divisão interna do espaço comparando a reprodução de divisão do próprio Bairro de Rocha Miranda entre o lado que situa a Estrada do Sapê, como o lado elegante do bairro, e o lado que situa a Rua dos Diamantes, onde a Barreira e outras favelas estão localizadas, preconceitos geridos na ordem interna e externa da favela, lógica que implicou na divisão ou fragmentação da atenção a saúde básica do local:

Quando se conhece a Barreira, se entende inclusive a divisão do espaço. Quem não conhece o lugar não percebe. A Barreira reproduz muito a divisão do bairro Rocha Miranda, quando pensamos no lado de cá [da Rua dos Diamantes], e do outro lado [a Estrada do Sapê], que é mais residencial e tem menos favelas, percebemos que é um bairro dividido, entre o lado mais bonito e calmo com casas bonitas. É a elite que está no Sapê, e o nosso lado aqui da Rua Diamantes, mais movimentado com comércio, com favelas, e as mazelas, o lado mais prejudicado do bairro, mas o melhor pra se viver porque é o lado mais movimentado, a Barreira reflete essa divisão de lado mais elite e outro mais pobre. Tem muito preconceito nessa divisão, por exemplo, minha ex-sogra jamais diz que eu moro na Barreira, ela também tem pavor do bairro Honório Gurgel, ela prefere dizer às pessoas que eu moro no Bairro de Rocha Miranda, ela nunca vai dizer que eu moro numa comunidade, então existe ainda um preconceito grande contra as pessoas que são de comunidade, e os bairros que refletem ou tem a cara da comunidade como Honório Gurgel, por exemplo. As pessoas de fora não entendem, até quem mora dentro do conglomerado, nas ruas adjacentes tem preconceito contra a Barreira, culpam a Barreira por tudo de ruim que acontece na redondeza, algumas pessoas torcem o nariz quando ouve o nome da Barreira, e quando digo que moro aqui então, já ouvi gente falando: "mas você é tão legal, bonita, porque mora num lugar ruim daqueles? Sai logo de lá". Acho que a questão histórica e social das favelas influencia na percepção do lugar e das pessoas, que se deixam levar pelo que falam de favela, mas não querem se aproximar do espaço, porque preferem marginalizar mesmo. É mais fácil acreditar em rumores do que ter o trabalho de enfrentar a realidade e entender o lugar e sua gente. É tudo muito dividido entre o bem e o mal, nessa lógica, claro que a Barreira sempre será o mal, as estratégias de saúde mesmo, refletem a divisão do bairro e da Barreira, por exemplo, o Programa Saúde da Família dividiu a Barreira para dar atendimento, de forma que do número 1 ao 50 por exemplo, que é a parte do Beco, foi direcionada para a Clinica da comunidade do Jorge Turco, e isso traz certos atravessamentos que sabemos bem, é problemático. A parte da Encosta, foi direcionada para ser atendida na Clinica da Família do Carmela Dutra, na Av. dos Italianos, fora do cenário das comunidades. Então, como pensar em dividir uma favela com o argumento de melhor o acesso a saúde? Será que não pensam que dividindo o acesso, se fragmenta o entendimento do quadro epidemiológico da favela. Então, a própria Política Pública de Saúde, dividiu o acesso, e com isso reforça a divisão territorial e de identidades também, é a primazia da fragmentação da saúde de uma comunidade, que já se organiza cindida, apartada de si mesma. Mas isso é jogada política, porque certa vereadora daqui da área que prometeu entregar duas clinicas da família, e para isso, teve que articular a divisão da Barreira para que pudesse ter quórum de atendimento em ambas às clinicas, a mudança não foi pensando no quadro epidemiológico, mas no geral a comunidade está sendo bem atendida. [...] Se tivesse que entregar marcação de consulta do SUS, para um morador do número 20, o morador lá do número 40 deixava recado e entregava para a pessoa a consulta. Não tive dificuldade nenhuma em trabalhar aqui, só a distância do posto de saúde até aqui, só o medo do local, mas isso era coisa minha mesmo, porque sempre fui respeitada aqui, e atendemos a todos.

Morena seguiu seu relato, revelando como no seu entendimento, a Favela da Barreira foi a sua escola de vida e profissão, consolidando seus conhecimentos na área da saúde, e a alegria de sentir no acolhimento local a retribuição de seu trabalho, na troca de histórias em prol do cuidado à saúde na resolução de carências básicas sanitárias, apontando uma cultura movida pela solidariedade e divisão até mesmo de vínculos afetivos de moradores, que são transformados em vínculos familiares, conferindo tons vertidos nas narrativas dos nossos colaboradores que entendem a Barreira como a grande família:

> Aprendi muito saúde também aqui na Barreira, a pediculose [piolho], se prolifera onde tem criança e sujeira, mofo e umidade. Estão relacionados a doenças de pele além das respiratórias, observo obstrução nas vias aéreas, e quando vou à casa do morador vejo uma casa úmida, pouco arejada, com telha de amianto, casa sem ventilação, sem espaço entre uma casa e outra. Essas relações me ajudaram a consolidar um conhecimento, no meu trabalho e na minha formação. [...] A comunidade daqui era muito carente de atendimento precisava muito de meios que viabilizasse o acesso a saúde, busquei trazer essa ajuda, de acesso, pessoas que estavam muito tempo sem ir ao médico, mesmo achando que não tinham nada, fizeram a prevenção com exames de rotina, ou descobriram ter doenças graças a esse trabalho, mas ainda acho que é pouco, embora eu reconheça que o trabalho que fizemos viabilizou o acesso dos moradores daqui ao SUS [Sistema Único de Saúde]. [...] A Barreira em si significa muito para seus moradores, apesar das dificuldades sanitárias e ambientais. Identifico certa vulnerabilidade, doenças relacionadas à falta de higiene, sarna, verminose, micose, tudo por falta de higienização, DST, mulheres que se envolvem com vários parceiros e contraem a doença, muitas não sabiam que tinham contraído a doença, reclamavam de dores abdominais, na vagina, de corrimento, mas naturalizavam muito, achavam normais. A informação, levar esclarecimento, possibilitou o acesso à saúde, a maioria de moradores que não tinham nenhum acompanhamento. Mulheres com mais de dez anos sem ir ao ginecologista, após o parto não iam mais ao médico. Agora acompanhadas na saúde, hipertensão controlada, DST curada, o papel da saúde está sendo feito, mesmo que de forma gradativa. Têm questões burocráticas, o cadastro dos moradores, requer comprovante de residência para possibilitar o acesso à saúde, mas nem todo mundo consegue, nesse sentido, a associação [NEPP] tem ajudado, dando a declaração de que o sujeito mora aqui. O acesso está mais ampliado, algumas pessoas não vão a Clinica da Família pela distância, mas no geral, aderiram bem ao programa de saúde da família, até as crianças. Com as crianças, eu brincava e explicava, tinha um panfleto com ilustração, e eu dizia: “tem que tomar banho, lavar as mãos sempre, escovar os dentes” ensinei hábitos de higiene básica, e as crianças acabam ensinando as outras. [...] Graças a Barreira, consegui me encontrar, orientar a vida e me entender como ser humano e como profissional. Estava perdida, fazia coisas que não gostava, mas na saúde, você ouve, acolhe, leva carinho aos outros, informação, sem contar o acolhimento, como sou recebida bem. Adoro bolo e café, então os moradores tem prazer em compartilhar o que eles têm sentar um momento, tomar um café, com pedaço de bolo, é uma forma de

> retribuição que eles nos dão. Até manga, eu cheguei a ganhar, então trabalhando na favela, eles repartem a comida como se dividissem a própria vida, a sua história, acabo ganhando um salário emocional, e isso não tem preço. A vida faz com que tudo seja tão corrido, mas quando chego, percebo que os moradores, idosos principalmente, se sentem bem apenas pelo fato de serem ouvidos, dizem às vezes que não tem nada, só uma dorzinha na perna, mas as vezes é um problema grave de circulação, mas ficam felizes só porque são ouvidos. Então, nesse aspecto meu trabalho de saúde se sustenta com a história que os moradores contam para que possa entender o quadro clinico e sanitário, é assim que conseguimos desenhar o atendimento clinico que precisam. Mas nossa Barreira tem um desenho cultural baseado na solidariedade, os moradores podem não ter nada, mas dividem o pouco que tem, compartilham tudo que você pode imaginar roupa, sapato, comida, repartem tudo, até filho, uns cuidam do filho dos outros. Quando fiz o levantamento, ficou até difícil porque a criança reconhecia a pessoa como mãe, quando na verdade não dava para discriminar o grau de parentesco porque um acolhe o outro a ponto de não dá pra identificar, mas é tudo da família mesmo. Essa dinâmica caracteriza a Barreira como uma família grande mesmo. Os moradores compartilham o que tem, e geralmente é algo de comer, é como se retribuísse, como se partilhassem um pouco da vida. Tem também a cultura da festa todos são bem festivos, tem blocos quando o Flamengo joga e ganha com batuque de panelas pela rua, a celebração é sempre presente aqui. Comer é cercado de significados, sentar e comer, lanchar, comer junto, está sempre ligado à comida sim. Os moradores acolhem demonstrando na divisão da comida, acho que é o sagrado para eles, percebo que a comida traz um sentimento de afeição, de acolhimento, pertencimento. Sempre sou recebida com algum petisco, seja café, bolo, biscoito, fruta, até água quando não tem nada que possam dar, mas sempre encontram algo a oferecer, embora não seja necessário, mas aceito porque se recusar eles acham que estou fazendo desfeita.

Nossa colaboradora encerra a entrevista com algumas lágrimas nos olhos, visivelmente emocionada após ter compartilhado conosco a trajetória de sua própria história de vida, mencionando o sentimento de orgulho que marca a superação das dificuldades, o sentido sobre o trabalho realizado e a oportunidade de descobrir uma Barreira que lhe promove constantemente conhecimento, a ponto de (re)significar sua própria existência, descrevendo a Barreira como um lugar de produção do conhecimento:

> Orgulho. Esse é o sentimento que define o trabalho realizado. Participar desse acesso, levar a noticia as pessoas que não tinham atendimento médico de que sua consulta ou exames estão marcados para os próximos dias. Hoje quando saio de casa, percebo mais a Barreira, sem medo, sem preconceito, é outro olhar propiciado pela minha própria vivência. A Barreira representa uma escola, o lugar que me acolheu por isso é um lugar que merece ser respeitado, porque tem muita dignidade e respeito por aqui. O que está a minha volta toma

> vida hoje. Percebo nos muros alguns grafites, no ponto da barraca do Pitbull [nosso colaborador] e do Moto-táxi tem grafite. E também as inscrições nos muros, homenagens que fazem para quem morreu. Não critico essa prática, pode até ser arte, eu escrevia na parede do meu quarto quando era adolescente, foi até motivo de castigo. Escrever na rua é como se fosse à extensão de um grande quadro branco, os muros são os papéis da favela, onde os pichadores podem desabafar. Compreendo isso como arte, são artistas de rua, não adianta recriminar, tem que aproveitar o talento, deveria ter um espaço próprio, uma ação social para incentivar o artista de rua. Tem grafiteiro aqui, mas não temos muitos grafites na favela, valorizar essas pessoas, ajuda no aspecto de saúde também, é forma de inclusão, as produções significam muito para quem faz. [...]Em todos esses anos que conheço a Barreira, hoje digo que é possível esse lugar produzir conhecimento, para mim produziu, mas acredito que contribui de diversas formas, e minha retribuição reconheço não foi tão grandiosa perto do que ganhei aqui. Sempre que posso, ainda esclareço a comunidade, dando informações de higiene e saúde pessoal, marco consultas quando precisam, enfim, faço o que posso. Minha vida hoje se resume em trazer a saúde para os moradores da Barreira, e isso significou muito para mim por vários motivos. Primeiro, porque consegui encontrar meu destino, me sentia perdida, e a Barreira proporcionou esse encontro, foi minha escola e me acolheu e ensina até hoje os caminhos que preciso percorrer para conseguir ser uma boa profissional na saúde, compreendo o que é ouvir e acolher, *quando vou à casa de um paciente aprendo muito,* todos os dias a partir das histórias de vida e do cotidiano dos moradores relatado por eles mesmos.

Morena encerra nossa entrevista reafirmando seu orgulho em representar o acesso à saúde e a sua noção de que a saúde é muito mais um direito do que um serviço, externa como vem trabalhando para que os moradores desenvolvam o sentimento de estarem sendo acolhidos pela saúde da família, da mesma forma como os profissionais ACS são cotidianamente acolhidos pela Barreira, *"o processo é lento, mas aos poucos estamos conseguindo incluir os moradores no sistema de saúde da família, e com isso, as visitas médicas serão constantes, não representa só um serviço, mas um ato de amor e é disso que precisamos isso tudo representa minha história de vida, a Barreira deu significado a minha existência".* A despedida é reiterada pela gratidão de nossa entrevistada ao espaço, e após uma confidência de nossa colaboradora pude realmente compreender a profundidade de suas palavras, e como a Barreira trouxe direção e sentido à sua existência.

4.3.4 O sonho de (des)morar da favela
Aparecida e o (des)amor local

O encontro com Aparecida desvelou o sentido visceral que a favela exerce na vida dos moradores, delineando a organização cognitiva e a compreensão de mundo. Ela quem demonstrou o elemento comum nas narrativas, a que entendemos por chamar de elemento biodiscursivo.

Numa tarde de muito calor encontrei nossa colaboradora, após percorrer um trajeto causticante, entre corredores e degraus, subimos uma escada dotada de inúmeros degraus desiguais e desformes, fazendo-nos observar degraus altos e estreitos, que nos fizeram subir de lado, revelando de plano as diferenças esculpidas no espaço, replicando os acessos da favela. A chegada à casa de Aparecida se mostrou um verdadeiro exercício de superação física.

Para nossa surpresa, Aparecida já estava de prontidão na entrada de sua residência aguardando nossa chegada, percebemos tamanha ansiedade da colaboradora em compartilhar conosco sua própria história.

Cada entrevista nos desvelou muito mais que dados, mas realidades sentidas, organizadas, vertidas na vivência do entrevistado. Com Aparecida, essa dinâmica assumiu o curso de nossa própria pesquisa, conduzindo ao achado biodiscursivo.

Assim que fomos recebidos no portão, no topo da escadaria, adentramos na cozinha, visto que a arquitetura do imóvel consiste na porta de entrada da casa no patamar da escada pela cozinha, que mantinha, além do mobiliário tradicional, uma mesa arrumada com esmero, com farto lanche dispostos, entre bolos, biscoitos, sanduíches, uma garrafa térmica de café, uma caixa de suco de maçã e... uma coca cola, a grande responsável por nosso achado.

Imediatamente nossa colaboradora nos convida a sentar à mesa, para que a entrevista possa ser realizada juntamente com o lanche que estava a servir. Confesso que não conseguia vislumbrar como conciliaríamos comer e falar, mas entendi que a proposta de nossa colaboradora consistia em dar-lhe certa tranquilidade ao ato. Logo, percebi que era uma ritualística própria de nossa entrevistada, quando ela mesma revelou que *"só consegue conversar lanchando porque deixa a conversa mais agradável"*, uma negociação que tive de alinhavar a entrevista, e graças a isso, tudo aconteceu.

Começamos então a observar bem nossa colaboradora enquanto nos servia o lanche: uma mulher direta no trato com as pessoas, externando a força certamente gerada na trajetória de sua própria história. Mulher de pele branca, olhos cor de mel, cabelos longos, tingidos

cuidadosamente de loiro, talvez uma tentativa de reconciliar o tempo e as lutas que lhe cobrava com insistentes fios brancos.

A mão direita de nossa colaboradora assinalava grupos de pequenas cicatrizes, sinais que segundo nossa entrevistada teria sido resultando de uma queimadura com água quente, provocado por um acidente doméstico ocorrido há três décadas. Isso nos fez perceber de certa forma o quanto Zumthor (2016, p. 27) estaria certo, o corpo de fato retrata as marcas da vida, do tempo, "*materializando tudo aquilo que é próprio de si mesmo"*, marcas indeléveis que contam histórias de vida.

Com seus sessenta e quatro anos de idade, aparentando bem menos, seu tom jovial e brincalhão acompanhou todo o deslinde de nossa entrevista, e foi exatamente essa característica que nos encaminhou a compreensão de como aquilo que se sente pode ser externado em tom satírico, sendo extremamente revelador dos elementos que constrói e integram a organização cognitiva e sensorial, de como um lugar pode ser o fio condutor dessas "construções de si".

Com muita tranquilidade, nossa colaboradora nos serviu um copo de refrigerante, e alguns biscoitos que aceitei demonstrando ratificar o pacto na ritualística ofertada pelo pequeno banquete, e assim começamos a entrevista.

A entrevista seguia, com Aparecida revelando sua infância cercada de muitas dificuldades, sendo fruto de mãe solteira que lhe deu a luz aos quinze anos de idade, criada por sua tia avó, a quem chamava carinhosamente de vovó, e outros membros da família, entre tias, tios e primos, revelando como sempre sentiu a ausência de sua mãe que para ajudar no seu sustento, teve que trabalhar desde muito cedo em casa de família realizando serviços, como empregada doméstica.

Quando nossa colaboradora revela o decurso de mais de duas décadas do falecimento, percebi o lampejo de dor, ressentimento e saudade externado pelos olhos marejados, mais uma armadilha do tempo e da memória. Entre pausas impostas por lágrimas insistentes, lembrou como sua mãe teria sido socorrida de uma suposta crise de estômago, a gravidez não era um fato conhecido pela família, o que fez com que sua tia avó que lhe criou improvisasse uma vestimenta de chita [tecido barato] para que pudesse servir como primeiras vestes do então bebê inesperado e recém-nascido, privações que seguiram por toda sua criação, inclusive na falta de brinquedos e de uma infância sem brincadeiras, marcada pela ajuda a sua tia avó, nos trabalhos para manter o sustento da casa, o que contribuiu para fortalecer as defesas de nossa colaboradora desde sua tenra idade.

> Sou carioca, nasci no bairro de Cavalcante, na zona norte do Rio de Janeiro, tenho 64 anos, sou aposentada, graças a Deus. Quando fiz 60 anos, fui no posto do INSS em Irajá e aposentei na hora, aquilo pra mim foi a realização de uma vida. Mas até chegar aqui passei por muita coisa. Fui filha de mãe solteira, criada pela tia avó da minha mãe [a quem ela chama de vovó] e pela irmã da minha mãe [a quem chama de titia]. Nunca conheci meu pai, mas soube que era um português de posses, mas era casado não podia me registrar ou reconhecer como filha. Quando nasci, minha mãe tinha 15 anos de idade, e ninguém da família sabia que ela estava grávida. Foi para o hospital passando mal, todos pensando que era devido ao estomago, mas era só eu chegando nesse mundo. Não tinha roupa nem nada. Quando vovó soube, correu em casa, costurou um vestidinho de chita [tecido barato], e levou para que eu pudesse sair do hospital. Minha tia dizia que minha mãe tinha me dado para uma médica do hospital, mas minha avó não deixou e me pegou e levou para casa. Minha vida sempre foi assim, cercada de dificuldade. Na infância eu não tinha brinquedo, o único que eu tinha era uma boneca de plástico que eu peguei num ano que deram doce com brinquedos, no dia de São Cosme e Damião. Minha mãe foi trabalhar em casa de família para ajudar a me sustentar, enquanto vovó e minha tia me criaram. Minha avó teve dois filhos, que morreram quando criança, mas cuidou de 24 sobrinhos, a casa era sempre cheia. Morávamos todos juntos, eu, minha tia, minha avó, um tio que ajudava no aluguel da casa, com a esposa e três filhos, e muitos sobrinhos de minha avó que ela criou. Ela era uma mulher de fibra, lavava roupa para marinha para colocar comida na mesa. Ela contava que foi laçada na mata, em Angra dos Reis, a pele dela era vermelha, linda, com cabelos escorridos, lembrava o povo índio que ela dizia ter descendência. Eu sempre fui uma criança arteira, ajudava a levar as trouxas de roupas que minha avó lavava, já limpas para os clientes dela, lá de Cavalcante, mas nunca aturei desaforo. Quando os meninos queriam mexer comigo, eu jogava a trouxa de roupa no chão e ia brigar com eles.

Nossa entrevistada reconhece ter sido uma criança sem tolerância para com as brincadeiras dos outros na rua, e como ela mesma menciona sem muito gosto pelo estudo, mas sempre muito dedicada ao trabalho, tendo conseguido o primeiro emprego como aprendiz aos 13 anos de idade no bairro da Penha. No bairro onde nasceu em Cavalcante, conheceu seu marido, aos 17 anos, mas por pressão de sua família, casou-se aos 18, e nossa entrevistada comenta, nas entrelinhas de nossa entrevista, o medo que a família mantinha dela seguir o mesmo caminho de sua mãe, dando a luz a uma criança fora de uma união regular. O casamento significou a dedicação integral a família e sua renúncia do trabalho, que tanto gostava. Relembra como nas vésperas do casamento, seu marido lhe pediu para que saísse do emprego para dedicar-se aos preparativos do casamento, ficando fora do mercado de trabalho por quase duas décadas.

> Sei que dei trabalho, mas fui uma criança boa, mas não gostava muito de estudar [entre risos confessa que ainda não gosta]. Até completar a 4ª série primária, ainda na infância, eu passei por seis escolas, fui expulsa de todas. Até que parei os estudos para trabalhar quando eu tinha de 13 para 14 anos. Continuei no supletivo depois de adulta, mas nessa época eu já tinha 50 anos, procurei novamente a escola quando fiquei desempregada, e parei novamente na 7ª série do primeiro grau, quando consegui um emprego de rodoviária no ano de 2003, e foi nesse emprego que consegui me aposentar, mas continuo trabalhando até hoje não por necessidade, mas porque gosto muito de lá e das pessoas. Conheci meu marido [falecido] quando eu tinha 17 anos. Eu trabalhava no meu primeiro emprego, na fábrica de roupas intimas no bairro da Penha, era assistente de produção. Minha tia conseguiu esse emprego pra mim, comecei lá eu tinha de 13 para 14 anos. O salário ajudava em casa a minha avó, todos que trabalhavam ajudavam em casa, meu salário era todo da minha avó. Nesse tempo, conheci meu marido em Cavalcante mesmo, ele morava com a irmã quase em frente a minha casa. Eu era amiga do irmão dele, e foi assim que o conheci e comecei a namorar em casa. Meu marido, na época namorado, pediu para que eu saísse do meu emprego para me dedicar aos preparativos do casamento, que aconteceu no dia 31 de setembro de 1972, na igreja de São Pedro no bairro de Cavalcante mesmo, onde nascemos e fomos criados. Permanecemos perto dos nossos familiares em Cavalcante, morando em um apartamento de aluguel. O proprietário era muito compreensivo, e nos ajudou muito. Éramos um casal novo, eu tinha 18 anos e ele 23, mas aproveitamos muito nossa vida de casado. Ele trabalhava com artes gráficas e jornalismo, ganhava bem, eu tinha de tudo e nossa casa era muito confortável. Não engravidei com facilidade, mas parecia uma continuidade ter um filho, por isso fiz um longo tratamento e depois de 3 anos, consegui engravidar da minha única filha, que nasceu em 1975. Foram tempos de altos e baixos, e após três anos do nascimento dela, ele ficou desempregado. O proprietário que alugou nosso apartamento entendeu e esperou até que meu marido se empregasse novamente, tivemos muito apoio, minha avó ajudava com frutas para minha filha que era bebê, dividia o que tinha. Graças a Deus, ele conseguiu se empregar, sempre ganhou bem, e no primeiro mês de salário conseguiu acertar o aluguel e a conta do fiado da quitanda. Nossa vida sempre foi muito boa, fiquei 18 anos sem trabalhar, mas quando fiz 36 anos, tive que voltar ao mercado de trabalho pela necessidade mesmo, e não sai mais, me aposentei, mas continuo trabalhando, a mente não pode parar. Muita coisa aconteceu que me fez não ter alternativa do que voltar ao mercado de trabalhado, mesmo com nenhuma experiência e com quase 40 anos de idade, e quase vinte fora do mercado. Quando casei meu marido não quis mais que eu trabalhasse fora.

Mais uma vez, com olhos marejados, nossa colaboradora relembra o marco que a fez retornar ao mercado de trabalho, o adoecimento de seu marido, por alcoolismo e como isso impactou nas finanças da família. Aparecida revela como foi difícil seu retorno, após quase 20 anos de afastamento ser reinserida numa fábrica, ganhando um salário mínimo, quando sua família estava acostumada a se manter com os quase dez salários de seu marido. A queda foi

profunda, mais ainda quando percebeu que não conseguia manter o aluguel com o salário que ganhava. Nossa colaboradora revela os inúmeros problemas que enfrentou, e maior de todos, representou um problema e uma solução: a conquista da casa própria, na favela da Barreira, e o choque de realidade que essa mudança lhe trouxe. O sonho de morar na casa própria tomou lugar concomitantemente ao sonho de (des)morar na favela.

> Meu marido adoeceu, o alcoolismo foi o primeiro problema, que causou muitas consequências em nossas vidas. Recebíamos ajuda da família dele com cestas básicas, e eu trabalhava para manter o aluguel que consumia todo o pagamento que recebia, um salário mínimo. Nesse período, meu cunhado nos levou ao Centro Espírita dirigido pela dona Lalá na favela da Barreira, em Rocha Miranda. Comecei a fazer um tratamento espiritual com toda a família, e uma oportunidade surgiu, quando uma casinha foi colocada à venda e milagrosamente conseguimos o dinheiro para a compra. Tivemos muita ajuda, e graças a Deus, vencemos uma etapa e saímos do aluguel. Mas o choque de realidade também nos encontrou, quando saímos de Cavalcante para entrar direto na favela, onde nunca tínhamos estado. Não conhecíamos o que era uma favela, nunca tínhamos pisado em uma. Quando viemos morar aqui, pra mim foi uma benção e uma maldição. Benção porque eu não sentia mais o peso do aluguel nas minhas costas, e maldição porque tive que aprender a força, a conviver em um ambiente estranho a tudo que eu conhecia, era tudo muito feio. Era um lugar feio mesmo, cheguei aqui no final da década de 80 início de 90, mas nunca me acostumei a esse lugar, *eu sonho em (des)morar daqui desse lugar*, mantenho até comigo a chave de cera que comprei na Igreja de São Pedro no dia do santo, isso é crença antiga, aprendi com meus familiares, mas ajuda a gente conseguir outra casa. Conseguimos comprar a casinha no lado para os lados do beco, pertinho do centro de dona Lalá, ela que nos indicou que a casa estava pra vender. Muitos anos depois, quando meu marido morreu mudei pra essa casa que estamos, bem pertinho da outra casa. [...] Quando mudamos para a Barreira, minha filha tinha casado e morava na Baixada Fluminense, e eu fiquei aqui com meu marido, convivendo com tudo o que você pode imaginar, com coisas que eu nem sabia que existia, às vezes batia desespero, mas não tinha pra onde ir. As crianças brincavam de arrastão, fingiam que pedaço de madeira era arma, brincavam de perseguição. Hoje, na Barreira não se vê muitas crianças brincando assim, mas fora da favela é possível ver crianças brincando de policia e bandido, perseguição, essas coisas, aqui mesmo, na vila, sempre brincam assim, parece que tudo se inverteu, fora da favela imita o que existia na favela e ela evoluiu. Sempre que vou ao Beco, fazer a unha, vejo as crianças brincando de pipas, bola de gude, pião, mas antes era mais estranho e violento, até que melhorou muito. Quando vim pra cá, não existia mais individualidade, e eu sempre fui muito reservada. As pessoas queriam participar da nossa vida, e embora eu me fechasse por não gostar daqui e nem das pessoas, meu marido socializava com todo mundo, e por isso se tornou uma pessoa muito querida no local e conhecida, mas continuei rejeitando qualquer aproximação, hoje sou mais socializada do que antes, mas mantenho minha privacidade.

Aparecida revela, mesmo sem se acostumar ao lugar, como a Barreira demonstra-se diferenciada das demais favelas, por ter ruas do entorno bonitas, não ter a mesma violência que se vê nas favelas das proximidades, [não há confrontos], ao mesmo tempo que externa o desejo de morar em outro lugar [melhor], demonstra o receio de sair da "segurança" que a Barreira oferece, demonstrando uma certa liberdade de dormir com portas e janelas abertas sem perigo. A Barreira, na narrativa de nossa colaboradora, é marcada ainda pela rede de reciprocidade, que ao entender de nossa entrevistada, pode ser invasiva sendo, no entanto, um curso próprio que formula o que compreendemos pela rede de segurança e proteção local, pela reciprocidade:

> Não digo que aqui é favela, porque não é como as outras. Além do mais, as casas e as ruas daqui do entorno não são tão precárias quanto aquelas lá de baixo da Barreira, mas não gosto daqui, embora tenha boas pessoas e ruins como tem em todo lugar, é assim mesmo, mas gostaria mesmo de mudar para um lugar melhor, mas ao mesmo tempo penso nos perigos maiores dessa mudança, um lugar estranho, não vai ser igual aqui, que podemos dormir de porta e janela abertas. [...] Mas essa coisa das pessoas quererem participar da vida uns dos outros tem seu lado positivo, percebi isso num dia, quando meu marido caiu do terraço de nossa casa, e imediatamente os vizinhos se mobilizaram para socorrer ele, levaram para o hospital Carmela Dutra e ele foi atendido. Percebi então que aqui as pessoas se ajudavam, e eu precisava de alguma forma contribuir, fazer a minha parte, mas confesso que é difícil manter a privacidade e estar inserida ao mesmo tempo, aos poucos eu tentei me acostumar, ainda tento. No início, quanto mais eu conhecia as pessoas, mais distancia eu queria. Para mim, todos eram bandidos, sei lá, era o preconceito que eu trazia ou o desconhecimento, e às vezes ainda me vem isso na cabeça, mas acho que era o medo. Mas convivendo no aqui, fui percebendo que as pessoas eram boas, mesmo assim, por questão particular, preferi me manter minha privacidade, mas me relaciono com algumas pessoas, ajudo quando posso, por exemplo, fortalecendo o comércio local, ajudando com roupas, mantimentos, e mobília usada aos moradores daqui. Também recebo ajuda quando preciso então isso mantém o relacionamento bom entre mim e as pessoas daqui. [...] Mas aqui na favela tem tudo, se eu não sair, compro na quitanda o que precisar, tem tudo aqui mesmo, compro na mercearia do Nenel, ou no bar do Sérgio, no Beto da esquina ou no mercadinho. E o que não tem, os vendedores passam nos carros na porta da gente vendendo, como os paraíbas que vem vendendo tapetes, panelas, roupas de cama, ou o caminhão que passa vendendo fruta, ou o carro que passa vendendo queijos e embutidos, ou cartela com 36 ovos ao preço de R$ 10,00. Viver aqui, do ponto de vista da comodidade e economia é bom. Mas mesmo morando aqui, eu tenho contas regulares para pagar, nada sai de graça[...].

Assim, Aparecida relata alguns acontecimentos, a união de sua filha com um jovem nascido e criado na Barreira, e como isso lhe causou desconforto, revelando que após

conhecer melhor o genro, percebeu ser mais um membro fortalecendo a família. A sequencia de evento narrado por nossa entrevistada revela o agravamento da doença e posterior perda de seu marido.

Após o decurso de algumas décadas da mudança que trouxe nossa colaboradora à Barreira mais uma tempestade alcançou sua vida, marcando o falecimento de seu esposo, sinalizando a necessidade de nova mudança enfrentada pela família, desvelando o recomeço imperativo, mantendo nas relações com antigos vizinhos e no espaço da Barreira, as memórias do inicio da vida na favela, do membro que partiu, buscando no trabalho, na união familiar e na apropriação de alguns espaços da favela, a superação da perda e o reencontro com memórias afetivas que a favela oferta a Aparecida, sem perder o desejo de (des)morar:

> Há uma década, descobrimos que meu marido estava muito doente, e foi nesse período que minha filha retornou para casa e conseguimos lutar juntos como família. Minha filha que morava em Duque de Caxias, tinha divorciado no ano de 1999, conheceu o atual marido dela fora daqui da favela. Embora ele morasse quase em frente a nossa casa e ambos nunca tivessem se encontrado aqui na Barreira. Aquilo foi um choque pra mim e pra meu marido, imaginamos que ela estivesse se casado com um cara... sabe, esquisito, da vida ruim... Afinal era da favela. Hoje, pensando nisso acho engraçado, meu genro é um homem íntegro, nunca se envolveu em nada, é professor, e cuida bem da minha filha. Estão casados há muitos anos. Isso me mostrou que preconceito é ruim demais, o que não conhecemos, estranhamos e não gostamos. Recebemos muito apoio, dos familiares e das pessoas que moravam aqui também. Lembro bem que em vida, meu marido me dizia para nunca sair da casa que conseguimos na favela, mas eu sei que ele também não gostava das coisas que aconteciam aqui, mas se adaptou melhor do que eu. Quando ele faleceu, continuei a rotina de trabalho e responsabilidade com a casa que eu tinha. Minha filha mudou para outra casa, e com muito choro, porque me lembrava do meu marido e de nossa luta, consegui vender a minha casa e sair do Beco, embora continue morando na Barreira, mas agora no lado melhor [no entorno da encosta]. Meu trabalho é minha vida, quase não fico em casa, prefiro estar mais na rua. Mas quando estou em casa, fico na minha filha que mora em baixo da minha casa. Minha relação com a Barreira hoje é mais tranquila, mas ainda penso em ir para um lugar melhor, mais bonito. Gosto de viajar, frequento a Barreira, nos dias de seção no Centro, embora já tem um tempo que não consigo ir por conta do trabalho, mas vou lá também para fazer as unhas, a manicure é boa, o preço é bom e coloco o papo em dia, ela mora no Beco. Agora comecei a fazer o cabelo no salão daqui, mas ir para os lados do beco, só mesmo quando vou ao Centro e na manicure. A sogra da minha filha

> mora no lado melhor [encosta], às vezes, quando desço, é pra lá que vamos. Meu lazer é sair com minha filha e genro, vamos a Irajá, no cinema do Shopping Via Brasil, lá é muito bom, ou no teatro do Norte Shopping [bairro de Cachambi].

Quando levamos a pergunta de corte à Aparecida, ela imediatamente expressa com entusiasmo o que a Barreira significa para ela: oportunidade de mudanças de crescimento e aprendizado da escola que tudo ensina a partir da vida diária, demonstrando como a história do lugar confluiu com sua própria história: a partir do nada, das carências que ambos tinham e a evolução progressiva entre sua própria vida e o aperfeiçoamento do espaço da favela, pautada nas festas, na alegria e na rede de confiança empregada no lugar, vertida no atendimento de todas as necessidades dos moradores, mencionando o bairro de Irajá como referencial externo da Barreira:

> A Barreira pra mim significou uma oportunidade de sair do aluguel e começar outra vida, na humildade, esse lugar me ensinou a ser mais humilde e a falar mais com as pessoas, a julgar menos, e entender que mesmo na favela moram pessoas de bem, nesse aspecto aprendi com o lugar a ser melhor como ser humano. A realidade daqui me ensinou muito, minha história de vida, aconteceu juntinho com minha história nesse lugar. A favela não tinha muito, como eu mesma quando vim pra cá, sem muita coisa, e aos poucos consegui melhorar minha condição, aconteceu assim com esse lugar. Era carente demais, mas com o passar dos anos foi melhorando, pelas mãos dos moradores, não teve governo que fez muito por aqui não. A Barreira significou muito pra minha vida, na minha história, me possibilitou o sonho da casa própria, mas agora estou melhor do que antes, nossa vida evolui, gosto mais de onde moro agora, da região daqui da Barreira que moro, do que onde morava antes, que ficava no lado do Beco, mas lá também evoluiu está com algumas casas bonitas, mas ainda penso um dia em sair daqui, o medo do novo, do que vou encontrar lá fora é que me assusta. Esse lugar aqui menina, é uma escola, ensina muito. A sermos mais humildes, mas é uma lição dura e difícil, nem sempre o entendimento vem com facilidade. Pra mim ainda estou nesse caminho de aprender e melhorar, embora eu já tenha melhorado muito em comparação de quem fui quando cheguei aqui para quem sou agora. Aos poucos vamos aprendemos formas de lidar com as pessoas aqui, ajudando também. Sempre que troco móvel ou roupa e faço doação pra quem precisa da Barreira, às vezes nem precisa muito, basta deixar o móvel que morador de lá passa no portão e logo carrega. Também ajudo com mantimentos, e em tudo que posso ajudo. Não sei se tenho contribuído para a Barreira, quando preciso doar alguma coisa, sempre faço para os moradores daqui. Um móvel, ou cesta básica, quando posso prefiro dar para as pessoas daqui porque sei que muitas precisam. Essa talvez seja a minha contribuição para as pessoas e para o espaço, evitar sempre jogar lixo na rua, chamo a atenção das pessoas que fazem isso e sujam o ambiente, e procuro economizar água, porque sei que quando se gasta muito, as pessoas do fim da rua ficam sem porque a água perde a força pra subir, quando as

> pessoas que moram na parte de baixo extrapolam o uso. Acho que as pessoas, aos poucos vão transformando o espaço pela própria convivência na favela. Melhoram suas casas com boas obras, deixando o lugar mais bonito, e com isso a favela fica mais bem vista [menciona a obra que fez em sua casa]. Mas muita gente acha que aqui não é favela, em vista de muitas outras que tem por ai, aqui ainda é sossegado, é bem seguro de morar, isso é o que de melhor tem aqui. Todo mundo se conhece, mas às vezes pra quem não conhece parece um lugar feio. Mas as alvenarias, os tijolos deixam a aparência de bagunça, e outras coisas que tem aqui que também caracteriza a favela, você sabe, "os meninos" [se refere ao tráfico], mas tirando isso, nem dá pra perceber que é favela. Eu não acho que seja favela não, porque tem coisas piores, mas se falam que aqui é favela, então... Mas fico mais fora do que aqui. Quando saio daqui de Rocha Miranda, é sempre para Irajá, desço no ponto do Habib´s e de lá pego o ônibus para Caxias, onde trabalho até hoje. Quando pedi meu telefone fixo, tive que ir na Oi [operadora de telefonia] de Irajá, para solicitar a linha, e para os moradores daqui, Irajá é um lugar importante, até favorável, porque temos ônibus, da linha 685 que passa aqui na porta e deixa em Irajá, a Oi fica em frente ao ponto final desse ônibus, então é fácil resolver tudo em Irajá, é nosso referencial mesmo. As pessoas daqui são alegres, tudo é motivo de festa e comemoração, tem sempre chá de bebe, aniversários, e blocos, a rua sempre tem festa. Quando tem campeonato de futebol na TV, então... é fogos, é um barulho que não acaba mais. O flamengo é o time de coração da maioria das pessoas aqui, tem até clube oficial no Bar do Sérgio, então, quando tem jogo na TV, já sabemos que vai ter bloco na rua se o time ganhar. Todos os lugares daqui são uteis para os moradores, principalmente quando vende comida. Frequento a peixaria da esquina do Pitbull, compro peixe de lá que é mais fresco que o mercado, e ele traz sempre lá do CEASA [em Irajá] fresquinho e até entrega na minha casa, acho isso muito bom, é o carinho do trabalho do Pitt, mais o peixe fresco todo mundo adora, chega fazer fila lá e acaba rapidinho. Vou às quitandas daqui pra comprar refrigerante, e outras coisas, até mantimentos, aqui tem tudo mesmo. A loja de ferragens do Sr. Chico quebra um galho, é lá que sempre faço minhas obras, fiz na casa antiga e na nova, e quando não tenho dinheiro, ele anota no caderninho e eu acerto a conta sempre no fim do mês, é assim com o Pitbull [o peixeiro] também, aqui tem confiança. Ainda hoje faço isso quando preciso fazer alguma coisa em casa e não tenho dinheiro. Muitas casas aqui foram feitas assim, na base do fiado do caderninho do Sr. Chico, ele confia e não se arrepende, porque todo mundo paga a ele, porque sabe que precisa dessa confiança, por isso ninguém dá beiço [calote].

Nesse momento, a entrevista teve uma virada e nosso achado nos encontrava. No meio da fala de nossa colaboradora, pudemos ouvir a voz de um homem, chamando bem próximo da entrada do portão por Aparecida, o que nos fez pausar nossa entrevista.

Num sobressalto, como se estivesse sido surpreendida em uma ação ilegal, nossa entrevistada imediatamente virou todo o copo do refrigerante que a acompanhou durante toda a entrevista, pediu-me para ingerir imediatamente o copo que mantinha em minhas mãos, e mais que prontamente escondeu a garrafa de coca cola na gaveta de verduras de sua geladeira, por baixo dos legumes e frutas que ali estavam. A ação foi rápida, confesso que não entendia o que acontecia, mas nossa narradora aparentava muito nervosismo, e ofegante procurava nos explicar o que acontecia, após a cena instantânea, protagonizada por Aparecida para ocultar a garrafa de coca cola da pessoa que a chamava, era seu genro:

> Gosto muito de coca cola, mas minha família pega no meu pé. Porque gosto de doces e coca cola, mas meu genro e minha filha me vigiam por conta da minha taxa de açúcar. Não tenho diabetes, mas um dia passei mal com açúcar alto, então como doce e bebo refrigerante com cautela, mas sou proibida de ingerir alimentos com tamanha quantidade de açúcar, por isso tenho que ficar atenta sempre. Eles são iguais à polícia quando chega na favela, querendo catar tudo que tá errado, passa por cima reprimindo mesmo. Se minha filha ou meu genro me pegam, já era.

No entanto, o genro de nossa entrevistada, muito atento a tudo, percebeu o copo sujo na pia da cozinha, onde estávamos e não tardou a concluir que se tratava de restos do refrigerante, e mais uma vez a colaboradora nos surpreendeu falando com seu genro *"você chegou igual a policia quando vai estourar a b... me pegou no flagra, chegou chegando"*.

A colaboradora demonstrou em sua reação e discurso a assimilação das dinâmicas de vida da favela (nas opressões), num momento de sua própria vida, exemplificando o quanto foi surpreendida (oprimida), associando uma experiência (que sabe ser do espaço e invoca como sua) em seu discurso, ao invés de dizer simplesmente que se assustou.

O cotidiano se descortinou como fonte de elaboração do pensar e sentir, conjugando questões biológicas, psicológicas e sociais, o que acabou tomando vulto nas narrativas sem que se pudesse perceber, *formalizando padrão susceptível de ser visto* nas entrevistas (GARFINKEL, 2018, p. 171).

Esse processo ficou evidenciado com quase todos os colaboradores, que incorporam as dinâmicas do espaço em analogias que conduzem suas percepções na vida e seus discursos. Assim encontramos um elemento que nos fez rever as demais entrevistas, e lá estava: a biodiscursividade presente em todas as entrevistas.

Naquele momento, não havia percebido a dimensão de nosso achado, mas compreendi a reação de nossa colaboradora como um elemento intrigante, que merecia atenção. Com a

saída do genro de nossa entrevistada, [não antes de uma bronca daquelas], continuamos nossa entrevista, dessa vez, sem o refrigerante.

Aparecida prossegue mais calma e a vontade, revelando que sua identidade está mais ligada ao trabalho do que ao lugar que mora, e justifica pelo pouco tempo que passa em casa, o que a faz perceber pouco a Barreira, explicando que não encontra expressões artísticas na favela, porque arte está ligada ao belo. Mais uma vez Aparecida relaciona o biológico a Barreira, quando menciona musicas recorrentes tocadas na Jungle Box dos bares [do Sérgio e do Beto], apontando o grupo musical denominado de "Racionais", comparando como se a própria favela cantasse sua dor, seu lamentar e o ensinamento que a Barreira propicia pela reciprocidade:

> A minha identidade está mais afinada com os colegas de trabalho de Caxias, é onde me sinto bem, aqui eu tenho amizades, mas passo pouco tempo. Não considero que haja algum tipo de arte aqui nem cultura, mas esses rabiscos na parede, deve ter algum sentido, ao mesmo tempo que é comum, que passa como rabisco é assustador, porque cada pessoa que morre vai parar no muro, um registro nos muros da favela, não sei dizer se isso é arte, mas é estranho, acho que arte é coisa bonita, mas isso daí [faz uma careta]. Conheço um artista aqui que é cantor e violeiro, e faz show, o Gaúcho. Tem também um menino que faz grafite, mas não tem grafite aqui na favela, só lá na entrada onde é o peixeiro, na entrada da Barreira. Aqui as músicas que o povo mais ouve, nessas caixas de som do botequim [jungle box music] é funk, pagode, e rap. Meu genro diz que é um grupo "os Racionais", eu não conheço, mas é sempre a mesma música deles, parece que a Barreira tem vida e canta seu lamento nessas músicas, como aquelas pessoas feridas pela vida canta suas dores e decepções. Meu gosto musical é Roberto Carlos, gosto também de músicas românticas internacionais. Aprendi a gostar de pagode quando vim pra cá, mas os moradores ouvem muito funk e pagode, não gosto de funk. É isso, a Barreira me ensinou a ser mais humilde, a entender um pouco mais as pessoas e os lugares simples, e a ser mais comunicativa com as pessoas, ser menos preconceituosa, e fortalecer a minha privacidade. Aprendo a cada dia que um espaço carente pode ser benéfico para construção pessoal, quando sabemos viver, respeitando e sendo prestativa como os moradores ensinam.

Nesse momento da entrevista, Aparecida lembrou-se de sua fé nos santos católicos e nos Orixás, como essa fé a sustenta, elegendo São Jorge ou Ogum como seu protetor, inspirador de suas lutas. Percebi que muitos moradores tem adoração pelo santo, talvez São Jorge seja de fato o símbolo de luta da Barreira, assim nossa entrevistada recita a oração ao Santo, e prossegue nos dizendo como recebe ajuda para enfrentar seus problemas graças a sua fé:

> Eu andarei vestida e armada com as armas de São Jorge, para que meus inimigos, tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me vejam, e nem em pensamento eles possam me fazer mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar, cordas e correntes se arrebentem sem o meu corpo amarrar, pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge, Salve Jorge!!!!!"[oração de São Jorge].
> Sempre que tenho um problema eu chamo por todos eles, e consigo ajuda. Há muitos anos, apareceu um caroço no meu braço, cresceu e eu não sabia o que fazer. Pedi socorro aos céus, aos santos, a Deus porque eu não sabia para onde correr, não tinha dinheiro para o particular, aí eu tive a ideia de ir à Santa Casa, lá na cidade [centro do Rio], quando eu fui, ainda levei uma vizinha que também tinha que operar um cisto igual o meu, só que o dela era em outro lugar. Graças a Deus deu tudo certo, fomos muito bem atendidas e voltamos rápido. Muita gente aqui se trata lá na Santa Casa porque é bom o atendimento. São Jorge [santo católico] é o padroeiro dos guerreiros, aqui dia de São Jorge é uma festa na rua, o comércio local faz a festa, ali no bar do Sérgio, tem salva de fogos na alvorada e tudo, e vai até meia noite, ele vai assistir a primeira missa na igreja, é devoto mesmo. Isso eu gosto aqui, esse sentimento de luta que a gente percebe na devoção ao Santo Guerreiro, quando todos se juntam e "são" Jorge. É nesse momento que me sinto ligada a esse lugar, pensando bem, essa pode ser minha identidade, esse lugar me faz sentir lutadora, me ensina a lutar pelo melhor. Tem as festas do Centro de dona Lalá, também deixa a Barreira em festa, mas nada chega perto da emoção que é estar aqui no dia da festa de São Jorge. Todos felizes, saem às ruas com blusas e ornamentos de São Jorge, às vezes vestem durante todo o ano blusas com o desenho do santo. Os homens costumam usar medalhas no cordão, anéis ou blusas do santo. É comum encontrar a imagem do santo guerreiro pintada por aqui também. Acho que é porque simboliza a luta, e a proteção. Isso retrata muito bem o que acontece aqui na Barreira, quem vive na luta e resiste às mazelas ao mesmo tempo em que tem alguma coisa fraternal, no geral, é um lugar tranquilo, e seguro, é disso que mais gosto.

Aparecida finaliza a entrevista mostrando-nos São Jorge adornando cada cômodo de sua casa, na sala, a imagem na estante, no quarto, na cabeceira da cama, um anel em ouro com a imagem do Santo, entre outros adornos, um altar em seu quarto, mencionando ser a herança que perpetua de sua família da tradição ao culto dos santos católicos e principalmente a Ogum.

4.3.5 As vozes e a construção de identidades na Favela da Barreira
O elemento biodiscursivo na construção de identidades e cultura local

As entrevistas dos colaboradores Pitbull, Barbosa e Morena, trouxeram-nos a compreensão de uma espécie de unicidade formada na diversidade, nas fragmentações que

engendram identidades deslocadas e ao mesmo tempo assentadas nas dinâmicas de vida, mantidas nas polaridades de afetos desveladas na favela.

Inevitavelmente as questões da plasticidade da favela alinhando-a em suas próprias polarizações entre “lados” regiões que são compreendidas pelos moradores como bonita ou feia, ou como mais abastada e menos abastada, emergem como que a alinhar a uma suposta topofobia ou como denomina Tuan (2005, p. 252) *paisagens do medo*, onde o diferente a ordem simboliza a desordem e o conflito, gerando medo da pobreza, de doenças, de tudo que aparentemente antagoniza a ordem:

> A heterogeneidade é também uma condição que incentiva o conflito. Durante sua história a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos. Dentre os muitos intrincados temas desta história, merecem especial atenção os seguintes: conflitos violentos entre os cidadãos poderosos e a criação de uma fortificada paisagem do medo; perigo e ansiedade em relação aos estrangeiros no meio urbano; medo de anarquia e revolução, isto é, a queda de uma ordem estabelecida por massas inassimiláveis e incontroláveis; aversão e medo dos pobres, como uma fonte potencial de corrupção moral e de doença; e medo dos imigrantes pobres (TUAN, 2005, p. 252).

A favela pode ser então compreendida como a desordem à ordem citadina, no entanto, o tecido narrativo nos revelou a reprodução do ideário hierárquico no interior da própria favela, polarizando-a, e ao mesmo tempo como menciona Tuan (2005, p. 252) gerando o *ethos de orgulho* (para quem mora no lado da Encosta) tão proporcional ao *ethos* de inferioridade (para quem mora no lado do Beco), que delineia nos extremos da favela a geo-identidade dos grupos.

Nesse sentido, a favela que integra a paisagem do medo em relação à organização da cidade se reorganiza internamente com a mesma lógica citadina que a categoriza como o caos urbano, buscando imprimir na ordem espacial polarizada a hierarquia que se desvela funcionalmente como ajuste equiparado ao ideário da cidade *estável e harmoniosa* (Tuan, 2005, p. 231).

A narrativa dos colaboradores nos encaminha a compreender o pragmatismo encontrado no cotidiano, e como o saber e conhecimento emergem fazendo da favela a fonte de construção de si, conferindo, na percepção dos moradores, o escopo orgânico que dialoga com as vidas dos entrevistados, o tecido oral revelou a riqueza da produção de vida e da favela.

Entender o achado biodiscursivo em nossa pesquisa demandou como ponto de partida as experiências narrativas as quais verteram o aspecto biológico dando conta do mosaico entre

história de vida e história local e a organicidade que os discursos revelaram nos encaminhando a abordagem biopsicossocial que ancoraram os estudos analíticos e nos respaldaram na construção conceitual, não tendo sido intencional a escolha, mas mobilizada pelo tecido narrativo.

Cabe-nos um a parte: o achado de nosso estudo, não pode ser compreendido como "uma constante" presente em todas as favelas, e passo a explicar as razões de nossa afirmação. Ao longo dos quatro anos de pesquisa, tive o privilégio de participar de trabalhos junto a diversas comunidades, o que propiciou além das visitas, longas horas de conversas com moradores. Nas favelas do entorno da Barreira, os moradores não tem o mesmo alinhamento entre historia de vida e historia de lugar, por inúmeras razões, a mais importante: o espaço da favela, não era compreendido como uma significante na construção da história de vida dos moradores e nem se mostrou relevante no arranjo social ou cognitivo de outros grupos.

Ressaltamos que não realizamos nenhuma forma de estudo que tivesse o condão de comparar grupos sociais de diferentes favelas, mas o contato com trabalho voluntário inevitavelmente trouxe suportes a comparações, que nos fizeram entender as peculiaridades na formulação discursiva. A simbiose entre vida e lugar desvelou-se como elemento de destaque na história dos moradores da Barreira, revelando a singularização de cada espaço, o que refuta entendimentos cristalizados e estendidos, como que pertinente a todos os lugares como um fenômeno próprio da tipicalidade.

Nesse sentido, Maffesoli (2010) nos indica a necessidade do aprofundamento e análises do tecido subjetivo para compreendermos a mobilidade de sentidos e construções para além da tipicalidade:

> É essa cristalização que fundamenta racionalmente a tipicalidade. Em oposição a tudo o que é de bom tom afirmar sobre o tema do ensimesmamento, sobre o do individualismo exacerbado, a perspectiva epistemológica, aqui delineada, nos leva a compreender que o que está em causa é o vaivém constante entre uma *intersubjetividade* e de uma *subjetividade*. [...] A subjetividade não é mais, portanto, uma desvantagem ou uma tara que é preciso eliminar – mas, antes, o trampolim para o mergulho mais profundo na existência societal. Como tal aceito, o *subjetivo* pode servir como passagem para apreender-se o *intersubjetivo*, isto é, a alteridade (ou a comunicação), que se vem tornando uma preocupação (ou uma realidade) cada vez mais frequente (MAFFESOLI, 2010, p. 238).

Os dados narrativos angariados para o estudo da presente pesquisa revelaram códigos de apreensão de saberes, conhecimentos e identidades estabelecidos na Barreira, emergindo

normas sociais e de comportamento as quais desvelaram estratégias habilidosas voltadas a assegurar uma rede de proteção e segurança locais, uma linha que sustenta a perpetuidade e a "tradição" da concepção de grande família apreendida e reverberada por seus moradores, além do amálgama recrudescido estabelecido entre história de vida e história local, essa sem dúvida evidenciou-se como "pedra fundamental" na elaboração do estudo e de nossas observações.

Seguindo as "pistas discursivas", que nos encaminharam à análise do entendimento dos moradores do conceito de família/favela como dinâmica de aderência à vida/espaço, e do seu deslocamento representativo para o espaço da favela.

Isso se revelou um dado significante, demonstrando de certa forma a extensão da vida biológica para as ruas da favela, elevando-a com escopo de primeira ordem social vivenciada pelo indivíduo, mantendo em si os marcadores da favela como a "grande mãe acolhedora", como mencionado por um dos colaboradores.

Tecer o conceito de nosso achado biodiscursivo demandou o exercício interdisciplinar, que nos forneceu caminhos a construção do conceito, o que não implicou em síntese rasa, mas em um percurso teórico e metodológico alinhavando a essência das narrativas ao elemento apontado pelos colaboradores, ancorados nos respectivos referenciais teóricos.

Se para Engels (2002, p. 8) o que define que a ordem social em que vivem os homens está condicionada por duas espécies de produção *"pelo grau de desenvolvimento do trabalho de um lado, e da família de outro"*, as narrativas dos colaboradores conseguiram demonstrar a conjugação de ambos os níveis de desenvolvimento que agrega representação identitária na favela, o que pode explicar a extensão (ou deslocamento) da noção dos moradores do conceito familiar para o espaço, provocando com isso o deslocamento das dinâmicas de história de vida com história local.

O conceito cunhado do elemento biodiscursivo, partiu da definição do sujeito epistêmico de Piaget (2016, p. 68), que situa a capacidade relacional do individuo de construir-se cognitivamente, uma abordagem biológica e social, onde o conhecimento se constrói a partir de relações, observando, analisando, sentindo, e organizando as conexões que formulam o pensar e a leitura de mundo.

> [...] das regulações e equilibrações observáveis em todos os níveis dos comportamentos cognitivos, a auto-regulação parece realmente construir, ao mesmo tempo, uma das características mais universais da vida e o mecanismo mais geral que é comum às reações orgânicas e cognitivas.[...] (PIAGET, 2016, p. 68).

Entender como essa noção de família se desenvolvia na compreensão dos moradores, deslocando e se estendendo para um espaço demandou a compreensão da existência de elos familiares consanguíneos fáticos, e das interações alinhavadas por Elias (1994, p.151) como *habitus social, desvelando a identidade do eu-nós como ser social e individual* que emergiu a noção de família afetiva, e o local tecido na conjugação do "*eu-nós"* como a grande família.

Nesse sentido, individuo e sociedade não se mostram conceitos estanques, mas integrantes em si, e como Elias (1994, p. 151) explica:

> [...] cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição especifica que compartilha com os outros membros de sua sociedade. Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros da sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o individuo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus social*[...] a ideia de que o indivíduo porte em si o *habitus* de um grupo e de que seja esse *habitus* o que ele individualiza em maior ou menor grau pode ser definida com um pouco mais de precisão.[...] É do número de planos interligados de sua sociedade que depende o número de camadas entrelaçadas no *habitus social* de uma pessoa. Entre elas, uma certa camada costuma ter especial proeminência. Trata-se da camada característica da filiação a determinado grupo social de sobrevivência, como por exemplo uma tribo ou uma nação. [...] indica a pessoa tanto como indivíduo singular quanto como membro de determinado grupo, sua família.

O exercício de apreensão do conhecimento comum, portanto, manteve na *cultura primeira*, na complexidade cotidiana, delineada por Maffesoli (2010, p. 228) que propõe na epistemologia do cotidiano, a hipótese de organicidade da vida social, como a *produção intelectual que se ligue de maneira orgânica a seu substrato*, deslocando o intelectual orgânico da ordem política inicialmente como cotejado por Gramsci (1982) para relacioná-lo à ordem da socialidade.

> [...] A experiência do mundo, coletivamente vivida, corresponde a experiência do pensamento que apenas dá realce a este ou àquele traço, que o compara a outros, que deles faz uma imagem ou que o metaforiza; em resumo, trata-se da atitude ideal-típica, que pode exercer-se tanto sincrônica quanto diacronicamente. (MAFFESOLI, 2010, p. 228).

Como preceitua Maffesoli (2010, p. 209), as noções de ser/estar não se ajusta a toda conceituação rígida, formulações as quais não permitem aprisionamentos em sistemas

normativo dado o grau estático que imprimem o que não dialoga com a realidade concreta do conhecimento empírico:

> [...] tampouco o "saber fazer" o "saber viver" poderiam exprimir-se por meio de leis rígidas e inatingíveis. Retomando aqui uma conhecida categorização, o determinismo e o interacionismo operantes no âmbito da vida social (a que acrescentaríamos suas contínuas imbricações) não permitem seu aprisionamento num esquema normativo. O conhecimento empírico supera todos os sentidos a construção racional, ás vezes chegando mesmo a dela escarnecer. É a consignação de uma verdade de fato à qual não se exime a sociologia fenomenológica.

É nesse sentido que se dá a produção de conhecimento, saberes e identidades na Favela da Barreira, na medida em que seus moradores consolidam o sistema de reciprocidade baseado no contratualismo, ou parafraseando Mauss (2003) na dádiva da troca, que reforça, a partir do critério retributivos, as redes de segurança e sobrevivências locais.

Maffesoli (2010), também tratará a produção do conhecimento comum a partir do cotidiano, das múltiplas e simultâneas trocas e da reciprocidade que engendra todo o sistema de inserção do indivíduo, conhecimento formulados pelos elementos existenciais e por isso sempre mobilizados:

> O ideal do conhecimento cotidiano não é nem a certeza, nem mesmo a probabilidade em sentido matemático, senão somente a verossimilhança. É certo que esse modo de conhecimento "típico" e verossimilhante muito se aproxima das múltiplas trocas, simultâneas e recíprocas, de situações existenciais, da rapsódia do discurso popular ou do espetáculo multicolorido de nossas cidades. Como, portanto, imaginar-se que o heterogêneo social possa fundar o idêntico conceitual? (MAFFESOLI, 2010, p.210).

O vivido emerge o saber orgânico pautado na *proxemia* que consiste na multiplicidade de ideologias vivenciadas no dia a dia que se assentam em valores de proximidade, o que fornece *a priori* sentido de concretude da existência, como propõe Maffesoli (2010, p. 255):

> [...] uma multiplicidade de ideologias vividas no dia a dia – e que se assentam em valores de proximidade. Vivido e proxemia. Esse sentido da concretude da existência pode, desde logo, ser considerado como uma expressão de boa saúde, como expressão de uma vitalidade própria. Vitalismo que destila, de algum modo, um pensamento orgânico – e certamente com as qualidades inerentes a este gênero de pensamento, a saber, a insistência na penetração intuitiva (visto do/para o interior), na compreensão (apreensão global, holística, dos diversos elementos em presença) e na experiência comum, o que é sentido, juntamente com outros, como constitutivo de um saber vivido.

Nessa vertente, os discursos, como sinalizados por Maffesoli (2010, p. 2010), se colocam como uma das vias de produção do conhecimento comum, assim como o as práticas de troca e outros elementos que articulam situações existenciais, situando-os no âmbito da produção do conhecimento comum.

A partir do entendimento dessas premissas, podemos entender o arcabouço de produção de conhecimento comum elaborados pela Favela da Barreira, tanto se pensarmos no sistema de troca que constrói redes de segurança e perpetuidade ao mesmo tempo em que consolida certa tradição familiar ao espaço, além de evidenciar a construção discursiva que parte de sentidos das dinâmicas produzidas no espaço, conferindo significado relacional ao "sentir" o que justifica o amálgama vertido nas entrevistas entre história de vida e história local.

Podemos compreender, portanto, que a produção do conhecimento, de saberes e identidades, fundados na noção mantida pelo grupo, conjugam vidas e espaço numa única história, num único organismo. Partindo desse fundamento toda a produção de cotidiano que enceta identidades e produções do conhecimento, principalmente quando pensamos no elemento biodiscursivo como vertente dessa produção cognitiva, partiu da simbiose entre vida e lugar.

O conceito cunhado de biodiscursividade emergiu uma espécie de racionalidade discursiva que estrutura a comunicação do grupo na linguagem tecida mantendo o cotidiano como fonte de construção discursiva, donde as ações engendradas no lugar formulam as construções discursivas, dialeticamente conduzindo a uma reciprocidade entre lugar e vida.

A construção dos discursos por meio dos signos cotidianos estabelecem ações do grupo, demonstrou-se o apanhado de partilha das subjetividades, onde os moradores se constroem nas dinâmicas do mundo objetivo da favela, tecendo na interação, notadamente no processo de comunicação, o agir comunicativo do grupo.

Pensando nessa produção comunicativa estabelecida pelo grupo social da favela da Barreira, é possível compreendermos a organicidade de estruturas que formalizam o pragmatismo tecido no cotidiano do grupo, elaborando uma espécie de racionalismo subjacente fundado na intersubjetividade da própria ação comunicativa, *"encarnada simbolicamente e situada historicamente"* (HABERMANS, 1987, p. 11).

Essa perspectiva nos encaminha a conjugação de vários referenciais teóricos que nem sempre dialogam entre si na elaboração reflexiva de seus estatutos, para explicarmos a

complexidade das relações sociais estabelecidas na favela, as quais não se aprisionam em uma só determinação teórico-conceitual.

Por outro lado, essa conjugação nos direciona a achados na produção do fazer/saber social local para além do conhecimento sociológico, mas baseado nas relações sociais alinhavadas pelo grupo de moradores, na formalização do sistema pragmático organizado na favela.

O aprofundamento e compreensão das dinâmicas sociais encaminharam-nos a observar o espaço como dotado de certas rupturas e paradoxos em si mesmo, como a (re) produção de segregação do espaço interno da favela que replica a própria imagem da favela como refugo do projeto urbano parafraseando Bauman (2005b) em relação à cidade.

Essa dinâmica demanda um entendimento da construção teórica do *habitus* com certa complementariedade, tanto na vertente de Elias (1994, p. 172) que compreende as articulações do individuo e seu contexto social *não havendo identidade-eu sem identidade-nós*, onde o individual e social são integrante em si. Ao mesmo tempo, como empregado por Maffesolli (2010, p. 237) desvela-se como o conjunto de uma ordem orgânica global que encontra circularidade no espaço da favela, elaborada por seus moradores e nos *arranjos não conscientes arquitetados entre os diversos elementos do todo que se ajustam entre si* como menciona o autor.

O cotidiano na favela confere relevos às experiências vivenciadas pelo corpo, pelo biológico, psicológico e social, formalizando uma espécie de espetáculo cultural de hábitos alimentares, de músicas, de ritualísticas as quais, colocam, por exemplo, a comida como símbolo maior do que o alimento do corpo, conferindo signos profundos ao comer (dar-trocar-retribuir), de compartilhar vidas, nos encaminhando a descobertas a partir da observação das micro relações sociais estabelecidas, como àquelas vertidas em discursos, situando-as muito além dos hábitos locais, mas enraizadas na razão da própria existência e sua interação com o meio.

Mauss (2003, p. 404), pensando o fato social total, ratifica esse entendimento, na sexta parte de sua obra intitulada “As técnicas do corpo”, nos mostra como é possível compreender o *habitus* para além do hábito, mas como conjunto de tudo o que impacta e é vivenciado pelo corpo, o que nos levou a observar “micro” relações que se estabeleceram na favela como construto entre *habitus* local e pessoal:

> Tive durante muitos anos a noção da natureza social do *habitus*. Peço que observem o que digo, em bom latim, compreendido na França, o *habitus*. A palavra traduz, de maneira infinitamente superior a “habito”, o *exis* [do verbo grego ação de possuir, hábito do corpo e da

> alma, capacidade resultante da existência], o "adquirido" e a "faculdade", de Aristóteles.

Essa lógica de composição do *habitus* pelas inferências enfrentadas pelo corpo, condizentes com a ação de possuir, com hábitos do corpo e da alma, ou ainda com a capacidade resultante da existência, de certa forma fundamenta o mosaico que se estabelece entre o cotidiano. A partir da percepção do grupo desvelado no tecido narrativo, o espaço da favela assume escopo de fonte de elaboração da vida e organização cognitiva, emergindo as escalas de socialidade estabelecidas na favela, fundando fenomenologia emergida pelas relações sociais e seu sentido retributivo que delineia o mosaico entre vida e espaço.

Nesse sentido, buscando aliar as construções da fenomenologia da percepção, é que Santaella (2012) demonstra a importância do corpo como *unidade sintética de poderes sensórios. O corpo solicita aquilo que pode ser sentido ao mesmo tempo que é atraído pelo sensível, como aquilo em que seus poderes sensórios se atualizam* (SANTAELLA, 2012, p. 25).

Alinhavar existência e experiência transpassa necessariamente o caminho da percepção dos colaboradores daquilo que é vivido, o que traz sentido ao grupo, sensibilizando, como nos esclarece Santaella (2012, p. 25), citando Langer (1989, p. 49):

> [...] a existência corporal é, de saída, transcendência para algo. Longe de ser uma característica *a priori* ou adquirida, a espacialidade corporal é o modo mesmo com que o corpo emerge o corpo. "A existência não é cega. Há sempre uma consciência amorfa pré-pessoal do movimento primordial do corpo para o mundo. O corpo só se experiencia na medida em que percebe algo".

Compreender os arranjos que organizam a percepção, não pode ser confundido como nos ensina Santaella (2012, p. 25) *com relações mecânicas nem intelectualmente comandadas*, porque não explica as organizações de significações que emergem do mundo para os sujeitos, na relação entre corpo e objeto *que sempre apresentam as coisas como já constituídas,* o que faz com que seja necessária a busca pela *dialética fundamental em que as coisas começam a existir para nós, começam a significar na medida mesma em que nosso corpo tem o poder de transcendência na direção delas.*

Essa busca nos encaminhou a observação das formulações do cotidiano do grupo, para compreender como a vida se imbricava nos processos de construção do lugar, na construção do colaborador enquanto ser individual indissociável de sua integração como "ser" coletivo, onde encontramos na análise do *habitus* o instrumento hábil de observação para compreensão das dinâmicas que emergiam no cotidiano como sentidas de forma significativas para o grupo.

A construção comunitária e individual do *habitus*, formulado por Norbert Elias (1994) e por Maffesoli (2010) a conjugação das articulações entre o individual e o social, traduzindo os códigos da Barreira como uma sociedade que não planejou ou pretendeu se tornar favela, que conta com o esforço do grupo para romper a autoimagem que a favela imprime do medo, mantendo nas redes de seguranças e afetivas a força elaboradora do modus operandi da resistência e mudanças dos estigmas, nos deu os primeiros sinais das negociações articuladas que formalizavam o arcabouço do *habitus* da favela observada.

Embora Elias (1994, p. 43) admita que a explicação das regularidades sociais a partir das regulações biológicas se traduziram em *esforços de transformar a ciência social numa espécie de biologia, ou numa parte das outras ciência naturais revelaram-se inúteis*, ainda assim, ancorou suas análises na abordagem biopsicossocial, compreendendo a naturalidade da produção humana (natural) dentro de um cosmo especial, integração que molda e compromete o indivíduo.

Por outro lado, cotejar o *habitus* individual e da comunidade observados como integrantes em si, possibilitou a construção das colônias e a identificação, tanto na comunidade como nas narrativas, de suas construções elencadas nas seções que alinhavaram o capítulo 4, ancoradas na noção de: Cotidiano e as experiências do morar, das apropriações e produções, e Entre ser e Estar na favela.

O entendimento do grupo de que a favela proporciona "segurança" é um dos marcadores identificados no espaço, o que pode ser compreendido como uma célula de sobrevivência e, portanto articulador de estratégias que sustentam a noção de filiação do grupo, decorrendo vários engendramentos e entrelaçamentos de ações voltadas para garantir as redes de segurança local, o que formula o *habitus social* e demonstrado no discurso uníssono que confere identidade a favela como a grande família.

A construção da favela como lugar de afetos ou "da grande família" guarda em si muitos signos, principalmente voltados a conferir contornos identitários positivos à favela como um "lugar", fundado nas articulações que buscam sustentar a noção de acolhimento formulada como resistência às máculas que designam a favela como espaço marginalizado ou conflagrado.

Nesse esteio, compreender as articulações que constroem o *habitus* da Barreira, nos encaminhou a entender o lugar e suas representações materiais e imateriais para os moradores. Dessa forma, que encontramos nas dinâmicas de vida, cotidiano e trabalho o rizoma do *habitus social* da Barreira, e nas narrativas a correlação fluídica do *habitus social e individual*

nos discursos que buscaram compartilhar representações de si e do espaço, permeando a bagagem intelectual formalizando entrelaçamentos identitários nos aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos, revelando como o conceito de identidade humana está relacionado a todo um processo (Elias, 1994, p. 153).

Se a história oral se mostrou como instrumento ontológico, muito além do metodológico para a construção da pesquisa, desvela-se na proposição de Schütz (2012) como renovação da abordagem sociológica e exercício do direito a própria história, assumiu relevos e corpo na fenomenologia das relações sociais.

Para a análise das oralidades, considerando os elementos narrativos, invocamos os preceitos da etnometodologia de Garfinkel (2018) vez que as narrativas formulavam e compartilhavam métodos de sobrevivência de si e da favela, o que conferiu significados e representação constitutivos ao que é produzido pelo grupo, alinhavando as teias do *habitus* social e individual, e o arcabouço da produção do conhecimento e cultura local.

A reciprocidade e a confiabilidade aliados aos critérios de cooperativismo sociais emergido nas falas marcam a auto-organização do lugar, desvelando-se como a matriz da sociedade estabelecida pelo grupo de moradores, consolidando o fato social constitutivo lastreado num interacionismo que permeia a vida na favela da Barreira, o que dialoga com as construções de análise formal dos pressupostos linguísticos focados na teoria da ação social, formulados no pragmatismo e na interatividade do bom senso cooperativo delineado por Garfienkel (2018).

Para Charaudeau e Maingueneau (2012, p. 225), mencionando Garfienkel, aludem que a concepção durkheimiana "dos fatos sociais como coisas" já dadas e do individuo submetido a determinações sociais é substituída por Garfinkel pela visão da ordem social como resultado de uma construção incessante e interativa, legível nos procedimentos acionados pelos parceiros sociais em suas atividades cotidianas, delineando as duas propriedades do discurso elaboradas pro Garfinkel:

> [...] o comportamento verbal é uma fonte central dos atores sociais e a conversação uma forma de base da construção interativa do mundo social. [...] Duas propriedades do discurso foram erigidas como noções chave na abordagem etnometodológica: a **indicialidade** (uma expressão não tem sentido senão em referência ao contexto de enunciação) é, segundo Garfinkel, uma propriedade inerente a todas as produções linguageiras e, igualmente, às ações e às instituições, o que impõe que sejam analisadas em referência às situações em que se inscrevem (atividades e contextos se relacionam reciprocamente), as quais por sua vez, contribuem para torna-las inteligíveis ("*accountable*"). Esse último ponto ilustra , por outro lado, a **reflexividade** das práticas sociais: existe, segundo Garfinkel,

> equivalência entre as construções das situações produzidas em interação e as descrições (*"accounting practices")* dessas situações feitas pelos interactantes. Ao longo da dinâmica **sequencial** das interações, os participantes ajustam *localmente* suas interpretações com base nessa representação do *dizer* no *dito*, nessa faculdade do discurso de falar de si mesmo – e, portanto, também dos comportamentos recíproco dos interactantes[...]

Nesse aspecto, a noção do sujeito epistêmico de Piaget (2016) se conecta com a noção de Garfinkel (2018) quando menciona a capacidade do grupo de perceber os métodos criados, e compartilhados a partir de sua realidade, formulando subsidio para compreensão e leitura de sua própria realidade. Isso emergiu caminhos para entendimento das relações estabelecidas entre morador e espaço e a construção discursiva emergente, situando o elemento biodiscursivo no âmbito do tecido etnodiscursivo, ou da etnodiscursividade.

As interações sociais na etnometodologia serviram de instrumentos para o mapeamento dos elementos de interação delineados pelas narrativas, no entanto, outro desafio se colocou: o aspecto biológico e psicológico que as experiências do convívio no espaço da favela imprimiam ao morador, o estimulo se mostrou diferente para cada um dos colaboradores de nosso estudo.

A partir das construções de Piaget (2016), estabelecendo nosso ponto de partida ao entendimento das premissas de análise das dinâmicas sociais, com aporte na biologia social do sujeito, sem refutar algumas dissonâncias entre Piaget e os demais autores, tomamos como ponto fundamental na análise e elaboração as construções de Maffesoli (2010), de Maturana (1998) e de Garfinkel (2018) nos fornecendo encaminhamentos ao entendimento e análise do tecido narrativo, construções que nos levaram a compreensão de que o conhecimento pode ser organizado a partir das apreensões cotidianas, desvelando-se como produto das relações sociais e interações ambientais as quais provoquem sentidos na construção "de si" dos colaboradores, tecendo o conjunto de elementos que formalizam a cultura.

Esse viés consolida regras e estratégias inseridas no dia a dia da favela, que acabam regendo a vida do grupo, compondo a cultura local, emergidas como saberes e conhecimentos que mobilizam e sustentam a favela como lugar de identidade social, auto-organizada (e ao mesmo tempo organizadora) tecida nos fios da pluralidade funcional que encontra seu sentido e seu fim em si mesmo, como denomina Maffesoli (2010, p. 66) ou organicamente auto-regulações como elenca Piaget (2016, p. 67), os *sistemas reguladores encontram-se em todos os patamares do funcionamento do organismo, desde o genoma até o comportamento.*

Essa organicidade (urbana) do lugar dialoga com a organicidade (humana) da vida dos moradores, outra formulação do amalgama desvelado no tecido narrativo, entre história de vida e história local, o que Maturana define como *ontologia do conversar:*

> *A linguagem como fenômeno biológico consiste em um fluir de interações recorrentes que constitui um sistema de coordenações condutuais consensuais. Disto resulta que a linguagem como processo não tem lugar no corpo (sistema nervoso) dos participantes, senão que no espaço de coordenações condutuais consensuais que se constitui no fluir de seus encontros corporais recorrentes* (Maturana, 1998, p.79).

Essa dinâmica revela como a linguagem e o linguajar emergido nas narrativas, as quais encontram relação com o momento na história de interações em que elas tomam lugar associando significados que encontram fonte nos sentidos da vivência na especificidade de cada local, o que faz com que o achado do conceito cunhado da biodiscursividade na favela da Barreira tenha certa mobilidade quando analisado em outros espaços, não sendo, portanto um conceito estático em si, mas mobilizado a partir dos elementos próprios que integram o que Maturana denomina de relações de coordenações consensuais, a ontologia do conversar.

E mais do que isso: quando os moradores apreendem no cotidiano o que organiza como sentimentos, emoções e reações desvela a conexão entre história de vida e história local, explicando o amálgama que se revela como espinha dorsal das narrativas, que encontra no morar, nas formas de fazer, no trabalho os meios de circularidades necessários, como menciona Morena:

> o processo é lento, mas aos poucos estamos conseguindo incluir os moradores no sistema de saúde da família, e com isso, as visitas médicas serão constantes, não representa só um serviço, mas um ato de amor e é disso que precisamos isso ***tudo representa minha história de vida, a Barreira deu significado a minha existência.*** (Colaboradora Morena)

> [...] A Barreira prepara o sujeito para a vida mesmo, como a **mão forte de uma mãe dura**, todos os momentos vividos aqui educam são experiências fortemente pedagógicas é fonte de conhecimento, adquirido seja por meio de uma simples conversa ou em reuniões festivas. Cada um passa um pouco do conhecimento e das experiências que tiveram, fazendo, por meio da troca de saberes, um tecido de conhecimento fruto escola da vida, da escola da Barreira, só quem vive aqui sabe o potencial disso, o que traz formas de pertencimentos. (Colaborador Barbosa)

A relação entre vida e espaço emerge de forma tão imbricada que para o colaborador Pitbull sua identidade é a Barreira, ou seja o ser é o lugar:

> **[...]** **Essa minha identidade de ser Barreira diz muito**, porque embora vivendo aqui, mantendo minhas raízes nordestinas, a cultura de minha culinária tradição nordestina mesmo do sotaque, não consigo falar bonito igual ao carioca, sem gíria, mantenho até algumas expressões da minha terra aqui, às vezes sai mesmo, mas o sotaque sempre acompanha ao lado da comida, o que simboliza minha cultura. (Colaborador Pitbull).

Assim, as interações do indivíduo com as especificidades locais conferem sentido as construções narrativas ou a elementos biodiscursivo presentes na conversa, desvelando o elemento cultural local na construção de percepções que são absorvidas como mecanismos de aprendizados e organização de sentidos.

A inserção do morador da Favela da Barreira em outros núcleos sociais pode ter o condão de carregar, excluir ou escamotear os elementos apreendidos na vivência da favela, o que corrobora para a construção de identidades pluricêntricas[114] dos sujeitos, produzidas dentro de variados círculos sociais de inserção de cada individuo.

Como afirma Maffesoli (2010), *as constelações indeterminadas solicitam nossa capacidade de pôr em relevo as identificaçãoes sucessivas e o estetismo (as emoções comuns) que bem as traduz*, o que de certa forma contribui para a especificidade da *matriz à socialidade em devir* contribuindo para o entendimento das *estruturas socioantropológicas da ordem passional* (MAFFESOLI, 2010, p. 261).

Além de situar a retórica emergida pelo tecido oral (da Barreira ser a grande família), na autopoiese cunhada por Maturana (1998) consistente na capacidade de seres vivos produzirem-se a si próprios sistematicamente, encontrando os conceitos de auto-regulação e auto-organização elaborados pelos autores já citados.

Aqui "o encontro das águas" nos referenciais teóricos que amparam o conceito cunhado de biodiscursividade: a etnometodologia, formulando na empiria, diante dos elementos de práticas sociais, consolidando o arcabouço analíticos do tecido narrativo, o interacionismo de Piaget ancorado na biologia para encontrar os traços do sujeito cognocente ou epistêmico, e a fenomenologia de Maturana (deslocada da filosofia), para analisar a biologia (da interação dos moradores e da favela como "sistema vivo") como fenômeno social na produção de si e nas trocas culturais que formalizam o sistema de organização sócio-

114 Os escritos nos muros da favela, na figura constante da entrevista do colaborador J.C, nos demonstrou essa lógica: A inscrição no muro em homenagem ao jovem morto manteve 3 identidades na inscrição: "Saudades Eternas: Gugu, Riquinho, Pacheco" cada uma de diferentes círculos sociais de atuação em que era conhecido.

biológico da autopoiese, onde os moradores da Barreira se constrói e replicam os fenômenos sociais os quais participam por meio do espaço.

> [...] A organização de um sistema é necessariamente invariável, sua estrutura pode mudar. A organização que define um sistema como ser vivo é a organização autopoiética. Por isso, um ser vivo permanece vivo enquanto sua estrutura, quaisquer que sejam suas mudanças, realiza sua organização autopoiética, e morre se em suas mudanças estruturais não se conserva esta organização. Essa afirmação aponta uma relação universal: todo sistema se desintegra quando mudanças estruturais não conservam sua organização. (MATURANA, 1998, p. 68).

Nesse sentido, espaço e moradores se concebem como serem orgânicos, portanto, dotados de vida, (re)produzindo-se numa relação sistêmica de reciprocidade, onde as condições da favela assumem o esteio do acolhimento e adaptação de seus moradores, formalizando sistema que situa a favela como um ente interno em si, que articula e auto sustenta suas redes de pertencimento, e segurança consolidando a identidade do espaço físico e simbólico.

As mudanças estruturais da favela e na vida dos moradores mantiveram a organização do espaço pautado nos signos da rede de segurança carreada na retórica da Grande Família que dá sentido estático (na organização) e ao mesmo tempo mobilizado quanto às estruturas que mantém a favela e seus moradores, o que faz com que mesmo a vida e as (inter)ações dos moradores modifique as estruturas próprias do lugar, o sentido de "organização familiar" é mantido, o que conduz a ideia de manutenção das tradições, com um *sistema particular definido por essa organização, que gera todos os fenômenos próprios de um sistema social em um marco condutual especificado pelos tipos de seres vivos que o integram* (MATURANA, 1998, p. 69).

Essa estrutura consolida critérios sócio cognitivos, dos sistemas organizacionais, inscrevendo um sistema de saberes e normas culturais locais, inclusive pelas expressões e linguagem apreendidas e elaboradas na interação dos moradores entre si, com o espaço, ou nas intervenções Estatais empreendidas no espaço da favela, circularidades mantidas no domínio da emoção que as experiências imprimem vertidas na comunicação da linguagem ou do linguajar situado nas interações sociais.

> [...] Ao nos movimentarmos na linguagem em interações com outros, mudam nossas emoções segundo um emocionar que é função da história de interações que tenhamos vivido, e no qual surgiu nosso

> emocionar com um aspecto de nossa convivência com os outros, fora e dentro do linguajar. [...] A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar denomino "conversar", e chamo conversação ao fluir no conversar em uma rede particular de linguajar e emocionar. (MATURANA, 1998, p. 85).

Essas dinâmicas, lastreadas no domínio da realidade e da sua configuração na linguagem, formula sistemas de significados a partir da categorização e mapeamento das relações engendradas na favela, conferindo sentido e unicidade à vida (sentida) na medida em que se alinha as dinâmicas de construção da cultura e do lugar, o que fortalece a noção do amálgama entre história de vida (na construção de si) e história do lugar (elaborada pelas dinâmicas estruturais).

Encontrar meios e elementos conectivos entre as narrativas e as práticas sociais demandaram o atravessamento e compreensão de múltiplos elementos que integram o "ser" enquanto *indivíduo* e o "ser" enquanto *espaço urbano*, gerando uma correlação que estabeleceu uma organicidade biológica (mobilizada) entre o ser (individuo) e o ser (espaço urbano).

Nesse sentido, a epistemologia biológica propugnada por Maturana (2001), da auto organização biológica, encontra reverberação no conceito cunhado da *autopoiese*, relacionando os elementos cognitivos, portanto, sob essa perspectiva, compreendemos o amálgama, desvelado nas narrativas, entre espaço e história oral de vida dos moradores, e a organicidade circularizada nessa relação, onde a favela consolida (e ao mesmo tempo é consolidada) por um sistema vivo que circulariza, conduz e (re)conduz seus próprios elementos, diferindo-se do meio exterior.

> É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenología observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência. Enquanto uma reflexão sobre o conhecer, sobre o conhecimento, é uma epistemologia. Enquanto uma reflexão sobre nossa experiência com outros na linguagem, é também uma reflexão sobre as relações humanas em geral, e sobre a linguagem e a cognição em particular (Maturana, 2001, p. 13).

A construção da autopoiética na favela se revela na retro alimentação do sistema pautado no que Marcell Mauss (2003) denomina de Dádiva de troca. A sociedade como fato social total fundada em acordos coletivos de troca e obrigação de retribuição, evidenciando um sistema contratual multilateral baseado em prestação e contra prestação, direito contratual celebrado implicitamente como ordem social da favela, o que aprofunda a noção de "solidariedade" observada, encontrando auto sustentação nas formas internas de sua organização.

A formulação desse sistema garante elementos de circularidade na favela, como uma moeda social, designado como estratégia de sobrevivência do grupo pautada em princípios de ordem retributivos, consolidando a tradição do espaço, com escopo de resistência pacífica às inferências que buscam novos arranjos na organização social da favela.

A dádiva na obrigação de retribuir presentes, as trocas e contratos *se fazem nas formas de presentes na civilização escandinava, em teoria voluntária na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos, marcando as sociedades primitivas e arcaicas pelos fenômenos sociais totais, agregando cultura, economia, produção de bens materiais e simbólicos*. MAUSS (2003, p. 187).

> [...] Dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo mais isolado, o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto, obrigatório e interessado dessas prestações.[...] E não obstante, indicamos com precisão os diversos princípios que deram esse aspecto a uma forma necessária de troca – isto é – da própria divisão social do trabalho. (MAUSS, 2003, p. 188).

Nesse sentido, podemos compreender que a troca compõe o sistema de regras (ainda que acordadas de forma implícita), de direitos e de interesse que torna a ação de retribuição um ato obrigatório que sustenta a urbanidade das relações na favela, atribuindo força organizativa a ponto da retribuição daquilo que é dado ser entendido como único resultado viável a manutenção social, erigindo a retribuição. (MAUSS, 2003, p. 187).

É possível então compreender que esse sistema retributivos conecta direitos que compõe a construção social do grupo. Como exemplo, podemos citar o direito de posse conectando-se com o direito pessoal, onde as relações pessoais locais podem garantir ou conferir perpetuidade ao direito de posse/propriedade. Nessa vertente, um direito perpetua o outro fazendo com que valores estabelecidos nas relações sociais estejam acima do valor material atribuído as coisas.

Assim, podemos perceber que as relações contemporâneas, ao menos na favela, mantiveram os valores relacionais de troca (de bens materiais e imateriais) sem proporcionalidade quantitativa, mas trocas que se estabelecem no âmbito qualitativo nas próprias relações, erigidas como prática social, consolidando alianças de interesse e manutenção da vida e do lugar, desvelando a importância das trocas simbólicas na organização coletiva local.

Podemos afirmar então, que as obrigações fundadas em dar-receber-retribuir, segundo a teoria de Mauss (2003), formaliza o contratualismo na favela, formalizando um sistema que emerge obrigações gerais e coletivas, pactuadas pelo grupo, daí a atribuição do cumprimento

voluntário e não coercitivo característico de regras e obrigações cogentes, determinadas pelo Estado. Sob essa perspectiva, evidenciamos conjugação de bases epistemológicas entre a percepção e a integração volitiva, fundada na livre manifestação de vontades pactuadas entre o grupo, mobilizadas pelas percepções e integrações entre morador e meio, relações desveladas e estabelecidas no cotidiano.

A construção da concepção biodiscursiva, portanto, tem como eixo essencial as dinâmicas engendradas no cotidiano, as quais consolidam o homem, sua trajetória, permeando as construções discursivas como o ente vivo tão congruente às dinâmicas orquestradas no espaço, conduzindo a percepção e integração do sujeito com o espaço, fundamentando instrumento analítico hábil que conduziu a compreensão dos elementos que compõe o discurso dos colaboradores.

A Favela emerge como cenário que vem acompanhando as transformações sociais, evidenciando práticas e discursos mobilizados dentro e fora dos espaços da favela, onde as produções culturais ganham corpo e espaço social, buscando situar-se como práticas próprias da favela, ancoradas na resistência voltadas a (re) significação e alternativa a questão subalterna.

Nesse contexto, a favela desvela-se como espaço formulador de conhecimentos e saberes, de práticas evidenciadas no tecido oral, onde as narrativas ganham escopo e natureza singular quanto a sua importância no estudo das relações dinamizadas na favela, mantendo signos epistemológicos pluralizados.

Dessa forma as histórias de vida, revelam o potencial que conduz a compreensão das formas de interação que são engendradas nos espaços da favela, conferindo contornos de instrumento identitário, discursivo e urbanístico, aliada a memória material do espaço, possibilita-nos o entendimento dos elementos que permeiam, constroem e atravessam as narrativas.

Entender as narrativas como produto do alinhamento das construções do próprio espaço, delineado ainda no mosaico entre o espaço e a história de vida dos moradores, faz com que se perceba o narrador como sujeito e lugar ao mesmo tempo, eis que evidencia os reflexos da organicidade da própria favela consolidando um amálgama entre lugar, espaço e identidade.

Essa dinâmica, evidencia o espaço da favela como organismo vivo, (bio)urbanisticamente constituído por seus ocupantes, e ao mesmo tempo constituinte das experiências locais vivenciadas, sendo lastro para engendrar a discursividade das narrativas.

As formas de expressão, movimentos locais, apreensão e entendimento do cotidiano pelos seus moradores, que por vezes agregam nos discursos como fontes de significado e sentidos próprios, eventos que mobilizam o cotidiano, emergindo a noção da biodiscursividade.

Essa noção, nos leva a compreensão de como a vida se consolida como mosaico latente entre o urbano pulsante nos espaços da favela, que se mescla a construção dos elementos ontológicos humanos, permeados pelos sentidos e percepção desvelados no cotidiano, que se reverte nas conexões dos códigos de comunicação local, da linguagem, elementos revelados notadamente no discurso.

As narrativas nesse sentido, merecem uma análise que consigne os discursos e os elementos do cotidiano que a consolidam, formulando um instrumento analítico à compreensão das identidades produzidas na (e pela) favela, revelando-a como lugar de (re) produção humana, onde o sujeito se produz, e ao espaço que também é produzido por ele.

As linhas e rotas da história oral de vida emergem como recurso hábil ao entendimento dos elementos que integram e compõe narrativas da favela, assinalada pela natureza e recursos disponibilizados e gerados no próprio espaço, conjugando resistência, existência e (sobre)vivência, na busca pelo empoderamento da vida humana, das produções carreadas nos espaços da favela valorizando a identidade da favela como legado histórico, humano e cultural.

A construção e ao mesmo tempo utilização do elemento biodiscursivo para compor à análise do tecido narrativo apreendido na favela, corroborou para o entendimento das dinâmicas que fazem da favela um espaço produtor de conhecimento e de construção de si.

Nesse sentido, a aplicação do elemento biodiscursivo nos forneceu subsídios de enlevo das experiências para muito além do desvelo nas construções narrativas, mas para o entendimento de que as dinâmicas do cotidiano na favela, sob a perspectiva de auto-organização (autopoiética) dos sistemas internos e externos, contribuem como potencial a construção do ser, da memória, da cultura e das produções da favela, inserindo-a como fonte de relevante consignação social, cultural e humana, (re)significada pelos signos da resistência das construções as quais emerge a favela como *locus* de produção do *ethos cultural* urbano contemporâneo fundada em suas peculiaridades.

Essa talvez seja de fato a proposta de empoderamento e (re)significação elaborada pela favela, fundada sob os signos de resistência, que garante a (sobre)vivência, consignada na apropriação das dinâmicas de existência, desvelando-as como mecanismos de construção social e discursiva, as quais encontram circularidade nas ambivalências delineadas nos

sentidos e representações entre os saberes (viver, fazer, dar, trocar e receber), onde a compreensão do cotidiano se coloca tão vital como as construções biológicas (humanas e urbanas) e seus paradoxos que permeiam as relações nelas alicerçadas, emergindo como fundamento que estabelece a simbiose entre organismo humano e urbano vertido no tecido narrativo dos moradores, um dos elementos que consolidam essa relação, o biodiscursivo, se funda como fenômeno social e identitário da favela

EPÍLOGO

VOZES, MEMÓRIAS E O ENCERRAMENTO DA ESCRITA: TRAJETÓRIAS DA INSCRIÇÃO DE UM LUGAR CHAMADO FAVELA DA BARREIRA.

Enfim, alcançamos o último ato de nossa ópera de resistência, o aceno final. Cada passo da pesquisa do trabalho de campo, a coleta e análise de dados, sinalizou-nos uma despedida, de forma que cada etapa avançada significou um aceno conclusivo às etapas superadas. Finalizar uma pesquisa não é tarefa das mais fáceis, não pelo cumprimento cronológico, mas pelas ligações que se consolidam entre pesquisador e pesquisa, o que torna mais difícil o último aceno, a conclusão da mais derradeira etapa.

O desafio é ampliado, quando constituímos parte daquilo que estudamos, e essa realidade nos faz confrontar com muitos achados, o mais importante: não existe impessoalidade em nada ou em ninguém, tudo é animado por uma perspectiva. É claro, que na pesquisa acadêmica, essa necessidade de impessoalidade é negociada pela supremacia da neutralidade acadêmica. Digo negociada, porque legitimada pelos procedimentos de pesquisa, os afetos pessoais podem emergir como motivação do próprio estudo, e foi o que nos alcançou: a negociação entre a necessidade de visibilizar trabalhos, vidas e lugares de fala como a Favela da Barreira, com a neutralidade cientifica o que nos forneceu meios de instrumentalizar o trabalho com os rigores exigidos.

O aceno final é preciso, a despedida é necessária, parafraseando Clarice Lispector em sua obra Felicidade Clandestina[115] “o livro precisa ser entregue, a menina precisa deixar de ser a amante da obra” embora nunca mais volte a ser a menina de antes.

Em todo o percurso do trabalho, a resistência surge como palavra de ordem, consolidada no exercício de inscrever um espaço (in)visibilizado a partir da vida, das histórias dos moradores (re)significando a existência da própria favela, situando-a no espaço citadino e acadêmico.

O encontro com elementos que emergiram resistência mostrou-se uma constante, o que nos serviu de inspiração à busca das formas de saberes e conhecimentos que formulavam as identidades e o arcabouço cultural da Barreira, e encontramos perspectivas de rupturas de paradigmas hegemônicos que desenham formas de inclusão e exclusão social, cultural e territorial.

115 Clarice Lispector. *Felicidade Clandestina.* Contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Estavam então colocados os desafios de nossa pesquisa, dialogando com os estudos da Ecologia de Saberes consolidada pelo conjunto de saberes que formalizam caminhos hábeis para compreensão de realidades e das lutas sociais, ancorado na obra de Boaventura de Souza Santos *epistemologias do Sul*, inspirando nossas buscas. O ato de observar as relações estabelecidas na Favela da Barreira alinhavou de certa forma alterações no espaço, marcada principalmente pela expectativa dos colaboradores e moradores de verem suas histórias de vida e lugar sendo contados.

A negociação mais uma vez se fez presente, fosse pela dinâmica da observação e da pesquisa para com o espaço, ou para conjugar os achados de vida, com o rigor cientifico, ou ainda, para observar, identificar e explicar como um lugar não acadêmico poderia produzir conhecimentos. Inevitavelmente a premissa de Werner Heisenberg (1901-1976) se revelou: *"*dificilmente podemos ocupar-nos de física atômica sem conhecermos a filosofia grega", o conhecimento humanístico relaciona-se intimamente como um precedente, do conhecimento cientifico (Heinsenberg, 1962, p. 60).

Conhecimentos comuns e científicos alinharam-se mediados pelas construções metodológicas conduzidas pela história oral dos colaboradores, moradores da Favela da Barreira, revelando a finalidade da história oral para além de uma metodologia de pesquisa, mas como suporte mediador na construção ontológica e cultural, como alinhavou Maffesoli (2010):

> [...] o que constitui a cultura é a opinião, "o pensamento das ruas e das praças", que são ingredientes essenciais do cimento emocional da sociedade. Somente *a posteriori* elabora-se, então, o conhecimento erudito (MAFFESOLI, 2010, p. 259).

Da metodologia da oralidade partiu a análise e organização da escrita, e a hibridização da metodologia atendendo aos achados orais os quais revelaram um mosaico entre história de vida e história do lugar. Nesse sentido, após o trabalho de análise das narrativas, o encontro com os referenciais teóricos iniciais, nos forneceram subsídios e caminhos, os quais consolidaram o ponto de partida para desenvolvimento do trabalho. Esses elementos constituíram o 1º Ato de nossa Arena Polifônica.

No entanto, situar a Favela da Barreira territorialmente, atendendo as pistas das narrativas, não foi tarefa fácil, demandou entendermos a área desde a formação da Freguesia de Irajá, para percorrermos o caminho da urbanização da Cidade do Rio de Janeiro, e mais especificamente do bairro de Rocha Miranda, para então entendermos como a Favela da Barreira surge no cenário urbano e como se agrega na história de vida de seus moradores.

Estabelecer essa relação significou compreender os elos que as narrativas vertiam consolidando o amálgama entre história de vida e história do lugar, e podemos dizer que esse evidenciou o núcleo duro de toda nossa pesquisa: compreender o amalgama entre história de vida e historia local, o que nos fez, a *priori* situar territorialmente a favela da Barreira na história da urbanização da cidade para compreendermos como essa história se alinhavou com a história de vida dos entrevistados.

Dessa forma, iniciamos a pesquisa tratando a Favela da Barreira como espaço, para então, a partir da narrativa dos moradores, entendermos como o espaço se constrói como lugar, os afetos e suas formulações com a vida dos colaboradores. Esses elementos consolidaram o 2º Ato, a Aria do Percurso Histórico.

O 3º Ato emerge a Dança Narrativa, desvelando o tecido narrativo da Favela da Barreira, e a resposta à pergunta de corte: o que a Barreira significa para o colaborador? O conjunto narrativo emergiu o sentido da identidade principal que a favela da Barreira exerce: uma grande família. Essa foi à descrição praticamente uníssona reverberada por todas as entrevistas, o que não ilidiu o entendimento da existência da pluralidade de formulações identitárias circulantes no interior da favela.

Transcrever a história de vida de moradores de uma favela consiste em transladar os códigos de vida de um lugar para a escrita. Esse exercício nos fez construir um trabalho cuidadoso, mas que guardasse proporcionalidade e razoabilidade à desproporção plástica da favela, portanto, sem a homogeneização dos capítulos e seções, consolidados a partir das descrições alinhavadas pelo grupo social, a comunidade da Barreira. Não por descuido, mas por garantir a liberdade da produção de tal forma a dialogar com a etnografia de continuidade da favela da Barreira e de seus moradores, amplamente (des)padronizada.

No entanto, não refutamos que elementos reveladores de (des)padrão guarda em si um padrão, esse sem dúvida consistiu o elemento que permeou a construção de nosso trabalho, que culminou na diversidade e na possibilidade de descortinar o núcleo identitário da Barreira, formulado entre o macro núcleo de identidade dos moradores que desvela a favela da Barreira como a "grande família", agregada a produção de micro núcleos identitário que formalizam o entendimento do espaço a partir dos hábitos, da moradia, do trabalho, das expressões semióticas locais, elementos que consolidam saberes, conhecimentos e identidades da Barreira.

A partir da elaboração simbiótica entre história de vida e história do local, foi possível compreendermos a trajetória de migrantes, de trabalhadores e moradores que dedicaram à

vida na construção e aprimoramento do espaço (físico e simbólico) da favela, e de outros protagonistas que contribuem diariamente para melhorar e evoluir o lugar, (re) significando a Barreira como lugar de pertencimento e relevância social.

Perceber a nuance que a Barreira apresenta não é um trabalho fácil, mesmo para quem mora nela, o que demandou ainda mais trabalho: desapropriar-me da naturalidade das relações esculpidas na favela para compreendê-las sob outros prismas, não de moradora, mas de pesquisadora.

O conjunto de entrevistas revelou elementos que conjugavam fatos da vida desenrolados no espaço da favela, alinhavando-os com sentidos de medo, ansiedade, de segurança, de conhecimento, formulando as construções cognitivas locais, além de demonstrar a construção dialética entre história de vida e história local, a esse achado, entendemos por denominá-lo de *biodiscursividade*, conceito cunhado a partir da análise das entrevistas, servindo reciprocamente como elemento analítico das narrativas, com lastro nas proposições da etnometodologia de Garfinkel (2018).

No caso do estudo na favela da Barreira, o conceito se aplica na medida em que moradores utilizam o espaço da favela para promoverem as categorizações cognitivas, seja mapeando, compreendendo ou construindo as inter(ações) o que possibilita a leitura e entendimento de vida e sentidos a partir do cotidiano. Isso faz com que tais leituras sejam retro alimentadas pelos fenômenos que formalizam as relações entre individuo e ambiente na favela.

O trabalho de cunhar o conceito da biodiscursividade demandou o atravessamento da construção cognitiva humana a partir da conjugação dos elementos (endógenos) biológicos, psicológicos e filosóficos que consolidam a ontologias elaboradas no cruzamento de referenciais como Garfinkel (2018) que nos possibilitou um sistema de etnometodologia dos elementos analíticos das narrativas, Maturna (1998) encaminhando-nos, a partir do conceito de ontologia do conversar os pressupostos necessários que nos possibilitou identificar o achado biodiscursivo nas narrativas e Maffesoli (2010) o referencial no aporte da compreensão do conhecimento comum, mantendo em Piaget (2016) e na noção de sujeito epistêmico o ponto de partida, associado às relações de interação ao meio alinhavadas entre o indivíduo e o espaço, consolidando o amálgama revelado nas narrativas entre história de vida e a história local.

Quanto à análise das narrativas para apreendermos o estudo da formulação do conhecimento, duas etapas foram verificadas para observarmos, identificarmos e

compreendermos como os moradores assimilavam e compreendiam a vida a partir das interações de vida com a favela: uma de aspecto **intrínseco** ou biológico, que consiste na capacidade dos sujeitos de organização do conhecimento, a partir das dimensões de percepção alcançadas pelo colaborador, desvelando o potencial de sua auto-regulação.

A outra de aspecto **extrínseco**, onde a interação dos colaboradores determinou aquilo que se apreende, que é elaborado pela interação do sujeito com o meio, disso dependerá o que Piaget (2016) define como ”necessidade da postura ativa para aprender”, a partir das experiências que confluem para construção do conhecimento.

É aqui que situamos a questão do pertencimento na favela para compreendermos as apropriações ou apreensões ativas que se formalizavam no espaço. Disso, extraímos a noção externada nas narrativas, de que a favela se constrói na pluralidade e múltiplas formas de pertencimentos o que é vertido em várias formas de produção de identidade (macro e micros), delineando a Barreira como um lugar que situa ao mesmo tempo um não lugar no interior de si, emergindo paradoxos de identidade que mobilizam a própria favela na construção de saberes, de conhecimentos os quais consolidam o arcabouço cultural e de identidade locais.

Nessa linha, outra questão emergiu: de que conhecimento construído se falava? Para compreender as formulações e organizações cognitivas dos moradores da favela da Barreira, tivemos que percorrer as trilhas, não do que se produzia, mas de como o conhecimento era organizado, produzido, apreendido e aplicado a partir das relações sociais que se estabeleciam na favela. Para isso, perscrutamos os elementos fundadores dessas construções.

Esse caminho não foi fácil, demandou o entendimento no tear cotidiano do que significava os núcleos de negociações e estratégias da favela, os fios que tramavam o dia a dia da Barreira os quais sustentam o lugar, na perspectiva do vivido, da proxemia e saber orgânico alinhavado por Maffesoli (2010), no fato social total refletido na dádiva de Mauss (2003) e no aparato da etnometodologia de Garfinkel (2018).

Mais um descolamento epistemológico se fez necessário, aquele situava o conhecimento apenas na seara cientifica, para verter a favela como *lócus* de conhecimento e devolver os achados transladando-os com o cuidado para a arena científica os achados para além das racionalizações que estabelecem a produção do conhecimento, moldada pelos afetos, como propõe Maffesoli (2010, p. 258):

> [...] a vida cotidiana, bem além das diversas racionalizações e legitimações que conhecemos, é moldada por afetos, sentimentos mal definidos, ou numa só palavra, por todos esses instantes obscuros, que não é possível dispensar, e cujo impacto na vida social avaliamos com

> acuidade cada vez maior. Todas essas coisas, do mesmo modo, ajustam-se mal à simplicidade do ideal, à simplificação da perfeição ou, ainda, ao fantasma simplório que reduz a existência àquilo que ela deveria ser.[...] o que a nossos olhos se oferece – o elemento constitutivo do suporte de todas as construções intelectuais, seja sua espécie qual for: Tomemos o exemplo do provérbio, em que E. Durkhein via "expressão condensada de uma ideia ou de um sentimento coletivo"; também a conversação corrente, que encerra às vezes uma filosofia da existência e um senso dos problemas, a serem resolvidos, ambos maiores e mais consequentes do que muitas discussões acadêmicas. Trata-se de manifestações culturais em sentido estritíssimo, isto é, no que respeita à fundação da sociedade. E chega a ser surpreendente que a cultura erudita mostre-se tão impermeável a tais manifestações.

Percorrer os caminhos na busca do que compreendemos ser a organização e apreensão do conhecimento na favela, deslocando os sentidos formalizados pelos locais de produção do conhecimento cientifico demandou o entendimento da possibilidade de que a favela pudesse ser um local de construção cognitiva, e, portanto, produtora do conhecimento comum.

Isso nos fez situar as análises e achados no que Maffesoli (2010, p. 260) denominou de "concreto mais extremo" parafraseando W. Benjamin (1892-1940), no conjunto que integram a arquitetura do vivido emergindo nas relações alinhavadas no cotidiano, uma socialidade natural próxima do vivido, significada na vida de todos os dias, a complexidade cotidiana, a "cultura primeira", de onde extraímos o conceito do autor de conhecimento comum.

> [...] essa proxemia determina, no sentido mais simples do termo, o (nosso) relacionamento com os outros. "Mundo social vivido", experiência vivida, relacionismo e inter-relações recíprocas [...] consideram como a *priori* de todas as categorias sociológicas a socialidade natural e sua arquitetura (MAFFESOLI, 2010, p. 260).

Esse percurso situa os achados emergidos nas narrativas, com seus respectivos aportes analíticos teóricos metodológicos, consolidando a favela da Barreira como elemento integrador e ao mesmo tempo produtor de vida e de sentidos para seus moradores, agregador de identidades pelas apropriações, vertida numa relação reciproca que desvela o espaço como protagonista na construção de si (dos moradores), o que fundamenta os discursos imbricados entre história de vida e o percurso histórico do lugar, confluindo ao pluralismo de saberes os quais por certo servirão de contribuição às futuras construções epistemológicas voltadas a estudos das vozes dos grupos (in)visibilizados, desvelados como o ponto de interesse temático da *proxemia* voltada a renovação da abordagem sociológica (Schütz, 2012).

As narrativas desvelaram o pacto negocial, equiparado a um sistema de troca estabelecido na Favela da Barreira, que organiza e busca estruturar o espaço, apesar das

fragmentações colocadas, afirmando e negando identidades, a partir de negociações nas disputas de identidade entre os extremos da Barreira.

A Encosta, compreendida como "o lado mais organizado e abastado", e o Beco entendido como o "o lado mais carente". Observamos que essa dicotomia pode ter raízes históricas explicáveis nas formas de ocupação da Favela da Barreira, uma vez que a aquisição originária (dos primeiros moradores), para a maioria dos moradores que residem no lado da Encosta se deu a título oneroso, ou seja, pagaram pelo terreno que ocuparam, muitos negociaram diretamente com o próprio loteador. Ao passo que a ocupação da área oposta, o Beco, foi inicialmente adquirida a título gratuito, e organizada pelos próprios ocupantes.

A natureza histórica das formas de aquisição originária da terra na favela da Barreira pode ser a explicação para as disputas de identidade (entre o lado bom e o lado ruim) que até hoje são verificadas no espaço, podendo ser compreendido como uma estratégia de marginalização de um lado para afirmar o a identidade positiva do outro.

O paradoxo está na reprodução da exclusão, visto que a favela, em se observando a estruturação urbanística da cidade, desvela-se como o "projeto de refugo" como menciona Bauman (2005b) que o lixo passou a tomar lugar de destaque na sociedade de produção e consumo, podemos perceber que o "refugo" quando se trata da Favela, deixa de ser excluída para integrar o processo de produção social e cultural.

No entanto essa percepção não ilide as marcas de oposição entre os próprios excluídos que buscam construções de inclusão para perpetuar a exclusões, utilizando-se de construções, por exemplo, entre a noção de caos e ordem, de pureza e impureza, o que reforça a fragmentação do espaço e ao mesmo tempo reforça da polarização de identidade a partir do critério geográfico que estabelece os extremos da favela entre lado bom e ruim.

Nesse sentido, os ensaios de Douglas (1966, p. 14), nos remete a construção simbólica da polaridade estabelecida entre puro e impuro, tomando como ponto inicial a noção de higiene que demonstra a organização, e o contrário como estado de impureza, o caos:

> A higiene, ao contrário mostra-se como um excelente caminho, desde que o sigamos com algum conhecimento de nós próprios. Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. [...] eliminando-a não fazemos um gesto negativo, pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar nosso meio. (DOUGLAS, 1966, p. 14).

A partir do momento que se reconhece a separação simbólica do espaço da favela, desvelam-se as construções polarizadas dos extremos (Encosta e Beco), emergindo com isso disputas de identidade, visto que se a noção de ordem encontra poder na estrutura de

organização do espaço, a desordem também ocupará a mesma posição, *ao mesmo tempo símbolo de perigo e poder* (DOUGLAS, 1966, p. 115).

Assim, concluímos que a favela da Barreira produz identidades dimensionadas, na ordem macro (ampla) firmada no sistema retributivo de natureza autopoiética, e que organiza e sustenta a favela, o que se revela uma estratégia de unificar identidade pela cordialidade e valores relacionais de troca e reciprocidade.

A evidência de micro identidades surge a partir dos arranjos sociais estruturando a favela, principalmente se pensarmos nas geo-identidades perpetuadas historicamente, definindo o espaço como região polarizada entre seus extremos, demonstrando as *fragmentações próprias do meio social, mobilizada pelo pluralismo* (MAFFESOLI, 2010, p. 257).

A polarização geo-identitária dos extremos, além de gerar o arquétipo da dualidade, se mostra como estratégia de desmarginalizar um dos lados da favela, à custa da marginalização do lado oposto, gerando por outro lado, disputas identitárias que se consolidam nas simbólicas que situam o lugar bom (zona sul) e o lugar ruim (subúrbio), ou o lugar no não lugar (a cidade que abriga a favela como lugar segregado) e o não lugar no lugar (a favela, que parte do não lugar segregado que tenta produzir lugares) além de (re) produzir práticas de exclusão enfrentadas pela favela e paradoxalmente engendradas no interior dela mesma.

A riqueza de dados angariados nos conduziu ao entendimento de que o presente trabalho consiste em material de base, emergindo muitas temáticas relevantes às quais merecem estudos mais acurados, como as questões de trabalho que se desenvolve no espaço da favela, as relações de consumo, o estudo das forças que dominam o mercado imobiliário e a especulação do solo na favela, os índices elevados de natalidade notadamente entre meninas a partir dos 13 anos de idade (ou menos), que se relacionam com as questões de saúde, de prevenção e de fragmentação do cenário sanitário, e o acesso a serviços públicos como educação, saúde e segurança pública, o acesso à justiça, identificando as principais demandas do grupo são ainda algumas das questões enfrentadas pela Favela da Barreira.

Muitas outras questões de elevada importância merecem estudos específicos como as questões de organização e estrutura familiar, onde por muitas vezes a mulher assume o papel de provedora da família e do espaço que habita exercendo papel simultâneo da maternidade e paternidade, as questões do homem na favela e o condão de marginalização que sofrem reacendendo as construções da frenologia elaboradas nas linhas da antropologia criminal de

Cesare Lombroso (1835-1909) aplicáveis em espaços conflagrados como favelas, atingindo a infância, promovendo o amadurecimento precoce das crianças que moram em favela.

As questões de politização (ou ausência) que reverberam na representação da favela da Barreira, surgiram como questões de evidente importância a ser estudada, formulando novos questionamentos que merecem ser analisado em trabalhos mais específicos, o que assegura desdobramentos e continuidade da pesquisa na Favela da Barreira, mantendo nos dados da tese o material de base para prosseguimento dos estudos.

A pesquisa demonstrou a função social do trabalho acadêmico, mantida na participação voluntária e dedicada dos colaboradores, que contribuíram para que a história de suas vidas e do lugar de moradia pudesse ser registrada para a comunidade ampliada, o que *per si*, se traduziu como motivo de orgulho e sentimento de contribuição de um trabalho de grande significado para os moradores.

Durante o período de nossa pesquisa (2015-2019) muita coisa aconteceu no espaço da favela, principalmente a abertura de comércios, a integração de mais moradores no espaço que se deu com a recepção de novos moradores para a Barreira, tornando a favela, "*a mãe que pari cada um de seus filhos"*, a recepção de cada novo morador na favela da Barreira, desvela, na percepção de Jocelino e Xico, o ato do lugar como a mãe acolhedora, de muitos filhos que se multiplicam a cada dia, o que também contribui para a transformação, algumas benéficas, outras acentuando a precarização já existente no espaço.

O decurso do tempo de nossa pesquisa alcançou significativamente o espaço e nossos colaboradores: Dona Lalá, atualmente desenvolve um quadro de Alzheimer controlado, os cabelos com tons avermelhados, hoje como nuvens de algodão, de um branco que nos lembra a serenidade das marcas do encontro com o tempo.

Embora não tenha sido entrevistado, mas participado de nosso trabalho com colaborações documentais, sr. Chico, proprietário da loja de material de construção situada na entrada da Barreira, sofreu uma intercorrência hospitalar recente, e por razões de abalo em sua saúde, seu filho atualmente conduz o negócio da família na loja de materiais de construção.

O proprietário do mini mercado faleceu no ano de 2018, o que gerou a venda pela família para um novo empreendedor que ampliou o espaço, hoje dividido entre mercearia e padaria, trazendo mais alternativas de consumo para a Barreira.

Jocelino externa sempre a preocupação na continuidade de seus trabalhos junto ao NEPP no futuro, visto sua idade elevada, prosseguindo com os trabalhos de intervenção e educação ambiental na cidade do Rio de Janeiro e na Barreira.

Aparecida atualmente nos confidenciou que vivencia um momento de preocupação, onde sua empresa vem realizando demissões em massa como realinhamento da reforma trabalhista, externando a preocupação com o futuro.

Getúlio vivencia a mesma realidade de Aparecida, a ameaça do desemprego, embora esteja orgulhoso, revelando que sua esposa tenha adquirido a aposentadoria por idade recentemente graças às contribuições que nosso colaborador fez por décadas em prol de sua esposa.

Por outro lado, o tempo não trouxe apenas transformações positivas, no jardim da favela algumas flores pereceram, como Margarida, Graça, e outros moradores que mesmo não tendo participado diretamente de nosso trabalho, integravam o imenso jardim da favela.

Os demais colaboradores mantiveram suas rotinas até os dias atuais, colaborando e se relacionando uns com os outros e com o espaço da favela, cada um do seu jeito. Quando encontramos os colaboradores num a fazer ou outro na rua, não deixam de perguntar quando poderão participar de futuras pesquisas, a empolgação e orgulho os fazem manifestar a vontade de integração em futuras empreitadas, o que se torna significativo para todos, esse talvez tenha sido o impacto de nossa pesquisa, a primeira realizada na Favela da Barreira, mobilizando a participação dos moradores em futuros estudos, pelo entendimento da importância que os moradores detém para compreensão do lugar.

O resultado da pesquisa encontra na materialização da história de vida e da favela da Barreira, em escritos, devolvido aos moradores, ampliando as vozes e visibilizando articulações e cotidiano até então desconhecidos, na ópera de resistência tecida em conhecimento, saberes e identidades, de um lugar chamado Favela da Barreira.

O encerramento de nossa escrita é acompanhado do refrão da canção ouvida em alto som pelo vizinho ao lado, marcando a característica da favela como lugar de barulho, o silêncio definitivamente não é da favela, o movimento, a vida sim.

Percebo como a favela canta a tristeza menosprezando-a, a alegria se demonstra mais uma estratégia e resistência aos embates da vida. O canto reverberado pela canção intitulada "Tá Escrito", interpretado pelo grupo Revelação[116]: *"Quem cultiva a semente do amor, segue em frente e não se apavora se na vida encontrar dissabor vai saber esperar sua hora"*, versos que ecoam e preenchem a rua da favela, como um acalento de esperança nutrido pelos moradores. Nunca tinha parado para ouvir a música com a tanta atenção até esse momento.

116 Grupo Revelação, Álbum Ao vivo no morro (2009), faixa 15, música *Tá Escrito*. Gravadora Deckdisc.

Pensei em como a Favela se constrói e ensina em múltiplas plataformas, das mais simples as mais complexas, seja na música, na linguagem, nos códigos semióticos que articulam o espaço, ainda que de forma intencionada, a importância de pensar no outro, seja pela alteridade ou pelo amor, o que formula redes de significado compreendidas como fundamento biológico do fenômeno social da favela *"porque alguma circunstância nos leva a ver o outro como um igual, um ato que habitualmente chamamos de amor"* ou aceitação do outro junto a nós, como referenciado por Maturana (2002, p. 269).

Não pude deixar de lembrar o início dessa jornada, e na grande questão que intimamente inquietava e mobilizava as investigações: "o que mobilizava o viver na favela"... Eis a resposta: o amor, ou a rede de reciprocidade que se estabelece como contrato social, revelando o cotidiano como articulador contratualístico dos pactos e estratégias tácitos firmados implicitamente assegurando a ordem social da favela, essa se desvela a identidade *mor* da Barreira, a fonte de produção de saberes e conhecimentos.

Lembrei nessa fase de conclusão dos trabalhos, com muita gratidão do percurso e senda trilhados para construção da tese, da necessidade de (re)construções que abalaram o mais íntimo de mim mesma, das conversas e contribuições dos professores do programa (PPGHCA), das dores impingidas por perdas docentes significativas, razão pela qual assinalo nossa gratidão a todos por tamanha dedicação e trabalho, aos que foram e aos que aqui estão Parafraseando Antístenes[117] (444 a.C. – 365 a.C.), *A gratidão é a memória do coração.*

Talvez, para alguns leitores, o teor das ideias e teorias esboçadas no presente trabalho, pareça incompreensível, o que dá sentido e proporcionalidade a quimera constitutiva que consolida a favela da Barreira e a seus escritos, pouco palatável notadamente aos que a desconhece daí a congruência na elaboração do trabalho, pelos níveis de equivalência entre o translado da vida na favela para o escrito e a necessidade de transcrever as assimetrias que moldam o cotidiano da favela. Se "não padrão" pode ser compreendido como um padrão, as assimetrias da desorganização da favela, na mesma lógica, podem ser concebidas como simetrias, ou organização da desorganização, filosoficamente pensando, o que rompe a noção de antagonismos, mas de integração entre o simétrico e assimétrico, conjugando as diferenças como pertencentes umas as outras.

Essa "simetria da assimétrica" pode ser causa de estranhezas para alguns, o que não deixa de dialogar com as peculiaridades próprias da favela, tornando-se ao mesmo tempo proposta a novas reflexões acerca do consenso habitual no tecido de trabalhos acadêmicos,

117 Fonte: https://citacoes.in/citacoes/106898-antistenes-a-gratidao-e-a-memoria-do-coracao/ Acessado em 30.01.2019.

emergido na construção dialética entre metodologias e teorias para além dos antagonismos, mas como instrumentos inclusivos em si, formalizando o lastro interdisciplinar marcas do PPGHCA, representando nossa contribuição que desvela o ineditismo exigido aos trabalhos acadêmicos.

Compreender as dinâmicas da favela da Barreira é entender que as relações materiais e imateriais, espaciais e pessoais, consolidam uma quimera urbana, dotada de corpo único, com elementos heterogêneos que a integra, sem a harmonia da plasticidade visual, cotidiana ou da elaboração de teorias que possam expressar tal assimetria sem distorcer o concreto social articulado na favela. Isso exige a aplicação de metodologias e métodos mobilizados e não estático o que demanda novas proposições.

Para alguns, reconhecemos que essa dinâmica pode ser causa de repulsa provocada pelo afastamento da realidade estudada, e para outros, dado o grau de complexidade uma razão de apropriação, por essa razão, convido o leitor a olhar o trabalho sob uma nova perspectiva, nos deslocamentos epistemológicos os quais se fundamentam no *pluralismo de ideias e formas de vida concernente à natureza das coisas* (FEYERABEND, 2011, P. 58).

Isso porque, a diversidade de perceptiva é exatamente o elemento que fundamenta a riqueza de sentidos, emergindo de certa forma, uma racionalidade operante na vida que pulsa no cotidiano da favela da Barreira, onde a ética da discussão emerge o diálogo como possibilidade mais importante e premente do que o convencimento do interlocutor, elementos que permeiam as noções delineadas por Habermas (2004) de integração social.

Nosso estudo não tem a pretensão de exaurir a temática, reconhecemos que muitos elementos merecem pesquisa mais aprofundada, no entanto, compreendemos que o presente trabalho consiste em pesquisa de base, na contribuição para novas reflexões, resultando na entrega da história de vida de moradores e na inscrição de histórias, memórias e sentidos de um lugar até então premidas de visibilidade.

Assim, com o sentimento de gratidão e de cumprimento dos caminhos que nos guiaram a construção acadêmica, espiritual e social, encerramos a escrita das vozes, memórias e histórias da Favela da Barreira, às 10h24min (dez) horas e vinte e quatro minutos da manhã, aos dezesseis dias do mês de janeiro do ano de 2019 (dois mil e dezenove), transcrita por mim e pelos moradores que em vida (e mesmo *post mortem* não foram esquecidos por suas contribuições em vida prestadas a Barreira) dedicaram esforços às transformações do espaço comunitário, colaborando por mais uma vez inscrevendo no meio acadêmico, e para toda a comunidade, à grande ata de reunião de vidas e memórias, de um lugar chamado Favela da

Barreira, uma ópera contínua de resistências, de vidas que germinam e (re) existem no solo árido das impossibilidades.

Figura 54 – O quintal da resistência, favela da Barreira

Fonte: acervo próprio

Imagem do quintal do colaborador Getúlio, onde as plantas nascem nas sobras de pedra de brita e demais rejeitos, sobras da obra de sua casa, crescendo outras vegetações do próprio chão, sem qualquer semeadura intencionada do colaborador. A germinação espontânea demonstra o voluntarismo e envergadura que a vida assume na favela da Barreira, resistindo às impossibilidades e aos solos mais inférteis, na atuação diária nos palcos da favela regendo sua própria ópera da resistência.

> *Quando uma tempestade balança uma casa, nós nos preocupamos com as suas fundações. Quando uma crise desafia as nossas rotinas, somos forçados a repensar os valores sobre os quais elas se assentam [...] precisamos fazer uma reavaliação. Isso vale para os nossos valores intelectuais, não menos do que para o restante das coisas. Nossa vocação acadêmica, nossa aprendizagem, nossa pesquisa: como elas se apresentam no contexto de um tempo em que pequenos e grandes Estados soçobram, e em que os mares e céus estão preenchidos com a morte...* (Robert Morrison Maclver, 1941).

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã.* Textos Escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 109-189.

_____. *Quase uma fantasia: escritos musicais II.* São Paulo: Unesp, 2018.

AGIER, M. *Encontros Etnográficos: integração, contexto, comparação.* São Paulo: Unesp, 2015.

_____. *Antropologia da cidade, lugares, situações e movimentos.* Tradução: Graças Índia Cordeiro. São Paulo: Terceiro nome, 2011.

AUGÉ, M.. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

ALVITO, M. *As cores de Acari – uma favela carioca.* Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AZZI, R. *A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial.* In: HOORNAERT, E. *História da igreja no Brasil.* Tomo II, vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1983

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para psicanálise do conhecimento.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *A dialética da duração.* São Paulo: Ática, 1988.

BAIERL, L. F. *Medo Social, Da violência ao invisível da violência.* São Paulo: Cortez, 2004.

BALANDIER, G. *La sociologie aujourd´hui.* In *Cahiers Internationaux de sociologie.* V. LXXI, Paris: PUF, 1981.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.

BATESON, G. *Steps to an ecology of mind.* Chicago: Chicago University Press, 2000.

BENJAMIN, W. *A origem do drama trágico alemão.* Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. *Obras escolhidas – magia e técnica. Arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.* Tradução J.C.M. Barbosa e H.A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Obras escolhidas. Volume I - A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.* Tradução S.P.Rouanet. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BENCHIMOL, J.L. *Um Haussmann tropical.* Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

BERGER, P. *Dicionário histórico das ruas do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1974.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins e Fontes, 2006.

BOHM, D. *O pensamento como um sistema.* Trad. Teodoro Lorent. São Paulo: Madras, 2007.

BOMBASSARO, L.C. *As fronteiras da epistemilogia, como se produz o conhecimento.* Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1992.

BONAFÉ, J. M. *Proyectos Curriculares y práctica docente.* España: Díada editora, 2002.

BOSI, E. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994

BOUDON, R. *Effects pervers et ordre social.* Paris: PUF, 1979

BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précedé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Librairie Droz, 1972.

_____. *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuit, 1983.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Abril Cultura, 1985.

BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. 2ª.ed. São Paulo: Perspectiva. 2005.

BRUNER, J. *Actos de significado.* Tradução Vanda Prazeres. Lisboa: Edições 70 LDA, 2008.

BURKE, P. *O que é história do conhecimento.* Tradução Claudia Freire. São Paulo: Unesp, 2015.

CALDAS, A.L. *Oralidade: texto e história para ler a história oral.* São Paulo: Loyola, 1999.

CALDEIRA, J. *Mauá, empresário do império.* São Paulo: Editora Schwarcz, 2002.

CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Editora Record. 2004

CANCLINI, N. G. *Cultura transnacional y culturas populares*. Ipal, Lima: Ed. con R. Roncagliolo, 1988.

_____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.* 4ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2015.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados.* Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2015.

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica.* São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CARRIL, L. *Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania.* São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006

CERTEAU, M. de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.* Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso.* Tradução Fabiana Komesu. 3ª edição, São Paulo: Contexto, 2012

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Pedro Nava: um homem no limiar*. Rio de janeiro: EdUERJ, 2001..

COMENIUS, J. A. *Pampaedia – Deliberação universal acerca da reforma das coisas humanas.* Trad.: Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa: Comenius, 1971

COOMBS, Philip Hall; PROSSER, Roy; MANZOOR, Ahmed. *New paths to learning for rural children and youth*. New York: International Council for Education Development, 1973.

CORACINI, M. J. R. F. (org.) Discurso e Identidade: (des)construindo subjetividades. Campinas, Chapecó, Ed. Unicamp/ Argos, 2003.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis.* 5ª. ed.Rio de Janeiro: Guanabara. 1990, p. 262-263.

_____. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *O que faz o brasil, Brasil*? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAVIS, M. *Planeta Favela.* Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

DELGADO, L. A. N. *Historia Oral: memória, tempo, e identidades.* São Paulo: Autentica, 2006.

DEL ROIO, M. *Gramsci e a emancipação do subalterno.* São Paulo: UNESP, 2018.

DOUGLAS, M. *Ensaio sobre a noção de poluição e tabu.* Tradução Sonia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1966.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.* Rio de Janeiro: Rocco, 1985

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos.* Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EL-KAREH, A. C. *Filha branca de mãe preta. A companhia estrada de ferro D. Pedro II (1855-1865).* Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

FERNANDES, N. da N. *O rapto ideológico da categoria subúrbio.* Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FERREIRA, S. *Etnomatemática: uma proposta metodológica.* Série Reflexões em educação Matemática, v. 3. USU, 1997.

FERRÈZ. *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*/ Ferréz (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 27

FEYERABEND, P. *Contra o método.* Trad.: Cesar Augusto Mortari. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011, p. 40

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: sabres necessários à prática educativa.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

FRIDMAN, F. *Donos do Rio em Nome do Rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 1999.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Práxis.* 5ª ed. São Paulo: Cortez IPF, 2010.

GARFINKEL, H. *Estudos de etnometodologia.* Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

GERSON, B. *História das Ruas do Rio.* 6ª ed. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2013.

GEERTZ, C.. *O saber local.* Rio de Janeiro: Vozes, 1998

_____. *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana.* Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. *Ritual de interação. Ensaios sobre o comportamento face a face*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GOHN, M. G. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.* São Paulo: Cortez, 2010

_____. *Sociologia dos movimentos sociais.* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GOLDFARB, A.M. (ORG.) *História da ciência: o mapa do conhecimento.* São Paulo: Edusp, 1995.

GOLEMAN, D. *Inteligencia emocional.* Trad. Marcos Santarrita, 129ª ed. Rio de janeiro: Objetiva, 2012.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a formação da cultura*. 4ª ed. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Cadernos do cárcere. v.2. Os intelectuais*. O princípio educativo. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

GUIMARÃES, A.P. *As favelas do Distrito Federal.* Revista Brasileira de Estatística, XIV, junho-setembro de 1953, nº 55, pp. 250-278.

HABERMAS, J. *Teoria de la Acción comunicativa.* Racionalidad de la acción y racionalización social. Vol. I. Madrid: Taurus, 1987

_____. *A ética da discussão e a questão da verdade.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

HALL, S.. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. *A condição pós moderna.* 25ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. *A produção capitalista do espaço.* 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

HEIDEGGER, M. *O caminho da linguagem.* Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Ser e o tempo.* Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEISENBERG, W. *A imagem da natureza na física moderna.* Lisboa: Livros do Brasil, 1962.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia.* Trad.: Pedro S. M. Alves. Centro de Filosofia / Universitas Olisiponensis, Phainomenon: Lisboa, 2006.

JOHNSON, S. *Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros e softwares.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JOSSO, M.C. *A transformação de si a partir de histórias de vida.* Revista Educação, Ano XXX, nº. 03 (63). Porto Alegre, 2007, p. 413-438.

KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas.* São Paulo: Mercado das Letras, 2001. p. 25

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas.*São Paulo: Edusp, 2001.

LABOV, William & WALETZKY, J. *Narrative analysis: oral versions of personal experience.* IN: J. HELM, *Essays on the verbal and visual arts.* Seattle: University of Washington Press, 1967.

LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: Lacan, J. Escritos. Trad. por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998

LAKATOS, I. *História das ciências e suas reconstruções.* Lisboa: Edições 70, 1978.

LANGER, M. M. *Merleau Ponty´s phenomenology of perception.* A guide and commentary. Londres: The Macmilian Press Ltd., 1989.

LE BRETON, D. *Antropologia dos sentidos.* Tradução Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LE CORBUSIER, *Urbanismo.* Tradução Maria Ermantina A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade.* Trad. Rubens Eduardo Frias. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2015.

_____. *La Presencia y La Ausência: contribuicion a la teoria de las representaciones*. México. Fundo de Cultura Econômica, 2006.

_____. *A revolução urbana*. 2ª reimpressão. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2004.

_____. *La production de l´espace*. 4e édition. Paris: Anthropos, 2000.

_____. *Critique de la vie quotidienne.* Vol. I: *introduction.* Paris: L´Arche, 1958.

LEFEBVRE, H. *O marxismo.* São Paulo, Diefel, 1974.

LEFEVRE, F.; *Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualiquantitativo a metodologia do discurso do sujeito coletivo.* 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEMOS, F. et al. *Produção de conhecimento em espaços informais: narrativas de jovens em condição de vulnerabilidade.* Cadernos Cifefil, vol. XIX, nº. 01. ISSN 1519-8782. 2015. pp. 293-303

LÉVI-STRAUSS, C. *antropologia estrutural.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985

LIMA, J. de C. P. *As transformações urbanas e suas implicações na promoção humana. In:* ROCHA, J.G.; NOVIKOFF, C. (Orgs.) *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade.* Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010.

_____. *A pobreza como problema social: As ações de Victor Tavares de Moura e Agamenon Magalhães nas favelas do Rio e nos Mocambos do Recife durante o Estado Novo*. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 216p., 2006.

LUHMANN, N. *Revue sociétés. Revue des Sciences Humanes et Sociales.* nº. 43. Paris: Dunod, 1994.

MACLVER. R. M. *Algumas reflexões sobre a sociologia durante uma crise*. American Sociological Review. Volume 6, Número 1. Chicago: Illinois, 1941, pp 1-8.

MAFFESOLI, M. *O conhecimento do quotidiano.* Lisboa: Vega Universidade, 1987.

_____. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva.* Tradução Aluizio R. Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAGALHÃES, A. F. *O Direito das favelas.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

MANACORDA, M. A. *O princípio educativo em Gramsci.* 2ª ed. Tradução Wilian Laços. Campinas: Editora Alinea, 2008.

MARX & ENGELS. *Escritos de Juventud.* In: Marx e Engels *Obras fundamentales.* 1ª reimpresión, vol. 1. México – DF: Fondo de Cultura Econômica, 1987

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado.* Tradução Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

MATURANA, H. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: Palas Athena; 2002.

_____. *El sentido de lo humano.* Santiago: Dolmen, 1994.

_____. *Cognição, ciência e vida cotidiana.* Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. *Da biologia à psicologia.* Tradução Juan Acuña Llorens. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MATURANA, H.; VARELA, F. *De maquinas y seres vivos.* Santiago: Universitária, 1995.

_____. MAGRO, C; GRACIANO, M.; VAZ, N. (Orgs.) *A ontologia da realidade.* 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. P. 216

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEIHY, J.C.S.B. *Augusto & Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos.*São Paulo: Contexto, 2006.

_____. RIBEIRO, S.L.S. *Guia Prático de História Oral.* São Paulo: Contexto, 2011.

_____. HOLANDA, F. *História oral: como fazer como pensar*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 3ª ed. São Paulo : Matins Fontes, 2006.

MIGNOLO, W. D. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar.* Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.

MORIN, E.. (Org.). *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Trad. Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento.* Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003, p.128

NASCIMENTO, E. P. *É tudo nosso!!! Produção cultural na periferia paulistana*. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

NEVES, M. H. de M. *O teatro grego: a tragédia*. In.: MORETTO, F., BARBOSA, S. (Orgs.). *Aspectos do teatro ocidental*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

NIETZSCHE, F. *Vontade de potência.* Trad. Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

OAKESHOTT, M. *Experience and Its Modes.* Cambridge: University Press, 1933, p. 10.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P. ; RODRIGUES, S. M. L. (Orgs.). *Discurso e textualidade* 3. ed. Campinas-SP: Pontes Editores. pp. 13-35, 2015.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*/12ª ed.. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PARISSE, L. *Favelas do Rio de Janeiro: evolução, sentido.* Caderno do CENPHA 5. Rio de Janeiro: CENPHA, 1969.

PELLANDA, N. *Maturana & a Educação.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

PIAGET, J. *A epistemologia genética*. Tradução Álvaro Cabral. 4ª edição, 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

PINEAU, J.L. et al. *As histórias de vida.* Tradução Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012

PITANGUY, I. *Cartas a um jovem cirurgião: perseverança, disciplina e alegria.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. de Maria Teresa S. de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 2006.

PORTOCARRERO, V. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências.* Abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz Ed., 1994, pp.43-65.

RICOEUR, P. *A Memória, a história e o esquecimento.* Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

_____. *O percurso do reconhecimento*. Tradução Nicolás Nyimi Campanário. SP: Loyola, 2006.

_____. *Gabriel Marcel et Karl Jaspers*: *philosophie du mystère e philosophie du paradoxe*. Paris: Temps present, 1947.

_____.. *Philosophie de la volonté*: *I. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier. 1950.

_____. et al. *As culturas e o tempo***.** Estudos reunidos pela Unesco. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Edusp, 1975.

_____. *Fallible Man: Philosophy of the will.* Chicago: Henri Regnery Co., 1967. P. 127

RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas.* São Paulo: Martin Claret, 2007.

ROCHA, A. L. C. da; ECKET, C. *O tempo e a cidade.* Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

RODRIGUEZ, H. S. *A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Memória do Trem, 2004

RUSSEL, B.; WHITEHEAD, A. N. *Principia Mathematica.* 2ª ed. Cambridge: Cambirdge University Press, 1968.

SANTAELLA, L. *Percepção: fenomenologia, ecologia e semiótica.* São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões.* Tradução Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SANTOS, NORONHA. *As Freguesias do Rio Antigo.* Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1965.

SANTOS, M. *Croissance nationale et nouvelle armature urbaine au Brésil.* Annales de Gégraphie, 419, janvier-février, 1968, p. 37-63.

_____. *A urbanização brasileira.* 5ª ed. São Paulo: Editora USP, 2013.

_____. *A natureza do espaço.* 4ª ed. São Paulo: Editora USP, 2012.

_____. *Da totalidade ao lugar.* 4ª ed. São Paulo: Editora USP, 2014.

SANTOS, B. de S. *O direito dos oprimidos.* São Paulo: Almedina, 2017.

_____. *Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento.* Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v 26, n. 1, p. 29, 2001.

SARLO, B. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: EditoraVozes, 2005.

SCHMID, C. *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional*. Geousp: São Paulo, v. 32, p. 89-109, 2012.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHÜTZ, A. *Sobre a fenomenologia e relações sociais.* Rio de janeiro: Editora Vozes, 2012.

SIMMEL, G. *Sociologie et épstémologie.* Paris: PUF, 1981.

SMITH, L. *Brasil, povo e instituições.* Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1967.

SOARES, M. T. S. *Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: IBGE/CNG, 1966.

SODRÉ, M. *Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil.* 3ª ed.Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SOUTO DE OLIVEIRA, J. *A reposição do suor*. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ, 1980.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STEIN, E. *Seis estudos sobre "Ser e tempo"*, Petrópolis: Vozes, 2005.

STEINER, R.; WEGMAN I. *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar*. 3ª ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2007.

SUCHODOLSKI, B. *A pedagogia e as correntes filosóficas.* Lisboa: Horizonte, 1972

TUAN, Y.F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* Londrina: Eduel, 2012

_____. *Paisagens do medo.* São Paulo: Editora Unesp, 2005.

VALLADARES, L. P. *Passa-se uma casa.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *Repensando a habitação no brasil.* Rio de Janeiro: IUPERJ, 1982.

_____. *A invenção da Favela, do mito de origem à favela.com.* Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VELHO, O.G. (Org.) *O fenômeno urbano.* 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VASCONCELOS, M. *Vias Brasileiras de comunicação* Rio de Janeiro, 1935.

ZALUAR, A.; ALVITO, M. (Orgs.) *Um século de favela.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012

ZYLBERBERG, S. *Morro da providência: memórias da Favella.* Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção e leitura.* Tradução Jerusa Pires Ferreira. 1ª reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2016.